



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE

**FONOLOGIA E MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA
MEHINÁKU (ARAWAK)**

**CAMPINAS,
2020**

PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE

**FONOLOGIA E MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA
MEHINÁKU (ARAWAK)**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título
de Doutor em Linguística.**

Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.

**Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pelo aluno Paulo Henrique
Pereira Silva de Felipe e orientada pelo Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.**

**CAMPINAS,
2020**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

D361f De Felipe, Paulo Henrique Pereira Silva, 1992-
Fonologia e Morfossintaxe da língua Mehináku (Arawak) / Paulo Henrique Pereira Silva de Felipe. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Angel Humberto Corbera Mori.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua Mehináku. 2. Fonologia. 3. Gramática comparada e geral - Morfologia. 4. Gramática comparada e geral - Sintaxe. I. Corbera Mori, Angel Humberto. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Phonology and morphosyntax of the Mehináku Arawakan language

Palavras-chave em inglês:

Mehináku language

Phonology

Grammar, Comparative and general - Morphology

Grammar, Comparative and general - Syntax

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora:

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]

Wilmar da Rocha D'Angelis

Cláudio André Cavalcanti Couto

Patience Epps

Ana Paula Barros Brandão

Data de defesa: 30-11-2020

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-6607-5417>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7300391075001402>



BANCA EXAMINADORA:

Angel Humberto Corbera Mori

Wilmar da Rocha D'Angelis

Cláudio André Cavalcanti Couto

Patience Epps

Ana Paula Barros Brandão

**IEL/UNICAMP
2020**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Dedicatória

Eu me lembro exatamente do dia em que soube da minha aprovação no vestibular. No dia em que sairia o resultado, minha mãe se levantou bem cedo, e, apressada como era, também não me deixou dormir. Pegou 10 reais que havia escondido embaixo de um pano no armário e pediu para que eu fosse checar o resultado. Fiquei por lá umas cinco horas. Longas e intermináveis horas. Quando voltei, ela ainda estava no mesmo lugar. Seus olhos, que naturalmente pareciam sempre tristes, estavam alertas e fixos em mim. Acenei com a cabeça a aprovação. Ela não riu, nem chorou, nem manifestou qualquer grande reação. Ela só me abraçou, e, apesar de saber que eu era o primeiro da família inteira a alcançar a universidade pública, me disse baixinho: “professor é uma profissão muito linda, mas eu queria mesmo era que você fosse doutor”. Eu confesso que nunca foi afeito às leis ou à medicina, mas aquelas palavras nunca saíram da minha mente. Não houve um dia em que elas não ecoassem pelas minhas boas memórias. Dez anos desde aquele dia se passaram, e, embora agora eu já não possa receber o seu abraço, porque infelizmente ela foi trilhar o caminho do infinito, eu estou em paz e feliz. Compreendi, embora não sem dor, que jamais pode morrer aquela cujo amor plantou em mim um futuro que eu não imaginava sequer ter direito. Espero que, de onde quer que ela esteja, ela esteja orgulhosa e contente, porque, assim como ela sonhou, hoje o filho do seu Paulo e da dona Marli, lá de Paulicéia, é doutor.

À minha mãe, Marli (em memória), cujas lições me fizeram ser quem hoje sou, e de quem a saudade não tem fim.

Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem a ajuda e o apoio de muitas pessoas e instituições.

No Brasil, agradeço:

Ao povo Mehináku, sobretudo aos indígenas que vivem na aldeia Utawana, pelos tantos ensinamentos e por permitirem a realização da coleta de dados que fundamenta esta pesquisa. Agradeço principalmente ao cacique Tukuyari Mehináku, e também ao Assalu, ao Waxamani, ao Kauruma, ao Etsiri, à Wayeru, à Pairumã, à Kurimatá, à Kamaikiakalu, à Atsupé, ao Kuiarapi, ao Yuta, ao Yatapi, ao Anapatü, à Kuyetu, ao Kataya, ao Wapitsewe, ao Mapü, ao Yepe, e todos os demais que auxiliaram na pesquisa, fornecendo dados ou ajudando no transporte e na acomodação na aldeia, durante os trabalhos de campo.

Ao meu orientador de doutorado, professor Angel Corbera Mori, que além de meu orientador sempre foi também um amigo muito querido. Agradeço pela orientação segura, pela paciência, pela simplicidade e pelos vários momentos de risadas e companhia;

À banca de qualificação fora de área da tese, Dras. Sheila Elias de Oliveira, Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira e Soeli Maria Schreiber da Silva, pela leitura atenta do meu trabalho e pelas sugestões;

À banca de qualificação da tese, Drs. Claudio Couto e Wilmar D'Angelis, pelas valiosas contribuições;

À banca de defesa da tese, Drs. Wilmar D'Angelis, Angel Corbera Mori, Patience Epps, Ana Paula Brandão e Cláudio Couto, pelas tantas sugestões que certamente aprimoraram o trabalho, e à banca suplente, Dras. Marina Magalhães, Valéria Faria e Filomena Sandalo;

Ao Instituto de Estudos da Linguagem, sobretudo aos docentes do departamento de Linguística. Agradeço especialmente à professora Filomena Sandalo, com quem aprendi muito durante os estágios docentes e ao professor Plínio Barbosa, que me auxiliou nas análises acústicas. Também a todos os funcionários, sobretudo ao Miguel, à Rose, ao Cláudio, ao Jefferson, ao Esmeraldo, ao Nivaldo e a tantos outros, que sempre foram solícitos e competentes. No IEL, eu sempre me senti em casa;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela outorga dos processos de bolsa no país (Processo n. 2016/18391-4) e no exterior (Processo n. 2019/02662-7), concedendo o apoio financeiro integral e tão necessário para que esta tese pudesse ser devidamente desenvolvida. Sem o apoio da Fapesp, este trabalho certamente não poderia ter sido realizado.

No exterior, agradeço:

À minha orientadora na Universidade do Texas em Austin, Dra. Patience Epps, por toda a orientação durante meu estágio, por ter me acolhido de forma amável em um país tão diferente do meu e por ter sido sempre tão amiga e generosa;

À Universidade do Texas em Austin, sobretudo aos docentes do departamento de Linguística, Dra. Nora England, Dr. Anthony Woodbury, Dr. Daniel Law, Dra. Patience Epps, por terem me acolhido durante o sanduíche. Também aos funcionários, sobretudo à Erica, ao Ben, à Marina e à Vanessa, por terem sempre me atendido com entusiasmo.

À equipe do *The Archive of Indigenous Language of Latin America* (AILLA), da Universidade do Texas em Austin, especialmente à Dra. Susan Kung e ao Dr. Ryan Sullivant, pelo auxílio com o depósito dos materiais coletados no acervo online;

Aos colegas do departamento de Linguística da UT, Kelsey Neely, Lorena Orjuela, Kirsten Meemann, pela acolhida e generosidade;

Finalmente, também agradeço:

Aos amigos que a vida acadêmica me deu, e sem os quais o caminho e a vida seriam muito mais difíceis: Jackeline do Carmo Ferreira, Eduardo Baracho, Mariany Alencar, Gustavo Lourenço, Lucimara Alves, Elisângela Carvalho, Camille Miranda, Karol Obert. Que a vida seja gentil e nos reserve sempre caminho próximos.

À Marina Magalhães, a amiga brasileira que Austin me permitiu conhecer, pelos tantos momentos de carinho e suporte durante meu período de estágio. Também ao Junai, ao Tauã e à Mariah. Vocês foram minha família em Austin, e continuam a ser no coração.

Ao Randy Baker, pelos meses de companheirismo, de cumplicidade, de risos, de choros e de compartilhamentos. Por ter aquecido meu coração em Austin e pelos tantos planos que ainda temos;

À minha família, meu pai Paulo e minha mãe Marli (em memória), meus irmãos Luana e Felipe, meus sobrinhos Luma e Arthur e à minha vó Lindaura, por terem sido sempre meu refúgio nas horas difíceis e por terem suportado a distância que a escritura dessa tese nos impôs.

Resumo

DE FELIPE, Paulo Henrique Pereira Silva. Fonologia e Morfossintaxe da língua Mehináku (Arawak). *Tese de doutorado em Linguística*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2020.

Esta tese apresenta uma descrição da fonologia e da morfossintaxe da língua Mehináku. O Mehináku é uma língua que pertence à família Arawak e está classificada, de acordo com a proposta de Aikhenvald (1999), no ramo Paresi-Xingu, subgrupo Xingu. Esta língua é falada por aproximadamente 325 pessoas que vivem às margens do rio Kurisevo, no Território Indígena do Xingu (Mato Grosso, Brasil). Trata-se de um estudo descritivo, realizado a partir da análise de dados (de amostras de fala) coletados sobretudo com falantes que vivem na aldeia Utawana, a segunda maior dentre as aldeias Mehináku.

A tese está organizada em quatro partes e contempla 11 capítulos. A primeira parte, contém: o capítulo 1, dedicado à introdução, em que apresento o povo Mehináku, o contexto cultural em que este povo está inserido, seu perfil sociolinguístico, a filiação genética da língua Mehináku, os estudos prévios sobre essa língua e a metodologia da pesquisa; e o capítulo 2, em que trato da fonologia da língua.

A segunda parte, dedicada à análise morfológica das classes de palavras, está subdividida em classes fechadas e abertas. Do capítulo 3 ao 6, apresento as classes fechadas, quais sejam: no capítulo 3, os pronomes e as posposições; no capítulo 4, os numerais e quantificadores; no capítulo 5, os adjetivos e advérbios e, no capítulo 6, os clíticos, as partículas, as interjeições e os ideofones. Os capítulos 7 e 8 são dedicados às classes abertas, que incluem: no capítulo 7, os nomes, e, no capítulo 8, os verbos.

A terceira parte é dedicada à análise sintática. Esta parte inclui dois capítulos: no capítulo 9, descrevo as sentenças simples e a negação em Mehináku, e, no capítulo 10, as sentenças complexas. Finalmente, a quarta parte é dedicada ao fechamento do trabalho, e inclui o capítulo 11, em que apresento um panorama geral da tese, seguido da conclusão.

Abstract

DE FELIPE, Paulo Henrique Pereira Silva. Phonology and morphosyntax of the Mehináku Arawakan language. *PhD dissertation in Linguistics*. The University of Campinas. Campinas, São Paulo, 2020.

This dissertation presents a description of the phonology and morphosyntax of the Mehináku language. Mehináku is a language that belongs to the Arawak family and is classified, according to Aikhenvald's (1999) proposal, in the Paresi-Xingu branch, Xingu subgroup. This language is spoken by approximately 325 people who live on the banks of the Kurisevo River, in the Xingu Indigenous Territory (Mato Grosso, Brazil). This is a descriptive study, based on the analysis of data (from speech samples) collected mainly with speakers who live in the village Utawana, the second largest among the Mehinaku villages.

The dissertation is organized into four parts and includes 11 chapters. The first part contains: chapter 1, in which I introduce the Mehinaku people, the cultural context in which they live, their sociolinguistic profile, the genetic affiliation of the Mehinaku language, previous studies on that language and the research methodology; and chapter 2, in which I detail the phonology of the language.

The second part, dedicated to the morphological analysis of word classes, is subdivided into closed and open classes. In chapters 3-6, I present the closed classes: in chapter 3, pronouns and postpositions; in chapter 4, numerals and quantifiers; in chapter 5, adjectives and adverbs; in chapter 6, clitics, particles, interjections and ideophones. Chapters 7 and 8 are dedicated to open classes: in chapter 7, the nouns; in chapter 8, the verbs.

The third part is dedicated to syntactic analysis, and includes two chapters: in chapter 9, I describe simple sentences and negation in Mehinaku; in chapter 10, I describe complex sentences. Finally, the fourth part contains chapter 11, in which I present an overview of the thesis followed by the conclusion.

.

Lista de Figuras

Capítulo 1.

Figura 1. Localização dos Mehináku (ISA, 2008).....	25
Figura 2. Telhado tradicional Mehináku. Abril de 2019.....	34
Figura 3. Casas tradicionais Mehináku. Abril de 2019.....	35
Figura 4. Crianças brincando no centro de Utawana. Abril de 2019.....	35
Figura 5. Crianças brincando no centro de Utawana. Abril de 2019.....	36
Figura 6. Crianças brincando no centro de Utawana. Abril de 2019.....	36

Capítulo 2

Figura 7. Spectrum de F2 da vogal que antecede a consoante nasal em [ĩnãma].....	135
Figura 8. Spectrum de F2 da vogal que sucede a consoante nasal em [ĩnãma].....	135
Figura 9. Spectrum de F2 da vogal que antecede a consoante nasal em [ãjãmakuma].....	136
Figura 10. Spectrum de F2 da vogal que sucede a consoante nasal em [ãjãmakuma].....	136
Figura 11. Spectrum de F2 da vogal que antecede a consoante nasal em [etênetei].....	137
Figura 12. Spectrum de F2 da vogal que sucede a consoante nasal em [ãjãmakuma].....	137
Figura 13. Spectrum de F2 da vogal que antecede a consoante nasal em [pitsãna].....	138
Figura 14. Spectrum de F2 da vogal que sucede a consoante nasal em [pitsãna].....	139
Figura 15. Spectrum de F2 da vogal [ã] que antecede [j] em [ãjãmakuma].....	141

Capítulo 4

Figura 16. Esquema de contagem nas mãos (1 a 10) (De Felipe, 2019).....	197
Figura 17. Esquema de contagem nos pés (11 a 20) (De Felipe, 2019).....	197

Lista de Gráficos

Capítulo 1

Gráfico 1. Variante sexo x idade dos Mehináku.....	59
Gráfico 2. Variante nível de proficiência em português x idade dos homens Mehináku.....	60
Gráfico 3. Variante nível de proficiência em português x idade das mulheres Mehináku.....	61
Gráfico 4. Nível de proficiência em português de mulheres e homens Mehináku.....	62
Gráfico 5. Nível de proficiência em português entre as aldeias Mehináku.....	63

Lista de Quadros

Capítulo 1

Quadro 1. Classificação da família Arawak, proposta por Payne (1991).....	66
Quadro 2. Classificação da família Arawak, proposta por Aikhenvald (1999).....	67
Quadro 3. Classificação da família Arawak, proposta por Ramirez (2001).....	68
Quadro 4. Informações atuais sobre as línguas Arawak, conforme Moore, Galúcio e Gabas Jr. (2008).....	78

Capítulo 2

Quadro 5. Ramificação binária com rima.....	126
Quadro 6. Moldes silábicos de sílabas com núcleo simples ©V ou V.....	128
Quadro 7. Molde silábico de sílabas com núcleo complexo ©VV ou VV.....	129
Quadro 8. Degeminação (fusão) de vogais.....	130
Quadro 9. Ditongação de vogais.....	131
Quadro 10. Elisão de vogais.....	132
Quadro 11. Espalhamento nasal fonético em Mehináku.....	140
Quadro 12. Derivação da forma [pãĩ] do Proto-Arawak.....	147

Capítulo 7

Quadro 13. Tipologia de sistemas de classificação nominal (VAN DER VOORT, 2015).....	291
--	-----

Capítulo 8

Quadro 14. Representação para a análise do tempo (COMRIE, 1985).....	345
--	-----

Lista de Tabelas

Capítulo 1

Tabela 1. Perfil sociolinguístico do povo Mehináku.....	58
Tabela 2. População aproximada e localização das línguas Arawak.....	69
Tabela 3. Inventário consonantal do Mehináku (Corbera Mori, 2008).....	73
Tabela 4. Inventário vocálico do Mehináku (proposta de Corbera Mori, 2008)...	73
Tabela 5. Lista de histórias utilizadas na pesquisa.....	82
Tabela 6. Lista de relatos utilizados na pesquisa.....	83

Capítulo 2

Tabela 7. Inventário fonético consonantal da língua Mehináku.....	84
Tabela 8. Inventário fonológico consonantal da língua Mehináku.....	85
Tabela 9. Inventário fonológico consonantal do Mehináku (classes maiores).....	88
Tabela 10. Processos morfofonológicos consonantais em Mehináku.....	89
Tabela 11. Inventário fonético vocálico da língua Mehináku.....	99
Tabela 12. Inventário fonológico vocálico da língua Mehináku.....	99
Tabela 13. Relação entre pronomes plenos e reduzidos em Mehináku.....	102
Tabela 14. Alomorfes dos proclíticos pessoais (Harmonia vocálica).....	103
Tabela 15. Alomorfes dos prefixos pessoais, proposta de Awetí (2014).....	103
Tabela 16. Oposição entre vogais [+/- altas], de acordo com a harmonia vocálica.....	104
Tabela 17. Hierarquia das posições dos fonemas na palavra e das vogais que os sucodem.....	125
Tabela 18. Valores dos formantes de vogais pré e pós consoante nasal.....	134
Tabela 19. Valor de F2 das vogais nasalizadas de [ãjãmakuma].....	141
Tabela 20. Correspondências entre representações fonológicas e ortográficas.....	157

Capítulo 3

Tabela 21. Proclíticos de pessoa-número em Mehináku e em Proto-Arawak.....	159
Tabela 22. Proclíticos de pessoa-número.....	159
Tabela 23. Alomorfia dos proclíticos de pessoa-número em contexto _V e _C....	160
Tabela 24. Pronomes livres de pessoa-número.....	162
Tabela 25. Demonstrativos.....	165
Tabela 26. Posposições.....	179

Capítulo 4

Tabela 27. Números básicos.....	194
Tabela 28. Números derivados.....	198
Tabela 29. Estratégias de adição.....	201
Tabela 30. Estratégias de multiplicação.....	202

Capítulo 5

Tabela 31. Verbos nominalizados por <i>-ri</i>	208
Tabela 32. Verbos nominalizados por <i>-tĩ</i>	208
Tabela 33. Advérbios temporais.....	214

Capítulo 6

Tabela 34. Clíticos pronominais e clausais.....	229
Tabela 35. Partículas.....	235
Tabela 36. Interjeições.....	236
Tabela 37. Ideofones.....	242

Capítulo 7

Tabela 38. Proclíticos e prefixos nominais.....	247
Tabela 39. Sufixos nominais.....	248
Tabela 40. Tipos de construção de posse atributiva.....	250
Tabela 41. Construções de posse atributiva com nomes inalienáveis.....	254
Tabela 42. Construções de posse atributiva com nomes alienáveis.....	261
Tabela 43. Gênero.....	267
Tabela 44. Grau.....	272
Tabela 45. Número.....	279
Tabela 46. Estados de existência.....	283
Tabela 47. Classificadores nominais.....	292

Capítulo 8

Tabela 48. Prefixos e proclíticos verbais.....	308
Tabela 49. Sufixos e enclíticos verbais.....	309
Tabela 50. Paradigma de sujeitos e objetos pronominais de verbos transitivos....	319
Tabela 51. Tempo, aspecto, modo, modalidade e evidencialidade.....	344

Capítulo 9

Tabela 52. Estrutura morfológica da negação com <i>aitsa</i>	435
--	-----

Lista de abreviaturas

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
A	agente do verbo transitivo
ADV	advérbio/al
AL	alienável
ALOC	alóctone
ALTERN	alternativa
ANTICAUS	anticausativo
ART	artigo
ASS	asseverativo
ATEN	atenuativo
ATL	atual
ATR	atributivo
AUM	aumentativo
BEN	benefactivo
CAUS	causativo
CLF	classificador
COL	coletivo
COM	comitativo
COMP	complementiva/complemento
COMPL	completivo
COND	condicional
CONJ	conjunção
CONT	continuativo
COP	cópula
CPA	construção de posse atributiva
DAT	dativo
DECL	declarativo
DEM	demonstrativo
DIM	diminutivo
DIR	direcional
DUB	dubitativo
ENF	enfático
EQUA	equacional
EVID	evidencial
EXC	excessivo
EXIST	existencial
FEM	feminino
FOC	foco
FRUST	frustrativo
FUT	futuro
GEN	genitivo
IMP	impessoal

INAL	inalienável
IND	Indireto (ex: EVID.IND ‘evidencial indireto’)
INS	instrumental
INT	interrogativo
INTERJ	interjeição
IPFV	imperfectivo
IRR	irrealis
ITER	iterativo
LEX	lexical
LOC	locativo
MASC	masculino
N	não (ex: NPOSS ‘não possuído’)
N.	nome (ex: N.INAL ‘nome inalienável’)
NAR	registro narrativo
NCL	nuclear/caso nuclear
NEG	negação/tivo
NM	núcleo-marcado
NMLZ	nominalizador
O	objeto
OBL	oblíquo
PERL	perlativo
PFV	perfectivo
PL	plural
PONT	pontual
POSS	possessivo
POT	potencial
PRIV	privativo
PRO	proforma interrogativa
PROG	progressivo
PROIB	proibitivo
PRON	pronome/pronominal
PROSP	prospectivo
PROX	proximal
PSR	possuidor
QUANT	quantificador
QUOT	quotativo
REAL	real/realizável
RECP	recíproco
REDP	reduplicação
REFL	reflexivo
REL	relacional/relativa
REPET	repetitivo
RETR	retrospectivo
S	sujeito de verbo intransitivo
SG	singular
TRANS	transicional
TRANSF	transformativo
VBLZ	verbalizador
VOC	vocativo

Sumário

Parte 1. Introdução e fonologia

1. Introdução

1.1. O povo Mehináku: localização, população e histórico de contato.....	24
1.2. Contexto cultural.....	37
1.2.1. Mito de origem do mundo e do povo Mehináku.....	37
1.2.2. Casamento.....	42
1.3. Perfil sociolinguístico.....	46
1.4. Filiação genética.....	64
1.5. Perfil linguístico.....	70
1.6. Estudos prévios.....	71
1.7. Metodologia da pesquisa.....	79

2. Fonologia

2.1. Consoantes.....	84
2.1.1. Fones consonantais.....	84
2.1.2. Fonemas consonantais.....	85
2.1.3. Processos morfofonológicos envolvendo consoantes.....	89
2.1.3.1. Palatalização.....	89
2.1.3.2. Africação.....	94
2.1.3.3. Vozeamento.....	96
2.1.4. Fones consonantais em variação livre.....	96
2.2. Vogais.....	98
2.2.1. Fones vocálicos.....	98
2.2.2. Fonemas vocálicos.....	99
2.2.3. Processos morfofonológicos envolvendo vogais.....	101
2.2.3.1. Harmonia vocálica.....	101
2.2.3.1.1. Harmonia vocálica na prefixação.....	102
2.2.3.1.1.1. Proclítico de 1SG {nu=}.....	104
2.2.3.1.1.2. Proclítico de 2SG {pi=} e de 2PL {ji=}.....	105
2.2.3.1.1.3. Proclítico de 1PL {a=}.....	106
2.2.3.1.1.4. Proclítico de 3SG/3PL {i=}.....	107
2.2.3.1.2. Harmonia vocálica na sufixação.....	107
2.2.3.2. Degeminação.....	108
2.2.3.3. Ditongação.....	109
2.2.3.4. Elisão.....	110
2.2.4. Fones vocálicos em variação livre.....	111
2.3. Glides.....	112
2.3.1. Interpretação dos glides como consoantes.....	113
2.3.2. Interpretação dos glides como vogais.....	116
2.4. Contexto de ocorrência dos fonemas consonantais e vocálicos.....	119
2.5. Estrutura silábica.....	125
2.5.1. Padrões silábicos.....	126
2.5.2. Restrições fonotáticas da sílaba.....	127
2.5.3. Processos de ressilabificação.....	129

2.6. Nasalização.....	132
2.6.1. Nasalização fonética.....	132
2.6.2. Nasalização fonológica.....	142
2.6.2.1. Hipótese para a nasalidade fonológica.....	145
2.6.3. Direção da nasalidade.....	149
2.7. Acento.....	152
2.8. Convenções ortográficas.....	156

Parte 2: Morfologia

Classes fechadas

3. Pronomes e posições

3.1. Pronomes pessoais.....	158
3.1.1. Proclíticos.....	158
3.1.2. Pronomes livres.....	161
3.2. Pronomes demonstrativos.....	164
3.2.1. Demonstrativos adnominais.....	165
3.2.1.1. Proximal.....	165
3.2.1.2. Medial.....	167
3.2.1.3. Distal.....	168
3.2.1.4. Formativos anexados a demonstrativos adnominais.....	169
3.3. Pronomes indefinidos.....	171
3.4. Pronomes interrogativos.....	177
3.5. Posposições.....	178
3.5.1. = <i>iu</i> ‘dativo’.....	179
3.5.2. = <i>piri</i> ‘benefectivo/direcional’.....	180
3.5.3. = <i>tenu</i> ‘comitativo/instrumental’.....	181
3.5.4. = <i>kahi</i> ‘comitativo/relacional’.....	183
3.5.5. = <i>nai</i> ‘locativo’.....	183
3.5.6. = <i>itsa</i> ‘locativo’.....	185
3.5.7. = <i>ja</i> ‘locativo’.....	185
3.5.8. = <i>taku</i> ‘locativo’.....	186
3.5.9. = <i>wa</i> ‘perlativo’.....	187
3.5.10. = <i>naku</i> ‘dentro’.....	188
3.5.11. = <i>tepu</i> ‘embaixo’.....	189
3.5.12. = <i>penu</i> ‘em cima’.....	189
3.5.13. = <i>palu</i> ‘ao lado’.....	189
3.5.14. = <i>kanu</i> ‘perto’.....	190
3.5.15. = <i>pajuma</i> ‘fora’.....	190
3.5.16. = <i>maka</i> ‘direcional’.....	191
3.5.17. = <i>pawa</i> ‘outro’.....	191

4. Numerais e quantificadores

4.1. Numerais.....	193
4.1.1. Números básicos.....	193
4.1.2. Números derivados.....	196
4.1.3. Estratégias de contagem.....	200
4.1.3.1. Adição.....	201
4.1.3.2. Multiplicação.....	201

4.2. Quantificadores.....	202
4.2.1. <i>amunuja</i> ‘muito’.....	202
4.2.2. <i>ahātai</i> ‘pouco’.....	203
4.2.3. <i>mamala</i> ‘todo’.....	203
4.2.4. <i>patā</i> ‘apenas/somente’.....	204
5. Palavras descritivas e advérbios	
5.1. Palavras descritivas: adjetivos ou verbos?.....	206
5.1.1. Evidências para o tratamento verbal das palavras descritivas..	209
5.2. Advérbios.....	213
5.2.1. De tempo.....	214
5.2.1.1. <i>hekuja</i> ‘antigamente’.....	215
5.2.1.2. <i>tiṣawaitsa</i> ‘passado recente anterior a ontem’.....	215
5.2.1.3. <i>tṣawaka</i> ‘ontem’.....	216
5.2.1.4. <i>iṣipai</i> ‘hoje/agora’.....	216
5.2.1.5. <i>matamujaka</i> ‘amanhã’.....	217
5.2.1.6. <i>jehitsa</i> ‘cedo’.....	218
5.2.1.7. <i>mujaka</i> ‘de manhã’.....	218
5.2.1.8. <i>matika</i> ‘depois/espera’.....	219
5.2.1.9. <i>naitsa</i> ‘depois’.....	219
5.2.1.10. <i>iṣinaitsa...kami</i> ‘mais tarde’.....	220
5.2.1.11. <i>kamitapika</i> ‘a tarde’.....	221
5.2.1.12. <i>jejawa</i> ‘a noite’.....	221
5.2.1.13. <i>kamiwa</i> ‘de dia’.....	222
5.2.1.14. <i>mijakatita</i> ‘sempre’.....	222
5.2.1.15. <i>mijawaka</i> ‘pouco tempo depois’.....	222
5.2.1.16. <i>jakitsa</i> ‘depois’.....	223
5.2.1.17. <i>maluwaitsa</i> ‘depois’.....	224
5.2.1.18. <i>kirijumai</i> ‘primeiramente’.....	225
5.2.2. De modo.....	226
5.2.2.1. <i>kuweleke</i> ‘rapidamente’.....	226
5.2.3. De dúvida.....	227
5.2.3.1. <i>pihala</i> ‘talvez’.....	227
6. Clíticos, partículas, interjeições e ideofones	
6.1. Clíticos.....	228
6.1.1. Pronominais.....	230
6.1.2. Clausais.....	231
6.2. Partículas.....	234
6.3. Interjeições.....	235
6.3.1. Emotivas.....	236
6.3.2. Responsivas.....	239
6.4. Ideofones.....	241
Classes abertas	
7. Nome	
7.1. Estrutura do nome.....	246
7.2. Posse nominal.....	249
7.2.1. Construções com nomes inalienáveis.....	251

7.2.1.1. Nomes inalienáveis quando não-possuídos.....	251
7.2.1.2. Nomes inalienáveis quando possuídos.....	254
7.2.1.2.1. Construções com possuidor pronominal de nome inalienável e de nomes inalienáveis.....	254
7.2.1.2.2. Construções com possuidores pronominais de nome alienável e de nomes inalienáveis.....	257
7.2.1.2.3. Construções com possuidor lexical de nome inalienável e de nomes inalienáveis.....	258
7.2.1.2.4. Construções com possuidores lexicais de nome inalienável e de nomes inalienáveis.....	259
7.2.2. Construções com nomes alienáveis.....	260
7.2.2.1. Construções com possuidor pronominal de nome alienável e de nomes alienáveis.....	261
7.2.2.2. Construções com possuidores pronominais de nome alienável e de nomes alienáveis.....	263
7.2.2.3. Construções com possuidor lexical de nome alienável e de nomes alienáveis.....	264
7.2.2.4. Construções com possuidores lexicais de nomes alienável e de nomes alienáveis.....	265
7.2.3. Nomes não-possuíveis.....	266
7.2.4. Atributivo.....	266
7.3. Gênero.....	267
7.3.1. Nomes [+animado, +humano].....	268
7.3.2. Nomes [+animado, -humano].....	271
7.4. Grau.....	272
7.4.1. Diminutivo.....	272
7.4.2. Aumentativo.....	274
7.4.3. Excessivo.....	275
7.5. Número.....	278
7.5.1. Plural.....	279
7.5.2. Coletivo.....	281
7.5.3. Plural associativo.....	282
7.6. Estados de existência.....	283
7.6.1. Atual.....	283
7.6.2. Retrospectivo.....	284
7.6.3. Prospectivo.....	285
7.6.4. Combinações de estados de existência.....	286
7.7. Privativo <i>ma-</i>	286
7.8. Índice correferencial <i>pa=</i>	287
7.9. Verbalizadores <i>-a</i> ; <i>-hu</i> e <i>-ta</i>	288
7.10. Assertivo <i>=jete</i>	290
7.11. Classificadores nominais.....	291

8. Verbo

8.1. Estrutura do verbo.....	307
8.2. Verbos transitivos.....	309
8.3. Verbos bitransitivos.....	319
8.4. Verbos intransitivos.....	321
8.4.1. Intransitivos agentivos, não-agentivos e estativos do tipo 1....	322
8.4.2. Intransitivos estativos do tipo 2.....	326

8.5. Cópula.....	328
8.6. Existencial = <i>waka</i>	328
8.7. Quotativo <i>numa</i>	331
8.8. Transformativo - <i>henei</i>	334
8.9. Mecanismos de mudança de valência.....	334
8.9.1. Redução de valência.....	335
8.9.1.1. Reflexivo - <i>tuwa</i>	335
8.9.1.2. Passivas.....	336
8.9.1.3. Anticausativo - <i>kuwa</i>	338
8.9.1.4. Recíproco <i>pa</i> =.....	339
8.9.2. Aumento de valência.....	341
8.9.2.1. Causativo morfológico - <i>ta</i>	341
8.9.2.2. Causativo lexical.....	343
8.10. Tempo, aspecto, modo, modalidade e evidencialidade.....	343
8.10.1. Tempo.....	344
8.10.1.1. Passado/presente.....	345
8.10.1.2. Futuro = <i>la</i>	348
8.10.2. Aspecto.....	350
8.10.2.1. Perfectivo = <i>wa</i>	350
8.10.2.2. Perfectivo = <i>wi</i>	353
8.10.2.3. Imperfectivo = <i>pai</i>	355
8.10.2.4. Pontual - <i>ne</i>	359
8.10.2.5. Atenuativo = <i>tai</i>	360
8.10.2.6. Asseverativo = <i>jete</i>	361
8.10.2.7. Asseverativo = <i>ja</i>	361
8.10.2.8. Transicional = <i>tika</i>	363
8.10.2.9. Iterativo - <i>tša</i>	364
8.10.2.10. Continuativo = <i>li</i>	365
8.10.3. Modo.....	368
8.10.3.1. Repetitivo = <i>ma</i>	368
8.10.3.2. Declarativo = <i>ku</i>	369
8.10.3.3. Direcional = <i>ne</i>	372
8.10.3.4. Impessoal = <i>kĩna</i>	374
8.10.4. Modalidade.....	375
8.10.4.1. Potencial <i>mija</i>	375
8.10.4.2. Potencial <i>kuma</i>	377
8.10.4.3. Dubitativo <i>kala</i>	378
8.10.4.4. Dubitativo <i>pijala</i>	379
8.10.4.5. Dubitativo <i>muna</i>	380
8.10.4.6. Desiderativo <i>kuta</i>	380
8.10.5. Evidencialidade.....	381
8.10.5.1. Indireta <i>kutsa</i>	381
8.11. Nominalização.....	384

Parte 3: Sintaxe

9. Sentenças simples e negação

9.1. Sentenças simples.....	388
9.1.1. Argumentos nucleares.....	390
9.1.2. Argumentos oblíquos.....	391

9.2. Ordem dos constituintes.....	392
9.3. Predicado verbal e alinhamento sintático.....	397
9.3.1. Terceira pessoa.....	407
9.3.2. Alinhamento com outros elementos da gramática.....	409
9.4. Sentenças não-verbais.....	410
9.4.1. Predicados nominais.....	410
9.4.2. Predicados locativos.....	412
9.4.3. Predicados possessivos.....	414
9.5. Sentenças interrogativas.....	417
9.5.1. Interrogativas polares.....	417
9.5.2. Interrogativas de informação.....	419
9.5.2.1. Partícula <i>atsa</i>	420
9.5.2.2. Proforma <i>tĩ</i>	423
9.6. Sentenças imperativas.....	425
9.7. Negação.....	427
9.7.1. Negação padrão.....	428
9.7.2. Negação indefinida.....	432
9.7.3. Negação existencial.....	433
9.7.4. Negação de predicados não-verbais possessivos.....	434
9.7.5. Estrutura morfológica da negação.....	435
9.7.5.1. Negação asseverativa <i>aitsa=ja</i>	436
9.7.5.2. Negação asseverativa <i>aitsa=wa</i>	437
9.7.5.3. Negação asseverativa <i>aitsa=wi</i>	439
9.7.5.4. Negação progressiva <i>aitsa=pai</i>	439
9.7.5.5. Negação transicional <i>aitsa=tika</i>	440
9.7.5.6. Negação reflexiva <i>aitsa-tuwa</i>	441
9.7.5.7. Negação potencial <i>aitsa=mija</i>	441
9.7.5.8. Negação evidencial <i>aitsa-kutsa</i>	442
9.7.5.9. Negação dubitativa <i>aitsa-pijala</i>	443
9.7.6. Privativo <i>ma-</i>	443
9.7.7. Proibitivo <i>amija</i>	444

10. Sentenças complexas

10.1. Sentenças complexas.....	445
10.1.1. Coordenadas.....	445
10.1.1.1. Conjuntivas.....	446
10.1.1.2. Adversativas.....	450
10.1.1.3. Alternativas.....	452
10.1.2. Subordinadas.....	452
10.1.2.1. Completivas.....	453
10.1.2.1.1. Completivas com verbos de manipulação.....	454
10.1.2.1.2. Completivas com verbos de modalidade.....	460
10.1.2.1.3. Completivas com verbos de percepção-cognição-experiência.....	461
10.1.2.1.4. Completivas com verbos de enunciação.....	463
10.1.2.2. Relativas.....	464
10.1.2.3. Adverbiais.....	466
10.1.2.3.1. Causais.....	467
10.1.2.3.2. Condicionais.....	467
10.1.2.3.3. Conclusivas.....	468

Parte 4: Encerramento do trabalho

11. Resumo da tese e conclusão

11.1. Fonologia.....	471
11.2. Pronomes e posposições.....	472
11.3. Numerais e quantificadores.....	472
11.4. Palavras descritivas e advérbios.....	473
11.5. Clíticos, partículas, interjeições e ideofones.....	474
11.6. Nome.....	474
11.7. Verbo.....	475
11.8. Sentenças simples e negação.....	476
11.9. Sentenças complexas.....	478
11.10. Conclusão.....	480
Referências.....	482
Anexo: Parecer da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.....	495

1

Introdução

Neste capítulo, trato da língua e do povo Mehináku de forma geral, bem como da metodologia de pesquisa adotada na tese. Por esta razão, o capítulo está dividido em sete partes: em §1.1, apresento o povo Mehináku, sua localização, número aproximado de falantes e um breve panorama sobre sua história passada e recente de contato e migração; em §1.2, apresento o contexto cultural em que estão inseridos, incluindo: §1.2.1, o mito de origem do povo Mehináku e §1.2.2, o casamento; em §1.3, trato do perfil sociolinguístico deste povo; em §1.4, trato da filiação genética da língua; em §1.5, apresento o perfil linguístico da língua Mehináku, em termos do que caracteriza esse idioma em relação a sua fonologia e morfossintaxe; em §1.6, apresento os principais estudos prévios a respeito dessa língua, e, finalmente, em §1.7, apresento a metodologia de pesquisa adotada no trabalho.

1.1. Povo Mehináku: localização, aldeias, população e histórico de contato

Os Mehináku¹, ou *Imiehünaku*², como este povo se autodenomina, vivem atualmente em quatro aldeias, localizadas dentro do Território Indígena do Xingu (doravante TIX), no estado de Mato Grosso, Brasil. Essas aldeias, todas localizadas na parte sul do TIX, que também é conhecida na literatura linguística e antropológica como Alto Xingu, são as seguintes: Uyaipiyuku, a maior dentre as quatro; Utawana, a segunda maior; Kaupüna e Aturua. A aldeia Utawana é a mais próxima do perímetro urbano, localizada a cerca de 35 quilômetros da cidade de Gaúcha do Norte (MT) e mantém certa proximidade com as aldeias Kaupüna e Aturua, de modo que é possível se locomover de uma a outra mais rapidamente, usando carro, na época da baixa do rio, ou barco, no período de cheia. A aldeia Uyaipiyuku, por sua vez, é a mais distante das quatro

¹ ISO code: 639-3 mmh/ Glottolog code: mehi1240. Latitude: -12.5423/ Longitude: -53.2403.

² O nome “Mehináku”, pelo qual são atualmente conhecidos, é fruto de acomodação fonológica ao português, em virtude da dificuldade dos não-indígenas de pronunciarem os sons desta língua, sobretudo a vogal central [i], representada ortograficamente por <ü>. O [i] que segue a consoante nasal não é o núcleo da sílaba, mas o resultado na ortografia de uma palatalização de [m] quando precedido de [i], como em [i.m^he.hinaku].

mencionadas anteriormente, e está situada a aproximadamente 4 horas de viagem de barco da aldeia Utawana.

Em meus últimos trabalhos de campo, entretanto, pude notar que está se estabelecendo uma cisão política na aldeia Utawana, que parece estar também desencadeando uma subdivisão geográfica dessa aldeia. Os indígenas são concordes em reconhecer, por exemplo, que há duas aldeias: a aldeia Utawana, maior e onde está localizado o círculo com 11 casas tradicionais xinguanas, e a aldeia Kurisevo, em referência ao rio do qual está mais próxima que a aldeia Utawana, e onde vivem cerca de 7 ou 8 famílias, em casas, em geral, de madeira. Dada a trajetória de migração dos Mehináku, que evidencia uma intensa mudança de aldeias em virtude de conflitos e questões sócio-políticas, é possível que, em um futuro não muito distante, o número total de aldeias Mehináku aumente para cinco. O mapa abaixo ilustra a localização aproximada das aldeias Mehináku dentro do TIX:

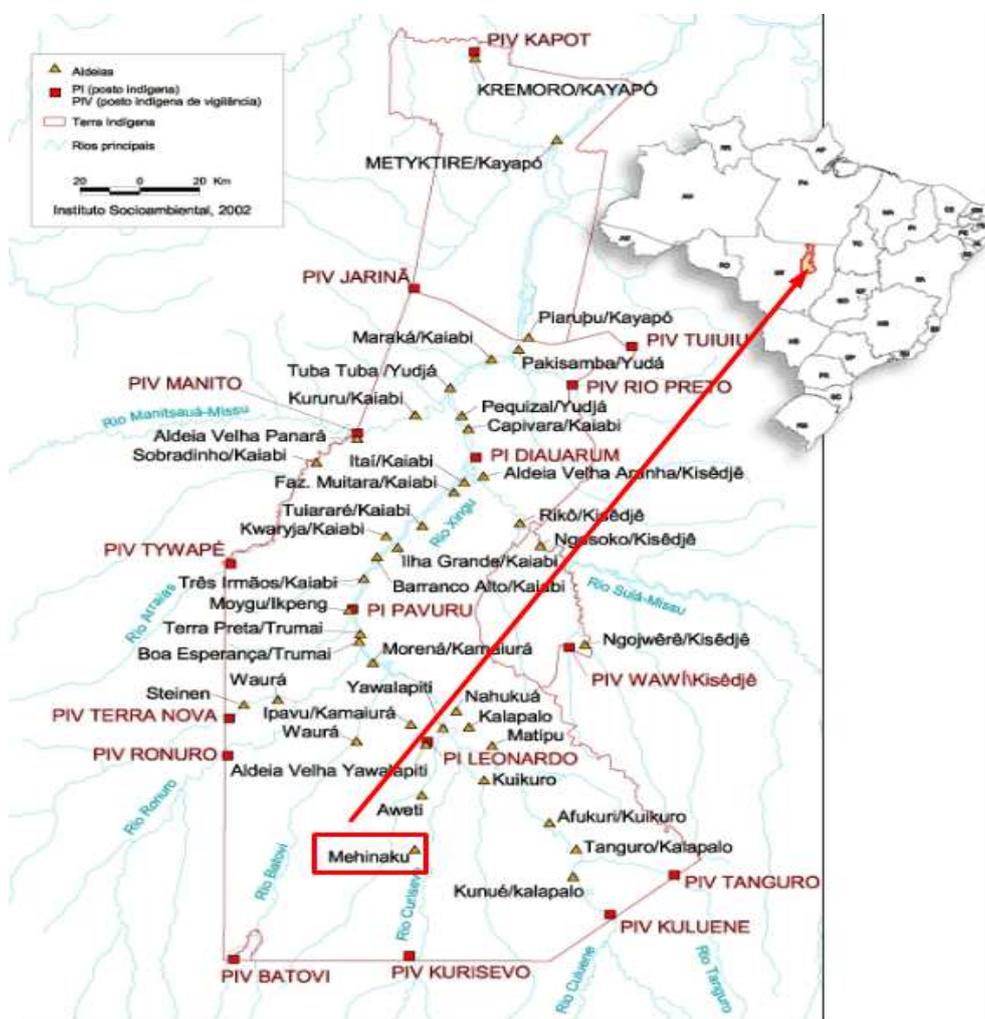


Figura 1. Localização dos Mehináku (Fonte: ISA, 2008 (destaque meu)).

A respeito da demografia Mehináku, não há consenso entre os pesquisadores a respeito do número atual exato de indígenas desta etnia vivendo nas aldeias mencionadas, podendo os números variar entre 200 (UNESCO, 2010), 300 (CORBERA MORI, 2011; 2012) e 350 (AWETÍ, 2014). Em De Felipe (2019), defendi um número aproximado de 400 pessoas, mas em pesquisa recente refiz a contagem, excluindo do total os indígenas de outras etnias que vivem entre os Mehináku (sobretudo por conta de casamentos), e o total de indígenas sofreu uma queda acentuada. Conforme mostro em §1.3, o número atual de indígenas vivendo nas quatro aldeias Mehináku é de aproximadamente 326 pessoas.

Juntamente com os Mehináku, outras 13 etnias, falantes de línguas de variadas filiações genéticas, vivem no TIX. Estes povos, segundo Seki (2011), se distribuem em dois conjuntos por vários critérios, entre eles o de ocupação da região. Os grupos localizados ao Sul são considerados *tradicionais* da área, enquanto aqueles situados ao Norte estabeleceram-se na região em períodos mais recentes, mantendo-os em uma posição periférica em relação aos povos do Sul. Alguns desses grupos, segundo Seki, são por vezes referidos como *intrusivos*, e são aqueles que adentraram a região, buscando ocupá-la e que ali já se encontravam antes da criação do então Parque Indígena do Xingu (em grande parte correspondente à atual TIX)³. Os demais grupos são os chamados *transferidos*, provenientes de regiões circunvizinhas, tendo sido levados para a área do Parque a partir dos anos cinquenta.

Dentre os 14 grupos xinguanos, 10 são considerados *tradicionais* e incluem: três povos falantes de línguas Arawak: Mehináku, Yawalapiti e Wauja; quatro grupos Karib: Kuikuro, Matipu, Nahukwa e Kalapalo; um grupo Tupi-Guarani: Kamayurá; um grupo Aweti: Aweti (Tronco Tupi) e uma língua isolada: Trumai. Os grupos considerados *intrusivos* incluem: um povo Jê: Suyá e um povo Tupi: Juruna (também conhecido como Yudja). Finalmente, os grupos *transferidos* incluem: um povo falante de uma língua Tupi-Guarani: Kayani e um povo Karib: Ikpeng/Txikão.

Ainda é muito pouco o que se sabe a respeito da origem desses povos, época em que se estabeleceram ou sobre seus processos de migração e tipos de relações

³ A denominação “Território Indígena do Xingu” (TIX) surge a partir da necessidade de inclusão de novas Terras Indígenas ao território do até então Parque Indígena do Xingu (PIX). O TIX é, portanto, a região que engloba o tradicionalmente conhecido PIX, criado em 1961 durante o governo do presidente Jânio Quadros, e outras três Terras Indígenas adjacentes, são elas: Pequizal do Naruvôtu, Wawi e Batovi, demarcadas nas décadas seguintes à criação do Parque.

estabelecidas ao longo dos séculos em que habitam a região que hoje corresponde ao TIX (SCHADEN, 1969). Tudo o que se sabe atualmente a respeito desses povos tem sido construído, pouco a pouco, a partir de poucas fontes documentais escritas, em geral produzidas por viajantes e estudiosos com outras finalidades que não o estudo linguístico, que empreitaram expedições a partir da segunda metade do século XIX, e também a partir da tradição oral desses povos e de pouquíssimas pesquisas etno-arqueológicas (AGOSTINHO DA SILVA, 1993, p. 241).

Seki (2011) menciona que os resultados de pesquisas arqueológicas levam a concluir que a ocupação da bacia dos formadores, abrangendo o rio Kuluene, teria se iniciado a partir do início do século XI e teria se prolongado pelo menos até o final do século XIII. Os grupos Arawak, segundo a autora, seriam provavelmente provenientes do Oeste, uma hipótese reforçada pelas afinidades linguísticas entre os grupos Arawak do Xingu (Mehináku, Wauja e Yawalapiti) e grupos da mesma família situados a oeste do Alto Xingu. Becquelin (1993, p. 228) afirma que os grupos Arawak teriam sido os primeiros a migrar para a região, ocupando, no passado, um território bem mais amplo do que aquele conhecido desde o final do século XIX.

Somente a partir do século XVII teria ocorrido, em períodos sucessivos, a penetração de grupos Karib, vindos do oeste do Kuluene, bem como de grupos Tupi e outros povos, dentre eles os Trumai e alguns grupos Jê, época em que se registram os impactos da chegada dos europeus e em que teriam se iniciado a constituição pluriétnica da região e as relações intertribais (SEKI, 2011). A partir da segunda metade do século XVIII e no século XIX teria se configurado o sistema intertribal encontrado pelo etnólogo alemão Karl von den Steinen em 1884 no Sul do Alto Xingu (HECKENBERGER, 1996).

Argumento parecido é levantado por Galvão e Simões (1965), que defendem que a presença Arawak no Xingu era a mais antiga dentre as demais, segundo a memória tribal alto-xinguana, compreendendo, à época, os Kustenau (extintos, atualmente), os Wauja, os Mehináku e os Yawalapiti. A precedência Arawak, segundo os autores, teria se iniciado na região dos formadores do Xingu, derivada dos Arawak do norte, e se estendido via rios Xingu ou médio Tapajós.

A respeito especificamente dos Mehináku, embora os relatos dos anciãos deem conta de que este povo é habitante secular da região que compreende os rios Kurisevo e Kuluene, o primeiro registro etnográfico a respeito dessa etnia foi realizado por Steinen, após sua visita, em 1884, à região que mais tarde seria definida como o Parque Indígena do Xingu. Na ocasião de sua segunda visita, em 1887, Steinen permaneceu por dois dias

em uma aldeia Mehináku localizada à margem esquerda do rio Kurisevo, como assim ele menciona:

“[...] Partimos cedo na manhã de 10 de outubro e chegamos ao porto dos Mehináku [margem esquerda do rio Kurisevo] no dia 12, às 11 horas da manhã. [...] Durante 2 1/4 horas caminhamos pela floresta seguindo um caminho desagradável que o calor abafado tornava ainda mais penoso. A cerca dum quilômetro da aldeia, num lugar em que a floresta se tornava menos densa, deparamos, traçada na areia, com uma grande figura circular. [...] Bem junto à aldeia encontramos um Mehináku que apressadamente retrocedeu, mal nos dando tempo para lhe dirigir um “*kúra kúra*”. Logo em seguida entramos numa grande ocára rodeada de 14 casas. Quadro singular! De todos os lados os habitantes saíam precipitadamente das suas moradas; velhos e moços corriam pela ocára com exclamações e gesticulações animadas, uns dirigindo-se para mim, outros recuando. Dentro em pouco me seguraram pela mão e assim, amavelmente preso, fui conduzido para o interior da casa das flautas, onde tive de me sentar sobre um banquinho em forma de ave, caprichosamente trabalhado. Fui contemplado com uma curiosidade de que revelava receio e pavor. O conjunto dava uma impressão de grande abundância” (STEINEN, 1940, pp. 133, 134).

A visita de Steinen também revelou que, à época, os Mehináku habitavam possivelmente três aldeias, sendo a descrita acima a maior delas, com 14 casas, denominada *Paischuéti* (que os Bakairí que acompanhavam Steinen na expedição conheciam como *Paischuéti-Mehináku*), além de outras duas menores, uma denominada *Yutapühü* (que os Bakairí conheciam como Kalúti) e outra composta por apenas uma casa, para a qual Steinen não atribui nenhum nome. Steinen permaneceu na aldeia *Paischuéti* de 12 a 14 de outubro de 1887, tendo passado no dia 15 de outubro, quando partira em direção à aldeia dos Aweti (por Steinen chamada de Auetö), pela segunda aldeia, *Yutapühü*. A respeito da terceira aldeia, Aweti (2014) defende que, possivelmente, esta tratava-se de um local de roça, razão pela qual não tinha nome, possuía apenas uma casa e era muito menor em comparação às outras duas aldeias mencionadas. Gregor (2002), por sua vez, defende que este local possa ter sido apenas um sítio para estadia na estação seca, que ele chama de *Uleinejepu*.

“[...] Soubemos que ainda existiam duas outras aldeias de Mehináku, ambas aproximadamente a uma distância dum dia de viagem. A situada ao sudoeste, parecia, realmente, ser muito pequena tendo sido descrita como constituída duma só casa; a outra, ao norte, segundo diziam, compunha-se de cinco casas”. [...] Além da casa das flautas a nossa aldeia contava catorze casas; havia ainda duas construções em andamento, uma das quais, quase terminada, servia já de residência. O conjunto dava uma impressão de grande abastança. Em todo o caso, do ponto de vista indígena, segundo o qual a verdadeira riqueza é constituída pela mandioca, os Mehináku eram a tribo mais rica do Kulisehu [Kurisevo]. [...] moram os Mehináku nas duas aldeias que os Bakairí denominavam Paischuéti (“Aldeia do Peixe-cão”) e Kalúti. Parece, porém, que aí existem três aldeias; os Paischuaéti-Mehináku referiram-se ainda além dos Yutapühü – que deviam ser os “Kalúti” -, por cujo pôrto passáramos a 15 de outubro, - aos Atapilú, prevenindo-nos ao mesmo tempo contra os Ulapihü, Ulavapitü, isto é os nossos Yaulapiti” (STEINEN, 1940, pp. 137, 138, 192).

Determinar como se deu o histórico de contato entre os Mehináku e os povos com os quais conviveram ao longo do tempo, bem como de que forma se deram suas mudanças territoriais antes e mesmo após 1887 não é uma tarefa fácil, sobretudo porque, para além do registro de Steinen, não há muitas outras fontes documentais sobre esse povo. Os percursos Mehináku a partir de Steinen limitam-se à tradição oral, recuperados pelos relatos de memória dos indígenas anciãos, ou por trabalhos que fornecem uma visão antropológica (mas não só), a respeito deste povo, a exemplo de Galvão (1949; 1950; 1953); Galvão e Simões (1965); Gregor (1963; 1970; 1977; 2002, 2011); Medeiros (1993); Seki (1999; 2011); Villas-Bôas e Villas-Bôas (1990) e alguns outros.

Sob o prisma dos relatos de memória tradicional dos Mehináku, Aweti (2014) apresenta um interessante apanhado sobre a história desse povo. Segundo o autor, os relatos dos anciãos Mehináku dão conta de recuperar memórias ancestrais de aproximadamente 200 anos. É o caso, por exemplo, das referências feitas pelos velhos Mehináku aos líderes *Amatüpuku* e *Talapitxuma*, filhos e netos dos outros líderes Mehináku que teriam vivido entre os séculos XVIII e XIX, na aldeia *Yulutakitsi*, anterior às três mencionadas por Steinen, uma vez que no final do século XIX, após a chegada do etnólogo, *Amatüpuku* e *Talapitxuma* já eram novos chefes.

A aldeia *Yulutakitsi*, de acordo com Aweti (2014, p. 38), foi uma das mais antigas dentre as quais se lembram ainda os Mehináku. Era uma aldeia grande e a mais populosa, e possuía, além do círculo de casas tradicional xinguano, uma sucessão de círculos em torno de um círculo menor, o que certamente indicava que esta se tratava de uma aldeia com alta densidade populacional. Gregor (1977), por seu turno, ao tratar da arquitetura

dessa aldeia, menciona que o que fazia de *Yulutakitsi* especialmente intrigante era o fato do grupo Mehináku estar, naquele tempo, dividido em metades, cada qual vivendo em fileiras triplas de casas, em lados opostos da praça central. A fronteira social da aldeia não era claramente determinada, pois enquanto alguns indígenas defendiam que a fronteira era marcada por uma pequena cerca que atravessava o centro da praça, outros afirmavam que era o banco em frente à casa dos homens que servia de linha divisória. O que se sabe, entretanto, é que havia uma clara divisão social na aldeia *Yulutakitsi*, como evidencia a fala do cacique *Aiyuruwa*:

“Nós não nos casávamos com uma mulher no nosso lado. Casávamos no outro lado. E quando alguém do outro lado morria, não chorávamos nem nos desfazíamos de nossos cintos e de nossas pinturas. Somente eles ficavam de luto” (GREGOR, 2002, verbete para o ISA).

A partir da primeira metade do século XX, entretanto, com o avanço da exploração da região por parte de não-indígenas e, por consequência, da disseminação de doenças infectocontagiosas, dentre elas o sarampo, o número de indígenas Mehináku foi reduzido pela metade, forçando a migração desse povo e consequente criação de uma nova aldeia, denominada *Ulawapühü*. Sobre o contato e a disseminação de doenças, menciona Villas-Bôas (1990, p. 17):

“aos primeiros e violentos surtos gripais, disentéricos e de outras moléstias infecciosas irrompidos na região há uns trinta anos aproximadamente, quando grupos de índios moradores do Baixo Kurizêvo começaram a subir este rio e entrar em contacto com núcleos de civilizados do Alto Paranatinga, do Posto Simões Lopes e outros”.

Ulawapühü teria sido, segundo Aweti (2014), a segunda maior aldeia de que se tem notícia, e da qual os Mehináku remanescentes, por razões sócio-políticas ou de conflito, teriam futuramente partido e fundado outras nas proximidades, dentre as quais se destacam as aldeias *Enumana*, *Walupühü*, *Munupühü* e *Xamuxayutü*, que ocupavam toda a margem direita do rio Tuatuari. A aldeia *Ulawapühü* sempre foi uma referência para os Mehináku antes de 1946, e também foi local de instalação dos irmãos Villas-Bôas depois de 1950, à ocasião da Expedição Roncador-Xingu. Com a chegada dos índios *transferidos*, contudo, dentre eles os Ikpeng, na década de 50, os Mehináku se viram novamente forçados a mudar de suas terras em virtude dos frequentes conflitos. Nos anos seguintes, os Mehináku se mudaram de *Ulawapühü* para a aldeia *Yakuayanaku*, que de acordo com Aweti (2014, p. 38) era “um local que havia sido aldeia dos Wauja, e lá se

refugiaram por tensão e medo dos ‘*waxayu*’, o nome pelo qual chamam os outros grupos étnicos distintos deles em termos culturais, por estranheza e desconhecimento, não importando se esses grupos são brabos ou mansos”.

O conflito com os Ikpeng, todavia, se estendeu, forçando mais uma vez a mudança dos Mehináku (GALVÃO e SIMÕES, 1965). Desta vez, ao atacarem a aldeia com uma enxurrada de flechas, os Ikpeng atingiram o cacique Aiyuruwa Mehináku nas costas, quando ele retornava da busca por argila para fazer panela de barro com sua esposa. Por incentivo dos irmãos Villas-Bôas, os Mehináku se mudaram, então, para a aldeia *Xalapapühü*, que Gregor (2002) chama de *Jalapapuh*, próxima do posto Indígena Leonardo Villas-Bôas. (AWETI, 2014; GREGOR, 1977; 2002). À época, o território onde se localizava a aldeia *Xalapapühü* era território dos Yawalapiti, que também haviam se mudado anteriormente para próximo ao posto Leonardo, em virtude das violentas incursões Ikpeng. A esse respeito, Gregor menciona:

“[...] Os Yawalapiti haviam feito o mesmo, na mesma época, para escapar dos Ikpeng. A um quilômetro do posto, os Yawalapiti deram aos Mehinako sua primeira casa, Jalapapuh, "o lugar das formigas saúvas". Ambos grupos mais tarde concordaram que os Mehinako poderiam pescar apenas nas áreas do rio Tuatuari que fossem próximas à sua comunidade. No caminho de Jalapapuh, os Mehinako pararam na aldeia Aweti, onde dividiram o território com um aglomerado de bananeiras situado no meio do caminho entre as suas aldeias. Os Mehinako concordaram que eles não iriam explorar cana para fazer flechas nessa área sem a permissão dos Aweti. Assim, grandes áreas de floresta e várzea permaneceram algo como um território ambigualmente Mehinako, Aweti e Yawalapiti. O estabelecimento efetivo da comunidade em Jalapapuh foi determinado por uma mulher Yawalapiti casada com um Mehinako. A nova aldeia foi situada a alguns metros do rio Tuatuari em lugar próximo às primeiras roças e plantações de pequi dos Yawalapiti. [...] Além disso, com a mudança para Jalapapuh, as relações dos Mehinako com outros grupos se intensificaram. Os vizinhos Yawalapiti passaram a casar-se mais frequentemente com os Mehinako do que no passado, e compartilham com eles rituais importantes” (GREGOR, 2002, verbete para o ISA).

Aweti (2014, pp. 39-40) fornece alguns relatos pessoais a respeito do ataque Ikpeng e da consequente mudança que ele ocasiona, que valem destaque. Baseando se em informações relatadas por Kuyakuyakalu Mehináku, o autor menciona que:

“Estes acontecimentos ocorreram na época em que os “Irmãos Villas-Bôas” já se encontravam no Xingu. Cláudio Vilas Bôas prestou os primeiros socorros, indo até a aldeia junto com Watuku Waurá que estava em visita à aldeia e a quem foi solicitado que fosse em busca de socorro. Os irmãos, posteriormente, encaminharam o cacique Ayuruá [Aiyuruwa] para a cidade para fazer tratamento cirúrgico pois poderia não resistir em consequência do ferimento de espeque que tinha nas costas. A mudança aconteceu porque o Araku Yawalapití Trumai, casado com as duas irmãs Mehinaku, Yemelu e Ana, convenceu os Mehinaku a irem para esse local com o argumento de que lá tinha fartura de peixe - relata Kuyakuyakalu. [...] Kuyakuyakalu relata que a mudança ocorreu um pouco tempo depois de Ayuruá ter retornado de seu tratamento, quando a sua família já tinha se mudado para a nova aldeia. Isso antes do restante do povo descer enquanto Ayuruá fazia o tratamento na cidade. Quando esse voltou de lá foi informado de que não voltaria mais para a aldeia Yakuayanaku, pois sua família já não estava mais por lá - conta ela.

Finalmente, por volta de 1992, depois de 37 anos de transição entre as aldeias *Ulawapühü-Yakuayanaku*, e de 35 anos entre as aldeias *Yakuayanaku-Xalapapühü*, os Mehináku retornaram, segundo Aweti (2014), à região onde estava situada a antiga aldeia *Ulawapühü*. A aproximadamente 8 quilômetros da tradicional aldeia, os Mehináku fundaram a aldeia Uyaipiyuku, que para eles era considerada como sendo um *uleiyũkala* (lugar de roça), e de onde ficavam também mais próximos dos locais de pesca e da lagoa de aguapé, que utilizavam na produção do sal vegetal típico dos Mehináku e dos Aweti. Gregor (1982, p. 46) diz que, segundo os Mehináku, a aldeia Uyaipiyuku foi planejada nos moldes de todas as aldeias anteriores, desde o tempo da criação, devendo estar posicionada entre dois rios, o Tuatuari, a oeste, e o Kurisevo, a leste, de modo que, quando o sol nasce, seu caminho através do céu deve ser paralelo ao grande caminho que vai do porto do Kurisevo até o centro da aldeia. A casa dos homens, segundo o autor, deve dividir em dois o caminho do sol, e o banco em frente à casa dos homens deve proporcionar, a leste, uma vista livre por sobre a estrada, através da floresta. Ao passar por cima da “casa dos homens”, o sol deve seguir o grande caminho para oeste até o lugar de tomar banho, onde finalmente se põe. Assim, o plano terrestre da aldeia reflete a arquitetura do céu.

Os Mehináku viveram como um só grupo em Uyaipiyuku por cerca de 12 anos, quando por conta de conflitos entre a comunidade, envolvendo acusações de feitiçaria, este grupo se dividiu mais uma vez, dando origem, aos poucos, à configuração das aldeias que existe hoje. A aldeia Utawana, por exemplo, a segunda mais antiga dentre as atuais aldeias Mehináku, foi formada após o cacique Munain e seu irmão Iumuin terem acusado a família do atual chefe da aldeia Utawana, Tukuyari Mehináku, de ter realizado feitiços

contra a filha de Iumuin, doente à época. Os indígenas relatam que Munain foi até o centro da aldeia, por volta das 5h da manhã, e começou a listar o nome das pessoas que, segundo ele, estariam envolvidas ou seriam responsáveis pelos processos de feitiçaria que afligiam a filha de seu irmão. Dentre os acusados estavam, além do próprio Tukuyari, também seu filho Kutsarapü, e outros indígenas, como Kanaiu, Yutá e Yakaxü Mehináku. No dia 10 de abril de 2004, os indígenas acusados de feitiçaria, juntamente com outros que a eles se juntaram, se mudaram da aldeia Uyaipiyuku e fundaram, às margens do rio Kurisevo, a aldeia Utawana.

A criação de Utawana se deu por força de um acordo entre Tukuyari e o líder indígena na Funai e chefe do Posto de Vigilância Kurisevo, Assalu Mehináku. Na ocasião, Assalu permitiu que Tukuyari, sua família e os demais indígenas que o acompanharam, se mudassem provisoriamente para o território próximo ao Posto de Vigilância, onde já estava instalada sua família.⁴ Por conta de hierarquias impostas pela sociedade Mehináku, que estabelece, dentre outras coisas, que os líderes devem ter a orelha furada e serem amplamente conhecidos pela comunidade, Tukuyari Mehináku não pode assumir, à época, a liderança de Utawana, mesmo tendo sido o responsável pela instalação da aldeia no local onde até hoje está localizada. Por indicação de alguns indígenas influentes, dentre eles Tamaluí, Aritana e seu já falecido irmão Pirakuma, Yahati Mehináku foi escolhido como o cacique de Utawana, em virtude de sua experiência e influência comunitária. A escolha de Yahati, entretanto, desagradou a família de Tukuyari, que reclamava sua posição como cacique, haja vista que ele havia sido o responsável pela criação da aldeia no território em que se encontrava, o que desencadeou, novamente, sucessivos conflitos.

Após 10 anos de liderança de Yahati em Utawana, os conflitos se intensificaram, causando nova ruptura comunitária. No dia 14 de abril de 2014, após Makaulaka Mehináku Aweti, filho de Yahati, ter voltado de Brasília, onde havia ido cursar seu mestrado em Linguística na UnB, a família de Yahati resolveu deixar Utawana e fundar sua própria aldeia. Assim fizeram, fundando a aldeia Kaupüna, que hoje está localizada a cerca de 1h de carro de Utawana e é liderada pelo cacique Yahati.

A última das aldeias Mehináku atuais, assim como as demais, também foi fundada em decorrência de conflitos. Em 2012, o líder de Uyaipiyuku Munain Mehináku, o

⁴ Após instalados, entretanto, os indígenas não mais se mudaram, quebrando o acordo de provisoriedade estabelecido, o que tem gerado, até hoje em Utawana, certos conflitos entre a comunidade que se denomina Utawana, representada por Tukuyari, sua família e outros membros que a eles se juntaram à época da mudança e em períodos subsequentes, e a comunidade de Kurisevo, representada por Assalu e sua família.

mesmo que outrora havia acusado a família de Tukuyari de ter elaborado feitiços contra a filha de seu irmão Iumuin, foi na época também acusado de feitiçaria pelo próprio irmão, Iumuin. Iumuin ameaçou Munain de morte, por supostamente ter feito feitiçaria contra seu filho, forçando sua partida da aldeia tradicional dos Mehináku. Em fins daquele mesmo ano, em 25 de dezembro de 2012, Munain mudou-se com sua família para o local onde hoje está localizada a aldeia Aturua.

Todos esses conflitos contribuíram, portanto, para a configuração atual das comunidades Mehináku, que compreende as aldeias mencionadas no início dessa seção. Apesar da separação, a aldeia Uyaipiyuku é ainda hoje a maior e mais conservadora, em termos de nível de bilinguismo e influências alóctones. Utawana é a segunda maior aldeia, composta atualmente por 12 casas, embora desde meu último trabalho de campo tenha sabido da construção de mais duas, dispostas em um grande círculo. As casas têm sua base construída de madeira, e o telhado é feito com uma espécie de palha oriunda de árvores nativas, que é cuidadosamente dobrada e entrelaçada entre as vigas de madeira que sustentam a casa (Figuras 2 e 3).



Figura 2. Telhado tradicional Mehináku. Abril de 2019 (arquivo pessoal).



Figura 3. Casas tradicionais Mehináku. Abril de 2019 (arquivo pessoal).

Ao centro da aldeia, havia a casa dos homens, derrubada por uma forte chuva anos atrás e jamais reconstruída. Lá, está posicionado um grande banco de madeira e uma pequena estrutura semicoberta, onde os Mehináku costumam se sentar ao entardecer, para conversar e assistir aos jovens e as crianças jogando futebol, conforme imagens abaixo:



Figura 4. Crianças brincando no centro de Utawana. Abril de 2019 (acervo pessoal)



Figura 5. Crianças brincando no centro de Utawana. Abril de 2019 (acervo pessoal)



Figura 6. Crianças brincando no centro de Utawana. Abril de 2019 (acervo pessoal)

Há em Utawana também, como já mencionei, o Posto de Vigilância Kurisevo, além de duas escolas, uma do município e outra do estado, em precário estado de conservação. A escola municipal, que atende metade dos alunos da aldeia, não tem paredes e há apenas um conjunto de cadeiras onde os alunos se sentam até o sol começar a ficar muito intenso, quando a professora suspende a aula. Há apenas uma professora para esta escola, que ensina alunos de diferentes faixas etárias e em diferentes estágios do ensino, todos na mesma sala e simultaneamente. Na escola estadual há três professores indígenas: dois dão aulas para o ensino fundamental e alunos do ensino médio (Meyeke e Kauruma Mehináku) e um dá aulas para adultos (Etsiri Mehináku). Há ainda na aldeia uma casa dos professores e dos enfermeiros, e um pequeno posto de saúde improvisado,

onde os Mehináku recebem orientações sobre prevenção de doenças e tomam medicamentos e vacinas.

Finalmente, Kaupūna é a terceira maior aldeia, localizada nas proximidades do rio Mirassol, sendo composta por oito casas e onde vivem aproximadamente 85 pessoas, em geral todos parentes consanguíneos e de afinidade do cacique Yahati. Aturua, por seu turno, é a menor das aldeias, composta por apenas uma casa e onde atualmente vivem cerca de 6 pessoas, base familiar do cacique e pajé Munain. Aturua está situada às margens do rio Tuatuari e mantém uma distância relativamente pequena de Utawana, mas mais distante das outras três aldeias Mehináku.

1.2. Contexto cultural

1.2.1. Mito de origem do mundo e do povo Mehináku

Embora a origem do povo Mehináku esteja fundamentada sobre um mesmo mito de criação, não é incomum encontrar variações às vezes consideráveis nas versões dessa história. A narrativa que apresento nessa seção é um apanhado das versões que me foram contadas pelo cacique Yahati Mehináku e por seu filho, Waxamani, da aldeia Kaupūna, e também por Assalu e Paitxumã Mehináku, da aldeia Utawana, durante meu último trabalho de campo, em abril de 2019, mas a memória tradicional não é completamente concorde sobre essa história. Além disso, essa versão é um resumo da história original, que possui muitos detalhes e uma série de outros pequenos desdobramentos.

Segundo a versão que me foi contada, a origem dos Mehináku coincide também com a origem da criação do homem enquanto espécie e se inicia em data incerta, há muitos e muitos séculos, em uma época em que conviviam na Terra os primeiros homens, chamados de *yerepühü*, e os demais animais, em um tempo conhecido como ‘Era das onças’. Neste período, os homens eram bem pequenos e frágeis (o que talvez explique os ancestrais do homem atual), e as onças, conhecidas como *yanumaka*, reinavam soberanas sobre a Terra e subjogavam todos os demais seres vivos, incluindo o homem, que era uma de suas presas principais. Kuamutü é considerado o espírito criador, que não vivia no céu, pois sua morada é incerta, mas vagava pela terra orientando os caminhos dos animais e dos homens. Tanto os primeiros homens quanto os demais animais viviam numa terra sem luz, onde todos os dias eram escuros e difíceis.

Com a predação dos homens por parte das onças e de outros animais carnívoros, entretanto, o número de homens começou a diminuir drasticamente. Kuamutü, então, consternado e preocupado com essa situação, resolveu intervir, fazendo um acordo com o líder da aldeia das onças. Ofereceu em matrimônio suas filhas mais bonitas, a fim de que se casassem com a onça e pudessem, finalmente, selar a paz entre as espécies. A onça aceitou o acordo, prometendo cessar a caça dos homens, e o início do pacto de paz parecia estar selado. Contudo, ao comunicar suas filhas sobre o acordo que havia feito, todas elas se recusaram a viver na terra e se casar com a onça. Kuamutü, então, precisou refazer os planos, ou o destino dos homens não seria nada promissor.

Assim Kuamutü fez: de uma madeira chamada *yuhemiru*, criou sete mulheres⁵, enviando-lhes à Terra a fim de que se casassem com a onça. Ao longo do percurso até a terra, entretanto, toda a sorte de perigos foi imposta a essas mulheres. Algumas, foram devoradas por outros animais ou picadas por cobras, outras se perderam. Algumas, se casaram com outros animais dando origem à novas histórias. Por fim, chegaram à terra apenas duas mulheres. Quando chegaram, causaram euforia entre os animais e os primeiros homens. Todos ficaram encantados pela beleza daquelas mulheres e obstinados a conquistá-las. Os animais, então, começaram a se apresentar a elas, um a um, a fim de seduzi-las. Se apresentaram o tatu (*ukalu*), a raposa (*awayulu*), o sapo (*katutukalu*), o lobo (*awa*) e muitos outros. As mulheres, no entanto, embora já advertidas pelo pai Kuamutü de que deveriam se casar com a onça, confundiram-na com o lobo, indo morar na aldeia dos lobos.

Lá ficaram durante o dia todo até o entardecer, quando o líder dos lobos foi até o centro de sua aldeia fazer seu discurso e apresentar suas novas mulheres. Todos os demais animais, todavia, começaram a zombar do lobo, rindo e dizendo que as mulheres haviam se casado com o animal mais fedido. Ninguém respeitou a autoridade do lobo e as mulheres começaram a se dar conta do erro que haviam cometido. Depois do discurso do lobo, a onça, que havia sido avisada sobre a chegada das mulheres, foi até a aldeia dos lobos e resolveu também discursar. Todos ficaram em silêncio, respeitando a autoridade da onça, e as mulheres se deram conta, então, de que aquele era seu verdadeiro marido.

No dia seguinte, o lobo acordou cedo e, a convite da onça, foi caçar os homens que estavam pescando às margens do rio. Era uma armadilha da onça que, chegando lá, contaminou os olhos do lobo sem que ele percebesse, deixando-os completamente

⁵ Algumas pessoas defendem que Kuamutü criou mais de 50 mulheres.

vermelhos e impossibilitando que ele enxergasse o caminho ou, sequer, pudesse caçar. A onça, então, atirou suas flechas de *tukũ* na porta da casa onde estavam as mulheres. A mais nova pegou a flecha e reconheceu a onça, que lhes contou sobre a promessa de seu pai Kuamutü. As mulheres pegaram suas redes, então, e foram morar na aldeia das onças, casando-se com seu líder, conforme celebrava o acordo. Quando o lobo chegou em casa, viu que suas mulheres haviam sido tomadas pela onça (os Mehináku dizem que, por isso, até hoje, é costume, às vezes, tomar-se a mulher do outro).

As mulheres se casaram, então, com a onça, e a mais velha delas, depois de um tempo, ficou grávida de gêmeos. Quando o nascimento das crianças estava próximo, a sogra delas e mãe da onça, chamada de *Periru*, começou a provocá-la e a implicar com ela por conta de ciúmes. Sempre passava na sua frente e implicava com os artesanatos que ela fazia. Dizia sempre que eram malfeitos. Certo dia, enquanto a sogra estava varrendo a casa e sua nora fazendo artesanato com barbante para o marido, a nora se engasgou com um pedaço de barbante que levava à boca, e o cuspiu. Nesse momento, a sogra se aproveitou da situação e acusou-a de estar com nojo dela. Embora a nora tenha explicado muitas vezes que havia cuspidido apenas porque o barbante havia entrado em sua boca, a sogra se manteve irredutível e, num súbito momento de raiva, pegou um facão e cortou o pescoço da nora, que morreu.

Com medo de que seu filho a matasse depois que descobrisse que ela havia assassinado sua esposa grávida, *Periru* fugiu e se escondeu numa toca em lugar incerto. Quando o marido onça viu que a própria mãe havia matado a sua esposa, ficou desolado. Preocupado em perder, além da esposa, também seus dois filhos que ela carregava no ventre, a onça pediu a ajuda de uma formiguinha bem pequena, chamada *emexuxuwá*, que entrou na vagina da mulher a fim de verificar se as crianças já estavam prontas para nascer. A formiga constatou que as crianças estavam prontas e avisou então a onça que o parto poderia ser feito. O marido onça, então, abriu a barriga da esposa morta, de onde tirou primeiramente *kamü*, o sol, e depois *kexü*, a lua. A mulher da onça e mãe das crianças foi enterrada no centro da aldeia e a criação das crianças ficou a cargo da segunda esposa da onça, a tia das crianças. A onça, temerosa de que os gêmeos procurassem por vingança, nunca contou a eles sobre o assassinato de sua mãe. *Kamü* e *Kexü* acreditavam que a tia que os criou era a sua mãe verdadeira.

Como os gêmeos eram seres divinos, netos do grande espírito Kuamutü, seus corpos não obedeciam à cronologia do tempo dos homens e dos demais animais terrestres. Após três dias de seu nascimento, já eram adolescentes. Durante seu crescimento, foram

fazendo várias benfeitorias na terra: criaram rios mais limpos onde as pessoas podiam beber água, criaram outras plantas e aumentaram o número de peixes dos rios que serviam de alimento aos animais e aos homens. Um dia, enquanto iam brincar no centro da aldeia, roubaram a castanha que servia de alimento ao pássaro *kujekujetutü*, que, com fome e irritado com a situação, voou pelos quatro cantos da aldeia falando mal deles e revelando, fatidicamente, o destino de sua mãe.

Os meninos foram então tomados por sentimentos de vingança. Queriam a todo custo ressuscitar sua mãe e, para isso, começaram a fumar e a fazer rituais. A fumaça que emanou do fumo indicou o local onde a mãe deles estava enterrada e, do chão em que estava enterrada, começou a levantar-se o corpo de sua mãe. Quando a onça viu o que os filhos estavam fazendo, correu e os advertiu sobre a gravidade que aquele ato poderia implicar. O pai lhes explicou que ressuscitar as pessoas poderia ser um ato muito perigoso, uma vez que não haveria espaço na terra para os ainda vivos e os ressuscitados. Os meninos então pisaram em cima do local e rezaram novamente, fazendo com que o corpo da mãe voltasse ao lugar onde havia sido enterrado. Depois, indagaram o pai sobre o lugar onde morava sua avó *Periru*. O pai disse que não sabia ao certo onde ela morava, mas que acreditava ser numa toca perto do rio, com uma passagem tão estreita que impossibilitava a entrada de qualquer homem.

Os gêmeos saíram, então, à procura de sua avó. Depois de muito procurarem, encontraram a provável toca onde ela se escondera. Se transformaram, pois, em crianças bem pequenas e entraram no buraco estreito que dava acesso à casa da avó. A entrada da toca, entretanto, era protegida por cobras, marimbondos e toda sorte de outros animais perigosos, a fim de que ninguém conseguisse acessar o esconderijo de *Periru* ou sequer chegar perto dela. Impossibilitados de entrar na toca da avó pelo meio principal, os gêmeos resolveram pedir a ajuda do tatu, conhecido como *malula*, que cavou um buraco bem fundo até sair embaixo da rede dela. E por ali entraram os gêmeos na casa da avó. Quando *Periru* os avistou, ainda sem saber que eles já conheciam toda a verdade, começou a brincar com eles, abraçá-los e a dizer que estava com saudade. Os gêmeos fingiram que os sentimentos eram recíprocos. Passaram a tarde na casa da vó, fingindo que gostavam dela, até que anoiteceu e ela dormiu. Quando a vó estava dormindo, colocaram em prática o plano de vingança: começaram os dois a pular em cima do coração dela, deixando-a imóvel no chão. Depois, estrangularam-na até a morte.

Voltaram então à aldeia da onça e contaram para o pai o que haviam feito com a avó. A este ponto, os gêmeos demonstravam descontentamento com a raça das onças e

com a supremacia que exerciam sobre os primeiros homens e demais animais na época. Resolveram, por isso, que era preciso criar novos homens, mais fortes e mais sábios que os *yerepühü*. Então, pediram ajuda a *Kuamutü*, que lhes orientou sobre o tipo de madeira que deveriam usar para criar os homens, a exemplo do que havia feito quando criou as primeiras mulheres. Assim, os gêmeos foram atrás das madeiras que seriam coletadas. Separaram-nas por cor e colocaram-nas todas em cima da oca, lugar onde começaram o ritual que transformaria as madeiras em homens. Dentre as madeiras, estavam as de cana-de-ubá que deram origem às flechas emplumadas e não emplumadas, além de varetas feitas com tucum (*ulawatü*) e com outras madeiras leitosas, como o *tüxümatü* e o *pialatü*, que foram todas transformadas em flechas. Os gêmeos então colocaram essas flechas em círculo em cima da casa e começaram a cantar, sacudindo-as energicamente e transformando-as, uma a uma, em gente.

Das madeiras *mayutuxutü* e *mayatawá*, que deram origem às flechas sem emplumação, nasceram os índios *txucamarrãe* (Kayapó xinguanos); da madeira *ulawalatü* (espécie de tucum), de cor marrom-avermelhada, nasceram os Yawalapiti (por isso eles são mais morenos que os demais), os Mehináku e os Waujá nasceram de flechas com emplumação e os demais povos alto xinguanos (Tupi e Karib) e também os não-índigenas nasceram de flechas sem emplumação.

Ao fim da tarde, os gêmeos já haviam criado toda a gente, de diferentes tipos e cores, que começaram a se pintar para guerrear entre si pela posse das armas que seriam seus símbolos de guerra. Durante a briga entre os povos, a onça pai dos gêmeos quase foi morta. Os gêmeos, preocupados com o destino do pai na nova terra, decidiram arremessá-lo ao céu para protegê-lo da guerra que se instaurara. Pediram ao pai que não caçasse os novos humanos e passasse a se alimentar apenas de outros animais, como a capivara, o tamanduá, o veado (o que explica, segundo os Mehináku, porque a onça não os caça atualmente). Com a ascensão do pai ao céu, arremessaram com ele suas comidas, dentre as quais o tamanduá (*alama*), cuja forma ficou estampada no céu à ocasião de seu arremesso. A esta mancha escura no céu os Mehináku dão o nome de *alama nutütai* (olhos do tamanduá). Depois que a onça deixou a terra, iniciou-se a derrocada da supremacia das onças e dos demais animais. Os animais que antes viviam em aldeias e se relacionavam entre si, fugiram para as matas e se esconderam por lá, dando início à era dos homens.

Depois de criados os novos homens, ancestrais de toda a humanidade atual, os gêmeos começaram a separar o povo e a oferecer a eles pertences que passariam a ser

seus objetos identitários e suas comidas tradicionais. Primeiramente, esquentaram uma água bem quente e ofereceram a todos. Os indígenas não quiseram, mas o branco a aceitou, transformando-a futuramente em café. Dentre os objetos que foram oferecidos aos povos pelos gêmeos, estão: o enfeite *txitxakati* (espécie de tornozeleira), a cuia grande (*pitsapuku*), o cocar (*hexuãkãï*), o colar de caramujo (*yanakupi walupi*), o arco comum (*ütai*) e o arco preto (*muyapi*); a lança (*yukumi*), a panela grande de barro (*kamalupü*), as armadilhas de peixe (*mutu, atapiyã, kulutu*), a rede de pesca (*elekepê*), e a arma de fogo (*ukula*).

Cada grupo escolheu seu pertence. Os Mehináku escolheram as armadilhas de peixe e a rede de pesca; os Wauja escolheram o mesmo, além da panela de barro; os Yawalapiti escolheram a lança; os Kamayurá e os Aweti escolheram o arco e o arco preto e também o cocar. Os Kuikuro, os Nahukwa, os Matipu e os Kalapalo escolheram o colar de caramujo. O branco, por sua vez, escolheu a arma de fogo, que o distanciou completamente dos demais povos (indígenas), cujas escolhas implicaram em estilos de vida mais tradicionais.

Depois de criados os homens e suas armas, os gêmeos começaram a criar as línguas que eles falariam, fator decisivo na divisão identitária dos povos e também importante passo no estabelecimento das fronteiras entre as nações, e também a comida e os instrumentos para o seu preparo. Do porco do mato (*autu*), eles roubaram a mandioca brava (*ulei*), base da subsistência de todo o povo xinguano, e da raposa (*awayulu*) eles roubaram o fogo (*itseï*), que permitiu ao homem assar suas carnes e o beiju, diferenciando-o dos demais animais, e delimitar o perímetro de suas aldeias, impedindo a invasão da mata e o ataque dos outros bichos.

Finalmente, depois que cada povo possuía sua língua e seus objetos, os gêmeos começaram a arremessá-los para os diferentes cantos do mundo, dando origem aos diferentes territórios, cidades, países e continentes. Depois de criada a humanidade, os gêmeos subiram ao céu, onde permanecem até hoje ao lado da onça. *Kamü*, o sol, fornece ao homem a luz que necessita para trabalhar. *Kexü*, a lua, permite ao homem e aos animais o silêncio necessário ao seu descanso e ao ciclo de vida na Terra.

1.2.2. Casamento

O casamento tradicional Mehináku, ou seja, aquele aconselhável em termos de “boas” práticas matrimoniais, une primos cruzados (conforme explico melhor na seção

seguinte), e é preferível que seja realizado entre indígenas da mesma etnia. Não há, entretanto, uma regra que proíba de forma definitiva o casamento exogâmico, sobretudo porque, em virtude da escassez de moças jovens solteiras nas aldeias Mehináku, o casamento intertribal tem sido prática comum para este povo há muitos anos, gerando considerável mestiçagem e aumento do nível de multilinguismo nas comunidades. A respeito especificamente do casamento entre os Mehináku, Gregor (1982, pp. 271-272) menciona que há duas formas possíveis de união:

“A primeira e mais prestigiosa é a do casamento de uma mocinha ainda em reclusão. Chamado de “trazer a noiva para casa”, a moça muda-se para a casa de seu noivo para viver atrás da barreira divisória de reclusão até o dia de seu casamento, quando ela sai formalmente. Uma moça nessas condições é considerada ‘nova’ (*autsapairi*) e o casamento implica pagamentos pesados (“*epetei*”, o mesmo termo usado para uma transação comercial) e demonstrações de respeito a seus parentes. Casamentos secundários exigem muito menos, sendo oficiados por um dos parentes do noivo que leva a rede dele para a casa da noiva. Ao assinalar os casamentos, os homens imitam o choro dos nenês recém-nascidos: “Hua-hua-hua-hua-hua!”, assegurando dessa forma a fertilidade da esposa”.

Segundo me informou o cacique Tukuyari Mehináku, é muito rara, atualmente, a realização do casamento do primeiro tipo, sendo os casamentos secundários, cuja prática, de acordo com ele, também está sendo cada vez mais negligenciada, o tipo mais comum a ocorrer nas aldeias. Mesmo neste último caso, entretanto, a regra que interdita casamentos entre primos paralelos (considerados irmãos) deve prevalecer: um jovem deve se casar com sua prima cruzada, filha do irmão da sua mãe ou da irmã de seu pai. Embora a cerimônia de casamento secundário envolva menos planejamento, esta prática não está dispensada de arranjos que podem ocorrer entre as partes interessadas. Geralmente, os pais da menina, futura esposa, ou mesmo do menino, futuro marido, estabelecem acordos de casamento entre seus filhos, ainda quando estes são criança. Nem sempre a prática é bem-sucedida, contudo, sobretudo porque, atualmente, os Mehináku mais jovens têm se casado por força de outros desejos que não apenas aqueles impostos culturalmente.

A preparação para o casamento, que é um ponto central da cultura Mehináku, começa bem antes de sua data propriamente dita. Alguns ritos envolvendo meninos e meninas precedem o matrimônio e, muitas vezes, são cruciais para a sua boa realização.

As meninas, por exemplo, após a primeira menstruação, ficam em reclusão por um ano, em uma espécie de redoma toda coberta feita em uma das laterais da casa, tempo em que não podem cortar o cabelo, ter acesso à outras pessoas que não suas parentes consanguíneas diretas, e em que também são escarificadas com um pente feito com dentes do peixe cachorra, para que ganhem forma física. Elas também bebem uma espécie de chá de ervas que as fazem vomitar, cuja função, segundo a indígena Kamakiakalu Mehináku me informou, é purificar o corpo. Além disso, o tempo de reclusão de cerca de um ano não parece ser tão frequente hoje em dia. Segundo me relataram algumas indígenas adolescentes, o tempo de reclusão atual é bem menor, e a menina, após esse período, não necessariamente se casa, podendo inclusive ter relações sexuais veladas antes de seu matrimônio oficial. Após a reclusão, a menina corta a franja que cobre seu rosto e é apresentada à aldeia, costume que também tem mudado. Quanto ao menino, os ritos que antecedem sua preparação para o casamento envolvem a escarificação, lutas e exercícios que os preparam tanto para o casamento, quando para as competições em festas como o Kwarup. Os lutadores, aliás, estão entre os pretendentes mais cobiçados entre os Mehináku.

Quando um casamento é bem-sucedido, este geralmente ocorre no fim da tarde, quando a família da futura noiva, com a ajuda de seus primos cruzados, paralelos e tios, busca a rede do pretendente em sua casa e a pendura acima da rede da moça. O acordo entre as famílias é importante porque, ao buscarem a rede do rapaz na casa de sua família, não deve haver oposição por parte de seus pais, pois em caso afirmativo o casamento pode não ocorrer. Durante o trajeto da rede até a casa da noiva, o cortejo é ainda hoje acompanhado por imitações de choro de bebê, como relatou Gregor (1982), que exprimem desejos de que o casal não demore a ter filhos.

Após o casamento, uma série de novas regras sociais envolvendo o novo casal passam a valer. Em geral, essas regras não são confortáveis para ambos, visto que muitos Mehináku me relataram que não gostam de segui-las, mas as seguem porque fazem parte de sua cultura. A primeira regra inicia-se logo no dia seguinte ao casamento, quando o marido precisa buscar lenha e oferecê-la à família da noiva, em cuja casa está morando, como uma forma de mostrar hospitalidade e respeito. Gregor (1982) menciona que esta é uma forma do novo marido retribuir aos sogros pela criação da filha que lhe foi entregue como esposa, e esta é, inclusive, uma atitude esperada pelos pais da esposa.

A partir do momento em que o rapaz entrega as lenhas cortadas aos sogros, além das regras de trabalho sobre as quais ele estará subordinado mais intensamente até o

nascimento do primeiro filho, outras regras, envolvendo evocação e restrição de contato, passam também a vigorar. Essas últimas, entretanto, não se tornam mais amenas após o nascimento do primeiro filho, e são bastante respeitadas pelos Mehináku: sogros e genros, bem como noras e sogras, passam não mais a conversar ou interagir entre si, nem a chamar-se pelos seus nomes. Genros, por exemplo, precisam evitar o espaço comum frequentado por seus sogros, tais como as proximidades de suas redes e/ou as rodas de conversas em que estão inseridos. Esta restrição parece ser menos severa com mulheres, sobretudo porque já vi noras e sogras conversando diretamente na aldeia Utawana e, aparentemente, desfrutando da presença umas das outras.

Toda a relação que precisa ser estabelecida entre esses afins é intermediada pela esposa, no caso do marido, e pelo marido, no caso da esposa. Um exemplo prático disso pude presenciar na aldeia Utawana. Na ocasião, estava elicitando dados de um questionário lexical com um falante e, quando lhe pedi que me dissesse como se diria o termo equivalente à tartaruga em sua língua, ele me disse que não poderia dizer, pois era o nome de seu sogro. Esta questão da evocação é complexa em Mehináku, porque muitos dos nomes dos afins são termos para animais, plantas e entidades, que eram comumente usados pelos indígenas antes de seus casamentos. Isto implica, muitas vezes, em esquecimentos, quando um genro acidentalmente profere o nome de seu sogro, por exemplo, o que gera um desconforto evidente. A questão fica ainda mais complexa considerando que, ao longo da vida, os indígenas vão trocando de nomes por razões culturais.

Esta regra de evitação de contato e de evocação de nomes entre afins é um traço bastante interessante da cultura Mehináku, que revela como as hierarquias sociais, mesmo que não vistas de forma direta na aldeia, são reveladas por nuances culturais que englobam toda a comunidade. Quando um afim precisa referir-se a outro, eles geralmente utilizam de estratégias pragmáticas do tipo: marido de fulano, esposa de cicrano, mãe da minha esposa, ou ainda certas piadas de cunho às vezes ofensivo, que são feitas de forma muito discreta e interna sobretudo entre os jovens recém-casados.

Não há só ônus, entretanto, entre as relações parentais de afinidade. Em geral, uma vez comprometido com a família de sua esposa, o marido também passa a ser respeitado e protegido por seus sogros e irmão e irmãs de sua esposa, em casos de acusação de feitiçaria, roubo ou traição (embora esta última possa causar também problemas sérios entre eles).

Sobre o casamento exogâmico, este é particularmente desafiador para o homem que decide se casar com uma mulher de outra etnia, pois ele precisa assumir uma série de tarefas além daquelas que assumiria caso se casasse em sua aldeia natal. Em geral, embora o casamento com indígenas de etnias do Alto Xingu possa causar certo ciúme entre as primas cruzadas da aldeia deste homem, que idealmente seriam candidatas a sua esposa, ele não é visto como algo ruim para os Mehináku. O casamento com não-indígenas, por outro lado, é visto como desrespeitoso, sobretudo quando o branco não tem sequer relações de amizade com a comunidade, podendo ocasionar rupturas de vínculos familiares entre filhos e pais e vergonha perante a comunidade.

No caso do casamento de um homem Mehináku com uma mulher de outra etnia, este jovem precisa estar preparado para provar, caso se mude para a comunidade de sua esposa, que está à altura de ser seu marido. Isto inclui suportar uma série de “brincadeiras”, impostas pelos enciumados ex-pretendentes da aldeia natal de sua esposa, que descontentes por ter perdido uma de suas possíveis esposas, aplica-lhe penas azucrinantes, como derrubá-lo da rede enquanto dorme, fazer piadas com seu nome, incluí-lo nas mais diversas canções jocosas, roubar seus peixes, derrubar sua água, dentre outros castigos, segundo relatou-me Kauruma Mehináku, casado com uma indígena Aweti. Além disso, em alguns casos, o homem precisa provar-se guerreiro, lutando com todos os homens dispostos da aldeia de sua esposa. No cotidiano, ainda precisa ajudar em todas as atividades comunitárias, sem hesitação, incluindo pescar, participar dos mutirões de construção de casas, e sempre se mostrar humilde e respeitoso frente aos indígenas da comunidade. Um homem casado com uma mulher de outra etnia só pode voltar a sua comunidade de origem quando os pais de sua esposa falecerem ou quando seus filhos já estiverem adultos, se assim ele ainda quiser.

1.3. Perfil sociolinguístico

Como é unânime na literatura linguística, o Xingu é um território de intenso multilinguismo. Apesar, todavia, do contato entre os Mehináku e os diferentes povos xinguanos ao longo dos séculos, este povo mantém certa uniformidade linguística, não sendo possível afirmar que haja, de forma homogênea, interferência direta de nenhuma outra língua indígena ou do português nas comunidades. Salvo os compartilhados linguísticos que deram origem ao Mehináku falado atualmente, a língua deste povo se

mantém resistente a mudanças oriundas do contato, mesmo com o português, que está cada vez mais presente na comunidade dada a inserção de celulares, rádios e televisores.

Todas as pessoas da aldeia, crianças e adultos, desde que Mehináku, falam sua língua materna, com exceção de duas famílias que vivem no Posto de Vigilância Kurisevo, na aldeia Utawana, cuja língua familiar adotada foi a materna, respectivamente Kuikuro e Kamayurá. De acordo com Aweti (2014, p. 64):

Os Mehináku aprendem sua língua no convívio familiar e, conforme o avanço da idade, mudam de ambiente de aprendizagem, vão ouvir as narrativas míticas contadas pelo avô ou pela avó, depois vão para o ambiente coletivo, no ritual, atividade praticada pelo adolescente em reclusão. Esta é a fase preparatória para a vida adulta, onde são aconselhados com tipos de discursos educativos. Essa aprendizagem da língua Mehináku é para possibilitar o aprendiz a falar e expressar o conhecimento Mehináku em várias circunstâncias. No caso do canto sagrado, trata-se de canto do pajé, exclusivo deste, pois a música vem do mito ou do espírito. Assim o discurso sagrado é usado para recepcionar waká (mensageiro) e o convidado do kayumai (kuarup), ou para convidar as outras etnias a participarem de um ritual, seguindo as formas de orações.

Do ponto de vista de suas relações sociais com indígenas de diferentes etnias e com não-indígenas, os Mehináku consideram as etnias do Alto Xingu, dadas as semelhanças em termos de cultura material, espiritual e linguísticas de que compartilham, como os *putaka*, que em Mehináku significa ‘aldeia’, o que remete para ao fato de considerá-los como parentes próximos. Os indígenas que vivem nas demais localidades do Xingu, como no baixo, médio e na porção leste do território, são denominados *waxayu* ‘selvagens’. Aos não-indígenas brasileiros, é atribuído o termo *kaxaiipa*, enquanto os não-indígenas de outros países são chamados de *kaxaiipakumã*. Além disso, grande parte da comunidade Mehináku não escolarizada não reconhece a existência de outros grupos Arawak, atribuindo a similaridade entre as línguas, sobretudo entre o Wauja, que eles consideram como ‘nossos outros’, mas também ao Yawalapiti, a questões mitológicas, como o mito de criação do mundo e do povo Mehináku (cf. §1.2.1).

Em virtude dos casamentos interétnicos, a língua Mehináku é também falada ou compreendida em outras comunidades xinguanas, como entre os Wauja, Yawalapiti, Nahukwa e Kuikuro, e também é falada na cidade de Gaúcha do Norte, sobretudo porque alguns indígenas Mehináku vivem nesta cidade. Esta língua não está, ainda, em competição com o português, uma vez que cada idioma é utilizado em um domínio da vida social dos falantes. O Mehináku é a língua familiar, enquanto o português tem se

tornando uma espécie de língua franca tanto no Xingu quanto fora dele, uma vez que os indígenas mais jovens, geralmente bilíngues em sua língua nativa e português, utilizam esta última para tratar de assuntos que envolvam a gestão de seus territórios e a venda de artesanatos e afins, durante suas incursões à sociedade não-indígena.

O número de falantes bilíngues tem aumentado consideravelmente nos últimos anos entre os Mehináku, não apenas pela introdução de aparelhos tecnológicos que eles passaram a utilizar nas aldeias a partir da chegada dos geradores que propiciaram algumas horas diárias de energia elétrica, mas também por conta da introdução das escolas e dos postos de saúde nas comunidades, que levaram às aldeias profissionais não-indígenas. Na escola municipal de Utawana, por exemplo, as aulas são ministradas somente em português, de modo que o ensino escrito da língua Mehináku fica reservado à escola indígena, estadual, que conta com três professores indígenas Mehináku, são eles: Kauruma, Meyeke e Etsiri, que geralmente ensinam tópicos aleatórios a respeito de sua língua. A respeito da introdução das escolas nas comunidades, Aweti (2014, p. 65) menciona:

“[...] importância de implantação de escola nesta comunidade Mehináku, como relata a Penuan Mehináku (30), se deu quando o cacique Iumuin Mehináku aconselhava os pais das crianças e jovens sobre a importância dos filhos estudarem para que soubessem defender a sua terra quando essa fosse tomada pelos brancos que chegariam à sua região. Ela conta que o estímulo se dava através de exibição de documentário de alguma etnia do Brasil que mostrava a sua terra sendo tomada e as mulheres sendo estupradas, mutiladas, justamente pela falta de saber falar o português para se defender dos brancos. Na escolha dos estudantes então os de sexo masculino eram ideais para estudar e, no segundo plano, as meninas, com intuito de que fossem capazes de se não entregarem ao branco ou moreno, dizendo a eles com quem devem se casar. Assim se construiu o conceito da escola como produtor de falantes de língua portuguesa e de defensores de direitos”.

Se, por um lado, a função da escola em sua concepção era a salvaguarda da cultura Mehináku frente aos temores que a presença não-indígena cada vez mais constante despertava, sua função hoje não se resume a isto. Muitos Mehináku, sobretudo os mais jovens, têm visto a escola como ferramenta de acesso e inserção na cultura não-indígena, e como uma importante forma de ajudar as suas comunidades. Parece ser um desejo comum, entre os indígenas mais escolarizados, se formar nas escolas indígenas e alcançar as universidades, para que possam no futuro trabalhar em suas comunidades tradicionais, exercendo profissões como enfermeiro, professor, médico, técnico de enfermagem,

linguista e algumas outras. Um exemplo desse processo pude presenciar nos últimos dois anos, em que auxiliei alguns indígenas Mehináku no acesso ao vestibular indígena da Unicamp. A formação escolar tem auxiliado os indígenas também na garantia de alguns direitos fundamentais: atualmente, há dois vereadores Mehináku na cidade de Gaúcha do Norte, eleitos pelas comunidades como esperança de atendimento às suas demandas sociais.

Em meu último trabalho de campo, realizei um mapeamento do perfil sociolinguístico dos indígenas das quatro aldeias Mehináku. No total, contabilizei, com ajuda dos falantes Waxamani, Kauruma e Assalu Mehináku, 326 indígenas vivendo nessas comunidades. Todos esses falantes são fluentes em Mehináku, e alguns apresentam diferentes níveis de aquisição/aprendizado de outras línguas, como em português ou outras línguas xinguanas. Os homens jovens e adultos geralmente são os que mais falam e compreendem português, em virtude de suas idas à cidade para a venda de artesanatos. As demais línguas indígenas faladas ou compreendidas pelos Mehináku são em geral aprendidas em contexto de casamentos interétnicos.

Na tabela abaixo, apresento algumas informações a respeito do perfil dos indígenas, divididas em três variantes:

- (i) **Sexo**, que compreende masculino (M) e feminino (F);
- (ii) **Idade**, que compreende quatro estágios de vida aproximados, levantando em consideração os parâmetros estabelecidos pelos próprios indígenas: criança (entre o nascimento e até antes de menstruar, para as meninas, ou de começar a ter relações sexuais, para os meninos), moça/moço (até antes do casamento ou de ter filhos), adulto (compreende grande parte da vida das pessoas até aproximadamente uns 50 anos), velho (após uns 50 anos)⁶;
- (iii) **Nível de proficiência em língua portuguesa**, que compreende duas subvariáveis: compreende e fala pouco (CFP) e compreende e fala bem (CFB). Embora seja difícil determinar o nível de aquisição de uma língua, por CFP estou considerando as situações em que os falantes conseguem compreender razoavelmente o que está sendo dito e também conseguem

⁶ A definição da variável de idade é muito relativa e, sob a ótica da definição indígena, não há como fazer um recorte preciso, sobretudo porque muitos indígenas não sabem quantos anos têm exatamente ou mesmo têm documentos pessoais que comprovem sua idade. Há um caso na aldeia, por exemplo, em que um filho tem uma idade mais avançada que seu próprio pai no documento de identidade.

responder a algumas informações básicas em português; por CFB estou considerando as situações em que os indígenas compreendem bem o que está sendo dito e conseguem responder fluentemente nesta língua, ainda que com acentuados desvios do que se poderia considerar como norma culta de uma língua, no caso do Português. As crianças não estão sendo consideradas nesta contagem, porque embora a maioria delas tenha acesso à língua portuguesa na escola, não é possível determinar se elas falam essa língua, embora seja possível dizer que compreendam, já que conseguem interagir na escola. Nos demais contextos de situação comunicativa diária, essas crianças tendem a falar Mehináku, com exceção das crianças filhas de pais de diferentes etnias, que falam bem as línguas de seus pais.

A apresentação das informações na tabela abaixo segue a divisão das aldeias e das casas destas aldeias, e os nomes dos indígenas, que em alguns casos não segue o padrão silábico da língua, está escrito da forma como eles foram registrados ou são conhecidos/se autodenominam. É importante pontuar, também, que este levantamento, embora seja o primeiro do tipo a apresentar um panorama geral sobre o número aproximado de indígenas das quatro comunidades, não tem valor diacrônico, por duas razões principais: primeiramente, porque o nível de bilinguismo está em constante mudança, então é possível que falantes que atualmente compreendem ou falam pouco uma língua possam, daqui um ano ou dois, estarem falando bem, como pude notar em minhas viagens de campo ao longo dos últimos 4 anos. O segundo motivo pelo qual este levantamento tem valor sincrônico tem a ver com a tradição xinguanas de mudança de nomes. É comum entre os povos dessa região a transferência de nomes entre pais e suas gerações descendentes. Assim, é possível que, daqui a alguns anos, as pessoas cujos nomes foram apresentados nessa tabela tenham mudado de nome, ficando sua referência aqui deslocada da atual referência a essas pessoas na aldeia. Novos levantamentos precisam ser feitos regularmente para se manter atualizadas as informações apresentadas neste levantamento.

Outro tópico que preciso destacar sobre esta pesquisa tem a ver com a noção de autorreconhecimento. Vivem entre os Mehináku indígenas de outras etnias, sobretudo etnias xinguanas, como Wauja, Nahukwa, Kuikuro e Kamayurá. Não estou considerando, nesta pesquisa, esses indígenas como parte da comunidade Mehináku. Os filhos dessas

peças, entretanto, desde que um dos pais seja Mehináku, estão sendo considerados como Mehináku e seus nomes e informações aparecem na tabela a seguir.

Finalmente, é importante destacar que este trata-se de um levantamento parcial sobre a situação sociolinguística do povo Mehináku, uma vez que não fiz trabalho de campo em todas as aldeias para checar, precisamente, as informações que meus colaboradores de pesquisa me forneceram. Um levantamento mais acurado precisa ser feito, a fim de refinar e confirmar/refutar as informações que aqui apresento:

Aldeia Uyaipiyuku				
Casa 1				
	Nome	Sexo	Estágio de vida	Proficiência em português
1	Mayukuti	M	Adulto	Português (CFB),
2	Haiká	F	Criança	-
3	Apaitxu	M	Criança	-
4	Tumuniki	F	Criança	-
Casa 2				
5	Uleitawana	M	Adulto	Português (CFP)
6	Kapihi	F	Adulta	Português (CFP)
7	Tatu	M	Criança	-
8	Kaitxa	F	Criança	-
9	Iumuhi	M	Velho	Português (CFB)
10	Takulalu	F	Velha	Português (CFP)
11	Ayuruwa	M	Adulto	Português (CFP)
12	Metukã	F	Adulta	Não fala português.
13	Mayani	F	Criança	-
14	Aritiani	F	Criança	-
15	Luiza	F	Criança	-
Casa 3				
16	Kemeyã	M	Adulto	Português (CFP)
17	Kamahu	F	Adulta	Português (CFP)
18	Nanã	F	Moça	Português (CFP)
19	Shakira	F	Moça	Português (CFB)
20	Helena	F	Moça	Português (CFB)
21	Minhã	F	Criança	-
22	Tsuruhi	F	Adulta	Português (CFP)
23	Tukuna	M	Adulto	Português (CFP)
Casa 4				
24	Yulupi	M	Adulto	Português (CFP)
25	Mahi	F	Adulta	Português (CFP)
26	Marquinho	M	Moço	Português (CFB)
27	Ukupi	M	Moço	Português (CFP)
28	Itsapi	M	Criança	-
29	Ataruti	F	Criança	-
30	Magda	F	Criança	-
31	Tainana	F	Criança	-
32	Katlea	F	Criança	-

Casa 5				
33	Tape	M	Adulto	Português (CFP)
34	Akuku	F	Adulta	Português (CFP)
35	Mônica	F	Criança	-
36	Geno	M	Moço	Português (CFB)
37	Emílio	F	Criança	-
38	Paulo	M	Criança	-
39	Danilo	M	Criança	-
Casa 6				
40	Karua	M	Adulto	Português (CFP)
41	Kamiru	F	Adulta	Português (CFP)
42	Yamarü	M	Criança	-
43	Nicki	M	Criança	-
44	Nicka	F	Criança	-
Casa 7				
45	Mitxuxu	M	Adulto	Português (CFP)
46	Alama	F	Velha	Não fala português
Casa 8				
47	Karin	M	Adulto	Português (CFB)
48	Yumuitsu	F	Adulta	Português (CFP)
49	Bento	M	Criança	-
50	Kawila	F	Criança	-
51	Kauã	M	Criança	-
52	Kanayu	F	Criança	-
53	Pehi	M	Moço	Português (CFP)
54	Maitxe	F	Moça	Português (CFP)
55	Wala	F	Velha	Não fala português
56	Üpulatari	M	Criança	-
Casa 9				
57	Letão	M	Adulto	Português (CFB)
58	Yahita	F	Adulta	Português (CFP)
59	Christiane	F	Moça	Português (CFP)
60	Walaku	M	Criança	-
61	Kaxatxu	F	Adulta	Português (CFP)
62	Kumeti	F	Criança	-
Casa 10				
63	Uyai	M	Adulto	Português (CFP)
64	Karuwapu	F	Adulta	Português (CFP)
65	Arika	F	Moça	Português (CFP)
66	Tapa	M	Moço	Português (CFP)
67	Tamakapü	M	Moço	Português (CFP)
68	Yalakia	M	Moço	Português (CFP)
69	Itsuni	M	Criança	-
70	Yaluha	F	Criança	-
Casa 11				
71	Kamalure	M	Adulto	Português (CFB)
72	Kaparu	F	Adulta	Não fala português
73	Yanunu	M	Moço	Português (CFB)
74	Arruda	F	Moça	Português (CFB)
75	Fernanda	F	Criança	-
Casa 12				
76	Karanai	M	Adulto	Português (CFB)
77	Pitsalu	F	Adulta	Português (CFP)

78	Ahira	M	Moço	Português (CFB)
79	Itxuhó	M	Moço	Português (CFB)
80	Kariyaku	M	Moço	Português (CFB)
81	Ayanama	M	Moço	Português (CFB)
82	Arratua	M	Moço	Português (CFB)
83	Maninho	F	Velha	Não fala português
84	Yanunu	M	Velho	Português (CFP)
Casa 13				
85	Paritá	M	Velho	Não fala português
86	Kaiti	F	Velha	Não fala português
87	Autu	M	Adulto	Português (CFP)
88	Iruka	M	Moço	Português (CFP)
89	Karapüta	M	Adulto	Português (CFP)
90	Kayuna	M	Adulto	Português (CFP)
91	Hikaru	F	Adulta	Português (CFB)
92	Atatüpe	M	Criança	-
93	Arouka	M	Adulto	Português (CFB)
94	Yumekexu	F	Adulta	Português (CFP)
95	Diego	M	Criança	-
96	Breno	M	Criança	-
97	Karina	F	Moça	Português (CFP)
Casa 14				
98	Kumayu	M	Adulto	Português (CFB)
99	Ulawalu	F	Adulta	Português (CFP)
100	Karaum	F	Moça	Português (CFP)
101	Auma	F	Moça	Português (CFP)
102	Tariyalu	F	Moça	Português (CFP)
103	Maire	F	Moça	Português (CFP)
104	Amanã	F	Moça	Português (CFP)
105	Amarika	M	Moço	Português (CFB)
106	Kaupü	M	Moço	Português (CFB)
107	Pakayãla	F	Criança	-
Casa 15				
108	Kretchu	F	Adulta	Português (CFB)
109	Etsiri	M	Adulto	Português (CFB)
110	Mirely	F	Criança	-
Aldeia Utawana				
Casa 1				
111	Tukuyari	M	Velho	Português (CFP)
112	Mukura	F	Velha	Não fala português
113	Wayeru	F	Moça	Português (CFB)
114	Wapitsewe	M	Moço	Português (CFB)
115	Matsirapá	M	Adulto	Português (CFB)
116	Kutsarapu	M	Adulto	Português (CFB)
117	Pulatü	F	Adulta	Português (CFB)
118	Kumatsí	M	Velho	Não fala português
119	Ukutawa	M	Criança	- ⁷

⁷ Ukutawa é uma criança, de aproximadamente 9 anos, com deficiência intelectual (Síndrome de Down). Até minha última visita a Utawana, ele não falava nenhuma língua fluentemente, incluindo o próprio

120	Kuta	F	Criança	-
121	Tukuyari	M	Criança	-
Casa 2				
122	Makalu	F	Velha	Não fala português
123	Eyuhí	F	Adulta	Português (CFB)
124	Kauruma	M	Adulto	Português (CFB)
125	Yamiku	M	Adulto	Português (CFB)
126	Afai	M	Adulto	Português (CFB)
127	Lino	M	Moço	Português (CFB)
128	Murikapi	M	Adulto	Português (CFB)
129	Tuku	M	Moço	Português (CFB)
130	Eyuhí	F	Criança	-
131	Awayurupai	M	Criança	-
132	Kauruma	M	Criança	-
Casa 3				
133	Ahula	M	Velho	Português (CFP)
134	Yuwalu	F	Velha	Português (CFP)
135	Meyeke	M	Adulto	Português (CFB)
136	Maianu	M	Moço	Português (CFB)
137	Alua	F	Moça	Português (CFP)
138	Apu	F	Moça	Português (CFP)
139	Yahu	M	Adulto	Português (CFB)
140	Tepuri	F	Adulta	Português (CFB)
141	Vivian	F	Criança	-
142	Paulinha	F	Criança	-
143	Kuhã	M	Moço	Português (CFB)
144	Betania	F	Criança	-
145	Daniel	M	Criança	-
146	Layani	F	Criança	-
147	Sofia	F	Adulta	Português (CFB)
148	Eiku	M	Criança	-
149	Yawaitxe	M	Adulto	Português (CFB)
Casa 4				
150	Kanalakatü	M	Adulto	Português (CFB)
151	Ayupe	F	Adulta	Português (CFB)
152	Tamari	M	Criança	-
153	Taxama	F	Criança	-
154	Muritawã	M	Criança	-
155	Anakuai	M	Criança	-
156	Samilla	F	Criança	-
Casa 5				
157	Kapulupi	M	Velho	Português (CFP)
158	Taxama	F	Velha	Não fala português
159	Kuyupé	F	Moça	Português (CFP)
160	Carlos	M	Moço	Português (CFB)
161	Maciel	M	Criança	-
162	Daniela	F	Criança	-
Casa 6				
163	Ayalahá	M	Adulto	Português (CFB)

Mehináku. Por falta de tratamento adequado, ele infelizmente sabe dizer apenas algumas palavras na língua, sobretudo vocativos (mama, papa). Acredito, entretanto, que ele compreenda Mehináku, porque ele responde muito bem aos comandos da sua mãe, Mukura.

164	Katūwai	F	Adulta	Português (CFB)
165	Maiki	M	Moço	Português (CFB)
166	Michel	M	Moço	Português (CFB)
167	Silvana	F	Criança	-
Casa 7				
168	Kataya	M	Adulto	Português (CFB)
169	Kamaikiakalu	F	Adulta	Português (CFP)
170	Kuatapa	F	Adulta	Português (CFB)
171	Kamili	F	Moça	Português (CFB)
172	Sandra	F	Moça	Português (CFB)
173	Tamasu	M	Criança	-
174	Bela	F	Criança	-
175	Marília	F	Criança	-
176	Edna	F	Criança	-
177	Apaxa	F	Adulta	Português (CFB)
178	Teteko	M	Adulto	Português (CFB)
179	Katarina	F	Criança	-
180	Kari	F	Criança	-
181	Yutá	M	Velho	Português (CFB)
Casa 8				
182	Kuiarapi	M	Adulto	Português (CFB)
183	Yakupelu	F	Adulta	Não fala português
184	Fábio	M	Moço	Português (CFB)
185	Luan	M	Moço	Português (CFB)
186	Sumuyã	F	Criança	-
187	Amalia	F	Criança	-
188	Elisana	F	Criança	-
189	Caçula	F	Criança	-
Casa 9				
190	Paitxumã	M	Velho	Português (CFP)
191	Hiyalu	F	Velha	Não fala português
192	Kaitoti	F	Adulta	Português (CFB)
193	Iepe	M	Adulto	Português (CFB)
194	Erina	M	Adulto	Português (CFB)
195	Oseias	M	Adulto	Português (CFB)
196	Tie	M	Criança	-
Casa 10				
197	Mapü	M	Adulto	Português (CFB)
198	Kuru	M	Criança	-
199	Aninha	F	Criança	-
Casa 11				
200	Anapatü	M	Velho	Português (CFB)
201	Kurimatá	F	Velha	Não fala português
202	Kanapü	M	Moço	Português (CFB)
203	Kuyeto	F	Moça	Português (CFB)
204	Atsupé	F	Moça	Português (CFB)
205	Punhotsy	M	Adulto	Português (CFB)
206	Tawapu	M	Criança	-
207	Wayanina	F	Criança	-
208	Mawila	F	Criança	-
209	Yulupé	M	Criança	-
210	Anapatü	M	Criança	-
211	Ulupukuma	M	Adulto	Português (CFB)

CTL Kurisevo (Posto de Vigilância PIV)				
Casa 1				
212	Assalu	M	Velho	Português (CFB), Kuikuro (CFP)
213	Tauahu	M	Adulto	Português (CFB), Kuikuro (CFB)
214	Mahipia	M	Adulto	Português (CFB), Kuikuro (CFB)
215	Maitxati	M	Moço	Português (CFB), Kuikuro (CFB)
216	Trayu	M	Moço	Português (CFB), Kuikuro (CFB)
217	Meky	M	Moço	Português (CFB), Kuikuro (CFB)
218	Emiliane	F	Moça	Português (CFB), Kuikuro (CFB), Mehináku (CFP)
219	Kuyapare	M	Moço	Português (CFB), Kuikuro (CFB), Mehináku (CFB)
220	Mapa	M	Criança	-
221	Manan	F	Criança	-
222	Amawakulu	F	Adulta	Português (CFP), Aweti (CFB), Mehináku (CFP)
223	Mawira	F	Criança	-
224	Yakairu	F	Criança	-
225	Taruru	F	Criança	-
226	Atarun	F	Criança	-
Casa 2				
227	Tamalui	M	Adulto	Português (CFB)
228	Alahu	M	Moço	Português (CFB)
229	Yawat	M	Adulto	Português (CFB)
230	Kahala	F	Adulta	Português (CFB)
231	Ayue	F	Adulta	Português (CFB)
232	Alaweru	F	Adulta	Português (CFB)
233	Yahu	M	Adulto	Português (CFB)
234	Maipu	M	Adulto	Português (CFB)
235	Urutawi	M	Adulto	Português (CFB)
236	Yakualu	F	Criança	-
237	Tamalui	M	Criança	-
238	Kaluma	F	Adulta	Português (CFB)
239	Kayana	F	Adulta	Português (CFB)
240	Katayaku	F	Adulta	Português (CFB)
241	Arutsap	M	Adulto	Português (CFB)
242	Kaitsu	F	Adulta	Português (CFB)
243	Tamalui	M	Criança	-
244	Kamu	M	Adulto	Português (CFB)
245	Apairumã	F	Criança	-
246	Yuhan	M	Adulto	Português (CFB)
247	Kainá	F	Criança	-
248	Manihin	F	Criança	-
Aldeia Aturua				
Casa 1				
249	Munai	M	Velho	Português (CFP),
250	Aritse	F	Velha	Não fala português
251	Kanuwaku	F	Adulta	Português (CFP)
252	Kutaria	M	Moço	Português (CFP)

253	Karari	M	Moço	Português (CFP)
254	Reki	M	Moço	Português (CFP)
255	Aris	M	Moço	Português (CFP)
256	Kamiha	F	Moça	Português (CFP)
Casa 2				
257	Raul	M	Velho	Português (CFP)
258	Marli	F	Velha	Não fala português
259	Kuxumapu	M	Moço	Português (CFP)
260	Tsawira	F	Moça	Português (CFP)
261	Noeli	F	Moça	Português (CFP)
262	Pedro	M	Criança	-
263	Bebeto	M	Criança	-
264	Mikael	M	Criança	-
265	Tsulupe	M	Adulto	Português (CFP)
Aldeia Kaupūna				
Casa 1				
266	Yahati	M	Velho	Português (CFP)
267	Kautá	M	Adulto	Português (CFB)
268	Waxamani	M	Adulto	Português (CFB)
269	Kawiru	F	Moça	Português (CFB)
270	Ariana	F	Moça	Português (CFB)
271	Makuai	F	Adulta	Português (CFB)
272	Kani	M	Criança	-
273	Yaruru	M	Adulto	Português (CFB)
274	Talu	M	Criança	-
275	Tsukuyuti	F	Adulta	Português (CFP)
276	Kupalu	F	Criança	-
277	Hugo	M	Criança	-
Casa 2				
278	Makaukala	M	Adulto	Português (CFB)
279	Penuan	F	Adulta	Português (CFP)
280	Kayanaku	F	Adulta	Português (CFB)
281	Aluari	M	Moço	Português (CFB)
282	Amaka	M	Moço	Português (CFB)
283	Tapuyu	M	Criança	-
Casa 3				
284	Ciucarte	M	Adulto	Português (CFB)
285	Pakuyura	F	Adulta	Português (CFP)
286	Maritawa	M	Adulto	Português (CFB)
287	Takula	M	Adulto	Português (CFB)
288	Erei	F	Moça	Português (CFB)
289	Priscila	F	Moça	Português (CFB)
290	Nando	M	Criança	-
291	Ademar	M	Criança	-
292	Tapula	M	Adulto	Português (CFB)
Casa 4				
293	Kulikynda	M	Adulto	Português (CFB)
294	Keyeriri	M	Criança	-
295	Kamirapiralu	F	Criança	-
296	Talakuai	M	Criança	-
Casa 5				

297	Mayawari	M	Adulto	Português (CFB)
298	Lili	F	Adulta	Português (CFB)
299	Kuna	F	Criança	-
Casa 6				
300	Yatapi	M	Adulto	Português (CFB)
301	Yamanipalu	F	Adulta	Português (CFP)
302	Surui Dudu	M	Criança	-
303	Alapi Artur	M	Criança	-
304	Yawaki	M	Moço	Português (CFP)
305	Prawantsi	M	Moço	Português (CFB)
306	Kawakanamu	M	Velho	Português (CFP)
307	Uheku	F	Velha	Português (CFP)
308	Samira	F	Criança	-
Casa 7				
309	Uruhu	M	Adulto	Português (CFP)
310	Apaipualu	F	Adulta	Português (CFP)
311	Itxuna	M	Moço	Português (CFP)
312	Matamata	M	Criança	-
313	Yatsima	F	Moça	Português (CFP)
314	Atapana	F	Moça	Português (CFB)
315	Maitsa	F	Moça	Português (CFB)
316	Ipiehükumalu	F	Moça	Português (CFB)
Casa 8				
317	Tamayuwa	M	Adulto	Português (CFB)
318	Kuyawiru	F	Moça	Português (CFB)
319	Mirau	M	Criança	-
320	Chake/Jaque	F	Criança	-
321	Maraisa	F	Criança	-
322	Mayara	F	Criança	-
Cidade de Canarana (MT)				
Casa 1				
323	Kaintoron	F	Velha	Português (CFP)
324	Awahü	F	Adulta	Português (CFB)
325	Eye	F	Adulta	Português (CFB)
326	Ipy	M	Adulto	Português (CFB)

Tabela 1. Perfil sociolinguístico do povo Mehináku

A partir dos dados apresentados acima, algumas generalizações podem ser feitas. A primeira tem a ver com a relação entre sexo e idade. Dos 326 indígenas Mehináku apresentados no levantamento, 154 são do sexo feminino, enquanto 172 são do sexo masculino. Do total de indígenas do sexo feminino, 59 delas são crianças, 34 são moças, 47 são adultas e 15 são velhas. Dos 172 indígenas do sexo masculino, por sua vez, 49 são crianças, 42 são moços, 65 são adultos e 15 são velhos, conforme sintetizo no gráfico:

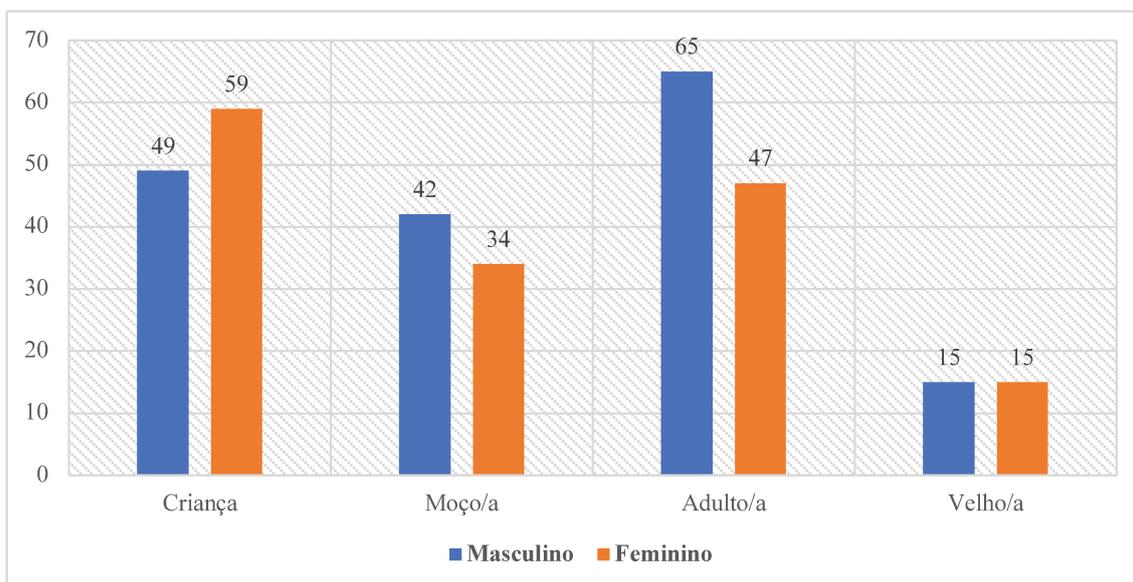


Gráfico 1. Variante sexo x idade dos Mehináku

Outra generalização que poderia ser feita está relacionada com o nível de proficiência em português dos Mehináku *versus* suas diferentes faixas de idade e sexo. Excluídas as crianças, que totalizam 108 pessoas, tem-se um total de 218 pessoas, que podem ser analisadas levando em consideração estas variantes. Das 218 pessoas restantes, 122 delas são do sexo masculino, e 96 do sexo feminino. O número maior de indígenas do sexo masculino que tem algum nível de proficiência em português se deve, dentre alguns fatores, ao fato dos homens frequentarem mais as cidades do que as mulheres, porque são eles quem saem das aldeias para a venda dos artesanatos nas cidades próximas das aldeias ou mesmo longe delas, como São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro.

Divididos os 122 falantes do sexo masculino entre as subvariantes CFP, CFB e aqueles que não falam português, tem-se o seguinte resultado: dentre aqueles que CFP, 13 são moços, 14 são adultos e 8 são velhos (35, no total); dentre aqueles que CFB, 30 são moços, 50 são adultos e 5 são velhos (85, no total), e, dentre aqueles que não compreendem nem falam português, 2 são velhos (2, no total). O gráfico abaixo resume essas informações:

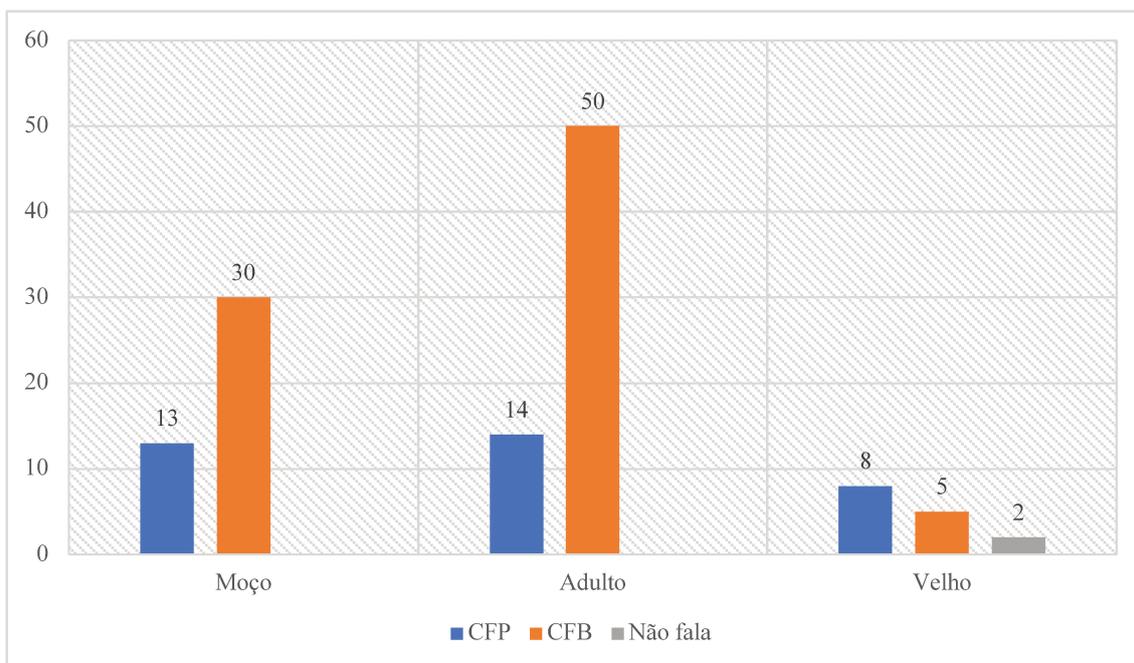


Gráfico 2. Variante nível de proficiência em português x idade dos homens Mehináku

Este gráfico evidencia que há diferenças bastante consideráveis entre homens moços e adultos em relação ao nível de proficiência em português. No caso dos adultos, por exemplo, menos de 1/3 compreende pouco esta língua, o que destaca o nível cada vez mais alto de proficiência em português dos falantes Mehináku do sexo masculino. O nível de proficiência é menos acentuado apenas entre falantes mais velhos do sexo masculino, que a propósito é a única categoria em que se é possível encontrar indígenas que não falam ou compreendem português.

Em relação às falantes do sexo feminino, divididas as 96 mulheres entre as subvariantes CFP, CFB e não fala nem compreende português, tem-se o seguinte resultado: dentre aquelas que CFP, 17 são moças, 21 são adultas e 4 são velhas (42, no total); dentre aquelas que CFB, 17 são moças, 23 são adultas e não há falantes velhas que compreendam ou falem bem português (40, no total); e dentre aquelas que não falam ou compreendem português, 3 são adultas e 11 são velhas (14, no total), conforme ilustra o gráfico abaixo:

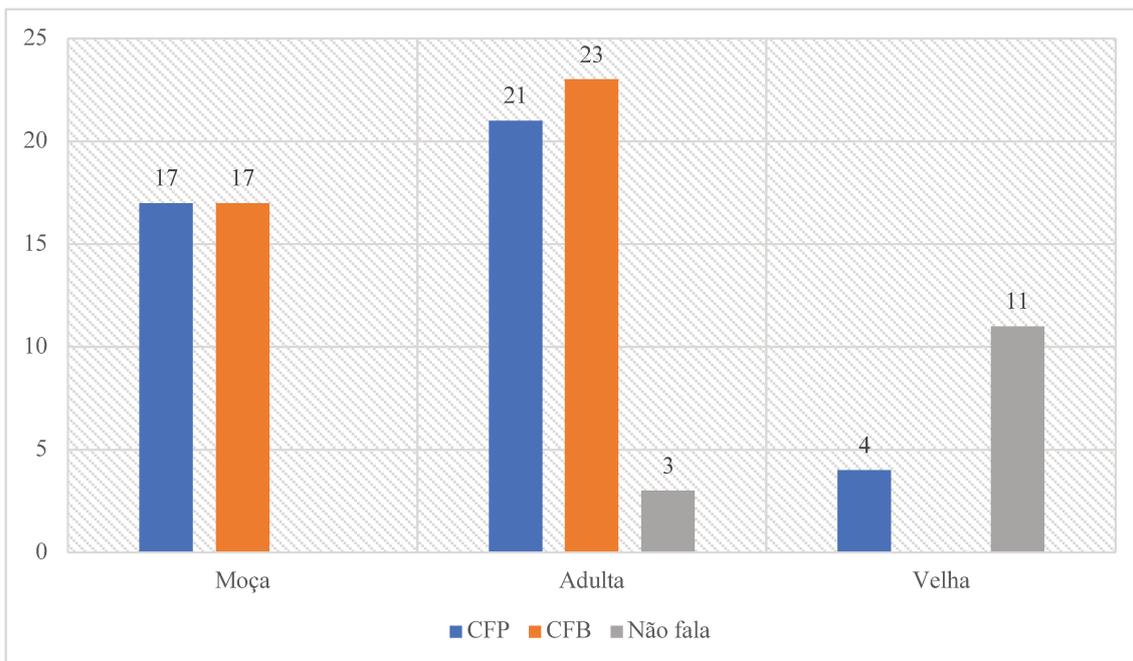


Gráfico 3. Variante nível de proficiência em português x idade das mulheres Mehináku

Note que a diferença que há para os homens adultos e moços em termos de nível de bilinguismo Mehináku-Português não se evidencia para as mulheres, em que tanto o número de moças quanto o de adultas que CFP ou CFB português é bastante próximo. Outra diferença que se pode notar em relação aos sexos tem a ver com a categoria das pessoas que não falam português. Enquanto entre os homens esta era uma categoria restrita aos indivíduos mais velhos, entre as mulheres é possível encontrar, além de um elevado número de falantes velhas, também falantes adultas que não falam ou compreendem português. Além disso, enquanto entre os homens velhos há indígenas que falam e compreendem bem português, não há falantes mulheres neste nível de proficiência.

Juntos, os dois gráficos acima evidenciam que, dentre os falantes que CFB, mais que o dobro é do sexo masculino, totalizando 85 indígenas, contra apenas 40 mulheres que CFB o português. A comparação também evidencia percentuais mais equilibrados em relação ao nível de proficiência de mulheres, do que aquele dos homens. Dos 122 homens, 85 deles, como já mencionei, CFB português, enquanto apenas 35 CFP esta língua. Essa diferença não é tão acentuada entre as mulheres. Do total de 96 mulheres, 40 CFB enquanto 42 CFP português. Em relação às pessoas que não compreendem ou falam a língua, os percentuais se invertem, haja vista que há 14 mulheres nesta posição, contra apenas 2 homens. Resumo essas informações no gráfico abaixo:

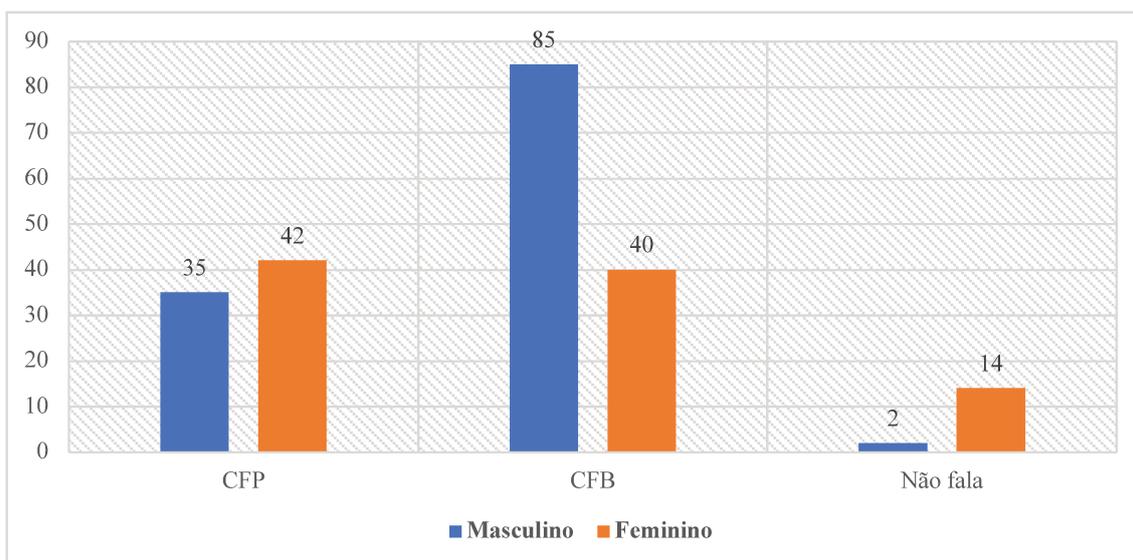


Gráfico 4. Nível de proficiência em português de mulheres e homens Mehináku

Em termos de nível de proficiência em português por aldeias (não estou considerando as quatro pessoas que moram em Canarama), e excluindo as crianças, que não entram nessa contagem (108 pessoas)⁸, tem-se 214 pessoas em algum nível de bilinguismo em Mehináku-Português. Deste total, na aldeia Uyaiyuku há 43 pessoas que compreendem ou falam pouco português, 24 que compreendem ou falam bem e 7 que não falam português (74, no total). Na aldeia Utawana há 10 pessoas que compreendem ou falam pouco português, 71 que compreendem ou falam bem e 7 que não falam português (88, no total). Em Aturua, há 12 pessoas que compreendem ou falam pouco português e 2 que não falam português (14, no total). Em Kaüpuna, por sua vez, há 12 pessoas que compreendem ou falam pouco português e 26 que compreendem ou falam bem (38, no total), conforme gráfico abaixo:

⁸ O total de crianças em cada aldeia é o seguinte: Uyaiyuku: 36; Utawana: 50; Aturua: 3 e Kaüpuna: 19 (108, no total).

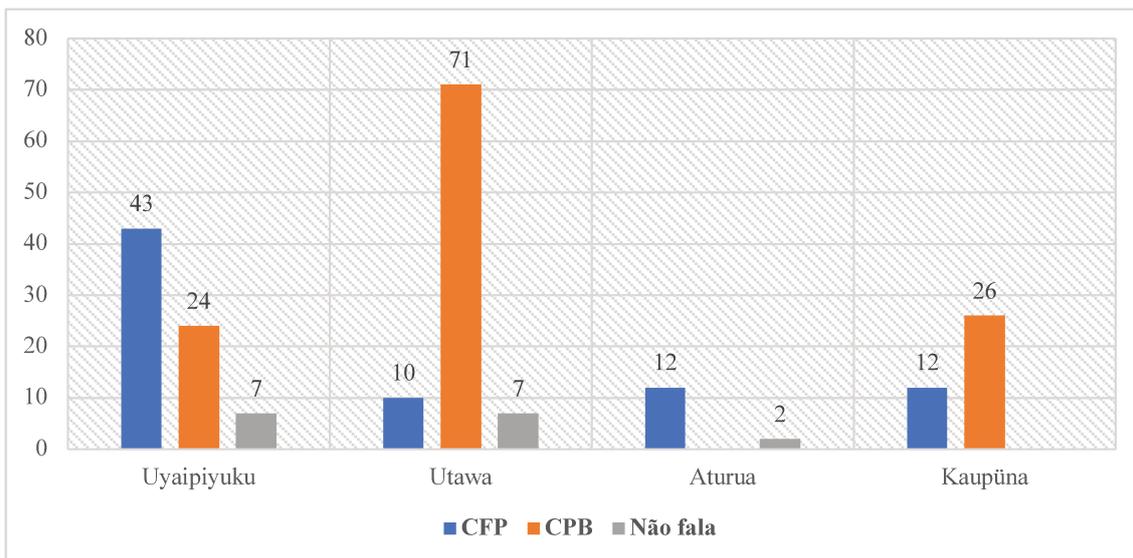


Gráfico 5. Nível de proficiência em português entre as aldeias Mehináku.

Tomando como base os dados do gráfico acima, fica evidente que as aldeias Kaupüna e Utawana são aquelas em que vive o maior número de falantes de português, considerando-se o número de pessoas que moram nessas aldeias. Com exceção das crianças para todas elas, todos os falantes de Kaupüna falam ou compreendem pouco ou bem português, enquanto a grande maioria dos Mehináku de Utawana compreendem e falam bem português. Uyaipiyuku e Aturua se mantêm como as mais conservadoras em termos de influência do português, sobretudo em virtude de suas posições geográficas: ambas se mantêm mais distante do perímetro urbano. Não há em Aturua, por exemplo, indígenas que falam ou compreendem bem português, enquanto em Uyaipiyuku o número de falantes que compreendem e falam pouco, ou não falam nem compreendem português, é o dobro daqueles que compreendem ou falam bem essa língua.

É importante destacar, também, que embora este levantamento tenha apresentado apenas a relação do povo Mehináku com a língua portuguesa, ele não encerra em si, ou sequer é representativo, das situações de bili e multilinguismo deste povo. Como todos os demais povos que convivem no Xingu, os Mehináku fazem parte de um amplo complexo de povos que falam ou compreendem uma variedade grande de outras línguas, sobretudo xinguanas, além de suas línguas maternas. Grande parte dos Mehináku, por exemplo, compreendem com bastante facilidade a língua Wauja, dada a proximidade genética entre esta língua e o Mehináku, e boa parte da comunidade ainda compreende e fala outras línguas, dentre as quais destacam-se o Nahukwa, o Kuikuro, o Aweti e o Kamayurá, introduzidas na comunidade sobretudo via casamentos interétnicos.

Embora em geral os Mehináku prefiram se casar com povos que eles consideram *putaka*, com aqueles falantes de línguas Arawak xinguanas, o caso do PIV Kurisevo, que destaquei na tabela ao deixar, além do português, as demais línguas que essas pessoas falam, evidencia como a situação de multilinguismo vai além desta questão. Vivem nesse posto dois irmãos Mehináku, Assalu e Tamaluí, casados com mulheres Kuikuro, e cujos filhos adotaram como primeira língua o idioma de suas mães. Embora o Mehináku seja também falado por eles, o Kuikuro é a língua familiar, diferentemente do que ocorre nas demais famílias Mehináku, em que o Mehináku tem sido adotado como língua materna.

1.4. Filiação genética

A língua Mehináku pertence à família Arawak⁹. Esta família, também conhecida como Aruák, é a maior família linguística da América do Sul, tanto em número de línguas conhecidas quanto em relação à disposição das línguas afiliadas no continente (PAYNE, 1991; AIKHENVALD, 2001; RAMIREZ, 2001). Os povos falantes das línguas dessa família estão distribuídos nos quatro extremos do continente, englobando países como Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru, Brasil, Bolívia, Belize, Honduras, Guatemala e Nicarágua.

As pesquisas a respeito das línguas Arawak não são concordes em reconhecer um número total exato de línguas vivas e já extintas desta família, de modo que os números variam entre 60 (AIKHENVALD, 1999), 89 (NOBLE, 1965), 122 (MASON, 1950) e 154 (LOUKOTKA, 1968) idiomas. Segundo Aikhenvald (1999), esta variação considerável no número de línguas que comporiam a família se deve ao fato de um único nome ter sido atribuído a várias línguas distintas ao longo do tempo. Um exemplo, de acordo com a autora, é o etnônimo “Baniwa”, que é utilizado indiscriminadamente para se referir tanto ao povo Baniwa do Içana (também conhecida como Kurripako), quanto aos Baniwa do Guainía, povos falantes de duas línguas completamente distintas (AIKHENVALD, 1999, p. 65). Especificamente a respeito das línguas Arawak ainda vivas, Aikhenvald (1999) estima um número aproximado de 40 línguas para a família.

⁹ Sigo Aikhenvald (1999, p. 73) ao me referir a esta família como “Arawak”, ao invés de “Arawakan”, como também pode ser referenciada na literatura. Utilizo o primeiro termo porque, além de ser mais conhecido entre linguistas e antropólogos americanos, o último tem sido associado a um possível agrupamento especulativo que incluiria as línguas Arawak como um subgrupo (DIXON; AIKHENVALD, 1999, p. 14).

O pioneiro na identificação desta família foi o missionário italiano Filippo Salvatore Gilij (1782), que a denominou de Maipure ou Maipurán, em referência à língua que usou como base para suas comparações linguísticas, falada pelo povo de mesmo nome com o qual trabalhou nos lhanos venezuelanos (JOLKESKY, 2004). Algumas décadas depois, Steinen (1886) e Brinton (1891) passaram a chamar de família Arawak este grupo de línguas.

As primeiras classificações e tentativas de reorganização das línguas da família estavam predominantemente baseadas em critérios geográficos, comparativos ou arqueológicos (STEINEN, 1886; GOEJE, 1928; MASON, 1950; SHAFER, 1959; NOBLE, 1965; LOUKOTKA, 1968; MATTESON, 1972; TOVAR, 1986; VALENTI, 1986; OLIVER, 1989; e outros). Goeje (1928), por exemplo, em sua descrição gramatical do Lokono, comparou um conjunto de 151 cognatos em 67 línguas Arawak, enquanto Shafer (1959) foi o primeiro a apresentar uma possível reconstrução do sistema consonantal do proto-Maipure. Steinen (1886) propôs a primeira subdivisão das línguas desta família, agrupando-as em *Nu-Arawak* e *Ta-Arawak*, em referência à forma do prefixo pronominal de primeira pessoa do singular nessas línguas: *mu-*, para as línguas do primeiro grupo, e *ta-* para as do segundo. O Mehináku, juntamente com as demais duas línguas Arawak xinguanas, Wauja e Yawalapiti, pertencem ao primeiro grupo desta proposta.

Estudos posteriores, como os de Taylor (1961; 1977a), Payne (1991), Wise (1990, 1991a, b), Aikhenvald (1999; 2001), Ramirez (2001), Danielsen *et al* (2011), forneceram evidências científicas mais sólidas para a classificação/agrupamento das línguas desta família. Nesta seção, irei apresentar um breve resumo de três dentre estas propostas mais atuais de classificação das línguas da família Arawak, são elas: a de Payne (1991), a de Aikhenvald (1999), e a de Ramirez (2001).

Payne (1991) desenvolveu sua classificação interna das línguas Arawak/Maipure a partir da análise de 203 cognatos utilizando-se do método léxico-estatístico. Observando as línguas de sua amostra, pode determinar alguns aspectos tipológicos das línguas afiliadas, como a morfologia aglutinante, por exemplo. Reproduzo, abaixo, a classificação de Payne (1991, p. 364), em que o Mehináku, juntamente com o Wauja e o Yawalapiti, ainda vivas, e o Custenau (ou Kustenau), já extinto, estão agrupados no subgrupo *Eastern*:

Amuesha (Peru)	North Amazon
Chamicuro (Peru)	Resígaro (Peru)
Eastern	Yucuna-Guarú
Waurá (Brazil)	Yucuna (Colombia)
Mehináku (Brazil)	+ Guarú (Colombia)
Yawalapití (Brazil)	Piapoco group
+ Custenau (Brazil)	Achagua (Colombia)
Parecis-Saraveca	Piapoco (Colombia)
Parecis (Brazil)	+ Amarizana (Colombia)
+ Saraveca (Bolivia, Brazil)	(+?)Tariano (Colombia, Brazil)
Southern	Cabiyarí (Colombia)
Paraná	Carru group
Terêna (Brazil)	Maniba (= Rio Icanna Baniva,
+ Kinikinao (Brazil)	Baniwa, Hohodene, Siusí)
Guaná (Paraguay)	(Brazil, Colombia)
Bauré (Bolivia)	Carutana (= Carru) (Brazil)
Moxo	Curripaco (Colombia, Brazil,
Ignaciano (Bolivia)	Venezuela)
Trinitario (Bolivia)	Ipeka (= Payuliene, Pacu) (Brazil,
Piro-Apurinã	Columbia, Venezuela)
Piro (Peru, Brazil)	Catapolitani (= Moriwene,
Apurinã (Brazil)	Mapanai) (Brazil)
(+?)Iñapari (Peru, Bolivia)	Wainumá-Mariaté
Campa	+ Wainumá (Brazil)
Asháninca (Peru)	+ Mariaté (Brazil)
Ashéninca (Peru, Brazil)	+ Anauya (Venezuela)
Caquinte (Peru)	Guarequena-Mandahuaca
Machiguengua (Peru)	Guarequena (Venezuela, Brazil)
Nomatsiguenga (Peru)	Mandahuaca (Venezuela, Brazil)
Wapishana (Guyana, Brazil)	Rio Negro
Palikur	+ Yumana (Brazil)
Palikur (Brazil)	+ Pasé (Brazil)
+ Marawan (Brazil)	+ Cayuishana (Brazil)
Caribbean	Baré group
Garífuna (Belize, Honduras,	+ Marawa (Brazil)
previously Antilles)	Baré (Venezuela, Brazil)
TA-Arawakan	+ Guinau (Venezuela)
Lokono	+ Maipure (Colombia, Venezuela)
Guajiro	Manao group
Guajiro (Colombia, Venezuela)	+ Manao (Brazil)
Paraujano (Colombia, Venezuela)	+ Cariaya (Brazil)
+ Taino (Cuba, Jamaica, Haiti,	+ Waraicú (Brazil)
Dominican Republic,	+ Yabaana (Brazil)
Puerto Rico)	+ Wiriná (Brazil)
+ Shebayo (Trinidad)	+ Shiriana (Brazil)
	+ Aruán (Brazil)
	Baniva-Yavitero
	(+?)Baniva (Brazil, Venezuela)
	+ Yavitero (Venezuela)

Quadro 1. Classificação da família Arawak, proposta por Payne (1991)

A classificação de Aikhenvald (1996; 1999), por sua vez, leva em consideração não apenas critérios comparativos, mas lança mão de dados históricos a respeito das línguas. Sua classificação está fundamentada em comparações fonológicas, e, sobretudo, morfossintáticas, além de ser a primeira a estabelecer uma divisão fundamental entre um grupo de línguas Arawak meridional (do Sul e Sudoeste), mais complexo

morfologicamente, e outro setentrional (do Norte), menos complexo. Em sua classificação, o Mehináku, juntamente com o Wauja e o Yawalapiti, estão inseridos no subgrupo Pareci-Xingu. Vejamos a proposta de Aikhenvald (1999, pp. 67-70):

Arawak do Sul e Sudoeste		Arawak do Norte	
Arawak do Sul	Terena Kinikinau† Guane/Layana† Chane/Izoceno† Baure Moxo ou Ignaciano Moxo: Trinitário Paiconeca† Pauna† Apolista† Enawenê-nawê	Rio Branco	Wapixana Mawayana
		Palikur	Palikur Marawan† Arauan†
		Extremo Norte	Ineri Garifuna
Pareci-Xingu	Waurá Mehináku Yawalapiti Kustenau†	Subgrupo TA- Arawak do Caribe	Lokono Guajiro Anun Taino† Caquetio† Shebayo†
Pareci-Saraveca	Pareci (Haliti) Saraveca†	Norte Amazônico	
Arawak do Sudoeste		Colômbia	Resígaro† Yucuna Achagua Piapoco Cabiyari Maipure†
Piro-Apurina	Piro (Manchineri) Chontaquiro Apurina Iñapari†		
Campa	Ashaninca Asheninca Caquinte Machinguenga Nomatsinguenga Campa Pajonal	Alto do Rio Negro	Baniwa do Içana Tariana Warekena
		Orinoco	Baré Baniwa da Guainia Yavitero† Mandawaka† Yabaana†
Amuesha	Amuesha		
Camicuro	Chamicuro†	Médio Rio Negro	Kaixana Manao Chiriana

Quadro 2. Classificação da família Arawak, proposta por Aikhenvald (1999, destaque meu)

A última das propostas é menos conhecida, mas fornece informações interessantes a respeito das línguas Arawak. Ramirez (2001, p. 1) defende que a população atual Arawak é de mais de 400 mil pessoas, que falam pouco menos de 30 línguas. De acordo com o autor, 50% das línguas Arawak deixaram de ser faladas desde o início da colonização. Na proposta de Ramirez (2001, p. 3), o Mehináku não é considerado como uma língua autônoma. O autor classifica o Mehináku e o Wauja como uma única língua,

diferente das demais propostas, que formaria juntamente com o Yawalapiti e o Pareci-Saraveca a subfamília oriental, no grupo que ele denominou de “Divisão Xingu-Tapajós”:

<p>FAMÍLIA ARAWAK</p> <p>Línguas não classificadas: Amuesha, + Chamicuro.</p> <p>A. SUBFAMÍLIA OCIDENTAL (21 línguas vivas + 18 mortas)</p> <p>I. Divisão Japurá-Colômbia (7 vivas + 5 mortas)</p> <p>Não classificadas: + Yumana, + Passé (2)</p> <p>I.1.1. Piapoco, Achagua (2)</p> <p>I.1.2. Baniwa-Curripaco-Tariano (1)</p> <p>I.1.3. Warekena, + Mandawaka (2)</p> <p>I.1.4. Kabiari (1)</p> <p>I.1.5. Yukuna, + Wainuma-Mariate (2)</p> <p>I.2. + Kauixana (1)</p> <p>I.3. Resígaro (1)</p> <p>II. Divisão Alto Negro (1 viva + 2 mortas)</p> <p>Baré, + Guinau, + Anauyá-Yabahana (3)</p> <p>III. Divisão Alto Orinoco (1 viva, + 2 mortas)</p> <p>III.1. Baniva de Maroa, Yavitero-Pareni (2)</p> <p>III.2. + Maipure (1)</p> <p>IV. Divisão Negro-Roraima (2 vivas + 5 mortas)</p> <p>IV.1. + Aruã (1)</p> <p>IV.2. + Manao, + Wirina, + Bahuana, + Cariaí (4)</p> <p>IV.3. Wapixana-Atorai (1)</p> <p>IV.4. +! Mawayana (1)</p> <p>V. Divisão Juruá-Jutai (2 mortas)</p> <p>V.1. Marawa (1)</p> <p>V.2. Waraiku (1)</p> <p>VI. Divisão Purus-Ucayali (3 vivas)</p> <p>VI.1. Apurinã, Piro-Kuniba-Canamari-Mantineri (2)</p> <p>VI.2. Kampa (1)</p> <p>VII. Divisão Bolívia-Mato Grosso (3 vivas)</p> <p>VII.1. Bauré, Mojo (2)</p> <p>VII.2. Terena-Kinikinao (1)</p> <p>VIII. Divisão Caribe-Venezuela (4 vivas + 2 mortas)</p> <p>VIII.1. Lokono, Island Carib-Garifuna, + Taino, + Caquetio (4)</p> <p>VIII.2. Guahiro, Parauhano (2)</p> <p>B. SUBFAMÍLIA ORIENTAL (4 vivas)</p> <p>IX. Divisão Amapá (1 viva)</p> <p>Palikur-Marawan (1)</p> <p>X. Divisão Xingu-Tapajós (3 vivas)</p> <p>X.1. Waurá-Mehinaku, Yawalapiti (2)</p> <p>X.2. Pareci-Saraveca (1)</p>
--

Quadro 3. Classificação da família Arawak, proposta por Ramirez (2001, destaque meu)

Em síntese, ao compararmos as classificações, é possível perceber que as propostas de Payne e Aikhenvald estão mais próximas entre si, enquanto a classificação de Ramirez se diferencia mais radicalmente, pois propõe que o Mehináku e o Wauja sejam uma única língua, além de ter proposto a divisão Xingu-Tapajós.

Abaixo, forneço um panorama atualizado da população e localização dos povos falantes de línguas Arawak vivas, seguindo a disposição das línguas na proposta de Aikhenvald (1999). Os nomes das línguas, entretanto, foram grafados conforme

convencionalmente usados pelos autores que as descreveram. A população aproximada corresponde ao total estimado de pessoas que são ou se identificam como indígenas, de acordo com o censo de 2010 do IBGE para as línguas faladas no Brasil, e de acordo com a UNESCO (2010) e com os autores que as descreveram, para as línguas faladas em outros países. O número apresentado de falantes de cada língua pode variar para mais ou, mais frequentemente, para menos.

<i>Língua</i>	<i>População</i>	<i>Localização</i>
Arawak do Sul e Sudoeste		
<i>Arawak do Sul</i>		
1. Terena	28.845	Brasil (MS)
2. Kinikinau	213	Brasil (MS)
3. Baure	4.926 (63 falantes)	Bolívia
4. Moxo	32.000	Bolívia
5. Enawenê-nawê	627	Brasil (MT)
<i>Pareci-Xingu</i>		
6. Waurá	439	Brasil (MT)
7. Mehináku	281	Brasil (MT)
8. Yawalapiti	263	Brasil (MT)
<i>Pareci-Saraveca</i>		
9. Pareci-Haliti	2.015	Brasil (MT)
Arawak do Sudoeste		
<i>Piro-Apurina</i>		
10. Piro	825	Brasil (AC)
11. Mashco-Piro	Incerto (isolados)	Peru
12. Apurinã	6.842	Brasil (AC/AM)
13. Iñapari	600	Peru
<i>Campa</i>		
14. Ashaninca	883/ 62.468	Brasil (AC)/Peru
15. Caquinte	250	Peru
16. Machinguenga	13.250 (6.120 falantes)	Peru/Bolívia
17. Nanti	450	Peru
<i>Amuesha</i>		
18. Amuesha	8.000	Peru
<i>Camicuro</i>		
19. Chamicuro	2	Peru
Arawak do Norte		
<i>Rio Branco</i>		
20. Wapixana	10.572 (3.950 falantes)	Brasil (RR)/Venezuela
21. Mawayana	48	Brasil (AM)
<i>Palikur</i>		
22. Palikur	1.228	Brasil (AP)
<i>Subgrupo TA-: Arawak do Caribe</i>		
23. Lokono	1.750/1.000	Guiana/Suriname
24. Guajiro	500.000	Venezuela/Colômbia
25. Añu	20	Venezuela
<i>Norte Amazônico</i>		
<i>Colômbia</i>		
26. Resígaro	2	Brazil
27. Yucuna	1800	Colômbia
28. Achagua	283	Colômbia/Venezuela
29. Piapoco	4.500	Colômbia/Venezuela

30. Kabiari	50	Colômbia
<i>Alto do Rio Negro</i>		
31. Baniwa do Içana ¹⁰	5.478 (3.978 falantes)	Brasil (AM)
32. Tariana	2.432	Brasil (AM)
33. Warekena	595	Brasil (AM)
<i>Orinoco</i>		
34. Baré	11.990	Brasil (AM)

Tabela 2. População aproximada e localização das línguas Arawak

1.5. Perfil linguístico

Nesta seção, apresento um breve panorama a respeito do perfil linguístico da língua Mehináku. Do ponto de vista de sua fonologia, esta língua possui treze fonemas consonantais e 5 fonemas vocálicos, além de processos de palatalização, africção e harmonia vocálica orientados pela presença da vogal alta [i] na sílaba precedente. Não considero que haja em Mehináku nasalidade fonológica, no sentido de que haja oposição entre vogais orais e nasais no sistema da língua. Acredito que a nasalidade fonológica é orientada pela perda de uma nasal em coda, que ao desaparecer deixou vestígios sobre a vogal precedente. A nasalidade fonética em Mehináku é regressiva, atingindo segmentos à esquerda de uma consoante nasal. O acento geralmente não é contrastivo. A estrutura da sílaba é (C)V.

Do ponto de vista morfológico, o Mehináku é uma língua polissintética, núcleo-marcada e aglutinante, como todas as demais línguas Arawak. A morfologia consiste na concatenação de vários morfemas com fronteiras bem definidas. É uma língua predominantemente sufixal, com poucos prefixos. Verbos e nomes pertencem à classe aberta, enquanto pronomes (pessoais, demonstrativos, indefinidos), numerais, advérbios, posposições, interjeições, ideofones e adjetivos são itens de classe fechada. Tanto nomes, quanto verbos e posposições são flexionados por proclíticos pronominais, que atuam como possuidores nominais ou sujeitos. Os nomes ainda portam morfemas de gênero, grau, excessivo, privativo, classificadores, número e estados de existência. O Mehináku também distingue número singular e plural, marcando o nome com o sufixo pluralizador =*nau*, para seres humanos, e -*tipe* e *p̃hi*, para não humanos. Aos verbos são anexados formativos de tempo, aspecto, modo, concordância de objeto.

¹⁰ Embora Rodrigues (1986) tenha considerado as línguas Baniwa e Kurripako como distintas entre si, estamos considerando o Kurripako, cuja população estimada é de 1.290 pessoas (IBGE 2010), como um dialeto do Baniwa do Içana, dado o grau de similaridade fonológica e gramatical entre as duas variantes (Valadares 1993); (Ramirez 2011); (Granadillo 2006); (Souza 2012) e outros.

Em relação à sintaxe, o Mehináku é uma língua de alinhamento predominantemente ativo estativo, uma vez que o significado dos verbos determina que tipo de argumento será tomado. Há uma cisão entre a classe dos verbos intransitivos, que coloca de um lado verbos intransitivos agentivos, não-agentivos e alguns estativos que denotam estados transitórios (Tipo 1), e, de outro, verbos intransitivos estativos que denotam estados permanentes (Tipo 2). Em síntese, o que ocorre em Mehináku é que o Sujeito do primeiro conjunto de verbos intransitivos, qual seja: verbos agentivos, não-agentivos e estativos do tipo 1, quando pronominais, se alinham com o sujeito do verbo transitivo, enquanto o Sujeito do Verbo Intransitivo Estativo do Tipo 2, por sua vez, se relaciona com o Objeto do Verbo Transitivo.

A ordem dos constituintes é relativamente flexível em Mehináku (somente o verbo não pode preceder as demais categorias na sentença), mas a ordem padrão é SVO. As orações complexas incluem: coordenadas adversativas e conjuntivas, expressas por justaposição; alternativas, expressas pela partícula *kala*; conclusivas, expressas por meio da partícula *jukaka*. As orações complexas subordinadas incluem completivas, adverbiais e relativas. As sentenças declarativas são expressas por meio do morfema {=ku}; nas imperativas o verbo não recebe marcação morfológica; interrogativas são assinaladas apenas por entonação.

1.6. Estudos prévios

Não há muitos trabalhos de descrição fonológica ou gramatical da língua Mehináku, bem como de outras línguas Arawak, em geral. Aikhenvald (1999), ao tratar da classificação filogenética das línguas Arawak, reconhece como principal obstáculo para a linguística comparativa e para o subgrupamento interno da família, a ausência de estudos sistemáticos da maioria dessas línguas. Ademais, a vasta extensão geográfica e a complexa diversidade linguística interna da família, tem dificultado o estabelecimento preciso da distinção entre fenômenos areais e correspondentes genéticos, fato crucial na reconstrução morfológica destes idiomas. A este respeito, menciona Rodrigues (1986, p. 66):

“As relações das línguas da família Aruák entre si são ainda pouco conhecidas nos seus detalhes. Embora um grande número dessas línguas esteja sendo estudado, tanto no Brasil como em outros países (Bolívia, Peru, Venezuela), não há ainda bons estudos comparativos para determinar como se relacionam umas com as outras. Essa falta de estudos comparativos afeta, sobretudo, línguas ou grupos de línguas a que se tem atribuído filiação à família Aruák, mas até agora sem a apresentação de evidências claras”.

Os primeiros trabalhos sobre a língua Mehináku e suas línguas irmãs foram aqueles produzidos pelos cientistas alemães Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), Paul Ehrenreich (1855-1914) e Karl von den Steinen (1855-1929). A Martius, que entre 1817 e 1820 percorreu as então colônias portuguesas, Brasil e Grão Pará, deve-se a publicação de trabalhos como *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (MARTIUS, 1863), que reúne 109 línguas (ou dialetos) indígenas brasileiras, enquanto Steinen e Ehrenreich são considerados renovadores da classificação linguística e etnográfica dos povos da América do Sul, em especial Steinen, por conta da publicação da obra “*Entre os aborígenes do Brasil central*”, em que ele propõe uma redistribuição dos povos deste continente em grupos linguísticos, a partir de dados que coletou *in loco*, durante sua estadia nas aldeias. Os trabalhos destes estudiosos, entretanto, embora forneçam informações importantes a respeito dos povos do Xingu, principalmente no que tange aos aspectos etnológico-culturais, não podem ser considerados, do ponto de vista linguístico, descrições acuradas ou consistentes, uma vez que se limitam a apresentar algumas listas de palavras de línguas como o Mehináku, o Yawalapiti e o Wauja.

Por esta razão, considero como trabalhos de fato descritivos sobre a língua Mehináku aqueles produzidos nas últimas três décadas, que incluem: uma dissertação de mestrado sobre aspectos introdutórios da fonologia (SILVA, 1990); uma dissertação sobre a classe dos nomes (AWETI, 2014), e artigos sobre aspectos da fonologia e morfologia (CARVALHO, 2015, 2016a/c; CAMARA-CABRAL *et al.*, 2014; CORBERA MORI, 2005; 2006; 2007; 2008; 2009; 2011; 2012; 2019; DE FELIPE, 2018a/b; 2019).

Silva (1990) trata de alguns aspectos da fonologia, como o inventário fonológico consonantal e vocálico, alguns processos fonológicos e trata também do processo de nasalidade nesta língua, embora de forma bastante preliminar. Em sua análise das vogais nasais, apesar de não discutir os tipos de nasalização, a autora assume que nessa língua há cinco vogais inerentemente nasais, a saber: / ã, õ, õ, õ, ã /. Esta posição, entretanto, é posteriormente rebatida por Corbera Mori (2009), que afirma não ser possível determinar,

pelos dados apresentados pela autora, que haja de fato vogais inerentemente nasais em oposição às vogais orais na língua.

Após Silva, aliás, Corbera Mori (2005; 2006; 2007; 2008; 2009; 2011; 2012; 2019) foi quem mais se dedicou à descrição de aspectos fonológicos e gramaticais da língua Mehináku nos últimos anos. A respeito da fonologia da língua, o autor (2008, 2009, 2011, 2012) reformulou os dados apresentados por Silva, propondo um inventário fonológico completo da língua, com pares mínimos que comprovam a oposição entre os segmentos. Segundo ele, o sistema fonológico da língua é composto por treze fonemas consonantais, que contrastam em sete pontos de articulação: bilabial, alveolar, pós-alveolar, retroflexo, palatal, velar e glotal, como abaixo:

	Bilabial	Alveolar	Pós-alv.	Retrof.	Palatal	Velar	Glotal
Plosiva	/p/	/t/				/k/	
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa				/ʃ/			/h/
Nasal	/m/	/n/					
Lateral		/l/					
Tepe		/r/					
Aprox.	/w/				/j/		

Tabela 3. Inventário consonantal do Mehináku (proposta de Corbera Mori, 2008, p. 64).

Enquanto o inventário fonológico vocálico é composto, segundo o autor, por cinco vogais orais como fonemas em Mehináku, são elas: /i/, /i/, /u/, /e/ e /a/:

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	/i/	/i/	/u/
Média-fechada	/e/		
Aberta		/a/	

Tabela 4. Inventário vocálico do Mehináku (proposta de Corbera Mori, 2008, p. 67).

Corbera Mori também apontou questões relativas à nasalidade das vogais e ao padrão silábico da língua. Para o autor, embora no idioma se encontrem também vogais foneticamente nasalizadas, elas devem ser interpretadas como o espalhamento do traço nasal de uma consoante nasal sem ponto de articulação, pois essa consoante não estaria sendo licenciada para ocupar a posição da coda dentro do Padrão Silábico da língua. Nesse sentido, Corbera Mori (2008, 2009) assume que, em Mehináku, existem

fonologicamente apenas cinco vogais orais e suas correspondentes nasalizadas são derivadas via espalhamento do traço da consoante nasal. Essa interpretação se diferencia, como disse, da assumida por Silva (1990), que reconheceu cinco vogais orais e cinco nasais como fonemas.

Questão interessante ainda em relação à nasalidade, é que Corbera Mori (2009) também defende que a nasalidade seria progressiva nesta língua, de modo que as vogais que são núcleos de sílabas (em negrito) seriam nasalizadas da esquerda para a direita, por influência da nasal no Ataque (em sublinhado), como em [a' mĩnã] ‘frio’ e [ipj'uinĩ'tsai] ‘ovo de tartaruga’, por exemplo. Nesta tese, por sua vez, defendo o contrário: que a nasalidade em Mehináku é regressiva, atingindo os segmentos que precedem a consoante nasal que figura no Ataque da sílaba seguinte, como em [ã' mĩna a] ‘frio’ e [ipj'ũĩni'tsai] ‘ovo de tartaruga’. Minha proposta levou em consideração análises acústicas preliminares e também o fato de outras línguas Arawak xinguanas apresentarem nasalidade regressiva. No entanto, é preciso realizar análises acústicas mais acuradas a respeito desse fenômeno, selecionando um grupo controle de palavras e fazendo novos testes de percepção em ambientes acusticamente controlados, para chegar a uma conclusão mais definitiva a respeito da nasalidade neste idioma.

No que se refere ao padrão silábico, o autor defende que a língua Mehináku exige a configuração (C)V, em que o núcleo silábico é obrigatoriamente preenchido por uma vogal, enquanto o preenchimento do ataque é opcional e a coda nunca é preenchida. Corbera Mori (2008) afirma que o ataque da sílaba, em posição inicial absoluta e interna à palavra, é coberto pelas consoantes oclusivas /p, t, k/, as africadas e fricativas /ts, tʃ, ʃ, h/, as nasais /m, n/, a lateral /l/ e as aproximantes /w, j/. O tepe /r/ apenas ocorre no Ataque da sílaba interna da palavra, mas não em Ataque da sílaba inicial absoluta de palavra. O autor (2008, 2011) ainda trata em seus artigos dos processos de palatalização dos segmentos oclusivos /p/, /k/; nasais /m/, /n/ e aproximante /w/, e da africacão de /t/ em /ts/, que segundo ele seriam engatilhados pela presença da vogal /i/ que ocupa o núcleo da sílaba dos proclíticos pronominais, quando estes são anexados aos nomes formando sintagmas possessivos ou atributivos.

No que tange à morfologia da língua Mehináku, Corbera Mori (2011, 2012) defende que nos nomes não há morfemas específicos de gênero gramatical, sendo que as diferenças são de natureza lexical. Contudo, alguns termos de parentesco recebem sufixos para indicar o masculino e o feminino. Esses sufixos são {-lu ~ -lulu, ~ -ʃu} ‘feminino’ e {-ʃi} ‘masculino’, como se vê nos seguintes dados: *nu-matu'ki-ʃi* ‘sogro’ e *nu-matu'ki-ʃu*

‘sogra’. No que se refere à categoria de número, não há marca morfológica visível para indicar o número singular, mas o plural é marcado pelos sufixos {-nau}, {-tì'pe} e {-pìhi}, como demonstram os exemplos a seguir: *tìneṣu* ‘mulher’, *tìneṣu-nau* ‘mulheres’; *'itsa* ‘canoa’, *'itsa-tì'pe* ‘canoas’.

As formas dos nomes no diminutivo, segundo o autor, se constroem com o morfema {-tâi} e seus alomorfes [~-tsâi ~ -têi], enquanto que para o aumentativo se usa o prefixo {au-}, como nos exemplos: *e'niṣa* ‘homem’, *eniṣa-tâi* ‘homenzinho’; *ki'ri* ‘nariz’, *au-kiri* ‘narigão’. Em relação aos classificadores, a língua Mehináku apresenta diversos morfemas que desempenham esta função, e que denotam as propriedades semânticas de seus referentes. Os classificadores utilizados para denotar referentes líquidos {-ja} e arredondados {-tari}, por exemplo, são apresentados respectivamente a seguir: *inìṣa-ja* ‘sangue’; *pi-tsiu-tari* ‘tua cabeça redonda’.

No que concerne à categoria de posse nominal, Corbera Mori (2001) afirma que o Mehináku estratifica o léxico em nomes alienáveis e inalienáveis e que ambos os tipos de nomes recebem os prefixos pronominais de pessoa/número. Assim, por exemplo, a palavra inalienável *tìwì* ‘cabeça’, quando possuída, será representada como *nu-tìwì* 1SG-cabeça ‘minha cabeça’. Os nomes alienáveis, por seu turno, não são necessariamente possuídos no léxico da língua, contudo, ao se estabelecer uma relação de posse, esse tipo de nome leva os prefixos pronominais de pessoa/número e os sufixos {-la ≈ -le ≈ -ra ≈ -ṣa} que indicam a posse, conforme a palavra *u'ku* ‘flecha’ que, quando possuída, se realiza como *n-u'ku-la* 1SG-flecha-POSS ‘minha flecha’.

Outras questões tratadas pelo autor, incluem: a relação entre morfemas e grafemas entre o Mehináku e o Wauja, a partir da lista de palavras de Steinen (CORBERA MORI, 2006); e, mais recentemente, também uma caracterização da negação padrão em Mehináku, onde mostra que a partícula de negação *aitsa* aparece sempre precedente ao verbo, e também pode portar morfemas indicativos de aspecto gramatical, quando usada em construções atenuativas, de polidez etc. (CORBERA MORI; DO CARMO FERREIRA, 2019). Discussões mais detalhadas desses artigos são realizadas ao longo da tese, quando discuto e apresento dados sobre esses tópicos.

A segunda dissertação de mestrado a apresentar e discutir alguns aspectos gramaticais do Mehináku é Aweti (2014). Embora esta seja uma descrição preliminar da classe dos nomes na língua, é o primeiro e único trabalho realizado, até hoje, por um indígena Mehináku. Nesta pesquisa, Makaulaka Mehinako Aweti tratou de alguns aspectos da morfologia de sua língua, tais como a classe dos nomes e classificadores,

como fez Corbera Mori, e dos demonstrativos, numerais e adjetivos. O autor ainda discorreu, muito brevemente, sobre alguns verbos na língua, categoria não explorada em trabalhos anteriores.

No que tange aos demonstrativos, o autor afirma que a língua apresenta três tipos: um para indicar distância próxima do falante, representado por *izi-hã* ‘este aqui’, outro para indicar uma distância mais ou menos próxima do falante, representado por *ḡené* - ‘esse’ e um último, responsável por indicar algo distante do falante, representado por *ḡa-hã* ~ *ḡã-hã* ‘aquele lá’. No que se refere aos numerais, o Mehináku tem, de acordo com o autor, três palavras básicas para expressar noções de quantidade: *pawitsa* ‘um’, *mipjama* ‘dois’ e *kamajukula* ‘três’. Estas podem se combinar com certos nomes, verbos e posições para formar expressões numerais correspondentes a quantidades crescentes. A palavra correspondente ao número 4 *mipjama-waka* ‘dois e dois’, por exemplo, é formada pela combinação da palavra *mipjama* ‘dois’, com a palavra *-waka* ‘recíproco/existencial’. O mesmo princípio de composição vale para o número 5 *pawitsa-wiḡikũ*, que é formado pela composição de *pawitsa* ‘um’ com *wiḡikũ* ‘mão’, ou seja, ‘uma mão’. Por fim, os adjetivos podem comportar-se de três formas: em função atributiva (forma básica), predicada e nominalizada (tornam-se nomes). Em função atributiva ocorrem justapostos aos nomes que modificam, como em *jamukuh awitsiri* ‘menino bonito’; como predicados, combinam-se com o sufixo estativo *-paj* e são flexionados por prefixos pessoais, como em *nu-katika-paj* 1SG-gelado-EST ‘eu estou gelado’ e, por fim, adjetivos são nominalizados por meio do morfema suprasegmental [-~]: *katiká* ‘gelado’ se transforma em *katikã*, como em *nu-katikã* 1SG-gelado.NOM ‘meu gelado’. Veja Aweti (2014), para outros detalhes.

Carvalho (2015) fornece uma proposta diacrônica para o tratamento da posse nominal em Mehináku. O autor propõe que as formas absolutas dos nomes, que na língua podem ser representadas tanto pela sufixação de {-i} (ex: *te'we-i* dente-ABS ‘dente de alguém’ → *nu-'tewe* 1SG-dente ‘meu dente’), quanto pela mudança na qualidade da vogal (ex: *ma'pi* ‘pele’ → *nu-'mapĩ* ‘minha pele’), ou, ainda, pela mudança na posição acentual (ex: *ki'ri* ‘nariz’ → *nu-'kiri* ‘meu nariz’), são decorrentes de mudanças históricas que transformaram o sufixo absoluto **-fĩ* > *-i*, levando aos seguintes desenvolvimentos¹¹: (i) sufixação de *-i* mais mudança de acento à direita (PA **te'wetfĩ* > *te'wei* ‘dente’; (ii) mudança na qualidade da vogal mais acento à direita (PA **ma'piḡĩ* > PM **ma'pii* > PM

¹¹ PA = Proto-Arawak e PM = Pré-Mehináku (CARVALHO, 2015, p. 128).

*ma'pii > ma'pi 'pele') e (iii) mudança de acento à direita (PA *ki'riŋĩ > PM *ki'rii > ki'ri 'nariz'). O autor também apresenta hipóteses para as formas da posse alienável em Mehináku, que podem ser vistas em seu próprio artigo.

Câmara-Cabral *et al* (2014), a exemplo do que fez Corbera Mori (2005, 2007, 2011), apresenta uma tipologia de classificadores nominais em três línguas indígenas brasileiras, incluindo o Mehináku. Corbera Mori havia identificado oito classificadores em Mehináku, são eles: *-tari* 'esférico redondo'; *-ti* 'semente, forma cilíndrica'; *-pana* 'foliforme'; *-pi* 'linear'; *-já* 'líquido'; *-pe* 'massa'; *-kana* 'côncavo'; e *-ka* 'plano'. Os autores afirmam terem identificado em seu trabalho outros dois, totalizando dez morfemas sufixais classificadores na língua, que classificam referentes de nomes de animais, de objetos e de plantas, e outros referentes, de acordo com as propriedades culturalmente salientes destes, segundo o modo de ver o mundo do povo Mehináku (CÂMARA-CABRAL *et al*, 2014). Não foi possível compreender, entretanto, quais foram exatamente os dois classificadores identificados pelos autores, porque além dos que afirmaram já terem sido apresentados por Corbera Mori, apresentam outros quatro, são eles: *-tapa* 'em forme de cacho'; *-taku* 'superfície plana' (CORBERA MORI, 2011, p. 207); *-pi* 'formato grande e arredondado' e *-mepe* 'amontoadado', um deles já apresentado pelo autor em trabalho anterior.

Os demais trabalhos descritivos a respeito da língua Mehináku são os de De Felipe (2018a/b/c; 2019; 2020a/b), em que apresentei aspectos tanto da fonologia, como o acento, o estatuto das aproximantes na língua e o processo de harmonia vocálica, quanto da morfossintaxe, como uma breve caracterização dos verbos na língua, o sistema numeral, os empréstimos linguísticos e a terminologia de parentesco consanguínea. Estes tópicos podem ser vistos mais detalhadamente neste trabalho, onde são reapresentados.

Fica claro, pelas informações apresentadas acima, que o Mehináku é muito pouco conhecido em termos de descrição gramatical. Não há, por exemplo, nenhum trabalho, publicado no Brasil ou no exterior, que focalize a sintaxe desta língua. Ao descrever os verbos, Aweti (2014, pp. 160-179), aborda muito sucintamente algumas questões como transitividade, intransitividade e alinhamento, mas não as explora mais detalhadamente. Esta tese é o primeiro trabalho a descrever algumas questões sintáticas e dar uma visão mais ampla de vários aspectos fonológicos e gramaticais da língua Mehináku.

A proposta de Moore, Galúcio e Gabas Jr. (2008)¹², que estabelece uma escala para os níveis de descrição linguística das línguas indígenas brasileiras, inclui o Mehináku na classe das línguas de nível 1, haja vista que toda a produção disponível a respeito dessa língua se resume a descrições ou preliminares ou de pontos específicos da fonologia e gramática desta língua. A produção desta tese, todavia, contribuirá para que esta língua seja incluída no nível 2 de descrição linguística, conforme a escala apresentada pelos autores (MOORE, GALÚCIO e GABAS Jr., 2008, p. 8):

Tabela 3: Família Aruák (Maipure)						
Unidade linguística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Apurinã (Ipurinã)		2000-3000?	4087	med	2	
Baniwa do Içana (Kurripako, Kuripako)		maioria	5141 [5000]	alta	3	
Baré		0?	2790	sem	1	!
Kaixána		1	224	sem	0	!
Kámpa (Axíninka)		maioria	813	alta	0	
Kinikinau		poucos	250	sem	1	!
Mawayána		<10	[<10]	sem?	0	!
Mehináku	próx Waurá	todos	199	alta	1	
Palikúr		maioria	918	boa?	1	
Paresí (Arití, Haliti)		1000-1200	1293	boa	1	
Píro	Manitenéri	maioria	937 total	boa	0	
	Maxinéri				0	
Salumã (Enawenê-Nawê)	próx Paresi	todos	320	alta	2	
Tariána	Yurupari-Tapúya (Iyemi)	100	1914	baixa	3	
Teréna (Tereno)			15795	baixa	1	
Wapixána		3000-5000?	6500	varia	1	
Warekéna		20-40	491	baixa?	2	!
Wauja (Waurá)	próx Mehináku	todos	321	alta	2	
Yawalapití		4-8	208	sem	1	!

Quadro 4. Informações atuais sobre as línguas Arawak, conforme Moore, Galúcio e Gabas Jr. (2008)

É importante mencionar, ainda, que embora tenha citado nesta seção a produção linguística a respeito do Mehináku, dado o caráter deste trabalho, alguns trabalhos de viés antropológico merecem pleno reconhecimento, dentre eles destaco: Gregor (1982), cuja

¹² De acordo com os autores, “línguas com pouca ou nenhuma descrição científica significativa são classificadas como 0 em termos de estudos; aquelas com uma dissertação de mestrado ou vários artigos são classificadas como 1; aquelas com um bom esboço geral ou uma tese de doutorado em algum aspecto da língua são classificadas como 2; e aquelas com descrição razoavelmente completa são classificadas como 3” (MOORE, GALÚCIO e GABAS Jr., 2008, p. 5).

obra “*Mehináku: o drama da vida diária em uma aldeia do Alto Xingu*” é inaugural no que se refere à descrição mais ampla da vida social do povo Mehináku; e ainda Costa (1986, 1988, 1997); Galvão (1949; 1950; 1953); Galvão e Simões (1965); Gregor (1963, 1970, 1977, 1988, 1994, 2001) e Medeiros (1993).

1.7. Metodologia da pesquisa

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a coleta de dados de fala natural, realizada durante meus trabalhos de campo entre os anos de 2016 a 2019, e seu subsequente tratamento linguístico, em termos de tradução, transcrição e glosagem. As coletas foram realizadas na aldeia Utawana, em virtude de sua proximidade com a cidade de Gaúcha do Norte, Mato Grosso, o que diminuía os custos de acesso e permanência nessa comunidade. Também realizei coleta de dados nas cidades de Campinas, São Paulo, à ocasião da vinda de alguns indígenas para esta cidade, e na própria cidade de Gaúcha do Norte. Ao total, realizei quatro trabalhos de campo, um em cada ano (2016-2019), quando permaneci na aldeia por cerca de 20 a 30 dias em cada um deles.

De Campinas, demoro cerca de dois dias para chegar à aldeia Utawana, pois o trajeto inclui viagens de ônibus, fretado e barco. Inicialmente, é preciso pegar um ônibus de Campinas (SP) a Goiânia (GO) (cerca de 12h de viagem e mais 9 horas de espera até o próximo ônibus), depois outro ônibus de Goiânia a Canarana (MT) (cerca de 14h de viagem e mais 8 horas de espera até o próximo fretado), e, finalmente, um fretado ou ônibus de Canarana à Gaúcha do Norte (MT). De Gaúcha do Norte é preciso pegar um frete até a margem do rio e depois um barco até a aldeia (cerca de 1 hora, no total). O trajeto é bem acidentado a partir da cidade de Canarana, de modo que, algumas vezes, o ônibus que leva desta cidade à Gaúcha do Norte não funciona, e é preciso pegar um táxi, o que deixa a viagem mais cara.

Toda a comunidade de Utawana, incluindo o cacique Tukuyari que representa a aldeia, autorizou meus trabalhos de campo, tendo também recebido autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP- Unicamp), da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, Brasília), da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e também do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Dentre os membros da comunidade que auxiliaram na pesquisa, cedendo dados, estão os professores indígenas, Kauruma Mehináku e Etsiri Mehináku, bem como outros membros da comunidade com idade entre 15 e 80 anos, incluindo o próprio cacique Tukuyari, sua

esposa Pairumã, sua filha Wayeru, sua irmã Makalu, seu irmão Kuiarapi e outros indígenas que gentilmente me contaram histórias, canções, forneceram dados elicitados e/ou permitiram a gravação de suas falas cotidianas.

A coleta de dados compreendeu duas etapas: (i) a gravação de amostras de fala natural, incluindo histórias, canções, e trechos de diálogos cotidianos e (ii) elicitación lexical e gramatical de dados. A respeito das amostras de fala natural, eu coletei cerca de 20 histórias tradicionais, bem como alguns relatos pessoais dos indígenas. A elicitación foi feita com base em questionários lexicais e para fins específicos de elicitación, conforme sugerido em Samarin (1967), Kibrik (1977), Payne (1997), Vaux e Cooper (1999), Dixon (2007), entre outros. Também levei em conta as sugestões de perguntas incluídas no *The Língua Descriptive Studies Questionnaire* (COMRIE; SMITH, 1977), e nos questionários para estudos tipológicos, disponibilizados pelo Departamento de Linguística do Max Planck Institute (www.eva.mpg.de). Algumas elicitaciones também foram feitas com base em perguntas de pesquisa que foram surgindo ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Para a gravação audiovisual, utilizei a câmera do meu próprio celular, Samsung S8, e dois gravadores: Zoom H4 e Sony ICD-PX240.

Infelizmente, os trabalhos de coleta, tradução e transcrição dos dados coletados não puderam ser feitos de acordo com as práticas mais modernas de descrição e documentação linguística, que consistem em treinar falantes indígenas para o auxílio na pesquisa. Embora o trabalho tenha recebido financiamento da Fapesp (Processo n. 2016/18391-4), os custos para permanência na aldeia, somadas às exigências financeiras que, infelizmente, tem sido cada vez mais comuns no Xingu, inviabilizaram algumas partes da pesquisa. Por exemplo, embora a Fapesp financie as passagens para a ida à campo, o que é uma grande ajuda dado o alto valor dessas passagens, bem como despesas com hotel e comida que são pagos em forma de diárias à pesquisadores, muitos outros itens e serviços, que são essenciais ao trabalho de campo com comunidades indígenas, não podem ser financiados. Exemplos de itens e serviços não financiados, incluem: (i) a compra de materiais como anzol, linha de pesca, vara, rede e miçangas, essenciais ao trabalho de campo porque servem como itens de troca (prática muito comum no Xingu) e (ii) o pagamento dos colaboradores de pesquisa, dentre eles aqueles que auxiliam na tradução dos materiais, que na maioria das vezes preferem receber em dinheiro. A comunidade também exige, a cada entrada na aldeia para realização de trabalho de campo, uma quantia de mil reais, que é utilizada para a compra de materiais ou consertos de equipamentos e veículos da comunidade. A permanência no Xingu em cada trabalho de

campo varia em torno de 5 mil reais, sendo pelo menos 50% desse valor pago com dinheiro próprio.

É importante deixar claro, todavia, que as exigências mencionadas não podem e nem devem, em hipótese alguma, serem entendidas como gananciosas por parte dos indígenas, sobretudo porque todo o valor arrecadado pela comunidade é revertido em benefícios da própria comunidade. Além disso, é mais que justo que os indígenas recebam compensações, sejam elas em forma de dinheiro ou outros objetos de seus interesses, pelo trabalho prestado. Se essas pessoas prestam um serviço, deixando de cumprir com seus afazeres diários para auxiliar na pesquisa, é fundamental que sejam entendidos como trabalhadores, e, portanto, compensados pelo seu tempo de trabalho, como em qualquer outra tratativa. Embora eu tenha priorizado, em meus trabalhos, o uso das trocas como forma de compensação, a fim de não monetizar a relação de trabalho e também como forma de fazer com que a comunidade entenda, como já vem entendendo, o trabalho desenvolvido como um trabalho em conjunto, de cunho também social e cujos benefícios a longo prazo serão também da comunidade, é preciso, algumas vezes, realizar o pagamento em dinheiro, porque há questões caras à comunidade, como a ida a médicos, a dentistas, a compra de gasolina para o gerador e outros, que não podem ser pagos com anzóis, linhas ou itens de troca.

Por conta das dificuldades mencionadas acima, todos os dados coletados foram transcritos e glosados por mim, com o auxílio de alguns indígenas que auxiliaram na tradução. Ao todo, disponho atualmente de cerca de 30 horas de gravação de áudio e vídeo, com cerca de 10 horas traduzidas e 3 horas glosadas. Os dados coletados foram transferidos diariamente para dois discos rígidos para preservar a integridade do material, e tiveram seus metadados organizados usando a data de gravação e as iniciais do primeiro e do último nome do falante que forneceu o dado (Ex: 20.04.19.PM.wav (PM: Pairumã Mehináku)). Em caso de falantes com as mesmas iniciais, nomeei o arquivo coletado com as duas primeiras letras dos seus primeiros nomes. As fotos foram tiradas em formato JPEG e organizadas de acordo com a data e o local (Ex: 20.04.19.rioKurisevo).

Os textos traduzidos e glosados, cujos trechos foram utilizados como exemplos nesta tese, embora tenham sido criados usando seus metadados, como nome da história, canção ou relato a que se referem e o formato (Exemplo: 20.04.19.PM.kukühü.text (em que kukühü ‘espécie de inseto’ é o nome da história), são apresentados na tese apenas pelo nome. Os trechos usados na tese foram retirados de um conjunto de materiais, que são divididos em três categorias: (i) histórias tradicionais, gravadas com diferentes

falantes, e que contam aspectos da cosmologia Mehináku, como histórias de animais e plantas com características humanas; (ii) relatos pessoais, que são trechos de relatos de falantes sobre experiências vividas, como por exemplo: relatos sobre como se tornou professor, sobre a menstruação, sobre o processo de luto, etc; (iii) e anotações de campo, que incluem dados não gravados, mas que foram ouvidos em situação de fala natural e anotados por mim, durante os trabalhos de campo.

As tabelas abaixo resumem os materiais utilizados na tese, em termos dos itens (i) e (ii). Nelas, apresento a data em que os dados foram gravados, o nome do falante que cedeu o dado, o nome da história/retrato e sobre o que tratam. Ao todo, são 14 histórias e 08 relatos. Estes materiais estão também disponíveis no *Archive of the Indigenous Languages of Latin America*, da Universidade do Texas em Austin, onde fiz parte do doutorado.

Histórias				
	Data	Falante	Nome da História	Tema da história
01	03/04/19	Mukura	Kuamutü	História do espírito Kuamutü e de como ele criou o mundo
02	03/04/19	Mukura	Ukalu 'tatu'	História do tatu que não conseguiu transar com a mulher
03	04/04/19	Mukura	Yanumaka Yalaki 'onça preta'	História da onça preta que mora no fundo do rio
04	04/04/19	Mukura	Katutukalu 'sapo'	História do casal que criou o sapo como se fosse filho
05	05/04/19	Mukura	Ipiu 'tracajá'	História do tracajá grande que tentavam matar
06	05/04/19	Mukura	Itxuna 'timbó'	História do timbó que se transformou em mulher
07	05/04/19	Mukura	Alapü 'aguapé'	História do aguapé que se transformou em mulher e produziu pimenta e sal
08	07/04/19	Mukura	Xepeku 'buriti'	História do buriti que se transformou em mulher
09	07/04/19	Mukura	Ui 'cobra'	História da cobra que tem duas cabeças
10	08/04/19	Mukura	Walamã 'sucuri'	História do homem que se transformou em sucuri
11	08/04/19	Mukura	Atulaitsaki 'traição'	História da mulher que traiu o marido e depois teve o cabelo cortado e queimado por ele
12	09/04/19	Mukura	Alua 'morcego'	História do morcego que sai de dentro da vagina da sogra
13	10/04/19	Kurimatá	Itxuna 'timbó'	História do timbó que se transformou em mulher e, ao lavar o cabelo, atordoou os peixes
14	10/04/19	Kurimatá	Wayuku 'cipó'	História da mulher que se apaixonou pelo cipó

Tabela 5. Lista de histórias utilizadas na pesquisa

Relatos				
	Data	Falante	Nome do relato	Tema do relato
01	01/04/19	Atsupé	Ihimiyakatü 'tempestade'	Relata o dia em que uma tempestade passou pela aldeia e destruiu casas
02	01/04/19	Kauruma	Ekexete 'professor'	Relata como se tornou professor
03	01/04/19	Atsupé	Kamaitšüpüxü 'luto'	Relata como se dá o processo de morte e luto
04	01/04/19	Kauruma	Kamaitšüpüxü 'luto'	Relata como se dá o processo de morte e luto
05	02/04/19	Makalu	Kanupai 'casamento'	Relata quando conheceu o marido e se casou com ele
06	02/04/19	Atsupé	Kamuxü 'namoro'	Relata como é o processo de namoro, antes do casamento
07	02/04/19	Atsupé	Yumekexu 'menstruação'	Relata o que ocorre depois que a menina menstrua pela primeira vez
08	03/04/19	Makalu	mama itsitxa natuwiku 'minha mãe me abandonou'	Relata quando sua mãe a deixou sozinha com os irmãos em outra aldeia

Tabela 6. Lista de relatos utilizados na pesquisa

As anotações de campo, item (iii), são nomeadas como AC (anotações de campo), e os dados de elicitación não são nomeados/identificados. Os dados elicitados incluem questionários para coleta de construções com verbos, nomes, adjetivos, advérbios, posições e outros, com base nos questionários apresentados anteriormente, e também em outros criados por mim à ocasião da necessidade do trabalho de campo. Apliquei também outros dois questionários lexicais organizados por campo semântico, desenvolvidos por Ramirez (s/d) e Corbera Mori (s/d).

A descrição do Mehináku é teoricamente fundamentada na “teoria linguística básica” (DRYER, 2001, 2006; DIXON 2009, 2012), e minhas análises estão baseadas em meus dados originais, especialmente textos, e em dados de autores como Corbera Mori (2005; 2006; 2007; 2008; 2009; 2011; 2012; 2019), Awetí (2014), a quem recorro quando quero apresentar discussões já realizadas sobre determinados fenômenos. Além disso, esta tese é orientada por uma abordagem funcional-tipológica e por discussões sobre fenômenos particulares na literatura linguística geral (a exemplo de COMRIE, 1989; DRYER, 2006; DIXON, 2009; GIVÓN, 2001; MIESTAMO, 2007; PALMER, 1986) e sobre as línguas Arawak em particular (AIKHENVALD, 1994, 1996, 1999, 2001, 2002, 2012, 2018, 2019; PAYNE, 1991; RAMIREZ, 2001), para citar alguns.

2

Fonologia

Neste capítulo, apresento os principais aspectos da fonologia Mehináku. Em §2.1, apresento as consoantes, os processos fonológicos, como palatalização, africacão e vozeamento, além dos fones em variação livre. Em §2.2, apresento as vogais do Mehináku, os processos fonológicos envolvendo vogais, como harmonia vocálica, degeminação, ditongação e elisão, bem como os fones vocálicos em variação livre. Em §2.3, trato dos glides e de suas interpretações consonantal e vocálica. Em §2.4, apresento o contexto de ocorrência dos fonemas consonantais e vocálicos. Em §2.5, mostro a estrutura silábica, os padrões silábicos mais comuns, as restrições fonotáticas e os processos de ressilabificação. Em §2.6, trato da nasalização fonética e fonológica. Em §2.7, trato do acento e, finalmente, em §2.8, apresento as convenções ortográficas da língua Mehináku.

2.1. Consoantes

2.1.1. Fones consonantais

Há 25 fones consonantais em Mehináku. Do ponto de vista de seus modos de articulação, esses segmentos podem ser: oclusivos, africados, fricativos, nasais, laterais, tepe ou aproximantes. Os pontos de articulação que dividem esses segmentos são: labial, alveolar, pós-alveolar, retroflexo, palatal, velar e glotal, conforme abaixo:

	Labial	Alveol.	Pós-alv.	Retrof.	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p p ^j p ^h b	t t ^h d				k k ^j k ^h g	
Africadas		ts	tʃ				
Fricativas			ʃ	ʂ ʐ			h
Nasais	m m ^j	n			ɲ		
Lateral		l					
Tepe		r					
Aproxim.	w				j		

Tabela 7. Inventário fonético consonantal da língua Mehináku

Dos 25 fones encontrados, 13 são fonemas distintos, pois estão em oposição dentro do sistema da língua, são eles: /p/, /t/, /k/, /ts/, /tʃ/, /ʃ/, /h/, /m/, /n/, /l/, /r/, /w/ e /j/; 5 (cinco) são resultado de processos morfofonológicos, são eles: [pʰ], [kʰ], [ɲ], [mʲ] e [z]; e 7 (sete) estão em variação livre, a saber: [pʰ], [tʰ], [kʰ] e [ʃ], [b], [d] e [g].

2.1.2. Fonemas consonantais

No que se refere ao primeiro grupo, o dos fonemas, o inventário fonológico consonantal da língua Mehináku é composto, como mencionado, por 13 fonemas. Estes, por sua vez, contrastam em sete pontos de articulação: o contraste das oclusivas ocorre nos pontos labial, alveolar e velar, para /p/, /t/ e /k/, respectivamente; o contraste das africadas se dá nos pontos alveolar e pós-alveolar, para /ts/ e /tʃ/; o das fricativas nos pontos retroflexo /ʃ/ e glotal /h/; as nasais nos pontos labial /m/ e alveolar /n/; as líquidas contrastam nos modos lateral /l/ e tepe /r/; e as aproximantes, por seu turno, contrastam nos pontos labial /w/ e palatal /j/, conforme abaixo:

	Labial	Alveolar	Pós-alv.	Retroflexo	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p	t				k	
Africadas		ts	tʃ				
Fricativas				ʃ			h
Nasais	m	n					
Lateral		l					
Tepe		r					
Aproximante	w				j		

Tabela 8. Inventário fonológico consonantal da língua Mehináku

Embora haja poucos pares mínimos em Mehináku e muitos dos pares análogos apresentem diferenças consideráveis entre si, apresento, a seguir, alguns exemplos de pares de palavras em contraste, a fim de evidenciar o caráter fonológico desses segmentos, dado pela oposição dos fonemas no sistema da língua. Alguns desses segmentos, como /p/ e /t/, e outros, por exemplo, são apresentados somente para que se veja o contraste em ambiente análogo, uma vez que, do ponto de vista fonológico, não é relevante contrastar segmentos que não têm semelhança fonética.

(1) Contraste entre /p/ e /t/:

/p/		/t/	
[nu'pẽne]	‘parente’	[e'tẽne]	‘remo’
[nelele'pei]	‘estou chorando’	[etẽne'tẽĩ]	‘remo pequeno’
[apapã'jẽĩ]	‘bichos’	[ata'pĩna]	‘armadilha de peixe’

(2) Contraste entre /p/ e /k/:

/p/		/k/	
[nuta'pizu]	‘primogênito’	[nũmatu'kizu]	‘sogro’
[nitsu'palu]	‘filha’	[nutuka'kalu]	‘irmã mais velha’
[pi'tsãna]	‘tua asa’	[kitsa'pai]	‘pé’ (NPOSS)

(3) Contraste entre /p/ e /m/:

/p/		/m/	
[pa'pa]	‘pai’	[mã'ma]	‘mãe’
[pa'lawa]	‘órfão’	[mala'kepe]	‘massa ralada’
[pa'lawa]	‘órfão’	[mãma'lawa]	‘acabou’

(4) Contraste entre /p/ e /w/:

/p/		/w/	
[paka]	‘cará’	[wa'kala]	‘garça’
[pi'hiki]	‘assado de mutum’	[wi'kiki]	‘copaíba’
[na'pi]	‘osso’ (NPOSS)	[kãna'wi]	‘cana de açúcar’

(5) Contraste entre /m/ e /n/:

/m/		/n/	
[ma'pi]	‘pele’ (NPOSS)	[na'pi]	‘osso’ (NPOSS)
[atã'mai]	‘embira’	[uwalã'nai]	‘isca’
[kãmi]	‘sol’	[ũni]	‘chuva’

(6) Contraste entre /m/ e /w/:

/m/		/w/	
[tẽme]	‘anta’	[i'tewe]	‘dente dele’
[mapa]	‘mel’	[wa'papa]	‘mergulhão’
[kãmi]	‘sol’	[i'wi]	‘afiado’

(7) Contraste entre /t/ e /k/:

/t/		/k/	
[wa'tapa]	‘pombo’	[wa'kala]	‘tuiuú’
[a'lata]	‘panela (EMPR)’	[ã'maka]	‘rede’
[nu'tãĩ]	‘filho’	[a'kãĩ]	‘pequi’

(8) Contraste entre /t/ e /ts/:

/t/		/ts/	
[pu'ti]	‘perna’ (NPOSS)	[a'tsi]	‘avó’
[a'tu]	‘avó’	[a'tsi]	‘avó’
[nẽhĩ'ti]	‘carne’	[ĩ'wĩtsi]	‘coração (NPOSS)’

(9) Contraste entre /t/ e /tʃ/:

/t/		/tʃ/	
[tẽmu'kai]	‘poeira’	[tʃe'tui]	‘joelho’ (NPOSS)
[uta'wãna]	‘córrego’	[tʃa'waka]	‘ontem’
[ti'wi]	‘cabeça’ (NPOSS)	[ẽnu'tʃitʃa]	‘trovão’

(10) Contraste entre /t/ e /n/:

/t/		/n/	
['ata]	‘árvore’	['ãna]	‘pilão’
[nuta'pizɔ]	‘irmão mais velho’	[nũ'napi]	‘minhas costas’
[nu'tãĩ]	‘meu filho’	[nũ'nãĩ]	‘minha roupa’

(11) Contraste entre /t/ e /l/:

/t/		/l/	
[wa'tãna]	‘flauta’	[walã'mã]	‘sucuri’
['natu]	‘1SG (PRON)’	['palu]	‘lado’
[nu'tai]	‘corda’	[mãhĩtʃu'lai]	‘brinquedo’

(12) Contraste entre /t/ e /r/:

/t/		/r/	
[a'tu]	‘avô’	[arũ'wĩ]	‘arroz’
[natau'kĩ]	‘azarado’	[arau'kũmã]	‘galinha’
[katũpa'lulu]	‘viúva’	[parũ'wĩra]	‘teu arroz’

(13) Contraste entre /ts/ e /tʃ/:

/ts/		/tʃ/	
[i'tsula]	‘martim-pescador’	[itʃu'ti]	‘ânus’ (NPOSS)
[mai'kitsi]	‘grão de milho’	[itʃi'tʃapi]	‘está costurando’
[i'tsei]	‘fogo’	[tʃe'tui]	‘joelho’ (NPOSS)

(14) Contraste entre /ts/ e /ʃ¹/:

/ts/		/ʃ/	
[kitsa'pai]	‘pé’ (NPOSS)	[ĩ'zai]	‘sangue’ (NPOSS)
[itsau'taku]	‘lugar de palmeiras’	[u'zaw]	‘papagaio’ (esp.)
[tsuku'jaku]	‘mulher grávida’	[ʃu'la]	‘lagartixa’

(15) Contraste entre /tʃ/ e /ʃ/:

/tʃ/		/ʃ/	
[tʃa'waka]	‘ontem’	[ʃa'kalu]	‘papagaio’ (esp.)
[i'tʃũna]	‘timbó’	[ĩ'zũte]	‘mosquito’
[heri'tʃa]	‘velho’	[na'tiza]	‘eles/as’

¹ O fonema /ʃ/ se realiza como [z] em contexto intervocálico.

(16) Contraste entre /ʒ/ e /h/:

/ʒ/		/h/	
[he'zɛtɨ]	'amendoim'	[he'hẽ]	'beijuzeira'
[iʒa'kalu]	'piranha preta'	[ihĩ'kũmã]	'peixe estragado'
[ʒa'kalu]	'papagaio'	[ha'uka]	'bebê'

(17) Contraste entre /n/ e /r/:

/n/		/r/	
[wã'nãi]	'braço' (NPOSS)	[arũ'wĩ]	'arroz'
[ẽnũ'naku]	'céu'	[jãmi'ruka]	'relâmpago'
[nu'wĩtu]	'neta'	[arũ'wĩ]	'arroz'

(18) Contraste entre /n/ e /l/:

/n/		/l/	
[ãuna'kĩ]	'história'	[aule'kẽ]	'nossa comida'
[jã'nũnu]	'irmão mais velho'	[ikip'u'lulu]	'besouro'
[mã'na]	'peneira'	[ma'lake]	'raspado'

(19) Contraste entre /l/ e /r/:

/l/		/r/	
[itãnu'lɛ]	'primo dele'	[jawa'nire]	'ararinha'
[walũ]	'caramujo'	[arũ'wĩ]	'arroz'
[walũ]	'caramujo'	[weru'ja]	'amarelo'

Esse inventário fonológico pode, ainda, ser resumido em termos de classes naturais de segmentos, a partir do agrupamento das oclusivas e fricativas à classe das obstruintes e das nasais e aproximantes à classe das soantes, conforme é possível ver na tabela a seguir. É possível verificar que em Mehináku as obstruintes [-soante] estão em oposição pelos traços de continuidade e vozeamento, enquanto as soantes estão em contraste pelos traços de continuidade e nasalidade:

			labial	coronal		dorsal	laringal
				[+ant]	[-ant]		
[-soante]	[-cont]	[+met.inst]	p	t		k	
		[+met.ret]		ts	tʃ		
	[+cont]			ʒ		h	
[+soante]	[-cont]	[+nasal]	m	n			
		[-lateral]	w	r	j		
	[+cont]	[+lateral]		l			

Tabela 9. Inventário fonológico consonantal do Mehináku (classes maiores).

2.1.3. Processos morfofonológicos envolvendo consoantes

Nesta seção, trato dos processos morfofonológicos que atingem consoantes em Mehináku. Três processos de assimilação modificam as consoantes na língua: a (i) palatalização das oclusivas /p/ e /k/, das nasais /m/ e /n/ e da aproximante /w/; a (ii) africacão de /t/ e o (iii) vozeamento da fricativa retroflexa /ʒ/ em contexto intervocálico. Na tabela abaixo apresento um resumo desses processos, que são mais bem detalhados nas subseções seguintes:

Processo de assimilação	Representação Fonológica	Representação Fonética	Contexto de ocorrência
Palatalização	/p/	[pʲ]	[i] __. (com exceção do contexto intervocálico [i] __[i], que bloqueia a palatalização das obstruintes e nasais)
	/k/	[kʲ]	
	/m/	[mʲ]	
	/n/	[nʲ]	
	/w/	[j]	
Africacão	/t/	[ts]	[i] __.
Vozeamento	/ʒ/	[z]	V __ V

Tabela 10. Processos morfofonológicos consonantais em Mehináku

2.1.3.1. Palatalização

O processo de palatalização ocorre em início de palavra e é engatilhado pela presença da vogal anterior /i/, que compõe o núcleo da estrutura (C)V dos proclíticos pronominais de segunda pessoa (singular e plural), quando estes se anexam a estas palavras para formar sintagmas possessivos, construções estativas etc. Os proclíticos pronominais de segunda pessoa que engatilham o processo de palatalização dessas consoantes são {*pi*=}, de segunda pessoa do singular, e {*ji*=}, de segunda pessoa do plural:

(20) Palatalização de /p/ e /k/:

- a. /p/ → [pʲ]/ [i] __
→ [p]/ n.d.a

Exemplos:	/pawa'ka-i/ rosto-NPOSS 'rosto (de alguém)'	/'pahi/ macaco 'macaco'
{nu=} ²	nu=pa'waka 1SG=rosto 'meu rosto'	nu='pahi 1SG=macaco 'meu macaco'
{pi=}	pi=p ^j a'waka 2SG=rosto 'teu rosto'	pi=p ^j ahi 2SG=macaco 'meu macaco'
{ji=}	ji=p ^j a'waka 2PL=rosto 'rosto de vocês'	ji=p ^j ahi 2PL=macaco 'macaco de vocês'

b. /k/ → [tʃ]/ [i] ___
→ [k]/ n.d.a

Exemplos:	/ku'pati/ peixe 'peixe'	/ka'tika/ gelado 'gelado'
{nu=}	nu=ku'pati 1SG=peixe 'meu peixe'	nu=katika='pai 1SG=gelado=IPFV 'estou gelado'
{pi=}	pi=tʃu'pati 2SG=peixe 'teu peixe'	pi=tʃatika='pai 2SG=gelado=IPFV 'você está gelado'
{ji=}	ji=tʃu'pati 2PL=peixe 'peixe de vocês'	ji=tʃatika='pai 2PL=gelado=IPFV 'vocês estão gelados'

O processo de palatalização das obstruintes /p/ e /k/ não se realiza quando a sílaba CV inicial da palavra que sucede o proclítico pronominal contiver como núcleo a vogal /i/, mesmo sendo precedida pelo proclítico {pi=}, de segunda pessoa do singular, e {ji=}, de segunda pessoa do plural, por exemplo:

² A vogal dos proclíticos pronominais sofre harmonia vocálica, assimilando os traços da vogal do tema a qual se anexa. Por esta razão, é possível que {nu=}, por exemplo, seja representado como {nu=}, {ni=}, {ne=} e {ni=}, conforme discuto na seção §2.2.3.1.

c. /p/ → [p]/ [i] __ [i]

Exemplos:	/pi'ja/ arranhadeira 'arranhadeira'	/'pitsa/ cuia 'cuia'
{nu=}	ni=pi'ja-la 1SG=arranhadeira-POSS 'minha arranhadeira'	ni=pi'tsa-la 1SG=cuia-POSS 'minha cuia'
{pi=}	pi=pi'ja-la 2SG=arranhadeira-POSS 'tua arranhadeira'	pi=pi'tsa-la 2SG=cuia-POSS 'tua cuia'
{ji=}	ji=pi'ja-la 2PL=arranhadeira-POSS 'arranhadeira de vocês'	ji=pi'tsa-la 2PL=cuia-POSS 'cuia de vocês'

d. /k/ → [k]/ [i] __ [i]:

Exemplos:	/ki'ri-i/ nariz-NPOSS 'nariz (de alguém)'	/'kitsa'pa-i/ pé-NPOSS 'pé (de alguém)'
{nu=}	ni='kiri 1SG=nariz 'meu nariz'	ni=ki'tsapa 1SG=pé 'meu pé'
{pi=}	pi='kiri 2SG=nariz 'teu nariz'	pi=ki'tsapa 2SG=pé 'teu pé'
{ji=}	ji='kiri 2PL=nariz 'nariz de vocês'	ji=ki'tsapa 2PL=pé 'pé de vocês'

(21) **Palatalização de /m/ e /n/:**

a. /m/ → [mʲ]/ [i] __
→ [m]/ n.d.a

Exemplos:	/mapa'palu/ mapa'palu 'borboleta'	/matu'ki-ʃi/ sogro-MASC 'sogro'
{nu=}	nu=mapa'palu 1SG=borboleta 'minha borboleta'	nu=matu'ki-ʃi 1SG=sogro-MASC 'meu sogro'
{pi=}	pi= m apa'palu 2SG=borboleta 'tua borboleta'	pi= m atu'ki-ʃi 2SG=sogro-MASC 'teu sogro'
{ji=}	ji= m apa'palu 2PL= m apa'palu 'borboleta de vocês'	ji= m atu'ki-ʃi 2PL=sogro-MASC 'sogro de vocês'

b. /n/ → [ɲ] / [i] __
→ [n] / n.d.a

Exemplos:	/'nei-i/ língua-NPOSS 'língua (de alguém)'	/'nai/ roupa 'roupa'
{nu=}	nu='nẽĩ 1SG=língua 'minha língua'	nu='nai 1SG=roupa 'minha roupa'
{pi=}	pi=' ɲ ẽĩ 2SG=língua 'tua língua'	pi=' ɲ ai 2SG=roupa 'tua roupa'
{ji=}	ji=' ɲ ẽĩ 2PL=língua 'língua de vocês'	ji=' ɲ ai 2PL=roupa 'roupa de vocês'

O bloqueio da palatalização que vimos ocorrer com as obstruintes /p/ e /k/ também atinge as nasais em Mehináku, nos casos em que a vogal da primeira sílaba do tema em que se anexam os proclíticos é /i/:

c. /m, n/ → [m, n] / [i] __ [i]:

Exemplos:	/mijuluku'lati-i/ músculo-NPOSS 'músculo (de alguém)'	/nipi'juti-i/ rabo/bunda-NPOSS 'rabo/bunda (de alguém)'
-----------	---	---

{ <i>nu</i> =}	ni= <i>mijuluku</i> 'lati 1SG=músculo 'meu músculo'	ni= <i>nipi</i> 'juti 1SG=rabo/bunda 'meu rabo/bunda'
{ <i>pi</i> =}	pi= <i>mijuluku</i> 'lati 2SG=músculo 'teu músculo'	pi= <i>nipi</i> 'juti 2SG=rabo/bunda 'teu rabo/bunda'
{ <i>ji</i> =}	ji= <i>mijuluku</i> 'lati 2PL=músculo 'músculo de vocês'	ji= <i>nipi</i> 'juti 2PL=rabo/bunda 'rabo/bunda de vocês'

(22) Palatalização de /w/:

- a. /w/ → [j]/ [i] __
→ [w]/ n.d.a

Exemplos:	/wa'na-i/ braço-NPOSS 'braço (de alguém)'	/wa'luti-i/ pomo de adão-NPOSS 'pomo de adão (proeminência laríngea)'
{ <i>nu</i> =}	nu='wana 1SG=braço 'meu braço'	nu=wa'luti 1SG=pomo de adão 'meu pomo de adão'
{ <i>pi</i> =}	pi='jana 2SG=braço 'teu braço'	pi=ja'luti 2SG=pomo de adão 'teu pomo de adão'
{ <i>ji</i> =}	ji='jana 2PL=braço 'braço de vocês'	ji=ja'luti 2PL=pomo de adão 'pomo de adão de vocês'

Também ocorre o bloqueio da palatalização de /w/, no mesmo contexto das demais consoantes:

- b. /w/ → [w] / [i] __ [i]:

Exemplo:	/wi-tsi-i/ fígado-CLF.semente-NPOSS 'fígado (de alguém)'
----------	--

{ <i>nu</i> =}	nu='wi-tsi 1SG=fígado-CLF.semente 'meu fígado'
{ <i>pi</i> =}	pi='wi-tsi 2SG=fígado-CLF.semente 'teu fígado'
{ <i>i</i> =}	i='wi-tsi 3=fígado-CLF.semente 'fígado dele'

2.1.3.2. Africação

O processo de africação de /t/ ocorre no mesmo contexto da palatalização, ou seja, em início de palavra e é também engatilhado pela presença da vogal anterior /i/, que compõe o núcleo da estrutura (C)V dos proclíticos pronominais de segunda pessoa (singular e plural), quando estes se anexam a estas palavras para formar sintagmas possessivos, construções estativas etc.

(23) Africação de /t/

- a. /t/ → [ts]/ [i] __
→ [t]/ n.d.a

Exemplos:	/ti'wi-i/ cabeça-NPOSS 'cabeça (de alguém)'	/te'we-i/ dente-NPOSS 'dente (de alguém)'
{ <i>nu</i> =}	nu='tiwi 1SG=cabeça 'minha cabeça'	nu='tewe 1SG=dente 'meu dente'
{ <i>pi</i> =}	pi='tsiwi 2SG=cabeça 'tua cabeça'	pi='tsewe 2SG=dente 'teu dente'
{ <i>ji</i> =}	ji='tsiwi 2PL=cabeça 'cabeça de vocês'	ji='tsewe 2PL=dente 'dente de vocês'

Vimos, acima, que a vogal [i] é responsável por engatilhar o processo de palatalização das consoantes /p/, /k/, /m/, /n/, /w/ e /t/, sempre que esta for núcleo do

proclítico pronominal que precede os temas iniciados por alguma dessas consoantes (com exceção da regra que bloqueia a palatalização em contexto em que as obstruintes labiais e as nasais figuram entre dois [i]). Este processo poderia nos levar a supor, então, que a prefixação favorece o fenômeno de palatalização em Mehináku. Pela análise de alguns outros dados da língua, entretanto, é possível depreender que o processo de palatalização não está restrito somente ao contexto da prefixação, uma vez que sufixos iniciados por algumas dessas consoantes, sempre que anexados a temas terminados em [i], também serão palatalizados. Abaixo, apresento exemplos com os sufixos pluralizadores $\{=nau\}$ e $\{-tipe\}$, que são representativos dos demais casos:

(24) **Palatalização de sufixos**

- a. /n/ → [ɲ]/ [i] __
→ [n]/ n.d.a

$\{=nau\}$	/tineʃu=' nau/ [tinezu=nau] mulher=PL 'mulheres'	/eniʃa=' nau/ [eniza=nau] homem=PL 'homens'
$\{=ɲãu\}$	/i=tai=' nau/ [i=tai=' ɲau] 3=filho=PL 'filhos dele/dela'	/aripi=' nau/ [aripi=' ɲau] velha=PL 'velhas'

- b. /t/ → [ts]/ [i] __

$\{-tipe\}$	/itsa-' tipe/ [itsa-' tipe] canoa-PL 'canoas'	/araukuma-' tipe/ [araukuma-' tipe] galinha-PL 'galinhas'
$\{-tsip'e\}$	/nutai-tipe/ [nutai-' tsip'e] corda-PL 'cordas'	/ui-tipe/ [ui-' tsip'e] cobra-PL 'cobras'

Pelos exemplos apresentados, é possível ver não apenas a palatalização de /n/ e /t/ quando aparecem sufixados, mas também a palatalização de /p/, ao ser antecedido pela vogal /i/ da primeira sílaba do sufixo $-tipe$ ($-tsip'e$). Fica evidente, portanto, que a vogal

anterior alta /i/ é a responsável por de fato engatilhar o processo de palatalização das consoantes.

2.1.3.3. Vozeamento

O processo de vozeamento, que também se trata de um caso de assimilação de traços, como vimos na palatalização e na africacão, ocorre em Mehináku com a fricativa retroflexa /ʂ/ quando esta aparece entre vogais, de modo que, neste contexto, adquire o traço [+voz] dos segmentos vocálicos e passa a se realizar como sua contraparte homorgânica vozeada /z/. Este processo é muito frequente em Mehináku, uma vez que, em grande parte das palavras, este segmento aparece em contexto intervocálico, seja no interior das palavras ou em decorrência de junturas morfológicas. O segmento /ʂ/, por sua vez, aparece em início de palavra e pode variar livremente com [ʃ] (cf. seção seguinte):

(25) Vozeamento de /ʂ/

- a. /ʂ/ → [z]/ V__V.
→ [ʂ]/ n.d.a

[ʂ]:	/ʂa'piti/ /ʂe'pi/ /ʂu'la/	‘espinho de buriti’ ‘banco’ ‘lagartixa’
[z]:	nu=z'a'piti nu=z'e'pira natu zu'la	‘meu espinho de buriti’ ‘meu banco’ ‘minha lagartixa’

O vozeamento também se dá na sufixação. O morfema de masculino {-ʂu}, por exemplo, se transforma em {-zu} quando é anexado ao nome que irá modificar, de modo que tem-se exemplos como os seguintes em Mehináku: [nũ=matu'ki-zu] 1SG=sogro-MASC ‘meu sogro’ ou [n=uta'pi-zu] 1SG=filho primogênito-MASC ‘meu filho primogênito’.

2.1.4. Fones consonantais em variação livre

Trato nessa seção dos fones em variação livre. Estou assumindo que, por não haver um contexto específico em que estes fones figuram em oposição uns com os outros,

eles são variantes de um só fonema. Sete segmentos estão em variação livre em Mehináku, a saber: [p^h], [t^h], [k^h], [ʃ], [b], [d] e [g]. Desses, [p^h], [p] e [b] são variações do fonema /p/; [t^h], [t] e [d] são variações de /t/; [k^h], [k] e [g] são variações de /k/ e [ʃ] e [ʒ] são variações de /ʃ/, conforme é possível ver abaixo:

(26) /p/ é o fonema, enquanto [p^h], [p] e [b] são suas variantes livres:

/pitsu/	[p ^h itsu]	~	[pitsu]	‘você (2SG)’
/ata'pana/	[ata'p ^h ana]	~	[ata'p ^h ana]	‘folha de árvores’
/ata'pana/	[ata'bana]	~	[ata'p ^h ana]	‘folha de árvores’
/pu'puti/	[pu'p ^h uti]	~	[pu'puti]	‘tua coxa’
/putaka'naku/	[p ^h utaka'naku]	~	[putaka'naku]	‘aldeia’
/pa'pa/	[p ^h a'p ^h a]	~	[pa'pa]	‘pai’
/u'lepe/	[u'l ^h epe]	~	[u'lepe]	‘beiju’
/u'lepe/	[u'l ^h ebe]	~	[u'lepe]	‘beiju’
/pi'ʒati/	[p ^h i'ʒati]	~	[pi'ʒati]	‘pulga’
/mipi'ama/	[mibĩ'ãma]	~	[mipĩ'ãma]	‘dois’
/katupa'lulu/	[kat ^h ũba'lulu]	~	[kat ^h ũpa'lulu]	‘viúva’

(27) /t/ é o fonema, enquanto [t^h], [t] e [d] são suas variantes livres:

/pu'tuka/	[pu't ^h uka]	~	[pu'tuka]	‘beba!’
/tu'api/	[t ^h u'api]	~	[tu'api]	‘esteira’
/a'tu/	[a't ^h u]	~	[a'tu]	‘avô’
/katutu'kalu/	[kat ^h ut ^h u'kalu]	~	[katutu'kalu]	‘sapo’
/katupa'lulu/	[kat ^h ũpa'lulu]	~	[katũpa'lulu]	‘viúva’
/nipiritehã/	[nipiride'hã]	~	[nipirite'hã]	‘para mim (enfático)’

(28) /k/ é o fonema, enquanto [k^h], [k] e [g] são suas variantes livres:

/ku'kuhi/	[k ^h u'k ^h uhi]	~	[ku'kuhi]	‘mandruvá’
/kehi/	[k ^h ehi]	~	[kehi]	‘lua’
/kiʒi/	[k ^h iʒi]	~	[kiʒi]	‘tucano’
/hika/	[hik ^h a]	~	[hika]	‘fumo (tabaco)’
/kitsa'pai/	[k ^h itsa'pai]	~	[kitsa'pai]	‘pé (NPOSS)’
/nipi'riku/	[nipi'riku]	~	[nipi'riku]	‘para mim’

Os fones [b], [d] e [g] são menos frequentes na língua que os fones aspirados que também estão em variação livre. Nesses casos, não é possível negar que a ocorrência desses fones se dê em decorrência do ambiente intervocálico, que acaba por vozear suas contrapartes desvozeadas /p/, /t/ e /k/. No entanto, não proponho que esses fones estão em

distribuição complementar (como ocorre com /ʒ/ que se transforma em [z] entre vogais) porque não há um ambiente em que um ocorra e o outro não possa ocorrer. Os falantes alternam entre as formas no momento da fala.

(29) /ʒ/ é o fonema, enquanto [ʃ] e [ʒ] são suas variantes livres:

/ʒa'kalu/	~	[ʃa'kalu]	'papagaio'
/ʒe'pi/	~	[ʃe'pi]	'banco'
/ʒu'la/	~	[ʃu'la]	'lagartixa'
/ʒa'ha/	~	[ʃa'hã]	'este (demonstrativo)'

A variação que ocorre entre [ʒ] e [ʃ] é particularmente interessante porque poderia nos levar a também propor uma regra fonológica do tipo que /ʒ/, como fonema, se realizaria como [ʃ] em início de palavra. Embora esta pareça ser uma possibilidade para a ocorrência desses dois segmentos, este não é o caso do Mehináku. Não há, na língua, uma regra de distribuição complementar deste tipo. O que estou assumindo é que o par [ʒ] ~ [ʃ] está em variação livre porque é possível ver claramente na língua os falantes ora pronunciando as palavras com um segmento, ora com outro no mesmo ambiente. É preciso determinar, em trabalhos futuros, se essa alternância entre os fones indica uma mudança em curso e em que medida essa alternância afeta os falantes, em termos de faixa etária, escolaridade, sexo etc. A único processo morfofonológico de distribuição complementar que encontrei com o fonema /ʒ/ é aquele que o transforma em [z] em contexto intervocálico, como apresentado anteriormente.

Em relação à aspiração dos segmentos, estes fones só foram encontrados, em meus dados, na fala das mulheres mais velhas, dentre elas a cacica Pairumã da aldeia Utawana, e sobretudo durante o momento em que elas contavam histórias.

2.2. Vogais

2.2.1. Fones vocálicos

No que se refere às vogais fonéticas da língua Mehináku, identifiquei, até o momento, 21 fones, conforme o inventário fonético vocálico a seguir:

	Anterior			Central			Posterior				
Alta	i	i:	ĩ	ɪ	ɨ	ɨ:	ĩ	u	u:	ũ	ʊ
Média-alta	e	e:	ẽ								
Média-baixa	ɛ	ɛ:	ẽ	ɐ							
Baixa				a	a:	ã					

Tabela 11. Inventário fonético vocálico da língua Mehináku

Do total de 21 fones, 5 (cinco) são fonemas, a saber: /i/, /e/, /ĩ/, /a/, /u/; 10 estão em variação livre, a saber: [ɪ], [ʊ], [ɛ] e [ɐ] e [i:], [e:], [ɛ:], [ĩ:], [a:] e [u:]; e os outros 6 fones, quais sejam: [ĩ], [ẽ], [ẽ], [ĩ]. [ã] e [ũ] são frutos de nasalização regressiva, que atinge segmentos à esquerda de consoantes nasais. As vogais podem ainda sofrer harmonização vocálica, degeminação, elisão e ditongação. Mostro cada um desses casos a seguir.

2.2.2. Fonemas vocálicos

O sistema fonológico vocálico da língua Mehináku é composto por 5 (cinco) fonemas, que estão dispostos em relação à posição da língua (anterior, central e posterior) e à abertura da boca (alta, média e baixa), conforme a seguir:

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	u
Média	e		
Baixa		a	

Tabela 12. Inventário fonológico vocálico da língua Mehináku

Seguem, abaixo, alguns exemplos de pares mínimos e análogos que comprovam a oposição entre vogais na língua:

(30) Contraste entre /i/ e /e/:

/i/		/e/	
[awi'tsiri]	‘bonito’	[wi'tsẽĩ]	‘bichinho’
[‘upi]	‘pato’	[‘jupe]	‘tamanduá’
[ti'wi]	‘cabeça’ (NPOSS)	[te'wei]	‘dente’ (NPOSS)

(31) Contraste entre /i/ e /ĩ/:

/i/		/ĩ/	
[ĩni'piu]	‘rabo’	[ẽ'nizã]	‘homem’
[ʒe'pi]	‘banco’	[kãma'lupi]	‘panela’
[itsa]	‘canoa’	[ĩ'zã]	‘sangue’ (NPOSS)

(32) Contraste entre /i/ e /u/:

/i/		/u/	
[ˈĩpi]	‘cipó’	[ˈupi]	‘pato’
[ˈĩpi]	‘cipó’	[iˈpɪu]	‘tartaruga’
[waˈtipi]	‘tucum’	[waˈlupi]	‘caramujo’

(33) Contraste entre /i/ e /a/:

/i/		/a/	
[mapiˈjaj]	‘pescado/matado’	[ˈmapa]	‘mel’
[mãˈmipi]	‘espião’	[mãˈma]	‘mãe’
[ˈui]	‘cobra’	[uˈa]	‘tio’

(34) Contraste entre /e/ e /a/:

/e/		/a/	
[iˈtsei]	‘fogo’	[itsaˈi]	‘ovo’
[iˈtẽnu]	‘apagador’	[iˈtãna]	‘asa’
[ĩmĩˈjẽj]	‘minhoca’	[pĩˈmãĩ]	‘tua pele’

(35) Contraste entre /e/ e /i/:

/e/		/i/	
[ˈkehĩ]	‘terra’	[ˈkĩhĩ]	‘facão’
[tĩˈnezɥ]	‘mulher’	[ẽˈnizɥ]	‘homem’
[nũˈme]	‘esposo’	[wẽˈnẽmi]	‘lago’

(36) Contraste entre /e/ e /u/:

/e/		/u/	
[nĩˈje]	‘genro’	[ˈnĩju]	‘esposa’
[tẽmeˈpuhu]	‘Temepuhu’ (nome)	[mepeˈti]	‘peixinho (espécie)’
[heˈzɛti]	‘amendoim’	[eˈzũ]	‘cigarra’

(37) Contraste entre /a/ e /i/:

/a/		/i/	
[aˈkãĩ]	‘pequi’	[aˈki]	‘tia’
[ˈkahĩ]	‘cabelo’	[ˈkĩhĩ]	‘facão’
[kuˈpatĩ]	‘peixe’	[kuˈpizɥ]	‘gavião’

(38) Contraste entre /a/ e /u/:

/a/		/u/	
[iˈtãna]	‘asa’	[iˈtẽnu]	‘apagador’
[kãˈkãjã]	‘gaiivota’	[nuˈkaja]	‘perereba’
[niˈtsai]	‘meu ovo’	[ˈnitsu]	‘minha nora’

(39) Contraste entre /i/ e /u/:

/i/		/u/	
[ˈmutĩ]	‘marrom’	[ˈmutu]	‘armadilha de peixe’
[eˈzɥhi]	‘anzol’	[uˈhu]	‘batata’
[ˈũni]	‘água’	[ˈkũnu]	‘porta’

2.2.3. Processos morfofonológicos envolvendo vogais

Nessa seção, trato de dois processos morfofonológicos envolvendo as vogais: (i) harmonia vocálica, em que as vogais que são núcleos de proclíticos e sufixos adquirem as características do tema ao qual se adjungem; (ii) degeminação e (iii) nasalização. Apresento aqui os dois primeiros processos (ver nasalidade em §2.6).

2.2.3.1. Harmonia vocálica

A harmonia ou harmonização vocálica é um processo que ocorre em muitas línguas do mundo, sobretudo naqueles idiomas pertencentes ao ramo fino-úgrico, como o Finlandês e o Húngaro, por exemplo, mas que também pode ser encontrado em línguas como o Turco e, de forma mais contígua, também no Português (ABAURRE e SANDALO, 2009), dentre outros. Em termos gerais, o processo de harmonia vocálica é um fenômeno fonológico em que um ou mais traços da vogal se propagam para outros segmentos vocálicos em um domínio (CRISTÓFARO-SILVA, 2011). Segundo Trask (1996, p. 383), a harmonia se estabelece quando a qualidade de uma vogal é alterada para se tornar similar a outra vogal na mesma palavra fonológica.

O processo de harmonia vocálica em Mehináku é morfofonológico e ocorre em dois contextos específicos: (i) na prefixação, quando o morfema se adjunge à esquerda de um item lexical (nome, verbo ou posposição) e na (ii) sufixação, quando o morfema se adjunge à direita deste item. Nestes dois casos, as vogais dos morfemas, sejam elas do proclítico ou do sufixo, irão concordar com o item a que são anexadas.

É preciso advertir, entretanto, que os dados que aqui apresento são aqueles cujo padrão foi mais recorrente em minha amostra, não encerrando, em si, outras possibilidades de ocorrência dos proclíticos pronominais em contextos distintos dos apresentados. Isto porque o processo de harmonia vocálica em Mehináku parece estar sofrendo mudanças: durante as coletas de dados, por exemplo, deparei-me com inúmeras divergências de informações, a cada vez que coletava dados sobre esse fenômeno. Um mesmo falante, em dias distintos, fornecia diferentes proclíticos anexados a uma mesma palavra, o que parece revelar que os proclíticos estão sendo usados indistintamente e a harmonia vocálica tem se perdido. Os dados apresentados a seguir foram coletados com 8 falantes, com idades entre 20, 30, 40 e 60 anos, e a sistematização a que cheguei foi

aquela possível, a partir da análise e reanálise dos dados a cada nova elicitación feita, considerando a considerável variação nas formas de uso dos proclíticos na língua.

2.2.3.1.1. Harmonia vocálica na prefixação

Em Mehináku, os proclíticos que sofrem o processo de harmonia vocálica são formas reduzidas dos pronomes pessoais livres (plenos) da língua. A relação entre pronomes plenos e reduzidos que aqui assumo pode ser vista na tabela abaixo, em que apresento à esquerda os pronomes plenos da língua, e à direita suas respectivas formas reduzidas:

Glosa	Formas pronominais livres (Pronomes pessoais)	Formas pronominais reduzidas ³ (Proclíticos pessoais)
1SG	natu	n= ~ nu=
2SG	pitsu	p= ~ pi=
3SG/PL	∅	ini= ⁴ ~ i= ~ in=
1PL	aitsu	a= ~ au=
2PL	jitsu	j= ~ ji=

Tabela 13. Relação entre pronomes plenos e reduzidos em Mehináku

Embora todas essas formas reduzidas dos pronomes plenos sofram o processo de harmonia vocálica, há contextos específicos de ocorrência desse fenômeno, a depender do proclítico. Em termos gerais, os proclíticos pronominais podem ocorrer antes de palavras cuja sílaba inicial contenha no núcleo qualquer uma das vogais do sistema fonológico do Mehináku, mas somente as vogais [i], [ɨ], [e] e [u] parecem favorecer o processo de harmonia vocálica nesta língua. Na tabela abaixo, resumo o contexto de ocorrência dos proclíticos pronominais, a partir da análise dos dados que realizei, e apresento os exemplos de ocorrência na seção seguinte.

³ As formas n= (1SG); p= (2SG); in= (3SG/PL); au= (1PL) e j= (2PL) ocorrem antes de temas iniciados por vogais, razão pela qual não sofrem processo de harmonia vocálica e, portanto, não serão tratados nesta seção (ver §7.1).

⁴ Os proclíticos ini= ~ ini= também ocorrem antes de consoantes em Mehináku.

1SG	nu=	ni=	Antes de C[i].
		nĩ=	Antes de C[ĩ].
		nu=	Antes de C[u], C[a], C[e].
2SG	pi=	pu=	Antes de C[u].
		pĩ=	Antes de C[ĩ].
		pi=	Antes de C[u], C[a], C[e], C[i].
2PL	ji=	ju=	Antes de C[u].
		jĩ=	Antes de C[ĩ].
		ji=	Antes de C[u], C[a], C[e], C[i]
1PL	a=	e=	Antes de C[e].
		a=	Antes de C[ĩ], C[a], C[e], C[u], C[i].
3SG/PL	i=	i=	Antes de C[i].
		i=	Antes de C[ĩ], C[a], C[e], C[u].

Tabela 14. Alomorfes dos proclíticos pessoais (Harmonia vocálica)

Awetí (2014), ao analisar os pronomes pessoais de sua língua, apresenta a sistematização abaixo, em que o pronome da segunda coluna se transformaria no pronome da terceira coluna no ambiente apresentado na quarta coluna:

1SG	nu-	ni-	Temas nasais iniciados por consoante, cuja primeira vogal é i.
		na-	Temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é a.
		nĩ-	Temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é ĩ.
		ne-	Temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é e.
		n-	Temas iniciados por vogal.
		nu-	n.d.a.
2SG	pi-	pa-	Temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é a.
		pĩ-	Temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é ĩ.
		pe-	Temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é e.
		p-	Temas iniciados por vogal.
		pi-	n.d.a.
1PL	au-	a-	Temas iniciados por consoante.
		au-	Temas iniciados por vogal.
2PL	ji-	jĩ-	Temas iniciados por consoante, quando a primeira vogal é ĩ.
		ji-	Temas nasais iniciados por consoante, cuja primeira vogal é i.
3SG/PL	i-	i-	Temas iniciados por consoante, por j ou por temas cuja primeira vogal é i.
		in-	Temas nasais, temas cuja primeira vogal é i.

Tabela 15. Alomorfes dos prefixos pessoais, proposta de Awetí (2014)

Deixando de lado a consoante inicial dos temas em que os proclíticos se anexam, e focalizando na primeira vogal da sílaba desses temas, que é o que nos interessa para o tratamento do processo de harmonia vocálica, meus dados não parecem mostrar a perfeita regularidade apresentada por Awetí (2014). De posse dos dados apresentados pelo autor, somos levados a pensar a harmonia vocálica como um processo simétrico, em que um proclítico como *nu=* se transformaria em *ne=* antes de C[e], em *ni=* antes de C[i], em *ni=* antes de C[ɨ], e assim por diante. Entretanto, alguns outros dados da dissertação do autor contradizem a proposta por ele levantada, conforme abaixo (AWETÍ, 2014, p. 105):

- | | |
|---|---|
| <p>a. <i>ni=janiri</i>
1S=cunhado
'meu cunhado' (fala feminina)</p> | <p>b. <i>nu=piɕu-lu</i>
1SG=namorado-FEM
'minha namorada'</p> |
|---|---|

Não ocorreu em meus dados, como ocorre na proposta do autor, essa correspondência simétrica entre o proclítico pronominal e a vogal da primeira sílaba do tema em que ele se anexa. Embora tenha encontrado certa regularidade na ocorrência dos proclíticos, esta não se deu de forma tão ampla. Também não encontrei exemplos em que a vogal do proclítico harmonize-se para [a], como em *na=* e *pa=*.

Além disso, o fato de as vogais [i], [ɨ], [e] e [u], mas não [a], serem alvos do processo de harmonia vocálica, parece indicar que o sistema fonológico dessa língua agrupa essas consoantes em uma grande classe, de modo que poderíamos propor um inventário fonológico que opusesse vogais [+/- altas] em Mehináku, conforme abaixo:

	Anterior	Central	Posterior
[+ alta]	i e	ɨ	u
[- alta]		a	

Tabela 16. Oposição entre vogais [+/- altas], de acordo com a harmonia vocálica.

2.2.3.1.1.1. Proclítico de 1SG {nu=}

O proclítico de primeira pessoa do singular apresenta uma forma que ocorre em vários contextos, representada pelo morfema *nu=*, e duas forma alomórficas que sofrem harmonia vocálica e ocorrem em contexto específico, a saber, *ni=*, que ocorre antes de sílabas do tipo C[i] e *ni=*, que ocorre antes de C[ɨ]:

(40)

a. Contexto de ocorrência do proclítico pronominal:

1SG	nu=	ni=	Antes de C[i].
		ni=	Antes de C[ĩ].
		nu=	Antes de C[u], C[a], C[e] (Não ocorre harmonia)

b. Exemplos de ocorrência da harmonia vocálica:

{ni=}	ni='kiri	ni=pitsala'tai	
	1SG=nariz	1SG=cuia	
	'meu nariz'	'minha cuia'	
{ni=}	ni=pişa'tişa	ni=wişiku	
	1SG=pulga	1SG=mão	
	'minha pulga'	'minha mão'	
{nu=}	nu=ku'pati	nu=ha'lapa	nu=he'kira
	1SG=peixe	1SG=bochecha	1SG=testa
	'meu peixe'	'minha bochecha'	'minha testa'

2.2.3.1.1.2. Proclíticos de 2SG {pi=} e de 2PL {ji=}

Os proclíticos de segunda pessoal do singular e do plural têm funcionamentos similares. Ambos são representados por um morfema mais geral, que ocorre em mais ambientes, além de duas possíveis formas alomórficas desse morfema, que ocorrem em contexto específico e sofrem harmonia vocálica. O morfema de segunda pessoa do singular é *pi=*, e suas formas alomórficas são *pu=* e *pi=*, quando antecedem C[u] e C[ĩ], respectivamente. O morfema de segunda pessoal do plural, por sua vez, é *ji=*, sendo *ju=* e *ji=* seus alomorfes, que sofrem harmonia vocálica quando figuram antes de C[u] e C[ĩ]:

(41)

a. Contexto de ocorrência dos proclíticos pronominais:

2SG	pi=	pu=	Antes de C[u].
		pi=	Antes de C[ĩ].
		pi=	Antes de C[u], C[a], C[e], C[i] (Não ocorre harmonia)
2PL	ji=	ju=	Antes de C[u].
		ji=	Antes de C[ĩ].
		ji=	Antes de C[u], C[a], C[e], C[i] (Não ocorre harmonia)

b. Exemplos de ocorrência da harmonia vocálica⁵:

{pu=}	pu =tsuka'hapi 2SG=beijo 'teu beijo'	pu =muka-la 2SG=dar-FUT 'você dará (algo)'		
{pi=}	pi 'kīhi 2SG=facão 'teu facão'	pi =piṣa 2SG=namorado 'teu namorado'		
{pi=}	pi =tsu'lũ 2SG=orelha 'tua orelha'	pi =ha'lapa 2SG=bochecha 'tua bochecha'	pi 'tsewe 2SG=dente 'teu dente'	pi 'kiri 2SG=nariz 'teu nariz'
{ju=}	ju =tsuka'hapi 2PL=beijo 'beijo de vocês'			
{ji=}	ji =pi'ṣũ 2PL=namorado 'namorado de vocês'			
{ji=}	ji =tsu'lũ 2PL=orelha 'orelha de vocês'	ji =he'jũ 2PL=cuspe 'cuspe de vocês'	ji =hi'jã 2PL=leite materno 'leite de vocês'	

2.2.3.1.1.3. Proclítico de 1PL {a=}

O proclítico de primeira pessoa do plural *a=* é o morfema, ocorrendo antes de temas cuja primeira sílaba contenha qualquer uma das vogais da língua. Esse morfema apresenta um alomorfe *e=*, que ocorre antes de C[e]:

(42)

a. Contexto de ocorrência do proclítico pronominal:

1PL	a=	e=	Antes de C[e]
		a=	Antes de C[i], C[a], C[e], C[u], C[i] (Não ocorre harmonia)

⁵ Como ambos os proclíticos pronominais funcionam da mesma forma, não irei apresentar exemplos de todas as ocorrências de {ji=}, uma vez que já apresentei de {pi=}.

b. Exemplos de ocorrência da harmonia vocálica:

{e=}	e=he'kira 1PL=testa 'nossa testa'	e=jelele='pei 1PL=chorar=IPFV 'nós estamos chorando'	
{a=}	a=pi'gũ 1PL=namorado 'nosso namorado'	a=ma'kula 1PL=panela 'nossa panela'	a=ke'tu-la 1PL=mangaba-POSS 'nossa mangaba'
	a=tsuka'hapi 1PL=beijo 'nosso beijo'	a='kiri 1PL=nariz 'nosso nariz'	

2.2.3.1.1.4. Proclíticos de 3SG/PL {i=}

O proclítico pronominal que representa a terceira pessoa do plural e do singular em Mehináku é {i=}. Este proclítico tem como alomorfe {i=}, que ocorre somente antes de C[i]. Temos, neste caso, um exemplo de distribuição complementar. Vejamos:

(43)

a. Contexto de ocorrência do proclítico pronominal:

3	i=	i=	Antes de C[i]
		i=	Antes de C[i], C[a], C[e], C[u] (Não ocorre harmonia)

b. Exemplos de ocorrência da harmonia vocálica:

{i=}	i=pitsa'la-pa 3S=cuia-PL.3 'cuia dele(a)/es(as)'	i=hi'jã-pa 3S=leite materno-PL.3 'leite dele(a)/es(as)'
{i=}	i=kihi-'sa-pa 3=facão-POSS-PL.3 'facão dele(a)/es(as)'	i=majaku-'la-pa 3=cesto-POSS-PL.3 'cesto dele(a)/es(as)'
	i=ketu-'la-pa 3=mangaba-POSS-PL.3 'mangaba dele(a)/es(as)'	i=kupa'ti-pa 3=peixe-PL.3 'peixe dele(a)/es(as)'

2.2.3.1.2. Harmonia vocálica na sufixação

O processo de harmonia vocálica também ocorre na sufixação. Nos casos em que apresento abaixo, é possível perceber que as vogais dos sufixos de diminutivo {=*tai*}, de plural {=*nau*}, de imperfeito {=*pai*} e de futuro {*la*}, harmonizam-se com as vogais núcleo da última sílaba da palavra em que esses morfemas se anexam. Todos os demais sufixos da língua, quando figuram em contextos que favorecem a harmonização vocálica, podem também ser alvos do processo. Vejamos:

(44)

- | | | | |
|----|---|---|---|
| a. | enişa='tai
homem=DIM
'homenzinho' | → | n=ulekẽ=têi
1SG=comida=DIM
'minha comidinha' |
| b. | i=tai='nau
3=filho=PL
'filhos dele/a' | → | tanule='neu
primo=PL
'primos' |
| c. | n=aitʃa=pai
1SG=comer=IPFV
'eu estou comendo' | → | n=elele=pei
1SG=chorar=IPFV
'eu estou chorando' |
| d. | n=aitʃa=la
1SG=comer=FUT
'eu vou comer' | → | n=elele=le
1SG=chorar=FUT
'eu vou chorar' |

2.2.3.2. Degeminação

Em Mehináku, ocorre degeminação de vogais em fronteira de palavras. Trata-se de um processo de fusão de duas vogais de mesma natureza, ou seja, que são iguais do ponto de vista de sua articulação. Por conta do processo de redução silábica que se dá com a fusão das vogais de sílabas distintas, há um processo de ressilabificação:

(45) Degeminação /CV # V/ → [CV]

a. /ma # a/ → [ma]

[pairũ'mã ã'nati]
[pairũmã'nati]

/pai'ruma a'nati/
Pairuma pilão
'pilão da Pairumã'

b. /lu # u/ → [lu]

[ata'pulu u'lepe]
[atapulu'lepe]

/ata'pulu u'le-pe/
Atapulu beiju-CLF.massa
'beiju do Atapulu'

c. /ne # e/ → [ne]

[nu'pẽne elele'pei]
[nupenelele'pei]

/n=u'pene elele=pei/
1SG=parente chorar=IPFV
'meu parente está chorando'

d. /hi # i/ → [hi]

['kihĩ 'iwi]
[ki'hiwi]

/'kihĩ 'iwi/
Facão afiado
'facão afiado'

2.2.3.3. Ditongação

A ditongação ocorre em Mehináku também na fronteira entre palavras, quando a vogal núcleo da última sílaba da palavra à esquerda forma um ditongo com a vogal núcleo da primeira sílaba da palavra à direita. Podem ocupar a posição de núcleo da palavra à esquerda qualquer vogal fonológica da língua, mas só podem ocupar o núcleo da primeira sílaba da palavra à direita as vogais /i/ e /u/, que passam a se realizar como [i] e [u], formando sílabas do tipo VV: [ai], [ei], [au] etc. Essa ditongação também causa um rearranjo silábico, que provoca ressilabificação, sobretudo por conta do encontro entre as duas vogais núcleo em fronteira de palavra. Vejamos alguns exemplos:

(46) Ditongação: /V₁/ # /V₂/ → [VV]

a. /a/ # /i/ → [ai]

[ã'mija puwa'kata i'tsei]
[ã'mija puwaka'taitsei]

/a'mija pu=wa'ka-ta i'tsei/
PROH 2SG=apagar-CAUS fogo
'não apague o fogo'

b. /e/ # /i/ → [ei]

[uneu'ne i'ja atulu'kala]
[uneu'nei 'ja atulu'kala]

/ineu'ne i='ija a-tulu'ka=la/
povo 3=ir VBLZ-festa=FUT
'o povo vai dançar na festa'

c. /a/ # /u/ → [au]

['aitsa nu'nupa u'ku]
 ['aitsa nunu'pauku]

/'aitsa nu='nupa u'ku/
 NEG 1SG=ver flecha
 'eu não vejo a flecha'

Outra questão interessante a ser observada em relação à ditongação, é que ela só ocorre se a primeira sílaba da palavra à direita (cujo núcleo é a vogal a ser transformada em semivogal pelo processo de ditongação) não for tônica. Em casos em que essa primeira sílaba é tônica, não ocorre ditongação e as duas sílabas em fronteira de palavra permanecem inalteradas. Vejamos um caso:

(47) Bloqueio da ditongação:

['ajtsa 'ũni takapai]
 *['ajtsauni takapai]

/'aitsa 'uni taka=pai/
 NEG água cair=IPFV
 'não está chovendo'

Repare que a palavra /'u.ni/ 'água', por conter uma vogal tônica na primeira sílaba, não sofreu o processo de ditongação. Mesmo a vogal /u/ sendo alvo desse processo, o fato dessa vogal ser tônica impede a ditongação em contexto de fronteira de palavra.

2.2.3.4. Elisão

A Elisão, diferentemente da degeminação que afeta vogais iguais, afeta vogais de natureza diferentes na fronteira de palavras. O que ocorre, neste caso, não é uma fusão dessas vogais, mas o apagamento da vogal que ocupa o núcleo da última sílaba da palavra à esquerda, desde que essa sílaba seja átona. Vejamos alguns exemplos:

(48) /V₁/ # /V₂/ → /Ø/ # /V₂/ → /V₂/

a. /tʃa # u/ → [tʃu]

['paitʃa u'lepe]
 ['paitʃu'lepe]

/'p=aitʃa u'lepe /
 2SG=comer beiju
 'coma o beiju!'

b. /ʃi # a/ → [ʃa]

['kiʃi aitʃa'pai 'ata i='tãĩ]
 ['kiʃaitʃa'pai 'ata i='tãĩ]

/'kiʃi aitʃa'=pai 'ata i='tãĩ /
 Tucano comer=IPFV árvore 3SG=frutinha
 'O tucano está comendo frutinhas'

É importante destacar que, tanto a degeminação, quanto a elisão e a ditongação são processos fonológicos que afetam a estrutura silábica, causando ressilabificação. Por esta razão, retomarei estes casos na seção destinada ao tratamento da sílaba.

2.2.4. Fones vocálicos em variação livre

Dez fones vocálicos estão em variação livre em Mehináku: [ɪ], [ʊ], [ɛ], [ɐ] e [i:], [e:], [ɛ:], [ĩ:], [a:], [u:], sendo [ɪ] e [i:] variações do fonema /i/; [ʊ] e [u:] variações de /u/; [ɛ] e [ɛ:] variações de /e/; [ɐ] e [a:] variações de /a/ e [ĩ:] variação de [i]. Além disso, destes quatro fones, somente [ɛ] ocorre em posição tônica e no meio de palavras, uma vez que todos os demais fones ocorrem somente em final de palavra, em posição átona:

(49) /i/ é o fonema, enquanto [ɪ] e [i:] são suas variantes livres:

/ju'hitʃi/	[ju'hitʃɪ]	~	[ju'hitʃi]	'peixe (esp.)'
/awi'tsiri/	[awi'tsirɪ]	~	[awi'tsiri]	'bonito'
/wa'tipi/	[wa'tipɪ]	~	[wa'tipi]	'colar de tucum'
/u'leitsi/	[u'lejtsɪ]	~	[u'leitsi]	'mandioca'
/a'tsi/	[a'tsi]	~	[a'tsi:]	'avó'
/a'mija/	[ã'mĩɲa]	~	[ã'mĩ:ɲa]	'não! (proibitivo)'

(50) /u/ é o fonema, enquanto [ʊ] e [u:] são suas variantes livres:

/ʃa'kalu/	[ʃa'kalu]	~	[ʃa'kalʊ]	‘papagaio’
/ata'pulu/	[ata'pulu]	~	[ata'pulʊ]	‘flor de árvore’
/katutu'kalu/	[katutu'kalu]	~	[katutu'kalʊ]	‘sapo’
/nitsu'palu/	[nitsu'palu]	~	[nitsu'palʊ]	‘minha filha’
/pu'tuka/	[pu'tuka]	~	[pu'tu:ka]	‘beba!’
/ku'kuhi/	[ku'kuhi]	~	[ku'ku:hi]	‘mandruvá’

(51) /e/ é o fonema, enquanto [ɛ] e [e:] são suas variantes livres:

/u'lepe/	[u'lepe]	~	[u'lɛpe]	‘beiju’
/nutanu'le/	[nutanu'le]	~	[nutanu'lɛ]	‘meu primo’
/ti'neʒu/	[ti'neʒu]	~	[ti'neʒɥ]	‘mulher’
/pine'teti/	[pĩne'teti]	~	[pĩne'tɛti]	‘tua clavícula’
/e'he/	[ɛ'hɛ]	~	[ɛ:hɛ]	‘sim!’
/me'hehe/	[mɛ'hɛhe]	~	[mɛ'hɛ:he]	‘cozinha’

(52) /a/ é o fonema, enquanto [ɐ] e [a:] são suas variantes livres:

/nihipa'tata/	[nihipa'tata]	~	[nihipa'tatɐ]	‘minha unha’
/'paɪtʃa/	['pãɪtʃa]	~	['pãɪtʃɐ]	‘coma!’
/e'niʒa/	[ɛ'niʒa]	~	[ɛ'niʒɐ]	‘homem’
/janu'maka/	[janu'maka]	~	[janu'makɐ]	‘onça pintada’
/ma'ma/	[mã'ma]	~	[mã'ma:]	‘mãe’
/pa'pa/	[pa'pa]	~	[pa'pa:]	‘pai’

(53) /i/ é o fonema, enquanto [i:] é sua variante livre:

/'kihi/	['kihi]	~	['ki:hi]	‘facão’
/'kiʃi/	['kiʃi]	~	['ki:ʃi]	‘tucano’

2.3. Glides

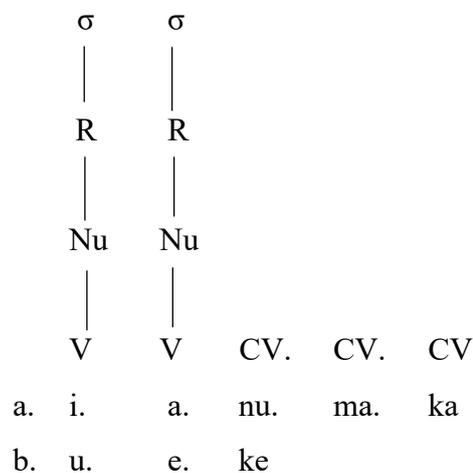
Como mostrei na seção dedicada ao tratamento das consoantes em Mehináku, a língua apresenta dois glides consonantais, /w/ e /j/. A representação desses glides como consoantes, entretanto, nem sempre é clara, sobretudo porque esses segmentos possuem características articatórias muito próximas daquelas das vogais. O glide /w/, por exemplo, se aproxima muito da vogal posterior alta /u/, enquanto o glide /j/ se aproxima da anterior /i/. Mostro, nessa seção, porque opto por tratar os glides /w/ e /j/ como

consoantes em Mehináku e também proponho uma hipótese alternativa para o tratamento vocálico dos glides, quando estes operam como semivogais nos ditongos da língua.

2.3.1. Interpretação dos glides como consoantes

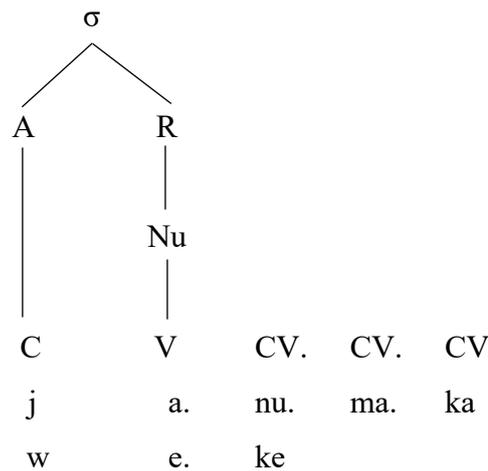
Nesta seção, trato da interpretação dos glides /w/ e /j/ como consoantes em Mehináku, e apresento duas possíveis hipóteses de tratamento desses segmentos na língua. A primeira hipótese que proponho para a interpretação da sequência glide-vogal em Mehináku é aquela que assume o glide palatal [j] como uma manifestação fonética da vogal anterior /i/ e o glide labial [w] como uma manifestação da vogal posterior [u]. Nesse contexto, esses segmentos iriam figurar em sílabas distintas, sem o preenchimento do ataque. Teríamos, neste caso, padrões silábicos do tipo V e CV, como em /i.a.nu.'ma.ka/ [janu'maka] ‘onça pintada’ e /'u.e.ke/ ['weke] ‘grande’, conforme abaixo:

(54)



Notemos que, como mostra o esquema acima, essa interpretação para os glides é aquela que os considera como fonemas vocálicos. A proposta que assumo neste trabalho, entretanto, é a de que esses segmentos não se comportam como vogais, mas como consoantes em Mehináku, motivo pelo qual defendo uma segunda hipótese para o tratamento de /w/ e /j/. Essa hipótese considera os glides citados como consoantes em posição de ataque da sílaba CV. Desse modo, o padrão silábico, como no exemplo acima, seria mantido, de modo que teríamos ainda sílabas do tipo V e CV na língua, como em /ja.nu.'ma.ka/ [janu'maka] ‘onça pintada’ e /we.ke/ ['weke] ‘grande’, conforme a seguir:

(55)



A justificativa para a escolha da segunda hipótese como a mais adequada para o tratamento dos glides em Mehináku leva em consideração o padrão silábico da língua e a estrutura de posse nominal, que fornecem evidência para o entendimento consonantal desses segmentos. Começemos com a questão do padrão silábico como forma de comprovar o caráter consonantal de /w/ e /j/.

O padrão silábico básico da língua Mehináku é (C)V (conforme explicito melhor em §2.5), de modo que, ao ocorrer uma consoante em ataque silábico, ela deverá ser simples, isto é, não pode haver grupos consonantais na posição de ataque, nem a ocorrência de consoantes em posição de coda silábica. Não faria sentido, portanto, diante dos vários dados em que /w/ e /j/ são licenciados no ataque silábico, que esses segmentos fossem tratados como vogais. Essa seria, portanto, uma primeira evidência em defesa de que as aproximantes devem ser analisados como fonemas consonantais que ocupam as posições de ataque no padrão silábico, tanto em posição inicial da palavra como no interior dela em Mehináku. Alguns exemplos abaixo:

(56)

/j/		/w/	
/'ja.pa/	'paca'	/we.ke.'ti.pa/	'homem alto'
/a.'ju.pe/	'algodão'	/wi.ʃi.'kui/	'mão (NPOSS)'
/je.ʃe.'ti/	'nádegas (NPOSS)'	/nu.'wĩ.tu/	'minha neta'
/nu.'ka.ja/	'perereba'	/nu.'te.we/	'meu dente'

Além dessa evidência, outra encontra-se presente na morfologia da língua e pode nos ajudar a atestar o estatuto consonantal desses segmentos: os proclíticos pronominais

reduzidos da língua, em construções de posse nominal. Como mostrei na seção destinada à apresentação do processo de harmonia vocálica, estes proclíticos ocorrem com o padrão silábico CV- quando a base nominal a que se anexam começa com consoante, e apenas como C-, quando essa base se inicia com vogal. Em Mehináku, os nomes iniciados por /w/ ou com /j/ sempre recebem um proclítico pronominal do tipo CV- em construções de posse, o que atesta, portanto, que os falantes interpretam os segmentos aproximantes como verdadeiras consoantes na língua. Os dados abaixo exemplificam essa afirmação:

(57)

a. /pa'lata/	‘pente’	/e'tene/	‘remo’
nu=pa'lata	‘meu pente’	n=e'tene	‘meu remo’
pi=p'u'lata	‘teu pente’	p=e'tene	‘teu remo’
b. /wiʃi'kui/	‘mão’	/juhiam'e'pei/	‘sobrancelha’
ni=wiʃi'ku	‘minha mão’	nu=juhia'mepe	‘minha sobrancelha’
pi=wiʃi'ku	‘tua mão’	pu=juhia'mepe	‘tua sobrancelha’

Awetí (2014, p. 81), ao tratar das aproximantes, apresenta um conjunto de construções de posse nominal em Mehináku, em que o nome possuído se inicia pelas aproximantes [w] e [j], mas nos quais os prefixos pronominais se comportam como C-, ou seja, o autor não reconhece estes segmentos como consoantes, mas como vogais:

(58)

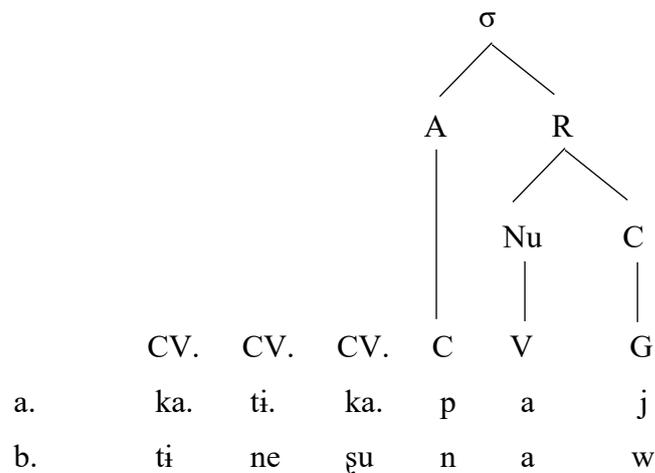
a. n=wãzaju-ti	b. n=wã-ti
1SG=feijão-CLF.semente	1SG=coco.de.tucum-CLF.semente
‘meu feijão’	‘meu coco de tucum’
c. n=julaka	
1SG=moqueado	
‘meu moqueado (de peixe)’	

Acredito que os dados do autor possam se referir a exemplos de fala rápida, razão pela qual a vogal dos proclíticos não foi representada. De qualquer modo, esta não é a posição que assumo para as aproximantes nesse trabalho, por conta das questões levantadas acima. A meu ver, estes segmentos devem ser tratados como consonantais em Mehináku, de modo que a língua disporia fonologicamente das seguintes sequências glide-vogal (CV) na língua: /ja/, /je/, /ji/, /ji/, /ju/, /wa/, /we/, /wi/ e /wi/.

2.3.2. Interpretação dos glides como vogais

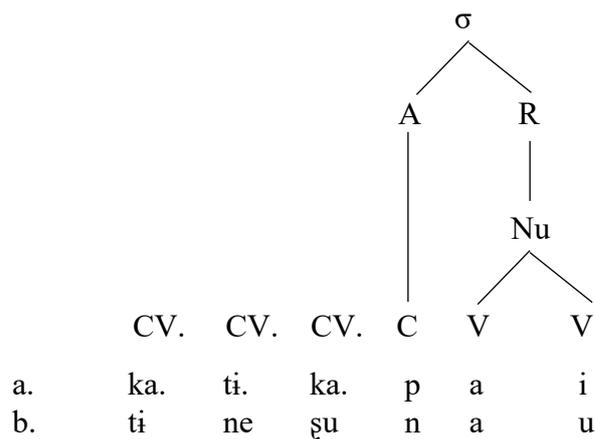
Para a interpretação dos glides [w] e [j] como vogais em Mehináku irei apresentar também duas hipóteses. A primeira proposta é aquela que os considera como consoantes. Como estou propondo nessa seção o tratamento desses segmentos como vocálicos, esta não é a proposta com a qual concordo. É importante apresentá-la, entretanto, para que se entenda melhor a proposta seguinte, sobre a qual debruçarei com mais demora. Nessa proposta de tratamento dos glides como consoantes, [w] e [j] constituiriam as únicas possibilidades de coda silábica, formando o padrão CVC, como nos exemplos /ka.ti.ka.'paj/ [ka.ti.ka.'paj] ‘gelado’ e /tineʃu'naw/ [tineʒu'naw] ‘mulheres’:

(59)



A segunda hipótese que aqui defendo, por sua vez, compreende os glides como segmentos com características vocálicas, ou seja, os glides [w] e [j] corresponderiam às vogais anterior [i] e posterior [u], respectivamente, na formação de ditongos decrescentes. Como na proposta anterior, a separação silábica seria mantida, mas o padrão silábico mudaria, de modo que teríamos uma sílaba do tipo CV, em que o núcleo seria um segmento complexo. Essa proposta permite manter os padrões V e CV, básicos da língua:

(60)



Essa proposta parece mais adequada não somente porque ela permite a manutenção do padrão silábico básico da língua (CV), mas sobretudo porque nos permite explicar o processo de mudança acentual em Mehináku. Na seção destinada ao tratamento do acento, veremos que palavras com núcleos complexos deslocam o acento para a última sílaba. Assim, palavras como /ti'neʃu/ 'mulher', quando sufixadas por um morfema pluralizador como {=nau}, como em /tineʃu'nau/, tem o acento deslocado da penúltima sílaba, padrão da língua para palavras trissilábicas e polissilábicas, para a última sílaba.

Outra evidência para o tratamento vocálico de [w] e [j], é o fato de [j] engatilhar o processo de palatalização dos segmentos [p], [k], [m], [n] e [w], quando figura no núcleo de uma sílaba que precede estes segmentos, exatamente como ocorre com a vogal [i] (cf. 2.1.3.1). Vejamos alguns exemplos:

(61)

- | | |
|--|---|
| <p>/epehe=pai=pa/
 a. epehe=pei=p'a
 3.assar=IPFV=PL
 'assou carne'</p> | <p>b. /apai=weke-hi/
 apai=jeke-hi
 canto-grande/dono-MASC
 'cantor (lit. dono do canto)'</p> |
| <p>c. /i=tâi=nau/
 i=tâi=jau
 3=filho=PL
 'filhos dele'</p> | <p>d. /jajakai-malu-weke-hi/
 jajakai=malu-weke-hi
 fala-inútil-grande/dono-MASC
 'fofoqueiro'</p> |

De posse dessa proposição, é preciso agora discutir uma proposição já existente sobre os glides na língua Mehináku: trata-se da proposta de Corbera Mori (2008, p. 69).

O autor propõe, para a interpretação dos glides como vogais em Mehináku, que o grupo dessas vogais são núcleos dissilábicos, sem o Ataque preenchido, como abaixo:

(62)

[ai]	['ma.i'ki]	‘milho’
[ei]	[i'tse.i]	‘fogo’
[eu]	[ine.u'ne]	‘pessoa’
[au]	[u'ʃa.u]	‘papagaio (esp.)’
[ue]	[pitʃu.e'leke]	‘rápido’
[ie]	[i'pi.ehi]	‘capivara’
[iu]	[i'hi.u]	‘sal’
[iu]	[nete'pi.u ⁿ ti]	‘clavícula’
[ia]	[ulu'ki.alu]	‘andorinha’

De acordo com ele, as sequências de duas vogais são poucas, reduzindo-se tão somente aos casos de: [ai], [ei], [eu], [ue], [ie], [au], [iu], [iu] e [ia], vistos acima. Por esta razão, o autor afirma que, embora seja possível assumir que as sequências de vogais da língua Mehináku representam ditongos, sobretudo porque é possível assumir que elas ficariam sob o domínio de um único núcleo contendo duas unidades temporais, esta interpretação viola o padrão estrutural \$(C)V\$ da língua, pois se estaria criando, sem motivo, sílabas do tipo \$VV\$. Uma evidência para optar por essa alternativa, segundo ele, é encontrada em outro conjunto de dados, contendo as mesmas sequências. Nesse conjunto, a intensidade fica às vezes na primeira vogal da sequência e em outras na segunda vogal à direita, sendo silabado pelo falante como emissões dissilábicas, como se pode ver a seguir (CORBERA MORI, 2008, p. 69):

(63)

a.'pi.a	‘queixada’	tsi.tsa.'i.ku	‘semelhante’
tʃe.'tu.i	‘joelho’	tɪ.pu.lu.'i	‘calcanhar’
wa.'u.ʃa	‘Waurá’	'u.a	‘urubu’
'u.i	‘cobra’	ju.hi.a.me.pe.'i	‘sobrancelha’
a.ta.ʃu.'a	‘nome próprio’	pi.tʃu.e.'le.ke	‘rápido’

Com base na segunda hipótese, a proposta que aqui defendo para casos como estes, entretanto, é a de que muitos desses encontros propostos pelo autor como não sendo ditongos, são, de fato, ditongos na língua. Em síntese, estou assumindo que a língua apresenta ditongos para a maioria dos casos em que haja encontros consonantais, de modo que os glides figuram nesses casos como as semivogais do encontro, que estão ligadas a

um mesmo núcleo (um núcleo complexo), e que, os casos em que o autor notou emissões dissilábicas, que de fato existem na língua, tratam-se de hiatos, ou seja, de duas vogais que operam em sílabas distintas. Assim, reorganizados os dados de Corbera Mori (2008) à proposta que apresento para a língua, o conjunto de palavras apresentado pelo autor poderia ser assim transcrito:

(64)

a. Ditongos:

[ai]	['maiki]	‘milho’
[ei]	[i'tsei]	‘fogo’
	[juhame'pei]	‘sobrancelha’
[eu]	[i'neune]	‘pessoa’
[au]	[u'zau]	‘papagaio (esp.)’
[iu]	[i'hiu]	‘sal’
[ui]	[tʃe'tui]	‘joelho’
	['ui]	‘cobra’
	[tipu'lui]	‘calcanhar’

b. Hiatos:

[u.e]	[pitʃu.e.'leke]	‘rápido’
[i.e]	[ipi.'e.hi]	‘capivara’
[i.u]	[netepĩ.'ũ.ti]	‘clavícula’
[i.a]	[a'pi.a]	‘queixada’
	[juhi.a.me'pej]	‘sobrancelha’
[a.u]	[wa.'u.za]	‘Waurá’
	[atazu.'a]	‘Ataşuá (nome próprio)’
[a.i]	[tsitsa.'i.ku]	‘semelhante’

Proponho para o Mehináku, portanto, que os glides [w] e [j] devem ser interpretados como vogais e considerados como parte do núcleo complexo CV da língua. Nos demais casos, em que duas vogais aparecem contíguas, defendo que estes segmentos figuram em sílabas distintas, caracterizando-se como hiatos. O Mehináku apresenta as seguintes sequências de vogais (ditongos decrescentes): /ai/, /ei/, /ui/, /au/, /eu/ e /iu/.

2.4. Contexto de ocorrência dos fonemas consonantais e vocálicos

Apresentados os fones e fonemas da língua Mehináku, é necessário também evidenciar os seus contextos de ocorrência. Os fonemas ocorrem em diferentes posições

nas palavras, de modo que a distribuição desses segmentos pode ser conhecida a seguir, a partir de sua ocorrência tanto na posição inicial, quanto medial e final das palavras, e, também, com sua ocorrência com cada uma das vogais fonológicas da língua. Como posição inicial de palavra, refiro-me à primeira sílaba dos itens lexicais, de modo que, nesta posição, a consoante figura no ataque absoluto, sem ser precedida por nenhum outro segmento. Por posição medial, refiro-me às sílabas intermediárias das palavras, que figuram entre sílabas, e, por posição final de palavra, à última sílaba dos itens lexicais, que ocorre depois de outras sílabas, mas que não ocorre antes de nenhuma outra.

(65) /p/ ocorre em todas as posições da palavra e com todas as vogais:

	#__		\$__	
[i]	[pi 'tsãna]	'tua asa'	[tap ĩ 'nuj]	'pele do pênis'
[e]	[pe 'teze]	'roça'	[me pe 'ti]	'peixinho'
[i]	[pi 'zati]	'pulga'	[aha' pĩ na]	'redondo'
[u]	[pu za'laj]	'gozo'	[e' pula]	'verde'
[a]	[pa 'lawa]	'órfão'	[hapa' jaj]	'barriga'
	__#			
[i]	[ĩpi]	'cipó'		
[e]	[ule' kepe]	'rede de pesca'		
[i]	[ahã' pi]	'algo grande'		
[u]	[nẽj' tsep u]	'ponta da língua'		
[a]	[kati' tapa]	'panturrilha'		

(66) /t/ ocorre em todas as posições da palavra com todas as vogais:

	#__		\$__	
[i]	[ti wi'tfahi]	'cabelo'	[kap iti 'wi]	'dedos'
[e]	[te 'wej]	'dente'	[e' tẽ ne]	'remo'
[i]	[tipi hi'kana]	'buraco'	[wa' tipi]	'colar de tucum'
[u]	[tu 'lũj]	'orelha'	[atukũ' mã]	'bisavô'
[a]	[tã na'kaj]	'costas'	[ĩta 'tãj]	'arco'
	__#			
[i]	[nehĩ' ti]	'carne'		
[e]	[pĩ' nete]	'teu colar'		
[i]	[e'zũ ti]	'mosquito'		
[u]	[apaje' ketu]	'cantora'		
[a]	[nihipa' tata]	'minha unha'		

(67) /k/ ocorre em todas as posições da palavra e com todas as vogais:

#__			\$__	
[i]	[kítsa'paj]	‘pé’	[pi'kiri]	‘teu nariz’
[e]	[keje'riři]	‘cascavel’	[ule'kepe]	‘rede de pesca’
[i]	[kĩ'şapi]	‘lábios’	[matu'kizu]	‘sogro’
[u]	[kũřuta'paj]	‘escroto’	[wala'kupe]	‘pirão’
[a]	[ka'lũti]	‘estrela’	[nu'kaja]	‘perereba’

__#		
[i]	['majki]	‘milho’
[e]	[ule'kē]	‘comida’
[i]	[a'ki]	‘tia’
[u]	[ēnu'taku]	‘céu’
[a]	[ahã'ka]	‘algo largo’

(68) /ts/ ocorre em todas as posições, mas somente antes de [i] na posição inicial:

#__			\$__	
[i]	[tsitsapa'iku]	‘igual’	[awi'tsiri]	‘bonito’
[e]	--	--	[nēj'tsepu]	‘ponta do nariz’
[i]	--	--	[pitsizĩ'zĩka]	‘tua frente’
[u]	--	--	[nitsu'palu]	‘minha filha’
[a]	--	--	[pi'tsãna]	‘tua asa’

__#		
[i]	[ĩ'wĩtsi]	‘coração’
[e]	[ari'tse]	‘Aritsé (N. PROP)’
[i]	[a'tsi]	‘nojo’
[u]	['pitsu]	‘você’
[a]	[naku'itsa]	‘dentro’

(69) /tʃ/ ocorre em todas as posições, mas somente antes de [i] na posição inicial e não ocorre antes de [i]:

#__			\$__	
[i]	[tʃiʃa'kati]	‘enfeite’	[ēnu'tʃiʃa]	‘trovão’
[e]	--	--	[pitʃe'jē]	‘sua lisura’
[i]	--	--	--	--
[u]	--	--	[pitʃula'tã]	‘sua quentura’
[a]	--	--	[tiwi'tʃahi]	‘cabelo’

__#

[i]	[ju'hitʃi]	‘peixe (esp.)’
[e]	--	--
[i]	--	--
[u]	[kaj'ʧiʃu]	‘pensar’
[a]	['pãjtʃa]	‘coma!’

(70) /ʃ/ ocorre em todas as posições, mas somente antes de [e, i, u, a]:

#__

\$__

[i]	--	--	--	--
[e]	[ʃe'pi]	‘banco’	[he'zɛti]	‘amendoim’
[i]	--	--	[izɛ'hã]	‘este aqui’
[u]	[ʃu'la]	‘lagartixa’	[kuzume'pej]	‘púbis’
[a]	[ʃapɪ'ti]	‘espinho’	[kaza'ipa]	‘não índio’

__#

[i]	--	--
[e]	[nutipe'peʒɛ]	‘minha argila’
[i]	[i'zɛ]	‘esse’
[u]	[tĩ'nezu]	‘mulher’
[a]	[ẽ'nizɔ]	‘homem’

(71) /h/ ocorre em todas as posições da palavra e com todas as vogais:

#__

\$__

[i]	[hitʃeke'ki]	‘vômito’	[juhi'jaj]	‘cílios’
[e]	[heki'raj]	‘testa’	[kehe'pe]	‘espumoso’
[i]	[hĩ'ti]	‘mama’	[tipihi'kãna]	‘buraco’
[u]	[hupata'taj]	‘unha’	[nuhũ'maka]	‘eu dormi’
[a]	[hapa'jaj]	‘barriga’	[kaha'ja]	‘molhado’

__#

[i]	[tiwi'tʃahi]	‘cabelo’
[e]	[e'pehe]	‘assar’
[i]	[apaje'kehi]	‘cantor’
[u]	[nu'puhu]	‘meu cabelo’
[a]	[tsũ'kaha]	‘beijo’

(72) /m/ ocorre em todas as posições e com todas as vogais:

	#__			\$__	
[i]	[mipĩ'ãma]	'dois'		[ĩmira'ki]	'suor'
[e]	[mepe'ti]	'peixinho'		[tẽwẽmepi'ala]	'gengiva'
[i]	[mi'taja]	'história (tipo)'		[nutã'mina]	'enteado'
[u]	[muku]	'dar'		[jãmu'kuhĩ]	'criança'
[a]	[matãmuja'ka]	'amanhã'		[nũma'tizu]	'minha sogra'
	__#				
[i]	[ĩmi]	'óleo'			
[e]	[tẽme]	'anta'			
[i]	[kãmi]	'sol'			
[u]	[jũmu]	'mutum'			
[a]	[mipi'ãma]	'dois'			

(73) /n/: ocorre em todas as posições da palavra e com todas as vogais:

	#__			\$__	
[i]	[nitsu]	'minha nora'		[nĩpã'niri]	'meu cunhado'
[e]	[nehĩ'ti]	'carne'		[tĩ'nezu]	'mulher'
[i]	[ni'zezu]	'irmã'		[ẽ'niza]	'homem'
[u]	[nukã'nati]	'minha boca'		[kũnu'ti]	'fechadura'
[a]	[natiza'hã]	'eles'		[ãũna'kĩ]	'história (tipo)'
	__#				
[i]	[wazamã'ni]	'Waxamani (nome próprio)'			
[e]	[e'tẽne]	'remo'			
[i]	[ũni]	'água'			
[u]	[ikitsapa'pẽnu]	'seu dorso do pé'			
[a]	[aha'pĩna]	'redondo'			

(74) /l/: ocorre em posição medial e final de palavra, e com todas as vogais:

	\$__			__#	
[i]	[hali'p'e]	'peixe socado'		[ha'li]	'Rali' (N.PROP)
[e]	[u'lejtsi]	'mandioca'		[naju'pele]	'meu algodão'
[i]	--	--		[atukuta'li]	'ele vai querer'
[u]	[tulũ'ti]	'brinco'		[mapa'palu]	'borboleta'
[a]	[pa'lawa]	'órfão'		[nata'jala]	'erva'

(75) /r/: ocorre em posição medial e final de palavra e antes de [i, e, u, a]:

	\$__		__#	
[i]	[kirĩna'kuj]	‘buraco do nariz’	['kiri]	‘nariz’
[e]	[takuare'pej]	‘tocando taquara’	--	--
[ĩ]	--	--	--	--
[u]	[a'rũwi]	‘arroz’	--	--
[a]	[ĩmirawaka'paj]	‘está calor’	[nutua'pira]	‘tua esteira’

(76) /w/: ocorre em todas as posições da palavra, e não ocorre antes de [u]:

	#__		\$__	
[i]	[wi'tsẽj]	‘bichinho’	[ĩ'wĩtsi]	‘coração’
[e]	[weke'tipa]	‘homem alto’	[te'wej]	‘dente’
[ĩ]	[wiʒi'kũ]	‘mão’	[nu'wĩtu]	‘neta’
[u]	--	--	--	--
[a]	[walã'ma]	‘sucuri’	[pawa'kaj]	‘rosto’

	__#	
[i]	[a'rũwi]	‘arroz’
[e]	[nu'tewe]	‘meu dente’
[ĩ]	[jawala'wi]	‘agulha’
[u]	--	--
[a]	[majaja'kawa]	‘mudo’

(77) /j/: ocorre em todas as posições da palavra, e com todas as vogais:

	#__		\$__	
[i]	[jĩtsu]	‘vocês’	--	--
[e]	[jeʒe'ti]	‘nádega’	[i'jepe]	‘nuvem’
[ĩ]	[jĩmita'jala]	‘tua história’	--	--
[u]	[jue'ti]	‘castanha’	[aju'pe]	‘algodão’
[a]	[jãmu'kuhi]	‘criança’	[wajala'pi]	‘veia’

	__#	
[i]	--	--
[e]	[akãj'p'eje]	‘mingau de pequi’
[ĩ]	--	--
[u]	[ne'hejũ]	‘sua saliva’
[a]	[nu'kaja]	‘perereba’

Pelos exemplos acima, é possível verificar as posições na palavra, bem como os contextos de ocorrência, em termos das vogais fonológicas que sucedem os segmentos,

de cada um dos 13 fonemas consonantais da língua Mehináku. Na tabela abaixo resumo essas informações, a fim de que seja possível visualizar de forma mais geral os contextos e restrições apresentados anteriormente:

	#					\$					#				
	/i/	/e/	/a/	/u/	/i/	/i/	/e/	/a/	/u/	/i/	/i/	/e/	/a/	/u/	/i/
/p/	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
/t/	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
/k/	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
/h/	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
/m/	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
/n/	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
/w/	x	x	x	?	x	x	x	x	?	x	x	x	x	?	x
/j/	x	x	x	x	x	?	x	x	x	?	?	x	x	x	?
/s/		x	x	x			x	x	x	x		x	x	x	x
/ts/	x					x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
/l/						x	x	x	x		x	x	x	x	x
/tʃ/	x					x	x	x	x		x	?	x	x	
/r/						x	x	x	x		x		x		

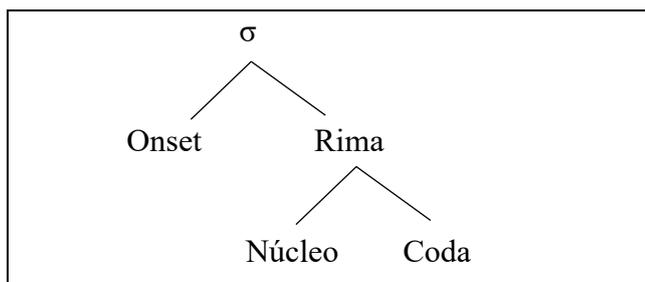
Tabela 17. Hierarquia das posições dos fonemas na palavra e das vogais que os sucedem

É possível notar que, dos fonemas consonantais da língua Mehináku, as oclusivas [p, t, k], a fricativa [h], e as nasais [m, n] são os mais produtivos, ocorrendo em todas as posições da palavra e antes de todas as vogais fonológicas; as aproximantes [w, j] também figuram em todas as posições da palavra, não ocorrendo apenas antes de [u] para [w] e antes de [i, i] para [j], em posição medial e final de palavra. Os demais segmentos consonantais, por sua vez, são menos produtivos, a exemplo de [l] e [r], que nunca ocorrem em início de palavra.

2.5. Estrutura silábica

Nesta seção, descrevo alguns aspectos da estrutura da sílaba em Mehináku, tais como: (i) os tipos básicos de sílaba, (ii) as restrições de ocorrência dos segmentos que compõem a sílaba e (iii) os processos de ressilabificação. Das representações possíveis para os subconstituintes que podem compor a sílaba, utilizo, nesta pesquisa, a da ramificação binária com rima (*Binary branching with rime*), modelo que se baseia nas proposições de Pike (1947), Fudge (1969), Halle e Vergnaud (1978), Selkirk (1982), conforme abaixo:

(78)



Quadro 5. Ramificação binária com rima

Neste modelo, a sílaba, representada pela letra grega σ , é composta por um *Onset* ou Ataque (A) e uma Rima (R). Esta rima, por seu turno, consiste em um Núcleo (Nu) e uma Coda (Co), sendo somente o núcleo obrigatório. Diferentemente das teorias autosegmentais, que preveem um relacionamento igualitário entre os constituintes, como se vê nos modelos de estrutura plana, por exemplo, esta abordagem prevê um relacionamento muito mais estreito entre a vogal do N e a consoante da Co, do que entre esta vogal e a consoante do A.

2.5.1. Padrões silábicos

O padrão silábico da língua Mehináku é (C)V, sendo somente o Núcleo (V), que pode ser simples (V) ou complexo (VV), obrigatoriamente preenchido por uma vogal. Essa vogal pode ou não estar acompanhada por uma consoante no Ataque, mas a Coda da sílaba nunca será preenchida. Do ponto de vista fonológico, o Ataque da sílaba, em posição inicial absoluta, é preenchido pelas oclusivas /p, t, k/, as africadas e fricativas /tʃ, ts, ʂ, h/, as nasais /m, n/, e as aproximantes /w, j/. A lateral /l/ e o tepe /r/ somente ocorrem no Ataque interno da sílaba da palavra, juntamente com todos os demais fonemas, que também ocorrem nessa posição. A seguir, apresento alguns exemplos:

(79) Sílabas com núcleo simples (C)V ou V:

a.	V.CV	/a.'tʃi/	‘avó’
b.	V.CV.CV	/e'.te.ne/	‘remo’
c.	V.CV.CV.CV	/a.tu.ku.'ma/ /e.nu.'tʃi.tʃa/	‘bisavô’ ‘trovão’
d.	CV.CV	/'te.me/ /ʃe.'pi/	‘anta’ ‘banco’
e.	CV.CV.CV	/pe.te.'ze/ /wa.la'.mã/	‘roça’ ‘sucuri’
f.	CV.CV.CV.CV	/ke.je'.ri.ri/ /tʃi.tʃa.ka.'ti/ /ja.mu.'ku.hi/	‘cascavel’ ‘enfeite’ ‘criança’
g.	CV.CV.CV.CV.CV	/ni.hi.pa.'ta.ta/	‘minha unha’
h.	CV.CV.CV.V.CV	/tʃi.tʃa.pa.'i.ku/	‘igual’
i.	CV.CV.V.CV	/mi.pi.'a.ma/	‘dois’

(80) Sílabas com núcleo complexo (C)VV ou VV:

a.	VV	/'ui/ /'ai/	‘cobra’ ‘pimenta’
b.	V.CVV	/u.'lei/ /i.'hiu/ /i.'tsei/ /u.'ʃau/	‘mandioca’ ‘sal’ ‘fogo’ ‘papagaio (esp.)’
c.	VV.CV	/'au.tu/	‘porco do mato’
d.	VV.CV.CV	/au.na.'ki/	‘história’
e.	VV.CV.CV.CV	/au.tu.ku.ma/	‘porco de granja’
f.	CVV	/'pai/ /'nei/	‘casa’ ‘língua’
g.	CVV.CV	/mai.ki/	‘milho’
h.	CV.CVV	/nu.'tai/ /te.'wei/	‘meu filho’ ‘dente’
i.	CV.CV.CVV	/ta.na.'kai/ /pu.ʃa.'lai/ /he.ki.'rai/	‘costas’ ‘gozo’ ‘testa’
j.	CV.CV.CV.CVV	/ha.pa.'jai/ /ku.ɲu.ta.'pai/	‘barriga’ ‘saco escrotal’

2.5.2. Restrições fonotáticas da sílaba

Apresentados os tipos mais comuns de sílaba em Mehináku, é importante mencionar, também, as restrições de ordem fonotática que se aplicam à formação silábica nessa língua. Das sequências fonotáticas (C)V possíveis para os fonemas, as consoantes /p, t, k, ts, h, m, n, j, l/ podem ocorrer antes de todas as vogais fonológicas, ou seja, antes

de /i, e, a, u, i/. Corbera Mori (2008) afirma que o fonema /tʃ/ também pode ocorrer sendo seguido por todas as vogais, mas, em meus dados, não encontrei até o momento a presença da sequência *tʃi. O autor afirma ainda não haver a sequência *li, mas esta sequência foi encontrada em meus dados, como se pode ver em (73). Para as demais consoantes que não figuram em todas as sequências, são elas: /ʒ, r, tʃ, w/, não foram encontradas as seguintes combinações: *tʃi, *wu, *ʒi, *ri. As representações silábicas abaixo resumem essas informações⁶:

(81) Sílabas com núcleo simples (C)V ou V:

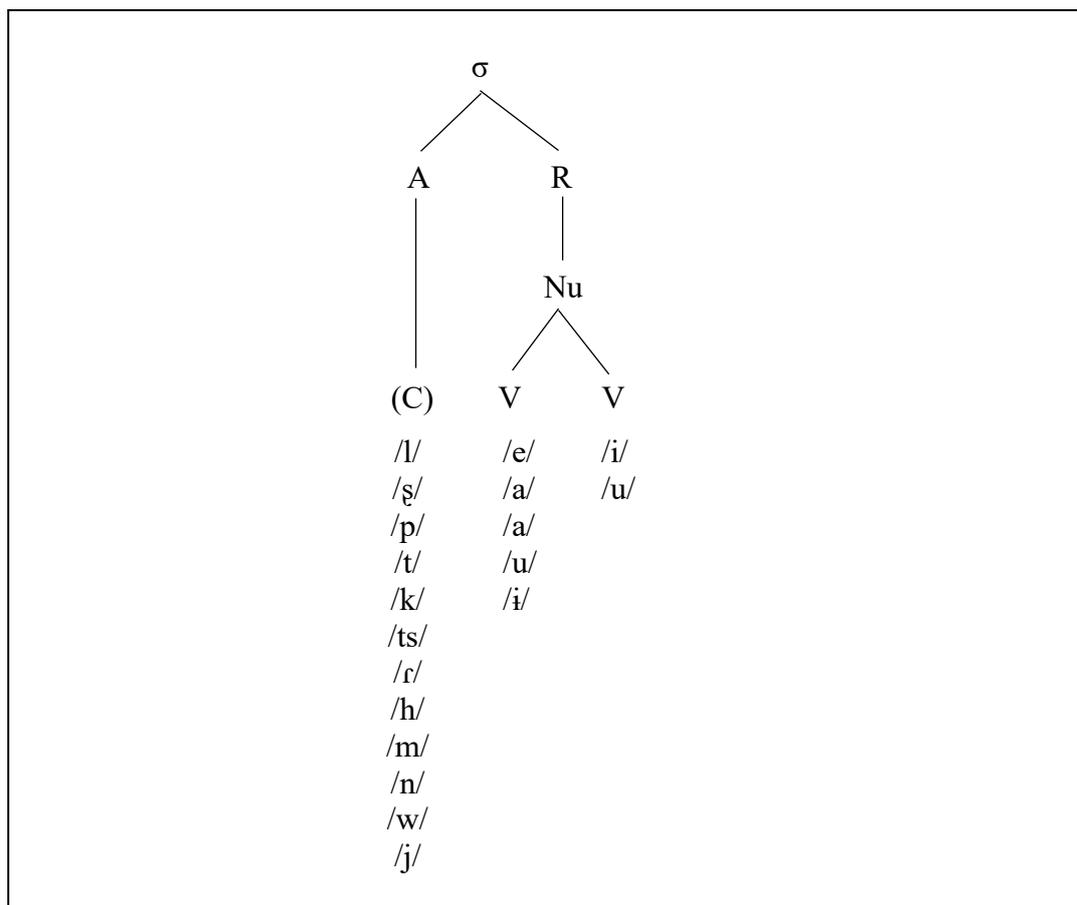
Início absoluto de palavra	Entre sílabas e final de palavra
σ / \ A R Nu (C) V /p/ /i/ ₃ /t/ /e/ /k/ /a/ */tʃ/ ₁ /u/ ₂ /ts/ /i/ ₁ */ʒ/ ₃ /h/ /m/ /n/ */w/ ₂ /j/	σ / \ A R Nu (C) V /l/ /i/ */r/ ₄ /e/ /p/ /a/ /t/ /u/ /k/ /i/ ₄ /tʃ/ /ts/ /ʒ/ /h/ /m/ /n/ /w/ /j/

Quadro 6. Moldes silábicos de sílabas com núcleo simples (C)V ou V

⁶ A função dos números subscritos nos fonemas consonantais é indicar sua relação de restrição fonotática com as vogais que portam os mesmos números. Assim, tomando o fonema /tʃ/ como exemplo, veremos que ele porta o número 1 subscrito (*tʃi). Esse é também o número subscrito abaixo da vogal /i/₁ com a qual esse fonema não forma sílaba (indicando, portanto, sua restrição fonotática). Isso vale para os demais fonemas.

A respeito dos padrões (C)VV possíveis, por sua vez, não foi possível determinar todos os contextos de ocorrência das consoantes que podem funcionar como ataque desse tipo de padrão silábico. No entanto, pelo conjunto de dados que disponho, é possível perceber que, com exceção do fonema /tʃ/, todos os demais fonemas, são eles /p, t, k, ts, ʃ, l, m, n, j, w, ɫ, h/ podem funcionar no ataque silábico de núcleos complexos contendo ou /i/ ou /u/ como semivogais. Em (79), acima, elenquei pelo menos um exemplo de cada sílaba com núcleo complexo (C)VV em que as consoantes citadas acima aparecem no ataque. O molde silábico pode ser visto abaixo:

(82) Sílabas com núcleo complexo (C)VV ou VV:



Quadro 7. Molde silábico de sílabas com núcleo complexo (C)VV ou VV

2.5.3. Processos de ressilabificação

O padrão silábico básico da língua Mehináku é (C)V. No entanto, alguns processos fonológicos, tais como a degeminação, a fusão e a ditongação, que apresentei

anteriormente, forçam a ressilabificação na língua, porque ocorrem em fronteiras de palavras em contexto de encontro de duas vogais plenas (e não de uma semivogal, como ocorre nos ditongos). Nessa seção, retomo os exemplos já apresentados anteriormente a fim de representá-los. Para uma explicação mais detalhada sobre esses processos, retornar às seções destinadas ao tratamento de cada um deles.

(83) Degeminação /CV # V/ → [CV]: ocorre em fronteira de palavras. Trata-se de um processo de fusão de duas vogais de mesma natureza. Vejamos alguns exemplos abaixo e a representação do exemplo em (82a):

a. /ma # a/ → [ma]

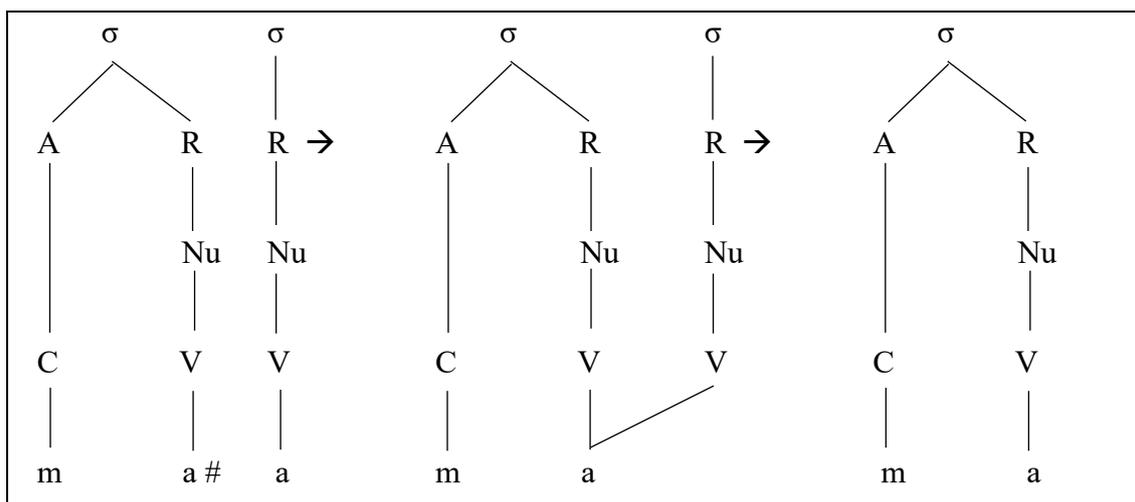
[pairũ'mã ã'nati]
[pairũmã'nati]

/pai'ruma a'nati/
Pairuma pilão
'pilão da Pairumã'

b. /lu # u/ → [lu]

[ata'pulu u'lepe]
[atapulu'lepe]

/ata'pulu u'le-pe/
Atapulu beiju-CLF.massa
'beiju do Atapulu'



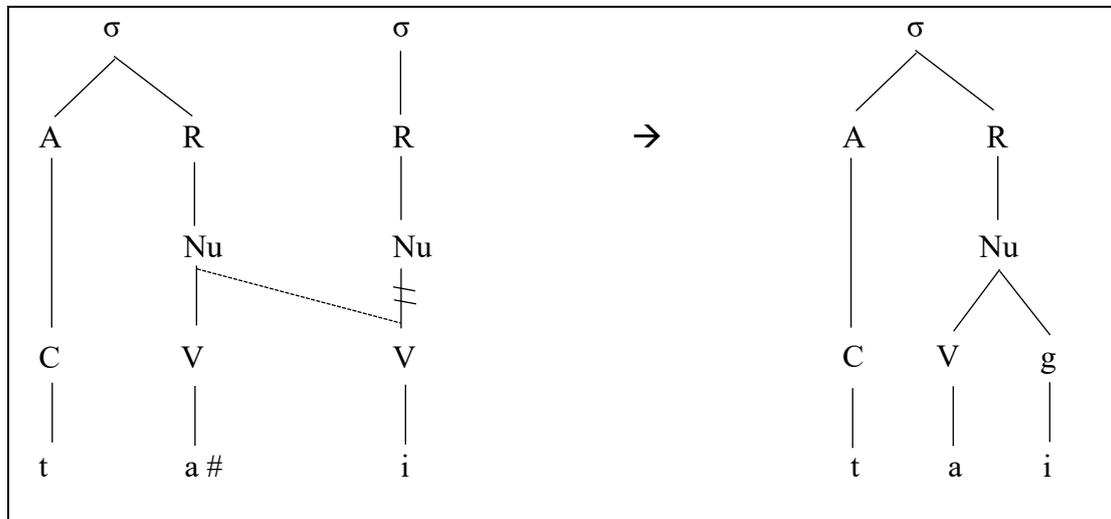
Quadro 8. Degeminação (fusão) de vogais.

(84) Ditongação: /V₁/ # /V₂/ → [VV]: ocorre também na fronteira entre palavras, quando a vogal núcleo da última sílaba da palavra à esquerda forma um ditongo com a vogal núcleo da primeira sílaba da palavra à direita, conforme o exemplo abaixo e sua representação em seguida:

a. /a/ # /i/ → [ai]

[ã'mija puwa'kata i'tsei]
[ã'mija puwaka'taitsei]

/a'mija pi=wa'ka-ta i'tsei/
PROIB 2SG=apagar-CAUS fogo
'não apague o fogo'



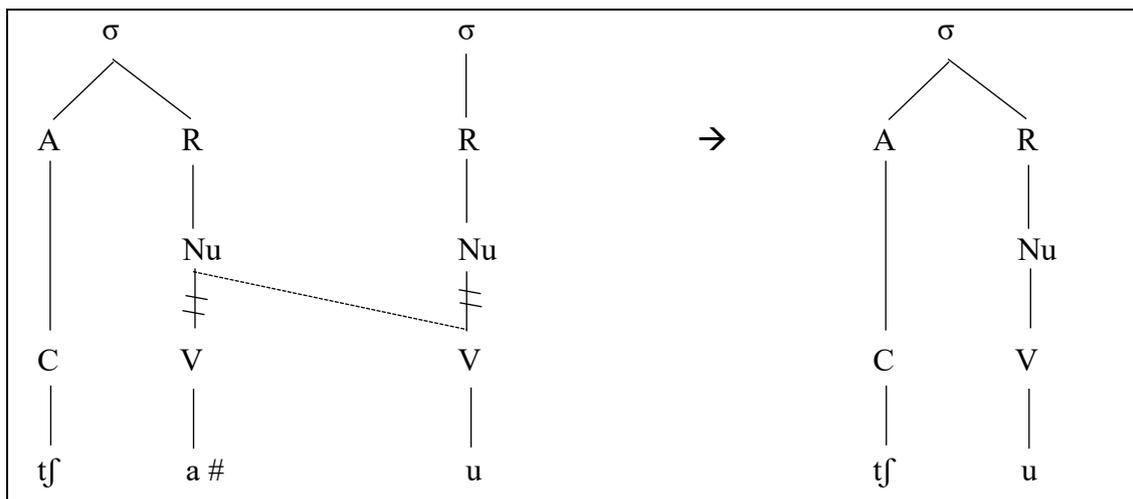
Quadro 9. Ditongação de vogais

(85) Elisão: /V₁/ # /V₂/ → / # /V₂/ → /V₂/: afeta vogais de natureza diferentes na fronteira de palavras. O que ocorre, neste caso, não é uma fusão dessas vogais, mas o apagamento da vogal que ocupa o núcleo da última sílaba da palavra à esquerda, desde que essa sílaba seja átona. Vejamos o exemplo em (84a) e sua representação abaixo:

a. /tʃa # u/ → [tʃu]

['paitʃa u'lepe]
['paitʃu'lepe]

/'p=aitʃa u'lepe /
2SG=comer beiju
'coma o beiju!'



Quadro 10. Elisão de vogais

2.6. Nasalização

O processo de nasalização em Mehináku pode ser de dois tipos: (i) “nasalização fraca (ou fonética)” e (ii) “nasalização forte (ou fonológica)”. O primeiro tipo, que é estritamente fonético, ocorre quando as vogais orais se nasalizam na contiguidade de consoantes nasais primárias, enquanto no segundo tipo, que é fonológico, as vogais recebem nasalidade independentemente da presença de consoantes nasais, razão pela qual são interpretadas como vogais inerentemente nasais. Trato desses dois casos adiante.

2.6.1. Nasalidade fonética

Esse é o tipo de nasalidade mais comum na maioria das línguas do mundo, de modo que 99% delas tem vogais marcadas pelo traço de nasalidade (MADDIESON, 1984). Em Mehináku, há duas vogais inerentemente nasais: a labial /m/ e a coronal /n/, que estão em oposição, dentro da classe das soantes, com as soantes não-nasais /w/, /j/, /l/, /r/, e que engatilham o processo de nasalização fonética das vogais na língua. Essas nasais podem ocorrer com todas as vogais fonológicas e em todas posições da palavra.

Corbera Mori (2009) defende que a nasalidade fonética em Mehináku seria progressiva, uma vez que se daria da esquerda para a direita: a consoante nasal do ataque silábico seria a responsável por nasalizar o segmento vocálico seguinte, que ocuparia o núcleo, tais como nos dados a seguir:

(86)

['māpa]	‘mel’	[ĩ 'nāmā]	‘mais’
[kiripāku'ti]	‘meleca’	[i'tanā]	‘sua asa’
[nēmūnā'pai]	‘estou cheio’	[a'mīnā]	‘frio’
[mī'mā]	‘cabaça’	['mūtu]	‘armadilha de peixe’
[nūta'i]	‘corda’	[ip'uinī'tsai]	‘ovo de tracajá’

Em minha análise da nasalidade fonética, por seu turno, tomo outra direção: considero que, em Mehináku, a nasalidade fonética é regressiva, no sentido de que sua direcionalidade é da direita para a esquerda. Em outras palavras, defendo que é o segmento vocálico precedente à consoante nasal que é o afetado pelo traço de nasalidade advindo dos segmentos /m/ e /n/ na língua. Abaixo, proponho uma reanálise das palavras apresentadas por Corbera Mori (2009), dando ênfase à vogal que, em minha proposta, é afetada pelo processo de nasalidade regressiva:

(87)

['mapa]	‘mel’	[ĩ 'nāma]	‘mais’
[kirīpa'kuti]	‘meleca’	[i'tāna]	‘sua asa’
[nēmūna'pai]	‘estou cheio’	[ā'mīna]	‘frio’
[mī'ma]	‘cabaça’	['mutu]	‘armadilha de peixe’
[nu'tāi]	‘corda’	[ip'ūīni'tsai]	‘ovo de tracajá’

Por meio destes exemplos, é possível ver que as vogais que compõem o Núcleo da sílaba cujo Ataque contém uma consoante nasal não são nasalizadas. Pelo contrário, essa nasalização atinge somente o segmento vocálico imediatamente precedente às consoantes nasais. A seguir, apresento outros exemplos de palavras em que é possível visualizar este tipo de processo:

(88)

[ēnu'tʃitʃa]	‘trovão’	[nu'pēne]	‘meu parente’
[tāma'kaj]	‘costas’ (NPOSS)	[mā'ma]	‘mãe’
[pulānū'maj]	‘barba’ (NPOSS)	[āna'ti]	‘pilão’
[nī'jāju]	‘minha cunhada’	[kūnu'ti]	‘fechadura’

Esta proposta parece ser mais razoável para o tratamento da nasalidade fonética em Mehináku por duas razões: primeiramente, porque vai ao encontro do que ocorre em boa parte das demais línguas Arawak (AIKHENVALD, 1999), cujo padrão de nasalidade fonética é regressivo, mas, também, porque as análises acústicas que realizei têm

mostrado que, embora haja resquícios de nasalidade na vogal do núcleo da sílaba que contém uma consoante nasal em Ataque, este processo é mais saliente na vogal que precede [m] ou [n].

Para a análise acústica, tomei como parâmetro somente as palavras que continham vogais iguais precedendo e seguindo a consoante nasal espalhadora do traço de nasalidade, como em [ĩnãma] ‘mais’, [ãjãmakuma] ‘veado grande (boi)’, [etēnetei] ‘remo pequeno’, e outras. Descartei do conjunto apresentado por Corbera Mori (op.cit.) aquelas palavras cuja vogal a ser medida fazia ditongo com segmentos mais altos, a exemplo de [kamai] ‘doente’, porque a altura da semivogal poderia interferir na qualidade da vogal adjacente a esses segmentos. Os resultados mostraram, nas palavras analisadas, que embora ambos os segmentos apresentem traços de nasalidade, o que é bastante comum para segmentos vocálicos que circundam consoantes nasais, há um valor mais alto de F2 nas vogais que antecedem a consoante nasal, o que é um indicativo de maior grau/nível de nasalidade nesses segmentos.

Abaixo, apresento a tabela com os valores dos formantes das palavras [ĩnãma] ‘mais’, [ãjãmakuma] ‘veado grande (boi)’, [etēnetei] ‘remo pequeno’, seguida dos *spectrums* de comparação entre as vogais pré e pós nasalizadas nestas palavras, a fim de que se possa observar a diferença que menciono anteriormente⁷. Essas palavras são representativas de outras também medidas, cujos valores são parecidos. Note que [ĩnãma] apresenta F2 175Hz maior na pré-nasalizada, [ãjãmakuma] apresenta 147Hz maior e [etēnetei] apresenta 40Hz maior na pré-nasalizada, o que é indício de nasalidade nessas vogais.

	Palavra	F1 (em Hz)	F2 (em Hz)	F3 (em Hz)
1	[ĩnãma] (pré)	769	1565	2119
2	[ĩnãma] (pós)	746	1390	2038
3	[ãjãmakuma] (pré)	423	1601	2104
4	[ãjãmakuma] (pós)	705	1454	2156
5	[etēnetei] (pré)	331	1233	2029
6	[etēnetei] (pós)	388	1193	1983

Tabela 18. Valores dos formantes de vogais pré e pós consoante nasal

⁷ Apresento a seguir somente os *spectrums*, porque nos espectrogramas não é possível verificar com precisão o valor de F2 (já que não há a opção “move cursor to nearest peak”). Os parâmetros de análise foram: máximo de formantes: 5000Hz/ número de formantes: 5.0 (para falante do sexo masculino).

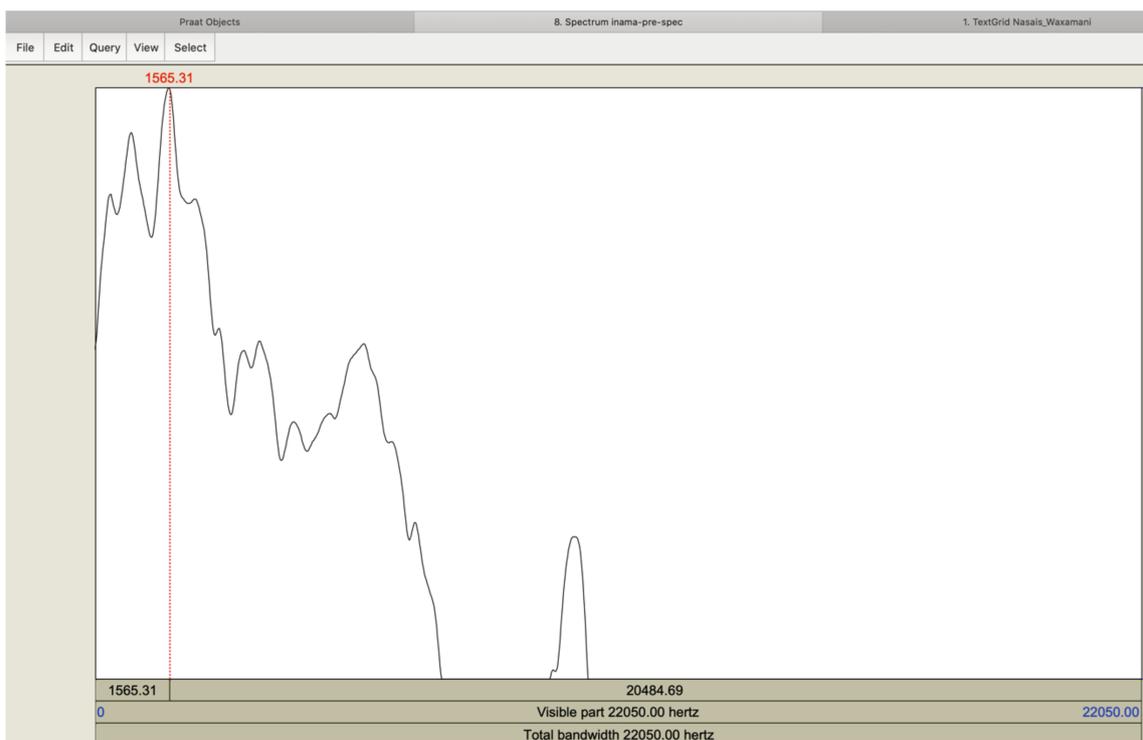


Figura 7. Spectrum de F2 da vogal que antecede a consoante nasal em [ĩnãma].

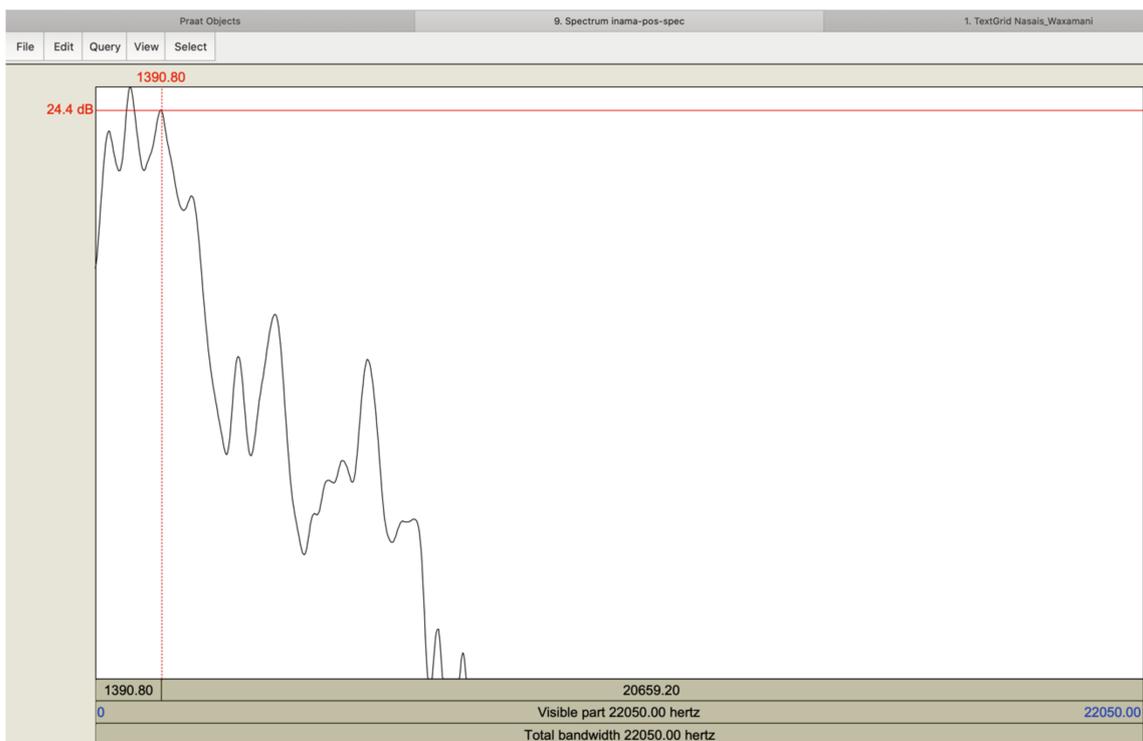


Figura 8. Spectrum de F2 da vogal que sucede a consoante nasal em [ĩnãma].

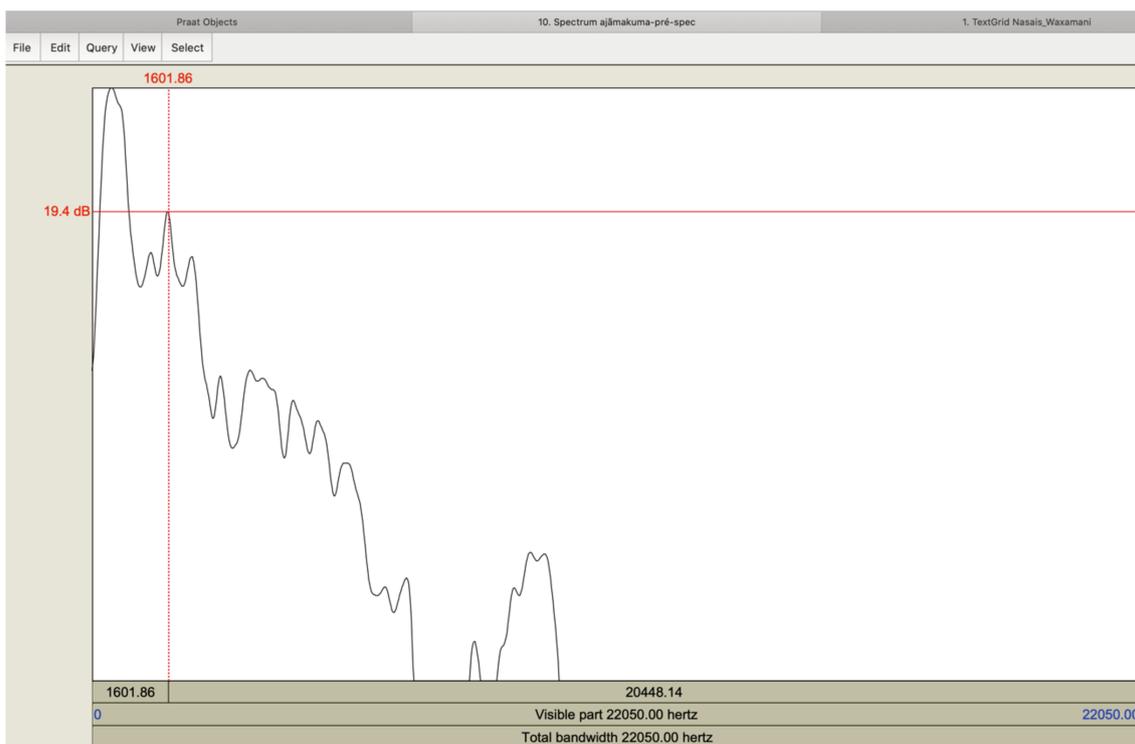


Figura 9. Spectrum de F2 da vogal que antecede a consoante nasal em [ãjãmakuma].

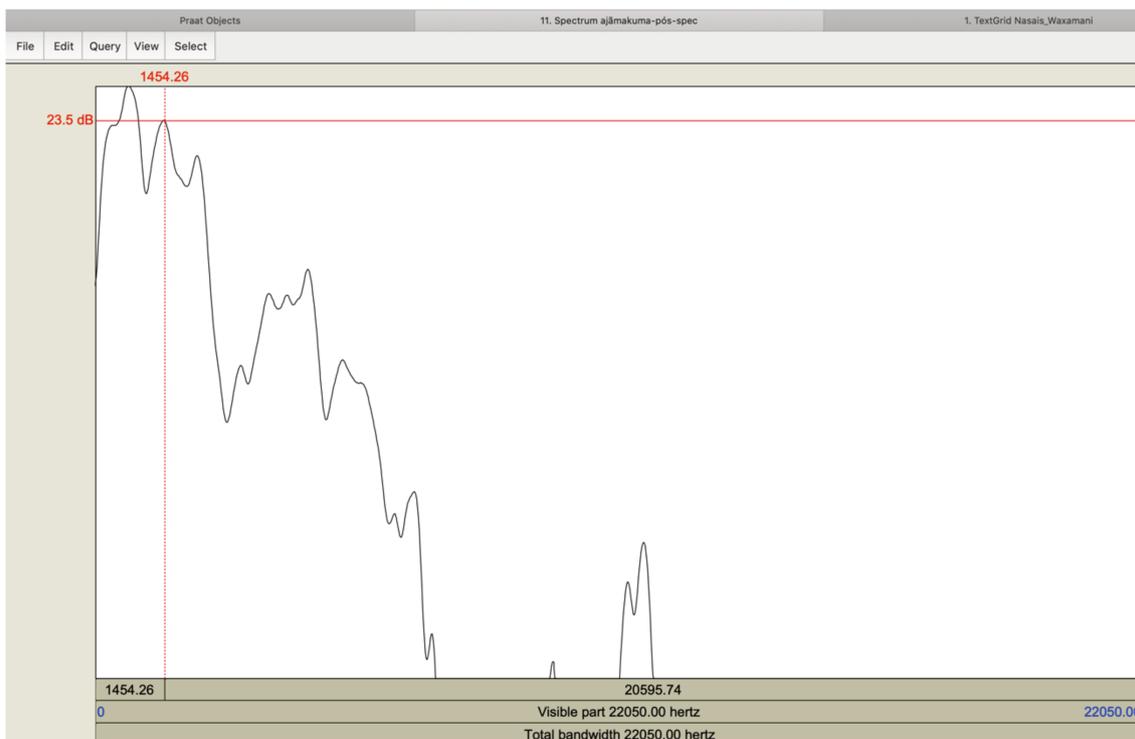


Figura 10. Spectrum de F2 da vogal que sucede a consoante nasal em [ãjãmakuma].

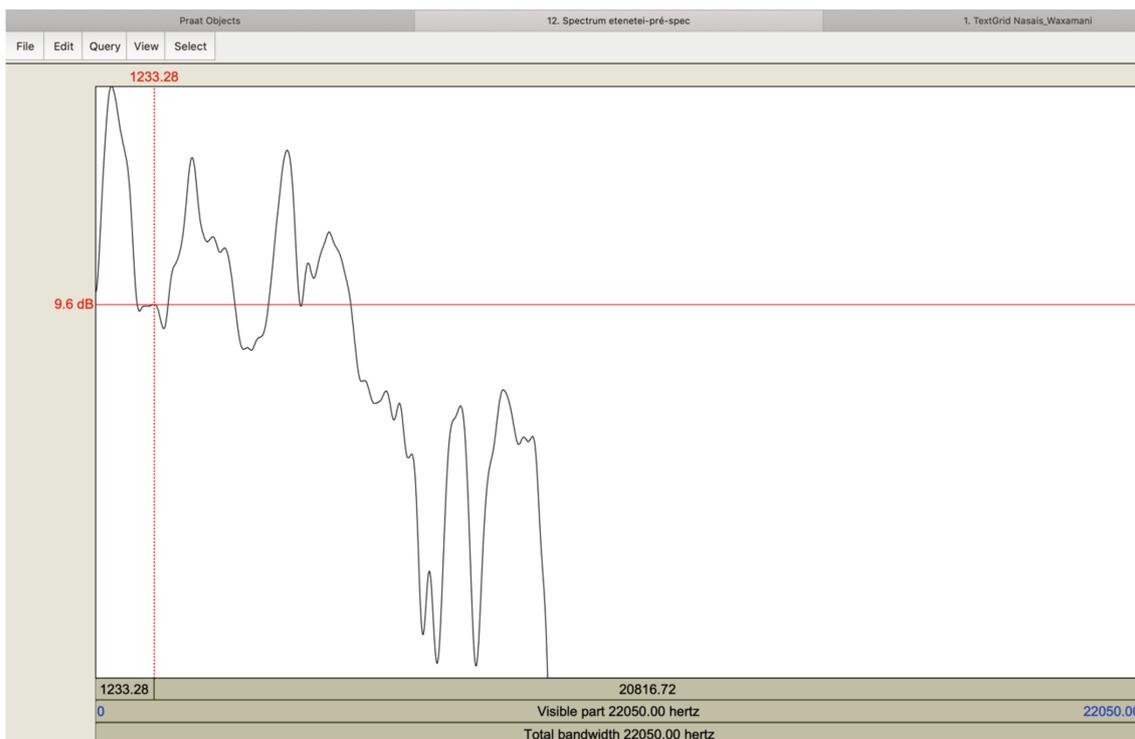


Figura 11. Spectrum de F2 da vogal que antecede a consoante nasal em [etēnetei].

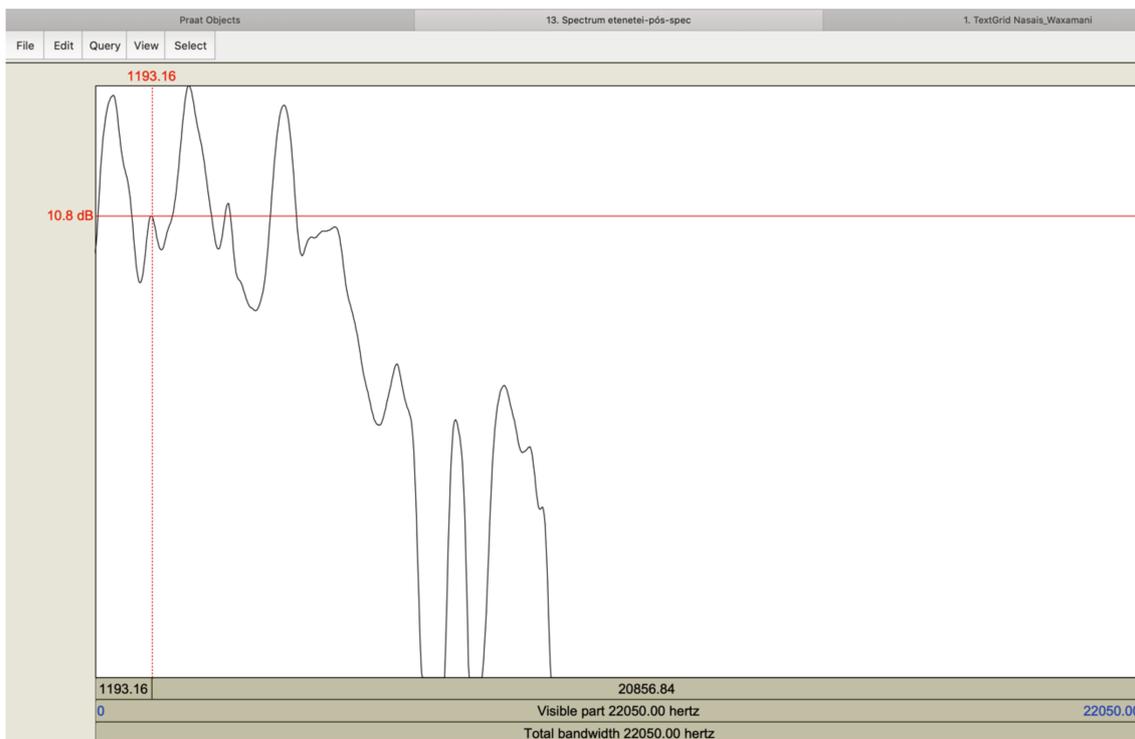


Figura 12. Spectrum de F2 da vogal que sucede a consoante nasal em [ājāmakuma].

Este estudo, entretanto, embora aponte para a possibilidade de a nasalidade fonética ser de fato regressiva em Mehináku, como apontam os valores acima, precisa ser refeito com um conjunto maior e mais seletivo de palavras, em ambiente mais controlado, a fim de se chegar a resultados mais acurados desse fenômeno. Isto porque algumas palavras, como [pitsãna] ‘tua asa’, embora tenham apresentado maior valor de F2 na pré-nasalizada (F2: 1470Hz na pré-nasalizada vs. 1446Hz na pós-nasalizada), não apresenta valores consideráveis em termos de variação (apenas 24Hz em F2, em favor da nasalidade fonética regressiva), o que pode ter se dado por influência de ruídos externos ou outros fatores acústicos que uma análise acústica de laboratório poderia evitar. Vejamos, abaixo, os *spectrums* das vogais pré e pós consoante nasal dessa palavra:

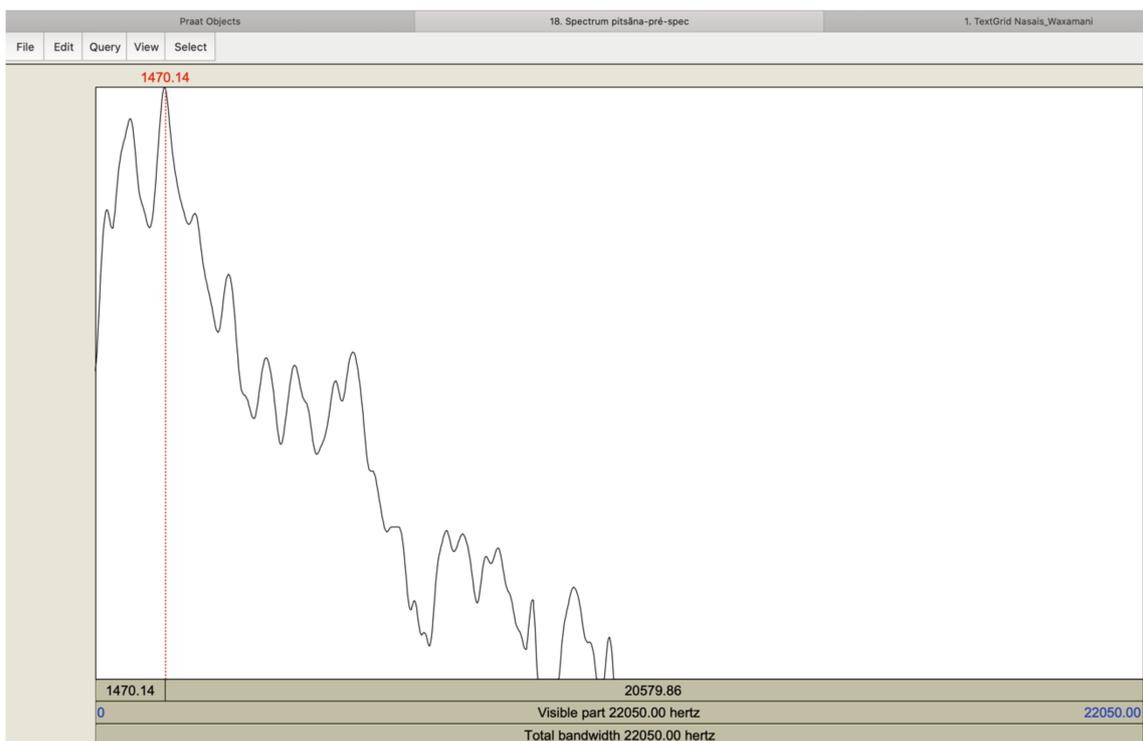


Figura 13. Spectrum de F2 da vogal que antecede a consoante nasal em [pitsãna].

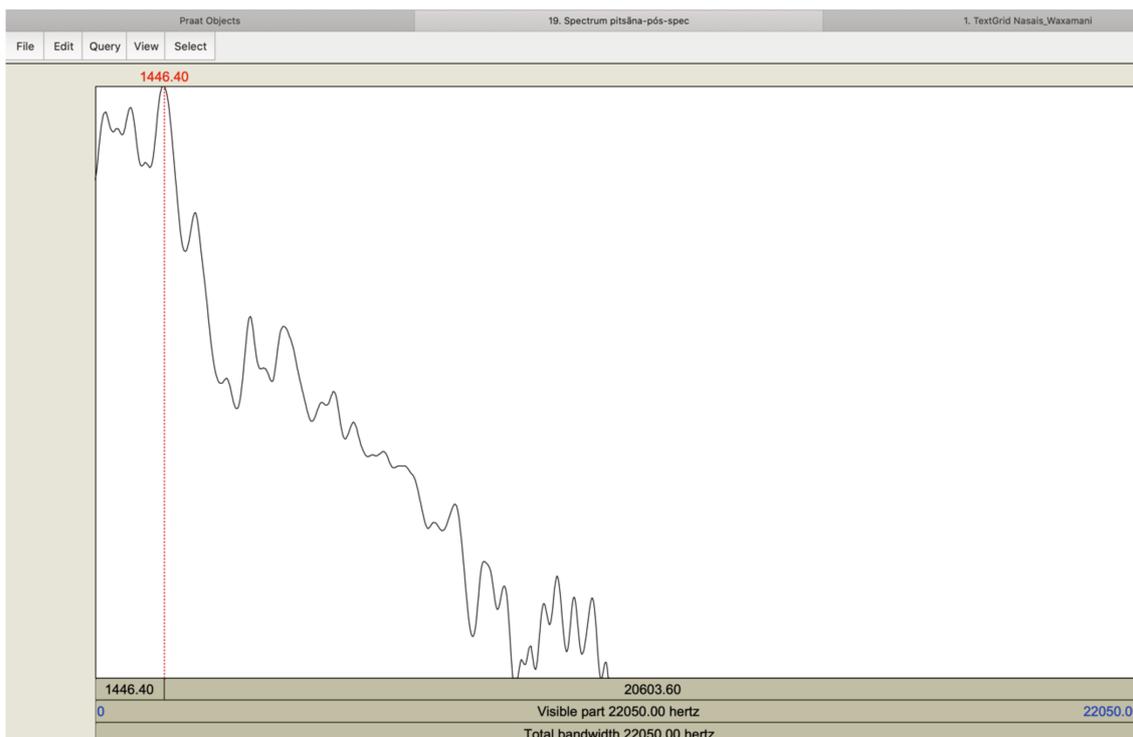


Figura 14. Spectrum de F2 da vogal que sucede a consoante nasal em [pitsãna].

É importante destacar, também, que existem consoantes em Mehináku que tanto bloqueiam o espalhamento da nasalidade, quanto são transparentes a ela, permitindo que a nasalidade regressiva se espalhe atingindo outros segmentos. As consoantes que são opacas à nasalidade fonética nesta língua são /p, t, k, ts, tʃ, ʂ, l, r/, conforme em (89), enquanto as consoantes /w, j, h/ são transparentes, conforme em (90). As consoantes nasais /m, n/, por serem o gatilho da nasalidade fraca, não bloqueiam o processo de nasalização dessa natureza, obviamente, contribuindo com seu espalhamento, como em (91):

(89)

/p/:	[ip'ũĩni'tsai]	‘ovo de tracajá’
/t/:	[itãnu'le]	‘primo dele’
/k/:	[nukã'nati]	‘minha boca’
/ts/:	[pi'tsãna]	‘tua asa’
/tʃ/:	[pitʃãmalu'pila]	‘tua panela grande de barro’
/ʂ/:	[kuzũme'pei]	‘púbis’
/l/:	[walã'ma]	‘sucuri’
/r/:	[kirĩna'kui]	‘meleca’

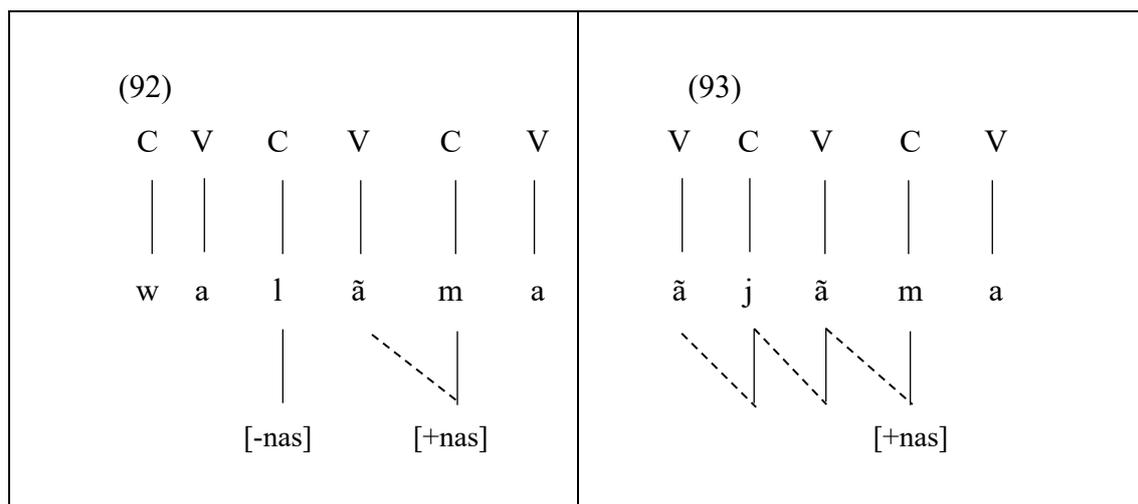
(90)

/w/:	[nũ'wãna]	‘meu braço’
/j/:	[ipĩjũ'naku]	‘tua garganta’
/h/:	[nũjũhĩjã'mepe]	‘minha sobancelha’

(91)

/m/:	[pũmãmala'wiku]	‘vocês acabaram’
/n/:	[nĩ'ɲãɲu]	‘minha cunhada’

Diante disso, os segmentos nasais /m, n/, que são gatilhos para o processo de nasalização fonética, são aqui entendidos como marcados positivamente para o traço de nasalidade [+nas]. Os segmentos vocálicos, que são alvos da nasalidade, e os segmentos /w, j, h/, que permitem o espalhamento, são não-marcados, enquanto os segmentos opacos, que bloqueiam a nasalidade, são marcados negativamente para a nasalidade, e entendidos como [-nas]. Abaixo, apresento dois esquemas que exemplificam como se dá o processo de nasalização fonética em Mehináku, tanto com segmentos opacos, como em (92), com a palavra *walama* ‘sucuri’, em que [l] bloqueia o espalhamento, quanto com segmentos transparentes, com a palavra *ajama* ‘veado’, em que [j] permite o espalhamento, conforme em (93):



Quadro 11. Espalhamento nasal fonético em Mehináku

Acusticamente, o espalhamento da nasalidade pode ser visto comparando-se valores de F2 em palavras como [ãjãmakuma] ‘veado grande’, em que é possível comparar os valores dessa frequência para as três vogais: a vogal que antecede o segmento [j], que permite o espalhamento de nasalidade, a vogal que antecede e é a mais afetada pela consoante nasal

e a vogal que segue a consoante nasal. Tomando os valores em Hertz de F2 das três vogais dessa palavra, tem-se o seguinte:

ã	j	ã	m	a	kuma]
ã		ã		a	
1581		1601		1454	

Tabela 19. Valor de F2 das vogais nasalizadas de [ãjãmakuma]

Observe que a vogal que antecede o segmento [j] apresenta valor de F2 apenas menor que a vogal que antecede a consoante nasal, diretamente afetada pela nasalidade regressiva. A vogal que segue a consoante nasal apresenta F2 menor que as duas outras que antecedem, indicando, portanto, que as que antecedem são mais afetadas pela nasalidade que a vogal que segue. O espectrograma abaixo mostra o valor de F2 para a vogal [ã] que antecede [j]. É preciso, entretanto, também medir esses valores em um conjunto maior de palavras para se chegar a conclusões mais robustas.

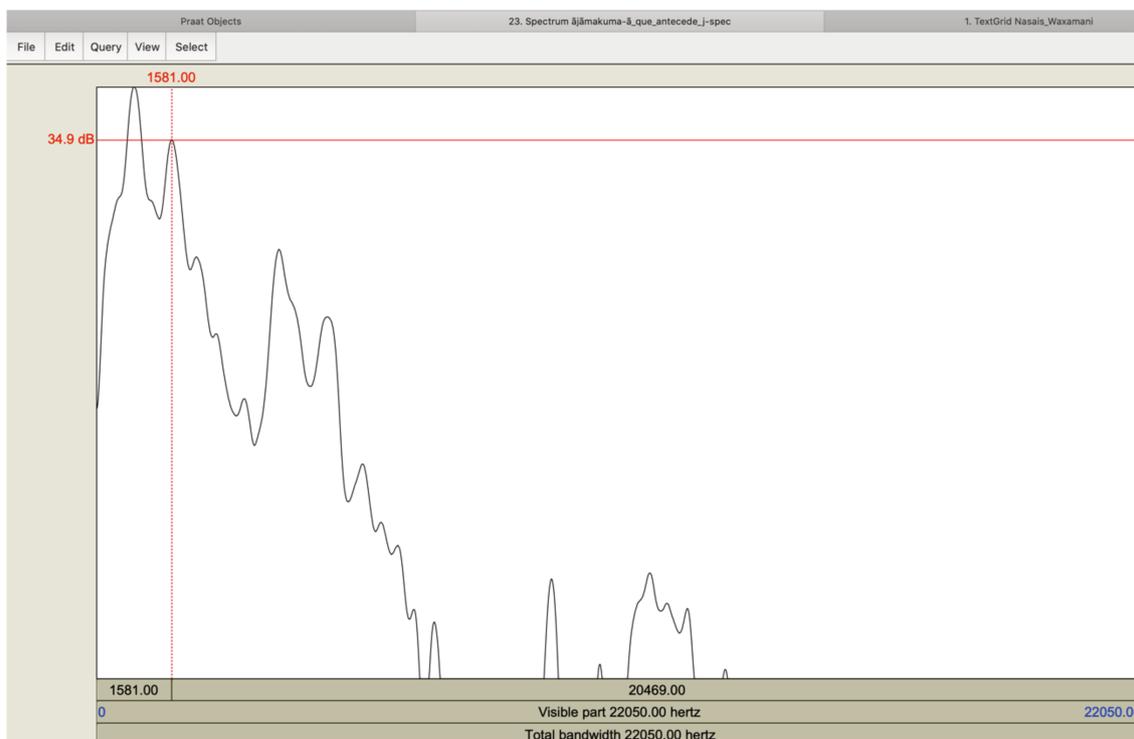


Figura 15. Spectrum de F2 da vogal [ã] que antecede [j] em [ãjãmakuma].

Em síntese, proponho que todas as vogais que ocorrerem antes de uma consoante nasal serão, em Mehináku, nasalizadas, assumindo, assim, que para o caso da nasalidade fonética, tem-se somente os segmentos vocálicos orais /a/, /e/, /i/, /i/ e /u/ como fonemas,

sendo os demais casos alofones, derivados pelo processo de nasalização, assimilação do traço [+nasal] da consoante nasal em ambiente precedente a este segmento.

2.6.2. Nasalidade fonológica

O segundo tipo de nasalização, aquele considerado forte, é fonológico, uma vez que as vogais recebem nasalidade independentemente da presença de consoantes nasais, razão pela qual são interpretadas como vogais inerentemente nasais. Corbera Mori (2009) apresentou dois conjuntos de dados que evidenciam a ocorrência da nasalidade fonológica: no primeiro, o autor apresenta a possível oposição entre vogais nasais e orais, como em (94), e, no segundo, ele apresenta a possível oposição entre as próprias vogais nasais, como em (95). Os dados abaixo são transcritos tal como os apresenta o autor:

(94)

[i]:	[ĩ]	[keje' riri]	‘cascavel’	[aru' wĩ]	‘arroz’
[e]:	[ẽ]	[atanũ' le]	‘nosso primo’	[nũle' kẽ]	‘minha comida’
[u]:	[ũ]	[wiʃiku' i]	‘mão’	[jamũ' kuhĩ]	‘criança’
[o]:	[õ] ⁸	[p' ip'awapa' ta:ku]	‘teu rosto’	[pa' witsa wiʃi' kũ]	‘cinco’
[a]:	[ã]	[tsũ ^h ka' ha]	‘beijo’	[na' tiʃa' hã]	‘eles’

(95)

[ĩ]:	[ẽ]	[pãĩ]	‘casa’	[ule' kẽĩ]	‘comida’
[ũ]:	[õ]	[nũ' nĩʃa]	‘minha água’	[mũ' ti]	‘escuro’
[õ]:	[ã]	[pa' witsa wiʃi' kũ]	‘cinco’	[ajamã' kumã]	‘boi’
[ẽ]:	[ã]	[nã' mĩnẽhe' nẽĩ]	‘estou tremendo de frio’	[wa' lamã]	‘cinco’

A questão que se levanta sobre esses dados, entretanto, é determinar em que medida a nasalidade apresentada pelo autor é fonológica. Não estou afirmando, aqui, que os dados do autor estão equivocados, uma vez que Corbera Mori apresenta os dados acima como uma observação empírica, e não como uma hipótese. Assim, como propus na seção anterior, se a nasalidade fonética for regressiva, então algumas oposições apresentadas pelo autor poderiam ser repensadas, como é o caso, por exemplo, do par [wiʃiku' i] ‘mão’

⁸ O autor usa [o], vogal que não existe no inventário fonológico do Mehináku, e não [u], pois ele está reorganizando os dados de Silva (1990). O autor adverte que, em seus dados, [o] sempre aparece como [u]. Opto por manter como [o] uma vez que fiz a transcrição fidedigna dos dados do autor.

vs [jamũ'kuhĩ] ‘criança’, em (94), em que, de acordo com minha hipótese de nasalidade fonética, a vogal [ũ] de [jamũ'kuhĩ] não seria nasalizada por dois motivos: porque a nasalidade fraca é regressiva à nasal, não atingindo, portanto, a vogal que compõe o núcleo da sílaba em que ela figura como Ataque, e, também, porque a nasalidade fonológica, que viria da vogal [ĩ] do final da palavra (mostro isso adiante), seria bloqueada pelo segmento opaco [k], não podendo se espalhar, portanto, até a vogal [u] da segunda sílaba da palavra [jamũ'kuhĩ]. Outros exemplos podem se somar a este, como o caso do par [nũ'nĩʂa] ‘minha água’ vs [mũ'ti] ‘escuro’, em (95), em que a vogal posterior [ũ] de [mũ'ti] não seria nasalizada. Assim, em consonância com a hipótese de nasalidade fonética que defendo, reapresento, abaixo, os dados de Corbera Mori (2009):

(96)

[i]:	[ĩ]	[keje' riri]	‘cascavel’	[a' rũwi]	‘arroz’
[e]:	[ẽ]	[atãnu' le]	‘nosso primo’	[nule' kẽ]	‘minha comida’
[u]:	[ũ]	[wiʂi' kui]	‘mão’	[jãmu' kuhĩ]	‘criança’
[u]:	[ũ]	[p' ip' awapa' taku]	‘teu rosto’	[pa' witsa wiʂi' kũ]	‘cinco’
[a]:	[ã]	[tsũ' kaha]	‘beijo’	[natiza' hã]	‘eles’

(97)

[ĩ]:	[ẽ]	[pãi]	‘casa’	[ule' kẽi]	‘comida’
[ũ]:	[õ]	[nũ' niza]	‘minha água’	[muti]	‘marrom’
[ũ]:	[ã]	[pa' witsa wiʂi' kũ]	‘cinco’	[ãjãmakũ' ma]	‘boi’
[ẽ]:	[ã]	[nãmĩnẽhẽ' nẽi]	‘estou tremendo de frio’	[wa' lâma]	‘sucuri’

Feita essa reorganização dos dados, dois pares de palavras apresentados pelo autor devem ser evidenciados no que se refere agora à nasalidade fonológica, são eles: [pa' witsa wiʂi' kũ] ‘cinco’ vs [ãjãmakũ' ma] ‘boi’ e [nãmĩnẽhẽ' nẽi] ‘estou tremendo de frio’ vs [wa' lâma] ‘sucuri’. Na análise de Corbera Mori (2009), vemos que as palavras [ãjãmakũ' ma] e [wa' lâma] são transcritas como [ajamaku' mã] e [wa' lamã], conforme em (95), com as vogais núcleo das últimas sílabas dessas duas palavras sendo grafadas como nasais. Poderíamos pensar, nesses casos, que estamos diante de casos de nasalidade fonológica, sobretudo porque essas vogais não estão adjacentes à segmentos nasais que poderiam nasalizá-las. Seriam casos de vogais inerentemente nasais.

Em minha análise inicial dessas palavras, entretanto, não identifico nasalidade na vogal [a] do núcleo da última sílaba dessas palavras, razão pela qual opto por transcrevê-

las como [ãjãmakũ'ma] e [wa'lãma], tal como em (97). A ausência de nasalidade no núcleo da última sílaba dessas palavras, descarta a possibilidade de elas serem inerentemente nasais. Identifico, pelo contrário, nasalidade estritamente fonética que se espalha para as vogais que precedem o segmento nasal /m/. Essas palavras não são, portanto, exemplos de nasalidade fonológica. Esta é uma questão que julgo importante debater, sobretudo porque o leitor poderia ficar com dúvidas sobre elas, quando trato dos demais exemplos de nasalidade de fato fonológica a seguir.

Vamos, agora, aos dados do que considero como nasalidade estritamente fonológica. Para isso, uso tanto exemplos de palavras apresentadas por Corbera Mori (2009), como em (98), quanto palavras que coletei em trabalhos de campo, como em (99):

(98)

[kũ'jũti]	‘testículo’	[kuĩ'ã ⁿ ku]	‘coruja’
[tulũ'ĩ]	‘orelha (NPOSS)’	['pãĩ]	‘casa’
[ku'wã ^m pi]	‘máscara de cabaça’	[a'kãĩ]	‘pequi’
[auna'kĩ]	‘história’	[etene'tẽĩ]	‘remo pequeno’
['weũ]	‘escaravelho’	[ãtipi'ku]	‘curto’
[ĩ ⁿ 'tai]	‘arco’	[i'hĩ ⁿ :ti]	‘mamilo’
['pãĩʃa]	‘coma!’	[wi'tsẽĩ]	‘lagarta’
[hĩ'ka]	‘cigarro’	[apapa'jẽĩ]	‘bichos’
[e'şũ]	‘cigarra’	[kiĩẽ'iki]	‘escorregadio’
['kĩhĩ]	‘facão’	[hũtu'kũ]	‘coruja buraqueira’

(99)

[kule'pẽ]	‘sujeira’	[kula'tã]	‘quentura’
[nĩmi'rã]	‘meu suor’	[nĩhĩ'ti]	‘carne’
[wapalakũ'mã]	‘abacaxi’	[tsũkaha'ki]	‘mosquito’
[e'zũti]	‘mosquito’	[ka'lũti]	‘estrela’
[katũpa'lulu]	‘viúva’		

É possível observar, por meio dos dados acima, que a nasalidade das vogais não é engatilhada pela presença de consoantes nasais primárias, mas ocorre, por sua vez, sem a manifestação desse tipo de segmento. Por esta razão, resta-nos saber se esse tipo de nasalidade, que estou considerando como fonológica, desempenha função opositiva com as vogais orais, o que poderia nos levar a propor que a língua Mehináku tem cinco vogais orais, como as que apresento no inventário fonológico, e cinco vogais nasais. Embora esta pareça, entretanto, uma opção possível, dado o fato de termos esse tipo de nasalidade não contextual na língua, este não parece ser o caso do Mehináku. Além do fato de não ter

encontrado na língua pares mínimos em que se evidencie o contraste entre segmentos orais e nasais, outras questões podem ser levantadas para o entendimento da nasalidade fonológica como não contrastiva na língua. Apresento essas questões a seguir.

2.6.2.1. Hipótese para a nasalidade fonológica

A hipótese levantada para o entendimento na nasalidade como não contrastiva na língua é proposta por Corbera Mori (2009), que lança mão do padrão silábico do Mehináku. Como vimos na seção destinada à descrição da estrutura das sílabas desta língua, a sílaba em Mehináku é (C)V, sendo consoantes em Coda proibidas. Assim, segundo o autor, não sendo a Coda silábica permitida na língua, não haveria segmentos nasais primários nessa posição, estando presente, na Coda da sílaba, uma nasal debucalizada, ou seja, uma consoante nasal subjacente, sem ponto de articulação [N] (CORBERA MORI 2009, p. 220).

De acordo com o autor, como o licenciamento prosódico prevê que todas as unidades fonológicas devem ser prosodicamente licenciadas, isto é, estarem associadas a uma estrutura superior, as palavras com vogal nasal incluem na estrutura silábica subjacente uma consoante nasal pré-associada a uma unidade temporal na camada melódica, mas que não pode ser silabificada na posição de Coda, por conta da restrição imposta pela língua. Não sendo licenciada, a única maneira de aparecer é espalhando seu traço nasal sobre a vogal precedente (nasalidade do tipo regressiva) na estrutura fonética. Se for aceita essa hipótese, então a representação fonológica dos itens em (98) e (99) seria como em (100) e (101):

(100)

/kujun'ti/	‘testículo’	/kuri'aNku/	‘coruja’
/tu'luiN/	‘orelha (NPOSS)’	/'paiN/	‘casa’
/ku'waNpi/	‘máscara de cabaça’	/a'kaiN/	‘pequi’
/auna'kiN/	‘história’	/etene'teiN/	‘remo pequeno’
/'weuN/	‘escaravelho’	/aNtipi'ku/	‘curto’
/iN'tai/	‘arco’	/i'hiNti/	‘mamilo’
/'paiNtʃa/	‘coma!’	/wi'tseiN/	‘lagarta’
/hiN'ka/	‘cigarro’	/apapa'jeiN/	‘bichos’
/eʃuN/	‘cigarra’	/kije'iNki/	‘escorregadio’
/'kiihiN/	‘facão’	/huNtu'kuN/	‘coruja buraqueira’

(101)

/kule'peN/	‘sujeira’	/kula'taN/	‘quentura’
/ni'miraN/	‘meu suor’	/nihiN'ti/	‘carne’
/wapalakumaN/	‘abacaxi’	/tsuNkaha'ki/	‘mosquito’
/e'ʃuNti/	‘mosquito’	/ka'luNti/	‘estrela’
/katuNpa'lulu/	‘viúva’		

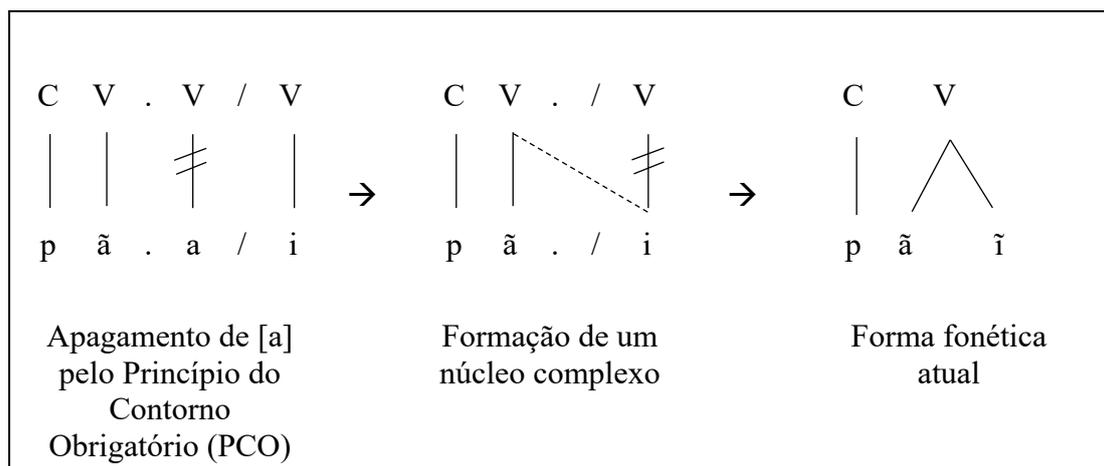
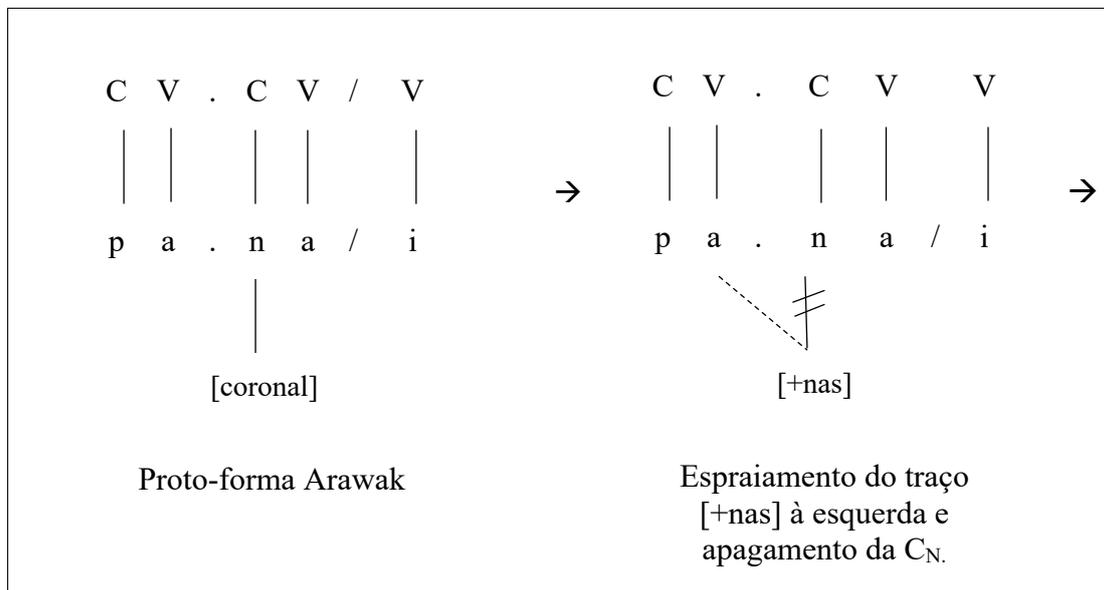
Pelos dados apresentados acima, fica evidente que a nasalidade fonológica não opõe vogais nasais e orais em Mehináku, uma vez que a nasalidade deste tipo seria fruto do espalhamento de uma consoante nasal fonológica subjacente. Essa consoante subjacente nasalizaria a vogal precedente, que, por sua vez, é transparente ao processo e pode nasalizar segmentos vocálicos em sua adjacência, como ocorre com a palavra [pãĩ] ‘casa’, em que [ĩ], nasalizado pela nasal subjacente, nasaliza [ã] que ocupa o núcleo da primeira sílaba da palavra. A proposta de Corbera Mori (2009), nesse sentido, parece ser explicativa para a nasalização fonológica em Mehináku.

Embora ao autor não tenha apresentado evidências históricas que sustentassem a presença de um segmento nasal debucalizado, dados de reconstrução histórica de fato parecem apontar para uma nasal apagada ao longo da diacronia dessa língua, como mostram dados retirados de Payne (1991). Payne, após ter compilado dados de 24 línguas de cada um dos ramos da família, propôs uma reconstrução preliminar de 203 conjuntos de cognatos, que parecem revelar, no Proto-Arawak, uma consoante nasal que ocupava o Ataque da sílaba seguinte à vogal atualmente nasalizada em Mehináku. Do conjunto de palavras apresentadas pelo autor, selecionei algumas ilustrativas do processo de nasalização fonológica, a fim de explicar, diacronicamente, de onde pode ter vindo a nasalidade da vogal que ocupa o núcleo da sílaba nesta língua. Vejamos:

(102)

Proto-Arawak	Mehináku atual	
*pa[n]a/i-	['pãĩ]	‘casa’
*[n]ika	['ãĩtʃa]	‘comer’
*du[m]i	['tãĩ]	‘filho’
*ne[n]e	['nẽĩ]	‘língua (órgão)’
*ke[n]i	['tẽĩ]	‘berne’

Note, pela observação dos dados acima, que as nasais do Proto-Arawak que ocupavam o Ataque das sílabas seguintes às vogais que hoje são nasalizadas não se manifestam no Mehináku atual. O que se vê é um vestígio da nasal apagada diacronicamente sobre as vogais atuais dessa língua. Diante disso, levando em consideração os dados do Proto-Arawak, se tomarmos como exemplo a palavra ['pãĩ] ‘casa’, é possível fornecer a seguinte proposta de derivação:



Quadro 12. Derivação da forma [pãĩ] do Proto-Arawak

Derivações parecidas, com suas devidas particularidades, podem ser fornecidas para as demais palavras no que tange à nasalidade fonológica, o que parece atestar que, de fato, houve um segmento nasal [N] apagado ao longo da diacronia, que deixou vestígios no estágio atual da língua Mehináku. Assim, embora a proposta de Corbera Mori e os dados do Proto-Arawak convirjam em termos de uma melhor explicação para a

nasalidade fonológica nesta língua, há entre elas também um ponto de desencontro. Corbera Mori (2009) propõe, como expliquei acima, que o traço de nasalidade fonológica presente na língua atualmente é fruto de uma nasal debucalizada na Coda, mas os dados diacrônicos evidenciam que a nasal apagada estava situada no Ataque da sílaba seguinte. De qualquer modo, em uma ou outra explicação, se considerarmos a nasalidade regressiva, como propus, então o traço de nasalidade se espalharia da direita para a esquerda, explicando as formas nasalizadas das palavras atuais.

Um tópico que ainda poderia ser acrescentado a esse, como prova da existência de uma nasal na diacronia da língua, é o caso das formas possuídas da palavra [pãĩ] ‘casa’. Quando acrescentados os proclíticos pronominais de pessoa, esta palavra passa a realizar-se como *ni*= ‘pãina 1SG=casa ‘minha casa’ e *pi*= ‘pãina 2SG=casa ‘tua casa’, em que a nasal alveolar [n], apagada na forma despossuída, figura na superfície.

Para finalizar a questão da nasalidade fonológica, resta tratar, ainda, do modo como este tipo de processo modifica os segmentos em sua adjacência. Segundo Corbera Mori (2009, p. 220), o alvo da nasalidade é inicialmente o núcleo do padrão silábico (C)V. Esse processo não se projeta apenas sobre uma vogal, mas também se espalha por uma sequência de vogais até encontrar um segmento opaco que seja fronteira à propagação da nasalidade. Operam como segmentos opacos, de acordo com o autor, as consoantes oclusivas /p, t, k/, as africadas /ts, tʃ/, a fricativa /ʃ/, as nasais /m, n/ e as líquidas /l, r/. As aproximantes /w, j/ e a fricativa /h/, ao contrário, são transparentes ao espalhamento. A direção do processo é da direita à esquerda (diferente do que ele havia proposto para a nasalidade fonética), primeiramente afetando a vogal que precede a consoante nasal subjacente /N/. Uma vez que essa vogal absorve o traço nasal do segmento /N/, ela propaga sua nasalidade para os outros segmentos alvos do processo, conforme abaixo:

(103)

/nu'tajN/	[nu'tãĩ]	‘meu filho’
/hijaN'lu/	[hĩjã'lu]	‘gavião’
/ahaNpi'na/	[ãhãpi'na]	‘redondo’
/i'wiNtsi/	[ĩ'wĩtsi]	‘coração’
/awna'kiN/	[auna'kĩ]	‘história’
/i'ʃuNte/	[ĩ'ʃũte]	‘mosquito’
/jauhiN/	[jãũhĩ]	‘mandi’
/i'jaN/	[ĩ'jã]	‘ralador’
/etene'taiN/	[etẽne'tẽĩ]	‘reminho’
/me'heheN/	[mẽ'hẽ:hẽ]	‘cozinha/anexo da casa’

De fato, minha análise também mostrou que as consoantes /p, t, k, ts, tʃ, ʃ/ são opacas para a nasalidade fonológica, e que os segmentos /w, j, h/ são transparentes, como na nasalidade fonética. No entanto, sobre essa afirmação de Corbera Mori (2009) a respeito da nasalidade fonológica, merecem atenção, aqui, algumas questões: primeiramente, é necessário pontuar que, como vimos na seção destinada à nasalidade fonética, o alvo da nasalidade não é, segundo minha hipótese, o núcleo do padrão silábico (C)V, mas o segmento vocálico que precede o Ataque nasal desse padrão, obedecendo uma regra do tipo: /V/ → [Ṽ]/ __\$C_NV, em que uma vogal se torna mais nasal sempre que precede uma sílaba cujo segmento em Ataque é uma consoante nasal (C_N). Em segundo lugar, minha análise também não considera as nasais /m/ e /n/ como opacas ao espalhamento da nasalidade. Nos dados fornecidos pelo autor em (78) não há evidências de que elas, de fato, bloqueiem esse processo, sobretudo porque não há exemplos de nasais bloqueando a nasalidade. O que ocorre, em minha opinião, é que os processos de nasalidade fonética e fonológica podem ocorrer simultaneamente em algumas palavras, ambas sempre na mesma direção, da direita para a esquerda, de modo que a nasalidade fonológica afete alguns segmentos e a nasalidade fonética, outros (cf. seção §2.6.3, seguinte).

Vimos, até aqui, os dois tipos de nasalidade em Mehináku: aquele fonético, para o qual minha análise revelou um caminho diferente daquele proposto por Corbera Mori (2009), e aquele fonológico, com o qual concordo quase que totalmente com a proposição do autor. É importante, no entanto, tratar também de alguns casos que o autor chamou de “problemáticos”, e que têm a ver com a direcionalidade da propagação da nasalidade, porque julgo que, para estes casos, a conciliação entre a análise que propus para a análise fonética e a análise do autor para a nasalidade fonológica pode ser um meio de explicar, de forma mais satisfatória, o processo de nasalização em Mehináku.

2.6.3. Direção da nasalidade

Ao tratar da direcionalidade da nasalização em Mehináku, Corbera Mori (2009, p. 221) aponta para alguns casos que considera como “problemáticos”, pois suscitam dúvidas quanto às vogais que ocorrem com nasalidade na estrutura fonética: seriam o resultado da contaminação do traço nasal de uma consoante plenamente nasal ou, ao

contrário, seriam consequência da absorção da nasalidade de uma consoante subjacente não licenciada foneticamente? Os dados apresentados pelo autor são os seguintes:

(104)

['mãĩ]	‘pele’	[nu 'nãĩ]	‘roupa’
['nêĩ]	‘língua (órgão)’	[ka 'mãĩ]	‘morto’
[amũ 'nĩjã]	‘muitos’	[tunũ 'jãĩ]	‘enxada’
[i 'hĩmjã]	‘vento’	[ma 'tamũjãka]	‘amanhã’
[imĩ 'jeĩ]	‘minhoca’	[mãĩtʃu 'lai]	‘brinquedo’

Para estes dados, Corbera Mori (2009) afirma que, embora aparentemente a nasalização pareça produto do espalhamento do traço nasal das consoantes nasais primárias, isto é: [m] e [n], não há evidências contundentes que comprovem que uma vogal afetada pela nasalidade espalhe sua nasalidade da esquerda à direita, como parecem evidenciar esses dados. Ao contrário, diz o autor, o fato de as primeiras sílabas de [nu 'nãĩ] ‘roupa’ e [ma 'tamũjãka] ‘amanhã’ não serem nasalizadas, seria uma mostra de que a nasalidade se propaga de direita à esquerda. Por conta disso, o autor defende que, se sua observação estiver correta, então todas as palavras elencadas em (85) teriam na forma subjacente uma consoante nasal sem ponto de articulação, como se vê em (86), abaixo:

(105)

/ma 'iN/	‘pele’	/nu 'naiN/	‘roupa’
/'neiN/	‘língua’	/ka 'maiN/	‘morto’
/amu 'nijaN/	‘muitos’	/tunu 'jaiN/	‘enxada’
/i 'him'aN/	‘vento’	/matamu 'jaNka/	‘amanhã’
/imi 'jeiN/	‘minhoca’	/maiNtʃu 'lai/	‘brinquedo’

Discordo dessa análise, porém, em alguns pontos. Primeiramente, é importante mencionar que a dúvida a respeito da direcionalidade da nasalização se desfaz quando se assume a proposta da nasalidade fonética que defendo. Ou seja, se assumirmos que a nasalidade fonética é regressiva, não atingindo o núcleo da sílaba que contém uma vogal nasal no ataque, mas a vogal precedente à sílaba em que esta consoante figura no Ataque, veremos que não haverá dúvidas a respeito da direcionalidade da nasalização em palavras como [nu 'nãĩ] ‘roupa’ e [ma 'tamũjãka] ‘amanhã’, propostas pelo autor, uma vez que as primeiras sílabas dessas palavras seriam naturalmente nasalizadas pelo processo de nasalidade fonética. Essas palavras, portanto, não são não-nasalizadas na primeira sílaba como aponta Corbera Mori (2009), mas, sim, nasalizadas foneticamente.

Isto não quer dizer, porém, que o autor está equivocado quando afirma que a direção da nasalidade é da direita para a esquerda. O que quero mostrar é que não haveria o questionamento sobre essa direção, se assumíssemos que tanto a nasalidade fonética quanto a fonológica são regressivas (e não apenas a fonológica, como propõe o autor). A direção da nasalidade continua a ser, seja ela fonética ou fonológica, da direita para a esquerda, porque se tomarmos as mesmas palavras como exemplo, ou seja, [nu'nãĩ] ‘roupa’ e [ma'tamũjãka] ‘amanhã’, veremos que os dois processos de nasalização coocorrem nessas palavras.

Primeiramente, ocorre a nasalidade fonológica, que nasaliza o segmento que não ocorre entre segmentos nasais primários, de modo que /nu'naiN/ ‘roupa’ e /ma'tamujaNka/ ‘amanhã’ seriam representadas na superfície como [nu'naĩ] ‘roupa’ e [ma'tamujãka] ‘amanhã’, indicando que a consoante nasal subjacente nasalizou os segmentos não adjacentes às nasais primárias, ou seja, houve, primeiramente, o processo de nasalidade fonológica.

O segundo processo de nasalização, aquele fonético, ocorre depois da aplicação da regra da nasalidade fonológica, transformando as demais vogais das sílabas à esquerda em nasais. Assim, em [nu'naĩ], o [i] da última sílaba, já nasalizado fonologicamente como [ĩ], espalha seu traço [+nas] para o [a] que o precede, que passa a ser nasalizado como [ã]. Por fim, o segmento nasal primário [n], que porta intrinsecamente o traço de nasalidade, espalha nasalidade para a vogal [u] que o precede, transformando-a em [u]. Temos, como resultado desses processos, uma palavra como [nũ'nãĩ] na superfície.

Isso vale também para a palavra /ma'tamujaNka/, com suas devidas particularidades: primeiro ocorre a nasalização fonológica de [a] da sílaba [jã], e essa nasalidade é espalhada foneticamente porque [j], como vimos, é um segmento transparente à nasalidade e [m] é inerentemente nasal. O processo de nasalidade dessa palavra é bloqueado em [t], segmento opaco ao processo, de forma que a primeira sílaba da palavra não é nasalizada. O resultado desse processo é uma palavra como [matãmũjã'ka]. Se minha proposição estiver correta, então as transcrições fonéticas das palavras apresentadas por Corbera Mori (2009) podem ser reapresentadas hipoteticamente como abaixo:

(106)

['mãĩ]	‘pele’	[nũ'nãĩ]	‘roupa’
['nêĩ]	‘língua’	[kã'mãĩ]	‘morto’
[ãmũ'nĩjã]	‘muitos’	[tũnũ'jãĩ]	‘enxada’
[ĩ'hĩm'jã]	‘vento’	[matãmũjã'ka]	‘amanhã’
[ĩmĩ'jêĩ]	‘minhoca’	[mãĩtʃu'lai]	‘brinquedo’

2.7. Acento

Segundo Ladefoged (1993, p. 249), o acento refere-se, foneticamente, “[...] ao grau de força ou intensidade ao se produzir uma sílaba”. Liberman e Prince (1977), por sua vez, consideram o acento como uma proeminência originada na relação rítmica e hierárquica entre sílabas, em especial, entre as rimas silábicas (com núcleo obrigatório). Para a atribuição do acento, leva-se em consideração o peso silábico, estabelecendo uma distinção entre sílabas leves e pesadas. O conceito de sílaba leve e pesada é tratado por Hayes (1995) da seguinte forma: (i) sílaba leve é constituída por apenas uma vogal; (ii) sílaba pesada é constituída por vogal + consoante ou por vogal + vogal, o que forma um ditongo ou uma vogal longa.

Além disso, de acordo com Hyman (1975, pp. 273-274), ao se analisar uma língua, deve-se atentar à diferença entre acento “livre” e “fixo”. Se o acento é livre em uma língua, pode recair na primeira ou na segunda sílaba das palavras, logo, sua posição exata forma parte da entrada léxica de cada palavra. Entretanto, segundo o autor, se o acento recai sempre na mesma sílaba, não há por que formar parte da estrutura subjacente da palavra. Hyman argumenta que as línguas acentuais podem pertencer a um ou outro tipo, ou, inclusive, apresentar um tipo intermediário de acentuação, sendo o acento livre em algumas partes e fixo em outras. Este parece ser, a meu ver, o caso do Mehináku, que apresenta diferentes tipos de acento a depender da estrutura silábica das palavras. Trato, nesta seção, do acento em palavras dissilábicas, trissilábicas e polissilábicas em Mehináku, bem como de processos de juntura morfológica que atraem o acento, mudando suas posições canônicas.

Em Mehináku há poucas palavras lexicais monossilábicas, e em geral as palavras deste tipo encontradas têm estrutura do tipo VV, como ['ui] ‘cobra’ ou ['ai] ‘pimenta’, por exemplo, ou CVV, como em ['nêĩ] ‘língua (órgão)’ ou ['mãĩ] ‘pele’. O único exemplo de palavra monossilábica do tipo CV que encontrei em Mehináku foi ['ʃa] ‘aquele’, mas cujo uso como palavra isolada na língua é bastante raro, como em [nũ='nupa ʒa ẽ'nizã]

/nu='nupa şa e'nişa/ 1SG=ver DEM homem ‘eu vi aquele homem’. Sobre esta palavra, entretanto, não recai acento quando aparece em sentenças, e, em muitos casos, aparece sufixada pelo morfema enfático =hã, como em [şa='hã] ‘aquele’. No caso das palavras VV, a primeira vogal do complexo é mais proeminente, formando um ditongo decrescente.

As palavras dissilábicas não parecem ter acento fixo, de modo que é possível encontrar palavras desse tipo sendo acentuadas ora na última, ora na penúltima sílaba, da direita para a esquerda. Vejamos exemplos abaixo:

(107) Palavras dissilábicas com acento na última sílaba (oxítonas):

/pa.'pa/	[pa.'pa]	‘pai’
/ma.'ma/	[mã.'ma]	‘mãe’
/he.'he/	[hẽ.'hẽ]	‘beijuzeira’
/a.'tsi/	[a.'tsi]	‘avó’
/a.'tu/	[a.'tu]	‘avô’
/wi.'tsei/	[wi.'tsẽĩ]	‘berne’
/e.'şu/	[e.'zũ]	‘cigarra’
/hi.'ka/	[hi.'ka]	‘cigarro’
/a.'ki/	[a.'ki]	‘tia’
/şe.'pi/	[şe.'pi]	‘banco’

(108) Palavras dissilábicas com acento na penúltima sílaba (paroxítonas):

/'pa.ka/	['pa.ka]	‘cará’
/'u.ni/	['ũ.ni]	‘água/chuva’
/'te.me/	['tẽ.me]	‘anta’
/'ma.pa/	['ma.pa]	‘mel’
/'ka.mi/	['kã.mi]	‘sol’
/'a.ta/	['a.ta]	‘árvore’
/'a.na/	['ã.na]	‘pilão’
/'mu.ti/	['mu.ti]	‘marrom’
/'ki.hi/	['kĩ.hĩ]	‘facão’
/'ni.tsu/	['ni.tsu]	‘nora’

Nas palavras trissilábicas e polissilábicas, por sua vez, o acento parece ser fixo, uma vez que recai sempre na penúltima sílaba das palavras, conforme abaixo:

(109) Palavras trissilábica com acento na penúltima sílaba (paroxítona):

/a.'mi.ja/	[ã.'mĩ.ja]	‘frio’
/i.'pu.ti/	[i.'pju.ti]	‘ovo’
/a.'ru.wi/	[a.'rũ.wĩ]	‘arroz’
/tsu.'ka.ha/	[tsũ.'ka.ha]	‘beijo’
/e.'te.ne/	[e.'tẽ.ne]	‘remo’
/e.'şu.ti/	[e.'zũ.ti]	‘mosquito’
/e.'tsi.ri/	[e.'tsi.ri]	‘mosca’
/me.'he.he/	[mẽ.'hẽ.hẽ]	‘cozinha’
/ka.'lu.ti/	[ka.'lũ.ti]	‘estrela’
/i.'hi.ma/	[i.'hĩ.mã]	‘vento’

(110) Palavras polissilábicas com acento na penúltima sílaba (paroxítona):

/a.ta.'pi.na/	[a.ta.'pĩ.ja]	‘armadilha de peixe’
/e.nu.'tʃi.tʃa/	[ẽ.nu.'tʃi.tʃa]	‘trovão’
/ke.je.'ri.ri/	[ke.je.'ri.ri]	‘cascavel’
/ja.mu.'ku.hi/	[jã.mu.'kũ.hĩ]	‘criança’
/ki.ri.'na.ku/	[ki.rĩ.'ja.ku/]	‘ponta do nariz’
/a.ha.'pi.na/	[ã.hã.'pi.na]	‘redondo’
/ka.tu.pa.'lu.lu/	[ka.tũ.pa.'lu.lu]	‘viúva’
/nu.tu.ka.'ka.lu/	[nu.tu.ka.'ka.lu]	‘irmã mais velha’
/a.mu.'nu.ja/	[ã.mũ.'nũ.ja]	‘muitos’
/nu.ma.tu.'ki.şu/	[nũ.ma.tu.'ki.şu]	‘sogro’

É importante enfatizar ainda, no que se refere ao acento em Mehináku, que existem alguns contextos que parecem favorecer o deslocamento do acento na língua. Esses contextos, em geral, são aqueles de juntura morfológica, em especial na sufixação, em que morfemas são acrescentados à direita dos itens verbais ou nominais. Apresento, a seguir, alguns exemplos de morfemas que atraem o acento, e que são representativos de outros na língua: {=nau}; {-tipe} e {-pĩhi}, indicativos de pluralidade e coletividade; {=tai}, indicativo de diminutivo; {-tari}, {=taku} e {-pĩku}, classificadores; e {=pai}, estativo/indicativo de aspecto imperfectivo. Vejamos:

(111) Morfema de pluralidade {=nau ~ =pau ~ =neu}:

[tĩ'nezu]	‘mulher’	[tĩnezũ='nau]	‘mulheres’
[ẽ'nizã]	‘homem’	[ẽnizã='nau]	‘homens’
[a'ripĩ]	‘velha’	[aripĩ='pau]	‘velhas’
[nu'pẽne]	‘parente’	[nupẽnẽ='neu]	‘parente’

(112) Morfema de coletividade {-tipe ~ -tsipe}:

['itsa]	‘canoas’	[itsa- 'tipe]	‘canoas’
[wa' tuku]	‘borduna’	[watuku- 'tipe]	‘bordunas’
[nu' tai]	‘corda’	[nutai- 'tsipe]	‘cordas’
[ku' pati]	‘peixe’	[kupati- 'tipe]	‘cardume’

(113) Morfema de coletividade {-pihi}:

[jãñũ' maka]	‘onça’	[jãñũmaka- 'pihi]	‘grupo de onças’
[u' kalu]	‘tatu’	[ukalu- 'pihi]	‘grupo de tatus’
[a' luwa]	‘morcego’	[aluwa- 'pihi]	‘revoada de morcegos’
[mapa' palu]	‘borboleta’	[mapapalu- 'pihi]	‘panapaná de borboletas’

(114) Morfema de diminutivo {=tãĩ ~ =tsãĩ ~ =tẽĩ}:

[ma' kula]	‘panela’	[makula= 'tãĩ]	‘panelinha’
[ʃe' pi]	‘banco’	[ʃepi= 'tsãĩ]	‘banquinho’
[e' tẽne]	‘remo’	[etẽne= 'tẽĩ]	‘remo pequeno’
['ui]	‘cobra’	[ui= 'tsãĩ]	‘cobrinha’

(115) Morfema classificador {-tari ~ -tsari} ‘redondo’:

[pi' tsiu]	‘tua cabeça’	[pitsiu- 'tari]	‘tua cabeça redonda’
[ja' laki]	‘preto’	[jalaki- 'tsari]	‘panela preta redonda’
[hiki' tʃala]	‘coisa dura’	[hikitʃala- 'tari]	‘coisa dura redonda’

(116) Morfema classificador {=taku ~ =tsaku} ‘espacial/locativo’:

['tɪpa]	‘pedra’	[tɪpa= 'taku]	‘pedregoso’
[a' kãĩ]	‘pequi’	[akãĩ= 'tsaku]	‘pequizal’
[ke' tula]	‘mangaba’	[ketula= 'taku]	‘mangabal’

(117) Morfema classificador {-piku} ‘espacial/locativo’:

['ai]	‘pimenta’	[ai- 'piku]	‘pimental’
[pã' nãna]	‘banana’	[pãnãna- 'piku]	‘bananal’
['pihi]	‘macaco’	[pihi- 'piku]	‘lugar onde ficam os macacos’

(118) Morfema estativo/indicativo de aspecto imperfeito {=pai}:

[ka'tika]	‘gelado’	[nu=katika='pai]	‘estou gelado’
['aĩtʃa]	‘comer’	[n=ãĩtʃa='pai]	‘estou comendo’
[e'tuna]	‘andar’	[n=etũna='pai]	‘estou andando’

É importante notar, no emprego desses sufixos, que aqueles formados por duas sílabas do tipo CV.CV, como {-tipe}, {-pihi}; {-tari}, {=taku}, {-piku}, após serem anexados às palavras dissilábicas que, como vimos, não tem acento fixo, e transformá-las, por seu turno, em polissilábicas, forçam a manutenção do acento na penúltima sílaba, como exige o padrão das palavras trissilábicas e polissilábicas. O acento recair sobre a primeira sílaba desses sufixos neste contexto de sufixação, formando palavras paroxítonas, corrobora para percebermos que, de fato, o acento é fixo nas palavras trissilábicas e polissilábicas em Mehináku, uma vez que há um esforço na língua para manter o acento na penúltima sílaba desse tipo de palavra.

Os sufixos do tipo {=nau}; {=tai}; {=pai} e outros com estrutura CVV, por sua vez, formam um núcleo complexo, sendo, portanto, compreendidos como sílabas pesadas, razão pela qual tendem a atrair o acento (HAYES, 1995). Além disso, dado o processo de sufixação, é possível propor, a priori, que o acento tende a deslocar-se proeminentemente à direita em Mehináku, o que parece indicar a preferência da língua por um padrão troqueu.

2.8. Convenções ortográficas

A ortografia Mehináku é relativamente recente. Diferentemente da ortografia Wauja, língua com a qual o Mehináku compartilha de semelhanças estruturais, que foi criada por missionários do *Summer Institute of Linguistics* na década de 60, a ortografia do Mehináku só foi desenvolvida no fim da década de 90 e início dos anos 2000, a partir do trabalho em conjunto dos indígenas Makaulaka e Uretsu Mehináku e do linguista Angel Humberto Corbera Mori, durante os cursos de formação de professores indígenas do Xingu, oferecidos pelo Instituto Socioambiental. A partir desses cursos, além do desenvolvimento da ortografia, também foi elaborado um livro de ensino da língua Mehináku, inteiramente na língua e escrito a partir da nova ortografia estabelecida, chamado “Imiehunaku Iayaka: livro para alfabetização na língua Mehináku” (2001), que teve a supervisão pedagógica de Maria Cristina Troncarelli, que à época coordenava os cursos de formação, e de alguns outros Mehináku que auxiliaram nas ilustrações, dentre eles Kamaluhe, Püküxü, Alapaya, Kumaiú e Pulutai Mehináku.

A ortografia adotada durante esses cursos, que continua a ser utilizada atualmente, levou em consideração a análise da fonologia da língua, razão pela qual apresenta poucos problemas atualmente. Na ortografia Mehináku, as consoantes /p, t, k, ts, h, m, n, l, w/ são representadas por suas contrapartes ortográficas diretas < p, t, k, ts, h, m, n, l, e w >. Somente quatro dos 13 fonemas consonantais receberam representações ortográficas diferentes de suas representações fonológicas, são eles /tʃ, ʃ, r e j/. Dentre as cinco vogais fonológicas, por sua vez, somente uma tem representação ortográfica diferente da fonológica: /u/, conforme a seguir:

	Representação fonológica	Representação ortográfica
Consoantes	/tʃ/	<tx>
	/ʃ/	<x>
	/r/	<r>
	/j/	<y>
Vogal	/i/	<ü>

Tabela 20. Correspondências entre representações fonológicas e ortográficas

Os poucos problemas ortográficos encontrados atualmente em Mehináku advém da dificuldade de representar alguns segmentos. Um exemplo é o segmento <ü> que, quando nasalizado, impõe dificuldade em sua representação ortográfica. Muitos indígenas, por exemplo, não conseguem representar, quando estão digitando na língua, a letra <ũ>. Uma possível solução para este problema poderia ser representar a nasalização fonológica com uma consoante nasal <m> ou <n> após a vogal nasalizada, como em <katumpalulu> /katuNpa'lulu/ [katũpa'lulu] ‘viúva’ ou <exuntü> /e'ʃuNti/ [e'zũti] ‘mosquito’. Uma vez que não há Coda na língua, a presença desses segmentos após a vogal não causaria outros problemas na língua.

Outro problema da ortografia Mehináku é que os indígenas estão representando, atualmente, o resultado de processos fonológicos na ortografia. É o caso, por exemplo, da palatalização do segmento oclusivo /p/ diante de [i], que está sendo ortograficamente representada pela inserção da vogal [i] depois de /p/ (<pi>), como em <pipia'waka> [pipi'a'waka] ‘teu rosto’. Este tipo de representação dá a falsa impressão da existência de um ditongo crescente em Mehináku, quando trata-se apenas de uma representação fonética de um processo fonológico de distribuição complementar. A solução seria não inserir nenhum segmento depois de /p/.

3

Pronomes e posições

Neste capítulo, descrevo a classe dos pronomes e também das posições. Os pronomes, segundo Schachter (1985, p. 25), compõem o grupo das proformas, ou seja, das palavras que pertencem ao sistema fechado da língua e que podem ser usados como substitutas de palavras pertencentes ao sistema aberto. Dentre as palavras de classe aberta que podem ser substituídas pelos pronomes, estão os nomes e o sintagma nominal. Schachter (1985, p. 25) traça uma separação entre alguns subtipos possíveis de pronomes, como: pessoal, demonstrativo, indefinido, interrogativo, reflexivo, recíproco e relativo. Descrevo neste capítulo os pronomes pessoais (§3.1), que incluem os proclíticos (§3.1.1) e os pronomes livres (§3.1.2); os pronomes demonstrativos (§3.2), que incluem os adnominais (§3.2.1) e adverbiais (§3.2.2); os pronomes indefinidos (§3.3) e os pronomes interrogativos (§3.4). Descrevo ainda as posições na língua, incluindo: dativo =iu (§3.5.1); benefactivo =piri (§3.5.2); comitativo/instrumental =tenu (§3.5.3); comitativo/relacional =kahi (§3.5.4); locativo =nai (§3.5.5); locativo =itsa (§3.5.6); locativo =ja (§3.5.7); locativo =taku (§3.5.8); perlativo =wa (§3.5.9); dentro =naku (§3.5.10); embaixo =tepu (§3.5.11); em cima =penu (§3.5.12); ao lado =palu (§3.5.13); perto =kanu (§3.5.14); fora =pajuma (§3.5.15); direcional =maka (§3.5.16); e outro =pawa (§3.5.17)

3.1. Pronomes pessoais

Em Mehináku, assim como em outras línguas Arawak (PAYNE, 1991; AIKHENVALD, 1999), há apenas um conjunto de pronomes pessoais que codificam as categorias de pessoa (1, 2 e 3) e número (singular e plural). Este conjunto é composto pelos pronomes livres e suas respectivas formas proclitizadas, que diferem quanto à classe em que se anexam: se as formas proclitizadas se anexam a nomes, funcionam como possuidores (genitivo), e, se a verbos ou posições, funcionam como sujeitos ou argumento de posição, respectivamente.

3.1.1. Proclíticos

Em termos de suas funções morfossintáticas, os proclíticos pronominais, que são formas proclitizadas dos pronomes livres em Mehináku, são obrigatórios nos verbos para assinalar o sujeito e também os argumentos de posições. No nome, o proclítico desempenha papel de possuidor, em construções possessivas, e sua presença não é

obrigatória em nomes alienáveis, embora requerida. Os proclíticos pronominais não podem funcionar em Mehináku como objetos de verbos transitivos, função desempenhada pelos pronomes livres. Estes proclíticos, bem como suas formas reconstruídas no Proto-Arawak (PAYNE, 1991, p. 376), são apresentados a seguir:

	Mehináku ¹	Proto-Arawak
1SG	n= ~ nu=	*nu-
2SG	p= ~ pi=	*pi-
3SG.M	ini= ~ i= ~ in=	*li-
3SG.F	ini= ~ i= ~ in=	*t ^h u-
1PL	a= ~ au=	*wa-
2PL	j= ~ ji=	*hi-
3PL	ini= ~ i= ~ in=	*na-

Tabela 21. Proclíticos de pessoa-número em Mehináku e em Proto-Arawak

Note, pelos dados acima, que havia uma oposição, no Proto-Arawak, entre as formas de terceira pessoa singular e plural: enquanto a distinção de gênero, feminino e masculino, era evidente nas formas singulares, esta distinção era neutralizada na forma plural. No Mehináku atual, entretanto, mesmo a distinção de gênero entre as formas singulares de terceira pessoa, se perdeu. Embora esta oposição tenha se mantido em várias outras línguas Arawak ainda faladas atualmente, nenhuma das línguas do grupo Paresi-Xingu, que inclui, além do Mehináku, o Wauja, o Yawalapiti e o Pareci, ainda vivas, mantém esta cisão. Seki (2011) levanta a hipótese de que essa perda tenha ocorrido como resultado do contato com línguas Tupi e Karib no Xingu, nenhuma das quais têm a categoria de gênero ou a marcam diferentemente. Por esta razão, uma proposta de apresentação desses proclíticos pode ser como a seguir:

	Formas reduzidas
1SG	n= ~ nu=
2SG	p= ~ pi=
3SG/PL	ini= ~ i= ~ in=
1PL	a= ~ au=
2PL	j= ~ ji=

Tabela 22. Proclíticos de pessoa-número

¹ Há outras formas alomórficas desses pronomes fruto de harmonia vocálica, como mostro em §2.2.3.1.1. Exemplo: *ni=* e *ni=* são realizações de *nu=* antes de [i] e [i], respectivamente.

Além do processo de harmonia vocálica que, como mostrei em §2.2.3.1.1, favorece a mudança na vogal núcleo do proclítico, em contextos em que essa vogal assimila o traço de altura da vogal núcleo da primeira sílaba do item em que se anexam essas formas, outro tipo de variação nas formas alomórficas dos proclíticos se dá em função do segmento que ocupa o ataque do item em que o proclítico se adjunge. Assim, as formas *n=* (1SG); *p=* (2SG); *in=* (3SG/PL); *au=* (1PL) e *j=* (2PL) ocorrem antes de temas iniciados por vogais, enquanto as demais ocorrem antes de temas iniciados por consoante:

	Formas reduzidas	
	__ V.	__ C.
1SG	<i>n=</i>	<i>nu=</i>
2SG	<i>p=</i>	<i>pi=</i>
3SG/PL	<i>in=</i>	<i>ini=</i> ~ <i>i=</i>
1PL	<i>au=</i>	<i>a=</i>
2PL	<i>j=</i>	<i>ji=</i>

Tabela 23. Alomorfa dos proclíticos de pessoa-número em contexto __V e __C.

Os proclíticos são as formas mais recorrentes na língua, usadas em todas as situações comunicativas em que se exige a presença de um possuidor ou sujeito. Os pronomes livres, que apresento a seguir, têm usos mais específicos. Diferentemente do que ocorre com outras línguas Arawak, inclusive línguas do mesmo grupo Paresi-Xingu, como o Paresi (BRANDÃO, 2014), o Mehináku não estratifica os proclíticos em dois conjuntos a depender da semântica do verbo. Embora o significado do verbo seja importante na seleção do tipo de argumento, tanto verbos que denotam mais controle (1) quanto menos controle (2), e ainda nomes (3) e posições (4), irão receber o mesmo conjunto de proclíticos, representado pelas formas apresentadas acima:

- (1) **n=aitfa=pai** nihĩti
 1=comer=IPFV carne
 ‘eu estou comendo carne’
- (2) **a=putuka=wi=ku**
 1PL=chegar=REP=DECL
 ‘nós chegamos’
- (3) **pi=kiri**
 2SG=nariz
 ‘teu nariz’

- (4) na=waitʃa=pai ji=tsenu=wi=ku
 1SG=jogar=IPFV 2PL=COM=REP=DECL
 ‘eu estou jogando com vocês’

A única diferença que pode notar em termos de distinção entre verbos, nomes e posposições no que se refere à tomada dos proclíticos se dá na terceira pessoa em Mehináku, em que alguns verbos, transitivos (5) ou intransitivos (6), não marcam o sujeito enquanto nomes (7) e posposições (8) usam *i=*:

- (5) aitʃa=pai ule-pe
 comer=IPFV mandioca-CLF.pastoso
 ‘ele/a está comendo beiju’
- (6) ahimai-tsa=pai
 3.run-CAUS=IPFV
 ‘ele/a está correndo’
- (7) i=wiʃiku
 3=mão
 ‘mão dele’
- (8) Amunau k=a-jajaka=pai i=piri
 Cacique ATR=VBLZ-fala=IPFV 3=BEN
 ‘o cacique está falando com eles’

3.1.2. Pronomes livres

Os pronomes livres (ou plenos) são as contrapartes não proclitizadas dos morfemas pronominais. Estes pronomes correspondem aos próprios pronomes proclitizados, acrescidos do morfema focalizador *-tu* ~ *-tsu* (palatalizado por influência de [i]). Embora estes pronomes sejam compostos pelo focalizador *-tu*, irei representá-los sempre sem essa segmentação, porque acredito que as formas dos pronomes livres já estejam gramaticalizadas de tal forma que nem sempre, quando o focalizador aparece anexado ao pronome, indica, de fato, focalização. A terceira pessoa é a única forma pronominal representada por \emptyset . Estes pronomes se distinguem dos nomes e dos proclíticos pronominais porque não aceitam os morfemas indicativos de posse e nem podem funcionar como sujeitos de posposições. Como no caso dos proclíticos, não há distinção de gênero nos pronomes livres.

	Formas livres
1SG	natu
2SG	pitsu
3SG/PL	Ø=
1PL	aitsu
2PL	jitsu

Tabela 24. Pronomes livres de pessoa-número

Este tipo de paradigma pronominal, em que um morfema focalizador {-tu} é anexado ao pronome preso, parece ser compartilhado apenas pelas línguas Arawak do Sul, tais como o Mehináku, o Wauja e o Yawalapiti, uma vez que as línguas Arawak do norte apresentam uma série de pronomes bem distinta em relação à essas últimas (embora relativamente análoga entre si).

Alguns exemplos de sentenças com pronomes livres são dados abaixo. Observe que, em geral, esses pronomes antecedem o verbo e coocorrem com o proclítico pronominal. Sua presença é opcional na grande maioria das construções com verbos transitivos ou intransitivos. Os pronomes livres tendem a ser usados, nesses casos, quando se quer focalizar o sujeito da construção:

- (9) (natu) nu=muka pawitsa şepi şa i=u
 1SG 1SG=dar um banco DEM 3=DAT
 ‘eu dei um banco para ela’

- (10) (natu) n=elele-le, aitsa nu=muka in=uleke=ku,
 1SG 1SG=chorar-REDP não 1SG=dar 3=comida=DECL
 ‘eu chorei muito, não dei a comida dele’ (Kanupai)

Quando estes pronomes figuram como sujeitos de construções com verbos intransitivos estativos que denotam permanência, entretanto, se tornam obrigatórios. Note que, nestes casos, o pronome livre aparece depois do verbo, e não antes, como nos demais tipos de construção com outros verbos (11)-(14):

- (11) kaliku=hã aitsa i=muka=kina a=ule-pe, kupati
 assim=ENF NEG 3=dar=IMP 1PL=mandioca-CLF.massa peixe
 aitsa=ku=hã! pa=waitʃa-ti-la-ta aitsu=ku=hã
 NEG=DECL=ENF RECP=ser.sozinho-NMLZ-?-? 1PL=DECL=ENF
 ‘Assim, não deram nosso beiju, peixe. Ninguém! nós éramos sozinhos’
 (Mama itsitxa natuwiku)
- (12) weke-ti=pai pitsu
 ser.grande-NMLZ=IPFV 2SG
 ‘você é alto’
- (13) kulepe natu=hã
 ser.sujo 1SG=ENF
 ‘eu sou sujo’
- (14) malu-waʃi pitsu=wi=ku
 ser.feio-INTENS 2SG=REP=DECL
 ‘você é feio’

Na posição de objeto de verbos transitivos, os pronomes livres também aparecem depois do verbo, como no caso das construções com verbos intransitivos que indicam permanência, indicando alinhamento entre esses dois tipos de sujeitos. Exemplos de construções com pronomes livres em posição de objeto são dados a seguir:

- (15) i=nai=ku kukihi i=tuka pitsu=wi=ku.
 3=LOC=DECL kukihi 3=pegar 2SG=REP=DECL
 natse=ku pu=wiritʃu
 depois=DECL 2SG=ficar.esmorecido
 ‘Se lá o kukühü pegar você, então você fica doente (lit.: esmorecido porque não vai comer)’ (Kukühü)
- (16) (natu) nu=nupa pitsu
 1SG 1SG=ver 2SG
 ‘Eu vi você’
- (17) tʃawaka n=ija kupati=taku, nu=nupa i=nai jitsu
 Ontem 1SG=ir peixe=LOC 1SG=ver 3=LOC 2PL
 ‘Ontem eu fui pescar e vi vocês lá’

É possível que os pronomes livres sejam acompanhados também do morfema de comitativo =kani, conforme abaixo:

- (18) pi=tseneşu-la=nau k=ija ekeme-ju-ta=pai natu=**kani**
 2SG=mulher-POSS=PL ATR=ir ter.nojo-?-CAUS=IPFV 1SG=COM
 ‘Mulherada da sua aldeia têm nojo de mim (de estar comigo)’ (Alapü)
- (19) p=inu k=ija unuka natu=**kani**=ku
 2SG=mãe ATR=ir brigar.PST 1SG=COM=DECL
 ‘Sua mãe brigou comigo’ (Xepeku)

E de morfemas aspectuais, tais como =*wa* e =*pai*:

- (20) n=iju=pei kuma pitsu=**wa** şa?
 1SG=esposa=IPFV DUB 2SG=PFV DEM
 ‘Seja minha esposa?’ (Alapü)
- (21) atsa pitsu=**pai**? Ehé! Kani k=ija natu=wi=ku!
 Quem 2SG=IPFV INTERJ! DEM ATR=ir 1SG=REP=DECL
 ‘Quem é você? Ehé! Sou aquela!’ (Alapü)
- (22) pitsu=**wa** p=aitfa ai=ku, n=ijeu=lu!
 2SG=PFV 2SG=comer pimenta=DECL 1SG=cunhada-FEM
 ‘Vem comer sopa de pimenta, cunhada!’ (Alapü)

Os pronomes pessoais livres também podem figurar em construções não predicativas, conforme abaixo. Não é possível que os proclíticos se anexem a nomes ou verbos nesses casos:

- (23) carro=naku=pai **pitsu**
 Carro=dentro=IPFV 2SG
 ‘você está no carro’
- (24) itsa=naku=pai **aitsu**
 barco=dentro=IPFV 1PL
 ‘nós estamos no barco’
- (25) pai=jaku=pai **natu**
 Casa=dentro=IPFV 1SG
 ‘eu estou em casa’

3.2. Pronomes demonstrativos

De acordo com Diessel (1999), demonstrativos são expressões usadas para orientar e focar a atenção do ouvinte em objetos ou locais na situação da fala, que servem a funções sintáticas específicas e que são caracterizados semanticamente a partir de um

centro dêítico. Segundo a tipologia de Diessel, O Mehináku é uma língua na qual as formas demonstrativas adnominais e pronominais são as mesmas, haja vista que ambas podem ser usadas como pronomes independentes no sintagma nominal e como modificadores de nomes. Assim como em algumas línguas Arawak, como Paresi (BRANDÃO, 2014, p. 90), é possível que haja em Mehinaku distinção entre pronomes demonstrativos adnominais e adverbiais, embora somente tenha encontrado exemplos do primeiro tipo até o momento. Os demonstrativos adnominais podem desempenhar função adverbial, a partir do acréscimo de alguns recursos morfológicos.

Em Mehináku, os demonstrativos tendem a preceder os nomes ou os sintagmas nominais, mas também podem seguir, e são dêíticos, uma vez que são utilizados pelos falantes para assinalar noções espaciais. Em outras palavras, estes pronomes são utilizados para determinar, em termos aproximados, a distância do falante em relação a algo ou alguém no espaço. Divido os pronomes demonstrativos adnominais em Mehináku em três grupos: (i) proximal, que assina referências próximas do falante; (ii) medial, que indica referência relativamente próximas do falante; e (iii) distal, que identificam referências distantes do falante.

Para a coleta de dados referente a demonstrativos, utilizei algumas figuras que representavam cenas em que se via objetos e pessoas próximas, relativamente próximas, distantes, fora do campo de visão do falante, ou que são referidas por fofocas ou em conversas.

Adnominais		
Proximal	Medial	Distal
iʒi	ʒene	ʒa
kata		kene
		kani

Tabela 25. Demonstrativos

3.2.1. Demonstrativos adnominais

3.2.1.1. Proximal

Os demonstrativos *iʒi* (26)-(30), e *kata* (31)-(34) identificam, como já mencionei, entidades/referentes animados ou inanimados próximos do falante, e tendem a preceder o nome ou o sintagma nominal que modificam:

- (26) **iși** kũju
DEM cesta
'este cesto'
- (27) **iși** nu=șepi-ra
DEM 1SG=banco-POSS
'este meu banco'
- (28) nu=nupa **iși** enișa
1SG=ver DEM homem
'eu vi este homem'
- (29) nu=nupa **iși** enișa=nau
1SG=ver DEM homem=PL
'eu vi estes homens'
- (30) aitsa=mija ulei waka=wi=ku aitsa=mije=ku=hã,
NEG=POT mandioca EXIST=REP=DECL NEG=POT=REP=DECL

aitsa=tika **iși** ulei=ku
NEG=TRANS DEM mandioca=DECL
'não existiria mandioca. Nem esta roça (ainda existiria)' (Kukühü)
- (31) **kata** tineșu
DEM mulher
'esta mulher'
- (32) t̥awaka n=unupa=wi **kata** tineșu=tai
Ontem 1SG=ver=PFV DEM mulher=DIM
'ontem eu vi esta menina'
- (33) **kata**=wi=ku, i=peku=jete atikutali waku=wi=ku=hã.
DEM=REP=DECL 3=amigo=ASS chamou rio=REP=DECL=ENF
'Este amigo dele chamou para o rio' (Walamã)
- (34) kau=pai **kata** ai. Epehe=pei kana-ti
doer=IPFV DEM pimenta 3.queimar=IPFV boca-CLF.semente
'Esta pimenta é ardida. Ela queima a boca' (Alapü)

Como em Mehináku não há pronome pessoal livre de terceira pessoa, os demonstrativos é que ocupam essa posição, podendo o nome a que se referem ser elipsado, como em (35), em que o pronome *iși* refere-se à *tã* 'filho', ou não, como em (36). No Paresi (SILVA, 2013), os demonstrativos podem ser distinguidos dos pronomes livres porque estes últimos não podem coocorrer depois de qualquer outro demonstrativo.

Em Mehináku, todavia, não parece haver qualquer impedimento para essa ocorrência, mas seus usos estão, em geral, limitados a perguntas (37)-(38).

- (35) nu=me kata=pai=ku a=tâi_i=ku
 1SG=marido DEM=IPFV=DECL 1PL=filho=DECL
 ‘meu marido, este é nosso filho (disse a mulher)’
- p=tuka=ku numa i=piri=ku i=me=ku=hã, **iṣi**_i=hã
 2SG=pegar=DECL dizer 3=BEN=DECL 3=marido=DECL=ENF DEM=ENF
 ‘pega aí, disse o marido dela, este aí’ (Katutukalu)
- (36) n=unupa **iṣi** eniṣa kaṣaipa putaka=naku
 1SG=ver DEM homem não.indígena aldeia=dentro
 ‘eu vi este homem na cidade’
- (37) **kata** natu?
 DEM 1SG
 ‘Isto é meu?’
- (38) **iṣi** pitsu?
 DEM 2SG
 ‘Isto é teu?’

Quando os demonstrativos funcionam como sujeitos, eles substituem o nome, enquanto os pronomes livres, que como mostrei em (37) e (38) ocorriam depois destes demonstrativos, passam a ocorrer antes deles, formando uma espécie de construção não-predicativa:

- (39) natu **iṣi**=hã
 1SG DEM=ENF
 ‘esta aqui é minha’
 (situação em que o falante apontava para uma flecha que havia feito)
- (40) pitsu **iṣi**=hã
 2SG DEM=ENF
 ‘este aqui é teu’
 (situação em que o falante apontava para o celular do interlocutor)

3.2.1.2. **Medial**

O demonstrativo medial *ṣene* (41)-(43) assinala que o falante se refere a algo relativamente próximo de si, e também precede o nome que modifica:

- (41) **şene** jamuku=tai elele=pei
 DEM criança=DIM chorar=IPFV
 ‘essa criancinha está chorando’
- (42) aitsa nu=tata=pai **şene** kaşaipa enişa
 NEG 1SG=conhecer=IPFV DEM não.indígena homem
 ‘eu não conheço esse branco (homem não indígena)’
- (43) p=aitfa **şene** ulei-tsi=ku
 2SG=comer DEM mandioca-CL.semente=DECL
 ‘coma essa mandioca’

Como os demonstrativos proximais, *şene* pode também substituir a terceira pessoa e funcionar com pronomes livres em construções não predicativas.

3.2.1.3. Distal

Os demonstrativos distais encontrados em Mehináku são: *şa* (44)-(46), *kene* (47)-(49) e *kani* (50). Como os demais, precedem o nome ou o sintagma nominal que modificam:

- (44) **şa** enişa=nau
 DEM homem=PL
 ‘aqueles homens’
- (45) p=ija **şa** uleke ni=piri
 2SG=ir DEM comida 1SG=BEN
 ‘pega aquela comida para mim’
- (46) **şa** n=uku-la
 DEM 1SG=flecha-POSS
 ‘aquela minha flecha’
- (47) i=nai aitfa=wa-pa **kene** puitşe=ku=hã
 3=LOC 3.comer=PFV-PL.3 DEM Matrinchã=DECL-ENF
 ‘Lá eles comeram aquela Matrinchã’ (Walamã)
- (48) ija **kene** alapi waku=ku
 ir DEM aguapé rio=DECL
 ‘Foram naquele local do aguapé’ (Alapü)
- (49) itfitse-ne **kene** pa=mati-şu i=tuluma=li=ku
 3.amarrar=PONT DEM 2SG=sogra-FEM 3=rede=CONT=DECL
 ‘ela continuou amarrando a rede da tua sogra’ (Xepeku)

- (50) Atsa pitsu=pei?
Quem 2SG=IPFV

Kani natu=wi=ku! **Kani** natu=wi=ku!
DEM 1SG=REP=DECL DEM 1SG=REP=DECL

Tsitsa-ta n=iju kata=wa=hã?
POT-CAUS 1SG=esposa DEM=PFV=ENF

‘quem é você (perguntou o homem)?

Sou aquela! Sou aquela! (respondeu o buriti que havia se transformado em mulher).

Está querendo ser minha esposa? (respondeu o homem)’ (Xepeku)

Não está claro ainda se esses demonstrativos codificam informações relacionadas a campo de visão (visual vs. não-visual) e anaforicidade (mencionado vs. ainda não mencionado), embora todos identifiquem grau de dêixis espacial, ou seja, identificam referentes que estão longe do falante.

3.2.1.4. **Formativos anexados a demonstrativos adnominais**

Os demonstrativos adnominais podem receber ainda algumas marcas morfológicas que, em alguns casos, mudam seu *status* de adnominal. É o caso, por exemplo, do morfema de locativo =*nai* (51)-(54), que ocorre também em nomes (55) e pronomes (56). Note que, nos exemplos abaixo, a inserção do locativo muda o status adnominal do demonstrativo, na medida em que ele passa a ter função adverbial, de demonstrativo adverbial.

- (51) **şa=nai=hã**
DEM=LOC=ENF
‘aquele lá’

- (52) şa=hã tineşu hu-maka **şa=nai=hã**
DEM=ENF mulher VBLZ-rede DEM=LOC=ENF
‘aquela mulher dormiu lá’

- (53) **şa=nai** p=ija p=akene=he?
DEM=LOC 2SG=ir 2SG=defecar=ENF

aitʃa=wa! Numa i=piri=ku
NEG=PFV disse 3=BEN=DECL

‘Você vai ir defecar?

Não posso! Disse para ela’ (Alapü)

- (54) **iʃi=nai** ai=ku **iʃi=nai**=tsa=wi=ku=hã
 DEM=LOC pimenta=DECL DEM=LOC=LOC=REP=DECL=ENF
 kau=pai **kata** ai. Epehe=pei kana-ti
 Doer=IPFV DEM pimenta queimar=IPFV boca-CLF.semente
 ‘Esta pimenta é ardida.
 Ela queima a boca’ (Alapü)
- (55) nu=peku=jete ija=la mija=la Campinas=**nai**
 1SG=amigo=ASS ir=FUT POT=FUT Campinas=LOC
 ‘meu amigo talvez irá para Campinas’
- (56) kala=hã n=iju haju akene ahã,
 DEM=ENF 1SG=esposa filho defecar INTERJ
 numa i=piri=ku kene i=nu=wi=ku=hã
 Disse 3=BEN=DECL DEM 3=esposa=REP=DECL=ENF
i=nai emehese=wi=ku
 3=LOC limpar.a.bunda=REP=DECL
 ‘Minha esposa, o filho fez cocô (acho) ahã!
 disse ele para a esposa.
 Lá, limpa a bunda (dele, a bunda do sapo)’ (Katutukalu)

Também podem ocorrer anexados a demonstrativos os morfemas aspectuais =*wa* (57)-(58) e =*pai* (59), que em geral ocorrem em verbos (60). Em alguns desses casos, os demonstrativos passam a desempenhar função predicativa (61)-(62).

- (57) tsi-tsa-ta n=iju **kata=wa**=hã, numa kutse=ku
 POT-REST-CAUS 1SG=esposa DEM=PFV=ENF dizer EVID.IND=DECL
 ‘Seria bom se esta fosse minha esposa, ele dizia’ (Alapü)
- (58) ete! tsi-tsa-ta n=iju **kata=wa**=hã
 Nossa POT-REST-CAUS 1SG=esposa dem=PFV=ENF
 ‘Nossa! Seria bom se esta fosse minha esposa’ (Alapü)
- (59) **iʃi=pai** kami=hã ija pe=jeu-lu i=u
 DEM=IPFV sol=ENF ir 2SG=cunhada-FEM 3=DAT
 ‘Nesta hora, ela foi até a sua cunhada’ (Alapü)
- (60) amunau k=a-jajaka=**pai** tineʃu u=nupa=**wa** janumaka
 cacique ATR=VBLZ-falar=IPFV mulher 3=ver=PFV onça
 ‘O cacique falou que a mulher viu a onça’

- (61) **iṣi=pai**
DEM=IPFV
'este aqui'
- (62) **iṣi=pai** aitsa putuka=wa=hã
DEM=IPFV NEG chegar=PFV=ENF
'ninguém chegou'

Outros morfemas que coocorrem com demonstrativos são o enfático =hã (63), e o pluralizador nominal =nau (64).

- (63) pu=tuka=ku numa i=piri=ku i=meku=ku=hã, **iṣi=hã**
2SG=pega=DECL dizer 3=BEN=DECL 3=marido=DECL=ENF DEM=ENF
'pega, disse para ela o marido, este aí' (Katutukalu)
- (64) ije-ne kene pe=jeu-lu=nau i=tuluma=li=ku
ir-DIR DEM 2SG=cunhada-FEM=PL 3=rede=CONT=DECL
- kene=nau!** Mamale-ne=ku=hã
DEM=PL todas-DIR=DECL=ENF
'Pegou estas redes das suas cunhadas.
Aqueles! (Ela pegou) todas (as redes)' (Alapü)

A respeito da marcação de plural nos demonstrativos, embora esta seja uma característica de algumas línguas Arawak, só encontrei um exemplo em Mehináku em que o morfema =nau, pluralizador de nomes, recaiu sobre demonstrativos, conforme (64).

3.3. Pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos são aquelas palavras que se referem à terceira pessoa do discurso, dando-lhe sentido vago (impreciso) ou expressando quantidade indeterminada. Não encontrei, em Mehináku, nenhum pronome exclusivamente usado para expressar indefinição, mas há certos recursos na língua que permitem expressar essa ideia e que podem ser usados em função pronominal. Em geral, essas formas fazem referência à terceira pessoa do discurso, são elas: o nome *une* 'pessoa/gente' e o demonstrativo distal *sa*.

A forma *une* atua como uma espécie de pronome indefinido, mas seu uso, em geral, faz referência a entidades do sexo masculino, razão pela qual em geral é traduzida como 'homem'. Esta forma aparece reduplicada em praticamente todo o meu corpus, o

que poderia levar-nos a tratá-la como *uneune*. Quando, todavia, esta forma aparece anexada a demonstrativos, como mostro a seguir, ela figura apenas como *une*, razão pela qual considero-a como reduplicada. Os falantes tendem a usar *une* quando estão se referindo a um homem não conhecido, indefinido, conforme mostram os exemplos seguintes. Note, em (65), que quando acompanhada da partícula de negação *aitsa*, *une* passa a desempenhar função de pronome indefinido (ninguém):

- (65) *aitsa une-une ka=ka-waka=wi=ku=hã*
 NEG pessoa-REDP ATR=ter-EXIST=REP=DECL=ENF
 ‘não tinha ninguém lá’ (Alua)
- (66) *i=hapa kene une-une ija wi=ku=hã*
 3=? DEM pessoa-REDP ir REP=DECL=ENF
 ‘ele viu o homem ir (se esconder)’ (Atulaitsaki)
- (67) *une-une ija kala ešuhi-ta=wa, ešuhi-ta=ma-na=hã,*
 pessoa-REDP ir DUB anzol-VBLZ=PFV, anzol-VBLZ=REPET-DIR=ENF
 ‘o homem foi pescar, pescar de novo’ (Xepeku)

Esta forma pode vir acompanhada também de alguns morfemas. Defendo que esta forma se trata de um nome em função de pronome indefinido porque pode receber morfologia nominal, como mostra o exemplo abaixo em que a *une* aparece anexado o morfema de estado de existência retrospectivo:

- (68) *une-une-wei hatãne walamã=hã,*
 pessoa-REDP-RETR ? sucuri=ENF

kapi=weke-hi=wi=ku=hã
 lutar=grande/dono-MASC=REP=DECL=ENF
 ‘o homem era sucuri (por isso chamamos ele de) lutador’ (Walamã)

une pode também ser usado no sentido mais geral, significando povo, grupo:

- (69) *imiehinaku i=natu-ki-ši=ku=hã*
 Mehináku 3=ancestral-NMLZ-MASC=DECL=ENF

munu iti=pulu=itsa kutsa une-une
 morro ?=ao.lado=LOC EVID.IND pessoa-REDP
 ‘a avô do povo Mehináku ficava (morava) ao lado do morro’ (Kuamutü)

E ainda pode receber marcação de plural, o que denuncia seu caráter indefinido, já que não indica o plural de homem, mas de pessoas, em geral:

- (70) ti=nai **une-une=neu** ija=wa
 PRO=LOC pessoa-REDP=PL ir=PFV
 ‘cadê o pessoal, onde eles foram?’ (Alua)
- (71) kitepe-mina=pai **une-une=neu=wi=ku=hã**
 ser.alegre-INTENS=IPFV pessoa-REDP=PL=REP=DECL=ENF
 ‘o pessoal ficou muito alegre’ (Atulaisaki)

Outra função de *une*, que atesta que esta forma aparece reduplicada nos exemplos apresentados anteriormente, é que pela pode aparecer anexada a demonstrativos. Em meus dados, *une* apareceu anexado apenas ao demonstrativo *iʃi*, funcionando como uma espécie de pronome genérico de terceira pessoa.

- (72) haiʃu iʃi-(u)**ne** u=nuka=wa mami=ku=hã
 irmã DEM-pessoa 3=matar=PFV mãe=DECL=ENF
 ‘irmã, ele que matou nossa mãe’ (Alua)
- (73) amija=ja pi=kirapa i=kahi
 PROIB=ASS 2SG=mexer 3=COM
- na=kata=la iʃi-(u)**ne** pi=me-je=ku=hã
 1SG=DEM=FUT DEM-pessoa 2SG=marido-?=DECL=ENF
 ‘não, você não pode mexer com ele! (disse a esposa).
 Eu vou jogar isso (água) no seu marido (respondeu a inimiga dela)’
 (Wayuku)
- (74) tsata nu=me kata=wa=hã
 semelhante 1SG=marido DEM=PFV=ENF
- nu=mepe=mija iʃi-(u)**ne**=we
 1SG=CLF.amontado=POT DEM-pessoa=PFV
 ‘queria um marido igual (o cipó)’ (Wayuku)

Além de *une*, o demonstrativo *sa* pode funcionar em Mehináku como referente indefinido de terceira pessoa do singular. Não há distinção de gênero neste caso, apenas o demonstrativo que funciona como pronome, como em outras línguas. O demonstrativo pode vir acompanhado do morfema enfático =hã:

- (75) **şa**=hã etuna=wa-ka-ta şa i=tenu=wi=ku
 DEM=ENF andar=PFV-?-? DEM 3=COM=REP=DECL
 ‘ele estava andando junto com ela’
- (76) **şa**=hã ahimaitsa=wa
 DEM=ENF correr=PFV
 ‘ele correu’
- (77) şa i=nupa janumaka, şa iw=uta=wi=ku
 DEM 3=ver onça DEM 3=gritar=rep=DECL
- pá **şa** ahimaitsa i=u=wi=ku
 INTERJ DEM correu 3=DAT=REP=DECL
 ‘(quando) ela viu a onça, ela gritou e aí ele correu até ela’

Quando, todavia, se quer expressar um referente de terceira pessoa do plural, usa-se o demonstrativo anexado ao pronome pleno de primeira pessoa, que passa a realizar-se como *nati*, e não *natu*, sua forma básica, como em *natişa*. Este fenômeno é interessante porque não há distinção de número no pronome de terceira pessoa em posição de sujeito em Mehináku, mas parece haver este recurso quando se quer estabelecer essa diferença usando-se demonstrativos. Observe abaixo a comparação entre os usos do verbo *ahimaitsa* ‘correr’ com os diferentes pronomes em posição de sujeito. Note que em (80) usa-se apenas o demonstrativo *şa*, sinalizado um único referente de terceira pessoa, enquanto em (82) usa-se *natişa*, sinalizando mais de um. Além disso, não há distinção de gênero nessas formas:

- (78) n=ahimaitsa=wa
 1SG=correr=PFV
 ‘eu corri’
- (79) p=ahimaitsa=wa
 2SG=correr=PFV
 ‘você correu’
- (80) **şa**=hã ahimaitsa=wa
 DEM=ENF correr=PFV
 ‘ele/a correu’
- (81) j=ahimaitsa=wa
 2PL=correr=PFV
 ‘vocês correram’

- (82) **nati=şa** ahimaitsa=wa
 1SG=DEM correr=PFV
 ‘eles/elas correram’

Outros exemplos de uso de *natişa*, em comparação com *şa*, incluem:

- (83) **şa=hã** putuka=wi=ku
 DEM=ENF chegar=REP=DECL
 ‘ele/ela chegou’

- (84) **nati=şa** putuka=wi=ku
 1SG=DEM chegar=REP=DECL
 ‘eles/elas chegaram’

- (85) **şa** i=nuka=wa arau=kuma **şa** i=tenu=hã
 DEM 3=matar=PFV ave(esp.)=NPROT DEM 3=COM=ENF
 ‘ele matou a galinha junto com ela’

- (86) **natu nati=şa** a=nuka=wa arau=kuma
 1SG 1SG=DEM 1PL=matar=PFV ave(esp.)=NPROT
 ‘eu e eles matamos a galinha’

As demais formas de expressão de indefinidade, que expressam noções equivalentes aos pronomes ‘nenhum’ e ‘ninguém’, geralmente são feitas por meio da partícula de negação *aitsa*. Nesses casos, esta partícula precede nomes ou mesmo verbos (em geral, o verbo *kaka* ‘ATR=ter’ + *waka* ‘existencial’), da forma como segue:

- (87) **aitsa=ja** nu=nupa uneune waku=ja
 NEG=ASS 1SG=ver gente rio=LOC
 ‘não vi ninguém no rio’

- (88) **aitsa** jamuku-hi=nau aitja araukuma
 NEG criança-GEN=PL comer frango/galinha
 ‘nenhum menino comeu frango’

- (89) **aitsa** ka=ka=waka=pai jamuku-hi
 NEG ATR=ter=EXIST=IPFV criança-GEN
 ‘Não há nenhum menino’

3.4. Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos (ou formas interrogativas) introduzem uma pergunta sobre a entidade que o grupo nominal designa. De acordo com Schachter e Shopen (2007,

pp. 33-34), “as proformas interrogativas aparecem em todas as línguas, mas o tipo de proforma que irá ocorrer irá variar consideravelmente de língua para língua”. Em Mehináku, encontrei apenas uma forma que considero como pronome interrogativo na língua, porque é empregada em orações interrogativas diretas ou indiretas e refere-se à 3ª pessoa do discurso de forma imprecisa:

- (90) **atsa** numa=pai pi=jupu-na
 INT dizer=IPFV 2SG=nome-POSS
 ‘Qual é o seu nome?’
- (91) **atsa** pitsu=pei? Ehé! Kani k=ija natu=wi=ku!
 INT 2SG=IPFV INTERJ! DEM ATR=ir 1SG=REP=DECL
 ‘Quem é você? Sim! Sou aquela!’ (Alapü)
- (92) **atsa** pi=tsai=pai tineşu=nau=pei
 INT 2SG=filho=IPFV mulher=PL=IPFV
 ‘Quais (crianças) são suas filhas?’
- (93) **atsa** nai=pai p=ija-la=naku
 INT roupa=IPFV 2SG=ir=FUT=dentro
 ‘Qual roupa você vai usar?’
- (94) **atsa** tawana=pai işi pai=naku
 INT morar=IPFV DEM casa=dentro
 ‘Quem mora nesta casa?’
- (95) **atsa** jamuku-hi=pei işi=hã
 INT criança-GEN=IPFV DEM=ENF
 ‘Que menino é esse?’
- (96) **atsa** ji=mitsa n=utuluma-la. **Atsa** i=naku=wa=la natu
 INT 2PL=fazer 1SG=rede-POSS INT 3=dentro=PFV=FUT 1SG
 ‘O quê vocês fizeram com minha rede? Como vou me deitar?’ (Xepeku)

O pronome *atsa* pode receber também alguns morfemas, dentre os quais o potencial *-tsi* e o restritivo *-tsa*, que nos exemplos que disponho podem tanto aparecerem juntos (97)-(98) quanto separadamente (99)-(101). Note que *-tsa* restringe o escopo da interrogação, na medida em que especifica o tipo de informação que se deseja obter:

- (97) **atsa-tsi-tsa** p=itsa wawanaha=wi=ku
 INT-POT-REST 2SG=filho parir=REP=DECL
 ‘Como foi que você pariu sua filha?’

- (98) **atsa-tsi-tsa** pi=tsu=pei
 INT-POT-REST 2SG=FOC=IPFV
 ‘como você é?’
- (99) **atsa-tsa=kala** pu=nuka kupati=ku
 INT-REST=DUB 2SG=matar peixe=DECL
 ‘Quanto peixes você pescou?’
- (100) **atsa-tsa=kala=pai** şepi i=pete
 INT-REST=DUB=IPFV banco 3=?
 ‘Quanto custa o banco?’
- (101) **atsa-tsa=kala=pai** p=itsu-pa-lu=nau
 INT-REST=DUBA=IPFV 2SG=filho-EST-FEM=PL
 ‘Quantas filhas você tem?’

Há, ainda, em Mehináku, uma proforma interrogativa, representada por *tí*, que pode combinar-se com o quotativo *-numa* e locativos como *=nai* para expressar noções interrogativas. Não considero estas formas como pronomes porque não substituem os nomes em Mehináku. Essa proforma geralmente aparece no início das sentenças e introduz uma pergunta:

- (102) **tí-numa?** Eté tsitsata mija=wa n=iju=wa
 PRO-dizer INTERJ igual POT=PFV 1SG=esposa=PFV

Kata=wa=hã p=uma=pai i=piri=ku
 DEM=PFV=ENF 2SG=dizer=IPFV 3=BEN=DECL

une natu=wi=ku=hã itfuna natu=wi=ku=hã

peessoa 1SG=REP=DECL=ENF timbó 1SG=REP=DECL=ENF

‘Por quê? Nossa, queria minha esposa igualzinha (você) (disse o timbó citando a fala do homem).

Aquela que você falou (respondeu o timbó)

Aquela, eu sou o timbó (disse o timbó)’ (Itxuna).

- (103) **tí-numa** p=ije-ne?
 PRO-dizer 2SG=ir-DIR
 ‘por que você foi embora?’
- (104) **tí-numa** jamuku-hi elele=pei?
 PRO-dizer criança-GEN chorar=IPFV
 ‘por que o menino está chorando?’
- (105) **tí-numa** tineşu=tai kau=tai=pai?
 PRO-dizer mulher=DIM ter.dor=DIM=IPFV
 ‘por que a menina está doente?’

- (106) **ti-numa**-tsa=ma=la p=uma=pai?
 PRO=dizer-CAUS=REPET=FUT 2SG=aceitar=IPFV

numa nu=piri=ku=hã
 dizer 1SG=BEN=DECL=ENF
 ‘por que você não quer aceitar (ele)?
 disse ele para mim’ (Kanupai)

- (107) **tu=nai** pi=hu-maka=pai
 PRO=LOC 2SG=VBLZ-rede=IPFV
 ‘Onde você dorme?’

3.5. Posposições

Schachter (1985, p. 36) define as posposições como aqueles elementos que sucedem um elemento de natureza nominal, formando com este uma unidade capaz de se relacionar com unidades sintáticas mais amplas. Tradicionalmente, segundo Lyons (1979, p. 318), as posposições constituem um mecanismo marcador de funções gramaticais e locativas. Em Mehináku, as posposições estão, em geral, anexadas sufixalmente aos marcadores de pessoa (clíticos pessoais) e aos nomes, e expressam alguns casos semânticos. Considero esta classe como distinta dos nomes e dos marcadores oblíquos por algumas razões.

Primeiramente, porque elas possuem independência sintática, no sentido de que não estão presas a bases hospedeiras, a exemplo dos sufixos oblíquos encontrados em algumas línguas Arawak, como o Apurinã (FACUNDES, 2000), por exemplo. Além disso, como mencionei acima, as posposições podem se anexar a nomes, sintagmas nominais e aos proclíticos pessoais da língua, o que não ocorre com morfemas presos em Mehináku. Diferentemente do que ocorre em línguas como Paresi (BRANDÃO, 2014), as posposições em Mehináku tendem a ocorrer no final da sentença, porque assinalam, geralmente, o objeto indireto das construções transitivas, mas elas também podem ocorrer em outras posições, menos frequentemente. Encontrei 17 formas que considero como posposições em Mehináku:

	Posposição	Significado
1	=iu	Dativo
2	=piri	Benefactivo
3	=tenu	Comitativo; instrumental
4	=kahi	Comitativo; relacional
5	=nai	Locativo
6	=itsa	Locativo
7	=ja	Locativo
8	=taku	Locativo
9	=wa	Perlatoivo ‘através de’
10	=naku	Dentro
11	=tepu	Embaixo
12	=penu	Em cima
13	=palu	Ao lado
14	=kanu	Perto
15	=pajuma	Fora
16	=maka	De lá
17	=pawa	Outro

26. Posposições

3.5.1. =*iu* ‘dativo’

A posposição dativa =*iu* assinala a pessoa ou coisa a que se destina uma ação ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza. Esta posposição pode se relacionar tanto a nomes (108) quanto a pronomes presos (proclíticos pronominais) (109)-(111). Parece estar relacionada exclusivamente a seres animados, pois não encontrei em meu corpus exemplo em que essa posposição estivesse relacionada a seres inanimados. Quando anexado a bases terminadas por [i], como em (109)-(110), realiza-se apenas como =*u*:

(108) nu=muka=la ata-pana Kauruma=**iu**
 1SG=dar=FUT árvore-CL.foliforme Kauruma=DAT
 ‘eu vou dar o dinheiro para o Kauruma’

(109) amunau i=**u**=pai ahantai ata-pana
 cacique 3=DAT=IPFV pequeno árvore-CLF:foliforme
 ‘o cacique tem pouco dinheiro’

(110) nu=peku=jete ija=la nakai i=**u**=hã
 1SG=amigo=ASS ir=FUT festa 3SG=DAT=ENF
 ‘meu amigo irá para a festa’

(111) nu=muka=la pi=**iu**
 1SG=dar=FUT 2SG=DAT
 ‘eu vou dar para você’

Esta posposição assinala o objeto indireto em Mehináku (112)-(114), estratégia encontrada na língua para distinguir o objeto indireto do direto. O objeto direto não vem marcado por posposição:

- | | | | | |
|-------|---------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|----------------------|
| | A | V | O _[direto] | |
| (112) | mama
mãe | tuma=pai
fazer=IPFV | [makula]
panela de barro | |
| | ‘a mãe está fazendo panela de barro’ | | | |
| | | A=V | O _[indireto] | |
| (113) | (natu)
1SG | ni=kişu-ta=la
1SG=cortar-CAUS=FUT | [Atapulu
Atapulu] | i= u
3=DAT |
| | ‘eu vou cortar (isso) para o Atapulu’ | | | |
| | A=V | O _[direto] | O _[indireto] | |
| (114) | n=umuka=wa
1SG=dar=PFV | [tuwapi=tsai]
esteira=DIM | [Paulo
Paulo] | i= u
3=DAT |
| | ‘eu dei a esteirinha para o Paulo’ | | | |

3.5.2. =*piri* ‘benefactivo/direcional’

O morfema =*piri* assinala o recipiente, beneficiário de uma ação descrita pelo verbo (115)-(117). Este morfema, contudo, também parece assinalar direcionalidade, no sentido de ‘em direção a’, ou ‘que se dirige a’ (118)-(119). Diferentemente de =*ni*, =*piri* não ocorreu em meus dados em referência a nomes ou sintagmas nominais. Sua ocorrência está restrita aos proclíticos pronominais, aos quais ele sempre aparece anexado:

- | | | |
|-------|--|--------------------------------------|
| (115) | katika=waka=pai
estar.frio=EXIST=IPFV | ni= piri
1SG=BEN |
| | ‘está frio para mim’ | |
| (116) | katika=waka=pai
estar.frio=EXIST=IPFV | pi= piri
2SG=BEN |
| | ‘está frio para você’ | |
| (117) | imira=waka=pai
estar.calor=EXIST=IPFV | i= piri =pa
3PL=BEN=PL.3PL |
| | ‘está calor para eles’ | |

- (118) aitʃa=kina=pai. tsapu, tsapu!
 3.comer=IMP=IPFV tsapu tsapu
- iʃi=pai kami=hã, ija pe=weju-lu i=u
 DEM=IPFV sol=ENF ir 2SG=cunhada-FEM 3=DAT
- pu=nupati! Numa i=**piri**
 2SG=escutar dizer 3=BEN
 ‘todos estavam comendo. Tsapu, tsapu (som da comida sendo consumida).
 Nesta hora, ela foi até a sua cunhada.
 Escuta! Disse para ela’ (Alapü)
- (119) mujaka=waka=wi=ku a=ija=kuma ew-eʃuhi-ta?
 manhã=EXIST=REP=DECL 1PL=ir=DUB VBLZ-anzol-VBLZ
- numa p=eme i=**piri**=ku=hã
 dizer 2SG=marido 3=BEN=DECL=ENF
 ‘amanheceu, vamos pescar?
 disse ela ao marido’ (Xepeku)

A posposição =*piri* pode ainda aparecer incorporada ao verbo. Note que, nesse caso, o proclítico ao qual ela tende a estar anexado está ausente, mas a posposição não perde o sentido de beneficiário ou direcional.

- (120) ahã! a=ija pai=naku, numa=**piri**=ku
 INTERJ! 1PL=ir casa=dentro 3.dizer=BEN=DECL
 ‘vamos para casa, disse ele para ela’ (Xepeku)

3.5.3. =*tenu* ‘comitativo/instrumental’

A posposição =*tenu* tem dupla função em Mehináku, a depender a animacidade da entidade ao qual está relacionada. Quando se anexa a proclíticos pronominais (que se referem a nomes animados) ou a nomes animados, tem função comitativa, na medida em que exprime companhia:

- (121) ne=kewei-tsa kana-tapa-ti pi=**tsenu**
 1SG=trocar-CAUS pulso-CL.volumoso-CL.semente 2SG=COM
 ‘eu troquei pulseira com você’
- (122) p=ija=la nu=**tenu**
 2SG=ir=FUT 1SG=COM
 ‘você vai comigo’

- (123) ija hawa kene puitʃe=ku=hã, i=**tenu**
 3.ir pegar(?) DEM Matrinchã=DECL=ENF 3=COM
 i=puʃu ija=wi=ku=hã
 3=namorado ir=REP=DECL=ENF
 ‘ele foi pegar aquela Matrinchã (*Brycon amazonicus*) junto com ela, o
 namorado foi (com ela)’ (Walamã)
- (124) i=naku=itse=ku, katutukalu patã waku=itse=ku
 3=dentro=LOC=DECL sapo somente rio=LOC=DECL
 ija i=**tenu** ulei-tʃe=ku=hã, pataka i=**tenu**
 3.ir 3=COM mandioca-CLF.largo=DECL=ENF 3.sentar 3=COM
 ulei-tʃa=tse=ku
 mandioca-CLF.largo=LOC=DECL
 ‘ele ficou dentro, o sapo ficou dentro do rio.
 E ele foi com ele (o sapo) na roça, sentou com ele na roça’ (Katutukalu)

Quando, por sua vez, =*tenu* se anexa a entidades inanimadas ou se refere a elas, tem função instrumental, na medida em que se refere ao objeto (instrumento) geralmente utilizado por determinada entidade animada para realizar uma ação:

- (125) hiritʃi=nau patã a-jana-tuwa=pai i=**tenu**=hã,
 velho=PL somente VBLZ-pintura-REFL=IPFV 3=INS=ENF
 jamuku-ti-pa=nau aitsa=wa=hã
 jovem-CLF:cilíndrico-EST=PL NEG=PFV=ENF
 ‘somente os velhos se pintam com ela (tipo de pintura). Os jovens não’
 (CORBERA MORI, 2019, p. 1294, *modificado*)
- (126) anati i=**tenu** nu=hemute=pai julaka
 pilão 3=INS 1SG=socar=IPFV moqueado
 ‘estou socando o moqueado com o pilão’
- (127) pi=tʃatumala=la jawalawi i=**tenu**
 2SG=trabalhar=FUT agulha 3=INS
 ‘você vai trabalhar com a agulha’
- (128) aitʃa-ta=pai pa=witʃa=**tenu** pa=matuku-ʃi=nau=wi=ku=hã
 comer-CAUS=IPFV RECP=cocô=INS 2SG=sogro-MASC=PL=REP=DECL=ENF
 ‘(ela) estava alimentando seus sogros com seu próprio cocô’ (Alapü)

3.5.4. =kahi ‘comitativo/relacional’

Classifico a posposição =kahi como comitativa, no sentido de que exprime companhia. Essa posposição, entretanto, também parece ter valor relacional, uma vez que indica que determinado nome está relacionado a outro de forma contígua, ou seja, estabelece uma relação de proximidade entre dois referentes. Não pude notar nenhuma diferença, em termos de animacidade, entre os usos dessa posposição, que pode ocorrer anexada aos proclíticos (129)-(132) ou a nomes (133):

- (129) aitsa amunuja=pai eniça=nau nakai i=**kahi**=hã
 NEG muitos=IPFV homem=PL festa 3=COM=ENF
 ‘não há muitos homens na festa (juntos na festa)’
- (130) kurijumai mama i=**kahi**=wa natu=wi=ku=hã
 primeiro mãe 3=COM=PFV 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘primeiro eu morei com a minha mãe’ (Mama itsitxa natuwiku)
- (131) ahã i=me ija pa=uku-la i=**kahi**=ku
 INTERJ 1SG=marido ir RECP=flecha-POSS 3=COM=DECL
 ‘Sim, meu marido fez a própria flecha’ (Itxuna)
- (132) p=ija pu=muka-ta n=itsu-pa-lu i=**kahi**
 2SG=ir 2SG=levar-CAUS 1SG=filha-EST-FEM 3=COM

 n=itsu-pa-lu akama=pai=ku=hã
 1SG=filha-EST-FEM ser.doente=IPFV=DECL=ENF
 ‘você pode olhar minha filha?
 Minha filha está morrendo’ (Kukühü)
- (133) mipijama=waka ija-kitsapa-i=**kahi**
 Dois=EXIST ir-pé-NPOSS=REL
 ‘quatorze’
 (lit.: quatro que vai junto com o pé)

3.5.5. =nai ‘locativo’

A posposição locativa =nai é geralmente usada para expressar noções relativas à lugar, localização. Esta posposição pode ocorrer anexada a outras posposições (134), a nomes de lugares (topônimos) (135) ou ao proclítico de terceira pessoa (136)-(137) e a demonstrativos (138)-(140). Não encontrei em meu corpus exemplos em que esta posposição aparece anexada a outros proclíticos que não *≠*:

- (134) jitsuiku numa jatami=ku=hã
depois 3.dizer pajé=DECL=ENF
- ija kala tiwa i=maka=**nai**=itse=ku=hã
ir DEM vir 3=de.lá=LOC=LOC=DECL=ENF
'Depois, diz que o pajé veio de lá' (Kukühü)
- (135) nu=peku=jete ija=la mija=la Campinas=**nai**
1SG=amigo=ASS ir=FUT POT=FUT Campinas=LOC
'meu amigo talvez irá para Campinas'
- (136) i=**nai** emehese=wi=ku
3=LOC limpar.a.bunda=REP=DECL
'Lá, limpa a bunda (dele, a bunda do sapo)' (Katutukalu)
- (137) i=**nai** aitja=wa-pa kene puitje=ku=hã
3=LOC 3.comer=PFV-PL.3PL DEM Matrinchã=DECL=ENF
'Lá, eles comeram aquela Matrinchã' (Walamã)
- (138) şa=hã tineşu hu-maka şa=**nai**=hã
DEM=ENF mulher VBLZ-rede DEM=LOC=ENF
'aquela mulher dormiu lá'
- (139) işi=**nai** n=utu-ene
DEM=LOC 1SG=nascer-PONT
'Eu nasci aqui'
- (140) kupati=tai halapijuka=wi=ku=hã
Peixe=DIM pulando=REP=DECL=ENF
- şa=**nai** kupati=tai şa=**nai** kupati=tai
DEM=LOC peixe=DIM DEM=LOC peixe=DIM
'Os peixinhos ficaram pulando (na água). Aquele peixinho lá, aquele peixinho lá' (Itxuna)

No corpus, também encontrei um uso de =*nai* ocorrendo com os morfemas potencial -*tsi* e restritivo -*tsa*, conforme abaixo:

- (141) epehitsu pe=weju-lu=nau u=tuluma-la
 3.desamarrar 2SG=cunhada=FEM=PL 3=rede-POSS
- pa=janiri=nau u=tuluma-la epehitsu=wi=ku
 2SG=cunhado=PL 3=rede-POSS 3.desamarrar=REP=DECL
- Ekü=wi! u=muka-ta-wi tsi-tsa=**nai**=ku=hã
 Pronto=PFV! 3=colocar-CAUS-3O POT-REST=LOC=DECL=ENF
 ‘ela desamarrou a rede das suas cunhadas,
 desamarrou a rede dos seus cunhados.
 Pronto, colocou ali’ (Kukühü)

3.5.6. =itsa ‘locativo’

Além de =nai, também considero =itsa como um locativo em Mehináku. A diferença entre eles, entretanto, é que =itsa parece fazer referência somente a lugares, não sendo anexado a proclíticos ou a demonstrativos como ocorre com =nai.

- (142) Pairumã putuke-ene ulei-tja=**itsa**
 Pairumã chegar-DIR mandioca-CLF.largo=LOC
 ‘Pairumã chegou na roça’
- (143) jamuku-hi tuwe-ne jakaku=**itsa**
 criança-GEN vir-DIR mato=LOC
 ‘a criança veio do mato (de dentro do mato)’
- (144) akene=me, i=kanu=**itsa**
 3.defecar=REPET 3=perto=LOC
 ‘ela defecou novamente perto deles’ (Alapü)
- (145) mujaka=waka=wi=ku. ija=wa-pa waku=**itsa**=wi=ku
 clarear=EXIST=REP=DECL ir=PFV-PL.3PL rio=LOC=REP=DECL
 ‘Amanheceu, eles foram se banhar no rio’ (Alapü)

3.5.7. =ja ‘locativo’

Outro locativo encontrado em Mehináku é =ja. Assim como =itsa aparece ligado apenas a nomes:

- (146) a=ija=kuma kupati=taku ew-eşuhi-ta? numa i=piri!
 1PL=ir=DUB peixe=LOC VBLZ-anzol-VBLZ 3.dizer 3=BEN
 Nu=putaka=**ja** a=ija=la
 1SG=aldeia=LOC 1PL=ir=FUT
 ‘Vamos pescar? Ela disse para ele (o marido).
 Vamos na minha aldeia (lugar onde o homem a encontrou)’ (Alapü)
- (147) işi=pai aitsa=mija=kina=wa jakaku=**ja**=hã
 DEM=IPFV NEG=POT=IMP=PFV mato=LOC=ENF
 ‘hoje ninguém (iria) no mato (caçar)’
- (148) aitsa=ja nu=nupa une-une waku=**ja**
 NEG=ASS 1SG=ver pessoa-REDP rio=LOC
 ‘não vi ninguém no rio’

3.5.8. =taku ‘locativo’

A posposição =taku tem mais de uma função em Mehináku. A primeira delas é, de fato, indicar lugar, localidade, razão pela qual classifico-a como locativa (149)-(150). Note que nos exemplos abaixo a posposição =taku marca o local em que determinada ação descrita pelo verbo ocorre.

- (149) A=ija=kuma kupati=**taku** ew-eşuhi-ta? numa i=piri!
 1PL=ir=DUB peixe=LOC VBLZ-anzol-VBLZ 3.dizer 3=BEN
 Nu=putaka=ja a=ija=la
 1SG=aldeia=LOC 1PL=ir=FUT
 ‘Vamos pescar? Ela disse para ele (o marido).
 Vamos na minha aldeia (lugar onde o homem a encontrou)’ (Alapü)
- (150) une-une ija kala eşuhi-ta=wa, eşuhi-ta=ma=wa=hã,
 Pessoa-REDP ir DUB anzol-VBLZ=PFV, anzol-VBLZ=REPET=PFV=ENF
 ija eşuhi-ta=wa, itsau=**taku**=wa, eşuhi=ta=la
 ir anzol-VBLZ=PFV riacho.de.buritizal=LOC=IPFV anzol-VBLZ=FUT
 ‘O homem foi pescar, pescar de novo.
 Foi pescar no riacho de buritizal, vai pescando...’ (Xepeku)

A posposição =taku, entretanto, também pode ser entendida como um classificador nominal, uma vez que identifica características semânticas de objetos. Sua função como classificador é indicar ‘superfície plana’, como nos exemplos abaixo em

que possível ver esse classificador sendo usado em neologismos para dinheiro, fazendo referência, nesses casos, às características do papel, da cédula de dinheiro, que é plana:

- (151) ipiu=**taku**
 tartaruga=CLF.plano
 ‘dois reais’
- (152) wakala=**taku**
 garça=CLF.plano
 ‘cinco reais’
- (153) arara=**taku**
 arara=CLF.plano
 ‘dez reais’
- (154) kapulu=kumã=**taku**
 bugio=PROT=CLF.plano
 ‘vinte reais’
- (155) janumaka=**taku**
 onça=CLF.plano
 ‘cinquenta reais’
- (156) jaitsapa=**taku**
 tucunaré=CLF.plano
 ‘cem reais’

3.5.9. =wa ‘perlativo’

O perlativo exprime a noção de “através de”, “por entre”, ou ainda, “por meio do qual”. Ou seja, a posposição perlativa =wa tem a função de indicar uma ação que se dá por meio de algum caminho, por entre um trajeto específico percorrido, em geral, por um sujeito:

- (157) kurijumai mama i=kahi=**wa** natu=wi=ku=hã
 Primeiramente mãe.POSS 3=COM=PERL 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘primeiramente, eu morei com a minha mãe’ (Mama itsitxa natuwiku)
- (158) n=ija=la jakaku=**wa**
 1SG=ir=FUT mato=PERL
 ‘eu vou pelo mato’
- (159) a=ije-ne=le waku=**wa**
 1PL=ir-DIR=FUT rio=PERL
 ‘nós vamos embora pelo rio’

- (160) tfawaka n=unupa=wa janumaka ija jakaku=**wa**
 ontem 1SG=ver=PFV onça ir mato=PERL
 ‘ontem eu vi a onça passar pelo mato’

3.5.10. =*naku* ‘dentro’

O significado da posposição =*naku* é ‘dentro’ de algo, ‘em’ algo:

- (161) ahã nu=tatapu=ku. a=ija=ku pai=**naku**=wi=ku
 INTERJ 1SG=saber=DECL 1PL=ir=DECL casa=dentro=REP=DECL
 ‘Sim, eu sei. Vamos embora para casa’
- (162) carro=**naku**=pai pitsu
 carro=dentro=IPFV 2SG
 ‘você está no carro’
- (163) itsa=**naku**=pai aitsu
 barco=dentro=IPFV 1PL
 ‘nós estamos no barco’
- (164) pai=**naku**=pai natu
 casa=dentro=IPFV 1SG
 ‘eu estou em casa’
- (165) pa=janiri=nau u=tuluma=li=ku,
 2SG=cunhado=PL 3=rede=CONT=DECL
- awitsi-ri-ni-te kene amaka=**naku**=wi=ku=hã
 bonito-NMLZ-?-? DEM rede=dentro=REP=DECL=ENF
 ‘(ela) amarrou as redes dos seus cunhados também, só tinha redes bonitas’
 (Xepeku)

Assim como a posposição =*taku*, =*naku* provavelmente deriva de um classificador em Mehináku:

- (166) pi=piju=**naku**
 2SG=pescoço=CLF.interno
 ‘teu pescoço’
- (167) i=tunulu=**naku**
 3=orelha=CLF.interno
 ‘ouvido dele’
- (168) pi=tsiu=**naku**-ti
 2SG=cabeça=CLF.interno-CLF.semente
 ‘teu cérebro’

3.5.11. =tepu ‘embaixo’

A posposição =tepu indica que algo está embaixo:

- (169) une-une ata i=**tepu**=wa=pai
 pessoa-REDP árvore 3SG=embaixo=PFV=IPFV
 ‘o homem está embaixo da árvore’
- (170) ija=kina=wi kalaka=kina ulei utawana=neku i=**tepu**=wa
 ir=IMP=PFV quebrar=IMP mandioca rama=dentro 3=embaixo=PFV
 ‘foram lá e quebraram embaixo da rama da mandioca’ (Kukühü)

3.5.12. =penu ‘em cima’

A posposição =penu indica que algo está em cima. Nos dados que disponho, essa posposição vem sempre acompanhada da posposição locativa =itsa:

- (171) ešeke-ne itsei=ku. Eku=wi=ku.
 3.acendeu-PONT fogo=DECL pronto=REP=DECL
- pataka-ta-wi itsei=**penu**=itse=ku
 3.colocar-CAUS-3O fogo=em.cima=LOC=DECL
 ‘(ele) acendeu o fogo. Pronto.
 Colocaram (a panelinha de barro com urina) em cima do fogo’ (Alapü)
- (172) šepi i=**penu**=itsa=pai jamuku-hi
 banco 3=em.cima=LOC=IPFV criança-GEN
 ‘o menino está em cima do banco’

3.5.13. =palu ‘ao lado’

A posposição =palu indica que algo está ao lado. Note que, assim como =penu, vem acompanhado do locativo =itsa. Esta posposição provavelmente deriva do nome palu ‘lado’.

- (173) ata i=**palu**=itsa=pai une-une
 árvore 3=ao.lado=LOC=IPFV pessoa-REDP
 ‘o homem está ao lado da árvore’

- (174) Jack mesa i=**palu**=itsa=pai
 Jack mesa 3=ao.lado=LOC=IPFV
 ‘Jack está ao lado da mesa’
- (175) Renato cama i=**palu**=itsa=pai
 Renato cama 3=ao.lado=LOC=IPFV
 ‘Renato está ao lado da cama’

3.5.14. =*kanu* ‘perto’

A posposição =*kanu* indica que algo ou alguém está perto ou próximo. Nos dados que disponho, essa posposição aparece apenas anexada aos proclíticos pronominais:

- (176) aitsa natu kuta tuwa=wa nu=**kanu**=wi=ku=hã
 NEG 1SG DESID 3.chegar=PFV 1SG=perto=REP=DECL=ENF
 ‘não queria que ele chegasse perto de mim’ (Kanupai)
- (177) akene=me, i=**kanu**=itsa.
 Defecou=REPET 3=perto=LOC
- pá inihitja u=mati-şu pai=naku=wa
 INTERJ cocô 3=sogra-FEM casa=dentro=PFV
 ‘(Ela) defecou novamente perto dela (da cunhada).
 (Ela fez) um montão de cocô na casa da sogra dela’ (Alapü)
- (178) carro kalake-ne kaşaipa putakã i=**kanu**
 Carro quebrar-DIR não.indígena aldeia.POSS 3=perto
 ‘o carro quebrou perto da cidade’

3.5.15. =*pajuma* ‘fora’

A posposição =*pajuma* indica que algo ou alguém está fora de algum lugar:

- (179) jamuku-hi i=**pajuma**=itsa=pai ina i=u=itsa
 criança-GEN 3=fora=LOC=IPFV água 3=DAT=LOC
 ‘a criança está fora da água’
- (180) **pajuma**=itsa=pai n=uku-la
 fora=LOC=IPFV 1SG=flecha-POSS
 ‘meu pênis está para fora’

- (181) **pajuma**=itsa=pai ihĩ
 Fora=LOC=IPFV peito
 ‘o peito está para fora’

3.5.16. =*maka* ‘direcional’

A posposição =*maka* indica direção, origem ‘de lá’ (188) ou destino ‘para lá’ (189), percorrida por alguém:

- (182) jitsuiku numa jatami=ku=hã
 depois 3.dizer pajé=DECL=ENF

ija kala tuwa i=**maka**=nai=itse=ku=hã
 ir DEM vir 3=de.lá=LOC=LOC=DECL=ENF
 ‘Depois diz que o pajé veio de lá!’ (Kukühü)

- (183) n=akene-henei. Ahã numa i=piri=ku=hã
 1SG=defecar-TRANSF INTERJ dizer 3=BEN=DECL=ENF

kata=**maka**=na p=ija=ku=hã
 DEM=para.lá=DIR 2SG=ir=DECL=ENF
 ‘Eu transformei o cocô (em sal). Ok, disse para ela
 vai para lá’ (Alapü)

3.5.17. =*pawa* ‘outro’

Finalmente, a posposição =*pawa* ‘outro’ ocorre em meus dados somente ligada ao proclítico de terceira pessoa (184)-(186). Também pode ocorrer com verbos (187) e nomes (188). Além disso, não parece haver uma ordem de ocorrência deste pronome, haja vista que ele ocorre tanto antes quanto depois do nome:

- (184) n=eşu-ta i=**pawa** kupati
 1SG=anzol-VBLZ 3=outro peixe
 ‘eu pesquei outro peixe’

- (185) nu=nuke-ne eşuti i=**pawa**
 1SG=matar-DIR mosquito 3=outro
 ‘Eu matei outros mosquitos’

- (186) tineşu jata=wa tuwapi i=**pawa**
 mulher comprar=PFV esteira 3=outro
 ‘A mulher comprou outra esteira’

- (187) kemeju=**pawa**=pai au=nupa=wa a=tuluma-la
 ser.suja=outro=IPFV 1PL=ver=PFV 1PL=rede-POSS
 ‘(Quando) a gente viu que as nossas outras redes estavam sujas’ (Xepeku)
- (188) i=peku au-hapaja=**pawa**=pai ahanapu=tai=pai
 3=COM EXC-barriga=outro=IPFV ser.magro=DIM=IPFV
 ‘O barrigudo e o outro magrinho’

4

Numerais e quantificadores

Neste capítulo, apresento os numerais e também as formas quantificadoras em Mehináku. No que se refere aos numerais (§4.1), descrevo: os números básicos (§4.1.1), os números derivados (§4.1.2), e, ainda, as estratégias de contagem na língua (§4.3.1), incluindo adição (§4.3.1.1) e multiplicação (§4.3.1.2). Em relação aos quantificadores (§4.2), descrevo quatro tipos: *amunuja* ‘muito’ (§4.2.1), *ahãtai* ‘pouco’ (§4.2.2), *mamala* ‘todo’ (§4.2.3) e *patã* ‘somente’ (§4.2.4).

4.1. Numerais

Descrevo nesta seção três sistemas de contagem possíveis em Mehináku, coletados com diferentes falantes, durante os trabalhos de campo. Não há nenhum mais ou menos correto, pois são apenas variações nas formas de se contar na língua. Dois deles são mais extensos, e apresentam estratégias de contagem até o número 20, e o terceiro é menos extenso e mais genérico, permitindo contar, em geral, até 10. Ambos os sistemas de contagem refletem o número de dedos dos falantes, ou seja, os indígenas dão nomes para os números até o limite de dedos que eles têm nas mãos e nos pés (no caso dos dois primeiros) e nas mãos (no caso do terceiro). Todas as três formas de contagem são iguais até o número 5, divergindo entre si a partir deste número. Considero que somente os três primeiros números, de 1 a 3, são básicos ou autônomos, ou seja, não derivam de nenhum outro número. A partir do número 3, considerando de 4 a 20 para os sistemas mais extensos, todos os números são derivações ou combinações dos três primeiros números com outras formas da língua, e seguem um sistema de base 5, tendo a mão ou pé inteiros como base.

4.1.1. Números básicos

Conforme mencionei acima, somente os três primeiros números são básicos, no sentido de que não derivam de outros. Esses números são comuns às três formas de contagem que encontrei na língua e não apresentam nenhuma concordância de gênero, conforme tabela abaixo:

	Número	
1	pawitsa	‘um/uma’
2	mipijama	‘dois/duas’
3	kamajukula	‘três’

Tabela 27. Números básicos

Segundo Payne (1992), as formas desses números no Proto-Arawak são **pa* ‘um’, **api*/**yama* ‘dois’ e **mapa* ‘três’. Sobretudo as duas primeiras formas, como se pode observar pelos exemplos da tabela acima, são recuperáveis nos números atuais do Mehináku. O número *mipijama* ‘dois’ é composto, segundo Payne (1992, p. 424) pela forma **yama*, que provavelmente era um classificador no Proto-Arawak, e que foi lexicalizado como ‘dois’ em muitas línguas filhas, incluindo o Mehináku. Outra alternativa que poderia ser proposta é pensar que a forma **yama* é composta do morfema repetitivo =*ma*, uma vez que quatro seria a repetição de dois mais dois. Os exemplos abaixo mostram a ocorrência desses básicos. Note que eles sempre precedem os nomes que modificam:

- (1) kukihi ijalu-ta ulei,
 kukihi estragar-CAUS mandioca
- nu=k=ije-ne **pawitsa** ulei-tsi
 1SG=ATR=arrancar-PONT um mandioca-CLF.semente
 ‘o kukühü estragou a mandioca. Eu (só consegui) arrancar uma mandioca’
 (kukühü)
- (2) i=maka=nai=tasa, i=wepe-ne=le **pawitsa** puitʃa
 3=de.lá=LOC=LOC 3=trazer-DIR=FUT um matrinchã
- panu i=u=wi=ku=hã.
 esposa 3=DAT=REP=DECL=ENF
 ‘ele veio de lá trazendo uma Matrinchã (*Brycon amazonicus*) para a esposa’
 (Walamã)
- (3) ati-numa iʃi-(u)ne aitʃa=pai **mipiama** ui i=tiwi
 PRO-dizer DEM-pessoa comer=IPFV dois cobra 3=cabeça
 ‘por que a mulher está transando com a cobra de duas cabeças? (Ui)

(4) **mipijama** eniṣa awitsi-ri=jau,
dois homem ser.bonito-NMLZ=PL

mipijama tineṣu awitsi-ri=jau
dois mulher ser.bonito=NMLZ=PL
'dois homens bonitos e duas mulheres bonitas'

(5) nu=nuke-ne **mipijama** ukipija,
1SG=matar-DIR dois pacus

mipijama jajitsapa, **mipijama** walaku
dois tucunaré dois piau
'eu pesquei dois pacus, dois tucunarés e dois piaus'

(6) nu=pai **kamajukula** pahi=tai eniṣa
1SG=ter três macaco=DIM homem
'eu tenho três macaquinhos machos' (A/C)

(7) papa n=umata **mipijama** uku **pawitsa** utai
pai 1SG=dar dois flecha um arco
'meu pai me deu duas flechas e um arco'

(8) nu=muka **kamajukula** akai tineṣu i=u
1SG= três pequi mulher 3=DAT
'eu dei três pequis para a mulher'

(9) nu=tapake-ne kupati iwi
1SG=pisar-PONT peixe carcaça

kamajukula unuka ni=kitsapa=itsa=hã
três espinho 1SG=pé=LOC=hã
'eu pisei na carcaça do peixe. (Entrou) três espinhos no meu pé' (A/C)

Não encontrei exemplos em que os numerais tomassem o morfema de plural *-nau*, uma vez que, como mostra (4), por exemplo, esse morfema vem anexado ao nome modificado pelo numeral. Quando os numerais aparecem em função predicativa, portam o morfema de imperfeito *=pai*:

(10) **mipijama=pai** ui i=kanati
dois=IPFV cobra 3=cabeça
'A cobra tem duas bocas' (Ui)

- (11) **mipijama=pai** kata tineşu=tai in=ini=hã
dois=IPFV DEM mulher=DIM 3=mãe=ENF
- mipijama-tsa-pa-ta=ma** i=nişi
dois-REST-?-CAUS=REPET 3=pai
‘Essa menina tem duas mães e dois pais’

Os numerais também podem ser combinados com pronomes para expressar restrições (11) e, em alguns casos, com o morfema impessoal =*kina* (12) para indeterminar o referente. Note que, quando se quer restringir o referente, o numeral pode aparecer depois do pronome que modifica (11). Além disso, um dos exemplos elicitados mostra o numeral sendo acompanhado pelo proclítico de pessoa, que funciona como uma espécie de sujeito (13). Observe que, em (13), a palavra *kamajukula* ‘três’ aparece palatalizada, indicando a presença do proclítico cuja vogal engatilha a palatalização de [k]:

- (12) nu=nupa jitsu **mipijama**
1SG=ver 2PL dois
‘eu vi vocês dois’
- (13) nu=nupa **mipijama=kina** jitsu
1SG=ver dois=IMP 2PL
‘eu vi dois de vocês (não se sabe ao certo quais foram vistos)’
- (14) nu=nupa jitsu **ji=tʃamajukula**
1SG=ver 2PL 2PL=três
‘eu vi vocês três’

4.1.2. Números derivados

Os números a partir de 3 são derivados desses primeiros. Não há diferença entre as três formas de contagem que encontrei na língua entre os números 4, 5 e 10. Os demais números, entretanto, sofrem mudanças. Duas das formas de contagem possibilitam que se conte até 20, incluindo nessa contagem os dedos das mãos e dos pés. Em todas elas há uma ordem na sequência de contagem que sempre se inicia no polegar/dedão da mão ou pé esquerdos e termina no mindinho. Depois, continua-se a contagem na mão ou pé direitos em ordem inversa, conforme mostram as imagens a seguir:

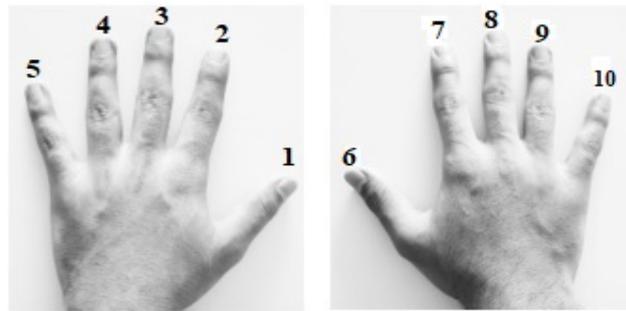


Figura 16. Esquema de contagem nas mãos (1 a 10) (De Felipe, 2019)

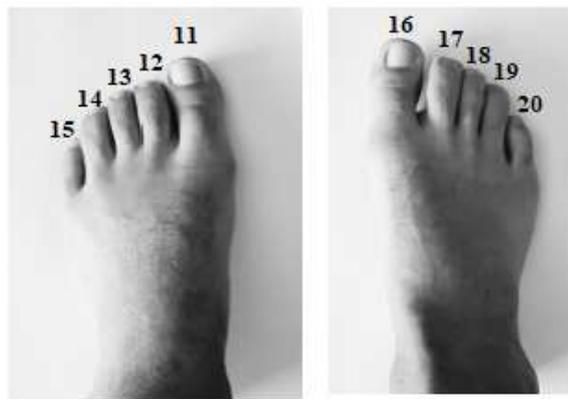


Figura 17. Esquema de contagem nos pés (11 a 20) (De Felipe, 2019)

A tabela abaixo apresenta as três formas de contagem elicitadas. Como já disse, 4, 5 e 10 são iguais em todas as propostas. A partir de 11, a terceira forma não conta criando números, mas apenas acrescentando a forma adverbial *maluwaitsa* ‘depois’ seguida do número que se quer adicionar. Por exemplo: o número 11 seria *maluwaitsa pawitsa* ‘depois um’ (lit.: depois (de 10) acrescenta-se mais um, e assim por diante). Apresentarei na tabela, após o número 10, apenas as outras duas propostas de contagem, que têm números até 20:

	Número		
4	mipijama=waka	dois=EXIST	‘quatro’
5	pawitsa-wiřiku	um-mão	‘cinco’
6	pawitsa-taputa-wiřiku pawitsa-taputa-kapitsiwi pawitsa-ija-kapitsiwi	um-atravesar-mão um-atravesar-dedo um-ir-dedo	‘seis’
7	mipijama-taputa-wiřiku mipijama-taputa-kapitsiwi mipijama-ija-kapitsiwi	dois-atravesar-mão dois-atravesar-dedo dois-ir-dedo	‘sete’
8	kamajukula-taputa-wiřiku kamajukula-taputa-kapitsiwi kamajukula-ija-kapitsiwi	três-atravesar-mão três-atravesar-dedo três-ir-dedo	‘oito’
9	mipijama-waka-taputa-wiřiku mipijama-waka-taputa-kapitsiwi mipijama-waka-ija-kapitsiwi	dois=EXIST-atravesar-mão dois=EXIST-atravesar-dedo dois=EXIST-ir-dedo	‘nove’
10	mamala-wiřiku	todo-mão	‘dez’
11	pawitsa-kitsapai pawitsa-ija-kitsapai-kahi	um-pé um-ir-pé-COM	‘onze’
12	mipijama-kitsapai mipiama-ija-kitsapai-kahi	dois-pé dois-ir-pé-COM	‘doze’
13	kamajukula-kitsapai kamajukula-ija-kitsapai-kahi	três-pé três-ir-pé-COM	‘treze’
14	mipijama-waka-kitsapai mipijama-waka-ija-kitsapai-kahi	dois=EXIST-pé dois=EXIST-ir-pé-COM	‘quatorze’
15	mamala-wiřikui pawitsa-mamala kitsapai pawitsa-mamala-kitsapai	todo-mão um-todo-pé um-todo-pé	‘quinze’
16	pawitsa-taputa-kitsapai	um-atravesar-pé	‘dezesseis’
17	mipijama-taputa-kitsapai	dois-atravesar-pé	‘dezessete’
18	kamajukula-taputa-kitsapai	três-atravesar-pé	‘dezoito’
19	mipijama-waka-taputa-kitsapai	dois=EXIST-atravesar-pé	‘dezenove’
20	mamala-kitsapai	todo-pé	‘vinte’

Tabela 28. Números derivados

Dentre as diferenças mais acentuadas entre as diferentes propostas, destaco o uso da palavra *kapitsiwi* ‘dedo’ usada em uma delas e não nas outras, mudando assim a semântica do número. Além disso, vê-se que os falantes formam números a partir da mobilização de verbos, como *taputa*, que originalmente significa nadar (*tapu*), mas que causativizado por *-ta* passa a significar atravessar (para a outra mão). É interessante também o uso do verbo *ija* ‘ir’ que incorpora uma parte do corpo para formar com ela a ideia de direção, de ir para o pé. Essa noção é reforçada pelo comitativo =*kahi* que acompanha a construção.

Dos números apresentados acima, o número 15 é um caso que merece destaque dentre os termos criados pelos Mehináku para a contagem. Diferentemente dos demais números, ele é constituído, em uma das propostas, tanto da palavra *wiʒikui* ‘mão-NPOSS’, quanto da palavra *kitsapai* ‘pé-NPOSS’. Os falantes utilizam uma construção como esta porque querem deixar claro que, literalmente, acabaram os dedos de todas as mãos, e, também, de um pé, ou seja, acabaram os 10 dedos das mãos e, também, os 5 primeiros dedos do pé esquerdo, totalizando 15 unidades. Do número 16 até o 19, segue-se a mesma lógica do 6 ao 9, acrescentando o verbo *taputa* ‘atravessar’ à construção numeral. O número 20, por seu turno, segue a lógica do número 10, sendo construído por meio do quantificador *mamala* ‘todo’.

Para expressar quantidades acima de 20 unidades, os falantes utilizam, atualmente, quantificadores como *amunuja* ‘muitos’, ‘vários’. Em conversa pessoal com os indígenas, porém, alguns me disseram que, antigamente, era possível contar até o número 40 na língua. De acordo com eles, o número 40 era representado da seguinte forma:

- (15) *mamala* *ni=kitsapa* *mamala* *pi=kitsapa*
 todo *1SG=pé* *todo* *2SG=pé*
 ‘quarenta’
 (lit.: acabaram os meus pés e acabaram os seus pés (os pés do interlocutor))

É interessante observar este exemplo, porque ele revela uma questão interessante a respeito do sistema de contagem/numeral em Mehináku: o fato de que os falantes utilizam não somente seus próprios dedos das mãos e dos pés para contar, como também os dedos dos pés e das mãos do interlocutor, da pessoa com quem se conversava. Em outras palavras, era possível referir-se tanto aos dedos do locutor quanto do interlocutor, antigamente, para se estabelecer relações matemáticas, de contagem em Mehináku.

Atualmente, entretanto, embora tenha apresentado os 20 números acima, e, ainda, a possibilidade mais remota de se contar até 40, poucos falantes ainda utilizam todos esses números. Em geral, por conta da influência da língua portuguesa e da saída dos indígenas das aldeias para a venda de artesanato nas cidades, os falantes Mehináku tendem a contar, no máximo, até o 10 na sua língua, sendo as quantidades superiores a esta contadas em português. Os números básicos mantêm-se mais preservados, em termos de seus usos, enquanto os derivados, mesmo abaixo de 10, são pouco usados.

Assim como os números básicos, os derivados tendem a ocorrer antes dos nomes que modificam, conforme exemplos abaixo. Note que também aparecem acompanhados de =*pai* quando estabelecem uma relação predicativa (15) ou podem ainda representar períodos de tempo, como em (18), em que *pawitsa-wiṣiku* compreende o período equivalente a uma semana.

- (16) **mipijama=waka**=pai papa i=tai, **kamajukula** i=nitsu-pa-lu
 dois=EXIST=IPFV pai 3=filho três 3=filha=EST=FEM
 ‘Meu pai tem quatro filhos e três filhas’
- (17) nu=nuke-ne **mipijama=waka** kupati
 1SG=matar-PONT dois=EXIST peixe
 une pepehe iṣi=pai jehitsa
 pessoa assar DEM=IPFV cedo
 ‘eu pesquei quatro peixes e você assou eles hoje cedo’
- (18) **pawitsa-tapu-ta-wiṣiku** ṣepi
 um-nadar-CAUS-mão banco
 ‘seis bancos’
- (19) mujaka Ø=ija=wa=ma waku=ma
 manhã 3=ir=PFV-REPET rio=REPET
pawitsa-wiṣiku=wi=ku maka
 uma-mão=REP=DECL de.lá
 ‘ela ficou indo tomar banho com frequência por uma semana (cinco dias)’ (Wayuku)

4.1.3. Estratégias de contagem

É possível, em Mehináku, estabelecer algumas estratégias de contagem que envolvem operações de adição e multiplicação. Os dados que apresento a seguir foram coletados durante uma das aulas ministradas por um dos professores indígenas da escola de Utawana. Na ocasião, ensinando sobre números aos alunos, ele explicava sobre formas de se multiplicar na língua. Anotei duas dessas formas: a primeira é uma estratégia de adição; enquanto a segunda é uma estratégia de multiplicação. Adiciona-se ou multiplica-se, em ambos os casos, apenas até o número cinco.

4.1.3.1. Adição

A estratégia de adição utiliza as mãos como parâmetro. Os falantes selecionam determinada quantidade de dedos em uma mão, e, na outra, a mesma quantidade, e somam essas duas quantidades chegando ao resultado da adição. A construção dessa operação utiliza demonstrativos e posposições. É preciso verificar se é possível somar números diferentes em cada mão, pois durante a coleta de dados o professor apenas ensinou números iguais.

	Número	Operação de adição		
1	pawitsa	pawitsa-kata-palu, pawitsa-kata-palu	um-DEM-lado, um-DEM-lado	‘dois’ (lit.: um em cada lado da mão)
2	mipijama	mipijama-kata-palu, mipijama-kata-palu	dois-DEM-lado, dois-DEM-lado	‘quatro’ (lit.: dois em cada lado da mão)
3	kamajukula	kamajukula-kata-palu, kamajukula-kata-palu	três-DEM-lado, três-DEM-lado	‘seis’ (lit.: três em cada lado da mão)
4	mipijamawaka	mipijama-waka-kata-palu, mipijama-waka-kata-palu	dois-EXIST-DEM- lado, dois-EXIST-DEM- lado	‘oito’ (lit.: quatro em cada lado da mão)
5	pawitsa-wiṣiku	pawitsa-wiṣiku-kata-palu pawitsa-wiṣiku-kata-palu	um-mão-DEM-lado, um-mão-DEM-lado	‘dez’ (lit.: cinco em cada lado da mão)

Tabela 29. Estratégias de adição

É possível realizar o mesmo tipo de estratégia apresentada acima substituindo o demonstrativo *kata* pelo demonstrativo *iṣi*. O professor alternava entre os dois enquanto explicava. Como ambos os demonstrativos são proximais, acredito que se trata apenas de uma alternância, e não de qualquer outra estratégia que envolva distância entre as mãos ou algo análogo a isso.

4.1.3.2. Multiplicação

A estratégia de multiplicação serve para indicar que determinado número se repete mais de uma vez. Utiliza-se o morfema existencial =*waka* anexado ao número, conforme abaixo:

	Número	Operação de multiplicação		
1	pawitsa	pawitsa=waka	um=EXIST	‘uma vez’
2	mipijama	mipijama=waka	dois=EXIST	‘duas vezes’
3	kamajukula	kamajukula=waka	três=EXIST	‘três vezes’
4	mipijamawaka	mipijama=waka=waka	dois=EXIST=EXIST	‘quatro vezes’
5	pawitsa-wiṣiku	pawitsa-wiṣiku=waka	um-mão=EXIST	‘cinco vezes’

Tabela 30. Estratégias de multiplicação

Também anotei uma estratégia adicional de multiplicação, utilizada apenas para o número cinco, que envolve anexar ao número o demonstrativo proximal *kata*, mais o morfema de repetitivo =*ma* mais o classificador *-kana* ‘côncavo’, como em: *pawitsa-wiṣiku-kata-ma-kana* ‘cinco vezes’.

4.2. Quantificadores

Segundo Schachter (1985, p. 38), os quantificadores podem ser considerados modificadores de nomes, e sua função é indicar quantidade ou escopo. Dessa forma, constituem quantificadores palavras como: todo, muito, pouco e alguns, por exemplo. Descrevo nesta seção os seguintes quantificadores do Mehináku: *amunuja* ‘muito’; *ahṣtai* ‘pouco’; *mamala* ‘todo’ e *patā* ‘apenas/somente’.

4.2.1. *amunuja* ‘muito’

O quantificador *amunuja* significa ‘muito/s’. Em geral, aparece antes dos nomes que modifica (20)-(22), mas pode também aparecer depois (23). Também pode vir acompanhado do enclítico de imperfectivo =*pai* (20)-(22) e, neste caso, tem função predicativa:

- (20) **amunuja**=pai tineṣu=tai=nau putaka=naku=wi=ku=hã
muito=IPFV mulher=DIM=PL aldeia=dentro=REP=DECL=ENF
‘Há muitas meninas na aldeia’
- (21) aitsa **amunuja**=pai papa ini=tsu-pa-lu=nau
NEG muito=IPFV pai 3=filha-EST-FEM=PL
‘meu pai não tem muitas filhas’

- (22) aitsa **amunuja**=pai eniṣa=nau nakai i=kahi=hã
 NEG muito=IPFV homem=PL festa 3=REL=ENF
 ‘não há muitos homens na festa (juntos na festa)’
- (23) ahã une i=me i=uku-ta=li=ku
 INTERJ pessoa 3=marido 3=flecha-VBLZ=CONT=DECL
 pa i=mapija=wa kupati=tai=ku=hã **amunuja**=wi=ku=hã
 Nossa 3=pegar=PFV peixe=DIM=DECL=ENF muito=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, o marido dela ficou fechando.
 Nossa, ele pegou muitos peixinhos’ (Itxuna)
- (24) une=pei=ku p=ija ulei-tʃe=ku
 pessoa=IPFV=DECL 2SG=ir mandioca-CLF.plano=DECL
amunuja pitʃene-ti=ku=hã
 muito rama.de.mandioca-CLF.semente=DECL=ENF
 kitepe-mina=pai=ku, kukihi=hã
 alegre-INTENS=IPFV=DECL kukihi=ENF
 ‘se você for na roça,
 (vai ter) muita rama de mandioca.
 Ele fica muito alegre (quando viu), o kukühü’ (Kukühü)

4.2.2. *ahãtai* ‘pouco/pequeno’

O quantificador *ahãtai* significa ‘pouco’. Provavelmente é composto do morfema de diminutivo =*tai*, responsável por exprimir o sentido de ‘pouco’, e precede o nome que modifica:

- (25) Etsiri **ahãtai** kihitʃala=pai
 Etsiri pouco força=IPFV
 ‘Etsiri tem pouca força’
- (26) Pairumã **ahantai**-ta nai
 Pairumã pouco-? roupa
 ‘Pairumã tem poucas roupas’
- (27) Atapulu nuka=wa **ahantai** kupati
 Atapulu matar=PFV pouco peixe
 ‘Atapulu pescou/matou pouco peixe’

4.2.3. *mamala* ‘todo’

O quantificador *mamala* significa ‘todo/s’. Pode tanto preceder quanto seguir o referente que modifica. Pode funcionar ainda como sujeito (34):

- (28) *ija=wa-pi=ku, u=mati-ṣu=nau ija=wa-pi*
 3.ir=PFV-3PL.O=DECL 3=sogra=FEM=PL ir=PFV-3PL.O

mamala kene *i=puna=ku tuweke-ne*
 todo DEM 3=casa=DECL vier=PONT
 ‘Foram, as sogras delas foram.
 Todas vieram de casa’ (Xepeku)

- (29) *ije-ne kene pe=jeu-lu=nau i=u=tsa*
 3.ir=PONT DEM 2SG=cunhada-FEM=PL 3=DAT=LOC

kali=ku u=tuluma=li=ku, kene=neu, mamale=ne=ku=hã
 DEM=DECL 3=rede=CONT=DECL DEM=PL todo=DIR=DECL=ENF
 ‘Ela foi até as suas cunhadas
 Às redes delas, aquelas, todas’ (Xepeku)

- (30) *uitṣa-ta kene amake-wei=ku=hã. Eku=wi*
 3.queimar-CAUS DEM rede-RETR=DECL=ENF pronto=PFV

mamala=wi=ku.
 todo=DECL=ENF
 ‘ela queimou aquelas redes. Pronto.
 Todas’ (Xepeku)

- (31) **mamala** *akama=wa-pi*
 todos morrer=PFV-3PL.O
 ‘todos morreram’

4.2.4. *patã* ‘apenas/somente’

patã significa ‘apenas/somente’. Diferentemente dos demais quantificadores, parece ocorrer apenas antes de verbos e posições:

- (32) **patã** *ija ulei-tṣe=ku*
 somente 3.ir mandioca-CLF.plano=DECL

aitsa katuma=wi=ku=hã
 NEG 3.trabalhar=REP=DECL=ENF
 ‘ele foi na roça somente,
 não trabalhou mais’ (Katutukalu)

- (33) nu=tai=nau **patã** hi-maka=pai nu=tenu
 1SG=filho=PL somente VBLZ-rede=IPFV 1SG=COM
 ‘somente meu filho mora comigo’
- (34) Marlene **patã** i=u=pai kami=nau
 Marlene somente 3=DAT=IPFV sol=PL
 ‘somente a Marlene tem gêmeos’
- (35) Utawana weke-ne **patã** ija=la Kautapai i=u
 Utawana grande-DIR somente ir=FUT Kautapai 3=DAT
 ‘somente o povo de Utawana vai para a festa Kautapai’ (A/C)

5

Palavras descritivas e advérbios

Neste capítulo, apresento as palavras descritivas e também dos advérbios em Mehináku. Em (§5.1), descrevo as palavras descritivas na língua, incluindo porque defendo que elas devem ser tratadas como verbos (§5.1.1). Em (§5.2), por sua vez, descrevo a classe dos advérbios, que inclui advérbios de tempo (§5.2.1), de modo (§5.2.2) e de dúvida (§5.2.3) em Mehináku. Outras noções adverbiais, como lugar e intensidade, são cobertas por outras formas da língua, como posposições, quantificadores e morfemas modais, por exemplo.

5.1. Palavras descritivas: adjetivos ou verbos?

Dixon e Aikhenvald (2004) defendem, a partir da observação do comportamento dos adjetivos em um conjunto de línguas, que é possível reconhecer a existência dessa classe de palavras de forma autônoma, levando-se em consideração sua utilidade e poder explanatório dentro de sua gramática específica. Para os autores, não há apenas uma propriedade definidora dessa classe de palavras, e por isso é preciso estabelecer um conjunto de critérios e examinar cuidadosamente os adjetivos em relação com os demais elementos do sistema da língua, para que se possa caracterizá-los de forma adequada.

No que tange especificamente às línguas Arawak, Aikhenvald (1999, p. 81) afirma que a maioria das línguas dessa família tem uma classe aberta de adjetivos. No entanto, essa não parece ser uma afirmação de fato verdadeira, porque a incursão que fiz pela literatura tem mostrado uma ampla variação entre o que os autores de diferentes trabalhos descritivos têm considerado como adjetivos nas línguas, e, mais ainda, sobre a que classe, em termos de fechada ou aberta, esses adjetivos estão associados.

Neste trabalho, defendo que não há, em Mehináku, uma classe prototípica ou aberta de adjetivos que podem ocorrer de forma autônoma em relação a nomes e verbos. Assumo que as formas que teoricamente poderiam ser consideradas adjetivais na língua pertencem à subclasse dos verbos estativos, desempenhando função descritiva. Quando estes verbos funcionam atribuindo características ou propriedades – o que prototipicamente seria característica de adjetivos – e, portanto, modificando o nome que acompanham, precisam ser nominalizados por meio de um dos seguintes morfemas

nominalizadores: *-ri* ou *-ti* (e seu alomorfe *-tsi*, que ocorre depois de palavras terminadas em [i]), conforme mostram os exemplos seguintes:

- (1) **atsapai-ri** *iʃi* *tuwapi=hã*, *ne=jete-te=lu* *São Paulo=nai*
 ser.nova-NMLZ DEM esteira=ENF 1SG=vender-CAUS=FUT São.Paulo=LOC
 ‘Essa esteira nova eu vou vender em São Paulo’
- (2) *itʃuna* *eté* **awitsi-ri** *itʃune-kuwa*
 timbó INTERJ ser.bonito-NMLZ timbó-ANTICAUS
- une* *natu=wi=ku=hã* *itʃuna natu=wi=ku=hã*
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF timbó 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, timbó bonito (disse ele)!
 Eu sou aquela, eu sou o timbó (respondeu ela)’ (Itxuna)
- (3) *pa=janiri=nau* *u=tuluma=li=ku*,
 2SG=cunhado=PL 3=rede=CONT=DECL
- awitsi-ri-ni-te** *kene* *amaka=naku=wi=ku=hã*
 ser.bonito-NMNZ-?-? DEM rede=dentro=REP=DECL=ENF
 ‘(ela) amarrou as redes dos seus cunhados também,
 só tinha redes bonitas’ (Xepeku)
- (4) **weke-ti=pai** *iʃi* *eniʃa=tai*
 ser.grande-NMLZ=IPFV DEM homem=DIM
 ‘esse menino é alto’
- (5) **n=awisi-ri=pai**
 1SG=beleza-NMLZ=IPFV
 ‘eu sou bonito’
- (6) **awitsi-ri=pai** *iʃi* *ata-pulu*,
 beleza-NMLZ=IPFV DEM árvore-flor
- ʃa* *ata* *i=kahi=tsa* *apuka=pai=hã*
 DEM árvore 3=COM=LOC brotar=IPFV=ENF
 ‘Essa flor é bonita
 Ela brota naquela árvore’
- (7) **weke-ti=pai** *pitsu*
 ser.grande-NMLZ=IPFV 2SG
 ‘você é alto’

Na tabela abaixo, apresento outros exemplos de verbos simples e suas contrapartes nominalizadas, que podem funcionar como modificadores de nomes em Mehináku:

Verbos		Verbos nominalizados em função de adjetivos	
ukitsa	‘ser ciumento’	ukitsa-ri	‘aquele que é ciumento’
mujakai	‘ser invejoso’	mujakai-ri	‘aquele que é invejoso’
awitsi	‘ser bonito’	awitsi-ri	‘aquele que é bonito’
tsekejete	‘ser redondo’	tsekejete-ri	‘aquele que é arredondado’
hemi	‘ser branco’	hemi-ri	‘aquele que é esbranquiçado’
makanatuwa	‘ser triste’	makanatai-ri	‘aquele que é tristonho’
şapişai	‘ser bravo’	şapişai-ri	‘aquele que é bravo’
mişai	‘ser medroso’	mişai-ri	‘aquele que é medroso’

Tabela 31. verbos nominalizados por *-ri*

Verbos		Verbos nominalizados em função de adjetivos	
juli	‘ser mentiroso’	juli-tsi	‘aquele que é mentiroso’
hekeje	‘ser feio’	hekeje-ti	‘aquele que é feio’
weke	‘ser grande’	wekeke-ti	‘aquele que é alto’
awişi	‘ser bom’	awişi-ti	‘aquele que é educado/bondoso’
kitepemina	‘ser feliz’	kitepeminai-tsi	‘aquele que é feliz’

Tabela 32. verbos nominalizados por *-ti*

Nos demais casos, em que esses verbos não ocorrem modificando outros nomes, mas predicando-os como verbos, assumem a forma não flexionada do passado, conforme abaixo:

(8) alapi u=pani **weke**
 aguapé 3=CLF.foliforme ser.grande
 ‘a folha do aguapé é grande’ (Alapü)

(9) au=nupa waka-pi janumaka **jalaki**
 1PL=ver rio-CLF.grande/redondo onça ser.preto
 Nós vimos a onça que é preta no fundo do rio’ (Yanumaka Yalaki)

(10) nu=nuka şa watama **hemi**
 1SG=matar DEM pomba ser.branca
 ‘eu matei aquela pomba que é branca’

- (12) eniṣa=tai **aitṣa** kupati=pai
 homem=DIM comer peixe=IPFV
 ‘o menino comeu peixe’
- (13) nu=**nupa** tineṣu=nau iṣi=nai=hã
 1SG=ver mulher=PL 3=LOC=ENF
 ‘eu vi as mulheres naquele lugar’

O segundo argumento que levanto em defesa do tratamento desses elementos como de natureza verbal encontra guarida na morfossintaxe verbal da língua. Todos os exemplos apresentados anteriormente, como *weke* ‘ser grande’, *hemi* ‘ser branco’, e outros, podem tomar como sujeito um dos proclíticos pronominais que funcionam na língua também como sujeitos de verbos (10)-(15). Além disso, também recebem os morfemas de aspecto e tempo, como o imperfectivo =*pai* (10), o pontual *-ne* (14)-(15), o perfectivo =*wa* (11)-(13) e o morfema de futuro =*la* (20), como fazem os verbos prototípicos da língua, sem necessitar de qualquer marcação adicional assinalando que estão atuando em função de outra categoria:

- (14) **nu=weke=pei**
 1SG=ser.grande=IPFV
 ‘eu estou alto (lit.: comecei a ficar alto, a crescer)’
- (15) **nu=weke=we**
 1SG=ser.grande=PFV
 ‘eu sou alto’
- (16) **ne=hemi=wa**
 1SG=ser.branco=PFV
 ‘eu estou branco’
- (17) **nu=jalaki=wa**
 1SG=ser.preto=PFV
 ‘eu estou preto’
- (18) **ni=heritṣe-ne**
 1SG=ser.velho-PONT
 ‘estou ficando velho’
- (19) **n=aripi-ne**
 1SG=ser.velha-PONT
 ‘estou ficando velha’

- (20) natu ne=**weke=le**
 1SG 1SG=ser.grande=FUT
 ‘eu vou ser alto (quando crescer)’

A terceira evidência tem a ver com a flexão de número. Quando o verbo nominalizado aparece modificando diretamente um nome, forma com ele uma espécie de composto adposicional, em que tanto pode ocorrer de apenas o verbo ser flexionado para número, quanto ambos os nomes do composto receberem este formativo flexional. Note, no entanto, que o verbo só poderá ser flexionado para número (que em geral é uma categoria atribuída a nomes), quando este estiver nominalizado. Em (21), mostro um exemplo com o morfema de plural *-tipe* (não-humano) recaindo sobre todo o sintagma formado pelos dois elementos, indicando que se trata de um composto de dois elementos de mesma natureza (porque o verbo está nominalizado), e, em (22)-(23), mostro o morfema de plural *=nai* (humano) recaindo individualmente sobre cada um dos elementos do composto. Neste caso, quando recai sobre um nome prototípico, como *enişa* ‘homem’ (22) ou *tineşu* ‘mulher’ (23), não é necessário mobilizar nenhum formativo. Quando recai sobre o verbo, entretanto, ele precisa estar nominalizado para que possa receber o morfema nominal pluralizador:

- (21) mama tuma=**pai** [makula awitsi-**ri-tipe**]
 mãe fazer=IPFV panela.de.barro grande-NMLZ-PL
 ‘a mãe está fazendo panelas de barro que são bonitas’
- (22) *enişa*=**nau** awitsi-**ri**=**nau**
 homem=PL ser.bonito-NMLZ=PL
 ‘os homens que são bonitos’
- (23) *tineşu*=**nau** weke-**ti**=**nau**
 mulher=PL ser.grande-NMLZ=PL
 ‘as mulheres que são altas’

A quarta evidência que poderia se somar a essa tem a ver com os morfemas de gênero. Nomes podem receber o morfema indicativo de gênero *-lu* ‘feminino’, como em (24)-(25). Verbos, no entanto, para receberem esses morfemas precisam estar nominalizados, conforme em (26).

- (24) ije-ne kene pe=jeu-**lu**=nau i=tuluma=li=ku
 ir-DIR DEM 2SG=cunhada-FEM=PL 3=rede=CONT=DECL
 Kene=neu! mamale-ne=ku=hã
 DEM=PL todas-PONT=DECL=ENF
 ‘Pegou estas redes das suas cunhadas. Aquelas! (Ela pegou) todas (as redes)’ (Alapü)
- (25) n=itsu-pa-**lu**
 1SG=filha-EST-FEM
 ‘minha filha’
- (26) nu=pişu-**lu** awitsi-**ri**-tsipa-**lu**=pai
 1SG=namorada-FEM ser.bonito-NMLZ-CLF.idade-FEM=IPFV
 ‘minha namorada que é bonita’

A quinta evidência tem a ver com o morfema de diminutivo =*tai*. Nomes e verbos em Mehináku podem receber esse morfema, que funciona como diminutivo no primeiro caso (27) e atenuativo no segundo (28). Quando, contudo, verbos que ocorrem em função descritiva portam este morfema, precisam estar nominalizados (29)-(30):

- (27) numa kutsa pe=jeu-lu i=piri=ku=hã
 3.dizer EVID.IND 2SG=cunhada-FEM 3=BEN=DECL=ENF
 makula=**tai**, makula=**tai**
 Panela=DIM panela=DIM
 tsitsa-pi-pi=ku
 semelhante-CLF.grande/redondo- CLF.grande/redondo=DECL
 kata=hã
 DEM=ENF
 ‘diz que (ela) falou para a cunhada dela: a panelinha de barro, a panelinha de barro, (igual aquela) aquela bem redonda’ (Alapü)
- (28) aitʃa=**tai** pijala=wa ahã akuhuka=wi=ku=hã
 3.comer==DIM DUB=PFV INTERJ 3.ser.preocupado=REP=DECL=ENF
 ‘ele comia pouquinho, assim, estava preocupado’ (Katutukalu)
- (29) awitsi-**ri**=**tsai**
 ser.bonito-NMLZ=DIM
 ‘aquele que é bonitinho’

- (30) *tine*su *aki*še-**ti**=**tai**
mulher feia-NMLZ=DIM
‘a mulher que é feinha’

A sétima e última evidência tem a ver com a estrutura da negação em Mehináku. Em geral, a partícula de negação *aitsa* precede o verbo em construções negativas, como em (31). Veja que, em construções com predicados verbais descritivos, esta partícula também precede o verbo, nominalizado (33) ou não (32), o que pode indicar o reconhecimento dessa forma como verbal:

- (31) *pu*=*nuka* *pi*=*mijati*-*šu*=*wi*=*ku*? **Aitsa**=*wa* *ša* *aitsa*=*wa* *ša*!
2SG=matar 2SG=sogra-FEM=REP=DECL NEG=PFV DEM NEG=PFV DEM
- janumaka* *i*=*nuka*=*wa*-*ni* *nutsa*
onça 3=matar=PFV-3SG.O de mim
‘Você matou tua sogra? Não, não!
A onça que tirou [matou] ela de mim’ (Alua)
- (32) **aitsa** *n*=**awi**ši=*pai* *ka*šaipa *ule*-*pe*
NEG 1SG=ser.bom=IPFV não.indígena mandioca-CLF.pastoso
‘eu não gosto do beiju do branco (arroz)’
- (33) **aitsa** **awitsi**-*ri*=*pai* *n*=*itsu*-*pa*-*lu* *i*=*tulu*=*wi*=*ku*
NEG ser.bonito-NMLZ=IPFV 1SG=filha-EST-FEM 3=orelha=REP=DECL
‘a orelha de minha filha não está limpa’

Além dos verbos descritivos que apresentei acima, classificadores (ver §7.11) também podem denotar determinadas propriedades, em geral físicas, dos elementos a que são incorporados. Silva (2013) trata os classificadores como adjetivos em Paresi. Neste trabalho, opto por não tratá-los como adjetivos porque, embora modifiquem nomes de certa forma, atribuindo-lhes determinadas propriedades, sua principal função é derivacional, no sentido de que transformam um nome em outro e não apenas os modificam por meio da atribuição de propriedades.

5.2. Advérbios

Lyons (1979, p. 342), a partir de uma perspectiva funcional, define os advérbios como modificadores de verbos, adjetivos, outros advérbios e sintagmas adverbiais. Como

no caso dos adjetivos, para os quais a definição como parte de uma categoria autônoma em relação às demais é muitas vezes incerta, a definição para a classe dos advérbios é por vezes ampliada, a fim de que essa classe seja entendida também como modificadora de orações e sintagmas verbais. Descrevo nessa seção 3 tipos de advérbios em Mehináku: de tempo, de modo e de dúvida. A referência a lugares é geralmente feita na língua por meio de posposições (ver §3.6), razão pela qual não descrevo advérbios de lugar. A noção de intensidade é coberta por quantificadores (ver §4.2).

5.2.1. De tempo

Apresento nesta seção tanto os advérbios temporais quanto aquelas construções que, em português, poderiam ser tratadas como locuções adverbiais de tempo. Os advérbios temporais referem-se ao tempo em que determinado evento acontece e podem, por esta razão, determinar acontecimentos tanto no passado, quanto no presente ou no futuro. Advérbios temporais em Mehináku descrevem a referência temporal das sentenças, no sentido de que, quando não há marcações temporais no verbo, eles são o único recurso utilizado para ancorar temporalmente os eventos. Descrevo 18 tipos de palavras que estou considerando como advérbios ou expressões temporais que encontrei até o momento na língua, conforme tabela a seguir:

	Advérbio	
1	<i>hekuja</i>	‘antigamente’
2	<i>tišawaitsa</i>	‘passado recente anterior a ontem’
3	<i>tʃawaka</i>	‘ontem’
4	<i>išipai</i>	‘hoje/agora’
5	<i>matamujaka</i>	‘amanhã’
6	<i>jehitsa</i>	‘cedo’
7	<i>mujaka</i>	‘de manhã’
8	<i>matika</i>	‘depois’
9	<i>naitse</i>	‘depois’
10	<i>išinaitsa...kami</i>	‘mais tarde’
11	<i>kamitapika</i>	‘a tarde’
12	<i>jejawa</i>	‘a noite’
13	<i>kamiwa</i>	‘de dia’
14	<i>mijakatita</i>	‘sempre’
15	<i>mijawaka</i>	‘pouco tempo depois’
16	<i>Jakitsa</i>	‘depois’
17	<i>maluwaitsa</i>	‘depois’
18	<i>kirijumai</i>	‘primeiramente’

Tabela 33. Advérbios temporais

5.2.1.1. *hekuja* ‘antigamente’

O advérbio *hekuja* refere-se a acontecimentos ocorridos há muito tempo, em data imprecisa. Deriva do nome *hekujá* ‘antigo’ e, por isso, pode receber morfemas nominais. O acento na última sílaba do nome parece indicar nominalização via suprasegmento, como ocorre em outros casos na língua. Nos exemplos em (34)-(35), apresento este advérbio modificando a sentença sem qualquer formativo anexado. Em (36), mostro *hekuja* acompanhado do classificador de idade *-típa*; em (37), do morfema de plural *=nau*, que é utilizado quando se deseja referir a mais de um indivíduo no passado, e, em (38), mostro um exemplo desse advérbio sendo usado com o morfema transicional *=tíka*. *Hekuja* não tem uma posição fixa na sentença, conforme abaixo:

- (34) **hekuja** a=utata-tuwa apai-tipe
antigamente 1PL=saber-REFL canção-PL
‘antigamente, nós sabíamos as canções’ (A/C)
- (35) a=itsawína=wa putaka=naku imiehináku **hekuja**
1PL=viver=PFV aldeia=dentro Mehináku antigamente
‘antigamente, nós vivíamos na aldeia Mehináku (Uyaipiyuku)’ (A/C)
- (36) **hekuja-típa**=wi=ku amunau utata aunaki=ku
antigamente-CLF.idade=REP=DECL cacique saber história=DECL
‘antigamente, o cacique sabia a história’
- (37) i=nekitʃala-pa=wi=ku=hã **hekuja-típa=nau**
3=ser.forte-PL.3PL=REP=DECL=ENF antigamente-CLF.idade=PL
‘antigamente, eles eram fortes’
- (38) **hekuja-tíka**=ku Kuwamuti tuma tineşu=nau
antigamente-TRANS=DECL Kuwamuti fazer mulher-PL
‘ainda antigamente, Kuwamuti fez as mulheres’ (Kuwamuti)

5.2.1.2. *tíşawaitsa* ‘passado recente anterior a ontem’

O advérbio *tíşawaitsa* refere-se a eventos que ocorreram em um passado recente anterior a ontem (advérbio para o qual há palavra na língua). Não tem posição tão fixa na sentença, podendo ocorrer no começo (39) ou no final (40) da construção:

funciona com o sentido de ‘agora’, ‘há pouco’, mas nas elicitacões é sempre traduzido pelos indígenas como ‘hoje’. Também não tem uma posição fixa na sentença:

- (44) jamukuhi aitfa **iși=pai**
 criança comer DEM=IPFV
 ‘a criança comeu hoje’
- (45) a=pakitsa=wi=ku, ija kene alua
 1PL=pegar=REP=DECL 3.ir DEM morcego
 i=penu=wi=ku=hã
 3=em.cima=REP=DECL=ENF
 pa **iși=pai**=ku=hã tsilu, tsilu numa=pai=ku
 INTERJ DEM=IPFV=DECL=ENF tsilu, tsilu 3.dizer=IPFV=DECL
 ‘eles pegaram (a tocha), foram para cima daquele morcego,
 Nossa, agora *tsilu tsilu* (barulho do fogo queimando-o, enquanto ele
 dormia), disse’ (Alua)
- (46) **iși=pai** kutsa i=mati-șu i=tu-peku
 DEM=IPFV EVID.IND 3=sogra-FEM 3=vagina-CLF.grande
 ‘agora, diz-se, que a vagina da sogra dele era enorme’ (Alua)

5.2.1.5. *matamujaka* ‘amanhã’

O advérbio *matamujaka* ‘amanhã’ é composto pelo advérbio *mujaka*, que significa ‘de manhã, durante a manhã’. Ainda não está claro o que significa *mata-*. Pode ocorrer em diferentes posições da sentença:

- (47) **matamujaka** n=ija=la pi=pina=naku
 amanhã 1SG=ir=FUT 2SG=casa=CLF.interno
 ‘amanhã eu vou na sua casa’
- (48) pá kali=ku=hã numata=kina nukaja=wi=ku=hã
 INTERJ DEM=DECL=ENF 3.fazer=IMP perereba=REP=DECL=ENF
 pá p=iși i=muta=wi=ku=hã, wenekuta
 INTERJ 2SG=pai 3=levar=REP=DECL=ENF centro.da.aldeia
matamujaka=wi=ku=hã
 amanhã=REP=DECL=ENF
 ‘e aí fizeram perereba,
 e aí seu pai levou no centro da aldeia no outro dia’ (Kukühü)

Como ocorre com *třawakapawa* ‘anteontem’, é possível criar um advérbio referindo-se a depois de amanhã a partir da sufixação de *pawa* ao advérbio *matamujaka* ‘amanhã’, como no exemplo abaixo. No entanto, essa não é uma forma original da língua.

- (49) **matamujaka-pawa** Atsupé ke=me-he=li=ku
 amanhã-outro Atsupé ATR=marido-?=CONT=DECL
 ‘a Atsupé vai casar-se depois de amanhã’

5.2.1.6. *jehitsa* ‘cedo’

O advérbio *jehitsa* refere-se a eventos que ocorrem de forma adiantada, antecipada em relação à ação descrita pelo verbo da construção, modificando, portanto, o predicado. Não tem posição fixa na sentença:

- (50) natu nu=putuka=pai **jehitsa** rodoviária=nai
 1SG chegar=IPFV cedo rodoviária=LOC
 ‘eu cheguei cedo na rodoviária’ (A/C)

- (51) **jehitsa** nu=tai hu-maka=wa třawaka
 cedo 1SG=filho VBLZ-dormir=PFV ontem
 ‘meu filho dormiu cedo ontem’

5.2.1.7. *mujaka* ‘de manhã’

O advérbio *mujaka* modifica o predicado na medida em que se refere a eventos que ocorrem ‘de manhã, no período da manhã’. É a origem do advérbio *matamujaka*, como mencionei anteriormente.

- (52) **mujaka** i=nu ija=la ulei-tře=ku=hã.
 de.manhã 3=esposa ir=FUT mandioca-CLF.largo=DECL=ENF
 ‘de manhã a esposa dele ia na roça de mandioca’

- (53) tuwe-ne iři=nai=tsa=pai kami ija waku
 3.vir-DIR DEM=LOC=LOC=IPFV sol ir rio

 numa i=piri=ku=hã: **mujaka=pai** **mujaka=pai**
 Dizer 3=BEN=DECL=ENF de.manhã=IPFV de.manhã=IPFV
 ‘A tarde ela veio, foi no rio (e)
 disse para ele (o marido): de manhã, de manhã’ (Itxuna)

- (54) itʃuna-ta=wa i=nai i=pa-tipa-lu=nau
 timbó-VBLZ=PFV 3=LOC 3=amante-CLF.idade-FEM=PL
- tapi **mujaka**=waka=wi=ku=hã
 ficou(?) de.manhã=EXIST=REP=DECL=ENF
- iʃi=nai=tsa kami ku=hã
 DEM=LOC=LOC sol DECL=ENF
 ‘ele ficou lá batendo timbó com as amantes, ficou de manhã, de tarde’
 (Itxuna)

5.2.1.8. *matika* ‘depois/espera’

O advérbio *matika* ocorre em diferentes posições da sentença e pode ser traduzido como ‘depois’, pois se refere a eventos que irão acontecer em um curto período de tempo. Também pode, em algumas situações, ser traduzido como ‘espera’, como em (57):

- (55) janumaka aitʃa=la teme **matike**=ku
 onça comer=FUT anta depois=DECL
 ‘a onça vai comer a anta depois’
- (56) n=akapa mija **matike**=ku n=akama mija
 1SG=banhar POT depois=DECL 1SG=morrer POT
- matike**=ku=hã
 depois=DECL=ENF
 ‘se eu for tomar banho, depois eu posso morrer’ (Wayuku)
- (57) amija=ja pu=witʃa-ta iʃi=hã! **matika**
 PROIB=PFV 2SG=queimar-CAUS DEM=ENF depois
 ‘você não pode queimar isso! Espera’ (Atulaitsaki)
- (58) **Matika**=hã, tuku=wa p=ije-ne pinu i=tinuje-kuwa
 Depois=ENF pegar=PFV 2SG=ir-DIR mae 3=enxada-ANTICAUS
 ‘depois, você vai pegar a enxada da mãe dela’ (Atulaitsaki)

5.2.1.9. *naitsa* ‘depois’

Assim como *matika*, *naitsa* ocorre em diferentes posições da sentença e pode ser traduzido como ‘depois’. Desempenha também função conector de orações, como em (61):

- (59) **natse** p=ije-ne=ku mamala wişikü-i
depois 2=ir-DIR=DECL todos mão-NPOSS
- p=akama=li=ku=hã
2SG=morrer=CONT=DECL=ENF
'depois de cinco dias que você foi embora, você vai morrer' (Yanumaka Yalaki)
- (60) **natse=ku** putuwa=wa pai-naku-ta aitsu=wi=ku=hã
depois=DECL ficar=PFV casa-CLF.interno-? 1PL=REP=DECL=ENF
'depois (que começou a ventania) nós ficamos dentro de casa'
(Ihimiyakatü)
- (61) i=nai=ku kukihi i=tuka pitsu=wi=ku
3=LOC=DECL kukühü 3=pegar 2SG=REP=DECL
- natse=ku** pu=wiritfu
Depois=DECL 2SG=adoecer
'Se lá o kukühü pegar você, você fica doente' (Kukühü)

5.2.1.10. *işinaitsa...kami* 'mais tarde'

A construção *işinaitsa...kami* pode ser compreendida como uma espécie de locução adverbial de tempo. Refere-se, em geral, a acontecimentos que ocorrem 'em um período posterior de tempo, mais à tarde', razão pela qual é composta do nome *kami* 'sol' precedido pelo demonstrativo *işi* e pelo advérbio temporal *naitsa* 'depois', que pode ainda receber morfemas aspectuais, como =*pai* (64), que desempenha função predicativa. Poderia ser literalmente traduzida como 'mais tarde', 'depois do sol', mas seu valor temporal não pode ser confundido com 'à tarde', porque este advérbio não necessariamente significa que os acontecimentos estão ocorrendo no período da tarde. Não tem posição fixa na sentença:

- (62) itfuná-ta=wa i=nai i=pa-tipa-lu=nau
3.timbó-VBLZ=PFV 3=LOC 3=amante-CLF.idade-FEM=PL
- tapi mujaka=waka=wi=ku=hã
ficou(?) de.manhã=EXIST=REP=DECL=ENF
- işi=naitsa** **kami** ku=hã
DEM=depois sol DECL=ENF
'ele ficou lá batendo timbó com as amantes,
ficou de manhã,
até mais tarde' (Itxuna)

- (63) tuwe-ne=ku **iși=naitsa** **kami** ku=hã
 3.vir-DIR=DECL DEM=depois sol DECL=ENF
 ‘ele veio embora mais tarde (Alua)’
- (64) **iși=naitsa=pai** **kami=ku** putuke-ne=ku
 DEM=depois=IPFV sol=DECL 3.chegar-DIR=DECL
 putuke-ne
 3.chegar-DIR
 ‘Mais tarde ele chegou.
 Ele chegou’ (Xepeku)

5.2.1.11. *kamitapika* ‘à tarde’

Diferentemente de *ișinaitsa...kami*, *kamitapika* parece, de fato, se referir a eventos que ocorrem no período da tarde. Também é composto da palavra *kami* ‘sol’. Nos exemplos que disponho, aparece sempre acompanhado de =*pai*, e não tem posição fixa na sentença:

- (65) natu nu=putuka=wa **kamitapika=pai**
 1SG 1SG=chegar=PFV à.tarde=IPFV
 ‘eu cheguei tarde’
- (66) jamukuhi hu-maka=wa **kamitapika=pai**
 criança VBLZ-rede=PFV à.tarde=IPFV
 ‘a criança dormiu a tarde’
- (67) **kamitapika=pai** enișa eșuhi-ta=wa
 à.tarde=IPFV homem anzol-VBLZ=PFV
 ‘o homem pescou a tarde’
- (68) **kamitapika=pai** aripi akama=wa
 à.tarde=IPFV velha morrer=PFV
 ‘a velha pescou a tarde’

5.2.1.12. *jejawa* ‘à noite’

O advérbio temporal *jejawa* se refere a eventos que ocorrem no período da noite e não tem posição fixa na sentença. Parece ser composto do morfema de perfectivo =*wa*:

- (69) **jeja=wa** *iʃi*=pai Jack *aitʃa*=la *ule-pe*
 à.noite=PFV DEM=IPFV Jack comer=FUT mandioca-CLF.pastoso
 ‘(a) Jack vai comer beiju hoje à noite’
- (70) Renato *putuka*=wa **jeja=wa**
 Renato chegar=PFV à.noite=PFV
 ‘Renato chegou à noite’

5.2.1.13. *kamiwa* ‘de dia’

O advérbio *kamiwa* refere-se a acontecimentos que ocorrem durante o dia. É composto, como *iʃinaitsa...kami* e *kamitapika* pela palavra *kami* ‘sol’ mais o morfema de perfectivo =*wa*. Também pode ocorrer em diferentes posições da sentença:

- (71) *jamuku*=nau *ka*=mututuka=pai **kami=wa**
 criança=PL ATR=brincadeira=IPFV sol=PFV
 ‘as crianças brincam de dia’
- (72) **kami=wa** *tineʃu* *kajaka*=pai
 sol=PFV mulher falar=IPFV
 ‘a mulher só fala de dia’
- (73) *eniʃa* *aitsa*=waka=pai **kami=wa**
 homem comer=EXIST=IPFV sol=PFV
 ‘o homem só transa de dia’

5.2.1.14. *mijakatita* ‘sempre’

O advérbio *mijakatita* refere-se a acontecimentos que tendem a ocorrer frequentemente, sempre. Não tem posição fixa na sentença:

- (74) **mijakatita** *n*=*aitʃa*=pai *padaria*=naku=wi=ku=hã
 sempre 1SG=comer=IPFV *padaria*=dentro=REP=DECL=ENF
 ‘eu sempre como na padaria’
- (75) *n*=*ija*=pai **mijakatita** *kaʃaipa* *i*=maka=nai
 1SG=ir=IPFV sempre não.indígena 3=cidade=LOC
 ‘eu sempre vou à cidade’

5.2.1.15. *mijawaka* ‘pouco tempo depois’

- (79) a=ija=la ulei-tʃa **jekitse=ku,**
 1PL=ir=FUT mandioca-CLF.plano depois=DECL
- a=wakija=la ulei-tsi=ku=hã,
 1PL=arrancar=FUT mandioca-CLF.semente=DECL=ENF
- ai=tsuma=lu talake-pe=ku=hã
 1PL=FAZER=FUT farinha-CLF.pastoso=DECL=ENF
 ‘nós vamos na roça, depois
 arrancamos mandioca (e)
 fazemos farinha’
- (80) pu=hukepe-ne petẽ **jekitsa** ke=me=li=ku=hã
 2SG=estar.reclusa-PONT somente depois ATR=marido=CONT=DECL=ENF
 ‘você fica reclusa, só depois casa’

5.2.1.17. *maluwaitsa* ‘depois’

O advérbio *maluwaitsa* refere-se a eventos que irão ocorrer a um curto período de tempo no futuro. Pode tanto figurar sozinho nas sentenças (81)-(82), como receber o proclítico de terceira pessoa, como os demais advérbios temporais (83)-(85), conforme abaixo:

- (81) Renato eʃihi-ta=wa, i=nuka kupati
 Renato anzol-CAUS=PFV 3=matar peixe
- maluwaitse=ku** aitʃa=wi=ku=hã
 depois=DECL 3.comer=REP=DECL=ENF
 ‘Renato pescou, matou o peixe, depois comeu’
- (82) amulu-neʃu i=nuka araukuma, epehe=wi=ku
 cacica-FEM 3=matar galinha depenou=REP=DECL
- maluwaitse** pepehe-ta=wi=ku **maluwaitsa** aitʃa=wi=ku
 depois assar-CAUS=REP=DECL depois 3.comer=REP=DECL
 ‘A cacica matou a galinha, depenou, depois assou (e) depois comeu’
- (83) pu=nuka ipiju=wi **u=maluwaitsa** pepehe-wi
 2SG=matar tracajá=PDF 3=depois assar-3O
 ‘você matou o tracajá, depois assou ele’
- (84) kau=tai=wa **u=maluwaitsa** amaka=wi
 3.doer=ATEN=PFV 3=depois 3.morrer=PFV
 ‘ele ficou doente, depois morreu’

- (85) **u=maluwaitsa** kene i=tsu akahika=wi=ku=hã
 3=depois DEM 3=noiva levantar=REP=DECL=ENF
- i=tsu akahika=wi=ku=hã, ija iși=nai=ku=hã,
 3=noiva levantar=REP=DECL=ENF 3.ir DEM=LOC=DECL=ENF
- wanake-ne kene kamalu-piku=hã,
 3.abrir-PONT DEM panela.de.barro-CLF.espacial=DECL=ENF
- wanake-ne kamalu-piku
 3.abrir-PONT panela.de.barro-CLF.espacial=DECL=ENF
- ije=ne kene amaki=ku=hã
 3.ir=DIR DEM rede=DECL=ENF
- ije=ne kene amaki=ku=hã
 3.ir=DIR DEM rede=DECL=ENF
- ‘depois a noiva dele se levantou
 A noiva se levantou, foi naquele lugar
 Abriu aquela panela de barro
 Abriu a panela de barro
 Retirou aquela rede (lit.: foi até a rede)
 Retirou aquela rede (Xepeku)

5.2.1.18. *Kurijumai* ‘primeiramente’

O advérbio *kurijumai* refere-se a acontecimentos que foram os primeiros em uma sucessão de outros acontecimentos. Estou traduzindo-o como ‘primeiramente’, conforme exemplos a seguir:

- (86) **kurijumai** mama i=kahi=wa natu=wi=ku=hã
 primeiramente mãe.POSS 3=com=PFV 1SG=REP=DECL=ENF
- ahãtai=pai=tika natu=wi=ku
 ser.pequeno=IPFV=TRANS 1SG=REP=DECL
- natse=ku i=tʃitʃa natu=wi=ku
 depois=DECL 3=abandonar 1SG=REP=DECL
 ‘primeiramente, eu morei com a minha mãe
 quando eu era pequena ainda
 depois, ela me abandonou’ (Mama itsitxa natuwiku)

- (87) **kurijumai**=ku n=ije-ne=tika amaku=we=ku=hã
 primeiramente=DECL 1SG=ir=DIR=TRANS rede=PFV=DECL=ENF
- u=maluwaitsa n=aitʃe=ne kupati=ku
 3=depois 1SG=comer-PONT peixe=DECL
- pai=naku=la-ta=tika natu=wi=ku=hã
 casa=dentro=FUT-CAUS=TRANS 1SG=REP=DECL=ENF
- ‘primeiramente, eu fiquei na rede
 depois, eu comi peixe
 vou ter que ficar só dentro de casa’ (yumekekxu)

5.2.2. De modo

Advérbios modais especificam o modo, a maneira com que determinado evento se realiza. Apresento *kuweleke* ‘rapidamente’, como advérbio de modo em Mehináku.

5.2.2.1. *kuweleke* ‘rapidamente’

O advérbio *kuweleke* refere-se a eventos que ocorrem rapidamente, apressadamente e não tem posição fixa na sentença, como os demais anteriormente apresentados:

- (88) **kuweleke** Jack aitʃa=wi=ku
 rapidamente Jack comer=REP=DECL
 ‘Jack comeu rapidamente’
- (89) **kuweleke** ahimaitsa=wa=wi=ku
 rapidamente 3.correr=PFV=REP=DECL
 ‘ele correu rapidamente’
- (90) Renato **kuweleke** tuka=pai uni=wi=ku=hã
 Renato rapidamente beber=IPFV água=REP=DECL=ENF
 ‘Renato bebeu água rapidamente’
- (91) Kauruma k=a-jajaka=pai **kuweleke**
 Kauruma ATR=VBLZ-fala=IPFV rapidamente
 ‘Kauruma está falando rapidamente’

Estou considerando *kuweleke* como o único advérbio de modo que encontrei em Mehináku até o momento, porque noções como ‘lentamente’ e ‘bem’, são expressas por meio do verbo *awiʃi* ‘ser.bom’, combinado com outros formativos da língua:

- (92) Atapulu **awişi** k=a=jajaka=pai
 Atapulu ser.bom ATR=VBLZ-fala=IPFV
 ‘Atapulu fala bem’
- (93) tineşu etuna **awişi=tai**
 mulher andar ser.bom=DIM
 ‘a mulher anda devagar’
- (94) heritfa **aitsa** **awişi=pai**
 velho NEG ser.bom=IPFV
 ‘o velho está mal’

5.2.3. De dúvida

Os advérbios de dúvida exprimem incerteza a respeito de determinada proposição expressa pelo predicado da construção. Em Mehináku, a noção de incerteza pode ser expressa por meio do potencial *mija* (ver §8.10.4.1), mas é possível também utilizar advérbios, como *pihala*.

5.2.3.1. *pihala* ‘talvez’

Considero *pihala* ‘talvez’ como advérbio de dúvida em Mehináku porque ele não está ligado ao verbo, se assemelhando em termos de comportamento sintático, portanto, aos demais advérbios da língua, que não têm uma posição fixa na sentença. Na maioria dos exemplos que disponho, *pihala* aparece portando o morfema de imperfeito =*pai*.

- (95) ke=me **pihala=pai**
 ATR=marido talvez=IPFV
 ‘talvez ela seja casada’
- (96) amunau **pihala** i=u=pai ata-pana=hã
 cacique talvez 3=DAT=IPFV árvore-CLF.foliforme=ENF
 ‘talvez o cacique tenha dinheiro’
- (97) ata-pana-la **pihala=pai** işi=ne=he
 árvore-CLF.foliforme-POSS talvez=IPFV DEM=?=ENF
 ‘talvez ele tenha dinheiro’
- (98) k=itsa işi=ne Jack=hã **pihala=pai**
 ATR=canoa DEM=? Jack=ENF pihala=pai
 ‘talvez a Jack tenha carro’

6

Clíticos, partículas, interjeições e ideofones

Neste capítulo, apresento os clíticos, as partículas, as interjeições e os ideofones da língua Mehináku. Em (§6.1), trato dos clíticos. Em (§6.2), por sua vez, apresento as partículas, cujos exemplos de uso são dados em outras seções da tese; em (§6.3), apresento as interjeições, incluindo aquelas emotivas (§6.3.1) e responsivas (§6.3.2), e, em (§6.4), trato dos ideofones na língua, que expressam noções de surpresa, dor e outras.

6.1. Clíticos

A principal diferença entre clíticos e afixos, segundo Velupillai (2012, pp. 92-93), é que enquanto os últimos são fonologicamente dependentes de suas bases hospedeiras, ou seja, só podem se anexar à bases com as quais combinam em termos das categorias que representam, os clíticos têm independência sintática, no sentido de que podem anexar-se a bases de diferentes categorias. Este processo evidencia, a exemplo do que propõe Zwicky e Pullum (1983), que clíticos têm baixo grau de seleção em relação às bases em que se anexam. Além disso, diferentemente dos afixos cujas formas de anexação às bases são mais regulares e previsíveis, clíticos podem anexar-se tanto a palavras que os seguem quanto que as que imediatamente os precedem.

Partindo dessa perspectiva, defendo que os clíticos em Mehináku podem ser definidos com base em duas propriedades: (i) baixo grau de seleção em relação às bases em que se anexam, isto é, podem anexar-se a diferentes classes, como nomes, verbos e posposições da língua; e/ou (ii) clíticos podem se anexar à bases que já contem um clítico anexado. Nem todos os clíticos, entretanto, irão obedecer a esses dois princípios, pois a maioria apresenta apenas maior independência sintática em termos das bases em que se anexam do que os afixos.

A tabela abaixo resume os clíticos encontrados em Mehináku, divididos em duas categorias: clíticos pronominais e clíticos clausais. Os clíticos pronominais são proclíticos, porque se adjungem à esquerda das bases, enquanto os demais são enclíticos, com exceção do atributivo *ka=*, que se anexam à direita das mesmas.

Categoria	Clíticos		
Pronominais	nu=	Primeira pessoa do singular	
	pi=	Segunda pessoa do singular	
	i=	Terceira pessoa do singular e plural	
	a=	Primeira pessoa do plural	
	ji=	Segunda pessoa do plural	
Clausais	ka=	Atributivo	
	=wi	Reportativo	
	=ku	Declarativo	
	=hã	Enfático	
	=nau	Plural	
	=la	Futuro	Tempo
	=wa	Perfectivo	Aspecto
	=wi	Perfectivo	
	=pai	Imperfectivo	
	=tai	Atenuativo	
	=jete	Asseverativo	
	=ja	Asseverativo	
	=tika	Transicional	
	=li	Continuativo	
	=ma	Repetitivo	Modo
	=ku	Declarativo	
	=kina	Impessoal	
	=iu	Dativo	Posposições
	=piri	Benefactivo	
	=tenu	Comitativo; instrumental	
	=kahi	Comitativo; relacional	
	=nai	Locativo	
	=itsa	Locativo	
	=ja	Locativo	
	=taku	Locativo	
	=wa	Perlatoivo 'através de'	
	=naku	Dentro	
	=tepu	Embaixo	
	=penu	Em cima	
	=palu	Ao lado	
	=kanu	Perto	
	=pajuma	Fora	
=maka	De lá		
=pawa	Outro		

Tabela 34. Clíticos pronominais e clausais

Não irei apresentar neste capítulo o comportamento detalhado de todos os clíticos apresentados na tabela acima, porque eles são devidamente descritos em suas seções correspondentes. Abaixo, irei apresentar apenas uma descrição daqueles que, em suas seções, apresentei o funcionamento gramatical, mas não descrevi o porquê de tratá-los como clíticos na língua.

6.1.1. Pronominais

Defino como clíticos pronominais os pronomes presos da língua Mehináku (ver capítulo §3). Estas formas estão sendo consideradas como clíticos porque, além da independência sintática característica desses formativos, esses proclíticos pronominais jamais recebem acento na língua. Os proclíticos são mais bem apresentados em (§3.1.1), de modo que me detenho aqui a apresentar os diferentes contextos em que podem ocorrer, a fim de clarificar o estatuto de clítico desses formativos. Em (1), apresento exemplos de proclíticos ocorrendo anexados ao verbo, desempenhando função de sujeito; em (2), anexado ao nome, desempenhando função de possuidor; e, em (3), anexado à posposição, desempenhando função de complemento. Note que esses formativos ocorrem em diferentes posições da gramática, atestando seu caráter de clítico.

- (1) **a**=putuka=wi=ku
1PL=chegar=PFV=DECL
'nós chegamos'
- (2) **pi**=kiri
2SG=nariz
'teu nariz'
- (3) na=waitfa=pai **ji**=tsenu=wi=ku
1SG=jogar=IPFV 2PL=COM=REP=DECL
'Eu estou jogando com vocês'

Além disso, é possível que, em construções atributivas, os proclíticos coocorram com o clítico atributivo **ka**=, como mostro nos exemplos seguintes. Como mencionei acima, a possibilidade de poder se anexar a bases que já contém um clítico anexado, é uma das características de clíticos:

- (4) **nu=ka**=tai=tai=pei
1SG=ATR=filho=DIM=IPFV
'eu tenho um filhinho'

- (5) eté tsitsa-ta=mija=wa nu=k=iju=wa
 INTERJ semelhante-CAUS=POT=PFV 1SG=ATR=esposa=PFV
- kata=wa=hã p=uma=pai i=piri=ku
 DEM=PFV=ENF 2SG=dizer=IPFV 3=BEN=DECL
- une natu=wi=ku=hã itfuna natu=wi=ku=hã
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF timbó 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, eu queria ter uma esposa igualzinha (bonita como o timbó),
 Você disse para ela.
 Sou aquela,
 eu sou o timbó, (disse o timbó transformado em mulher a ele)’ (Itxuna)

6.1.2. Clausais

Todos os demais formativos são clíticos clausais que, com exceção de *ka=* ‘atributivo’, ocorrem após a base em que se anexam. Assim como os proclíticos, os enclíticos também não parecem receber acento em Mehináku, independentemente da classe de palavra em que figuram.

O enclítico atributivo *ka=* pode ocorrer tanto com nomes (6) quanto com verbos (7), conforme exemplos abaixo:

- (6) eté tsitsa-ta mija=wa nu=k=iju=wa
 INTERJ semelhante-CAUS POT=PFV 1SG=ATR=esposa=PFV
- Kata=wa=hã numa=pai i=piri=ku
 Dem=PFV=ENF dizer=IPFV 3=BEN=DECL
- ine natu=wi=ku=hã itfuna natu=wi=ku=hã
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF timbó 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, eu queria ter uma esposa igualzinha (bonita como o timbó),
 Você disse para ela.
 Sou aquela,
 eu sou o timbó, (disse o timbó transformado em mulher a ele)’ (Itxuna)
- (7) pi=tse-neşu-la=nau k=ija e-kemeju-ta=pai natu=kani
 2SG=mulher-POSS=PL ATR=ir VBLZ-nojo-CAUS=IPFV 1SG=COM
 ‘Mulherada da sua aldeia tem nojo de mim’ (Alapü)

Os enclíticos *=wi* ‘reportativo’, *=ku* ‘declarativo’ e *=hã* ‘enfático’ tendem a ocorrer juntos nas construções, como uma espécie de composto sintaticamente independente, mas também podem aparecer separadamente, anexados a diferentes classes

gramaticais. O enclítico =wi está sendo tratado nesses casos como reportativo porque ele tende a aparecer quando se está narrando histórias ou relatos. Parece desempenhar, quando aparece no composto com os demais, função de tópico conversacional, que confirma discursos, razão pela qual, quando juntos, tendem a aparecer no final das sentenças. O enclítico =wi provavelmente é uma forma gramaticalizada do morfema de perfectivo =wi. Note que esses morfemas ocorrem em diferentes posições e com diferentes classes de palavras, como em (6), em que o composto ocorre anexado a verbos; em (7), a posições; e, em (8), a nomes.

- (8) Kupati=tai halapijuka=**wi=ku=hã**
 Peixe=DIM pulando=REP=DECL=ENF
- şa=nai kupati=tai şa=nai kupati=tai
 DEM=LOC peixe=DIM DEM=LOC peixe=DIM
 ‘Os peixinhos ficaram pulando (na água).
 Aqueles peixinhos lá, aqueles peixinhos lá’ (Itxuna)
- (9) nu=tukaka=nau i=tenu=**wi=ku=hã**
 1SG=irmão.mais.velho=PL 3=COM=REP=DECL=ENF
 ‘eu fiquei com meus irmãos mais velhos’ (Mama itsitxa natuwiku)
- (10) şa=nai=**ku=hã** i=napu-ta şepeku=**wi=ku,**
 DEM=LOC=DECL=ENF 3.encontrar-CAUS broto.de.buriti=DECL=ENF
- u=nupuma kene şepeku=**wi=ku=hã**
 3=nome DEM broto.de.buriti=REP=DECL=ENF
 ‘La ele encontrou o broto de buriti, ela se chama Xepeku’ (Xepeku)

Conforme mencionei acima, essas formas também podem aparecer separadamente em diferentes partes da sentença e anexadas a diferentes classes de palavras. Note, nos exemplos abaixo, o comportamento bastante variado dessas formas, ocorrendo com verbos (11), nomes (13)-(14), posições (12)-(13), pronomes (12), demonstrativos (13):

- (11) awn-ejuka-hi=**ku**! Tsiriririririri. Eku=**wi**
 EXC-urinar-?=DECL (som da urina) Pronto=REP
- ija i=nai=**ku**, numa=**wi=ku**.
 3.ir 3=LOC=DECL dizer=REP=DECL
- eṣeke-ne itsei=**ku**. Eku=**wi=ku**
 Acender-DIR fogo=DECL Pronto=REP=DECL
- patakatawü itsei penu=itse=**ku**
 Colocou fogo em.cima=LOC=DECL
 ‘(ela) urinou um monte! Tsiriririririri (som da urina). Pronto!
 Ela foi lá, disse ela,
 acendeu o fogo. Pronto.
 Colocou (a urina) em cima do fogo’ (Alapü)
- (12) nu=waitṣati-ta natu=**wi=ku**,
 1SG=estar.sozinho-CAUS 1SG=REP=DECL
- patuawa=nau ta i=kahi=**wa**
 outras.pessoas=PL tá 3=COM=PFV
- patuawa ta i=kahi=**wa** natu jukaki=**ku=hã**
 outras.pessoa tá 3=COM=PFV 1SG então=DECL=ENF
 ‘eu fiquei sozinha
 morando com outras pessoas, tá.
 Eu fiquei com outras pessoas, tá’ (Mama itsitxa natuwiku)
- (13) kala=**hã** n=iju haju akene ahã,
 DEM=ENF 1SG=esposa filho defecar AFIRM
- numa i=piri=**ku** kene i=nu=**wi=ku=hã**
 dizer 3=BEN=DECL DEM 3=esposa=REP=DECL=ENF
- i=nai emehese=**wi=ku**
 3=LOC limpar.a.bunda=REP=DECL
 ‘Minha esposa, o filho fez cocô (acho),
 disse ele para a esposa.
 Lá, limpa a bunda (dele, a bunda do sapo)’ (Katutukalu)
- (14) umati-ṣu u=tuluma-la=**ku**, tsitsatsai u=meme=**ku**,
 sogro-FEM 3=rede-POSS=DECL igual 3=marido=DECL
- umati kiṣi u=tuluma-la
 sogro facão 3=rede-POSS
 ‘a rede da sogra dela, a mesma coisa com a rede do marido dela
 a rede do sogro dela estavam rasgadas’ (Xepeku)

O enclítico =*nau* é tipicamente o morfema de plural de nomes animados e humanos, como mostro em (15)-(16). No entanto, quanto funciona anaforicamente referindo-se a um ser com essas características, pode ocorrer anexado a outras classes, como no exemplo em (16), em que ocorre anexado ao demonstrativo que retoma o ente humano e animado:

- (15) nu=tukaka=**nau** i=tenu=wi=ku=hã
 1SG=irmão.mais.velho=PL 3=COM=REP=DECL=ENF
 ‘eu fiquei com meus irmãos mais velhos’ (Mama itsitxa natuwiku)
- (16) ije-ne kene pe=jeu-lu=**nau** i=tuluma=li=ku
 ir-DIR DEM 2SG=cunhada-FEM=PL 3=rede=CONT=DECL
- kene=neu!** mamale=ne=ku=hã
 DEM=PL todas=DIR=DECL=ENF
 ‘Pegou estas redes das suas cunhadas.
 Daquelas! (Ela pegou) todas (as redes)’ (Alapü)

As posposições e a maioria dos morfemas de tempo, aspecto e modo em Mehináku são também clíticos, mas seu comportamento é explicitado em suas seções correspondentes, em que descrevo mais detalhadamente o comportamento de cada uma dessas formas. Para saber sobre o comportamento das posposições, ver §3.5. Para saber sobre o comportamento dos morfemas de tempo, aspecto e modo, ver §8.10.1; §8.10.2; e §8.10.3, respectivamente.

6.2. Partículas

Embora clíticos e partículas compartilhem de certa independência sintática, o que os separa mais claramente dos afixos que, geralmente, são presos às suas bases, as partículas se diferenciam dos clíticos porque são morfemas fonologicamente independentes com acento próprio, ao contrário dos clíticos que não são acentuados, por exemplo.

São partículas, em Mehináku, as formas utilizadas para introduzir perguntas e também as formas de negação, além daqueles que denotam modalidade e evidencialidade na língua. Essas partículas têm acento próprio e podem, inclusive, tomar morfologia verbal e funcionar na língua denotando várias propriedades. Apresento, na tabela abaixo,

as partículas encontradas em Mehináku até o momento, pois os exemplos de usos de cada uma delas podem ser vistos nas seções correspondentes:

Partícula		
atsa	Interrogativa	
aitsa	Negativa	
amija	Proibitiva	
mija	Potencial	Modalidade
kala	Dubitativo	
pijala	Dubitativo	
mina	Dubitativo	
kuma	Dubitativo	
kuta	Desiderativo	
kutsa	Evidencialidade	Evidencialidade

Tabela 35. Partículas

Em §3.4 e §9.5, trato da partícula interrogativa; em §9.7, trato das partículas negativa e proibitiva; em §8.10.4, trato das partículas de modalidade, incluindo a potencial (§8.10.4.1.), as quatro dubitativas (§8.10.4.2; §8.10.4.3, §8.10.4.4 e §8.10.4.5, respectivamente) e a desiderativa (§8.10.4.6). Em §8.10.5, finalmente, trato da partícula de evidencialidade indireta *kutsa*.

6.3. Interjeições

Em geral, as interjeições são consideradas como uma unidade frasal em si. Schachter (1985, p. 58) menciona que, do ponto de vista semântico, as interjeições apresentam um caráter exclamativo, enquanto do ponto de vista gramatical não apresentam flexões, nem articulações com outras palavras com que ocorrem e, em muitos casos, até mesmo não obedecem ao padrão fonológico da língua. Em Mehináku, as interjeições não tomam nenhum tipo de morfologia e, na maioria dos casos, são monomorfêmicas e ocorrem no início das sentenças. Divido-as em dois tipos: emotivas e responsivas, conforme tabela abaixo. Todas interjeições, sobretudo as emotivas, podem ter as vogais alongadas por questão de ênfase. Então uma interjeição como *aká*, que indica dor, por exemplo, geralmente é pronunciada como *akáááá* [a'ka:].

	Interjeições	
Emotivas	<i>hé</i>	‘surpresa’
	<i>pá</i>	‘surpresa’
	<i>eté</i>	‘surpresa’
	<i>aká</i>	‘dor’
	<i>hai</i>	‘saudação’
Responsivas	<i>ahã/ehẽ</i>	‘afirmação’
	<i>hehẽ</i>	‘afirmação’
	<i>hĩna</i>	‘afirmação’

Tabela 36. Interjeições

6.3.1. Emotivas

As interjeições emotivas são aquelas que expressam determinados estados emocionais dos falantes, como surpresa, dor, cumprimentos e saudações. A primeira que apresento é *hé*, que indica surpresa diante de um acontecimento decorrido, conforme mostram os exemplos seguintes. Note que, em todos eles, o falante se mostra surpreso diante de uma situação que lhe é imposta:

(17) **Hé!** *Ati=nai=pai* *nu=tuluma=li=ku?*
 INTERJ PRO=LOC=IPFV 1SG=rede=CONT=DECL
 ‘Ué, cadê minha rede?’ (Xepeku)

(18) **Hé** *numa i=piri=ku!*
 INTERJ dizer 3=BEN=DECL

ti=nai=pai *kani=ku* *p=iju=wi=ku?*
 PRO=LOC=IPFV DEM=DECL 2SG=esposa=REP=DECL

ti=nai=pai *kani=ku* *p=iju=wi=ku?*
 PRO=LOC=IPFV DEM=DECL 2SG=esposa=REP=DECL
 ‘Ué, ela (a mãe dele) disse para ele:
 Onde está sua esposa?
 Onde está sua esposa?’ (Alapü)

A interjeição *hai* (ou sua variação nasalizada *hãĩ*) indica cumprimento, saudação, e poderia ser traduzida como ‘oi’, ‘olá’. É geralmente usada no início das sentenças dado seu caráter de saudação, que inicia um diálogo:

- (19) **Hai! Hai! Hai!**
INTERJ INTERJ INTERJ

Hai? Numa i=piri=ku. **Hai!**
INTERJ! Dizer 3=BEN=DECL INTERJ

nu=tuwa=wi=ku, nu=tuwa pi=ju=wi=ku,
1SG=vir=PFV=DECL 1SG=vir 2SG=DAT=REP=DECL

nu=tuwa pi=ju=wi=ku
1SG=vir 2SG=DAT=REP=DECL

Hé?
INTERJ (Itxuna)
'Oi! Oi! Oi! (disse ela).
Oi? Disse ele para ela. Oi!
Eu vim, eu vim para você, eu vim para você (disse ela).
Ué (disse ele surpreso)' (Itxuna)

- (20) **Hai! Hai! Hai! Hai! Hai!**
INTERJ INTERJ INTERJ INTERJ INTERJ

numa i=piri=ku i=taku=wi=ku
dizer 3=BEN=DECL 3=LOC=REP=DECL

Mama, mama,
mãe, mãe

hai!
INTERJ

p=ija-tsa=ma alapi=taku, mama
2SG=ir-?=REPET aguapé=LOC mãe

'Oi, oi, oi, oi, oi!
Disse ela.
Mãe, mãe (disse ela chamando a mãe).
Oi (respondeu a mãe)
Vai lá tirar aguapé, mãe (disse ela para a mãe)' (Alua)

A interjeição *pá* indica surpresa diante de um fato decorrido. Geralmente ocorre no início da sentença (21)-(23). No entanto, também serve como uma espécie de marcador discursivo, como 'aí' do português, que dá continuidade ao discurso (24):

- (21) **Pá!** amaka=wi=ku, ije-ne=ku,
 INTERJ rede=REP=DECL 3.ir=DIR=DECL
- itʃitse-ne kene pa=matí-ʃu u=tuluma=li=ku
 3.amarrar-PONT DEM próprio=sogra-FEM 3=rede=CONT=DECL
 Nossa, a rede! E foi (em direção a ela).
 Ela amarrou aquela rede da própria sogra dela' (Xepeku)
- (22) **Eté!** awitsi-ri hawi
 INTERJ! ser.bonito-NMLZ muito(?)
- Pá!** u=tuka i=kana-tapa=itse=ku
 INTERJ 3=pegar 3=CLF.côncavo-CLF.volumoso=LOC=DECL
 'Nossa, que bonita (o timbó).
 Nossa! ele pegou no ramo dela (do timbó)' (Itxuna)
- (23) **Pá** ʃã=hã-la i=me apui=je=ku=hã.
 INTERJ DEM=ENF=? 3=marido caminho=PERL=DECL=ENF
 'Nossa, o marido dela estava vindo pelo caminho' (Atulaisaki)
- (24) **Pá** apakitsa=wi=ku nukaji=ku ahiku ija
 aí 3.tirou=REP=DECL perereba=DECL ? 3.ir
- tuka-ta=la kene pa=tãi=ku=hã nukaja
 3.beber-CAUS=FUT DEM próprio=filho=DECL=ENF perereba
 'aí ela tirou a perereba (do fogo) e foi dar para o filho (beber) perereba'
 (Lit.: fazer beber perereba) (Katutukalu)

A interjeição *eté*, assim como *pá*, também indica surpresa. Não parece haver diferenças em termos gramaticais entre elas, mas apenas uma variação de uso. Note, no exemplo em (26), que *eté* pode vir acompanhado do morfema de enfático.

- (25) **Eté** tsitsita mija=wa n=iju=wa
 INTERJ semelhante POT=PFV 1SG=esposa=PFV
- kata=wa=hã
 DEM=PFV=ENF
 'Nossa, queria uma esposa igual essa (igual o timbó)' (Itxuna)

- (26) **Eté** tsitsata mija=wa nu=k=iju=wa
 INTERJ semelhante POT=PFV 1SG=ATR=esposa=PFV
- Eté**=he awitsi-ri, **Eté**
 INTERJ=ENF ser.bonito-NMLZ INTERJ
- Eté!** numa=wi=ku
 INTERJ dizer=REP=DECL
 ‘Nossa, queria ter uma esposa igualzinha! Nossa, que bonita, nossa!
 Nossa, disse ele’ (Xepeku)

A interjeição *aka* denota dor, utilizada para expressar que o falante foi vítima de alguma situação, acontecimento, que lhe causou dor física. É equivalente ao ‘ai’, do português e tende a ocorrer no início das sentenças:

- (27) **Aká!** nu=maitʃa nu=kapi-tiwi i=u
 INTERJ 1SG=bater 1SG=dedo-cabeça 3=DAT
 ‘Ai, bati meu dedo’
- (28) **Aká!** ni=kiʃu-ta ni=kitsi i=u
 INTERJ 1SG=facção-VBLZ 1SG=pé 3=DAT
 ‘Ai, cortei meu pé’

6.3.2. Responsivas

As interjeições responsivas são geralmente usadas em resposta a perguntas anteriormente feitas, e poderiam ser traduzidas imprecisamente por ‘sim’, ‘ok’, “‘tá bom’”. A interjeição *ahã* tende a ocorrer em início de frases, mas encontrei um exemplo em que *ahã* ocorre em final da sentença (35).

- (29) une natu=wi=ku=hã,
 Sou essa pessoa
- ahã!** a=ija pai=naku=wi=ku numa i=piri=ku
 INTERJ 1PL=ir casa=dentro=REP=DECL dizer 3=BEN=DECL
 ‘Eu sou aquela pessoa (disse a Xepeku). Ok, então vamos para casa,
 disse ele’ (Xepeku)
- (30) **ahã** i=me ija pa=uku-la i=kahi=ku
 INTERJ 1SG=marido ir própria=flecha-POSS 3=COM=DECL
 ‘Sim, meu marido fez a própria flecha’ (Itxuna)

- (31) **ahã!** a=ija pai=naku, numa i=piri=ku
 INTERJ 1PL=ir casa=dentro dizer 3=BEN=DECL
 ‘vamos entrar em casa, disse ele para ela’ (Xepeku)
- (32) **ahã** i=me ija pa=uku-la i=kahi=ku
 INTERJ 1SG=marido ir própria=flecha-POSS 3=COM=DECL
 ‘Sim, meu marido fez a própria flecha’ (Itxuna)
- (33) n=akenehe-nei. **Ahã** numa i=piri=ku=hã
 1SG=defecar-? INTERJ dizer 3=BEN=DECL=ENF
 kata=maka=na p=ija=ku=hã
 DEM=para.lá=DIR 2SG=ir=DECL=ENF
 ‘Quero defecar. Ok, disse para ela, vai para lá’ (Alapü)
- (34) **ahã** pi=hipialu=pai? hehẽ ni=hipialu=pai=hã
 INTERJ, 2SG=estar.faminto=IPFV INTERJ, 1SG=estar.faminto=IPFV
 natu kuta n=aitʃa=pai=hã kupati=hã
 1SG VOL 1SG=comer=IPFV=ENF peixe=ENF
 ‘Então, você está com fome? Sim, eu estou faminta.
 Eu quero comer peixe’ (Itxuna)
- (35) n=itsu-pa-lu akama=pai=ku=hã **ahã**
 1SG=filha-EST-FEM 3.morrer=IPFV=DECL=ENF INTERJ
 ‘Minha filha está morrendo sim (falando ao pajé)’ (Kukühü)

A interjeição *hehẽ* também tende a ocorrer no início das sentenças. Não encontrei exemplos em que ela ocorresse em outras posições em meu corpus.

- (36) ti=nai=pai p=iju=wi=ku? **hehẽ** ije=ne=ku
 PRO=LOC=IPFV 2SG=esposa=REP=DECL INTERJ 3.ir=DIR=DECL
 Onde está sua esposa? Ela foi embora’ (Itxuna)
- (37) **ahã** pi=hipialu=pai? **hehẽ** ni=hipialu=pai=hã
 INTERJ, 2SG=estar.faminto=IPFV INTERJ, 1SG=estar.faminto=IPFV
 natu kuta n=aitʃa=pai=hã kupati=hã
 1SG DESID 1SG=comer=IPFV=ENF peixe=ENF
 ‘Então, você está com fome? Sim, eu estou faminta. Eu quero comer peixe’
 (Itxuna)

Finalmente, a interjeição *hãna* também ocorre no início das sentenças, e tem função afirmativa, na medida em que confirma positivamente uma pergunta feita:

- (38) **hina**, numa aripi=ku=hã
 INTERJ, dizer velha=DECL=ENF
- aripi ija alapi-ta=wi=ku=hã
 velha ir aguapé-VBLZ=REP=DECL=ENF
 ‘tá bom, diz que a velha, a velha foi tirar aguapé’ (Alua)
- (39) Ahã waku=wiku numa i=piri=ku i=me=ku=hã
 INTERJ rio=REP=DECL dizer 3=BEN=DECL 3=marido=DECL=ENF
- Hina!** ija-pa waku=wi=ku=hã
 INTERJ ir-PL.3 rio=REP=DECL=ENF
 ‘Então, vamos no rio, ela disse ao marido. Tá bom (ele respondeu), e eles foram no rio’ (Itxuna)

É importante mencionar também, em relação às interjeições, que a tradução de cada uma delas foi feita de forma aproximada à interjeição da língua portuguesa que mais se aproxima, semanticamente, do conteúdo por elas expresso. Evidentemente, no entanto, que como nenhuma tradução é completamente fidedigna, o significado dessas interjeições só pode ser compreendido dentro do contexto da língua em que são faladas.

6.4. Ideofones

Voeltz e Hatz (2001) mencionam que ideofones são definidos como palavras que representam vividamente sons e eventos sensoriais. Em Mehináku, a distinção que se pode estabelecer entre ideofones e interjeições é que os primeiros não servem como resposta a nenhuma situação previamente imposta e também não expressam atitudes em resposta a estímulos oriundos do acontecimento em que os participantes estão inseridos. Estou tratando como ideofones em Mehináku aqueles sons que são representações de sons produzidos no contexto comunicativo em decorrência de ações geralmente realizadas por seres humanos. Assim como as interjeições, nos ideofones ocorre alongamento vocálico, e, também, reduplicação de sílabas ou repetição de palavras, que expressam a repetição de eventos.

Os ideofones que encontrei em Mehináku são provenientes de histórias tradicionais, e imitam determinados sons escatológicos e barulhos feitos por pessoas realizando ações ou por coisas sofrendo ações. A tabela abaixo resume os ideofones encontrados:

Ideofones	Referência
<i>tsiriririririri</i>	‘som de uma mulher urinando’
<i>puxu, puxu, puxu, puxu, puxu</i>	‘som de alguém defecando’
<i>tsapu, tsapu</i>	‘som da comida sendo consumida’
<i>tututututu</i>	‘som do fogo queimando’
<i>pīwu, pīwu, pīwu, pīwu</i>	‘som de alguém remando’
<i>tsakī tsakī, tsakī, tsakī</i>	‘som da flecha sendo atirada’
<i>waká, waká, waká</i>	‘som de alguém gritando’

Tabela 37. Ideofones

O ideofone *tsiriririririri* faz referência ao som da urina da mulher. Não sei precisar se esse seria o mesmo ideofone utilizado para representar o som da urina de um homem, mas acredito que não. O trecho é retirado da história do aguapé (Alapü) que havia se transformado em mulher a pedido de um homem que a havia achado muito bonita. Depois de se transformar em mulher, ela urina em uma panela e sua urina se transforma em sopa de pimenta, que é consumida pelos indígenas até hoje.

- (40) pataka-ta-wi pe=tepi=tse=ku=hã
3.colocar-CAUS-3SG.O próprio=embaixo=LOC=DECL=ENF
- pataka-ta-wi pe=tepi=tse=ku=hã
3.colocar-CAUS-3SG.O próprio=embaixo=LOC=DECL=ENF
- aun-ejukahi=ku: **tsiriririririri!** Eku=wi
EXC-urinar=DECL tsiriririririri Pronto=PFV
- aitʃa=kina=pai
comer=IMP=IPFV
‘Ela colocou (a panela) embaixo dela mesma. Colocou embaixo dela mesma. Urinou um monte: *tsiriririririri*. Pronto. Todo mundo comeu (o xixi dela que virou sopa de pimenta)’ (Alapü)

O ideofone *puxu, puxu, puxu, puxu, puxu* faz referência ao som de alguém defecando. No caso específico abaixo, defecando o sal originado a partir do cocô da mulher que era aguapé. Na história, o aguapé (Alapü) que havia se transformado em mulher, conforme mencionei anteriormente, além de urinar sopa de pimenta também defeca um monte de sal, que passa a ser consumido pelos indígenas e utilizado no preparo de algumas comidas tradicionais.

- (41) aitsa n=ajulai-tsa=wa n=ihitʃa=hã!
 NEG 1SG=desperdiçar-CAUS=PFV 2SG=cocô=ENF
- numa kutsa pe=jeu-lu i=piri
 dizer EVID.IND 2SG=cunhada-FEM 3=BEN
- Ahã numa i=piri i=jeu-lu
 INTERJ dizer 3=BEN 3=cunhada-FEM
- i=jeu-lu apuhitʃa heweku. Eku=wi=ku=hã
 3=cunhada-FEM pegar cinza pronto=REP=DECL=ENF
- i=natsa tuma heweku.
 3=depois fez cinza
- kali=ku=hã heweku, tsitsa kajaka kali=ku=hã
 DEM=DECL=ENF cinza ser.semelhante redondo DEM=DECL=ENF
- ija i=nai=ku! akawi=ku **puxu, puxu, puxu, puxu, puxu**
 3.ir 3=LOC=DECL defecou=DECL puxu, puxu, puxu, puxu, puxu
 ‘Não vou desperdiçar meu cocô,
 diz-se que ela falou para a cunhada.
 Ok, disse a cunhada.
 A cunhada dela pegou cinza. Pronto.
 Depois ela fez a cinza, aquela cinza, bem redonda.
 Ela foi lá e defecou: puxu, puxu, puxu, puxu, puxu! (Alapü)

O ideofone *tsapu, tsapu* faz referência ao som da comida sendo consumida. No trecho abaixo, os indígenas estão consumindo a sopa de pimenta que se origina da urina do aguapé que virou mulher:

- (42) pataka=tenu une ija hapuka=kina=pai=ku
 3.colocar=COM pessoa ir consumir=IMP=IPFV=DECL
- aitʃa=kina=pai: **tsapu, tsapu**
 comer=IMP=IPFV tsapu, tsapu
 ‘eles colocaram (a sopa). Foram comer: tsapu, tsapu’ (Alapü)

O ideofone *tututututu*, conforme exemplo abaixo, faz referência ao som do fogo queimando. Trata-se de um trecho da história do broto de buriti (Xepeku). Na história, o buriti se transforma em mulher e faz redes lindas para seus sogros, genros e noras. No entanto, as mulheres da aldeia começam a falar mal dela e ela resolve queimar todas as redes que havia feito e fugir de volta para o mato.

- (43) tunukaha kali=ku i=kahi=tsa itsei=ja-ti=ku
 3.acender DEM=DECL 3=COM=LOC fogo=LOC=NMLZ=DECL
- itsei=ku: **tututututu**
 fogo=DECL tututututu
- uitxa-ta kene amake-wei=ku=hã, eku=wi
 3.queimar-CAUS DEM rede-RETR=DECL=ENF pronto=PFV
 ‘ela acendeu e colocou fogo: tututututu. Queimou aquelas redes. Pronto’
 (Xepeku)

O ideofone *pīwu, pīwu, pīwu, pīwu* refere-se ao barulho do remo contra a água, enquanto o homem rema durante a pescaria. Este trecho é também retirado da história do aguapé (Alapü) e narra o período anterior ao encontro do homem com o aguapé pelo qual ficou encantado, enquanto ele navegava pelo rio pescando.

- (44) une-une kutsa ija kupati=taku=ma=hã
 pessoa-REDP EVID.IND ir peixe=LOC=REPET=ENF
- une-une=ku ija kupati=taku=hã
 pessoa-REDP=DECL ir peixe=LOC=ENF
- ija=wi **pīwu, pīwu, pīwu, pīwu** ija kutsa
 ir=PFV pīwu, pīwu, pīwu, pīwu ir EVID.IND
- ija=ja kene kali=ku=hã
 ir=ASS DEM DEM=DECL=ENF
- kene kupati=taku=wi=ku=hã, ija=wi
 DEM peixe=CLF.plano=REP=DECL=ENF ir=PFV
 ‘Diz-se que ele foi pescar, foi pescar, foi pīwu, pīwu, pīwu, pīwu
 (remando), diz que foi naquele lugar de pesca’ (Alapü)

O ideofone *tsakī tsakī, tsakī, tsakī* refere-se ao som das flechas que estão sendo atiradas pelo homem contra os peixes. Este trecho é retirado da história do timbó (Itxuna). Na história, o timbó que havia se transformado em mulher vai lavar o cabelo no rio. Do seu cabelo, então, emana uma espuma que, ao cair na água, atordoa os peixes (o timbó), possibilitando que o esposo da mulher timbó os fleche.

- (45) hatuwa=li=ku=hã, uku-ta=la
 remar=CONT=DECL=ENF flecha-VBLZ=FUT
- kene kupati=ku=hã: **tsaki tsaki, tsaki, tsaki**
 DEM peixe=DECL=ENF *tsaki tsaki, tsaki, tsaki*
 ‘ele foi remando e flechando aqueles peixes: *tsaki tsaki, tsaki, tsaki*’
 (Itxuna)

Finalmente, o ideofone *waká, waká, waká*, refere-se ao som dos gritos de alguém. O exemplo abaixo foi retirado da história da mulher que traia o marido (Atulatsaki). Na ocasião, o amante havia se escondido embaixo de um monte de lixo para que o esposo de sua amante não o encontrasse. O esposo, no entanto, desconfiado que o amante estivesse escondido embaixo do lixo, coloca fogo no local e faz com que o amante saia correndo. Quando o amante volta para a aldeia, todos conseguem ouvir seus gritos e ficam felizes porque ele sofreu a punição que merecia, conforme reproduzo no trecho abaixo:

- (46) une-une=neu, kala ija au i=u matika=hã
 pessoa-REDP=PL DUB 3.ir 1PL 3=DAT depois=ENF
- eteme=kina=waka i=niwula=ku=hã
 3.escutar=IMP=EXIST 3=grito=DECL=ENF
- waká, waká, waká**
 waká waká waká
- kitepe=mina=pai une-une=neu=wi=ku=hã
 ser.alegre-INTENS=IPFV pessoa-REDP=PL=REP=DECL=ENF
 ‘pessoal, acho que ele está vindo até nós.
 Escuta o grito.
 waká, waka, waka!
 O pessoal ficou muito alegre (quando ouviu o grito)’ (Atulatsaki)

7

Nome

Neste capítulo, apresento a classe dos nomes e seu comportamento em Mehináku, sobretudo em termos de sua morfologia. Descrevo: a estrutura do nome (§7.1); a posse nominal (§7.2), incluindo as construções com nomes inalienáveis (§4.2.1), alienáveis (§7.2.2), não-possuíveis (§7.2.3) e marcados pelo morfema de atributivo (§7.2.4). Descrevo também o gênero (§7.3), tanto de nomes humanos quanto não-humanos; o grau (§7.4), em termos de diminutivo, aumentativo e excessivo; o número (§7.5), plural, coletivo e associativo; os estados de existência (§7.6), atual, retrospectivo e prospectivo; o privativo (§7.7); o índice correferencial (§7.8); os morfemas verbalizadores (§7.9); o morfema de assertividade (§7.10), e, ainda, os classificadores nominais encontrados em Mehináku (§7.11).

7.1. Estrutura do nome

Schachter e Shopen (1985) definem o nome como a classe de palavras nas quais ocorrem os nomes da maioria das pessoas, lugares e coisas. Do ponto de vista semântico, essa categoria pode receber, em Mehináku, uma série de traços, como o de animacidade, humanidade, concretude, dentre outros. Givón (1984), por exemplo, propõe que os nomes são compostos por um conjunto de traços significativos organizados hierarquicamente da seguinte forma:

(1) Entidade → temporal → concreto → animacidade → humano

Em que, o traço de *entidade* refere-se àquilo que existe, que tem existência; o traço *temporal* refere-se àquilo que existe em um tempo particular; o traço *concreto* refere-se àquilo que tem existência no tempo e no espaço; o traço *animacidade* refere-se a organismos vivos, em geral; e o traço *humano* particulariza os seres humanos, na medida em que só se refere a eles. A hierarquia entre esses traços é estabelecida obedecendo à noção de aumento de marcação, isto é, se uma entidade tem a categoria humano, por exemplo, ela também terá todas as demais à esquerda, e assim consecutivamente. Abaixo, apresento um conjunto de palavras organizadas a partir dessa proposta de Givón (1984):

(2)

Entidade, temporal, concreto, animacidade, humano	/eniʃa/	‘homem’
Entidade, temporal, concreto, animacidade	/pihi/	‘macaco’
Entidade, temporal, concreto	/ʃepi/	‘banco’
Entidade, temporal	/palawaki/	‘tristeza’
Entidade	/atuʃuwa/	‘espírito’

Pela hierarquia acima, é possível perceber que o nome /eniʃa/ possui todos os traços e, portanto, é o mais alto da hierarquia. Este item é seguido pelo nome /pihi/, que não é humano; do nome /ʃepi/, que não é humano e nem animado; do nome /palawaki/, que não é humano, animado e nem concreto e, por fim, do nome /atuʃuwa/, que não é humano, animado, concreto e nem existe em um tempo particular, como é próprio dos seres mitológicos da cultura Mehináku, cuja definição de existência temporal é imprecisa.

Do ponto de vista morfológico, os nomes em Mehináku podem ocorrer sem modificação ou receber uma série de formativos. O número de prefixos anexados a nomes é reduzido, em comparação à quantidade de sufixos. Em geral, à esquerda dos nomes figuram os proclíticos pronominais em construções de posse nominal, além do prefixo de atributivo, do prefixo de grau, de privação, de reciprocidade, e, ainda, os prefixos verbalizadores. Descrevo a função de 11 desses prefixos/proclíticos, conforme abaixo:

		Formativo	Significado
1	Posse	nu=	Primeira pessoa do singular
2		pi=	Segunda pessoa do singular
3		i=	Terceira pessoa do singular e plural
4		a=	Primeira pessoa do plural
5		ji=	Segunda pessoa do plural
6		ka=	Atributivo
7	Grau	au-	Excessivo
8	Privação	ma-	Privativo
9	Correferencialidade	pa=	Índice correferencial
10	Verbalização	a-	Verbalizador
11		hu-	

Tabela 38. Proclíticos e prefixos nominais

Em relação aos sufixos, descrevo o funcionamento de 18 morfemas deste tipo em Mehináku, que portam uma variedade de significados, incluindo: posse (morfema absoluto, de concordância de plural e de posse alienável), grau, gênero, número, estados de existência, assertividade, e, ainda, um sufixo verbalizador, conforme a seguir:

		Formativo	Significado
1	Posse	-i	Não-possuído
2		-pa	Plural de terceira pessoa
3		-la	Posse alienável
4	Grau	=tai	Diminutivo
5	Gênero	-hi	Masculino
7		-tu	Feminino
8		-lu	Feminino
9		-neşu	Feminino
10	Número	=nau	Plural [+ humano]
11		-tipe	Plural [- humano, +/- animado]
12		-pihi	Coletivo [- humano, + animado]
13		=taku	Coletivo [locativo]
14		=ma	Repetitivo (plural associativo)
15	Estado de existência	-wei	Retrospectivo
16		-paitse	Prospectivo
17	Assertividade	-jete	Assertivo
18	Verbalização	-ta	Verbalizador

Tabela 39. Sufixos nominais

A maioria dos nomes em Mehináku é composta de duas sílabas, embora haja também nomes com três ou mais sílabas. Parte dos nomes maiores que duas sílabas porta morfemas gramaticais lexicalizados, de modo que, embora seja possível identificar a presença do morfema na base nominal, sua exclusão resultaria em um nome sem significado na língua ou se perderia o significado do composto formado. Um exemplo do primeiro tipo é a palavra /tineşu/ ‘mulher’, cujo morfema de feminino {-neşu}, já lexicalizado, compõe o significado da base nominal, uma vez que /ti/ não tem sentido isoladamente. Outro exemplo deste tipo é /kanatapa-ti/ pulso-CLF.semente ‘pulseira’, em que não é possível extrair da palavra /kanatapa/ o classificador lexicalizado {-tapa} CLF.em.forma.de.cacho, sem que a palavra perca seu sentido.

A palavra /tineşu-tapa/ ‘mulher gorda’ é outro exemplo de palavra contendo um morfema lexicalizado. A exclusão do classificador neste caso faria com que se perdesse o significado do composto, já que /ti¹neşu/ significa ‘mulher’, e não ‘mulher gorda’ na língua. Há ainda exemplos de palavras com mais de duas sílabas compostas por reduplicação, como é o caso de /melele/ ‘coceira’ e /mehehe/ ‘casa provisória’.

Além dos morfemas apresentados nas tabelas acima, é possível que morfemas classificadores se anexam a nomes em Mehináku, a fim de identificar, em geral,

propriedades físicas desses nomes ou de forma a derivar novos nomes a partir deles. Apresento os classificadores nominais na seção (§7.11).

7.2. Posse nominal

Descrevo nessa seção 16 tipos de construção de posse nominal em Mehináku, levando em consideração três critérios: (i) a cisão entre nomes inalienáveis e alienáveis, porque cada um desses nomes, quando figura possuído em construções possessivas, irá portar um conjunto de formativos específicos; (ii) o tipo de construção de posse, que nesta seção será a posse atributiva e (iii) os tipos de possuidores dessas construções, porque há diferenças morfológicas nos nomes possuídos a depender do tipo de possuidor que tomam.

O Mehináku, assim como as demais línguas Arawak (PAYNE, 1991; AIKHENVALD, 1999), reconhece uma cisão entre nomes inalienavelmente possuídos e alienavelmente possuídos, expressa através da atribuição de diferentes formativos morfológicos a estes nomes. Aos nomes inalienáveis, ou seja, aqueles inerentemente possuídos, serão atribuídos menos formativos morfológicos, incluindo-se apenas as marcas de pessoa e concordância com o possuidor e número, ao passo que aos nomes alienáveis, aqueles que não são inerentemente possuídos e que, embora possam figurar em construções possessivas, podem ocorrer na língua sem estarem associados a algum possuidor obrigatoriamente, serão atribuídos, além dos formativos morfológicos que figuram nos nomes inalienáveis, também morfemas específicos de posse.

Estes dois tipos de nomes serão caracterizados a partir de seu comportamento em construções de posse atributiva. A definição deste tipo de posse que utilizo é aquela proposta por Chappell e McGregor (1996a), para quem a construção de Posse Atributiva (*Attributive Possession*) é aquela em que o possuidor e o item possuído formam uma espécie de sintagma possessivo, como em sentenças do tipo “O carro do Pedro” ou “seu livro”.

Além disso, para o tratamento das construções de posse atributiva, levo em consideração tipos de construções possessivas que envolvem tanto possuidores pronominais, quanto lexicais. Sigo a proposta de Krasnoukhova (2012, p. 59), que propõe quatro tipos de construções de posse atributiva, a depender do tipo de nome. Para os nomes inalienáveis, a autora propõe as construções: com possuidor pronominal de um

nome inalienável (PSR.PRON.N.INAL), conforme em (1), e com possuidor lexical de um nome inalienável (PSR.LEX.N.INAL), como em (5). Para os nomes alienáveis, são propostas as seguintes construções: com possuidor pronominal de um nome alienável (PSR.PRON.N.AL), como em (9); e com possuidor lexical de um nome alienável (PSR.LEX.N.AL), como em (13).

A língua Mehináku apresenta, entretanto, um variado número de estratégias que refletem mudanças nos tipos de formativos morfológicos que se anexam aos nomes alienáveis e inalienáveis, quando há mais de um possuidor e quando há mais de um nome sendo possuído, razão pela qual acrescento à proposta de Krasnoukhova (2012) mais doze tipos de construção de posse, totalizando as 16 propostas no início dessa seção. Para os nomes inalienáveis, as construções adicionais são as seguintes: com possuidor pronominal de nomes inalienáveis (PSR.PRON.NS.INAL), como em (2); com possuidores pronominais de um nome inalienável (PSRS.PRON.N.INAL), como em (3); com possuidores pronominais de nomes inalienáveis (PSRS.PRON.NS.INAL), como em (4); com possuidor lexical de nomes inalienáveis (PSR.LEX.NS.INAL), como em (6); com possuidores lexicais de nome inalienável (PSRS.LEX.N.INAL), como em (7) e com possuidores lexicais de nomes inalienáveis (PSRS.LEX.NS.AL), conforme (8). A mesma lógica se aplica aos nomes alienáveis, como se vê abaixo:

Construções de posse inalienável	
1. [PSR.PRON.N.INAL]	‘mão dele’
2. [PSR.PRON.NS.INAL]	‘mãos dele’
3. [PSRS.PRON.N.INAL]	‘mão deles’
4. [PSRS.PRON.NS.INAL]	‘mãos deles’
5. [PSR.LEX.N.INAL]	‘mão do Waxamani’
6. [PSR.LEX.NS.INAL]	‘mãos do Waxamani’
7. [PSRS.LEX.N.INAL]	‘mão do Waxamani e do Paulo’
8. [PSRS.LEX.NS.INAL]	‘mãos do Waxamani e do Paulo’
Construções de posse alienável	
9. [PSR.PRON.N.AL]	‘banco dele’
10. [PSR.PRON.NS.AL]	‘bancos dele’
11. [PSRS.PRON.N.AL]	‘banco deles’
12. [PSRS.PRON.NS.AL]	‘bancos deles’
13. [PSR.LEX.N.AL]	‘banco do Waxamani’
14. [PSR.LEX.NS.AL]	‘bancos do Waxamani’
15. [PSRS.LEX.N.AL]	‘banco do Waxamani e do Paulo’
16. [PSRS.LEX.NS.AL]	‘bancos do Waxamani e do Paulo’

Tabela 40. Tipos de construção de posse atributiva

Por conveniência, nas subseções seguintes apresento essas construções em pares, organizadas a partir do tipo de possuidor de cada uma. Assim, tomando como exemplos as construções de posse inalienável, apresento juntas: as construções com um único possuidor pronominal de apenas um nome inalienável (1) e de mais de um nome inalienável (2); as construções com mais de um possuidor pronominal de apenas um nome inalienável (3) e de mais de um nome inalienável (4); as construções com um único possuidor lexical de um único nome inalienável (5) e de mais de um nome inalienável (6) e, por fim, as construções com mais de um possuidor lexical de um único nome inalienável (7) e de mais de um nome inalienável (8). O mesmo se aplica às construções de posse alienável.

7.2.1. Construções com nomes inalienáveis

Os nomes inalienáveis, em Mehináku, são aqueles obrigatoriamente possuídos. Isto quer dizer, em outras palavras, que os itens inclusos nessa classe não podem ocorrer, sem manifestar mudança morfológica, sem a presença de um possuidor claramente delimitado. Do ponto de vista semântico, pertencem à classe dos nomes inalienáveis os termos para partes do corpo, termos de parentesco e alguns itens culturalmente muito próximos de seus possuidores, tais como ‘arco’, ‘piolho’, ‘corda’, ‘caminho’, ‘mingau’ (CORBERA MORI, 2011). Apesar desses nomes serem inerentemente possuídos, há casos em que esses nomes ocorrem sem o possuidor, conforme descrevo a seguir.

7.2.1.1. Nomes inalienáveis quando não-possuídos

Os casos em que os nomes inalienáveis ocorrem sem o possuidor referem-se, geralmente, a episódios isolados ou extremos, em que é preciso se referir a um desses nomes sem que seja possível associá-los a um possuidor específico, ou a casos em que está se referindo a objetos muito próximos de seus possuidores. São três as estratégias encontradas em Mehináku para assinalar que um nome aparece despossuído: (i) a adjunção do sufixo {-i}; (ii) a mudança na qualidade da vogal e (iii) a mudança na posição acentual (CORBERA MORI, 2007; 2011).

A primeira estratégia, como citei, é a adjunção do sufixo *-i* ao nome despossuído. Este sufixo, cuja forma reconstruída por Payne (1991, p. 379) é **-tʃi*, tem recebido na

literatura linguística diversas nomenclaturas, tais como “não-possuído” (RICHARDS, 1973), “absoluto” (PAYNE, 1991) e “impessoal” (AIKHENVALD, 2001). Aqui, trato este morfema como “não-possuído” (NPOSS). Esse é o padrão mais comum para a marcação de nomes despossuídos em Mehináku, uma vez que as demais estratégias, como mostro a seguir, são restritas a nomes com estruturas específicas. Há mudança do acento da última sílaba da raiz do nome não possuído para a penúltima sílaba da palavra possuída:

(1) te'we-i dente-NPOSS 'dente de alguém'	nu='tewe 1SG=dente 'meu dente'
(2) wiʃi'ku-i mão-NPOSS 'mão de alguém'	ni=wi'ʃiku 1SG=mão 'minha mão'
(3) kitsa'pa-i pé-NPOSS 'pé de alguém'	ni=ki'tsapa 1SG=pé 'meu pé'

A segunda estratégia é a mudança na qualidade da última vogal da palavra despossuída. Diferentemente da primeira estratégia, cuja ocorrência é bastante variada, as palavras que sofrem este tipo de processo têm uma característica em comum: todas terminam com a vogal central [i] quando possuídas. Ocorre, além disso, a mudança do acento da última sílaba da palavra da forma não possuída para a penúltima sílaba da palavra da forma possuída:

(4) ti'wi cabeça.NPOSS 'cabeça de alguém'	ni='tiwi 1SG=cabeça 'minha cabeça'
(5) kana'ti boca.NPOSS 'boca de alguém'	nu=ka'nati 1SG=boca 'minha boca'
(6) kapiti'wi dedo.NPOSS 'dedo de alguém'	nu=kapi'tiwi 1SG=dedo 'meu dedo'

A terceira estratégia é a mudança na posição acentual: os nomes inalienáveis com acento na última sílaba, quando não possuídos, passam a ter acento na penúltima sílaba, quando possuídos. Uma característica única desses nomes é que todos terminam com [i].

(7) ki'ri nariz.NPOSS 'nariz de alguém'	ni='kiri 1SG=nariz 'meu nariz'
(8) kiʃa'pi lábio.NPOSS 'lábio de alguém'	ni=ki'ʃapi 1SG=lábio 'meu lábio'
(9) na'i roupa.NPOSS 'roupa de alguém'	nu='nai 1SG=roupa 'minha roupa'

Carvalho (2015, pp. 128-129) fornece uma proposta diacrônica para o tratamento da posse nominal em Mehináku. O autor propõe que as formas absolutas dos nomes, que na língua podem ser representadas por uma das três estratégias que mostrei acima, são elas: sufixação de {-i} (ex: te'we-i dente-NPOSS 'dente de alguém' → nu='tewe 1SG=dente 'meu dente'); mudança na qualidade da vogal (ex: ma'pi 'pele' → nu='mapɨ 'minha pele') e mudança na posição acentual (ex: ki'ri 'nariz' → nu='kiri 'meu nariz'), são decorrentes de mudanças históricas que transformaram o sufixo absoluto *-ʃi > -i, levando aos seguintes desenvolvimentos¹: (i) sufixação de -i mais mudança de acento à direita (PA *te'weʃi > te'wei 'dente'); (ii) mudança na qualidade da vogal mais acento à direita (PA *ma'piʃi > PM *ma'pii > PM *ma'pii > ma'pi 'pele') e (iii) mudança de acento à direita (PA *ki'riʃi > PM *ki'rii > ki'ri 'nariz').

Termos para parentesco, embora sejam também inalienáveis em Mehináku, não apareceram despossuídos em meu corpus. Nesse sentido, concordo com Ball (2007, p. 93), que ao tratar da posse nominal em Wauja, língua Arawak irmã do Mehináku e com a qual esta língua compartilha uma variedade de semelhanças, afirma que nomes inalienáveis são maximamente conceituais e podem nunca aparecer fora de construções possessivas; portanto, nunca aparecem com o sufixo não possuído.

Além disso, esta divisão entre três possíveis formas de se assinalar que um nome aparece sem possuidor, que inclui estratégias segmentais e suprasegmentais, é incomum para as línguas Arawak, e estudos posteriores, com as demais línguas xinguanas, precisam

¹ PA = Proto-Arawak e PM = Pré-Mehináku (CARVALHO, 2015, p. 128).

ser feitos para se verificar se essa é uma característica tipológica exclusiva das línguas desse subgrupo.

7.2.1.2. Nomes inalienáveis quando possuídos

Apresentadas as formas não possuídas dos nomes inalienáveis, é preciso tratar, agora, do modo como esses nomes se comportam quando são possuídos. Nestes casos, que são os mais frequentes na língua, a eles podem ser adicionados dois tipos de possuidores. Os possuidores pronominais, representados pelos proclíticos indicativos de pessoa, e os possuidores lexicais, representados por nomes próprios de possuidores animados, como pessoas e animais, geralmente. Como mencionado em §7.2, há diferenças em termos morfológicos entre as construções de posse inalienável com um único possuidor, e aquelas com mais de um possuidor. A tabela abaixo resume o comportamento dos formativos morfológicos anexados a nomes inalienáveis em Mehináku:

	Construções	Possuidor	Proclítico	Nome	Sufixos		
	Inalienável	Pronominal			PL	POSS	PL.3
1	PSR.PRON.N.INAL	nu=	-	tai filho. NPOSS	-	-	-
2	PSR.PRON.NS.INAL	nu=	-		-nau/-tipe		
3	PSRS.PRON.N.INAL	i=	-		-	-	-pa
4	PSRS.PRON.NS.INAL	i=	-		-nau/-tipe	-	-pa
		Lexical					
5	PSR.LEX.N.INAL	Paulo	i=	tewe-i dente- NPOSS	-	-	-
6	PSR.LEX.NS.INAL	Paulo	i=		=nau/-tipe	-	-
7	PSRS.LEX.N.INAL	Paulo e Etsiri	i=		-	-	-pa
8	PSRS.LEX.NS.INAL	Paulo e Etsiri	i=		=nau/-tipe	-	-pa

Tabela 41. Construções de posse atributiva com nomes inalienáveis

7.2.1.2.1. Construções com possuidor pronominal de nome inalienável [PSR.PRON.N.INAL] e de nomes inalienáveis [PSR.PRON.NS.INAL]

Neste tipo de construção há um único possuidor, e ele é representado pelos proclíticos pronominais de pessoa. Esses proclíticos, que representam o possuidor

pronominal, são anexados à esquerda do nome, formando uma construção do tipo pronome-nome.

(10) 1SG: [**nu**=N.INAL]:

{ni=}	kiri nariz.NPOSS 'nariz (de alguém)'	ni =kiri 1SG=nariz 'meu nariz'
{nu=}	halapai bochecha.NPOSS 'bochecha (de alguém)'	nu =halapa 1SG=bochecha 'minha bochecha'
{n=}	utitai olho.NPOSS 'olho (de alguém)'	n =utitai 1SG=olho 'meu olho'

(11) 2SG: [**pi**=N.INAL]:

{pu=}	tsukahapi beijo.NPOSS 'beijo (de alguém)'	pu =tsukahapi 2SG=beijo 'teu beijo'
{pi=}	tewe-i dente-NPOSS 'dente (de alguém)'	pi =tewe 2SG=dente 'teu dente'
{p=}	utitai olho.NPOSS 'olho (de alguém)'	p =utitai 2SG=olho 'teu olho'

(12) 1PL: [**a**=N.INAL]:

{a=}	tsukahapi beijo.NPOSS 'beijo (de alguém)'	a =tsukahapi 1PL=beijo 'nosso beijo'
{e=}	hekira-i testa-NPOSS 'testa (de alguém)'	e =hekira 1PL=testa 'nossa testa'

(13) 2PL: [**ji**=N.INAL]:

{ ji =}	hi-jã seio-CLF.líquido 'leite materno (de alguém)'	ji =hi-jã 2PL=seio-CLF.líquido 'leite de vocês'
{ ju =}	wajalapi veia.NPOSS 'veia (de alguém)'	ju =wajalapi 2PL=veia 'veia de vocês'
{ j =}	utítai olho.NPOSS 'olho (de alguém)'	j =utítai 2PL=olho 'olho de vocês'

(14) 3: [**i**=N.INAL]:

{ i =}	hi-jã seio-CLF.líquido 'leite materno (de alguém)'	i =hi-jã 3SG=seio-CLF.líquido 'leite dele(a)'
{ i =}	heju saliva 'saliva (de alguém)'	i =heju 3SG=saliva 'cuspe dele(a)'

Quando há mais de um nome inalienável sendo possuído por um único possuidor, a estrutura acima se mantém, em termos de anexação do proclítico pronominal, mas os morfemas de plural e coletivo são anexados aos nomes possuídos, conforme nos exemplos abaixo, que são ilustrativos dos demais:

(15) 1SG: [**nu**=NS.INAL=**nau**]:

{ ni =}	tai filho.NPOSS 'filho (de alguém)'	nu =tai= nau 1SG=filho=PL 'meus filhos'
----------------	---	---

(16) 2SG: [**pi**=NS.INAL-**tipe**]:

{ pi =}	tiwu=tepu cabeça=embaixo 'franja'	pi =tiwu=tepu- tipe 2SG=cabeça=embaixo-PL 'tuas franjas'
----------------	---	--

7.2.1.2.2. **Construções com possuidores pronominais de nome inalienável [PSRS.PRON.N.INAL] e de nomes inalienáveis [PSRS.PRON.NS.INAL]**

O segundo tipo de construção de posse atributiva com nomes inalienáveis que trato é aquele envolvendo mais de um possuidor pronominal. Dos proclíticos que podem funcionar como possuidores pronominais em Mehináku, somente o de terceira pessoa {i=} é que figura neste tipo de construção. Defendo que o uso deste morfema como o único representativo de mais de um possuidor tenha a ver com o fato de ele ser também o único, na língua, que não possui uma forma autônoma, de modo que um mesmo prefixo é utilizado tanto para assinalar a terceira pessoa do singular, quanto a do plural. Assim, embora outros pronomes, como {a=} ‘1PL’ e {ji=} ‘2PL’, também açambarquem a ideia de mais de uma pessoa como possuidor em Mehináku, a língua desenvolveu outro tipo de marcação morfológica, que põe de um lado um único possuidor pronominal, e de outro mais de um, a fim de cessar a ambiguidade que poderia gerar a utilização desse proclítico em construções de posse.

A marcação morfológica encontrada na língua para assinalar essa diferença entre os possuidores é o acréscimo do formativo {-pa}, na forma de sufixo, aos nomes inalienáveis possuídos. Esses nomes recebem, portanto, além do proclítico pronominal indicativo de possuidor, também o sufixo {-pa}, responsável por indicar que se trata de mais de um possuidor pronominal ‘eles(as)’. Vejamos os exemplos a seguir:

(17) 3: [i=N.INAL-pa]:

{i=}	hi-jã seio-CLF.líquido ‘leite materno (de alguém)’	i=hi-jã-pa 3=seio-CLF.líquido-PL.3 ‘leite deles(as)’
{i=}	papa pai ‘pai (de alguém)’	i=nizi ² -pa 3=pai-PL.3 ‘pai deles(as)’
{in=}	itsu-pa-lu-i filha-EST-FEM-NPOSS ‘filha (de alguém)’	in=itsu-pa-lu-pa 3=filha-EST-FEM-PL.3 ‘filha deles(as)’

² Termos de parentesco como ‘pai’, ‘mãe’, e ‘irmão’ apresentam formas irregulares em sua derivação paradigmática.

Nos casos em que há mais de um item sendo possuído por mais de um possuidor, acrescenta-se antes do morfema indicativo de plural de terceira pessoa, também o morfema de plural correspondente ao grau de animacidade do item:

(18) 3: [**i=NS.INAL-tipe/nau-pa**]:

{i=}	tana-i asa-NPOSS 'asa (de alguém)'	i=tana-tipe-pa 3=asa-PL-PL.3 'as asas deles(as)'
{in=}	itsu-pa-lu-i filha-EST-FEM-NPOSS 'filha (de alguém)'	in=itsu-pa-lu=nau-pa 3=filha-EST-FEM-PL-PL.3 'filhas deles(as)'

Neste caso, o nome inalienável da construção de posse atributiva recebe três formativos: um proclítico pronominal de terceira pessoa, um sufixo marcador de plural (humano ou não-humano) e um sufixo de plural de terceira pessoa.

7.2.1.2.3. Construções com possuidor lexical de nome inalienável [PSR.LEX.N.INAL] e de nomes inalienáveis [PSR.LEX.NS.INAL]

O terceiro tipo de construção de posse atributiva com nomes inalienáveis é aquele que envolve um único possuidor lexical. O que ocorre, neste tipo de construção, é a coocorrência do possuidor lexical e do possuidor pronominal, numa espécie de redundância de marcação de possuidores. O possuidor pronominal utilizado para reafirmar a presença do possuidor lexical é o formativo de terceira pessoa {i=}, conforme se vê nos exemplos a seguir:

(19) 3: [**PSR.LEX i=N.INAL**]:

{i=}	kitsapa-i pé-NPOSS 'pé (de alguém)'	Paulo i=kitsapa Paulo 3=pé 'pé do Paulo'
{i=}	kiri nariz.NPOSS 'nariz (de alguém)'	Paulo i=kiri Paulo 3=nariz 'nariz do Paulo'

{i=}	tewe-i dente-NPOSS 'dente (de alguém)'	Waxamani i=tewe Waxamani 3=dente 'dente do Waxamani'
{i=}	wiṣiku-i mão-NPOSS 'mão (de alguém)'	Waxamani i=wiṣiku Waxamani 3=mão 'mão do Waxamani'

É possível perceber por estes exemplos que os possuidores lexicais não aparecem adjungidos aos nomes inalienáveis, como ocorre com os prefixos pronominais. O que ocorre, neste caso, é a retomada do possuidor lexical via prefixo pronominal de terceira pessoa anexado ao nome inalienável.

Quando há mais de um item sendo possuído por um possuidor lexical, a estrutura é a mesma de quando havia apenas o possuidor pronominal, sendo a presença do possuidor lexical a única diferença entre estes tipos de construção:

(20) 3: [PSR.LEX i=NS.INAL=**nau/tipe**]:

{i=}	papa pai 'pai (de alguém)'	Paulo i=niṣi= nau Paulo 3=pai=PL 'pais dele(a)'
{i=}	juhija-mepe cílio-CLF.amontoado 'sobrancelha'	Wayeru i=juhija-mepe- tipe Wayeru 2SG=cílio-CLF.amontoado-PL 'sobrancelhas da Wayeru'

7.2.1.2.4. Construções com possuidores lexicais de nome inalienável [PSRS.LEX.N.INAL] e de nomes inalienáveis [PSRS.LEX.NS.INAL]

O quarto e último tipo de construção de posse atributiva envolvendo nomes inalienáveis é aquela em que há mais de um possuidor lexical na construção. Neste caso, além do proclítico indicativo de terceira pessoa {i=}, que vimos ocorrer acima com um único possuidor, também ocorrerá o sufixo -pa, responsável por indicar o plural de terceira pessoa. Como são dois possuidores, é necessário assinalar o caráter plural desses possuidores (“eles”), razão pela qual o sufixo {-pa} é utilizado:

(21) 3: [PSRS.LEX **i**=N.INAL-**pa**]:

{i=}	hi-jã seio-CLF.líquido 'leite materno (de alguém)'	jamuku=nau i=hi-jã-pa crianças=PL 3=seio-CLF.líquido-PL.3 'leite das crianças'
{i=}	heju saliva 'saliva (de alguém)'	Paulo Waxamani i=heju-pa Paulo Waxamani 3=saliva-PL.3 'cuspe do Paulo e do Waxamani'
{i=}	papa pai 'pai (de alguém)'	Paulo Waxamani i=niz̩i-pa Paulo Waxamani 3=pai-PL.3 'pai do Paulo e do Waxamani'

Note que, nestes casos, em que há mais de um possuidor, o nome inalienável é marcado tanto pelo proclítico pronominal de terceira pessoa, quanto pelo sufixo pluralizador de terceira pessoa, cuja função é indicar que os itens inalienáveis são possuídos por mais de um possuidor.

Quando mais de um item é possuído por mais de um possuidor lexical, a construção acima se mantém, mas se acrescenta a marcação de plural (humano ou não-humano) antes do morfema de plural de terceira pessoa:

(22) 3: [PSRS.LEX **i**=NS.INAL-**tipe/nau-pa**]:

{i=}	tewe-i dente-NPOSS 'dente (de alguém)'	Paulo Waxamani i=tewe-tipe-pa Paulo Waxamani 3=dente-PL-PL.3 'dentes do Paulo e do Waxamani'
{i=}	papa pai 'pai (de alguém)'	Paulo Waxamani i=niz̩i=nau-pa Paulo Waxamani 3=pai=PL-PL.3 'pais do Paulo e do Waxamani'

7.2.2. Construções com nomes alienáveis

Os nomes alienáveis são aqueles não obrigatoriamente possuídos. Em geral, essa propriedade é reconhecida pelo fato de que tais nomes, quando não possuídos, não apresentam qualquer marca e, quando possuídos, exibem um sufixo caracterizador de posse. Em Mehináku, esse sufixo é representado por {-la} e seus alomorfes {-la ~ -le ~ -ra ~ -şa}. Também é possível, segundo Corbera Mori (2011), que esse tipo de posse seja

marcado por alomorfes condicionados lexicalmente, como por exemplo pela mudança da vogal oral para vogal nasalizada ($V > \tilde{V}$), de vogal átona para vogal tônica ($V > 'V$), além da presença de um morfema $\{\emptyset\}$. A exemplo do que fiz com os nomes inalienáveis, apresento a seguir os oito tipos de construção de posse atributiva com nomes alienáveis em Mehináku. A tabela abaixo resume o comportamento dos formativos morfológicos anexados a nomes alienáveis em Mehináku:

	Alienável	Pronominal		uku 'flecha'			
1	PSR.PRON.N.AL	nu=	-		-	-la	-
2	PSR.PRON.NS.AL	nu=	-		-tipe/-taku	-la	
3	PSRS.PRON.N.AL	i=	-		-	-la	-pa
4	PSRS.PRON.NS.AL	i=	-		-tipe/-taku	-la	-pa
		Lexical					
5	PSR.LEX.N.AL	Paulo	i=		-	-la	-
6	PSR.LEX.NS.AL	Paulo	i=		-tipe/-taku	-la	
7	PSRS.LEX.N.AL	Paulo e Etsiri	i=		-	-la	-pa
8	PSRS.LEX.NS.AL	Paulo e Etsiri	i=	-tipe/-taku	-la	-pa	

Tabela 42. Construções de posse atributiva com nomes alienáveis

7.2.2.1. Construções com possuidor pronominal de nome alienável [PSR.PRON.N.AL] e de nomes alienáveis [PSR.PRON.NS.AL]

Um nome alienável, quando numa construção de posse atributiva com um único possuidor pronominal, receberá dois formativos: um proclítico pessoal, responsável por indicar o possuidor, e um sufixo possessivo, responsável por caracterizar a posse alienável. Da mesma forma que ocorre com os nomes inalienáveis, há distinção na posse alienável em relação à terceira pessoa, que apresento em seção separada.

(23) 1SG: [nu=N.AL-la]:

{n=} uku
flecha
'flecha'

n=uku-la
1SG=flecha-POSS
'minha flecha'

{n=} iṣuhi
anzol
'anzol'

n=iṣuhi-ṣa
1SG=anzol-POSS
'meu anzol'

(24) 2SG: [**pi=N.AL-la**]:

{p=}	aruwi arroz 'arroz'	p=aruwi-ra 2SG=arroz-POSS 'teu arroz'
{p=}	ajupe algodão 'algodão'	p=ajupe-le 2SG=algodão-POSS 'meu algodão'

(25) 1PL: [**a=N.AL-la**]:

{a=}	wapalakumã abacaxi 'abacaxi'	a=wapalakumã-la 1PL=abacaxi-POSS 'nosso abacaxi'
{e=}	ketula mangaba 'mangaba'	e=ketula-la 1PL=mangaba-POSS 'nossa mangaba'

(26) 2PL: [**ji=N.AL-la**]:

{ji=}	tuwapi esteira 'esteira'	ji=tsuwapi-ra 2PL=esteira-POSS 'esteira de vocês'
{ji=}	kamalupi panela de barro 'panela de barro (nova)'	ji=kamalupi-la 2PL=panela.de.barro-POSS 'panela de barro de vocês'

(27) 3: [**i=N.AL-la**]:

{i=}	teme anta 'anta'	i=teme-le 3=anta-POSS 'anta dele(a)'
{i=}	nukai panela de barro 'panela de barro (usada)'	i=nukai-ra 3=panela.de.barro 'panela de barro dele'

Em construções em que há mais de um item alienável sendo possuído por um único possuidor, acrescenta-se o sufixo de plural depois do nome. No caso dos nomes alienáveis, não há a distinção entre os morfemas de plural de acordo com a animacidade do referente, uma vez que referentes animados possuídos são sempre inalienáveis. Aos

nomes alienáveis serão anexados os morfemas de plural de inanimados *-tipe* ou de coletivo, como *=taku*

(28) 1SG: [**nu=N.AL-tipe/taku-la**]:

{n=}	uku flecha 'flecha'	n=uku-tipe-la 1SG=flecha-PL-POSS 'minhas flechas'
{n=}	akãĩ pequi 'pequi'	n=akãĩ=taku-la 1SG=pequi=COL-POSS 'minha plantação de pequi'

7.2.2.2. Construções com possuidores pronominais de nome alienável [PSRS.PRON.N.AL] e de nomes alienáveis [PSRS.PRON.NS.AL]

Quando há mais de um possuidor de um único nome alienável, este item recebe, além do proclítico pessoal indicativo do possuidor, também os sufixos indicadores de posse e de plural de terceira pessoa:

(29) 3: [**i=N.AL-la-pa**]:

{i=}	kamalupi panela de barro 'panela de barro (nova)'	i=kamalupi-la-pa 3=panela.de.barro-POSS-PL.3 'panela de barro deles(as)'
{i=}	nukãĩ panela de barro 'panela de barro (usada)'	i=nukãĩ-la-pa 3=panela.de.barro-POSS-PL.3 'panela de barro deles(as)'

Em construções com mais de um item sendo possuído por mais de um possuidor, acrescenta-se, além dos sufixos acima, também o de plural:

(30) 3: [**i=N.AL-tipe/=taku-la-pa**]:

{i=}	uku flecha 'flecha'	in=uku-tipe-la-pa 3=panela.de.barro-PL-POSS-PL.3 'flechas deles(as)'
------	---------------------------	---

{i=}	nukãi panela de barro 'panela de barro (usada)'	i=nukãi-tipe-la-pa 3PL=panela.de.barro-PL-POSS-PL.3 'panelas de barro deles(as)'
{i=}	akãi pequi 'pequi'	in=akãi=taku-la-pa 1SG=pequi=COL-POSS-PL.3 'as plantações de pequi deles'

7.2.2.3. Construções com possuidor lexical de nome alienável [PSR.LEX.N.AL] e de nomes alienáveis [PSR.LEX.NS.AL]

O terceiro tipo de construção de posse atributiva com nomes alienáveis é aquele que envolve um único possuidor lexical de um único item. O que ocorre, neste tipo de construção, é o mesmo que ocorre com os nomes inalienáveis, com a diferença de que, para os nomes alienáveis, será preciso adicionar o marcador caracterizador de posse. Sendo assim, neste tipo de construção há a coocorrência do possuidor lexical e do possuidor pronominal, mais o sufixo {-la} ao final do nome possuído. O possuidor pronominal utilizado para reafirmar a presença do possuidor lexical é aquele representado pelo formativo de terceira pessoa {i=}, conforme exemplos:

(31) 3: [PSR.LEX i=N.AL-la]:

{in=}	uku flecha 'flecha'	Etsiri Etsiri 'flecha do Etsiri'	in=uku-la 3=flecha-POSS
{i=}	tuwapi esteira 'esteira'	Tukuyari Tukuyari 'esteira do Tukuyari'	i=tuwapi-ra 3=esteira-POSS

Em construções com mais de um nome possuído por um único possuidor lexical, adiciona-se ainda o morfema de plural ou coletivo

(32) 3: [PSR.LEX i=N.AL-tipe/=taku-la]:

{in=}	uku flecha 'flecha'	Etsiri Etsiri 'flechas do Etsiri'	i=uku-tipe-la 3=flecha-PL-POSS
-------	---------------------------	---	--

{i=}	heṣeti amendoim 'amendoim'	Mapi Mapi	i=heṣeti=taku-la 3=amendoim=COL-POSS 'as roças de amendoim do Mapi'
------	----------------------------------	--------------	--

7.2.2.4. Construções com possuidores lexicais de nomes alienável [PSRS.LEX.N.AL] e de nomes alienáveis [PSRS.LEX.NS.AL]

Quando há mais de um possuidor lexical para um único item na construção possessiva, além do prefixo indicativo de terceira pessoa {i=} que vimos ocorrer acima com um único possuidor, também ocorrerão o sufixo {-la}, indicativo de posse alienável, e o sufixo {-pa}, responsável por indicar o plural de terceira pessoa:

(33) [PSR.LEX i=N.AL-la-pa]:

{in=}	uku flecha 'flecha'	Etsiri Etsiri	Paulo Paulo	in=uku-la-pa 3=flecha-POSS-PL.3 'flecha do Etsiri e do Paulo'
{i=}	tuwapi esteira 'esteira'	Tukuyari Tukuyari	Yahati Yahati	i=tuapi-ra-pa 3=esteira-POSS-PL.3 'esteira do Tukuyari e do Yahati'

Quando há mais de um item sendo possuído por mais de um possuidor, acrescenta-se, depois do nome possuído, o morfema de plural correspondente:

(34) [PSRS.LEX i=N.AL-tipe/=taku-la-pa]:

{in=}	uku flecha 'flecha'	Etsiri Etsiri	Paulo Paulo	i=uku-tipe-la-pa 3=flecha-PL-POSS-PL.3 'flechas do Etsiri e do Paulo'
{i=}	heṣeti amendoim 'amendoim'	Mapi Mapi	Etsiri Etsiri	i=heṣeti=taku-la-pa 3=amendoim=COL-POSS.PL.3 'as roças de amendoim do Mapi e do Etsiri'

7.2.3. Nomes não-possuíveis

Os nomes não possuíveis não recebem nenhum tipo de formativo gramatical de posse, e incluem nomes próprios de pessoas (Atapulu, Waxamani, Wayeru, Tukuyari, Yawakumalu), de lugares (Campinas, Utawana, Kaupūna, Aturua), nomes de astros celestes (kami ‘sol’; keşi ‘lua’, kaluti ‘estrela’) e de entidades divinas (Kuwamuti, Atuşua). Alguns desses nomes só podem ser possuídos em contextos puramente pragmáticos, como quando se desenha o sol em um desenho escolar, conforme nu=kami 1SG=sol ‘meu sol (meu desenho do sol)’.

7.2.4. Atributivo

Além das formas apresentadas acima, é possível marcar posse em Mehináku a partir da adjunção do prefixo atributivo {ka=} (ou {k-=}) antes de temas iniciados por vogais) ao nome. Em geral, aparece associado a termos de parentesco (35)-(38), mas há contextos em que pode funcionar anexado a outros nomes (39)-(40). Aikhenvald (1999, 2002) argumenta que ka= é um dos morfemas mais estáveis entre as línguas Arawak.

- (35) nu=**ka**=nu=pai
1sg=ATR=mulher=IPFV
‘eu tenho esposa’
- (36) nu=**ke**=me=pei
1sg=ATR=marido=IPFV
‘eu tenho marido’
- (37) nu=**ka**=tai=tai=pei
1SG=ATR=filho=DIM=IPFV
‘eu tenho um filhinho’

- (38) Eté tsitsa-ta mija=wa nu=k=iju=wa
 INTERJ semelhante-CAUS POT=PFV 1SG=ATR-esposa=PFV
 Kata=wa=hã p=uma=pai i=piri=ku
 DEM=PFV=ENF 2SG=dizer=IPFV 3=BEN=DECL
 une natu=wi=ku=hã itfuna natu=wi=ku=hã
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF timbó 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, eu queria ter uma esposa igualzinha (bonita como o timbó),
 Você disse.
 Sou aquela,
 eu sou o timbó (disse o timbó transformado em mulher a ele)’ (Itxuna)
- (39) aitsa k=ulege=pei nu=pina=naku=pai
 NEG ATR=comida=IPFV 1SG=casa=dentro=IPFV
 ‘não tem comida em casa’
- (40) şa jamuku-hi aitsa ka=nupina=pai=hã
 DEM criança-MASC NEG ATR=nome=IPFV=ENF
 ‘aquele menino não tem nome’ (CORBERA MORI, 2019, p. 1302)

7.3. Gênero

Outro aspecto que envolve a morfologia dos nomes em Mehináku é a categorização de gênero, que estratifica o léxico da língua em duas categorias: a dos nomes com traços [+animado, +humano] e a dos nomes com traços [+animado, -humano]. Segundo Corbett (2007), a atribuição de gênero depende de dois tipos de informações: semântica e formal. Do ponto de vista semântico, a distinção que se assinala, seja com nomes com traços [+animado, +humano] ou [+animado, -humano] em Mehináku, é a de oposição entre masculino e feminino. Do ponto de vista morfológico, por sua vez, os nomes recebem sufixos indicativos de gênero. A tabela abaixo resume essas informações:

	Masculino	Feminino
[+animado, +humano]	{-hi}	{-tu}
	-	{-lu}
		{-neşu}
[+animado, -humano]	/e'nişa/	/ti'neşu/

Tabela 43. Gênero

A língua apresenta três formativos distintos para indicar gênero feminino e apenas um para indicar gênero masculino, em construções com nomes [+animado, +humano].

Neste caso, note que o feminino é o gênero marcado nesta língua, uma vez que somente um pequeno grupo de nomes porta um morfema indicativo de masculino. Não há formativos morfológicos quando se quer assinalar o gênero de nomes [+animado, -humano], uma vez que, neste caso, usa-se os itens lexicais /eniṣa/ e /tineṣu/.

7.3.1. Nomes [+animado, +humano]

Como mencionei acima, o feminino é o gênero marcado dentro da categoria dos nomes com traços [+animado, +humano]. Há apenas um conjunto de nomes, que denomino grupo das funções, que porta morfema indicativo de masculino, em oposição à marcação de feminino. A fim de diferenciar esses nomes dos demais, opto por dividir os nomes em grupos: (i) o grupo das “funções” e (ii) o grupo dos “atributos”. Por funções, entendo os nomes que designam aqueles papéis sociais definidos dentro da aldeia, que são desempenhados por um ente específico, que ocupa um lugar fixo e social dentro da comunidade. Por atributos, por sua vez, entendo aqueles nomes que designam características das entidades, ou que assinalam o estado dessas entidades.

Os nomes pertencentes ao grupo das funções referem-se aos nomes indicativos de profissões, como cantor, lutador, pintor, rezador, raizeiro, e receberão dois formativos: os sufixos {-hi} ‘masculino’ e {-tu} ‘feminino’ (41)-(42). Este grupo é único para o qual se atesta duas formas gramaticalmente distintas para gênero em Mehináku, uma vez que os demais nomes serão marcados apenas para o feminino.

(41)

eṣeke-ki-jeke- hi rezar-NMLZ-grande/dono-MASC ‘rezador’ Lit.: dono da reza	eṣeke-ki-jeke- tu rezar-NMLZ-dono-FEM ‘rezadora’ Lit.: dona da reza
apai-jeke- hi canto-grande/dono-MASC ‘cantor’ Lit.: dono do canto	apai-jeke- tu canto-dono-FEM ‘cantora’ Lit.: dona do canto
ata-tapa-weke- hi árvore-CLF.volumoso-dono-MASC ‘raizeiro’ Lit.: dono da raiz	ata-tapa-weke- tu árvore-CLF.volumoso-dono-FEM ‘raizeira’ Lit.: dona da raiz

janai-jeke- hi pintura-grande/dono-MASC 'pintor' Lit.: dono da pintura	janai-jeke- tu pintura-dona-FEM 'pintora' Lit.: dona da pintura
kapi-jeke- hi luta-grande/dono-MASC 'lutador' Lit.: dono da luta	kapi-jeke- tu luta-dono-FEM 'lutadora' Lit.: dona da luta

- (42) pá pişi i=muta=wi=ku=hã,
INTERJ pai 3=levar=REP=DECL=ENF

wenekuta=wi=ku=hã
centro.da.aldeia= REP=DECL=ENF

atukuta apai-jeke-**hi**=ku=hã
3.chamar canto-dono/grande-MASC=DECL=ENF
'então o pai dela levou (ela) no centro da aldeia e chamou o cantor'
(Kukühü)

Os demais nomes em Mehináku são apenas marcados morfologicamente para o feminino, quando atribuídos. Esses nomes, que defino como parte do grupo dos atributos, podem ser divididos em dois subgrupos, a depender da marcação morfológica que portam. O primeiro subgrupo é aquele dos nomes que marcam o feminino por meio de {-neşu}, forma derivada da palavra para mulher *tmeşu*, e engloba nomes indicativos de papéis sociais da cultura Mehináku ou de fora dela, como ser Mehináku, ser não-indígena, ser homem ou ser mulher (43)-(44). Alguns nomes não marcados morfologicamente referem-se tanto ao masculino quanto ao genérico, como *kaşaipa* 'não-indígena' e *imiehínaku* 'mehináku' que podem referir-se tanto a um homem não-indígena ou mehináku, quanto aos não-indígenas em geral ou ao povo Mehináku como um todo.

- (43)

enişa homem/macho 'homem'	ti- neşu base-FEM 'mulher'
kaşaipa não-indígena 'não-indígena'	kaşaipa- neşu não-indígena-FEM 'não.indígena (branca)'

amunau cacique 'cacique'	amulu- neşu cacica-FEM 'cacica'
imiehinaku Mehináku 'Mehináku'	imiehinaku- neşu Mehináku-FEM 'mulher Mehináku'

- (44) pi=tse-**neşu**-la=nau k=ija e-kemeju-ta=pai natu=kani
 2SG=mulher-POSS=PL ATR=ir VBLZ-nojo-CAUS=IPFV 1SG=COM
 'Mulherada da sua aldeia tem nojo de mim' (Alapü)

O segundo subgrupo sobre o qual recai apenas a marcação de feminino refere-se aos nomes indicativos de parentesco (primo, prima, filho, filha, sogro, sogra), estágios da vida (como infância, juventude, velhice), estados civis (viúvo, viúva, casado, casada), estados sociais (trabalhador) etc., nomes próprios. Nestes nomes recebem o morfema {-lu} ou seus alomorfes {-lulu, ~ -şu} 'feminino'. Exemplos:

- (45)
- | | |
|---|--|
| jamuku-tipa
jovem-CLF.idade
'jovem' | jamuku-tipa- lu
jovem-CLF.idade-FEM
'jovem' |
| ni=pişu
1SG=namorado
'meu namorado' | ni=pişu- lu
1SG=namorado-FEM
'minha namorada' |
| kanukija
casado
'casado' | kanukija- lu
casado-FEM
'casada' |
| nu=tanule
1SG=primo
'meu primo' | nu=tanule- şu
1SG=primo-FEM
'minha prima' |
| n=utai
1SG=filho
'meu filho' | n=itsu-pa- lu
1SG=filha-EST-FEM
'minha filha' |
| heritfa
idoso
'idoso' | aripi-tsipa- lu
idosa-CLF.idade-FEM
'idosa' |

jawakuma	jawakuma- lu
jawakuma	jawakuma-FEM
‘Yawakuma’	‘Yawakumalu’
(nome próprio)	(nome próprio)

- (46)

umati- şu	u=tuluma-la=ku,	tsitsatsai	u=me-me=ku,
sogro-FEM	3=rede-POSS=DECL	igual	3=marido-REDP=DECL
- umati kişi u=tuluma-la
sogro facção 3=rede-POSS
‘a rede da sogra dela, a mesma coisa com a rede do marido dela e a rede do sogro dela (estavam rasgadas)’ (Xepeku)
- (47)

numa	kutsa	p=ejewu= lu	i=piri=ku=ha
dizer	EVID.IND	2SG=cunhada=FEM	3=BEN=DECL=ENF
- makula=tai, makula=tai
Panela.de.barro=DIM panela.de.barro=DIM
- tsi-tsa pipiku kata=hã
POT-REST redondo DEM=ENF
‘diz que falou para a sua cunhada: (pega) a panelinha de barro, a panelinha de barro, aquela bem redondinha’ (Alapü)

Alguns nomes em Mehináku tem formas irregulares distintas, como é o caso de *enişa* ‘homem’ e *tineşu* ‘mulher’; *tai* ‘filho’ e *itsu* ‘filha’; *heritfa* ‘velho’ e *aripi* ‘velha’

7.3.2. Nomes [+animado, -humano]

A marcação de gênero com nomes que portam os traços [+animado, -humano], como animais, por exemplo, não é feita por meio de sufixos. O que ocorre, na língua, é o acréscimo dos termos bases da definição/classificação ‘homem’ e ‘mulher’ ou ‘macho’ e ‘fêmea’, a depender do contexto, à construção indicativa de gênero. O termo usado na língua para indicar indivíduos do sexo masculino é /enişa/ e para indicar indivíduos do sexo feminino, é /tineşu/:

- (48)

araukuma	enişa	araukuma	tineşu
galinha	homem	galinha	mulher
‘galo’		‘galinha’	

janumaka Onça 'onça macho'	enişa homem	janumaka onça 'onça fêmea'	tineşu mulher
itfehi capivara 'capivara macho'	enişa homem	itfehi capivara 'capivara fêmea'	tineşu mulher
awajulu raposa 'raposa macho'	enişa homem	awajulu raposa 'raposa fêmea'	tineşu mulher

7.4. Grau

De acordo com Rocha (1998), os morfemas de grau podem ser de três tipos: (i) subjetivos, quando expressam a subjetividade do falante, e não a afetividade em relação a um determinado referente; (ii) valorativos, quando possuem a finalidade de manifestar um julgamento de valor em relação a um dado referente; e (iii) dimensionais, quando expressam noção de diminuição e aumento de determinado referente. Em Mehináku, os nomes podem ser flexionados para o diminutivo, para o aumentativo e para o excessivo, e os morfemas de grau utilizados em cada uma dessas formas têm caráter tanto dimensional quanto valorativo. A tabela abaixo resume os formativos indicativos de grau em Mehináku:

	Diminutivo	Aumentativo	Excessivo
Dimensional	=tai	-au/weke	-au
Valorativo		-au	

Tabela 44. Grau

7.4.1. Diminutivo

O diminutivo é assinalado em Mehináku pela sufixação do morfema {=tai} e seus alomorfes {=tsai ~ =tei} ao nome a ser modificado. Esse formativo, que provavelmente deriva do nome /tai/ 'filho', não muda a categoria gramatical do nome, somente sua informação semântica, e pode ocorrer tanto com nomes que denotam seres animados, quanto inanimados, humanos ou não humanos. Vejamos:

(49)

enişa	enişa= tai
homem	homem=DIM
‘homem’	‘homenzinho’
teme	teme= tei
anta	anta=DIM
‘anta’	‘antinha (filhote de anta)’
şepi	şepi= tsai
banco	banco=DIM
‘banco’	‘banquinho’
etene	etene= tei
remo	remo=DIM
‘remo’	‘reminho’
n=itsu-pa-lu	n=itsupa-lu= tai
1SG=filha-EST-FEM	1SG=filha-FEM=DIM
‘minha filha’	‘minha filhinha’

(50) numa kutsa p=eyeu=lu i=piri=ku=ha
 3.falar EVID.IND 2SG=cunhada=FEM 3=BEN=DECL=ENF

Makula=**tai**, makula=**tai**
 Panela.de.barro=DIM panela.de.barro=DIM

tsi-tsa pipiku kata=hã
 POT-REST redondo DEM=ENF
 ‘diz que ela falou para a sua cunhada:
 (pega) a panelinha de barro, a panelinha de barro,
 aquela bem redondinha’ (Alapü)

(51) Kupati=**tai** halapijuka=wi=ku=hã
 Peixe=DIM pulando=REP=DECL=ENF

şa=nai kupati=**tai** şa=nai kupati=**tai**
 DEM=LOC peixe=DIM DEM=LOC peixe=DIM
 ‘Os peixinhos ficaram pulando (na água).
 Aqueles peixinhos lá, aqueles peixinhos lá’ (Itxuna)

Como a origem do formativo {=tai} é provavelmente o nome {tai} ‘filho’, conforme mencionei anteriormente, esse morfema além de indicar diminutivo também tem função valorativa, no sentido de que pode expressar afetividade quando associado aos nomes. É o caso, por exemplo, de /nu=tai=tai/ 1SG=filho=DIM ‘meu filhinho’ ou

/n=itsu-pa-lu=tai/ 1SG=filha-EST-FEM=DIM ‘minha filhinha’, que podem ser usados para referir-se de forma afetiva a crianças.

7.4.2. Aumentativo

Há duas formas para se expressar o aumentativo dimensional em Mehináku: sintaticamente, através da justaposição da palavra verbal em função de adjetivo /weke/ ao nome (52)-(54), ou morfologicamente, por intermédio do prefixo {au-} (CORBERA MORI, 2011, p. 204) (55):

(52)

tipa
pedra
‘pedra’

tipa **weke**
pedra ser.grande
‘pedra grande’

pai
casa
‘casa’

pai **weke**
casa ser.grande
‘casa grande’

kupati
peixe
‘peixe’

kupati **weke**
peixe ser.grande
‘peixe grande’

makula
panela
‘panela’

makula **weke**
panela ser.grande
‘panela grande’

(53) mama tuma=pai makula **weke-tipe**
mãe fazer=IPFV panela.de.barro ser.grande-PL
‘a mãe está fazendo grandes panelas de barro’

- (54) i=natsi=ku, i=nupa=la kutsa kene kali=ku
 3=depois=DECL 3=ver=FUT EVID.IND DEM DUB=DECL
- ala-pi
 aguapé-CLF.grande/redondo
- Ala-pi u=pana **weke** hawi
 Aguapé-CLF.grande/redondo 3=CLF.foliforme ser.grande ?
- Eté awitsi-ri
 INTERJ ser.bonito-VBLZ
 ‘Depois, diz-se que ele viu aquele aguapé,
 a folha grande do aguapé,
 bem bonita!’ (Alapü)

- (55)
- | | |
|---------------------------------------|--|
| tiwi
cabeça.NPOSS
‘cabeça’ | au-tiwi
AUM-cabeça
‘cabeça grande’ |
| kiri
nariz.NPOSS
‘nariz’ | au-kiri
AUM-nariz
‘nariz grande’ |
| kana-ti
boca-CLF.semente
‘boca’ | au-kana-ti
AUM-boca-CLF.semente
‘boca grande’ |
| tului
orelha.NPOSS
‘orelha’ | au-tulu
AUM-orelha
‘orelha grande’ |

Não encontrei em meu corpus exemplos em que /weke/ estivesse sendo usado no sentido valorativo. O prefixo {au-}, contudo, além de expressar ideia de aumento, pode também ser usado em outros contextos, tanto com valor dimensional (excessivo) quanto valorativo (metafórico). Apresento, na seção seguinte, esses dois outros sentidos desse morfema.

7.4.3. Excessivo

Conforme disse na seção anterior, o formativo {au-} pode indicar, além de aumentativo, também excesso de algo. Essa outra função dimensional deste morfema foi percebida durante a elicitacão de dados, em que os falantes traduziam as formas em que

este morfema aparecia ora como aumentativas, ora como excessivas. Para testar o sentido excessivo do prefixo, primeiramente elaborei um teste com imagens que mostravam objetos grandes e objetos em excesso, mas os falantes não pareceram reconhecer o uso de {au-} com objetos. Em todos os casos, quando se desejava determinar excesso de objetos, utiliza-se quantificadores como /amunuja/ ‘muitos’.

Percebi, então, que o prefixo {au-} com valor de excessivo está restrito a nomes para partes do corpo (56), ou a nomes associados a essas partes (57)-(58). Por exemplo, em uma das ocasiões, mencionei a frase *au-tiwi* ‘cabeça grande’ a um dos falantes e pedi para que ele traduzisse o que entendia por essa frase. Segundo ele, uma frase como esta poderia ser traduzida como ‘cabeção’. Indaguei, então, se o significado dessa expressão seria o mesmo da expressão *tiwi weke* ‘cabeça grande’, em que usamos a palavra adjetiva. O falante, então, informou-me que não, porque, no caso referido por ele, *au-tiwi* indicaria uma ‘cabeça muito grande’.

A diferença entre *au-* e *weke* fica mais evidente quando se toma exemplos como *juhijai* ‘cílio’. Ao adicionar-se o morfema de excessivo a ela, como em *au-juhijai*, a palavra passa não a identificar um ‘cílio grande’, mas um cílio ‘muito volumoso, em excesso’. Percebe-se, portanto, que o morfema, de fato, pode indicar além de aumento, também quantidades em excesso. Exemplos parecidos foram-me dados pelos falantes para outros casos, como exponho abaixo. Por esta razão, além de tratar este morfema como indicativo de aumentativo na língua, também irei tratá-lo como morfema excessivo, embora em ambos os casos trate-se de um forma dimensional:

(56)

tiwi cabeça.NPOSS ‘cabeça’	au-tiwi EXC-cabeça ‘cabeçudo (em excesso)’
kiri nariz.NPOSS ‘nariz’	au-kiri EXC-nariz ‘narigudo (em excesso)’
juhija-i cílio-NPOSS ‘cílio’	au-juhija EXC-cílio ‘muitos cílios’
nei língua.NPOSS ‘língua (órgão)’	au-nei-pi EXC-língua-CLF.linear ‘língua comprida’

- | | | |
|--|-------------------------------------|---|
| | tiwi-kahi
cabeça-COM
'cabelo' | au-tiwi-kahi
EXC-cabeça-COM
'cabeludo' |
|--|-------------------------------------|---|
- (57) **awn-ejuka-hi=ku!** Tsiririririri. Eku=wi
EXC-urinar-?=DECL (som da urina) Pronto=REP
- ija i=nai=ku, n=uma=wi=ku.
ir 3=LOC=DECL 1SG=dizer=REP=DECL
- eške-ne itsei=ku. Eku=wi=ku
Acender-PONT fogo=DECL Pronto=REP=DECL
- patakatawü itsei penu=itse=ku
Colocou fogo em.cima=LOC=DECL
'(ela) urinou um monte! Tsiririririri (som da urina). Pronto! (então ela) foi lá, disse ela, acendeu o fogo e colocou (a urina) em cima do fogo' (Alapü)
- (58) **aun-akawi=ku.** Puxu, puxu, puxu, puxu, puxu!
EXC-defecou=DECL (som do cocô saindo)
- işi=nai=tse=pei kene! ihitaha! ihitaha!
DEM=LOC=?=IPFV DEM Sal! Sal!
- işi=nai=tse=pei=wi=ku
DEM=LOC=?=IPFV=REP=DECL
'Defecou. Puxu, puxu, puxu, puxu, puxu (som do cocô saindo). Desse tamanho (mostrando com a mão o tamanho do cocô). Sal puro! Desse tamanho (mostrando com a mão o tamanho do cocô)' (Alapü).

Repare, sobretudo pelos exemplos em (57) e (58) acima, que o formativo {au-} é usado para assinalar características em excesso de nomes associados a partes do corpo. Se tomarmos as palavras *awnejuka* 'urina em excesso' e *aunakawi* 'fezes em excesso' como exemplos, veremos que não se trata de somente identificar o tamanho desses nomes, em uma relação de aumentativo, mas também determinar o excesso que é próprio desses nomes em situações de uso como essas. O primeiro caso não significa apenas 'urina grande', porque este uso pareceria inclusive estranho, nem 'fezes grandes', mas remete ao fato de que se urinou em excesso e se defecou em excesso. No caso do exemplo em (58), por exemplo, a própria noção de excesso é dada pela construção *işınaitsepei*, que remete ao tamanho excessivo das fezes da entidade referida pela história.

O morfema {au-} também tem função valorativa, no sentido de que pode ser usado metaforicamente. Vejamos alguns exemplos abaixo, usando as mesmas palavras apresentadas acima:

(59)		
	tiwi	au-tiwi
	cabeça.NPOSS	AUM-cabeça
	‘cabeça’	‘cabeção’
	kanati	au-kanati
	boca.NPOSS	AUM-boca
	‘boca’	‘bocão’
	tulu-i	au-tulu
	Orelha.NPOSS	AUM-orelha
	‘orelha’	‘orelha grande’

Nos exemplos acima, ‘cabeção’ não quer dizer ‘aquele que tem uma cabeça grande’, mas alguém que erra muito, que faz várias coisas erradas. É o mesmo uso semântico que temos, por exemplo, no português. Do mesmo modo, ‘bocão’ não é ‘aquele que tem a boca grande’, mas aquele que, em Mehináku, fala muito alto, que fala alto quando se está fazendo fofocas, ou em situações em que é preciso usar um tom de voz mais baixo. Em ambos os casos, vemos essas palavras figurarem metaforicamente.

7.5. Número

A categoria de número está ligada aos nomes, em Mehináku, pois estes recebem formativos indicativos de plural e coletivo na língua. De acordo com Corbett (2000), o número pode ser tratado como um traço que carrega certos valores. Estes valores, para o autor, têm significados e formas associadas a ele, de modo que a parte principal do significado do singular é referir-se a uma entidade do mundo real, enquanto a do plural é referir-se a mais de uma. Na tabela abaixo, apresento os formativos indicativos de número em Mehináku:

		Traços	Grupo a que se referem
Plural	= <i>nau</i>	[+humano] [+animado]	Seres humanos.
	- <i>tipe</i>	[-humano] [+/-animado]	Animais em geral e alguns objetos muito próximos de seres animados.
Coletivo	- <i>pihi</i>	[-humano] [+animado]	Animais em geral.
	= <i>taku</i>	[-humano] [-animado]	Plantas.

Tabela 45. Número

7.5.1. Plural

Há duas formas, em Mehináku, utilizadas pelos falantes para marcar o plural dos nomes, são elas: o sufixo =*nau* {~ =*neu* ~ =*nau*} e o sufixo -*tipe*. O singular não é marcado morfologicamente. O sufixo =*nau* é utilizado para marcar o plural de entidades com os traços [+humano] [+animado]³, ou seja, os seres humanos, conforme é possível ver abaixo:

(60)

nu=tai 1SG=filho 'meu filho'	nu=tai= nau 1SG=filho=PL 'meus filhos'
n=itsa-pa-lu 1SG=filha-EST-FEM 'minha filha'	n=itsa-pa-lu= nau 1SG=filha-EST-FEM=PL 'minhas filhas'
nu=pene 1SG=parente 'meu parente'	nu=pene= neu 1SG=parente=PL 'meus parentes'
tineşu mulher 'mulher'	tineşu= nau mulher=PL 'mulheres'
enişa homem 'homem'	enişa= nau homem=PL 'homens'

³ Estou entendendo o traço [+/-animado] como aquele que se refere ao ser dotado/não dotado de movimento, ou seja, que pode ou não se movimentar de forma dinâmica. As plantas, embora sejam seres vivos, não se movimentam de forma dinâmica como o fazem os animais e seres humanos, motivo pelo qual elas são classificadas como [-animado].

- (61) nu=waitʃati-ta natu=wi=ku,
 1SG=estar.sozinho-CAUS 1SG=REP=DECL

 patuawa=**nau** ta i=kahi=wa
 outras.pessoas=PL tá 3=COM=PFV

 Patuawa ta i=kahi=wa natu jukaki=ku=hã
 outras.pessoa tá 3=COM=PFV 1SG CONJ=DECL=ENF
 ‘eu fiquei sozinho morando com outras pessoas, tá.
 Eu fiquei com outras pessoas, tá’ (Mama itsitxa natuwiku)
- (62) nu=tukaka=**nau** i=tenu=wi=ku=hã
 1SG=irmão.mais.velho=PL 3=COM=REP=DECL=ENF
 ‘eu fiquei com meus irmãos mais velhos’ (Mama itsitxa natuwiku)
- (63) pi=tseneʃu-la=**nau** k=i ja e-keme-ju-ta=pai natu=kani
 2SG=mulher-POSS=PL ATR-ir VBLZ-nojo-?-CAUS=IPFV 1SG=COM
 ‘Mulherada da sua aldeia tem nojo de mim’ (Alapü)
- (64) ije-ne kene pe=jeu-lu=**nau** i=tuluma=li=ku
 3.ir-PONT DEM 2SG=cunhada-FEM=PL 3=rede=CONT=DECL

 Kene=neu! Mamale-ne=ku=ha
 DEM=PL todas-?=DECL=ENF
 ‘ela foi até a rede das cunhadas.
 Aquelas! (Ela pegou)’ (Alapü)

O sufixo {-*tipe*}, por seu turno, é utilizado para marcar o plural de entidades com os traços [-humano] [+/-animado], ou seja, os animais em geral e alguns objetos que, embora [-animado], são muito próximos de seres humanos, que são [+animado] por natureza, motivo pelo qual acredito que eles recebam esse sufixo:

- (65)
- | | |
|-----------|-----------------------|
| itsa | itsa- tipe |
| canoa | canoa-PL |
| ‘canoa’ | ‘canoas’ |
|
 | |
| watana | watana- tipe |
| flauta | flauta-PL |
| ‘flauta’ | ‘flautas’ |
|
 | |
| araukuma | araukuma- tipe |
| galinha | galinha-PL |
| ‘galinha’ | ‘galinhas’ |

kupati	kupati- tipe
peixe	peixe-PL
‘peixe’	‘peixes’

7.5.2. Coletivo

Há também, em Mehináku, morfemas gramaticais utilizados para marcar coletivos, cuja função é assinalar que determinadas entidades do mundo podem ser reunidas em conjuntos maiores de entidades com as mesmas características. Estes morfemas, que aparecem sob a forma de sufixos anexados aos nomes, são: {-*pihi*} e {-*taku*}. O primeiro recai sobre o grupo com traços [-humano] [+animado], ou seja, os animais em geral. Vejamos:

(66)

autu	autu- pihi
porco do mato	porco.do.mato-COL
‘porco do mato’	‘vara de porcos do mato’
ajama	ajama- pihi
veado grande	veado.grande-COL
‘veado grande’	‘conjunto de veados grandes’
awajulu=kuma	awajulu=kuma- pihi
raposa=CLF.NPROT	raposa=CLF.NPROT-COL
‘cachorro’	‘matilha’
şakalu	şakalu- pihi
papagaio	papagaio-COL
‘papagaio’	‘bando de papagaios’
şukuti	şukuti- pihi
periquito	periquito-COL
‘periquito’	‘bando de periquitos’

O segundo recai sobre aquelas entidades do mundo com os traços [-animado] [-humano], ou seja, as plantas⁴. O sufixo {=*taku*} é um morfema classificador locativo,

⁴ Poderíamos pensar que, classificando as plantas com os traços [-animado] [-humano], não as estaríamos distinguindo dos objetos, por exemplo. De fato, esta seria uma verdade se os objetos recebessem sufixos de coletivo. Como não há coletivo de objetos em Mehináku, optamos por manter esses traços para os coletivos de plantas.

usado para, nesse sentido, assinalar o local onde está reunido o conjunto das unidades, conforme é possível ver a seguir:

(67)

akai	akãai= taku
pequi	pequi=COL
‘pequi’	‘pequizal’
heṣeti	heṣeti= taku
amendoim	amendoim=COL
‘amendoim’	‘amendoinzal’
wapala=kuma	wapala=kuma= taku
abacaxi=CLF.NPROT	abacaxi=CLF.NPROT=COL
‘abacaxi’	‘abacaxizal’

7.5.3. Plural associativo

Segundo Velupillai (2012), o plural associativo significa x e aqueles associados a ele. Em Mehináku, é marcado pelo enclítico =*ma*, o mesmo que funciona nos verbos indicando que o evento é repetido, que costuma se repetir. Tem valor de morfema de modo repetitivo.

- (68) amulu-neṣu atukuta natu, nu=pene=neu=**ma**
 cacica-FEM chamar 1SG 1SG=parente=PL=REPET
- nakai i=u=hã
 festa 3=DAT=ENF
 ‘a cacica chamou meus parentes e eu para a festa’
- (69) epuka panana, ata=tai u=pawa=**ma**
 ingerir banana árvore=DIM 3=outro=REPET
 ‘eu comi banana e outras frutas’
- (70) ipijana-weke=hi u=nuka tineṣu,
 feitiço-dono-MASC 3=matar mulher
- u=pawa putaka=naku i=natsa=wa=**ma**
 3=outro aldeia=dentro 3=depois=PFV=REPET
 ‘o feiticeiro matou a mulher e as outras da aldeia também’

- (71) *şa kaşaipa u=pawa=nau tuwa i=tenu=ma*
 DEM não.indígena 3=outro=PL vir 3=COM=REPET
 putaka=naku=nau=pai=hã
 aldeia=dentro=PL=IPFV=ENF
 ‘aquele branco e outros que vieram com ele estão na aldeia’
- (72) *Etsiri u=pawa=nau=ma u=nuka=wa-pa ipiju*
 Etsiri 3=outro=PL=REPET 3=matar=PFV=PL.3 tracajá
 ‘a Etsiri e os outros que mataram o tracajá’

7.6. Estados de existência

Rodrigues (2001) aponta para a existência de uma série de nomes que podem portar morfemas indicativos de existência, ou seja, formativos cuja função é indicar que um nome existe no mundo, ou que já existiu ou existirá sob determinada condição. Em Mehináku, é possível encontrar três tipos de morfemas indicativos do estado de existência dos nomes, são eles: estado atual, não marcado; estado retrospectivo, marcado por {-wei}; e estado prospectivo, marcado por {-paitfe}.

Estados de Existência		
Atual	Retrospectivo	Prospectivo
-	-wei	-paitfe

Tabela 46. Estados de existência

7.6.1. Atual

O Estado de existência atual, como o próprio nome pressupõe, situa o nome no tempo presente, ou seja, atesta sua existência no momento atual. Em geral, todos os nomes em Mehináku estão situados no estado atual, sendo esse o estado não-marcado, razão pela qual os nomes no estado de existência atual não recebem nenhum morfema. Vejamos:

- (73) *pai*
pai
 ‘casa’
- (74) *hekira-i*
 testa-NPOSS
 ‘testa (de alguém)’

- (75) nu=tai
1SG=filho
'meu filho'
- (76) n=itsu-pa-lu
1SG=filha-EST-FEM
'minha filha'
- (77) n=utanule-şu
1SG=primo-FEM
'minha prima'
- (78) uneune
pessoa
'pessoa'

Awetí (2014) defende que os nomes no estado de existência atual portam um morfema zero {-Ø}, como em /pai-Ø/ pai-ATUAL 'casa'; /n=utanu'le-şu-Ø/ 1SG=primo-FEM-ATUAL 'minha prima'. Estou assumindo, no entanto, que essas palavras são apenas não marcadas morfológicamente para este estado, porque o acréscimo de um morfema zero às palavras no feminino, como por exemplo em /n=utanu'le-şu-Ø/, não desloca o acento para a penúltima sílaba /n=utanule-'şu-Ø/, como era de se esperar, dada a aplicação da regra de acentuação das palavras trissilábicas e polissilábicas em Mehináku.

7.6.2. Retrospectivo

O estado de existência retrospectivo dos nomes indica que determinado elemento já existiu sob determinada condição/estado, mas que não existe mais. Para assinalar este estado acabado, as palavras dessa classe de nomes recebem o sufixo {-wei}. Este morfema pode se realizar como {-jei} antes de palavras terminadas em /i/, como em /pai-jei/ casa-RETR 'ex-casa/antiga casa':

- (79) nu=pina-wei
1SG=casa-RETR
'minha ex-casa'
Lit.: a casa onde eu já morei
- (80) n=umati-şu-wei
1SG=sogra-FEM-RETR
'minha ex-sogra'
Lit.: uma sogra que não é mais minha

- (81) n=iju-**wei**
 1SG=esposa-RETR
 ‘minha ex-esposa’
 Lit.: uma esposa que não é mais minha
- (82) uneune-**wei** hatãne walamã=hã, kapieke-hi wi=ku=hã
 pessoa-RETR ? sucuri=ENF lutador-MASC REP=DECL=ENF
 ‘o homem era sucuri, (por isso chamamos ele de) lutador’ (Walamã)
- (83) Tututututu uitfa-ta kene amake-**wei**=ku=ha,
 (som do fogo queimando) queimar-CAUS DEM rede-RETR=DECL=ENF

 uitfa=wi=ku, mataja-mepe=wi=ku
 queimar=REP=DECL brasa-CLF.amontado=REP=DECL
 ‘(ela) queimou aquelas redes (que eram nossas). Queimou. (Ficaram) em
 brasa’ (Xepeku)

7.6.3. **Prospectivo**

Trata-se do estado de existência que indica que determinado nome ainda estará sob determinada condição/estado. O morfema que projeta a existência futura de um ser em Mehináku é { 'paitfe } ‘PROSP’, conforme é possível ver a seguir:

- (84) pai-**paitfe**
 casa-PROSP
 ‘futura casa’
 (lit.: a casa onde se irá morar)
- (85) nu=pişu-lu-**paitfe**
 1SG=namorado-FEM-PROSP
 ‘minha futura namorada’
 (lit.: mulher conhecida do falante e com quem possivelmente namorará)
- (86) n=iju-**paitfe**
 1SG=esposa-PROSP
 ‘minha futura esposa’
 (lit.: mulher conhecida do falante e com quem possivelmente se casará)

- (87) ulei=ku aitsa-tuwa=mija kukihi ka-ka=waka=wi=ku
 mandioca=DECL NEG-REFL=POT kukihi ATR-ter=EXIST=REP=DECL
 se não existisse o kukühü não existiria roça
- aitsa=mija ulei-**paitje** apuka=wi=ku=hã
 NEG=POT mandioca-PROSP começo=REP=DECL=ENF
 ‘se não existisse o kukihi, não existiria a roça. Se (ele) não existisse, não
 teria mandioca’ (Kukühü)

7.6.4. Combinações de estados de existência

É possível ainda, em Mehináku, encontrar palavras em que há a combinação de morfemas de um estado de existência e de outro. Nesses casos, vemos que o nome recebe marcações morfológicas do estado de existência retrospectivo e também do prospectivo, para indicar uma condição frustrada em relação ao nome afetado:

- (88) nu=pina-**paitje-wei**
 1SG=casa-PROSP-RETR
 ‘a casa que era para ser minha’
 (lit.: a casa em que o falante planejava morar, mas não morou)
- (89) n=iju-**paitje-wei**
 1SG=esposa-PROSP-RETR
 ‘a esposa que era para ser minha’
 (lit.: a mulher com quem o falante planejava se casar, mas não se casou)

Esses dois exemplos foram retirados de uma mesma fala, durante uma conversa informal com um falante da língua. Na ocasião, o falante me contava que iria casar, que já tinha esposa e casa, mas que a esposa ficou doente (e por esta razão muito provavelmente não casou com ela, uma vez que este falante atualmente é casado com outra mulher) e, por isso, não foi possível se casar ou se mudar para a casa do sogro (como eles haviam planejado).

7.7. Privativo *ma-*

Matteson e Taylor (1972, p. 165; 1991, p. 377) constataram que, em muitas línguas Arawak, a noção de privação é expressa morfológicamente. Os autores mencionam que, além dos proclíticos pronominais, que estabelecem a diferença

fundamental entre línguas *nu=* e *ta=* Arawak, os morfemas de atribuição *ka=* e privação *ma-*, são os mais estáveis entre as línguas dessa família. Este parece ser, de fato, o caso do Mehináku, que também apresenta a forma privativa {*ma-*}:

(90)

jajaka fala 'fala'	ma -jajaka PRIV-fala 'mudo'
kitsapai pé 'pé'	ma -kitsapa PRIV-pé 'sem pé'
utitai olho 'olho'	m -utitai PRIV-olho 'privado de ver'
wişikui mão 'mão'	ma -wişikui PRIV-mão 'sem mão'

É importante destacar que os morfemas privativos na língua não têm a função de indicar estados de completa impossibilidade. O que quero dizer é que a função dos privativos é assinalar que determinada entidade está privada de algo, e não que essa entidade está impossibilitada de fazer algo por causa dessa privação. Por exemplo, as palavras *makitsapa* 'sem pé' e *mawşikui* 'sem mão' não querem dizer que as pessoas que não têm pés ou que não têm mãos não possam se locomover, estejam impossibilitadas de andar ou usar as mãos, por exemplo. Elas indicam somente a privação de determinada pessoa. Do mesmo modo, *mutita* 'privado de ver' não significa cego. Esta palavra pode ser usada, por exemplo, para indicar que uma pessoa não está conseguindo ver algo que está a sua frente, algo que era esperado que ela visse. Há palavras na língua para indicar que uma pessoa é cega, como é o caso de *muhijã* 'cego', por exemplo.

7.8. Índice correferencial *pa=*

Há em Mehináku o morfema *pa=*, indicativo de correferencialidade. Trata-se de um prefixo anexado a nomes cuja função é estabelecer uma correlação entre o possuidor e o sujeito da sentença.

- (91) aitʃa-ta=pai pa=witʃa=tenu pa=matuku-ʃi=nau=wi=ku=hã
 comer-CAUS=IPFV RECP=cocô=INS RECP=sogro-MASC=PL=REP=DECL=ENF
 ‘(ela) estava alimentando seus sogros com seu próprio cocô’ (Alapü)
- (92) Ahã i=me ija pa=uku-la i=kahi=ku
 Sim 1SG=marido ir RECP=flecha-POSS 3=COM=DECL
 ‘Sim, meu marido fez a própria flecha’ (Itxuna)

Poder-se-ia pensar que este morfema é, na verdade, o proclítico de terceira pessoa que sofreu algum tipo de harmonia vocálica. No entanto, este não parece ser o caso, tanto porque o processo de harmonia vocálica tende a alçar as vogais, o que não ocorre nos exemplos acima, quanto porque, se fosse o proclítico de segunda pessoa, o morfema precisaria ter perdido a vogal quando anexado à palavra começada por vogal, como em (92). Vemos, entretanto, que não ocorre a queda da vogal do prefixo, indicando que não se trata do proclítico pessoal, mas do morfema de reciprocidade.

7.9. Verbalizadores *-a*; *-hu* e *-ta*

Os morfemas verbalizadores, como sugerem seus próprios nomes, transformam nomes em verbos. Encontrei, em Mehinaku, três possíveis formas de verbalizar nomes: por meio dos prefixos *a-* e *hu-*, e, por intermédio do sufixo *-ta*. O sufixo *-ta* pode ocorrer sozinho anexado ao nome (93)-(95) ou acompanhado do prefixo *a-* (96):

- (93) une-une ija kala eʃuhi-**ta**=wa, eʃuhi-**ta**=ma=wa=hã,
 Pessoa-REDP ir DUB anzol-VBLZ=PFV, anzol-CAUS=REP=PFV=ENF
 ‘O homem foi pescar, pescar de novo’ (Xepeku)
- (94) ija eʃuhi-**ta**=wa, itsau=taku=wa, eʃuhi-**ta**=la
 3.ir anzol-VBLZ=PFV riacho.de.buritizal=LOC=PFV anzol-CAUS=FUT
 ‘ele foi pescar no riacho de buritizal, vai pescando’ (Xepeku)
- (95) ahã une i=me i=uku-**ta**=li=ku
 INTERJ pessoa 3=marido 3=flecha-VBLZ=CONT=DECL
- pa i=mapija=wa kupati=tai=ku=hã amunuja=wi=ku=hã
 INTERJ 3=capturar=PFV peixe=DIM=DECL=ENF muito=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, o marido dela ficou fechando
 Nossa, ele capturou muitos peixinhos’ (Itxuna)

As duas demais formas, como mencionei, são prefixais. O verbalizador *a-* pode ocorrer tanto acompanhado de *-ta* (96), quanto sozinho (97)-(99):

- (96) mujaka=waka=wi=ku a=ija=kuma **ew-eşuhi-ta**
 manhã=EXIST=REP=DECL 1PL=ir=DUB VBLZ-anzol-VBLZ
- n=uma pe=me i=piri=ku=hã
 1SG=dizer 2SG=marido 3=BEN=DECL=ENF
 ‘amanheceu, vamos pescar?’
 disse ela ao marido’ (Xepeku)
- (97) hiritʃi=nau pata **a-jana-tuwa=pai** i=tenu=hã,
 velho=PL somente VBLZ-pintura-REFL=IPFV 3=INS=ENF
- jamuku-ti-pa=nau aitsa=wa=hã
 jovem-CLF.cilíndrico-EST=PL NEG=PFV=ENF
 ‘somente os velhos se pintam com ela (tipo de pintura). Os jovens, não’
 (CORBERA MORI, 2019, p. 1294, *modificado*)
- (98) p=ija pu=muka-ta n=itsu-pa-lu i=kahi
 2SG=ir 2SG=levar-CAUS 1SG=filha-EST-FEM 3=COM
- n=itsu-pa-lu **a-kama=pai=ku=hã**
 1SG=filha-EST-FEM VBLZ=doente=IPFV=DECL=ENF
 ‘você pode olhar minha filha? Minha filha está morrendo’ (Kukühü)
- (99) a=ija kuma kupati=taku **ew-eşuhi-ta?** numa i=piri!
 1PL=ir DUB peixe=LOC VBLZ-anzol-CAUS 3.dizer 3=BEN
- nu=putaka=ja a=ija=la
 1SG=aldeia=LOC 1PL=ir=FUT
 ‘Vamos pescar? Disse ela para ele (o marido).
 Vamos na minha aldeia (lugar onde o homem a encontrou)’ (Alapü)

O prefixo verbalizador *hu-*, por sua vez, é bastante irregular e só ocorre anexado ao nome *amaka* ‘rede’, que passa a significar ‘dormir’:

- (100) şa=hã tineşu **hu-maka** şa=nai=hã
 DEM=ENF mulher VBLZ=rede DEM=LOC=ENF
 ‘aquela mulher dormiu lá’
- (101) tu=nai pi=**hu**-maka=pai
 onde=LOC 2SG=VBLZ-rede=IPFV
 ‘Onde você dorme?’

7.10. **Assertivo -jete**

O morfema *-jete* indica assertividade em Mehináku. Quando anexado a nomes, indica que não há dúvidas quanto a relação entre aquele nome e o nome ao qual se associa. Assim, por exemplo, enquanto *nu=peku* 1SG=amigo ‘meu amigo’ significa amigo em geral, *nu=peku-jete* significa um amigo sob o qual não se tem dúvidas a respeito da amizade, um amigo de longa data, um amigo com o qual se acostumou com a amizade. Embora, de fato, este morfema possa ser tratado também como indicativo de afeto, seu valor está mais ligado à assertividade das relações (97)-(99), expressas através de ações duradouras, costumeiras, sobre as quais não se questiona seu término, do que propriamente à afetividade, e também não se limita às relações interpessoais entre pessoas, como vê-se em (102)-(106):

- (102) *nu=peku=jete*
 1SG=amigo=ASS
 ‘meu amigo’
 Lit.: amigo sob o qual não se tem dúvidas a respeito da amizade, um amigo de longa data, um amigo com o qual se acostumou com a amizade.
- (103) *nu=puşu-lu=jete*
 1SG=namorado-FEM=ASS
 ‘minha namorada’
 Lit.: namorada sob o qual não se tem dúvidas a respeito do amor, uma namorada de longa data.
- (104) *Kata=wi=ku, i=peku=jete atikutali waku=wi=ku=hã.*
 DEM=REP=DECL 3=amigo=ASS chamou rio=REP=DECL=ENF
 ‘Este amigo dele chamou para o rio’ (Walamã)
- (105) *n=uleke=jete*
 1SG=comida=ASS
 ‘minha comida’
 Lit.: comida que se gosta, que se está acostumado a comer sempre.
- (106) *n=itsa=jete*
 1SG=canoa=ASS
 ‘meu carro’
 Lit.: carro que se gosta, que se usa com frequência.

7.11. Classificadores nominais

Van der Voort (2015) afirma que a classificação nominal pode ser feita de formas muito diferentes, seja na morfologia flexional, lexicalmente ou, ainda, por derivação, razão pela qual Allan (1997), segundo o autor, pressupõe que todas as línguas possuam classificadores. Considerando que algumas línguas, como as africanas, podem ter sistemas fechados e altamente gramaticalizados de concordância de gênero, e que outras línguas, como as asiáticas, austronésias e amazônicas, podem apresentar sistemas relativamente abertos de natureza lexical, como termos de medida e classe, ou sistemas mais intermediários, o autor propõe um quadro em que resume a tipologia de sistemas de classificação e sua terminologia envolvida. Esse quadro apresenta uma clina de gramaticalização, como se pode ver abaixo:

Lexical	Intermediário	Gramatical
Termos de Medida Termos de classe	Classificadores numéricos Classificadores sortais Classificadores mensurais Classificadores de nomes Classificadores verbais	Marcadores de gênero Marcadores de classe nominal

Quadro 13. Tipologia de sistemas de classificação nominal (VAN DER VOORT, 2015)

É possível que as línguas apresentem mais de um desses tipos, ou, ainda, que apresentem sistemas mistos ou múltiplos (SEIFART e PAYNE, 2007). Apresento, na seção seguinte, apenas os classificadores do tipo “classificadores nominais”. Em Mehináku, esses classificadores são usados para categorizar um referente nominal e, semanticamente, expressam propriedades dos nomes que modificam, tais como forma, dimensão, consistência, posição, estado. Alguns desses classificadores derivam de partes de plantas (como -ti ‘semente’, e -pana ‘foliforme’) e podem ser usados com nomes que se referem a partes do corpo, objetos, partes de plantas etc. Boa parte dos classificadores tem função derivacional, no sentido de que derivam um nome em outro.

Corbera Mori (2005, 2007, 2011, 2012) havia identificado nove deles, quais sejam: {-tari} ‘esférico redondo’, {-ti} ‘semente, forma cilíndrica’, {-pana} ‘foliforme’, {-pi} ‘linear’, {-ja} ‘líquido’, {-pe} ‘massa’, {-kana} ‘côncavo’, e {-ka} ‘plano’, {-piku} ‘espaço’; e Câmara Cabral *et al* (2014), por seu turno, identificaram outros dois, são eles: {-mepe} ‘amontoado’ e {-pi} ‘grande e redondo’.

Identifiquei outros dez classificadores em meus dados. Alguns desses classificadores, como {-taku}, {-teku}, {-penu} e {-naku}, desempenham também função de posposição. Na tabela a seguir apresento os 20 classificadores encontrados na língua⁵:

	Classificadores		Característica semântica
1	-pi	‘linear’	Caracteriza elementos cuja forma é linear
2	-já	‘líquido’	Caracteriza elementos líquidos
3	-ti	‘semente’	Caracteriza sementes e conteúdo que emana de algo ou alguém
4	-pe	‘massa’	Caracteriza elementos pastosos ou massivos
5	-pi	‘grande e redondo’	Caracteriza elementos grandes e arredondados
6	-ka	‘largo’	Caracteriza elementos cuja superfície é larga
7	-taku	‘plano’	Caracteriza elementos cuja superfície é plana
8	-tari	‘redondo’	Caracteriza elementos cuja forma é arredondada
9	-tapa	‘volumoso’	Caracteriza elementos em forma de cacho ou volumosos
10	-kana	‘côncavo’	Caracteriza elementos côncavos
11	-penu	‘por cima’	Caracteriza a parte de cima de um elemento
12	-piku	‘espaço’	Caracteriza espaço ou lugar de algo
13	-mepe	‘amontoadado’	Caracteriza elementos amontoados e salientes
14	-naku	‘interno’	Caracteriza elementos internos do corpo
15	-napu	‘cilíndrico’	Caracteriza elementos cuja forma é cilíndrica
16	-pana	‘foliforme’	Caracteriza elementos que se assemelham a folhas de árvores
17	-tipa	‘idade’	Caracteriza a aparência física de seres humanos em termos de idade/estágio de vida
18	-kuma	‘prototípico’	Caracteriza elementos que são mais ou menos prototípicos de um grupo
19	-naĩ	‘roupa’	Caracteriza elementos emprestados que podem ser usados no corpo como objetos pessoais
20	-peku	‘grande’	Caracteriza elementos grandes

Tabela 47. Classificadores nominais

O classificador {-pi} caracteriza elementos cuja forma é linear e, em meus dados, aparece associado apenas a nomes para partes do corpo. Em alguns casos, tem função derivacional, na medida em que transforma um nome em outro, como em (109)-(110).

(107) ni=kiša-**pi**
 1SG=lábio-CLF.linear
 ‘meu lábio’

⁵ As características semânticas dos classificadores são apresentadas a partir do modo como são conceituadas pelos Mehináku, e, sempre que possível, a partir do entendimento que obtive do modo como eles conceitualizam/classificam os nomes em que esses classificadores figuram. Por exemplo, embora seja discutível se nomes como ‘intestino’ ou ‘garganta’ podem ser considerados massivos, esses nomes recebem o classificador {-pe} ‘massivo’, razão pela qual entendo que os indígenas devem conceituá-los a partir dessa propriedade.

- (108) pi=wajala-**pi**
2SG=veia-CLF.linear
'tua veia'
- (109) i=tana-ka-**pi**
3SG=asa-CLF.largo-CLF.linear
'costa dele'
- (110) pá kani i=tiwu-ha-**pi**=ku
INTERJ DEM 3=cabeça-?-CLF.linear=DECL
- puka=wi=ku=hã kehe-pe
cair=REP=DECL=ENF espuma-CLF.pastoso
'então do cabelo dela caiu espuma' (Itxuna)

O classificador {-ja} caracteriza elementos líquidos e, em geral, deriva nomes em outros nomes, como em todos os exemplos abaixo. Acredito que a fonte desse classificador seja a palavra /eja/ 'líquido'.

- (111) katika-**ja**
frio-CLF.líquido
'água gelada'
- (112) kulata-**ja**
calor-CLF.líquido
'água quente'
- (113) nu=putaka=pai jalaki-**ja**
1SG=beber=IPFV ser.preto-CLF.líquido
'eu estou bebendo café'

O classificador {-ti} deriva do nome para semente /ti/ que dá origem, por sua vez, ao nome /ti/ 'pênis' em Mehináku. Esse classificador está associado, em geral, a partes do corpo (114)-(115), mas pode ocorrer também com nomes de objetos (116)-(117) e plantas (118)-(121) que derivam ou não dessas partes. Esse classificador tem duas formas alomórficas: {-t}, que em geral ocorre com nomes inalienáveis e é o resultado da elisão de [i] quando ocorre precedendo a vogal indicativa de não-possuído [i] (116)-(117); e {-tsi}, que é fruto da palatalização de /t/ e ocorre depois de temas terminados por /i/ (119)-(120).

- (114) **i=ti**
3=CLF.semente
'pênis dele'
- (115) **nu=kana-ti**
1SG=boca-CLF.semente
'minha boca'
- (116) **kana-tapa-t-i**
CLF.côncavo-CLF.volumoso-CLF.semente-NPOSS
'pulseira'
- (117) **tulu-t-i**
orelha-CLF.semente-NPOSS
'brinco'
- (118) **jue-ti**
semente.de.pequi-CLF.semente
'semente de pequi'
- (119) **maiki-tsi**
milho-CLF.semente
'grão de milho'
- (120) **ulei-tsi**
mandioca-CLF.semente
'rama de mandioca'
- (121) Haju, haju numa kutsa, i=piri=ku kene i=nunu
Filho, filho 3.dizer EVID.IND 3=BEN=DECL DEM 3=homem
- Haju, haju wanaka kutsa ata-ti=ku
Filho, filho abrir EVID.IND árvore-CLF.semente=DECL
'Filho, filho, (vamos)! diz-se que o homem disse ao filho dele. Filho, filho,
e abriu a casca da árvore (onde estava o Katutukalu (sapo))'

O classificador {-ti} é um dos mais produtivos em Mehináku, ocorrendo em uma variedade considerável de nomes. Por síntese, apresentei somente os exemplos acima, que são representativos dos demais. Além de sua função classificatória e derivacional, que, como mostrei anteriormente, transforma um nome em outro, {-ti} pode ainda ser usado em função de diminutivo:

- (122) **mepe-ti**
espécie.de.peixe-CLF.semente
'peixinho (espécie)'

- (123) hi-**ti**
seio-clf.semente
'mamilo ou seio bem pequeno'
- (124) ata-**ti**
árvore-CLF.semente
'casca de árvore ou pauzinho, pedaço de pau pequeno'

O classificador {-pe} caracteriza elementos pastosos ou massivos. Em meus dados, aparece tanto ligado a nomes para partes do corpo (125)-(126), quanto a outros nomes (127)-(129). Este classificador tem como alomorfe {-pie}, que ocorre depois de nomes terminados em /i/ (129):

- (125) nu=nula-pi-**pe**
1SG=intestino-CLF.linear-CLF.pastoso
'meu intestino'
- (126) pi=piju-naku-**pe**
2SG=pescoço-CLF.interno-CLF.pastoso
'tua garganta (boi, vaca)'
- (127) pá kani i=tiwu-ha-pi=ku
INTERJ DEM 3=cabeça-?-CLF.linear=DECL
- puka=wi=ku=hã kehe-**pe**
cair=REP=DECL=ENF espuma-CLF.pastoso
'então do cabelo dela caiu espuma' (Itxuna)
- (128) aitsa i=muka=kina au-ule-**pe**, kupati
NEG 3=dar=IMP 1PL=mandioca-CLF.pastoso peixe
'ninguém deu nosso beiju, peixe' (Mama itsitxa natuwiku)
- (129) akai-**pie**
pequi-CLF.pastoso
'massa de pequi'

O classificador {-pi} indica a forma de objetos grandes e redondos. Parece ocorrer apenas com nomes de objetos (130) e plantas (131), uma vez que não encontrei em meus dados exemplos de ocorrência com nomes para partes do corpo.

- (130) kamalu-**pi**
argila-CLF.grande/redondo
'panela grande de barro'

- (131) *i=natsi=ku,* *nu=nupa=la kutsa* *kene kaliku*
 3=depois=DECL 1SG=ver=FUT EVID.IND DEM ?
- ala-pi**
 aguapé-clf.grande/redondo
- Ala-pi* *i=pana* *weke.* *hawi'*
 Aguapé-CLF.grande/redondo 3=clf.foliforme ser.grande ?
- eté awitsi-ri*
 INTERJ bonito-NMLZ
 ‘Depois, diz que ele viu aquele aguapé,
 a folha grande do aguapé,
 bem bonita!’ (Alapü)

Há um exemplo em meus dados em que há a reduplicação do classificador, com a finalidade de intensificar a característica do nome a que se refere, conforme em (132). Note que, neste caso, a repetição de {-pi} indica que a panela é ‘bem redonda’:

- (132) *numa* *kutsa* *pe=jeu-lu* *i=piri=ku=hã*
 3.dizer EVID.IND 2SG=cunhada-FEM 3=BEN=DECL=ENF
- makula=tai,* *makula=tai*
 Panela=DIM panela=DIM
- tsitsa-pi-pi=ku**
 semelhante-CLF.grande/redondo- CLF.grande/redondo=DECL
- kata=hã*
 DEM=ENF
 ‘diz que (ela) falou para a cunhada dela: a panelinha de barro, a panelinha de barro, (igual aquela) aquela bem redonda’ (Alapü)

O classificador {-ka} é usado para caracterizar elementos cuja forma é larga. Pode estar associado tanto a nomes para partes do corpo (133)-(134), quanto a objetos em geral (135)-(137). Este classificador tem como alomorfe {-t{a}}, que ocorre quando segue temas terminados em /i/ (137):

- (133) *nu=tana-ka*
 1SG=asa-CLF.largo
 ‘minha costa’

- (134) pi=pawa-**ka**-taku
2SG=rosto-CLF.largo-CLF.plano
'teu rosto'
- (135) alata-**ka**
alumínio/lata (empréstimo)-CLF.largo
'telha de alumínio'
- (136) ata-**ka**
árvore-CLF.largo
'tábua'
- (137) i=naku=itse=ku, katutukalu pata waku=itse=ku
3=dentro=LOC=DECL sapo sozinho rio=LOC=DECL
- ija i=tenu ulei-**tʃa**=ku=hã,
ir 3=COM mandioca-CLF.largo=DECL=ENF
- pataka i=tenu ulei-**tʃa**=tse=ku
sentar 3=COM mandioca-CLF.largo=LOC=DECL
'ele ficou dentro, o sapo ficou dentro do rio.
E ele foi com ele (o sapo) na roça,
sentou com ele na roça' (Katutukalu)

O classificador {=taku} indica que terminado elemento tem superfície plana, podendo ser usado sobretudo com partes do corpo (138)-(141):

- (138) nu=nu-pana=**taku**
1SG=peito-CLF.foliforme=CLF.plano
'meu peito'
- (139) pi=pawa-ka=**taku**
2SG=lado-CLF.largo=CLF.plano
'teu rosto'
- (140) nu=wiʃiku=**taku**
1SG=mão=CLF.plano
'minha palma da mão'
- (141) i=kitsapa=**taku**
3SG=pé=CLF.plano
'planta do pé dele/a'

Esse classificador também desempenha função de locativo, indicando o local em que determinada ação se desenrola:

- (142) Une-une ija kala eṣuhi-ta=wa, eṣuhi-ta=ma=wa=hã,
 Pessoa-REDP ir DEM anzol-VBLZ=PFV, anzol-VBLZ=REPET=PFV=ENF
- ija eṣuhi-ta=wa, itsau=**taku**=wa, eṣuhi=ta=la
 ir anzol-VBLZ=PFV riacho.de.buritizal=LOC=IPFV anzol-VBLZ=FUT
 ‘O homem foi pescar, pescar de novo.
 Foi pescar no riacho de buritizal, vai pescando’ (Xepeku)

O classificador {-tari} é anexado a itens cuja forma é arredondada, incluindo nomes para partes do corpo humano (143)-(144) ou animal (145):

- (143) pi=wiṣiku-**tari**
 2SG=mão-CLF.redondo
 ‘teu punho’
- (144) nu=kapi-tiu-**tari**
 1SG=dedo-cabeça-CLF.redondo
 ‘meu polegar’
- (145) teme i=kitsapa-**tari**
 anta 3=pé-CLF.redondo
 ‘casco da anta’

O classificador {-tapa} indica que o elemento em que se anexa é volumoso, em formato de cacho, e se anexa a nomes para partes do corpo (146)-(147) e a outros nomes cujo formato é volumoso (148)-(149). Este classificador tem como alomorfe {-tsapa}, que ocorre depois de /i/ (150)-(151):

- (146) nu=kuju-**tapa**
 1SG=cesto-CLF.volumoso
 ‘meu saco escrotal’
- (147) p=ula-**tapa**
 2SG=estômago-CLF.volumoso
 ‘meu estômago’

- (148) ala-pi, ala-pi,
aguapé- CLF.grande/redondo aguapé-CLF.grande/redondo
- i=pana! Eté! awitsi-ri hawi
3=CLF.foliforme INTERJ ser.bonita-VBLZ mesmo(?)
- pa u=tuka i=kana-**tapa**=itse=ku
INTERJ! 3=pegar 3=CLF.côncavo-CLF.volumoso=LOC=DECL
'Aguapé, aguapé, as folhas do aguapé! Nossa! É bonito mesmo! (disse ele). Ele pegou no talo (do aguapé)' (Alapü)
- (149) teneşu-**tapa**
mulher-CLF.volumoso
'mulher gorda (xingamento)'
- (150) kahiri-**tsapa**
embrulho.de.peixe-CL.volumoso
'peixe embrulhado e amarrado em uma folha e depois assado'
- (151) nu=ka-ti-**tsapa**
1SG=perna-CLF.semente-CLF.volumoso
'minha panturrilha'

O classificador {-kana} caracteriza elementos cujo formato é côncavo, e provavelmente deriva do nome /kana/ 'boca' (152). Aparece anexado, em geral, a nomes de coisas (153)-(154), mas como mostra (155), pode também vir anexado a proclíticos de pessoa. Este classificador tem como alomorfe {-tşana}, que ocorre depois de /i/ (156):

- (152) kau=pai kata ai. Epehe=pei **kana-ti**
Doer=IPFV DEM pimenta queimar=IPFV boca-CLF.semente
'Esta pimenta é ardida. Ela queima a boca' (Alapü)
- (153) tipihi-**kana**
buraco-CLF.côncavo
'buraco'
- (154) n=ata-pana-**kana**
1SG=árvore-CLF.foliforme-CLF.côncavo
'minha caixa de papelão'

- (163) Tututututu uitʃa-ta kene amake-wei=ku=ha,
 Tututututu 3.queimar-CAUS DEM rede-RETR=DECL=ENF
- uitʃa=wi=ku, mataja-**mepe**=wi=ku
 queimar=REP=DECL brasa-CLF.amontoado=REP=DECL
 ‘Tututututu (som do fogo queimando). Ela queimou aquelas redes (que eram nossas). Ela queimou. (Ficaram) em brasa’ (Xepeku)

O classificador {=naku} tem função classificatória e também locativa, podendo funcionar como posposição neste último caso (167)-(168). Quando classificador, caracteriza elementos internos do corpo e, por isso, está ligado a nomes para partes do corpo (164)-(166)

- (164) pi=piju=**naku**
 2SG=pescoço=CLF.interno
 ‘teu pescoço’
- (165) i=tunulu=**naku**
 3=ouvido=CLF.interno
 ‘ouvido dele/a’
- (166) pi=tsiu=**naku-ti**
 2SG=cabeça=CLF.interno-CLF.semente
 ‘teu cérebro’
- (167) pai=**naku**=pai natu
 Casa=dentro=IPFV 1SG
 ‘eu estou em casa’
- (168) pa=yaniri=nau u=tuluma=li=ku,
 2SG=cunhado=PL 3=rede=CONT=DECL
- awitsi-ri-ni-te kene amaka=**naku**=wi=ku=hã
 bonito-VBLZ-?DEM rede=dentro=REP=DECL=ENF
 ‘(ela) amarrou as redes dos seus cunhados também, só tinha redes bonitas’
 (Xepeku)

O classificador {-napu} indica que determinado elemento tem formato cilíndrico (169):

- (169) pi=tsi-**napu**
 2SG-vagina-CLF.cilíndrico
 ‘tua vagina’

O classificador {-penu} indica que determinado elemento se posiciona na parte de cima de algo, quando funciona como classificador, e está associado em meus dados a nomes para partes do corpo (170)-(171). Este classificador também tem função de posposição, indicando que algo está localizado acima em relação a determinada posição (172)-(173):

(170) pi=kitsapa-**penu**
2SG=pé-CLF.por.cima
'teu dorso do pé'

(171) i=hekira-**penu**
3=testa-CLF.por.cima
'parte de cima da testa dele (peixe)'

(172) ešeke-ne Acedeu-PONT	itsei=ku. fogo=DECL	Ekü=wi=ku. Pronto=REP=DECL
pa=taka-ta-wi 2SG=colocar-CAUS-3O	itsei= penu =itse=ku fogo=em.cima=LOC=DECL	

'(ele) acendeu o fogo. Pronto. Colocaram (a panelinha de barro com urina) em cima do fogo' (Alapü)

(173) šepi rede	i= penu =itsa=pai 3=em cima=LOC=IPFV	jamuku-hi criança-GEN
--------------------	--	--------------------------

'o menino está em cima do banco'

O classificador {-pana} deriva do nome /pana/ 'folha', e caracteriza elementos que se assemelham a folhas de árvores ou que tenham esse formato. Em meus dados, aparecem associados a nomes para coisas, mas não a partes do corpo (174)-(176). Também apareceram associados ao proclítico de terceira pessoa (177):

(174) pai šaha-**pana**=pai
casa palha-CLF.foliforme=IPFV
'casa de palha'

(175) ata-**pana**
árvore-CLF.foliforme
'folha de árvore, de papel ou dinheiro'

(176) n=ata-**pana**-kana
1SG=árvore-CLF.foliforme-CLF.côncavo
'minha caixa de papelão'

- (177) ala-pi, ala-pi,
aguapé- CLF.grande/redondo aguapé-CLF.grande/redondo
- i=pana! eté! awitsi-ri hawi
3=CLF.foliforme INTERJ ser.bonita-VBLZ mesmo(?)
- pá u=tuka i=kana-tapa=itse=ku
INTERJ! 3=pegar 3=CLF.côncavo=CLF.volumoso=LOC=DECL
‘Aguapé, aguapé, as folhas do aguapé! Nossa! É bonito mesmo! (disse ele). Ele pegou no talo (do aguapé)’ (Alapü)

O classificador {-tipa} caracteriza os elementos que modifica em termos de idade, estando geralmente associado a nomes que remetem a faixas etárias (178)-(181) e a advérbios temporais (182). Em geral, esse classificador atribui ao nome a propriedade +idade, no sentido de que, dentro da classe dos nomes de determinada faixa etária, aquele modificado por {-tipa} é o mais velho. É o caso, por exemplo, da palavra *jamuku* ‘criança’, que, quando modificada por {-tipa} passa a representar o final do estágio da infância (178), bem como dos nomes *heritfa* ‘velho’ e *aripi* ‘velha’, que ao serem modificados por {-tipa} passam a representar o último estágio da velhice (ser idoso, ter idade bastante avançada), como em (179)-(180). Este classificador tem como alomorfe {-tsipia}, quando segue /i/ (180):

- (178) jamuku-**tipa**-lu
criança-CLF.idade-FEM
‘menina se tornando moça’
- (179) heritfa-**tipa**
velho=CLF.idade
‘idoso’
- (180) aripi-**tsipia**-lu
velha-CLF.idade-FEM
‘idosa’
- (181) aitsa=kutsa miša=jete kene jamaku-**tipa** pa=patipa
NEG=EVID.IND medo=ASS DEM criança-CLF.idade RECP-amante
- i=u=ku=hã, mija-ka-ti=ha-tã kamišu=wa
3=DAT=DECL=ENF POT-?=??=?=? namorar=PFV
‘o rapaz não tinha medo do amante dele. (Ele) ficava namorando direto’
(Walamã)

- (182) **huja-tipa=nai=wi=ku**
 Antigamente-CLF.idade=LOC=REP=DECL
- | | | |
|---------|--------------|---------------|
| Amunau | u=tata-pa | aunaki=ku |
| Cacique | 3=saber-PL.3 | história=DECL |
- ‘antigamente os caciques sabiam histórias’

O classificador {-kumã} identifica elementos com características mais ou menos prototípicas em Mehináku. Estou partindo da noção de prototipicidade no sentido de Coleman e Kay (1981), para quem prototípico é o melhor exemplo de uma categoria. Os autores citam o caso da palavra *sparrow* ‘pardal’, que em Inglês pode ser tomado como exemplo prototípico do grupo dos pássaros, enquanto galinha, peru e pinguim, que também são pássaros (em Inglês, uma vez que em português temos dois grupos distintos para tratar desses animais dentro da classe maior das aves, são eles: pássaros e aves), não podem ser considerados exemplos prototípicos de pássaros. Em Mehináku, este morfema se anexa a nomes de animais, que podem ser mais ou menos prototípicos de uma categoria, e a nomes de pessoas.

O classificador {-kumã} está sendo entendido como mais prototípico em Mehináku quando anexado a nomes representativos de determinadas categorias, ou seja, nomes considerados mais altos hierarquicamente dentro do grupo em que estão inseridos e que são modelares para os demais nomes dessa mesma categoria. Alguns Mehináku traduzem os nomes em que {-kumã} aparece anexado como ‘super x’, ‘o maior x’. Em geral, os nomes que recebem esse morfema são aqueles que designam animais com características humanas que, segundo os Mehináku, participaram de alguma forma da história mitológica de criação do mundo para este povo. Este morfema, por extensão de significado, também passou a designar animais muito grandes dentro de suas categorias. São exemplos:

- (183) **pahi-kumã**
 macaco-CLF.prototípico
 ‘macaco mitológico ou gorila, chimpanzé, macacos muito grandes’
- (184) **ui-tsumã**
 cobra-CLF.prototípico
 ‘cobra mitológica ou muito grande’
- (185) **ipiu-kumã**
 tartaruga-CLF.prototípico
 ‘tartaruga mitológica ou muito grande’

- (186) a=ija ulei-tʃa n=uma=wi=ku=hã
 1PL=ir mandioca-CLF.largo 1SG=dizer=REP=DECL=ENF
- Tá ija=wi=ku=hã ʃa=nai=ku=hã
 Tá ir=REP=DECL=ENF DEM=LOC=DECL=ENF
- i=nupa katutulu=wi=ku=hã
 3=ver sapo= REP=DECL=ENF
- tsi-tsa katutulu-**kumã** i=tepu=wi=ku=hã
 POT=REST sapo-CLF.prototípico 3=embaixo= REP=DECL=ENF
 ‘Vamos na roça, disse (ele). Tá, ele foi lá embaixo e viu o sapo. O sapo parecia enorme’ (Katutukalu)

O classificador {-kuma} está sendo entendido como menos prototípico, por sua vez, quando caracteriza elementos que não pertencem à cultura Mehináku, mas que estão associados a elementos dessa cultura. São exemplos os neologismos criados na língua para nomear animais alóctones, inseridos na cultura Mehináku via contato com a sociedade não indígena, mas que mantém semelhanças com animais locais. Assim, ao criarem palavras como /awajulu-kuma/ ‘cachorro-NPROT’ (188), que deriva da palavra /awajulu/ ‘raposa’, os indígenas estão assinalando que o animal cachorro se parece com o animal raposa, mas que não é um indivíduo prototípico desse grupo.

- (187) arau-**kuma**
 espécie.de.ave-CLF.menos.prototípico
 ‘galinha/frango’
- (188) awajulu-**kuma**
 raposa-CLF.menos.prototípico
 ‘cachorro’
- (189) autu-**kuma**
 catitu-CLF.menos.prototípico
 ‘porco doméstico’
- (190) mukuti-**kuma**
 rato-CLF.menos.prototípico
 ‘coelho’
- (191) ajama-**kuma**
 veado-CLF.menos.prototípico
 ‘boi/vaca’

- (192) kapulu-**kuma**=taku
bugio-CLF.menos.prototípico=CLF.plano
'nota de 20 reais (que contém um mico-leão-dourado estampado)

O classificador {-naĩ}, que deriva do nome /naĩ/ roupa.NPOSS 'roupa' a aparece associado a neologismos e caracteriza elementos que podem ser usados no corpo como objetos pessoais. Este classificador poderia ser tratado também como uma espécie de composto nome-nome:

- (193) kitsapa-**naĩ**-nia-pi
pé-CLF.roupa-fio/ramo-CLF.linear
'cadarço'

- (194) ututai-**naĩ**
olho-CLF.roupa
'óculos'

- (195) put-i-**naĩ**
coxa-NPOSS-CLF.roupa
'calça'

- (196) kitsapa-i-**naĩ**
pé-NPOSS-CLF.roupa
'sapato'

- (197) kapi-tiw-i-**naĩ**
dedo-cabeça-NPOSS-CLF.roupa
'anel'

Finalmente, o classificador {-peku} é usado para categorizar elementos cujo formato é bem grande, protuberante em relação aos demais elementos da mesma categoria:

- (198) iși=pai kutsa i=mati-șu i=tu-**peku**
DEM=IPFV EVID.IND 3=sogra-FEM 3=vagina-CLF.grande
'diz que a vagina da sogra dele é enorme' (Alua)

8

Verbo

Neste capítulo, descrevo a classe dos verbos em Mehináku. Em (§8.1), apresento a estrutura do verbo, em termos dos formativos morfológicos que esta categoria porta; em (§8.2), apresento os verbos transitivos; em (§8.3), os verbos bitransitivos; em (§8.4), os verbos intransitivos, incluindo os agentivos, não-agentivos e estativos; em (§8.5), apresento a cópula; em (§8.6), o existencial *waka*; em (§8.7), o quotativo *numa*; em (§8.8), o transformativo *-henei*; em (§8.9), os mecanismos de mudança de valência, que incluem redução (reflexivo, passivo, anticausativo, recíproco) e aumento (causativos morfológicos e lexicais). Em (§8.10), apresento as estratégias da língua para expressar noções temporais, aspectuais, de modo, de modalidade e de evidencialidade em Mehináku e, por fim, em (§8.11), apresento a nominalização.

8.1. Estrutura do verbo

Do ponto de vista semântico, os verbos formam, segundo Schachter e Shopen (1985), uma das partes do discurso nas quais ocorrem as palavras que expressam processos, estados, ações e mudanças de estado dos sujeitos. Sob a perspectiva morfológica, o verbo configura-se como a classe que inclui categorias de pessoa, número, modo, tempo, aspecto, gênero, voz, dentre outras.

Analiso, nesse capítulo, os verbos em Mehináku levando em consideração sua valência e também o papel semântico dos sujeitos que a eles são anexados. No que tange à valência, os verbos em Mehináku podem ser divididos em transitivos, que requerem dois argumentos obrigatórios (um agente/sujeito como argumento externo e um objeto como argumento interno); intransitivos, que admitem apenas um argumento (um sujeito como argumento externo); e bitransitivos, que tomam um sujeito como argumento externo e mais de um objeto como argumento interno. Também apresento a interação do verbo com morfemas de tempo, aspecto, modo e modalidade, dentre outros.

Assim como os nomes, os verbos recebem poucos prefixos e mais sufixos em Mehináku. Ocorrem à esquerda dos verbos os proclíticos pronominais, o mesmo conjunto que se anexa a nomes para expressar o possuidor, em construções de posse atributiva, ou que desempenham função de argumento de posposições. No caso dos verbos, estes proclíticos desempenham função de sujeito das construções com verbos transitivos (A) e

com a maioria dos verbos intransitivos (ver §8.4). Outros prefixos/proclíticos incluem: o privativo *ma-*, o atributivo *ka=* e o recíproco *pa=*. É interessante observar, neste caso, que no que tange aos prefixos e proclíticos, nomes e verbos compartilham de grande similaridade, uma vez que ambos podem receber, além dos proclíticos pronominais, embora desempenhando diferentes funções, também os prefixos de privativo, atributivo e recíproco. A tabela abaixo resume os oito formativos prefixais que podem se anexar a verbos em Mehináku:

		Formativo	Significado
1	Sujeito	nu=	Primeira pessoa do singular
2		pi=	Segunda pessoa do singular
3		i=	Terceira pessoa do singular e plural
4		a=	Primeira pessoa do plural
5		ji=	Segunda pessoa do plural
6	Atributivo	ka=	Atribuição
7	Privativo	ma-	Privação
8	Redução de valência	pa=	Recíproco

Tabela 48. Prefixos e proclíticos verbais

Os sufixos e enclíticos, por sua vez, são exclusivos de cada uma dessas classes, e são mais numerosos e diversos, em termos das categorias que codificam, que os prefixos e proclíticos. Expressam, em Mehináku: tempo (futuro, uma vez que não há distinção marcada entre passado/presente), aspecto (perfectivo, imperfectivo, pontual, atenuativo, asseverativo, transicional, iterativo e continuativo) e modo (repetitivo, declarativo, direcional, e impessoal), além de redução (reflexivo, anticausativo) e aumento (causativo) de valência. São expressos por meio de sufixos também: o plural de terceira pessoa, que diferencia a terceira pessoa do singular e do plural em posição de sujeito; os objetos de terceira pessoa, que incluem a terceira pessoa do singular, do plural e a terceira pessoa impessoal e, ainda, os morfemas existencial e transformativo. A tabela a seguir resume os 24 sufixos e enclíticos verbais da língua Mehináku, encontrados até o momento:

		Formativo	Significado
1	Tempo	=la	Futuro
2	Aspecto	=wa	Perfectivo
3		=wi	Perfectivo
4		=pai	Imperfectivo
5		-ne	Pontual
6		=tai	Atenuativo
7		=jete	Asseverativo
8		=ja	Asseverativo
9		=tika	Transicional
10		-tsa	Iterativo
11		=li	Continuativo
12		Modo	=ma
13	=ku		Declarativo
14	-ne		Direcional
15	=kina		Impessoal
16	Redução de valência	-tuwa	Reflexivo
17		-kuwa	Anticausativo
18	Aumento de valência	-ta	Causativo
19	Plural	-pa	Plural de terceira pessoa em posição de sujeito
20	Objeto	-ni	Terceira pessoa do singular em posição de objeto
21		-pi	Terceira pessoa do plural em posição de objeto
22		-wi	Terceira pessoa impessoal em posição de objeto
23	Existencial	=waka	existencial
24	Transformativo	-henei	transformativo

Tabela 49. Sufixos e enclíticos verbais

Outras estratégias, como por exemplo a marcação de modalidade e evidencialidade, além de cópula, quotatividade, e outras, fazem uso ou de partículas ou de outras formas da língua que não se configuram como afixos ou clíticos, razão pela qual não aparecem nas tabelas acima. Essas demais formas, entretanto, são também apresentadas aqui, conforme mencionei na apresentação do capítulo.

8.2. Verbos transitivos

Os verbos transitivos podem ser divididos em dois tipos em Mehináku: os transitivos diretos e os transitivos indiretos. Ambos requerem dois argumentos sintáticos: um sujeito, argumento externo da construção, e um objeto direto ou indireto como argumento interno. Os sujeitos e objetos, tanto em construções diretas quanto indiretas, podem ser pronominais ou lexicais, mas há diferença entre eles em termos dos formativos que tomam.

Quando os sujeitos são pronominais, os verbos transitivos tomam como argumento externo obrigatório os proclíticos de pessoa, que são formas proclitizadas dos pronomes livres, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (1) ahã pi=hipialu=pai? hehe ni=hipialu=pai=hã
 INTERJ, 2SG=estar.faminto=IPFV INTERJ, 1SG=estar.faminto=IPFV
 natu kuta n=aitʃa=pai=hã kupati=hã
 1SG DESID 1SG=comer=IPFV=ENF peixe=ENF
 ‘Então, você está com fome? Sim, eu estou faminta.
 Eu quero comer peixe’ (Itxuna)
- (2) pu=nuka pi=mijati=ʃu=wi=ku?
 2SG=matar 2SG=sogra=FEM=REP=DECL
 Você matou sua sogra? (Alua)
- (3) au=nupa jitsu
 1PL=ver 2SG
 ‘nós vimos você’
- (4) Atsa ji=mitsa n=utuluma-la? Atsa i=naku=wa=la natu
 INT 2PL=fazer 1SG=rede-POSS INT 3=dentro=PFV=FUT 1SG
 ‘o que vocês fizeram com minha rede? Como vou me deitar?’ (Xepeku)

Somente a terceira pessoa não toma um proclítico pronominal como sujeito em Mehináku, sendo apenas não marcada, como na forma plena dos pronomes:

- (5) aitʃa=pai nihiti
 3.comer=IPFV carne
 ‘ele/a está comendo carne’
- (6) i=nai=tsa tuma heweku
 3=LOC=LOC 3.fazer cinza
 ‘Lá ela fez cinza’ (Alapü)
- (7) nu=tanule kiʃi=te-ne pa=mati-ʃu i=tu
 1SG=primo 3.facção-VBLZ-DIR RECP=sogra-FEM 3=vagina
 kiʃi=te-ne pa=mati-ʃu i=tu=ku=hã
 3.facção-VBLZ-PONT RECP=sogra-FEM 3=vagina
 ‘meu primo cortou a vagina da própria sogra.
 Ele cortou a vagina da sogra’ (Alua)

- (14) **i**=panata=pai kamai
 3=cuidar=IPFV paciente
 ‘ele/a está cuidando do paciente’
- (15) **i**=nupa=pai pitsu
 3=ver=IPFV 2SG
 ‘ele/a está vendo você’

Embora a terceira pessoa, como mostro acima, não seja marcada para número, como são as demais pessoas, há uma estratégia interessante na língua para se diferenciar singular e plural de terceira pessoa: acrescenta-se ao verbo transitivo (e também ao intransitivo (18), que apresento abaixo apenas para ilustrar a ocorrência do morfema, já que trato dos verbos intransitivos em §8.4, o morfema de plural de terceira pessoa =*pa*, o mesmo que ocorre com os nomes em construções de posse atributiva (ver §7.2), conforme em (16)-(17). A ocorrência deste morfema como estratégia de diferenciação de número evidencia que, de fato, a terceira pessoa em posição de sujeito (seja ela não marcada ou marcada por *i*=) não precisa ser diferenciada em termos de singular e plural, razão pela qual a estou glosando apenas como 3:

- (16) epehe=**we=pe** ule-pe
 3.assar=PFV=PL.3 mandioca-CLF.pastoso
 ‘eles assaram beiju’
- (17) **i**=nuka=**wa-pa** araukuma
 3=matar=PFV=PL.3 galinha
 ‘eles/as mataram a galinha’
- (18) hu-maka=**pai-pa** amaka=**wa**
 3.VBLZ-rede=IPFV-PL.3 rede=LOC
 ‘eles estão dormindo na rede’

Os pronomes livres podem ainda coocorrer com proclíticos pronominais em construções diretas ou indiretas, quando se quer enfatizar a presença do sujeito. Estes pronomes, entretanto, não são obrigatórios, sendo os proclíticos as únicas marcações de fato requeridas pelo verbo:

- (19) **(Natu)** **nu**=nupa pitsu
 1SG 1SG=ver 2SG
 ‘eu vi você’

- (20) **(Natu)** **nu**=nuka=wa arau-kuma
 1SG 1SG=matar=PFV espécie.de.ave-NPROT
 ‘eu matei a galinha’
- (21) Aitsa=wa, **(pitsu) pu**=nuka=wa-ni=hã mami=ku=hã
 NEG=PFV 2SG 2SG=matar=PFV=3SG.O=ENF mãe=DECL=ENF
 ‘Não, você que matou a mãe’ (Alua)

Os sujeitos lexicais são representados, tanto em construções transitivas diretas quanto indiretas, por nomes ou sintagmas nominais, conforme abaixo:

- (22) A V O_[direto]
Atapulu aitʃa=pai ule-pe
 Atapulu comer=IPFV mandioca-CLF.massa
 ‘Atapulu está comendo beiju’
- (23) A V O_[direto] weke-tipe]
Mama tuma=pai [makula ser.grande-PL
 Mãe fazer=IPFV panela.de.barro
 ‘a mãe está fazendo panela de barro grande’
- (24) A V O_[indireto] i=u]
Anapuati tuma=la [Jackeline 3=DAT
 Anapuati fazer=FUT Jackeline
 ‘Anapuati vai fazer (um banco) para a Jackeline’ (A/C)

Note, pelos exemplos apresentados até aqui, que tanto em construções transitivas diretas quanto indiretas, o sujeito sempre precede o verbo, sendo ele pronominal ou lexical. No caso dos sujeitos pronominais, esses serão os proclíticos de pessoa ou, no caso específico da terceira pessoa, serão em geral não marcados. Os sujeitos lexicais, por sua vez, são nomes ou sintagmas nominais. Com exceção da assimetria na terceira pessoa, não há diferença, em termos estruturais, entre os sujeitos de verbos transitivos diretos e indiretos em Mehináku.

Há, no entanto, diferenças estruturais entre esses verbos no que se refere aos objetos que tomam como complementos. Quando os objetos são pronominais, os verbos transitivos diretos exigem como Objeto um pronome livre, conforme em (25)-(29). Os verbos transitivos indiretos, por seu turno, marcam o Objeto indireto por meio de uma posposição cujo sujeito é um proclítico pronominal (preso), conforme em (30)-(31):

- (32) A V O_[direto]
Atapulu aitʃa=pai [**ule-pe**]
 Atapulu comer=IPFV mandioca-CLF.massa
 ‘Atapulu está comendo beiju’
- (33) A V O_[direto]
mama tuma=pai [**makula** **weke-tipe**]
 Mãe fazer=IPFV panela.de.barro grande-PL
 ‘a mãe está fazendo panela de barro’
- (34) A=V O_[indireto]
 (Natu) **ni**=kiʃi-ta=la [**Atapulu** **i=u**]
 1SG 1SG=cortar-VBLZ=FUT Atapulu 3=DAT
 ‘eu vou cortar (isso) para o Atapulu’
- (35) n=i ja n=ejuka=wa i=nai nu=nupa iʃa-i
 1SG=ir 1SG=urinar=PFV 3=LOC 1SG=ver sangue-NPOSS
- natse=ku A=V O_[indireto]
n=ija-kuwa [**mama** **i=u**=wi=ku=hã]
 depois=DECL 1SG=ir=ANTICAUS mãe 3=DAT=REP=DECL=ENF
 ‘eu fui fazer xixi lá, olhei e vi sangue.
 Depois, contei (que tinha menstruado) para a minha mãe’ (Yumekexu)

Assim como houve assimetria entre o sujeito de terceira pessoa, os verbos transitivos apresentam uma assimetria em termos dos objetos pronominais que tomam em Mehináku. Somente a terceira pessoa em posição de objeto direto do verbo transitivo é marcada por um morfema preso, diferentemente do que vimos com as demais pessoas gramaticais, que eram representadas por pronomes livres, quando em posição de objeto direto. Aikhenvald (2018, p. 16) tem argumentado que embora os prefixos pronominais tendam a ser uniformes na família, tem se perdido, de fato, os sufixos e enclíticos em várias línguas Arawak.

Meus dados revelaram três possíveis pronomes presos que funcionam em posição de objeto em Mehináku, e que se diferenciam em termos de número e impessoalidade: -*ni* (3SG.O); -*pi* (3PL.O) e -*wi* (3O). A primeira forma de objeto, -*ni* (3SG.O), representa o objeto de terceira pessoa do singular e é usado para referir-se a uma entidade conhecida pelos interlocutores (33)-(35). Note que, nos exemplos abaixo, os participantes da construção sabem sobre quem estão falando, a quem estão se referindo.

- (36) pu=nuka pi=mijati-*ṣu*=wi=ku? Aitsa=wa *ṣa* aitsa=wa *ṣa*!
 2SG=matar 2SG=sogra-FEM=REP=DECL NEG=PFV DEM NEG=PFV DEM
- janumaka i=nuka=wa-**ni** nutsa
 onça 3=matar=PFV-3SG.O de.mim
 ‘Você matou tua sogra? Não, não!
 A onça que tirou (matou) ela de mim (Alua)’
- (37) janumaka ait \int a=wa-**ni**=hã nutsa p=inu=hã
 onça comer=PFV-3SG.O=ENF de.mim 2SG=mãe=ENF
- aitsa=wa, pitsu pu=nuka=wa-**ni**=hã mami=ku=hã
 NEG=PFV 2SG 2SG=matar=PFV=3SG.O=ENF mãe=DECL=ENF
 ‘A onça que comeu elas [de mim], sua mãe!
 ‘Não, você que matou a mãe’ (Alua)
- (38) kene alupu wi=ku=hã i=muke=**ni**=ku=hã
 DEM pássaro(esp.) REP=DECL=ENF 3=dar=3SG.O=DECL=ENF
 ‘aquele pássaro deu para ele’ (Alua)

A forma *-pi* (3PL.O) representa o objeto de terceira pessoa do plural (39)-(43) e é também usada quando se sabe sobre quais referentes se está falando. Neste caso, mais de um referente:

- (39) ju=nupa=wa-**pi**
 2PL=ver=PFV-3PL.O
 ‘você viu eles’
- (40) mait \int a=wa-**pi**
 3.bater=PFV-3PL.O
 ‘Eles bateram neles’
- (41) na=kapi-tsa-ta=wa-**pi** kajumai i=kahi
 1SG=luta-VBLZ-CAUS=PFV-3PL.O Kuwarup 3=COM
 ‘Eu lutei com eles todos na festa do Kuwarup’ (A/C)
- (42) ni=wa=wa-**pi** putaka=naku-pa=hã
 1SG=levar=PFV-3PL.O aldeia=dentro-?=ENF
 ‘Eu levei eles na aldeia’

- (43) awitsi-ri katenekua i=tuka-tu-ta kutsu=ku=hã
 ser.bonita-NMLZ igual(?) 3=pegar-?-ITER EVID.IND=DECL=ENF
- waka-hati-pi ku=hã i=nupa-pi kutsa=hã
 EXIST-?-3PL.O DECL=ENF 3=ver=3PL.O EVID.IND=ENF
 ‘ele queria uma esposa que fosse bonita igual (os timbós que ele estava pegando) os que ele viu’ (Itxuna)

A forma -wi (3O), por sua vez, parece marcar a terceira pessoa impessoal, aquela sobre a qual se fala mas não se conhece efetivamente (44)-(47). É provável que haja uma forma de plural de terceira pessoa deste tipo, mas não posso afirmar categoricamente a partir dos dados que disponho. Note, nos exemplos abaixo, que o referente de terceira pessoa é desconhecido pelos participantes do ato comunicativo

- (44) pe=hitja=li=ku=hã uni=nai=itsa=ku=hã
 RECP=aparecer=CONT=DECL=ENF água=LOC=LOC=DECL=ENF
- p=unupa=wi=ku=hã! janumaki=ku=hã jalaki-ri=ku=hã
 2SG=ver=3O=DECL=ENF onça=DECL=ENF ser.preta-NMLZ=DECL=ENF
- hé, p=akama=la matike=ku=hã
 INTERJ 2SG=morrer=FUT depois=DECL=ENF
 ‘aparece na água (algo).
 Você a olhou! a onça preta.
 Nossa, você vai morrer depois’ (Yanumaka)
- (45) jamuku=nau, aitsa ju=nupa nu=peku=jete?
 criança=PL NEG 2PL=VER 1SG=amigo=ASS
- aitsa=ja au=nupa-wi. Atsa pu=peku=jete=pei?
 NEG=ASS 1PL=ver-3O INT 2SG=amigo=ASS=IPFV
 ‘crianças, vocês não viram meu amigo?’
 ‘não, não o vimos. Quem é teu amigo?’ (CORBERA MORI, 2019, p. 1296, adaptado)
- (46) hukapi-tsa kamalu-pi=ku
 3.pegar-ITER panela.de.barro-CLF.grande/redondo=DECL
- heputa-wi i=tenu=wi=ku=hã
 3.tampar-3O 3=INS=DECL=DECL=ENF
 ‘ela pegou a panela de barro grande e tampou (as redes) com ela’
 (Xepeku)

- (47) pataka-ta-wi pe=tepi=tse=ku=hã
 3.colocar-CAUS-3.O 2SG=embaixo=LOC=DECL=ENF
- pataka-ta-wi pe=tepi=tse=ku=hã
 3.colocar-CAUS-3.O 2SG=embaixo=LOC=DECL=ENF
- aw-ejukahi=ku: tsiriririririri! Eku=wi
 EXC-urinar=DECL tsiriririririri Pronto=PFV
- aitʃa=kina=pai
 3.comer=IMP=IPFV
 ‘Ela colocou (algum tipo de panela) embaixo dela mesma.
 Colocou embaixo dela mesma.
 Urinou um monte: *tsiriririririri*. Pronto.
 Todo mundo comeu (o xixi dela que virou sopa de pimenta)’ (Alapü)

Esta divisão de número entre as formas de objeto de terceira pessoa é interessante porque mostra que esta cisão entre singular e plural só ocorre em posição de objeto, já que sujeitos de terceira, como vimos, não apresentam distinção de número. O mesmo vale para essa possível distinção entre entidades conhecidas e desconhecidas pelos participantes, que estabelece uma cisão entre as formas de terceira pessoa em posição de objeto.

Comparemos, por exemplo, as construções acima com outra cuja forma do verbo aparece sem a marcação de objeto de terceira pessoa (48). Note que, neste caso, o objeto é lexical, e não há marcação de objeto no verbo transitivo:

- (48) ije-ne=ku=hã şamalu=wi=ku=hã i=nuka=wa
 3.ir-DIR=DECL=ENF otário=REP=DECL=ENF 3=matar=PFV
- mama-tipa-lu=wi=ku=hã**
 mãe-CLF.idade(morta)-FEM=REP=DECL=ENF
 ‘Foi embora o otário que matou a mãe’ (Alua)

A tabela abaixo resume as informações apresentadas acima, em termos dos tipos de sujeito e objeto anexados a verbos transitivos (diretos e indiretos) em Mehináku. Em síntese, os proclíticos pronominais funcionam como sujeitos de ambos os tipos de verbos, com exceção da terceira pessoa que apresenta assimetria. No que se refere ao objeto, os pronomes livres funcionam como objetos de verbos transitivos diretos enquanto os proclíticos posicionados funcionam como objeto de verbos transitivos indiretos. Há

somente duas formas pronominais presas em posição de objeto direto, que se diferenciam em relação a número.

	Sujeito (A)	Objeto (O)					
		Direto			Indireto		
		Livre	Preso				
			SG	PL	IMP		
1SG	nu=	natu				nu=	+posposição
2SG	pi=	pitsu				pi=	+posposição
3SG/PL	i= / Ø=		-ni	-pi	-wi	i=	+posposição
1PL	a=	aitsu				a=	+posposição
2PL	ji=	jitsu				ji=	+posposição

Tabela 50. Paradigma de sujeitos e objetos pronominais de verbos transitivos

8.3. Verbos bitransitivos

Por definição, os verbos bitransitivos são aqueles que exigem, além do sujeito, outros dois argumentos internos em posição de objeto, que funcionam, em geral, como temas e recipientes, respectivamente (VELUPILLAI, 2012). Em Mehináku, os sujeitos de construções bitransitivas são os mesmos das transitivas e os verbos não querem obrigatoriamente dois argumentos em posição de objeto, mas há alguns verbos, como *muka* ‘dar’, *ekuwa* ‘mostrar’ e *kešete* ‘ensinar’, que dão suporte a esse tipo de construção.

Na construção bitransitiva, o argumento tema é representado pelo objeto direto enquanto o recipiente ou destinatário é representado pelo objeto indireto. Na posição de objeto direto podem ocorrer nomes (49) e (52), sintagmas nominais (50) ou pronomes livres (51), enquanto na posição de objeto indireto podem ocorrer proclíticos pronominais posposicionados (50), (51) e (52) ou sintagmas compostos por nomes seguidos de proclítico posposicionado (49), como tipicamente ocorre em construções transitivas indiretas.

- (49) A=V O_[direto] O_[indireto]
 nu=muka=wa [tuapi=tsai] [Paulo i=u]
 1SG=dar=PFV esteira=DIM Paulo 3=DAT
 ‘eu dei a esteirinha para o Paulo’

- (50) A V O_[direto] O_[indireto]
 Wajeru ekuwa-ta [sa şepi] [ni=piri]
 Wajeru mostrar-CAUS DEM banco 1SG=DAT
 ‘Wajeru me mostrou o banco’
- (51) A=V O_[direto] O_[indireto]
 natse=ku, i=muka=wa-pa [natu] [i=u=wi=ku=hã]
 depois=DECL 3=dar=PFV-PL3 1SG 3=DAT=REP=DECL=ENF
 ‘depois eles me deram para ele’ (mama itsitxa natuwiku)
- (52) A=V O_[direto] O_[indireto]
 natu ne=keşete=pei [Mehináku] [i=tenu]
 1SG 1SG=ensinar=IPFV Mehináku 3=COM
 ‘eu estou ensinando Mehináku para ele’

Os exemplos acima mostram que, em geral, o argumento em posição de objeto indireto aparece após o argumento em posição de objeto direto e é expresso a partir de proclíticos pronominais posposicionados. Parece estar havendo, entretanto, mudança em termos da marcação desse tipo de objeto em Mehináku, uma vez que, durante conversas espontâneas e/ou relatos transcritos, foi possível notar casos em que os falantes não estão marcando o objeto indireto por meio de posposição. Nestes casos, somente o proclítico pronominal ocorre nesta posição (53)-(55). Além disso, a ordem dos objetos também pode aparecer invertida (54):

- (53) A=V O_[direto] O_[indireto]
 pitsu pe=keşete=pei=ku kaşai pa ijajaka nu
 2SG 2SG=ensinar=IPFV=DECL não.indígena fala 1SG
 ‘você está ensinando Português para mim’ (A/C)
- (54) A=V O_[indireto] O_[direto]
 aitsa i=muka=kina nu pa=uleke=ku=hã
 NEG 3=dar=IMP 1SG RECP=comida=DECL=ENF
- A=V O_[indireto]
 i=muka=kina=tai au jukaki=ku=hã
 3=dar=IMP=DIM 1PL depois=DECL=ENF
 ‘eles não deram da própria comida para mim. Deram pouca comida para nós’ (mama itsitxa natuwiku)
- (55) A=V O_[direto] O_[indireto]
 Paulo i=muka ata-pana au a=tuma=la i=pete
 Paulo 3=dar árvore-CLF.foliforme 1PL 1PL=fazer=FUT 3=?
 ‘Paulo deu dinheiro para nós fazermos o trabalho’

Em relação à posição dos argumentos em sentenças bitransitivas, a ordem dos objetos não é fixa em Mehináku, de modo que é possível alterná-los sem que a sentença se torne agramatical. Ambos os objetos, entretanto, independentemente da ordem em que apareçam, devem vir após o verbo. Abaixo, é possível ver sentenças em que os objetos aparecem invertidos:

- | | | | | | |
|------|---------------------------------------|----------------------|-------------------------|-------------------------|----------------------|
| | | A=V | O _[direto] | O _[indireto] | |
| (56) | tʃawaka | nu=muka | [ata-pana] | [tineʃu] | i=u |
| | ontem | 1SG=dar | árvore-CLF.foliforme | mulher | 3=DAT |
| | ‘ontem eu dei dinheiro para a mulher’ | | | | |
| | | | | | |
| | | A=V | O _[indireto] | O _[direto] | |
| (57) | tʃawaka | nu=muka | [tineʃu] | i=u | [ata-pana] |
| | ontem | 1SG=dar | mulher | 3=DAT | árvore-CLF.foliforme |
| | ‘ontem eu dei dinheiro para a mulher’ | | | | |
| | | | | | |
| | | A=V | O _[direto] | O _[indireto] | |
| (58) | *tʃawaka | [ata-pana] | [tineʃu] | i=u | nu=muka |
| | ontem | árvore-CLF.foliforme | mulher | 3=DAT | 1SG=dar |
| | ‘ontem eu dei dinheiro para a mulher’ | | | | |

8.4. Verbos Intransitivos

Os verbos intransitivos são aqueles que requerem apenas um argumento. O argumento requerido pelo verbo intransitivo é aquele externo, representado pelo sujeito da construção, que pode desempenhar diferentes papéis semânticos. Estes sujeitos podem ser lexicais ou pronominais. Em Mehináku não há, como ocorre em outras línguas Arawak (a exemplo do Paresi (BRANDÃO, 2014)), mais de um conjunto de proclíticos pronominais que funcionam como sujeitos dos diferentes tipos de verbos intransitivos. O que ocorre é a seleção do mesmo conjunto de proclíticos e pronomes livres, que se diferem em termos da posição em que ocorrem em relação ao verbo, a depender do tipo de verbo intransitivo.

Por esta razão, opto por separar estas construções em dois grupos, em obediência ao tipo de comportamento morfossintático dos verbos: (i) o primeiro grupo é formado pelos verbos intransitivos agentivos, não-agentivos e estativos do tipo 1; e (ii) o segundo grupo é formado pelos verbos intransitivos estativos do tipo 2. Esta cisão, como mencionei, é puramente morfossintática, no sentido de que agrupei verbos que portam os mesmos tipos de formativos e ocorrem nas mesmas posições sintáticas. Esta divisão,

contudo, não reflete o comportamento semântico dos verbos, já que, como se vê, os verbos estativos foram postos em grupos distintos.

8.4.1. Intransitivos agentivos, não-agentivos e estativos do tipo 1

Não encontrei na literatura um nome que desse conta de conceituar essa grande classe de verbos intransitivos em Mehináku, porque noções como intransitivos descritivos ou intransitivos ativos deixariam de fora alguns dos verbos que aqui incluo. Por isso, como o próprio nome da seção já deixa evidente, irei tratar aqui dos verbos intransitivos agentivos, não agentivos e estativos do tipo 1, levando em consideração o comportamento desses verbos em termos dos argumentos que tomam. Todos os três tipos de verbos que menciono acima tomam o mesmo conjunto de sujeitos. Quando lexicais, os nomes ou sintagmas nominais, e, quando pronominais, os proclíticos de pessoa. Ambos os tipos de sujeito precedem o verbo. Esse comportamento desses verbos em relação aos sujeitos que tomam e da posição que esses sujeitos aparecem na sentença os aproxima dos verbos transitivos no que se refere ao alinhamento sintático.

Os verbos intransitivos agentivos são aqueles que tomam como argumento um participante agente, que assume o controle de uma ação (VELUPILLAI, 2012). Para Mithun (1991, p. 516), este agente pode ser entendido como aquele que desempenha, afeta, instiga ou controla a situação descrita pelo predicado. São exemplos de verbos agentivos em Mehináku: *ija* ‘ir’, *puhika* ‘fumar’, *mait̥sa* ‘bater’, *etuna* ‘andar’, *eṣuh̥ta* ‘pescar’, *malalaku* ‘gritar’ e outros. Nos exemplos abaixo, apresento construções com sujeitos lexicais (59)-(61) e pronominais (62)-(66):

- (59) *i=maluitse=ku* **jatamã** *puhika=wi=ku=hã*
 3=depois=DECL pajé fumou=REP=DECL=ENF
 ‘depois o pajé fumou (para poder olhar o paciente)’ (Kukühü)
- (60) **Alua** *ija* *kene* *etuna=wa-ta=wi=ku*
 Morcego ir DEM andar=PFV-CAUS=REP=DECL
 ‘Morcego vai andar’ (Alua)

- (61) **eniṣa=nau** eṣuhi-ta=pai=ku=hã
 homem=PL anzol-VBLZ=IPFV=DECL=ENF
tineṣu=nau awa-kulata=pai=ku=hã
 mulher=PL VBLZ-panela.de.alumínio=IPFV=DECL=ENF
 ‘os homens estão pescando e as mulheres cozinhando’
- (62) **a=iji=ku,** n=uma=wi=ku.
 1PL=ir=DECL 1SG=dizer=REP=DECL
a=kupei=ku mujaka=li=ku
 1PL=sair=DECL de.manhã=CONT=DECL
 ‘Vamos, disse. Vamos sair de madrugada’ (Katutukalu)
- (63) ija=la kamai i=u=wi=ku=hã
 3.ir=FUT doente 3=DAT=REP=DECL=ENF
 ‘ele (pajé) foi até o doente’ (Kukühü)
- (64) i=nai maitṣa=tai-tsa panu=wi=ku=hã
 3=LOC 3.bater=DIM-ITER esposa=REP=DECL=ENF
 ‘Lá, ele bateu na esposa dele’ (Walamã)
- (65) aitsu **a=malalaku=wa**
 1PL 1PL=gritar=PFV
 ‘nós gritamos’
- (66) **ni=himaitsa=wa**
 1SG=correr=PFV
 ‘nós corremos’

Os verbos intransitivos não-agentivos, por sua vez, são aqueles que, em geral, tomam como sujeito um participante *undergoer* (paciente), no sentido de que ele não desempenha controle sobre a ação descrita pelo predicado. Mithun (1991, p. 516) define o sujeito *undergoer* como um participante que não desempenha, instiga ou controla a situação descrita pelo predicado. Embora algumas classificações optem por separar sujeitos não-agentivos de não-agentivos não-estativos, não farei isso nesta tese, porque não há diferença semântica ou morfossintática entre essas duas possíveis classes de verbos em Mehináku. Assim, assumo também a definição de Kroeger (2012, p. 9), que classifica o sujeito paciente como a “entidade sobre a qual se agiu, que foi afetada ou criada, ou sobre aquela que um estado ou mudança de estado é predicada”.

Em Mehináku, são exemplos de verbos não-agentivos: *tawina* ‘morar’ (67), *eteme* ‘escutar’ (68)-(69), *kutipa* ‘acordar’ (70), *akene* ‘defecar’ (71), *akama* ‘morrer’ (72), *utu* ‘nascer’ (73), *elele* ‘chorar’ (74), e outros:

- (67) jukakane walamã **tawina**=pai putiṣata=ku=hã,
 CONJ sucuri morar=IPFV no.fundo.do.rio=DECL=ENF
 ‘Por isso a sucuri mora no fundo do rio’ (Walama)
- (68) pi=tsinexu=la=nau ekemeju-ta natu=wi=ku
 2SG=mulher=POSS=PL xingar-CAUS 1SG=REP=DECL
 n=**eteme**-tsu kani=ku=hã pi=tsineṣu=la=nau
 1SG=escutar-? DEM=DECL=ENF 2SG=mulher=POSS=PL
 ‘As mulheres da sua aldeia estavam me xingando. Eu escutei’ (Itxuna)
- (69) muti=waka=wi=ku=ma-ka **eteme**
 escurecer=EXIST=REP=DECL=REPET-? 3.escutar
 kutsi=ku=hã Hãi, hãi, hãi, hãi!
 EVID.IND=DECL=ENF Hãi, hãi, hãi, hãi!
 ‘escureceu e diz-se que ele escutou: Hãi, hãi, hãi, hãi!’ (Itxuna)
- (70) ija=wa-pa ulei-tʃe=ku **kutipa**=wa-pa
 3.ir=PFV-PL.3 mandioca-CLF.largo=DECL 3.acordar=PFV-PL.3
 i=piri=ku
 3=DAT=DECL
 ‘Eles acordarem e foram para roça’ (Katutukalu)
- (71) Katutukalu **akene**=le=ku
 Sapo defecar=FUT=DECL
 ‘o sapo foi fazer cocô’ (Katutukalu)
- (72) n=itsu-pa-lu **akama**=pai=ku=hã ahã
 1SG=filha-EST-FEM 3.morrer=IPFV=DECL=ENF INTERJ
 ‘Minha filha está morrendo, nossa! (falando ao pajé)’ (Kukühü)
- (73) iṣi=nai n=**utu**-ene
 DEM=LOC 1SG=nascer-PONT
 ‘eu nasci aqui’
- (74) natu n=**elele**-le aitsa nu=muka in=uleke=ku,
 1SG 1SG=chorar-REDP NEG 1SG=dar 3=comida=DECL
 ‘eu chorei muito, não dei a comida dele’ (Kanupai)

O terceiro grupo de verbos que inclui nesta classe é o dos verbos estativos do tipo 1. Estes verbos são incluídos aqui porque, assim como os demais, são marcados por proclíticos ou por nomes que, em geral, ocorrem antes do verbo. Do ponto de vista semântico, entretanto, estes verbos poderiam ser separados dos verbos descritos

anteriormente porque, embora seus sujeitos sejam, em geral, também pacientes, eles denotam estados, e não propriamente eventos que afetam estes sujeitos. Embora não seja possível afirmar categoricamente, porque um estudo mais aprofundado a respeito desses verbos precisa ser feito para se chegar a conclusões mais acuradas, os verbos estativos do tipo 1 parecem semanticamente denotar estados transitórios dos sujeitos. Abaixo, apresento alguns exemplos:

- (75) Kauruma **kulepe**-ti=pai
 Kauruma estar.sujo-NMLZ=IPFV
 ‘Kauruma está sujo’
- (76) tineşu **kau**=tai=pai
 mulher doer=DIM=IPFV
 ‘a mulher está doente’
- (77) ni=**mişa**=pai pi=ju=tsa
 1SG=estar.amedrontado=IPFV 2SG=DAT=LOC
 ‘eu estou com medo de você’
- (78) ahã pi=**hipialu**=pai? hehe ni=**hipialu**=pai=hã
 INTERJ 2SG=estar.faminto=IPFV INTERJ, 1SG=estar.faminto=IPFV=ENF
- natu kuta n=aitʃa=pai=hã kupati=hã
 1SG DESID 1SG=comer=IPFV=ENF peixe=ENF
 ‘Então, você está com fome? Sim, eu estou faminta. Eu quero comer peixe’
 (Itxuna)
- (79) jumuku=nau taputa=wa, **majalene**=pei tika=wi=ku
 criança=PL nadar=PFV 3.estar.cansado=IPFV ainda=REP=ENF
 ‘as crianças nadaram muito, agora elas estão cansadas’
- (80) a=**kulata**=pai, a=**kau**=tai pijala=pai
 1PL=estar.quente=IPFV 1PL=doer=DIM DUB=IPFV
 ‘nós estamos quentes. Acho que estamos doente’

Note que, em (80), caso o verbo *kau* ‘doer’ fosse um nome, porque porta o enclítico =tai (que embora também possa ocorrer com verbos, ocorre com mais frequência em nomes), teria que estar verbalizado. O fato de este verbo não estar, demonstra que essas palavras verbais com características de adjetivo são, de fato, verbos. Observe, assim, que os sujeitos de verbos intransitivos estativos do Tipo 1 são marcados pronominalmente pelos proclíticos de pessoa ou lexicalmente por nomes ou sintagmas

nominais que ocorrem antes do verbo, exatamente como os verbos transitivos e os verbos intransitivos descritos anteriormente.

8.4.2. Intransitivos estativos do tipo 2

A classe de verbos intransitivos que descrevo nesta subseção se diferencia da classe dos verbos estativos do tipo 1 em termos morfossintáticos. Semanticamente, não é possível afirmar com exatidão a diferença entre esses dois tipos de verbos estativos, embora a análise preliminar dos verbos do tipo 2 pareça apontar para uma distinção em termos de transitoriedade/não-transitoriedade, ou seja, enquanto os verbos estativos do tipo 1 parecem denotar estados transitórios dos referentes (como estar triste, mas não ser triste; estar bonito, mas não ser bonito; estar feio, mas não ser feio), os verbos estativos do tipo 2 parecem abarcar a noção de não-transitoriedade, isto é, de permanência (ser bonito, e não estar bonito; ser feio, e não estar feio).

Do ponto de vista morfossintático, os estativos do tipo 2 se comportam de forma bastante diferente dos demais verbos apresentados até aqui, tanto em termos do tipo de sujeito que tomam, quanto em relação à posição que assumem na construção. Nestes casos, quando pronominal, o sujeito tomado pelo verbo não será um proclítico de pessoa, mas as formas livres dos pronomes. Além disso, tanto sujeitos lexicais quanto pronominais seguem o verbo, ao invés de precedê-lo, como ocorre com os demais verbos. A posição em que esses sujeitos aparecem e o tipo de sujeito tomado pelo verbo (pronomes livres), coloca estes verbos em alinhamento com o objeto do verbo transitivo, único argumento que também aparece após o verbo e é representado pelos pronomes livres. Vejamos alguns exemplos abaixo:

- (81) **kulata**=pai pitsu, n=itsu-pa-lu!
 ser.quente=IPFV 2SG 1SG=filha-EST-FEM
- n=itsu=pa=lu akama=pai=ku=hã ahã
 1SG=filha-EST-FEM morrer=IPFV=DECL=ENF INTERJ
- ‘você está quente, minha filha!’
 ‘minha filha está morrendo, nossa! (falando para o pajé)’ (Kukühü)

- (82) **une=pei=ku** **p=ija** **ulei-tʃe=ku**
 pessoa=IPFV=DECL 2SG=ir mandioca-CLF.plano=DECL
- amunuja** **pi=tʃene-ti=ku=hã**
 muito 2SG=mandioca-CLF.semente=DECL=ENF
- kitepe-mina=pai=ku** **kukihi=hã**
 ser.alegre-INTENS=IPFV=DECL **kukihi=ENF**
 ‘(se) alguém vai na roça e tem muita mandioca, o kukühü fica muito feliz’
 (Kukühü)
- (83) **kau=pai** **kata ai.** **epehe=pei** **kanati**
 doer=IPFV DEM pimenta 3.queimar=IPFV boca
 ‘Essa pimenta é ardida. Ela queima a boca’ (A/C)
- (84) **kahala=pai** **iʃi** **mapala-kuma.**
 ser.azedo=IPFV DEM abacaxi-NPROT
 Esse abacaxi é azedo’
- (85) **kitepe-mina=pai** **une-une=neu=wi=ku=hã**
 ser.alegre-INTENS=IPFV pessoa-REDP=PL=REP=DECL=ENF
 ‘o pessoal é muito alegre’ (Atulaisaki)
- (86) **kulepe** **natu**
 ser.sujo 1SG
 ‘eu sou sujo’
- (87) **kulepe**
 ser.sujo
 ‘ele é sujo’
- (88) **malu-waʃi** **pitsu=wi=ku**
 ser.feio-INTENS 2SG=REP=DECL
 ‘você é feio’
- (89) **katai=pai** **mei=tsipie** **pai=naku=hã**
 estar.cheio=IPFV formiga(esp.)=PL casa=dentro=ENF
 ‘em casa está cheio de formiga’

É preciso deixar claro, entretanto, que um mesmo verbo de estado pode ocorrer tanto da forma como ocorrem os verbos estativos do tipo 1, quanto os do tipo 2. Veja, por exemplo, o caso do verbo *kulata* ‘ser.quente’ em (80), com o proclítico de pessoa exercendo a função de sujeito, e em (81), com o pronome livre nesta posição e seguindo o verbo.

8.5. Cópula

Não encontrei, em meu corpus, nenhuma marcação específica de cópula (embora essa noção possa ser expressa por meio do morfema existencial, como mostro na próxima subseção), uma vez que a maioria das construções copulares são feitas apenas por justaposição, como mostram os dados abaixo:

- (90) *une* *natu=wi=ku=hã* *itʃuna natu=wi=ku=hã*
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF *timbó* 1SG=REP=DECL=ENF
- kani natu=wi=ku,* *kani natu=wi=ku!*
 DEM 1SG=REP=DECL DEM 1SG=REP=DECL
 ‘(aquela) pessoa, eu sou o *timbó*
 Sou aquela, sou aquela’ (Itxuna)
- (91) *apai-jeke-hi* *papa,* *apai-jeke-tu* *mama*
 cantor-dono-MASC pai.POSS cantor-dono-FEM 1SG.mãe
 ‘meu pai é cantor, minha mãe é cantora’
- (92) *kapi-jeke-hi* *natu,* *kapi-jeke-tu* *(u)ne*
 lutador-dono-MASC 1SG lutador-dono-FEM pessoa
 ‘eu sou lutador, ela é lutadora’
- (93) *heritʃa atu=wi=ku,* *aripi atsi=ku*
 velho avô=REP=DECL velha avó=DECL
 ‘o avô é velho, a avó é velha’

Há, entretanto, um exemplo em meu corpus que parece evidenciar a presença de um verbo cujo sentido parece remeter àquele das cópulas, conforme abaixo. É preciso, contudo, verificar a ocorrência desse verbo em outros exemplos para uma melhor descrição dessa categoria:

- (94) *n=auta=pai kupati=hã,* *ʃa tĩneʃu auta=pai kupati=ma=hã*
 1SG=ser=IPFV peixe=ENF DEM mulher ser=IPFV peixe=REPET=ENF
 ‘eu sou pescador e aquela mulher é pescadora também’

8.6. Existencial =*waka*:

O existencial *waka* em Mehináku também pode funcionar como uma espécie de cópula e seu comportamento é bastante variado, já que pode ocorrer anexado a nomes,

verbos, numerais e advérbios. Semanticamente, exprime a noção de existência, como em ‘há x/existe x’. Vejamos exemplos com nomes abaixo:

- (95) *katika=waka=pai*
 frio=EXIST=IPFV
 ‘está frio’
- (96) *uni tuwa=wa a-katika=waka-ta=wi=ku*
 água cair=PFV VBLZ-frio=EXIST-CAUS=REP=DECL
 ‘a chuva fez ficar frio’
- (97) *aitsa=mija ulei-paitje apuka=wi=ku=hã*
 NEG=POT mandioca-PROSP lugar=REP=DECL=ENF
- aitsa=mija ulei=waka=wi=ku*
 NEG=POT mandioca=EXIST=REP=DECL
 ‘se não existisse (o kukühü), não existiria mandioca’ (Kukühü)

Dentre as combinações mais produtivas de *waka* com verbos, está aquela com o verbo *kaka* ‘ter’ (98)-(102). Além disso, quando anexado a *kaka*, pode portar morfemas de aspecto, como =*pai* (98)-(99). Note também que, em (101)-(102), a negação atinge todo o complexo verbal que contém *kaka* + *waka*, negando o predicado:

- (98) *kaka=waka=pai atuşua*
 ter=EXIST=IPFV atuşua
 ‘Existe Atuxuá’ (lit.: há um espírito chamado Atuşua)
- (99) *kaka=waka=pai mapa*
 ter=EXIST=IPFV mel
 ‘tem mel’
- (100) *ulei=ku aitsa=tuwa=mija kukihi kaka=waka=wi=ku*
 mandioca=DECL NEG=REFL=POT kukihi ter=EXIST=REP=DECL
 ‘se não existisse o kukühü não existiria roça’ (Kukühü)
- (101) *aitsa une-une kaka=waka=wi=ku=hã*
 NEG pessoa-REDP ter=EXIST=REP=DECL=ENF
- ati=nai une-une=neu ija=wa?*
 PRO=LOC pessoa-REDP=PL ir=PFV
 ‘não tinha ninguém lá. Onde o pessoal foi?’ (Alua)

- (102) *i=nupa* *amaka aitsa* *kaka=waka=wi=ku=hã*
 3=ver rede NEG ter=EXIST=REP=DECL=ENF
- ehé!* *Ati=nai-pia* *n=utuluma=li=ku*
 INTERJ PRO=LOC=POSS 1SG=rede=CONT=DECL
 ‘ela viu que a rede não estava mais lá.
 Nossa, Cadê minha rede?’ (Xepeku)

Outros usos de *waka* com verbos podem ser vistos abaixo. Note que, em (103), *waka* parece ampliar o sentido do verbo, já que *etuna* ‘andar’ passa a significar ‘ficar andando por aí, estar dando, ter andado’. Em (104), a combinação com *eteme* ‘escutar’ parece remeter ao ato de ‘observar um barulho existente’:

- (103) *a=ija katatakuwa* *a=ija=ku=ma* *ew=etuna=waka=ta*
 1PL=ir mato(?) 1PL=ir=?=REPET 1PL=andar=EXIST=CAUS
 ‘vamos no mato, vamos de novo andar por lá’ (Itxuna)
- (104) *une-une=neu* *kala* *ija* *au* *i=u* *matika=hã*
 pessoa-REDP=PL DUB 3.ir 1PL 3=DAT depois=ENF
- eteme=kina=waka* *i=niwula=ku=hã*
 3.escutar=IMP=EXIST 3=grito=DECL=ENF
- waká, waká, waká*
waká waká waká
- kitepe=mina=pai* *une-une=neu=wi=ku=hã*
 ser.alegre-INTENS=IPFV pessoa-REDP=PL=REP=DECL=ENF
 ‘pessoal, acho que ele está vindo até nós.
 Escuta o grito.
 O pessoal ficou muito alegre (quando ouviu o grito)’ (Atulatsaki)

O existencial *waka* também atua na composição de advérbios temporais, conforme abaixo:

- (105) *ije-ne-ne=ku=hã,* *amaka-tuwa=wi* *i=me=ku=hã*
 3.ir-PONT-DIR=DECL=ENF morrer-REFL=PFV 3=marido=DECL=ENF
- mija=waka=wi=ku*
 pouco.tempo.depois=EXIST=DECL=ENF
- i=me* *tuwe-ne=ku=hã*
 3=marido voltar-DIR=DECL=ENF
 ‘Ela foi embora, o marido dela ficou triste. Pouco tempo depois, o marido dela foi embora’ (Alapü)

- (106) muti=**waka**=wi=ku maka eteme kutsu=ku=hã
 ser.escuro=EXIST=DECL=ENF CONJ 3.escutar EVID.IND=DECL=ENF
 ‘escureceu e ele escutou (algo)’

muti=**waka**=wi=ku eteme kene=ku kupuṣati=tipe=ku
 ser.escuro=EXIST=DECL=ENF 3.escutar DEM=DECL pássaro=PL=DECL
 ‘escureceu e ele escutou (algo)’. Escureceu, ele escutou aqueles pássaros
 (cantando)’ (Itxuna)

- (107) mujaka=**waka**=li=ku ija pala waku=wi=ku=hã
 ser.claro=exist=CONT=DECL 3.ir lado rio=REP=DECL=ENF

i=nupa=tika aitsa=mija=ja nakapa=wa,
 3=ver=ainda NEG=POT=ASS tomar.banho=PFV

numa panu i=piri=ku
 dizer 3.esposa 3=DAT=DECL
 ‘amanheceu, ele foi para o outro lado do rio.
 Não pode me olhar tomando banho, ele disse para a esposa’ (Wayuku)

E, ainda, anexado a numerais, quando se deseja exprimir noção de multiplicação, conforme menciono em §4.1.3.2 (ver esta seção, para outros exemplos), e reproduzo abaixo:

- (108) pawitsa=**waka**
 um=EXIST
 ‘uma vez’

- (109) mipijama=**waka**
 dois=EXIST
 ‘duas vezes’

8.7. Quotativo *numa*

O quotativo *numa* é usado em Mehináku para introduzir uma citação, a fala de um referente do ato comunicativo, que funciona como seu complemento. Estou traduzindo este verbo como ‘dizer’, como em ‘fulano disse x’. Esta forma não se confunde, todavia, com o verbo *jajaka* ‘falar’, que de fato refere-se a uma ação comunicativa, nem com outros verbos da língua. O quotativo *numa* faz referência ao que foi dito, ao invés de ser a expressão do ato de dizer. Parece ser uma forma gramaticalizada do proclítico de primeira pessoa mais o verbo (n=uma 1SG=dizer ‘eu disse’), mas que no estágio atual da

língua perdeu esse sentido, já que inclusive é usado para expressar citações em terceira pessoa, como se pode ver pelos exemplos abaixo:

- (110) nu=me kata=pai=ku a=tâi=ku
 1SG=marido DEM=IPFV=DECL 1PL=filho=DECL
- p=tuka=ku **numa** i=piri=ku i=me=ku=hã, iși=hã
 2SG=pegar=DECL 3.dizer 3=DAT=DECL 3=marido=DECL=ENF DEM=ENF
 ‘meu marido, este é nosso filho (disse a mulher)
 pega aí, disse para ela o marido dela, este aí’ (Katutukalu)
- (111) şa=nai p=ija p=akene=he?
 DEM=LOC 2SG=ir 2SG=defecar=ENF
- aitsa=wa! **numa** i=piri=ku
 NEG=PFV 3.dizer 3=DAT=DECL
 ‘Você vai ir defecar?
 Não posso! Disse para ela’ (Alapü)
- (112) kala=hã n=iju haju akene ahã,
 DEM=ENF 1SG=esposa filho defecar INTERJ
- numa** i=piri=ku kene i=nu=wi=ku=hã
 3.dizer 3=DAT=DECL DEM 3=esposa=REP=DECL=ENF
- i=nai emehese=wi=ku
 3=LOC limpar.a.bunda=REP=DECL
 ‘Minha esposa, o filho fez cocô (acho) ahã!
 disse ele para a ela, aquela que é esposa dele.
 Lá, limpa a bunda (dele, a bunda do sapo)’ (Katutukalu)
- (113) tsi-tsa-ta n=iju kata=wa=hã? **numa** kutse=ku
 POT-REST-CAUS 1SG=esposa DEM=PFV=ENF 3.dizer EVID.IND=DECL
 ‘Seria bom que fosse minha esposa, ele dizia’ (Alapü)
- (114) jitsui=ku **numa** jatami=ku=hã
 depois=DECL dizer pajé=DECL=ENF
- ija kala tuwa i=maka=nai=itse=ku=hã
 3.ir DEM 3.vir 3=de.lá=LOC=LOC=DECL=ENF
 ‘Depois o pajé disse que ia e veio de lá’ (Kukühü)

O quotativo pode portar o morfema de imperfectivo =*pai*, mas não encontrei exemplos em que ele ocorra com as demais formas gramaticais que se anexam a verbos prototípicos, quando em sua função de quotativo:

- (115) eté tsitsa-ta=mija=wa nu=k=iju=wa Kata=wa=hã
 INTERJ semelhante-CAUS=POT=PFV 1SG=ATR=esposa=PFV DEM=PFV=ENF

numa=pai i=piri=ku
 3.dizer=IPFV 3=DAT=DECL

une natu=wi=ku=hã itfuna natu=wi=ku=hã
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF timbó 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, eu queria minha esposa igualzinha aquela (aquela timbó),
 ele disse para ela (o timbó)
 Sou aquela (que você falou), eu sou o timbó, (disse o timbó transformado
 em mulher a ele)’ (Itxuna)

Nos casos em que *numa* aparece em final de sentença pode portar a combinação de morfema reportativo mais declarativo, mas não se pode afirmar que estes são morfemas que possam se anexar ao quotativo, porque tratam-se de enclíticos que tendem naturalmente a ocorrer em final de sentenças:

- (116) awn-ejuka-hi=ku! Tsiririririri. Eku=wi
 EXC-urinar-?=DECL Tsiririririri Pronto=PFV

ija i=nai=ku, **numa=wi=ku.**
 3.ir 3=LOC=DECL 3.dizer=REP=DECL

eṣeke-ne itsei=ku. Eku=wi=ku
 Acender-DIR fogo=DECL Pronto=REP=DECL

pataka-ta-wi itsei penu=itse=ku
 Colocou-CAUS-3O fogo em.cima=LOC=DECL
 ‘(ela) urinou um monte! Tsiririririri (som da urina). Pronto!
 Ela foi lá, diz-se,
 acendeu o fogo. Pronto!
 Colocou-a (a panela com urina) em cima do fogo’ (Alapü)

- (117) Eté tsitsata=mija=wa nu=k=iju=wa
 INTERJ ser.semelhante=POT=PFV 1SG=ATR=esposa=PFV

Eté=he awitsi-ri, Eté
 INTERJ=ENF ser.bonito-NMLZ INTERJ

Eté! numa=wi=ku
 INTERJ 3.dizer=REP=DECL
 ‘Nossa, queria minha esposa igualzinha!
 Nossa, que bonita, nossa!
 Nossa, disse ele’ (Xepeku)

8.8. Transformativo *-henei*

O morfema *-henei* se anexa a nomes em Mehináku passando a atribuir-lhes características verbais. Sua função é indicar que determinada entidade se transformou em outra. Vejamos exemplos abaixo:

- (118) šepeku-**henei**=ku ija kene šepeku=pei=ku=hã
 broto.de.buriti-TRANS=DECL ir DEM broto.de.buriti=IPFV=DECL=ENF

šepeku-**henei**
 broto.de.buriti-TRANS
 (ela) se transformou naquele broto de buriti, se transformou em broto de buriti’ (Xepeku)

- (119) n=akata=lu iși=(u)ne pi=me-je=ku=hã
 1SG=jogar.água=FUT DEM=pessoa 2SG=marido-?=DECL=ENF

uni=naku i=tiwi-tsa! arimatutu-**henei**
 água=dentro 3=cabeça-CLF.largo carvão-TRANS
 ‘eu vou jogar água nesse seu marido (disse a mulher)
 (jogou) água na cabeça dele! (ele) virou carvão’ (Wayuku)

8.9. Mecanismos de mudança de valência

Irei apresentar nesta seção os mecanismos de mudança de valência em Mehináku, que incluem aumento, quando um participante obrigatório se torna opcional, e redução, quando um novo participante é introduzido na construção (VELUPILLAI, 2012). Apresento primeiramente as construções em que há redução de valência, tais como: reflexivas, passivas, recíprocas e anticausativas. Sobre os mecanismos que aumentam valência, apresento: o causativo morfológico e lexical.

8.9.1. Redução de valência

8.9.1.1. Reflexivo *-tuwa*

Em Mehináku, o reflexivo *-tuwa* reduz valência, na medida em que assinala que o participante agente e o outro argumento da construção são correferenciais. Note, em todos os exemplos seguintes, que os agentes e os argumentos das construções são o mesmo referente. Apresento exemplos abaixo:

(120) natu k=a-jajaka-**tuwa**=pai
 1SG ATR=VBLZ-fala-REFL=IPFV
 ‘eu falo comigo mesmo’

(121) natu ni=kişi-**tuwa**=wa
 1SG 1SG=cortar-REFL=PFV
 ‘eu me cortei’

(122) hiritji=nau patã a-jana-**tuwa**=pai i=tenu=hã,
 velho=PL somente VBLZ-pintura-REFL=IPFV 3=INS=ENF
 jamuku-ti-pa=nau aitsa=wa=hã
 jovem-CLF:cilíndrico-EST=PL NEG=PFV=ENF
 ‘somente os velhos se pintam com ela (tipo de pintura). Os jovens não’
 (CORBERA MORI, 2019, p. 1294, *modificado*)

(123) hekuja a=utata-**tuwa** apai-tipe
 antigamente 1PL=saber-REFL canção-PL
 ‘antigamente, nós mesmos sabíamos as canções’ (A/C)

(124) ije-ne-ne=ku=hã, amaka-**tuwa**=wi i=me=ku=hã
 3.ir-?-DIR=DECL=ENF morrer-REFL=PFV 3=marido=DECL=ENF
 mija=waka=wi=ku
 pouco.tempo.depois=EXIST=DECL=ENF

i=me tuwe-ne=ku=hã
 3=marido voltar-DIR=DECL=ENF
 ‘Ela foi embora, o marido dela ficou triste. Pouco tempo depois, o marido dela foi embora’ (Alapü)

- (125) atsa ji=mitsa n=utuluma-la?
 INT 2PL=fazer 1SG=rede-POSS
- atsa i=naku-**tuwa**=la natu,
 INT 3=dentro-REFL=FUT 1SG
- n=ija ni=hanaka-**tuwa**=la=hã?
 1SG=ir 1SG=descansar-REFL=FUT=ENF
 ‘o que vocês fizeram com a minha rede? Como vou me deitar, vou descansar?’ (Xepeku)

8.9.1.2. Passivas

Uma construção passiva é aquela em que um determinado objeto, que desempenha geralmente a função de paciente, passa à função de sujeito. Em Mehináku, dois recursos são utilizados para indicar voz passiva: a inversão da ordem dos argumentos: o sujeito que tende a preceder o verbo passa a segui-lo e o objeto que seguia o verbo passa a ocupar a posição do sujeito, e, também, ocorre a inserção do morfema de impessoal =*kina* no verbo, como demonstram os exemplos seguintes:

- (126) Paulo u=nupa Kuiarapi
 Paulo 3=ver Kuiarapi
 ‘Paulo viu o KUIARAPI’
- (127) KUIARAPI u=nupa=**kina**=wa Paulo
 KUIARAPI 3=ver=IMP=PFV Paulo
 ‘KUIARAPI foi visto pelo Paulo’
- (128) nu=tai waitʃa ketula-ja
 1SG=DIM chutar mangaba-CLF.líquido
 ‘meu filho chutou a bola (lit.: a bola feita com a seiva da mangaba)’
- (129) ketula-ja waitʃa=**kina**=wa nu=tai=wa=hã
 mangaba-CLF.líquido chutar=IMP=PFV 1SG=filho=IPFV=ENF
 ‘a bola foi chutada pelo meu filho’
- (130) janumaka aitʃa pahí
 onça comer macaco
 ‘a onça comeu o macaco’
- (131) pahí aitʃa=**kina**=wa janumaka
 macaco comer=IMP=PFV onça
 ‘o macaco foi comido pela onça’

Apresentei os exemplos acima apenas para ilustrar como se dá o processo de mudança de voz ativa para passiva em Mehináku. Nos exemplos abaixo, entretanto, mostro que, na transformação da construção em passiva, também ocorre a redução de valência, na medida em que um dos argumentos pode ser suprimido. Compare, por exemplo, os exemplos em (126)-(127) com o exemplo em (132), abaixo. Note que, neste caso, o argumento em posição de sujeito foi demovido, reduzindo valência verbal. O mesmo vale para os exemplos em (128)-(129), acima, e o exemplo em (133), abaixo:

(132) Kuiarapi u=nupa=kina=wa
 Kuiarapi 3=ver=IMP=PFV
 ‘Kuiarapi foi visto’

(133) ketula-ja waitʃa=**kina**=wa
 mangaba-CLF.líquido chutar=IMP=PFV
 ‘a bola foi chutada’

Quando há uma construção com objeto indireto, a redução de valência em sentenças passivas é mais evidente. Note, abaixo, que o sujeito das sentenças (134) e (136) foram demovidos nas sentenças em (135) e (137), quando estas foram apassivadas:

(134) **Jack** i=muka amina-kana Wayeru i=u
 Jack 3=dar blusa-CLF.côncavo Wayeru 3=DAT
 ‘a Jack deu a blusa para a Wayeru’

(135) amina-kana i=muka-ta Wayeru i=u
 blusa-CLF.côncavo 3=dar-CAUS Wayeru 3=DAT
 ‘a blusa foi dada para a Wayeru’

(136) **natu** nu=muka ʃepi ʃa i=u
 1SG 1SG=dar banco DEM 3=DAT
 ‘eu dei um banco para ele’

(137) ʃepi i=muka=kina ʃa i=u=hã
 banco 3=dar=IMP DEM 3=DAT=ENF
 ‘o banco foi dado para ele’

Velupillai (2012) chama este tipo de construção passiva, que envolve a demolição do argumento agente e a promoção do argumento paciente da sentença, de ‘*personal passives*’.

8.9.1.3. Anticausativo *-kuwa*

A construção anticausativa (ou médio-passiva), como o próprio nome supõe, é o oposto da causativa. Segundo Velupillai (2012), enquanto na causativa há um verbo não causativo que recebe um elemento que o torna causativo, aumentando a valência em 1, na construção anticausativa há um verbo causativo no qual se insere um elemento que retira a causativização, reduzindo a valência em 1 (o causador não é mais necessário). Em Mehináku, embora os dados sejam preliminares, a anticausativização parece ser marcada morfológicamente por *-(k)uwa*. Note, pelo contraste entre os exemplos (138)-(139) e (140)-(141), que, quando anticausativizado, o verbo passa a não requerer um causador expreso, reduzindo a valência verbal em 1.

(138) eniṣa kakake=ne ṣepi
 homem quebrar=PONT banco
 ‘o homem quebrou o banco’

(139) ṣepi halakak-**uwa**=wa
 banco quebrar-ANTICAUS=PFV
 ‘o banco quebrou’

(140) tineṣu wanaka kunu
 mulher abrir porta
 ‘a mulher abriu a porta’

(141) kunu wanak-**uwa**=wa
 porta abrir-ANTICAUS=PFV
 ‘a porta abriu’

O mesmo ocorre nos exemplos em (142) e (143), abaixo:

(142) a=ija waku=wi=ku akapa=wi=ku,
 1PL=ir rio=REP=DECL tomar.banho=REP=DECL

hapu=**kuwa**=wi=ku pá kani i=tiwi-hapi=ku
 molhar=ANTICAUS=REP=DECL INTERJ DEM 3=cabeça=cabelo=DECL

puka=wi=ku=hã kehepe
 cair=REP=DECL=ENF espuma
 ‘nós fomos no rio tomar banho. O cabelo molhou, nossa! Caiu espuma’
 (Itxuna)

- (143) *i=itfuwa=pai=ku*
 3=esquentar=IPFV=DECL
- nu=witʃa-ta=la,* *numa i=piri=ku=hã*
 1SG=queimar-CAUS=FUT dizer 3=DAT=DECL=ENF
- maka auna-kuwa* *kene=ku=hã*
 CONJ ser.limpo-ANTICAUS DEM=DECL=ENF
 ‘ele foi esquentando.
 Vou queimar meu lixo, disse para ele (à esposa), para ficar limpo’
 (Atulaitsaki)

Outro exemplo interessante desse processo pode ser visto no exemplo seguinte. Note que, neste caso, o morfema anticausativo aparece anexado ao nome *mami* ‘mãe’, da primeira sentença interrogativa, e não ao verbo, como costuma acontecer. Seu escopo, todavia, recai sobre o verbo *nuka* ‘matar’ da sentença seguinte, que passa a não mais requerer complemento em posição de objeto. Estou assumindo, neste caso, que a anexação do anticausativo ao nome que ocuparia a posição de objeto direto do verbo *nuka* ‘matar’, que é transitivo, e, portanto, exigiria um complemento em posição de objeto direto, reduz a valência desse verbo, já que esta posição passa a não ser mais obrigatoriamente preenchida. O complemento do verbo *nuka* ‘matar’, que no caso é o nome *mami* ‘mãe’ não precisa ser retomado/repetido após o verbo, pois pode ser identificado cataforicamente via sua marcação anticausativa.

- (144) *atsa p=umata mami=kuwa, şamalu?*
 INT 2SG=fazer mãe.POSS=ANTICAUS otário
- ati=numa pu=nuka?*
 Pro=por.que 2SG=matar
 ‘o que você fez com a mãe, otário?’
 Por que você (a) matou? (Alua)

8.9.1.4. Recíproco *pa=*

As construções recíprocas são aquelas que envolvem dois participantes (ou mais) em um evento simultâneo. Embora a identidade dos participantes seja correlacionada, no sentido de que um participante está relacionado ao outro, esses participantes não são correferenciais, diferenciando-se assim das construções reflexivas em que os participantes o são. Não está claro, ainda, a partir dos dados que disponho, se existe uma estratégia mais usada para se assinalar que uma construção é recíproca e de que maneira

essa construção se diferencia de uma reflexiva em Mehináku, por exemplo. Há, todavia, algumas estratégias que parecem codificar reciprocidade, conforme apresento a seguir.

Todas estas estratégias parecem ter em comum a presença do morfema correferencial que descrevi para os nomes (ver §7.8) e sua combinação com outras formas da língua, sobretudo com a posposição comitativa =*tenu*, como mostram os exemplos abaixo. Note que, no contraste entre os pares de construções não-recíprocas e recíprocas abaixo, que em (145) o objeto de segunda pessoa do plural é mantido, preservando a estrutura de dois argumentos, enquanto que em (146), quando parece ocorrer a incorporação da posposição comitativa, a valência é reduzida na medida em que o participante em posição de objeto é omitido. O mesmo vale para as construções em (147)-(148), em que ocorre a omissão de um dos participantes.

- (145) *tineṣu=nau* *k=a-jajaka* **ji=tsenu=wi=ku**
mulher=PL ATR=VBLZ-fala 2PL=COM=REP=DECL
‘as mulheres falaram com vocês’
- (146) *tineṣu=nau* *k=a-jajaka* **pe=tenu-kaka**
mulher=PL ATR=VBLZ-fala RECP=COM=?
‘as mulheres falaram umas com as outras’
- (147) *eniṣa=nau* *a-kapi-tsa=wi=ku* **pe=tenu-kaka**
homem=PL VBLZ-luta-VBLZ=REP=DECL RECP=COM=?
‘os homens lutaram uns com os outros’
- (148) *i=nuka=waka=wa=pa* **pe=tenu-kaka**
3=matar=EXIST=PFV=PL.3 RECP=COM=?
‘eles mataram-se uns aos outros’

Há casos, como abaixo, em que a presença do morfema recíproco não diminui valência, porque o objeto posicionado se mantém:

- (149) *jamuku=nau* *ka=mapapaha=wi=ku* **pe=pe=kina** **i=tenu**
criança=PL ATR=brigar=REP=DECL RECP=?=IMP 3=COM
‘as crianças brigaram umas com as outras’

Há outros, também, em que não é fácil determinar em que medida as construções recíprocas se diferenciam de outras porque em uma mesma construção em que se acha o recíproco e o comitativo, também é possível notar a presença dos morfemas existencial e reflexivo, como a seguir:

- (150) nati=şa i=nuka=**waka**=wa-pa **pa**=tuwa=wa=nau i=**tenu**
 1SG=DEM 3=matar=EXIST=PFV-PL.3 RECP=REFL=PFV=PL 3=COM
 ‘eles brigaram uns com os outros’

Um uso do recíproco incorporado à outra posposição pode ainda ser visto abaixo:

- (151) pá hukapitsa-wi=ku=hã!
 INTERJ 3.pegar-3O=DECL=ENF

pataka-ta-wi **pe**=tepi-tse=ku=hã
 3.colocar-CAUS=3O RECP=embaixo=LOC=DECL=ENF

pataka-ta-wi **pe**=tepi-tse=ku=hã
 3.colocar-CAUS=3O RECP=embaixo=LOC=DECL=ENF

awn-ejukahi=ku
 EXC-urinar=DECL
 ‘nossa, ela pegou-a (a panela), coloco-a embaixo dela mesma, embaixo
 dela mesma (e) urinou bastante’ (Alapü)

8.9.2. Aumento de valência

8.9.2.1. Causativo morfológico *-ta*

Segundo Velupillai (2012), as construções causativas geralmente fundem dois eventos separados em um único evento complexo, que aumenta a valência do evento original em 1, a exemplo de construções do tipo: *Maria riu* → *João fez a Maria rir*, em que dois eventos separados se tornam um: o evento causador, em que João faz algo, e o evento causado, em que Maria faz algo por causa da ação de João. As construções causativas em geral podem ser de três tipos: morfológicas, lexicais e analítico. Nesta seção, descrevo a causatividade morfológica, que em Mehináku é realizada por meio do morfema *-ta* incorporado ao verbo.

Em meu corpus, encontrei esse morfema ocorrendo anexado a verbos transitivos (152)-(154) e intransitivos (155)-(156):

- (152) aitʃa-**ta**=pai pa=witʃa=tenu pa=matuku-ʃi=nau=wi=ku=hã
 3.comer-CAUS=IPFV RECP=cocô=INS 2SG=sogro-MASC=PL=REP=DECL=ENF
 ‘(ela) estava alimentando seus sogros com seu próprio cocô’ (lit.: fez
 seus sogros comerem) (Alapü)

- (153) ešeke-ne itsei=ku. Eku=wi=ku.
 Acedeu-PONT fogo=DECL pronto=REP=DECL
- pataka-**ta**-wi itsei=penu=itse=ku
 3.colocar-CAUS-3O fogo=em.cima=LOC=DECL
 ‘(ele) acendeu o fogo. Pronto. Colocaram (a panelinha de barro com urina) em cima do fogo’ (lit.: fez colocar a panela) (Alapü)
- (154) pa apakitsa=wi=ku nukaja=wi=ku ija
 INTERJ 3.tirar=REP=DECL perereba=REP=DECL 3.ir
- tuka-**ta**=la kene pa=tai=ku=hã nukaja
 3.beber-CAUS=FUT DEM RECP=filho=DECL=ENF perereba
 ‘aí ela tirou a perereba (do fogo) e foi dar para o filho (beber) perereba’ (lit.: fazer beber perereba) (Katutukalu)
- (155) tinešu awitsi-ri [ekepejuwa-**ta** Kuiarapi]
 mulher ser.bonita-NMLZ sorrir-CAUS Kuiarapi
 ‘a mulher bonita fez o Kuiarapi sorrir’
- (156) nu=waitšati-**ta** natu=wi=ku,
 1SG=estar.sozinho-CAUS 1SG=REP=DECL
- patuawa=nau ta i=kahi=wa
 outras.pessoas=PL tá 3=COM=PFV
- patuawa ta i=kahi=wa natu jukaki=ku=hã
 outras.pessoa tá 3=COM=PFV 1SG CONJ=DECL=ENF
 ‘eu fiquei sozinha morando com outras pessoas. Tá, Eu fiquei com outras pessoas’ (lit.: fazer ficar só (a mãe e abandonou e ela ficou só)) (Mama itsitxa natuwiku)

Um caso interessante de causatividade é aquele que se estabelece com o verbo *muka* ‘dar’. Quando não causativizado, esse verbo funciona em seu sentido original, como em (157) abaixo. Quando, no entanto, aparece causativizado, passa a significar ‘levar/deixar’, conforme (158)-(159). Neste caso, embora haja um processo de adjunção morfológica, o verbo *muka* parece funcionar como um causativo analítico.

- (157) p=ija pu=**muka** ata-pana i=u
 2SG=ir 2SG=dar árvore-CLF.foliforme 3=DAT
 ‘você vai dar dinheiro para ele’

- (158) p=ija pu=**muka-ta** n=itsu-pa-lu i=kahi
 2SG=ir 2SG=dar-CAUS 1SG=filha-EST-FEM 3=COM
 n=itsu-pa-lu a-kama=pai=ku=hã
 1SG=filha-EST-FEM VBLZ-doente=IPFV=DECL=ENF
 ‘você pode levar minha filha com você?
 Minha filha está morrendo’ (Kukühü)
- (159) epehitsu pe=weju-lu=nau u=tuluma-la
 3.Desamararrar 2SG=cunhada=FEM=PL 3=rede-POSS
 pa=janiri=nau u=tuluma-la epehitsu=wi=ku
 2SG=cunhado=PL 3=rede-POSS 3.desamararrar=REP=DECL
 Ekuwi! u=**muka-ta-wi** tsi-tsa=nai=ku=hã
 Pronto! 3=dar-CAUS-3O POT=REST=LOC=DECL=ENF
 ‘(ela) desamarrou a rede das suas cunhadas,
 desamarrou a rede dos seus cunhados.
 Pronto, deixa ali’ (Xepeku)

8.9.2.2. Causativo lexical

Causativo lexical é aquele em que a própria semântica do verbo contém uma noção causativa. Em Mehináku, cito o exemplo dos verbos *akama* ‘morrer’, que não tem noção causativa e, por ser intransitivo, exige apenas um argumento, e *nuka* ‘matar’, que é transitivo, exigindo dois argumentos, e tem noção causativa, porque implica que alguém causou a morte de alguém. A comparação evidencia o aumento de valência de um verbo para o outro.

8.10. Tempo, aspecto, modo, modalidade e evidencialidade

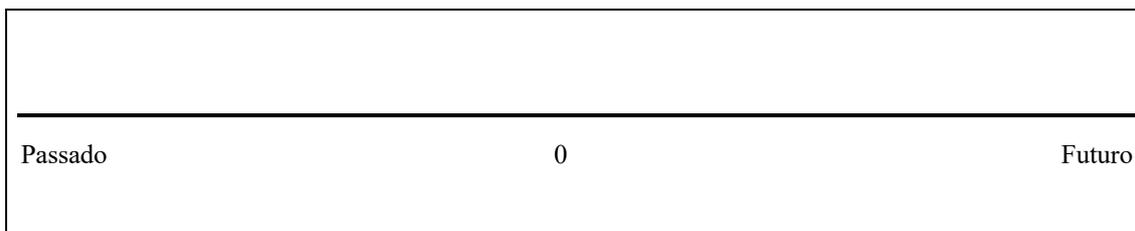
Nesta seção, apresento 23 estratégias utilizadas pelos falantes de Mehináku para expressar noções temporais, aspectuais, modais e de modalidade e evidencialidade. Essas noções podem ser expressas na língua por meio de sufixos anexados aos verbos, por clíticos e por partículas, ou, ainda, pode não haver marcação morfológica e essas noções podem ser expressas por meio de advérbios temporais (que não reapresento aqui, porque já apresentei em §5.2.1). Na tabela abaixo, resumo as estratégias de marcação de tempo, aspecto, modo, modalidade e evidencialidade que pude descrever até o momento em Mehináku:

Tempo		
1	Passado/presente	-Ø
2	Futuro	=la
Aspecto		
3	Perfectivo	=wa
4	Perfectivo	=wi
5	Imperfectivo	=pai
6	Pontual	-ne
7	Atenuativo	=tai
8	Asseverativo	=jete
9	Asseverativo	=ja
10	Transicional	=tika
11	Iterativo	-tsa
12	Continuativo	=li
Modo		
13	Repetitivo	=ma
14	Declarativo	=ku
15	Direcional	=ne
16	Impessoal	=kina
Modalidade		
17	Potencial	mija
18	Dubitativo	kala
19	Dubitativo	pijala
20	Dubitativo	mína
21	Dubitativo	kuma
22	Desiderativo	kuta
Evidencialidade		
23	Indireta	kutsa

Tabela 51. Tempo, aspecto, modo, modalidade e evidencialidade

8.10.1. Tempo

O tempo verbal, segundo Comrie (1976), está relacionado a uma situação que se refere ao tempo de fala. Assim, as noções de presente, passado e futuro, ou seja, os três tempos verbais mais comuns à maioria das línguas do mundo, descrevem, respectivamente, o momento simultâneo, o momento anterior e o momento subsequente ao tempo de fala, ou, em outras palavras, ao momento de enunciação. Em seu tradicional esboço da escala temporal, Comrie (1985, pp. 7-9) assinala um marco zero, que representaria o tempo presente, estando todas as ações relativas ao passado assinaladas à esquerda, enquanto todas as ações relativas ao futuro, estariam dispostas à direita desta escala. Vejamos este esboço no quadro abaixo:



Quadro 14. Representação para a análise do tempo (COMRIE, 1985)

A língua Mehináku, contudo, não apresenta uma distinção clara de tempo, ou seja, não há marcações morfológicas específicas para a codificação dos tradicionais tempos passado, presente e futuro. O que defendo nesta tese, baseado nos dados que disponho até o momento, é que haja apenas a distinção entre futuro e não futuro, sendo o futuro marcado morfológicamente e o passado e o presente ou não são marcados, ou são marcados por morfemas aspectuais e/ou expressos por meio de advérbios temporais. Nesse sentido, concordo com Comrie (1976, p. 66), quando o autor afirma que “uma vez que o tempo presente é essencialmente usado para descrever, em vez de narrar, ele é essencialmente imperfectivo, contínuo ou habitual, e não perfectivo”.

8.10.1.1. Passado/presente

Conforme mencionei acima, não há marcação morfológica específica para marcar o passado e o presente em Mehináku. Os verbos, neste caso, são apenas não marcados.

No que se refere ao passado, defendo que os verbos em (160)-(163) expressam essa noção porque eles foram todos retirados de histórias tradicionais, que narram acontecimentos que teriam acontecido em algum momento do passado, segundo a cosmologia Mehináku. Note que, em nenhum dos casos, o verbo é morfológicamente marcado. Em De Felipe (2018) propus que =wi seria a forma indicativa do passado em Mehináku. No entanto, nesta tese trato este morfema como marca de aspecto perfectivo (ver §8.10.2.2). Em construções com dois verbos ocorrendo justapostos, como em (159), o primeiro pode não ser marcado, indicando o passado, e o segundo pode portar morfemas aspectuais:

- (160) **une-une** **ija** **kala eṣuhi-ta=wa,** **eṣuhi-ta=ma-na=hã,**
 pessoa-REDP ir DUB anzol-VBLZ=PFV anzol-VBLZ=REPET-DIR=ENF
- ija** **eṣuhi-ta=wa,** **itsautakuwa,** **eṣuhi-ta=la**
 ir anzol-VBLZ=PFV riacho.de.buritizal, anzol-VBLZ=FUT
 ‘o homem foi pescar, pescar de novo. Foi pescar no riacho de buritizal,
 vai ir pescando...’ (Itxuna)
- (161) **ija** **i=tenu** **ulei-tʃe=ku=hã,**
 3.ir 3=COM mandioca-CLF.plano=DECL=ENF
- pataka** **i=tenu** **ulei-tʃe-tse=ku**
 3.sentar 3=COM mandioca-CLF.plano=LOC=DECL
 ‘ele foi com ele na roça, sentou com ele na roça’ (Katutukalu)
- (162) **umaluitseku** **jatamã** **puhika=wi=ku=hã**
 depois pajé fumar=REP=DECL=ENF
 ‘depois o pajé fumou (para poder olhar o paciente)’ (Kukühü)
- (163) **Eté** **janumaka** **aitʃa** **nu=matu=ʃu!**
 INTERJ onça comer 1SG=sogra-FEM
- janumaka** **aitʃa** **nu=matu=ʃu!**
 onça comer 1SG=sogra-FEM
 ‘Nossa! A onça comeu minha sogra, a onça comeu minha sogra’ (Alua)

Não há marcação morfológica para o passado mesmo nos casos em que os verbos aparecem modificados por advérbios temporais. Nestes casos, aliás, os advérbios é que passam a indicar que as ações já ocorreram, como em (164)-(168), abaixo. Note que não parece haver também distinção entre diferentes tipos de passado, como remoto, antigo, recente e outros, sendo essas noções marcadas também por meio de advérbios como *hekuja* ‘antigamente’, *tiṣawaitsa* ‘dias atrás’ e outros.

- (164) **hekuja-tipa=wi=ku** **amunau utata** **aunaki=ku**
 antigamente-CLF.idade=REP=DECL cacique 3.saber história=DECL
 ‘antigamente, o cacique sabia a história’
- (165) **tiṣawaitsa** **n=ija** **putaka=naku**
 dias.atrás 1SG=ir aldeia=dentro
 ‘esses dias atrás eu fui à aldeia’
- (166) **tʃawaka** **n=aitʃa** **ule-pe**
 ontem 1SG=comer mandioca-CLF.pastoso
 ‘ontem eu comi beiju’

- (167) **kalajukakai** nu=**nuka** kupati itʃuna i=**tenu**
 anteontem 1SG=**matar** peixe timbó 3=**INS**
 ‘anteontem eu pesquei peixes usando timbó’ (Itxuna)
- (168) **iʃi=pai** **kami=hã** **ija** pe=**weu-lu** i=**u**
 DEM=IPFV sol=**ENF** 3.ir 2SG=**cunhada-FEM** 3=**DAT**
- i=**jeu-lu** **apuhitʃa** heweku. Eku=**wi=ku=hã**
 3=**cunhada-FEM** 3.**pegar** cinza Pronto=**REP=DECL=ENF**
- ija** i=**hepi=ku**. i=**natsa** **tuma** heweku
 3.ir 3=?=**decl** 3=**depois** 3.**fazer** cinza
 ‘mais tarde, ela foi até a sua cunhada. A cunhada pegou cinza. Pronto.
 Foi dentro da casa (e) lá fez cinza’ (Alapü)

Assim como o passado, o presente também não é marcado morfologicamente. Acontecimentos simultâneos ao momento da enunciação são marcados por meio de morfemas de aspecto, como o imperfectivo =*pai* (ver §8.10.2.3), que retomo em (172). Abaixo, apresento alguns exemplos de acontecimentos escopados por advérbios como ‘hoje’ e ‘agora’, a fim de evidenciar que ações no presente são igualmente não marcadas. Defendo, neste caso, que essas construções são não marcadas porque, uma vez encerradas, ainda que no exato momento do enunciado, já representam ações passadas, decorridas. Ações em progresso, por exemplo, são marcadas por morfemas aspectuais, porque reconhece-se que o acontecimento ainda perpassa o presente. Não é o caso dos exemplos seguinte:

- (169) jamukuhi **aitʃa** iʃi=**pai**
 criança comer DEM=IPFV
 ‘a criança come agora’
- (170) a=**pakitsa=wi=ku**, **ija** kene alua
 1PL=**pegar=REP=DECL** 3.ir DEM morcego
- i=**penu=wi=ku=hã**
 3=**em.cima=REP=DECL=ENF**
- pa iʃi=**pai=ku=hã** tsilu, tsilu **numa=pai=ku**
 e DEM=IPFV=DECL=ENF tsilu, tsilu dizer=IPFV=DECL
 ‘eles pegaram (a tocha), foram para cima daquele morcego, e
 agora *tsilu tsilu* (barulho do fogo queimando-o, enquanto ele dormia),
 disse’ (Alua)

- (171) *iʃi=pai* *amunau* **akama**
 DEM=IPFV cacique morrer
 ‘o cacique morreu agora’
- (172) *Márcia aitsa* **aitʃa=pai** *ule-pe* *iʃi=pai*
 MárciaNEG comer=IPFV mandioca-CLF.pastoso DEM=IPFV
 ‘Márcia não está comendo beiju agora’

8.10.1.2. Futuro =*la*

O futuro é o único tempo verbal marcado em Mehináku. O enclítico =*la* indica que determinado evento irá ocorrer após o momento da enunciação. Em geral, tende a ocorrer anexado a verbos na língua, e, quando coocorre no verbo juntamente com morfemas aspectuais, irá aparecer depois destes (177).

- (173) *nu=taputa=la* *uni=wa*
 1SG=nadar=FUT água=PERL
 ‘Eu vou nadar na água’
- (174) *au=apai-tsa=la*
 1PL=canto-VBLZ=FUT
 ‘nós cantaremos’
- (175) *matamujaka* *n=ija=la* *cidade i=nai*
 amanhã 1SG=ir=FUT cidade 3=LOC
 ‘amanhã eu vou na cidade’
- (176) *tiʃawaitsa* *a=ija=la* *kajumai* *i=u*
 depois.de.amanhã 1PL=ir=FUT Kwarup 3=DAT
 ‘depois de amanhã, nós vamos na festa do Kwarup’
- (177) *atsa* *i=naku=wa=la* *natu?*
 INT 3=dentro=PFV=FUT 1SG

n=ija *ni=hanakatu=wa=la=ha?*
 1SG=ir 1SG=descansar=PFV=FUT=ENF
 ‘como vou me deitar? Como vou descansar? (Xepeku)’
- (178) *ejuka=la,* *ejuka=la!* *eteme* *pe=wejuka*
 3.urinar=FUT 3.urinar=FUT 3.escutar RECP=urina

Pá *ija* *pe=wehu-lu* *i=u*
 INTERJ ir 2SG=cunhada-FEM 3=DAT
 ‘ela vai urinar, ela vai urinar. Escutei sua urina. Nossa, ela foi até a tua
 cunhada’ (Alapü)

- (179) aitsa pu=nupa=wa-ni waku-pi=pai=hã
 NEG 2SG=ver=PFV-3SG.O rio=CLF.grande/redondo=IPFV=ENF
- aitsa=wa=hã p=akama=**la** matike=ku=hã
 NEG=PFV=ENF 2SG=morrer=FUT depois=DECL=ENF
 ‘você nunca pode olhar no fundo do rio, senão você vai morrer depois’
 (Yanumaka Yalaki)

Embora a maioria dos dados tenha mostrado esse morfema anexado a verbos, ele parece também ocorrer em outras classes, como mostro nos exemplos seguintes. Note, em (180), que =*la* ocorre anexado ao potencial =*mija*, concordando neste caso com a marcação de futuro já presente no verbo:

- (180) nu=peku=jete ija=**la** mijá=**la** Campinas=nai
 1SG=amigo=ASS ir=FUT POT=FUT Campinas=LOC
 ‘meu amigo talvez irá para Campinas’

Outros exemplos de ocorrência do morfema de futuro incluem sua anexação a demonstrativos, como em (181) e a predicados não verbais formados por posposição, em que sua presença aparece indicar que, de fato, essa construção funciona como um predicado, já que pode receber, inclusive, marcas de tempo (e aspecto), como em (182)-(183):

- (181) amija pi=kirapa i=kahi
 PROIB 2SG=mexer 3=COM
- na=kata=**la** iși-(u)ne pi=me-je=ku=hã
 1SG=DEM=FUT DEM-pessoa 2SG=marido-?=DECL-ENF
 ‘não, você não pode mexer com ele! (disse a esposa). Eu vou jogar isso (água) no seu marido (respondeu a inimiga dela)’ (Wayuku)
- (182) atsa ji=mitsa n=utuluma-la. Atsa i=naku=wa=**la** natu
 INT 2PL=fazer 1SG=rede-POSS INT 3=dentro=PFV=FUT 1SG
 ‘O quê vocês fizeram com minha rede? Como vou me deitar?’ (Xepeku)
- (183) atsa i=naku=wa=**la** natu?
 INT 3=dentro=PFV=FUT 1SG
- n=ija ni=hanakatu=wa=la=hã?
 1SG=ir 1SG=descansar=PFV=FUT=ENF
 ‘como vou me deitar? Como vou descansar?’ (Xepeku)

8.10.2. Aspecto

O aspecto verbal, segundo Comrie (1976, pp. 6-7), pode ser definido em termos dos diferentes modos de observar a constituição temporal interna de um evento. Por “constituição temporal interna” o autor compreende a oposição entre “tempo interno da situação” e “tempo externo da situação”, sendo o primeiro relacionado a aspecto e o segundo ao tempo. De acordo com Lyons (1979), diferentemente do tempo, o aspecto não constitui uma categoria dêitica e também não faz referência ao momento da enunciação. O aspecto está relacionado ao movimento, ao modo como se produz uma ação, ao resultado da ação, isto é, à constituição temporal interna dos eventos (TRASK, 2006, p. 40).

O aspecto, segundo Comrie (1985, pp. 6-7), é o menos discutido entre as línguas do mundo, de modo que as noções de aspecto mais conhecidas na tradição gramatical e nos estudos linguísticos são, em geral, as de perfectividade (de ação acabada, realizada) e imperfectividade (ação inacabada). Há, entretanto, para além somente das noções de aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo, outros tipos de aspecto encontrados nas línguas do mundo. Descreverei a seguir sete tipos possíveis de aspecto em Mehináku, todos marcados por sufixos/enclíticos que se anexam ao verbo.

8.10.2.1. Perfectivo =*wa*

O aspecto perfectivo caracteriza uma situação, em geral, finalizada como um todo e, por essa razão, caracteriza eventos completos. Não é fácil distinguir, em Mehináku, a diferença entre a noção expressa pelo aspecto perfectivo e o tempo passado, mas defendo aqui que o aspecto perfectivo recorta um evento terminado, especificando-o temporalmente no sentido de que assinala com mais precisão que um evento foi encerrado, ao contrário do tempo passado, não marcado, que apenas denota que um evento ocorreu em algum momento anterior ao momento da enunciação, sem necessariamente especificar que ele de fato terminou. O aspecto perfectivo é marcado em Mehináku pelo enclítico =*wa*, que tende a ocorrer com verbos, como abaixo:

- (184) uni taka=pai jukaka aitsa n=ija=**wa** cidade i=nai
 água cair=IPFV CONJ NEG 1SG=ir=PFV cidade 3=LOC
 ‘eu não fui à cidade porque estava chovendo’
- (185) i=nupa=wi=ku=hã kukihi i=tuka=**wa** pitsu
 3=ver=REP=DECL=ENF kukihi 3=pegar=PFV 2SG
 ‘ele viu o kukühü. Isso aqui que pegou você (disse o pajé)’ (Kukühü)
- (186) ati=nai une-une=neu? ija=**wa**
 PRO=LOC pessoa-REDP=PL 3.ir=PFV
 ‘cadê o pessoal? Eles foram’ (Itxuna)
- (187) haişu işi=(u)ne i=nuka=**wa** mami=ku=hã
 irmã DEM=pessoa 3=matar=PFV mãe.POSS=DECL=ENF
- kuşu-te-ne mama i=ti
 facção-VBLZ-PONT mãe 3=vagina
 ‘irmã, ele que matou nossa mãe nossa mãe. Cortou a vagina da mãe’ (Alua)
- (188) ije-ne=ku=hã, şamalu=wi=ku=hã
 3.ir-DIR=DECL=ENF otário=REP=DECL=ENF
- i=nuka=**wa** mama-tipa-lu=wi=ku=hã
 3=matar=PFV mãe.POSS-CLF.idade-FEM=REP=DECL=ENF
 ‘foi embora o otário que matou nossa mãe’ (Alua)

Este enclítico, entretanto, também ocorre anexado a várias outras classes em Mehináku, incluindo morfemas de modalidade, como *mija* e *pijala*, abaixo:

- (189) eté tsitsa-ta **mija=wa** nu=k=iju=wa
 INTERJ semelhante-CAUS POT=PFV 1SG=ATR=esposa=PFV
- kata=wa=hã numa=pai i=piri=ku
 Dem=PFV=ENF 3.dizer=IPFV 3=BEN=DECL
- ine natu=wi=ku=hã itşuna natu=wi=ku=hã
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF timbó 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, eu queria ter uma esposa igualzinha aquela (bonita como o timbó),
 disse para ela.
 Sou aquela,
 eu sou o timbó, (disse o timbó transformado em mulher a ele)’ (Itxuna)
- (190) aitşa=tai **pijala=wa** ahã akuhuka=wi=ku=hã
 3.comer=DIM DUB=PFV INTERJ 3.ser.preocupado=REP=DECL=ENF
 ‘ele comia pouquinho, assim, estava preocupado’ (Katutukalu)

Também ocorre anexado a posposições:

(191) *ija=kina=wi kalaka=kina ulei utawana=neku i=tepu=wa*
 ir=IMP=PFV quebrar=IMP mandioca rama=dentro 3=embaixo=PFV
 ‘foram lá e quebraram embaixo da rama da mandioca’ (Kukühü)

(192) *nu=waitfati-ta natu=wi=ku,*
 1SG=estar.sozinho-CAUS 1SG=REP=DECL

patuwawa=nau ta i=kahi=wa
 outras.pessoas=PL tá 3=COM=PFV

Patuawa ta i=kahi=wa natu jukaki=ku=hã
 outras.pessoa tá 3=COM=PFV 1SGF CONJ=DECL=ENF
 ‘eu fiquei sozinha morando com outras pessoas. Eu fiquei com outras
 pessoas’ (Mama itsitxa natuwiku)

A nomes e a demonstrativos, conforme abaixo:

(193) *ija ešuhi-ta=wa, itsau=taku=wa, ešuhi-ta=la*
 ir anzol-VBLZ=PFV riacho.de.buritizal=LOC=PFV anzol-VBLZ=FUT
 ‘O homem foi pescar, pescar de novo. Foi pescar no riacho de buritizal,
 vai pescando...’ (Xepeku)

(194) *Eté tsitsita mija=wa n=iju=wa*
 INTERJ semelhante POT=PFV 1SG=esposa=PFV

kata=wa=hã
 DEM=PFV=ENF
 ‘Nossa, queria uma esposa igual essa (igual o timbó)’ (Itxuna)

À partícula de negação *aitsa*:

(195) *pu=nuka pi=mijati-şu=wi=ku?*
 2SG=matar 2SG=sogra-FEM=REP=DECL

Aitsa=wa şa aitsa=wa şa!
 NEG=PFV DEM NEG=PFV DEM

janumaka i=nuka=wa-ni nutsa
 onça 3=matar=PFV-3SG.O de mim
 ‘Você matou tua sogra? Não, não! A onça que tirou (matou) ela de mim
 (Alua)’

E, ainda, pode ocorrer anexado à advérbios temporais, conforme a seguir:

- (196) **jeja=wa** **işi=pai** Jack **aitja=la** **ule-pe**
 a.noite=PFV DEM=IPFV Jack comer=FUT mandioca-CLF.pastoso
 ‘(a) Jack vai comer beiju hoje à noite’
- (197) **jamuku=nau** **ka=mututuka=pai** **kami=wa**
 criança=PL ATR=brincadeira=IPFV sol=PFV
 ‘as crianças brincam de dia’

8.10.2.2. Perfectivo =wi

Estou tratando o enclítico =wi também como um morfema de perfectividade em Mehináku, uma vez que, assim como =wa, caracteriza situações/eventos completos, finalizados e temporalmente determinados, no sentido de que se sabe que tais eventos foram encerrados. Trato =wi como um enclítico porque ele tem independência sintática, ocorrendo em verbos e em outras classes. No caso dos verbos, desempenha função de perfectivo quando aparece sozinho anexado a essa classe, conforme a seguir:

- (198) **ija=wi** **pīwu, pīwu, pīwu, pīwu** **ija** **kutsa**
 3.ir=PFV **pīwu, pīwu, pīwu, pīwu** 3.ir EVID.IND
- ija=ja** **kene** **kali=ku=hã**
 ir=ASS DEM DEM=DECL=ENF
- kene** **kupati=taku=wi=ku=hã,** **ija=wi**
 DEM peixe=CLF.plano=REP=DECL=ENF ir=PFV
 ‘Diz-se que ele foi (pescar), foi (pescar), foi **pīwu, pīwu, pīwu, pīwu**
 (remando), diz que foi naquele lugar de pesca’ (Alapü)
- (199) **tfawaka** **nu=nupa=wi** **kata** **tineşu=tai**
 Ontem 1SG=ver=PFV DEM mulher=DIM
 ‘ontem eu vi esta menina’
- (200) **ija=kina=wi** **kalaka=kina** **ulei** **utawana=neku** **i=tepu=wa**
 3.ir=IMP=PFV quebrar=IMP mandioca rama=dentro 3=embaixo=PFV
 ‘foram lá e quebraram embaixo da rama da mandioca’(Kukühü)

Sua principal função, entretanto, não parece ser a de denotar perfectividade, mas a de funcionar como uma espécie de morfema reportativo. Poderíamos pensar que, nestes casos, =wi também estivesse funcionando como um morfema aspectual, no entanto, como evidencia o exemplo em (201), a presença de =wi depois do outro morfema de perfectivo =wa indica que, nas situações em que ocorrer em conjunto com os morfemas de

declarativo e enfático, tende a desempenhar função de reportativo, e não de morfema perfectivo, como quando ocorre em verbos.

- (201) kuweleke ahimaitsa=**wa=wi**=ku=hã
 rapidamente 3.correr=PFV=REP=DECL=ENF
 ‘ele correu rapidamente’

De (202)-(209), apresento outros exemplos de =*wi* em função de reportativo. Repare que, nestes casos, este morfema pode ocorrer em diferentes partes da sentença e anexado a várias classes, como verbos (202)-(203), nomes (204), demonstrativos (204), pronomes (205), posposições (206)-(208) e numerais (209), confirmando que, nesta posição, não se trata de um morfema de aspecto, mas, de fato, de um morfema reportativo que, juntamente com =*ku* e/ou =*hã*, encerram discursos, funcionando como uma espécie de marcador conversacional.

- (202) i=nai tuka kikeku akama=**wi**=ku=hã
 3=LOC 3.pegar fumo 3.morrer=REP=DECL=ENF
 ‘lá (o pajê) fumou e desmaiou’
- (203) i=nupa=**wi**=ku=hã kukihi i=tuka=wa pitsu
 3=ver=REP=DECL=ENF kukihi 3=pegar=PFV 2SG
 ‘ele viu o kukühü. Isso aqui que pegou você (disse o pajê)’ (kukühü)
- (204) kata=**wi**=ku, i=peku=jete atikutali waku=**wi**=ku=hã.
 DEM=REP=DECL 3=amigo=ASS chamou rio=REP=DECL=ENF
 ‘Este amigo dele chamou para o rio’ (Walamã)
- (205) malu-waşi pitsu=**wi**=ku
 ser.feio-INTENS 2SG=REP=DECL
 ‘você é feio’
- (206) na=waitfa=pai ji=tsenu=**wi**=ku
 1SG=jogar=IPFV 2PL=COM=REP=DECL
 ‘eu estou jogando com vocês’
- (207) şa=hã etuna=wa-ka-ta şa i=tenu=**wi**=ku
 DEM=ENF andar=PFV-?-? DEM 3=COM=REP=DECL
 ‘ele estava andando junto com ela’
- (208) ahã nu=tatapu=ku. a=ija=ku pai=naku=**wi**=ku
 INTERJ 1SG=saber=DECL 1PL=ir=DECL casa=dentro=REP=DECL
 ‘Sim, eu sei. Vamos embora para casa’

- (209) mujaka ija=wa=ma waku=ma
 manhã 3.ir=PFV=REPET rio=REPET
- pawitsa-wiṣiku=**wi**=ku maka
 uma-mão=REP=DECL por.lá
 ‘ela ficou indo tomar banho com frequência por uma semana (cinco dias)’ (Wayuku)

8.10.2.3. Imperfectivo =*pai*

O enclítico =*pai* é utilizado em Mehináku para especificar que o início e o fim de determinado evento não são conhecidos, e, por isso, tende a ser usado em construções em que os eventos ainda estão em processo/progresso. Assim como vários dos morfemas de TAM da língua, =*pai* é plurifuncional, no sentido de que pode tanto ocorrer no verbo, denotando imperfectividade, quanto anexado a outras classes desempenhando funções distintas. Os exemplos de =*pai* com verbos podem ser vistos a seguir. Note que este enclítico não apenas remete a ações em progresso (210)-(214), mas também àquelas cujo início e o fim não são determinados (215)-(218):

- (210) aitʃa-ta=**pai** pa-mati-ṣi=nau kala
 3.comer-CAUS=IPFV 2SG=sogra-FEM=PL DEM
 pe=wejuka-ja i=tenu
 RECP=urina-CLF.líquido 3=COM
 ‘ela está alimentando suas sogras com sua própria urina’ (Alapü)
- (211) n=itsu-pa-lu akama=**pai**=ku=hã ahã
 1SG=filha=EST=FEM morrer=IPFV=DECL=ENF INTERJ
 ‘nossa, minha filha está morrendo (falando ao pajé)’ (Kukühü)
- (212) mama tuma=**pai** makula weke-tipe
 mãe fazer=IPFV panela de barro ser.grande-PL
 ‘a mãe está fazendo grandes panelas de barro’

- (213) aitʃa=kina=**pai**. Tsapu, tsapu!
 3.comer=IMP=IPFV tsapu tsapu
- iʃi=**pai** kami=hã, ija pe=weju-lu i=u
 DEM=IPFV sol=ENF ir 2SG=cunhada-FEM 3=DAT
- pu=nupati? numa i=**piri**
 2SG=escutar dizer 3=BEN
 ‘todos estavam comendo. Tsapu, tsapu (som da comida sendo consumida).
 Nesta hora, ela foi até a sua cunhada. Escuta? Disse para ela’ (Alapü)
- (214) aitʃa-ta=**pai** pa=witʃa=tenu pa=matuku-ʃi=nau=wi=ku=hã
 3.comer-CAUS=IPFV RECP=cocô=INS 2SG=sogro-MASC=PL=REP=DECL=ENF
 ‘(ela) estava alimentando seus sogros com seu próprio cocô’ (Alapü)
- (215) n=ija=**pai** mijakatita kaʃaipa i=maka=nai
 1SG=ir=IPFV sempre não.indígena 3=de.lá=LOC
 ‘eu sempre vou à cidade’
- (216) mujaka mujaka n=aitʃa=**pai** ule-pe
 de.manhã de.manhã 1SG=comer=IPFV mandioca-CLF.massa
 ‘eu como beiju todo dia’
- (217) nu=pataka=**pai** ʃepi
 1SG=sentar=IPFV banco
 ‘estou sentado no banco’
- (218) ahã! nu=tata=**pai** pitsu=wi=ku?
 INTERJ 1SG=saber=IPFV 2SG=REP=DECL
- a=iji=ku? pai=jaku=wi=ku a=iji=ku?
 1PL=ir=DECL casa=dentro=REP=DECL 1PL=ir=DECL
 ‘Ohh, eu sei quem é você! Vamos entrar em casa?’ (Alapü)

Conforme mencionei acima, =*pai* é plurifuncional, porque além de ocorrer no verbo pode se anexar a outras classes desempenhando funções distintas. A seguir apresento os vários contextos em que este formativo pode figurar. Este morfema é talvez o mais variado em termos de anexação dentre os morfemas em Mehináku, porque meus dados têm mostrado sua ocorrência em diferentes posições e com diferentes classes. Embora haja várias ocorrências no corpus, irei apresentar a seguir um ou dois exemplos de aplicação de =*pai* em cada uma das classes em que ele se anexa, porque esses exemplos são ilustrativos dos demais.

O morfema =*pai* pode se anexar a posposições e aparecer em diferentes posições da sentença. Note que, em (222), pode ainda funcionar predicativamente quando se anexa a um nome modificado pela posposição, que aparece incorporada:

- (219) amunau i=u=**pai** ahantai ata-pana
 cacique 3=DAT=IPFV pequeno árvore-CLF.foliforme
 ‘o cacique tem pouco dinheiro’
- (220) jamuku-hi i=pajuma=itsa=**pai** ina i=u=itsa
 criança-GEN 3=fora=LOC=IPFV água 3=DAT=LOC
 ‘a criança está fora da água’
- (221) kemeju=pawa=**pai** au=nupa=wa a=tuluma-la
 ser.suja=outro=IPFV 1PL=ver=PFV 1PL=rede-POSS
 ‘(Quando) a gente viu as nossas outras redes estavam sujas’ (Xepeku)
- (222) i=peku au-hapaja=**pawa=pai** ahanapu=tai=pai
 3=COM EXC-barriga=outro=IPFV ser.magro=DIM=IPFV
 ‘O barrigudo e o outro magrinho’

Também ocorre anexado a formas interrogativas, como abaixo:

- (223) atsa-tsa=kala=**pai** p=itsu-pa-lu=nau
 INT-REST=DEM=IPFV 2SG=filho-EST-FEM=PL
 ‘Quantas filhas você tem?’
- (224) tsala ti=nai=**pai** kani=ku p=iju=wi=ku ?
 filho PRO=LOC=IPFV DEM=DECL 2=esposa=REP=DECL
- ti=nai=**pai** kani=ku p=iju=wi=ku ?
 PRO=LOC=IPFV DEM=DECL 2=esposa=REP=DECL
 ‘filho, cadê sua esposa? Cadê sua esposa? (Alapü)

A quantificadores:

- (225) aitsa amunuja=**pai** eniça=nau nakai i=kahi=hã
 NEG muitos=IPFV homem=PL festa 3=COM=ENF
 ‘não há muitos homens na festa (juntos na festa)’

A demonstrativos:

- (226) *iși=pai* *kami=hã* *ija* *pe=jeu-lu* *i=u*
 DEM=IPFV sol=ENF ir 2SG=cunhada-FEM 3=DAT
 ‘Nesta hora, ela foi até a sua cunhada’ (Alapü)

Em alguns em que se combina com demonstrativos, parece desempenhar função predicativa, como a seguir:

- (227) *ahã, ahã, kata=pai* *nu=tai,* *numa tîneșu=wi=ku=hã*
 INTERJ INTERJ DEM=IPFV 1SG=filho dizer mulher=REP=DECL=ENF

nu=me *kata=pai=ku* *a=tai=ku*
 1SG=marido dem=IPFV=DECL 1PL=filho=DECL
 ‘sim, sim, eu achei meu filho, disse a mulher. Meu marido achou nosso filho’ (Katutukaku)

=*pai* pode ainda ocorrer anexado a nomes (228)-(229), advérbios (229)-(230) e pronomes (231):

- (228) *enișa=tai* *aitja* *kupati=pai*
 homem=DIM comer peixe=IPFV
 ‘o menino comeu peixe’
- (229) *tuwe-ne* *iși=nai=tsa=pai* *kami* *ija* *waku*
 3.vir-DIR DEM=LOC=LOC=IPFV sol ir rio

numa *i=piri=ku=hã:* *mujaka=pai* *mujaka=pai*
 Dizer 3=BEN=DECL=ENF de.manhã=IPFV de.manhã=IPFV
 ‘A tarde ela veio, foi no rio e disse para ele (o marido): de manhã, de manhã’ (Itxuna)
- (230) *ata-pana-la* *pihala=pai* *iși=ne=he*
 árvore-CLF.foliforme-POSS talvez=IPFV DEM=?=ENF
 ‘talvez ele tenha dinheiro’
- (231) *atsa* *pitsu=pei?* *Ehé!* *Kani* *k=ija* *natu=wi=ku!*
 INT 2SG=IPFV INTERJ! DEM ATR=ir 1SG=REP=DECL
 ‘Quem é você? Sim! Sou aquela!’ (Alapü)

Em construções não verbais, desempenha função predicativa, como uma espécie de cópula:

(232) atsa pi=tsai=**pai** tinea=nau=pei
 INT 2SG=filho=IPFV mulher=PL=IPFV
 ‘Quais (crianças) são suas filhas?’

(233) carro=naku=**pai** pitsu
 Carro=dentro=IPFV 2SG
 ‘você está no carro’

(234) itsa=naku=**pai** aitsu
 barco=dentro=IPFV 1PL
 ‘nós estamos no barco’

Em apenas um dos meus exemplos elicitados, =*pai* apareceu anexado ao proclítico, parecendo desempenhar função de verbo. Este comportamento é bastante diferente e mais dados precisam ser comparados para saber se, de fato, esse é um dado atestável:

(235) nu=**pai** kamajukula pahi=tai eniça
 1SG=ter três macaco=DIM homem
 ‘eu tenho três macaquinhos machos’ (A/C)

8.10.2.4. Pontual *-ne*

O morfema *-ne* indica que determinado evento é pontual, evidenciando que determinada ação é momentânea, ou seja, ocorre em momento determinado. Em meus dados, aparece anexado apenas a verbos, ou a nomes verbalizados, conforme exemplifico a seguir. O formativo *-ne* possui a mesma forma do morfema direcional, no entanto, como mostro em (236), ambos podem aparecer na mesma construção, evidenciando que não se trata do mesmo morfema:

(236) tsitsa-ta n=iju=wa?
 ser.semelhante-CAUS 1SG=esposa=PFV

 i=natsi=ku atuwe-**ne-ne**=ku=hã
 3=depois=DECL 3.vir-PONT-DIR=DECL=ENF
 ‘(queria) uma esposa igualzinha (o broto de buriti), depois ele saiu’
 (Xepeku)

- (237) wanake-**ne** kene kamalupu=ku=hã,
 3.abrir-PONT DEM panela.de.barro=DECL=ENF
 wanake-**ne** kamalupu=ku
 3.abrir-PONT panela.de.barro=DECL
 ‘ela abriu aquela panela de barro, abriu a panela’ (Xepeku)
- (238) itfitse-**ne** kene pa=matišu u=tulumali=ku
 3.amarrar-PONT DEM RECP=sogra 3=rede=DECL
 itfitse-**ne** kene pe=jeu-lu=nau u=tulumali=ku
 3.amarra-PONT DEM 2SG=cunhada-FEM=PL 3=rede=DECL
 ‘ela amarrou aquela rede da sogra, amarrou aquela rede das suas
 cunhadas’ (Xepeku)
- (239) eške-**ne** itse=wi=ku. Eku=wi=ku
 3.acender-PONT fogo=REP=DECL Pronto=REP=DECL
 pataka-ta-wi itsei=penu=itse=ku
 colocar-CAUS=3O fogo=em.cima=LOC=DECL
 ‘ela acendeu o fogo. Pronto. Colocou (a panela) em cima do fogo’
 (Alapü)
- (240) Pá kene ije kişi-te-**ne** i=ti=ku=hã
 INTERJ DEM genro faca-VBLZ-PONT 3=vagina=DECL=ENF
 ‘Nossa, o genro cortou a vagina dela’ (Alua)

8.10.2.5. Atenuativo =*tai*

O morfema =*tai* é o mesmo que funciona como diminutivo nos nomes. Este morfema provavelmente deriva da palavra *tai* ‘filho’. Enquanto nos nomes indica diminutivo, nos verbos tem valor atenuativo, conforme exemplifico a seguir:

- (241) n=imira=**tai**=pai=ku=hã
 1SG=estar.suado=ATEN=IPFV=DECL=ENF
 uma kutsa u=mati-şi=wi=ku=hã
 3.dizer EVID.IND 3=sogra-FEM=REP=DECL=ENF
 ‘eu estou um pouco suada, diz que a sogra dela falou’ (Xepeku)
- (242) aitfa=**tai** pijala=wa ahã akuhuka=wi=ku=hã
 3.comer=ATEN DUB=PFV INTERJ estar.preocupado=REP=DECL=ENF
 ‘ele comeu pouquinho, acho. Nossa, ele ficou preocupado’ (Kukühü)

- (243) une-une=neu kata=mija ija=wi=ku=hã
 pessoa-REDP=PL DEM=POT ir=REP=DECL=ENF
- mujuli=**tai** i=u=hã
 mentir=DIM 3=DAT=ENF
 ‘o pessoal parece que foi (tirar aguapé). Estão mentindo para ela’ (Itxuna)

- (244) pi=hitʃa=**tai** numa=pai kene=he. hitʃa=wa=ma!
 2SG=mudar=DIM dizer=IPFV DEM=ENF 3.mudar=PFV=REPET
- pá kutsa eteme kupuʃati ijajaka=ma
 INTERJ EVID.IND 3.escutar pássaro 3.falar=REPET
 ‘você mudou um pouquinho, disse aquele (o pássaro). Mudou de novo!
 Nossa, diz que ele escutou o pássaro falando de novo’ (Itxuna)

8.10.2.6. *Asseverativo =jete*

O uso do morfema *=jete* em verbos é bastante restrito e só encontrei dois exemplos elicitados em que este morfema aparece. Assim como ocorre quando aparece anexado aos nomes, este formativo parece indicar certeza sobre a ação descrita pelo verbo. Em outras palavras, *=jete* parece indicar que determinada ação é costumeira aos enunciadores, que eles não têm dúvidas sobre o estatuto de verdade da construção enunciada. Os exemplos seguintes, por exemplo, retratam situações costumeiras:

- (245) mamã tuma=**jete**=pei tuwapi awitsi-ri=ku=hã
 mãe.POSS fazer=ass=IPFV esteira ser.bonita-NMLZ=DECL=ENF
 ‘minha mãe (sempre) faz esteiras bonitas’
- (246) aw=aitʃe=**jete**=pei kupati ule-pe
 1PL=comer=ASS=IPFV peixe mandioca-CLF.massa
 ‘nós comemos peixe e beiju (todo dia)’

8.10.2.7. *Asseverativo =ja*

O morfema *=ja*, assim como *=jete*, indica que não há dúvidas sobre a proposição enunciada, ou seja, exprime a certeza do falante sobre a afirmação que proferiu ou sobre a qual está se referindo. Vejamos alguns exemplos a seguir:

- (247) *une-une kutsa ija kupati=taku=ma=hã*
 pessoa-REDP EVID.IND ir peixe=LOC=REPET=ENF
- une-une=ku ija kupati=taku=hã*
 pessoa-REDP=DECL ir peixe=LOC=ENF
- ija=wi piwu, piwu, piwu, piwu ija kutsa*
 ir=PFV piwu, piwu, piwu, piwu ir EVID.IND
- ija=ja kene kali=ku=hã*
 3.ir=ASS DEM DEM=DECL=ENF
- kene kupati=taku=wi=ku=hã, ija=wi*
 DEM peixe=CLF.plano=REP=DECL=ENF ir=PFV
 ‘Diz-se que ele foi pescar, foi pescar, foi piwu, piwu, piwu, piwu
 (remando). Ele foi naquele lugar de pesca’ (Alapü)

- (248) *p=akama=la matike=ku maka pi=nuka=ja=kina*
 2SG=morrer=FUT depois=DECL CONJ 2SG=matar=ASS=IMP
- ipijana i=tenu=wi=ku=hã! pi=nuka=ja=lu=ku=hã*
 feitiço 3=INS=REP=DECL=ENF 2SG=matar=ASS=FUT=DECL=ENF
 ‘você vai morrer depois, alguém vai matar você com feitiço! Vai matar
 você!’ (Yanumaka Yalaki)

O asseverativo =*ja* pode ocorrer também anexado ao proibitivo (249)-(250) e à partícula de negação *aitsa* (251)-(252), conforme a seguir. Nestes casos, indica que não há dúvidas sobre a proposição negada:

- (249) *amija=ja, pi=kirapa i=kahi*
 PROIB=ASS 2SG=mexer 3=COM
- na=kata=la iși-(u)ne pi=me-je=ku=hã*
 1SG=DEM=FUT DEM-pessoa 2SG=marido-?=DECL=ENF
 ‘não, você não pode mexer com ele! (disse a esposa). Eu vou jogar isso
 (água) no seu marido (respondeu a inimiga dela)’ (Wayuku)
- (250) *amija=ja! pu=witša-ta iși=hã matika!*
 PROIB=PFV 2SG=queimar-CAUS DEM=ENF depois
 ‘Não! você pode queimar isso depois!’ (Atulaisaki)
- (251) *aitsa=ja nu=nupa uneune waku=ja*
 NEG=ASS 1SG=ver gente rio=LOC
 ‘não vi ninguém no rio’

- (252) jamuku=nau, aitsa ju=nupa nu=peku=jete?
 criança=PL NEG 2PL=VER 1SG=amigo=ASS
 aitsa=**ja** aw=unupa-wi. Atsa pu=peku=jete=pei?
 NEG=ASS 1PL=ver-3O INT 2SG=amigo=ASS=IPFV
 ‘crianças, vocês não viram meu amigo?’
 ‘não, não o vimos. Quem é teu amigo?’ (CORBERA MORI, 2019, p. 1296, *adaptado*)

8.10.2.8. Transicional =*tika*

Estou tratando *-tika* como um transicional porque ele engloba eventos que tanto acabaram de acontecer (253)-(254), quanto aqueles que ainda não aconteceram ou não acabaram ainda (255)-(257), indicando, portanto, uma transição. Em geral, tende a aparecer anexado a verbos, conforme abaixo:

- (253) nu=kuti-tsa=**tika** iși=hã
 1SG=acordar-ITER=TRANS DEM=ENF
 ‘eu acabei de acordar’
- (254) nu=putuka-tsa=**tika**
 1SG=chegar-ITER=TRANS
 ‘eu acabei de chegar’
- (255) pi=tsuma=**tika**-ja p=uku-la maka
 3=fazer=TRANS-? 2SG=flecha-POSS CONJ
 ‘você ainda tem que fazer sua flecha’ (Itxuna)
- (256) nupa=**tika** aitsa=mija=ja n=akapa=wa,
 3.olhar=TRANS NEG=POT=ASS 1SG=tomar.banho=PFV
 numa pa=nu i=piri=ku
 dizer 2SG=esposa 3=BEN=DECL
 n=akapa=mija matike=ku n=akama=mija
 1SG=tomar.banho=POT depois=DECL 1SG=morrer=POT
 matike=ku=hã
 depois=DECL=ENF
 ‘ainda não pode me olhar tomando banho, (ele) disse para a esposa dele.
 Se eu tomar banho, depois vou morrer’ (Wayuku)

- (257) *i=nai aitʃe-ni aitsa ukalu k=ijata i=kahi*
 3=LOC 3.comer-3SG.O NEG tatu ATR=pênis.ereto 3=COM
matika=ja n=ija=tika n=ijata
 depois=ASS 1SG=ir=TRANS 1SG=pênis.ereto
 ‘lá, ele tentou transar com ela, mas o tatu brochou (lit.: não teve pênis)
 Espera aí, eu vou (buscar) meu pênis ainda’ (Ukalu)

Pode, no entanto, também aparecer anexado à partícula de negação *aitsa*:

- (258) *aitsa=tika aku=pai=ku! i=itʃuwa=pai=ku*
 NEG=TRANS pronto=iPFV=DECL 3=esquentar=IPFV=DECL
nu=witʃa-ta=la nu=meje=ku
 1SG=queimar-CAUS=FUT 1SG=lixo=DECL
numa i=piri=ku=hã
 dizer 3=BEN=DECL=ENF
 ‘não está pronto ainda. Ele foi esquentando (o lixo).
 Eu vou queimar meu lixo, disse ele para ela (a esposa)’ (Atulaitsaki)

8.10.2.9. Iterativo *-tsa*

O morfema *-tsa* indica que a ação descrita pelo verbo tende a ocorrer de forma regular, de forma iterativa, ou seja, que tende a se repetir com certa regularidade. Embora não seja possível traçar, ainda, uma diferença precisa entre esta forma e *=ma*, que apresento na subseção §8.10.3.1., *-tsa* parece-me ser mais usado em função de ações que se repetem continuamente, e pode inclusive coocorrer com o morfema *=ma*, como em (262). Estou tratando *-tsa* como um morfema aspectual porque ele parece estar mais intrinsecamente ligado ao verbo, em termos da forma como caracteriza aspectualmente o evento a ser expresso por essa categoria, diferentemente de *=ma*, que como mostro adiante optei por tratar como morfema de modalidade. Vejamos alguns exemplos abaixo:

- (259) *Pá i=nunu kalaka=tai-tsa=wi=ku! Aku=wi=ku*
 INTERJ 3=mãe quebrar=ATEN-ITER=REP=DECL Pronto=REP=DECL
 ‘Nossa, a mãe ficou quebrando (ramo de mandioca). Pronto’ (Katutukalu)
- (260) *i=nai maitʃa=tai-tsa panu=wi=ku=hã*
 3=LOC 3.bater=ATEN=ITER esposa=REP=DECL=ENF
 ‘lá, ele ficou batendo na esposa dele’ (Walama)

(261) awitsi-ri katenekua i=tuka-tu-**tsa** kutsu=ku=hã
 ser.bonito-NMLZ igual(?) 3=pegar-?-ITER EVID.IND=DECL=ENF
 ‘diz-se que ele ficou pegando (no timbó) (e falando): queria (uma esposa)
 bonito igual’ (Itxuna)

(262) Mama, mama!
 Mãe, mãe

Hã!
 INTERJ

p=ija-**tsa=ma** alapi-taku, mama
 2SG=ir-ITER=REPET aguapé-CLF.LOC mãe
 ‘mãe, mãe (disse a filha).
 Oi! (respondeu a mãe)
 vai lá tirar aguapé de novo, mãe’ (Itxuna)

8.10.2.10. **Continuativo =li**

O morfema =*li* indica continuidade em Mehináku, isto é, indica que a ação descrita pelo locutor continua a acontecer no momento em que ele a enuncia, ou que uma ação que se passa durante o ato comunicativo entre dois interlocutores continua a acontecer enquanto eles dialogam. Vejamos os exemplos em que =*li* aparece anexado aos verbos:

(263) natse p=ije-ne=ku mamala wişiku-i
 depois 2SG=ir-DIR=DECL todos mão-NPOSS

p=akama=**li**=ku=hã
 2SG=morrer=CONT=DECL=ENF
 ‘depois de cinco dias que você foi embora, você vai morrer’ (Yanumaka Yalaki)

(264) hatuwa=**li**=ku=hã, uku-ta=la
 remar=CONT=DECL=ENF flecha-VBLZ=FUT

kene kupati=ku=hã: tsaki tsaki, tsaki, tsaki
 DEM peixe=DECL=ENF tsaki tsaki, tsaki, tsaki
 ‘ele foi remando e flechando aqueles peixes: *tsaki tsaki, tsaki, tsaki*’
 (Itxuna)

- (265) ahã une i=me i=uku-ta=**li**=ku
 Sim pessoa 3=marido 3=flecha-VBLZ=CONT=DECL
 pa i=mapija=wa kupati=tai=ku=hã amunuja=wi=ku=hã
 Nossa 3=pegar=PFV peixe=DIM=DECL=ENF muito=REP=DECL=ENF
 ‘o marido dela ficou flechando. Nossa, ele pegou muitos peixinhos’
 (Itxuna)
- (266) Pá! hitʃa=**li**=ku=hã uni=ja=tsa=ku=hã
 INTERJ 3.aparecer=CONT=DECL=ENF água=LOC=LOC=DECL=ENF
 p=unupa=wi=ku=hã!
 2SG=ver=3PL.O=DECL=ENF
 janumaka=li=ku=hã jalaki-ri hitʃa=**li**=ku=hã
 onça=CONT=DECL=ENF ser.preta-NMLZ aparecer=CONT=DECL=ENF
 Hé, p=akama-la matike=ku=hã
 INTERJ 2SG=morrer-FUT depois=DECL=ENF
 ‘Nossa, ela aparece na água!
 Você a vê.
 A onça preta aparece
 Nossa, você vai morrer depois’ (Yanumaka Yalaki)
- (267) eʃuhi-ta=**li**=ku Eku=wi=ku tuwe-ne=ku=hã
 3.anzol-VBZ=CONT=DECL Pronto=REP=DECL 3.vir=DIR=DECL=ENF
 ‘ele continua pescando. Pronto, veio embora’ (Xepeku)
- (268) eʃuhi-ta=**li**=ku, ija=ma kene pa=putaka
 3.anzol-VBLZ=CONT=DECL 3.ir=REPET DEM RECP=aldeia
 ‘ele foi pescando, indo de novo àquela aldeia’ (Xepeku)

O continuativo =*li*, como os demais enclíticos, pode ocorrer anexado a outras categorias. Abaixo, apresento alguns exemplos em que ele ocorre anexado a nomes. Nestes casos, entretanto, parece funcionar como um marcador discursivo que encerra um período discursivo, como ocorre, por exemplo, com as formas do perfectivo =*wa* e do imperfectivo =*pai* quando se combinam com =*ku* ‘declarativo’. Note que esta forma ocorre somente em final de sentenças.

- (269) pa=janiri=nau u=tuluma=**li**=ku,
 2SG=cunhado=PL 3=rede=CONT=DECL
- awitsi-ri-ni-te kene amaka=naku=wi=ku=hã
 ser.bonito-NMNZ-?-? DEM rede=dentro=REP=DECL=ENF
 ‘(ela) amarrou as redes dos seus cunhados também, só tinha redes bonitas’
 (Xepeku)

- (270) itʃitse-ne kene pa=matišu u=tuluma=**li**=ku
 3.amarrar-PONT DEM RECP=sogra 3=rede=CONT=DECL
- itʃitse-ne kene pe=jeu-lu=nau u=tuluma=**li**=ku
 3.amarra-PONT DEM 2SG=cunhada-FEM=PL 3=rede=CONT=DECL
 ‘ela amarrou aquela rede da sogra, amarrou aquela rede das suas
 cunhadas’ (Xepeku)

Quando =*li* ocorre anexado a advérbios de tempo, como no exemplo abaixo, parece, no entanto, manter seu valor continuativo, já que exprime o período em que determinado evento está transcorrendo:

- (271) a=iji=ku numa=wi=ku. aku=pei=ku
 1PL=ir=DECL dizer=REP=DECL pronto=IPFV=DECL
- mujaka=**li**=ku ija=wa=pa
 de.manhã=CONT=DECL 3.ir=PFV=PL.3
- ulei-tʃe=ku kutipa=wa=pa i=piri=ku
 mandioca=CLF.plano=DECL acordar=PFV=PL.3 3=BEN=DECL
 ‘vamos, disse. Pronto. De madrugada, eles acordarem e foram para roça’
 (Katutukalu)

- (272) mujaka=waka=**li**=ku ija pala waku=wi=ku=hã
 de.manhã=EXIST=CONT=decl 3.ir lado rio=REP=DECL=ENF
- i=nupa=tika aitsa=mija=ja nakapa=wa,
 3=ver=ainda NEG=POT=ASS tomar.banho=PFV
- numa panu i=piri=ku
 dizer 3.esposa 3=BEN=DECL
 ‘amanheceu, ele foi para o outro lado do rio.
 Não pode me olhar tomando banho, ele disse para a esposa’ (Wayuku)

8.10.3. **Modo**

Para a distinção entre modo e modalidade em Mehináku, sigo Palmer (1986, p. 21), para quem a diferença entre essas duas categorias está relacionada à morfologia verbal. Segundo o autor, o termo ‘modo’ é tradicionalmente restrito à categorias expressas pela morfologia verbal, isto é, uma categoria que é formalmente morfossintática, marcada no verbo, como o tempo e o aspecto, ainda que suas funções semânticas se relacionem com o conteúdo da sentença como um todo. Este parece ser, por exemplo, o caso dos morfemas repetitivo, declarativo, impessoal e potencial que apresento a seguir, que embora possam ocorrer com outras classes gramaticais, estão mais intrinsecamente ligados aos verbos, indicando o modo, a maneira que determinada ação se desenrola.

8.10.3.1. **Repetitivo =ma**

O repetitivo =ma indica que uma mesma ação se repete novamente, delimitando, assim, o modo como esta ação se realiza. Embora expresse certa ideia de iteratividade, como o morfema de aspecto -tsa que apresentei anteriormente, =ma parece mais indicar que uma ação se repetiu mais uma vez, do que indicar que esta ação se repete continuamente, como o faz o morfema aspectual. Por esta razão, tenho traduzido esse morfema como ‘de novo/novamente’, tratando-o como repetitivo. Vejamos alguns exemplos abaixo com verbos.

(273) *i*ʃi=naitsa=pai kami, akene=**me** i=kanu=itsa
DEM=depois=IPFV sol 3.defecar=REPET 3=perto=LOC

Pá in=ihiŋʃa u=matɪ-ʃu pukunakuwa
INTERJ 3=cocô 3=sogra-FEM casa(?)
‘mais tarde, ela defecou novamente perto delas. Nossa, (um monte de) cocô dela na casa da sua sogra’ (Alapü)

(274) pi=hitʃa=tai numa=pai kene=he. hitʃa=wa=**ma**!
2SG=mudar=DIM dizer=IPFV DEM=ENF 3.mudar=PFV=REPET

pá kutsa eteme kupuʃati i=jajaka=**ma**
INTERJ EVID.IND 3.escutar pássaro 3=falar=REPET
‘você mudou um pouquinho, disse aquele (o pássaro). Mudou de novo! Nossa, diz que ele escutou o pássaro falando de novo’ (Itxuna)

- (275) *i=nu* *akapa=wi=ku.*
 3=esposa tomar.banho=REP=DECL
- mujaka* *ija=wa=ma* *waku=ma*
 de.manhã ir=PFV=REPET rio=REPET
 ‘a esposa dele foi tomar banho. De manhã, foi de novo no rio’ (Itxuna)

Como apresentei em (§7.5.3), esse morfema pode também ocorrer com nomes, como em (275) acima e (276), a seguir:

- (276) *une-une* *kutsa* *ija* *kupati-taku=ma=hã*
 pessoa-REDP EVID.IND ir peixe-CLF.locativo=REPET=ENF
- Une-une=ku* *ija* *kupati-taku=hã* *ija=wi*
 pessoa-REDP=DECL ir peixe-CLF.locativo=ENF ir=PFV
 ‘diz que o homem foi pescar de novo, o homem foi pescar, foi’ (Alapü)

8.10.3.2. Declarativo =ku

O morfema =ku é indicativo de modo declarativo em Mehináku. Funciona como declarativo prototípico quando se anexa ao verbo, como nos exemplos seguintes. Note, entretanto, que ele também ocorre anexado a várias outras classes:

- (277) *a=iji=ku* *numa=wi=ku.* *aku=pei=ku*
 1PL=ir=DECL dizer=REP=DECL pronto=IPFV=DECL
- mujaka=li=ku* *ija=wa-pa*
 de.manhã=FUT=DECL 3.ir=PFV-PL.3
- ulei-tfe=ku* *kutipa=wa-pa* *i=piri=ku*
 mandioca=CLF.plano=DECL acordar=PFV=PL.3 3=BEN=DECL
 ‘vamos, disse. Pronto. De madrugada, eles acordarem e foram para roça’
 (Katutukalu)
- (278) *Ahã* *nu=tata=pu=ku* *a=iji=ku* *pai=jaku=wi=ku*
 INTERJ 1SG=saber=?=DECL 1PL=ir=DECL casa=dentro=REP=DECL
 ‘Sim, eu sei. Vamos embora para casa’ (Itxuna)
- (279) *pu=tuka=ku* *numa* *i=piri=ku* *i=me-ku=ku=hã,* *iși=hã*
 2SG=pega=DECL dizer 3=BEN=DECL 3=marido-?=DECL=ENF DEM=ENF
 ‘pega, disse para ela o marido, este aí’ (Katutukalu)

Nos demais casos, em que ocorre com outras categorias, não parece de fato estar associado a elas, como um enclítico prototípico, mas parece estar associado ao nível da sentença, no sentido de que escopa a sentença como um todo, estabelecendo que a ação descrita é declarativa. Tende, nestes casos, a ocorrer em final de sentenças, mas é possível também que =*ku* ocorra em praticamente todas as categorias de uma construção, independentemente da posição dessas categorias na sentença. Juntamente com =*pai*, é um dos morfemas mais frequentes em Mehináku e seus usos são consideravelmente variáveis, podendo funcionar tanto anexado aos verbos e a outras classes, como um enclítico geralmente funciona, quanto funcionar a nível da sentença, englobando todo o evento descrito.

Nos exemplos seguintes, apresento alguns exemplos de ocorrência de =*ku* anexado a nomes (280)-(281), à partícula de negação *aitsa* (282)-(283), a posições (284)-(285) e à partícula de evidencialidade *kutsa* (286):

- (280) natu n=elele-le, aitsa nu=muka in=ulege=**ku**,
 1SG 1SG=chorar-REDP não 1SG=dar 3=comida=DECL
 ‘eu chorei muito, não dei a comida dele’ (Kanupai)
- (281) pitsu=wa p=aitʃa ai=**ku**, n=iheu=lu!
 2SG=PFV 2SG=comer pimenta=DECL 1SG=cunhada-FEM
 ‘Vem comer sopa de pimenta, cunhada!’ (Alapü)
- (282) kaliku=hã aitsa i=muka=kina a=upe-pe, kupati
 assim=ENF NEG 3=dar=IMP 1PL=mandioca.CLF.pastoso peixe
 aitsa=**ku**=hã! pa-waitʃa-ti-la-ta aitsu=ku=hã
 NEG=DECL=ENF RECP-ser.sozinho-NMLZ-?-? 1PL=DECL=ENF
 ‘Assim, não deram nosso beiju, peixe. Ninguém! nós éramos sozinhos’
 (Mama itsitxa natuwiku)
- (283) aitsa=mija ulei waka=wi=ku aitsa=mije=**ku**=hã,
 NEG=POT mandioca EXIST=REP=DECL NEG=POT=REP=DECL
 aitsa=tika iʃi ulei=ku
 NEG=PROG DEM mandioca=DECL
 ‘não existiria mandioca. Nem esta roça (ainda existiria)’ (kukühü)

- (284) *i=nai=ku* *kukihi* *i=tuka* *pitsu=wi=ku.*
 3=LOC=DECL *kukihi* 3=pegar 2SG=REP=DECL

natse=ku *pu=wiritfu*
 depois=DECL 2SG=ficar.esmorecido
 ‘Se lá o *kukühü* pegar você, então você fica doente (lit.: esmorecido porque não vai comer)’ (*Kukühü*)
- (285) *p=inu* *k=ija* *u=nuka* *natu=kani=ku*
 2SG=mãe ATR=ir 3=matar 1SG=COM=DECL
 ‘Sua mãe brigou comigo’ (*Xepeku*)
- (286) *tsi-tsa-ta* *n=iju* *kata=wa=hã?* *Numa kutse=ku*
 POT-REST-CAUS 1SG=esposa DEM=PFV=ENF dizer EVID.IND=DECL
 ‘Seria bom se esta fosse minha esposa, ele dizia’ (*Alapü*)

Este morfema pode ainda ocorrer simultaneamente em várias classes em uma mesma sentença, conforme mostro abaixo, em que *=ku* aparece anexado a nomes, verbos, demonstrativos e posposições, confirmando assim sua ampla capacidade de ocorrência:

- (287) *nu=me* *kata=pai=ku* *a=tâi=ku*
 1SG=marido DEM=IPFV=DECL 1PL=filho=DECL
 ‘meu marido, este é nosso filho (disse a mulher)’

p=tuka=ku *numa i=piri=ku* *i=me=ku=hã,* *iși=hã*
 2SG=pegar=DECL dizer 3=BEN=DECL 3=marido=DECL=ENF DEM=ENF
 ‘pega aí, disse o marido dela, este aí’ (*Katutukalu*)

Quando aparece em conjunto com *=wi* ‘reportativo’ e/ou *=hã* ‘enfático’, como nos exemplos abaixo, sua função é mais próxima daquela de um marcador discursivo do que propriamente de um morfema declarativo. Note que, também nestes casos, pode ocorrer em diferentes partes da sentença e anexado a diferentes classes, como pronomes (288), nomes (289), advérbios (290), verbos (291), posposições (291), demonstrativos (291) e outras das quais esses exemplos são representativos.

- (288) *itfuna* *eté* *awitsi-ri* *itfune-kuwa*
timbó *nossa* *ser.bonito-NMLZ* *timbó-ANTICAUS*

une *natu=wi=ku=hã* *itfuna natu=wi=ku=hã*
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF *timbó* 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, *timbó* bonito (disse ele)! Eu sou aquela, eu sou o *timbó* (respondeu ela)’ (*Itxuna*)

- (289) pa=janiri=nau u=tuluma=li=ku,
 2SG=cunhado=PL 3=rede=?=DECL
 awitsi-ri-ni-te kene amaka=naku=**wi=ku=hã**
 ser.bonito-NMNZ-?-? DEM rede=dentro=REP=DECL=ENF
 ‘(ela) amarrou as redes dos seus cunhados também, só tinha redes bonitas’
 (Xepeku)
- (290) hekuja-tipa=**wi=ku** amunau utata aunaki=ku
 antigamente-CLF.idade=REP=DECL cacique saber história=DECL
 ‘antigamente, o cacique sabia a história’
- (291) a=pakitsa=**wi=ku**, ija kene alua
 1PL=pegar=REP=DECL 3.ir DEM morcego
 i=penu=**wi=ku=hã**
 3=em.cima=REP=DECL=ENF
 pa iși=pai=**ku=hã** tsilu, tsilu numa=pai=ku
 e DEM=IPFV=DECL=ENF tsilu, tsilu dizer=IPFV=DECL
 ‘eles pegaram (a tocha), foram para cima daquele morcego, e agora *tsilu*
tsilu (barulho do fogo queimando-o, enquanto ele dormia), disse’ (Alua)

8.10.3.3. Direcional =ne

O morfema direcional *-ne* indica direcionalidade, no sentido de que especifica direção de um lugar a outro, evidenciando, assim, o modo como uma ação se desenvolve. Em geral, meus dados têm mostrado que este morfema aparece associado a verbos de movimento e direção, como *ija* ‘ir’, *tuwa* ‘vir’, *putuka* ‘chegar’, exprimindo que alguém está indo ou voltando de determinado lugar, como mostram os exemplos seguintes:

- (292) eșuhi-ta=li=ku Eku=wı=ku tuwe=**ne**=ku=hã
 3.anzol-VBZ=CONT=DECL Pronto=REP=DECL 3.vir=DIR=DECL=ENF
 ‘ele continua pescando. Pronto, veio embora’ (Xepeku)
- (293) iși=natsa=pai kami=ku putuke=**ne**=ku. Putuke=**ne**
 DEM=depois=IPFV sol=DECL 3.chegar=DIR=DECL 3.chegar=DIR
 ‘mais tarde, ele chegou. Ele chegou’ (Xepeku)
- (294) iși=natsa=pai kami, u=mato=șu putuke=**ne**=ku
 DEM=depois=IPFV sol 3=sogra=FEM chegar=DIR=DECL
 ‘mais tarde, a sogra dela chegou’ (Xepeku)

- (295) pu=nupa=tika, numa i=piri=ku=hã! ije=**ne**=le=je=ku!
 2SG=VER=TRANS dizer 3=BEN=DECL=ENF 3.ir=DIR=FUT=?=DECL

nu=tuwe-**ne**=ku=hã!
 1SG=vir-PONT-DIR=DECL=ENF

p=inu=kija u=nuka natu kani
 2SG=mãe-? 3=matar 1SG COM
 ‘olha, disse para ele (ao seu marido): estou indo, eu vou (embora),
 sua mãe brigou comigo’ (Xepeku)

- (296) i=natsa tuwe=**ne**=ku=hã, tuwe=**ne**=ku=hã
 3=depois vir=DIR=DECL=ENF vir=DIR=DECL=ENF

tsala, ti=nai=pai p=iju=wi=ku?
 filho, PRO=LOC=IPFV 2SG=esposa=REP=DECL

ije=**ne** kani=ku=hã, mama.
 3.ir=DIR DEM=DECL=ENF mãe.POSS

ije=**ne** kani=ku=hã
 3.ir=DIR DEM=DECL=ENF
 ‘depois, ele veio, ele veio.
 Filho, cadê sua esposa (perguntou a mãe)
 Ela foi embora, mãe, ela foi embora’ (Xepeku)

Há exemplos em meu corpus em que o direcional =*ne* aparece anexado a nomes

(297) e a quantificadores (298):

- (297) eṣuhi-ta=li=ku, ija=ma kene pa=putaka
 3.anzol-VBLZ=CONT=DECL 3.ir=REPET DEM RECP=aldeia

pa=putaka=ma=**na** i=nai=ku, pa=putaki=wi=ku
 recp=aldeia=REPET=DIR 3=LOC=DECL RECP=aldeia=REP=DECL
 ‘ele foi pescando, indo de novo àquela aldeia, a própria aldeia lá, a própria
 aldeia’ (Xepeku)

- (298) ije-**ne** kene pe=jeu-lu=nau i=u=tsa
 ir=PONT DEM 2SG=cunhada-FEM=PL 3=DAT=LOC

kali=ku u=tuluma=li=ku, kene=neu mamale=**ne**=ku=hã
 DEM=DECL 3=rede=CONT=DECL DEM=PL todo=DIR=DECL=ENF
 ‘E foi (pegar) de volta as redes das suas cunhadas, aquelas, todas’
 (Xepeku)

8.10.3.4. Impessoal =*kina*

O morfema impessoal =*kina* especifica que o referente a que se refere o verbo não é conhecido, razão pela qual o trato como impessoal. Como mostrei anteriormente, funciona nas construções passivas reduzindo valência. Nos verbos, funciona como um enclítico, conforme os exemplos abaixo. Note que, em todos os casos, o referente é genérico, não especificado. Em (302), =*kina* é ainda seguido do morfema de perfectivo =*wi*.

(299) *une ija-hapuka=kina=pai=ku. aitja=kina=pai*
 pessoa ir-sopa=IMP=IPFV=DECL 3.comer=IMP=IPFV
 ‘o pessoal foi comer a sopa, eles comeram’ (Alapü)

(300) *ahã i=nai tuka=kina nukaji=ku*
 INTERJ 3=LOC 3.beber=IMP perereba
 ‘Ahhh, lá o pessoal tomou perereba’ (Kukühü)

(301) *pá kali=ku=hã numata=kina nukayi=ku=hã*
 INTERJ DEM=DECL=ENF fazer=IMP perereba=DECL=ENF

pá p=işi i=muta=wi=ku=hã
 INTERJ 2SG=pai 3=levar=REP=DECL=ENF

wenekuta matamujaka=wi=ku=hã
 centro.da.aldeia amanhã=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, fizeram perereba, então o pai dela levou no centro (da aldeia) no outro dia’ (Kukühü)

(302) *ija=kina=wi kalaka=kina ulei utawana=ne=ku*
 3.ir=IMP=PFV quebrar=IMP mandioca rama=DIR=DECL
 ‘foram lá e quebraram a rama da mandioca’ (Kukühü)

(303) *işi=natsa kami=ku=hã, eteme=kina kutsa=wa=ki=ku=hã*
 DEM=depois sol=DECL=ENF 3.escutar=IMP EVID.IND=PFV=?=DECL=ENF

une-uneu kalaya au i=u
 pessoa-REDP vindo(?) 1PL 3=DAT
 ‘mais tarde, diz que escutou o pessoal vindo’ (Atsalaitsaki)

Outros usos de =*kina* incluem sua ocorrência com a partícula de negação *aitsa* (304), e, inclusive, numerais, quando se quer indeterminar esta classe (305):

(304) *iṣi*=pai *aitsa*=*mija*=***kina***=*wa* *jakaku*=*ja*=*hã*
 DEM=IPFV NEG=POT=IMP=PFV *mato*=LOC=ENF
 ‘hoje ninguém iria no mato (caçar)’

(305) *nu*=*nupa* *mipijama*=***kina*** *jitsu*
 1SG=ver dois=IMP 2PL
 ‘eu vi dois de vocês (não se sabe ao certo quais foram vistos)’

8.10.4. Modalidade

Palmer (1986, p. 21) defende que a modalidade, diferentemente do modo, não é expressa em todas as línguas por meio de morfologia verbal, podendo, por exemplo, ser expressa por meio de verbos modais ou por partículas que podem aparecer bem separadas do verbo. O autor (op. cit.) definiu a modalidade como a gramaticalização das atitudes e opiniões (subjetivas) do falante, tendo distinguido modalidade epistêmica de modalidade deôntica e suas subcategorias. A modalidade epistêmica, segundo Palmer (1986, p. 51), relaciona-se com as noções de possibilidade e necessidade e envolve também o grau de compromisso do falante com o que ele diz, incluindo, dessa forma, os seus próprios juízos e o tipo de garantia que ele tem para com o que ele diz. A modalidade deôntica relaciona-se, por sua vez, às modalidades como contendo um elemento de vontade (Palmer 1986, p. 96).

Assim, estou considerando que as partículas de potencial e dubitativo expressam modalidade epistêmica em Mehináku, e não modo, porque, além de não estarem morfologicamente associadas aos verbos, estão estritamente relacionadas a opiniões subjetivas dos falantes a cerca do grau de verdade/não verdade de uma proposição enunciada. A partícula desiderativa, por seu turno, considero como forma de expressão de modalidade deôntica, haja vista que exprime vontade a respeito da proposição.

8.10.4.1. Potencial *mija*

A partícula potencial *mija* se refere a situações suscetível de existir ou acontecer, mas sem existência real. Trata-se, portanto, de um marcador de possibilidade, de condicionalidade. Pode tanto ocorrer depois do verbo quanto modificando outras classes. Exemplos de ocorrência dessa partícula modificando verbos podem ser vistos a seguir. Note, em (308), que a partícula *mija* não aparece anexada ao verbo, podendo receber,

inclusive, a mesma marcação de tempo verbal que recebe o verbo que a precede. Por esta razão, estou tratando *mija* como uma partícula em Mehináku.

- (306) nu=k=ata-pana-la=mije=ku,
1SG=ATR=árvore-CLF.foliforme-POSS=POT=DECL

n=ija **mija** Campinas i=nai=ku=hã
1SG=ir POT Campinas 3=LOC=DECL=ENF
'se eu tivesse dinheiro, ia para Campinas'
- (307) n=akapa **mija** matike=ku n=akama **mija**
1SG=tomar.banho POT depois=DECL 1SG=morrer POT

matike=ku=hã
depois=DECL=ENF
'se eu for tomar banho, depois eu posso morrer' (Wayuku)
- (308) nu=peku=jete ija=la **mija**=la Campinas=nai
1SG=amigo=ASS ir=FUT POT=FUT Campinas=LOC
'meu amigo talvez irá para Campinas'

A partícula *mija* pode ocorrer também como uma espécie de predicador, quando não há verbos na sentença, inclusive recebendo marcações aspectuais, como em (309), a seguir:

- (309) nu=tai **mija**=wa iși=natsa kami=hu=hã
1SG=filho POT=PFV DEM=depois sol=DECL=ENF
'mais tarde, eu queria meu filho' (Katutukalu)
- (310) tsata nu=me kata=wa=hã
semelhante 1SG=marido DEM=PFV=ENF

nu=mepe **mija** iși-(u)ne=we
1SG=CLF.amontoado POT DEM=pessoa=PFV
'queria um marido igual o cipó (lit: igual aquele amontoado)' (Wayuku)

Quando *mija* aparece seguindo a partícula de negação *aitsa*, entretanto, parece funcionar como um enclítico, já que, assim como outros morfemas que tendem a ocorrer com essa partícula, parece modificar o predicado que está sendo negado. Repare, em (312), que *mija* faz parte do complexo que compõe a negação na língua, recebendo, inclusive, os morfemas de impessoal e imperfectivo.

- (311) ulei=ku aitsa-tuwa **mija** kukihi kaka=waka=wi=ku
 mandioca=LOC NEG-REFL POT kukihi ter=EXIST=REP=DECL

aitsa=**mija** ulei-paitʃe apuka=wi=ku=hã
 NEG=POT mandioca=RETR lugar=REP=DECL=ENF
 ‘se não existisse o kukühü não existiria roça,
 não teria mandioca’ (Kukühü)

- (312) işi=pai aitsa=**mija**=kina=wa jakaku=ja=hã
 DEM=IPFV NEG=POT=IMP=PFV mato=LOC=ENF
 ‘hoje ninguém iria no mato (caçar)’

8.10.4.2. Potencial *kuma*

A partícula *kuma* também se refere a situações suscetível de existir ou acontecer. Nos dados que disponho, aparece sempre em função da expressão de dúvida sobre uma sentença interrogativa. Embora seja homófono do morfema de prototipicidade, acredito que se tratam de formas distintas:

- (313) a=ija **kuma** eheşuhi-ta? numa p=eme i=piri=ku=hã
 1PL=ir POT anzol-VBLZ dizer 2SG=marido 3=BEN=DECL=ENF

ahã a=ija, ija=wi
 INTERJ 1PL=ir ir=PFV
 ‘vamos pescar? Disse ao marido
 ok, então vamos, vamos (respondeu ele)’ (Xepeku)

- (314) a=ija **kuma** kupati=taku? eheşuhi=ta? numa i=piri!
 1PL=ir POT peixe=LOC anzol=VBLZ dizer 3=BEN

nu=putaka=ja a=ija=la?
 1SG=aldeia=LOC 1PL=ir=FUT
 ‘vamos no lugar de pesca? Pescar? Disse (ela) a ele.
 Vamos na minha aldeia? (lugar onde homem achou) (Alapü)

- (315) işi=natsa kami=ku=hã, a=ija katatakua?
 DEM=depois sol=DECL=ENF 1PL=ir mato

a=ija **kuma** ew=etuna=waka=ta
 1PL=IR POT 1PL=andar=EXIST=CAUS
 ‘mais tarde, vamos no mato? Vamos andar por lá? (Itxuna)

8.10.4.3. **Dubitativo *kala***

A partícula *kala* indica que o falante não tem certeza a respeito da proposição enunciada. Não parece ter uma posição fixa na sentença, podendo aparecer no início da construção (316), depois do verbo (317)-(318), depois de conjunções (319) e de nomes (319). Note que *kala* pode também portar o enfático *hã* (316), (319).

- (316) **kala=hã** n=iju haju akene ahã,
 DUB=ENF 1SG=esposa filho defecar INTERJ
- numa i=piri=ku kene i=nu=wi=ku=hã
 dizer 3=BEN=DECL DEM 3=esposa=REP=DECL=ENF
- i=nai emeheşe=wi=ku
 3=LOC 3.limpar.a.bunda=REP=DECL
 ‘Minha esposa, o filho fez cocô (acho), disse ele para a esposa. Lá, limpa a bunda (dele, a bunda do sapo)’ (Katutukalu)
- (317) jitsuiku numa jatami=ku=hã ija **kala.**
 depois dizer pajé=DECL=ENF ir DUB
- tuwa i=maka=nai=itse=ku=hã
 3.vir 3=de.lá=LOC=LOC=DECL=ENF
 ‘Depois diz que pajé foi lá. Ele veio de lá’ (Kukühü)
- (318) une-une ija **kala** eşuhi-ta=wa, eşuhi-ta=ma=wa=hã,
 pessoa-REDP ir DUB anzol-VBLZ=PFV, anzol-VBLZ=REPET=PFV=ENF
- ija eşuhi-ta=wa, itsau=taku=wa, eşuhi-ta=la
 ir anzol-VBLZ=PFV riacho.de.buritizal=LOC=PFV anzol-VBLZ=FUT
 ‘O homem foi pescar, pescar de novo. Foi pescar no riacho de buritizal, vai pescando...’ (Xepeku)
- (319) une kene i=nuwa **kala=hã** atu=kuta=pai=hã
 pessoa DEM 3=tio DUB=ENF 3.querer=DESID=IPFV=ENF
- maka **kala=hã** yukaka kene amamitsa=pai
 CONJ DUB=ENF CONJ DEM 3.vigiar=IPFV
 ‘parece que o tio dele quer (ela). Por isso que ele está vigiando (ela)’
 (Itxuna)

A partícula *kala* também pode seguir o pronome interrogativo *atsa* (320)-(321) ou a partícula proibitiva *amija* (322), quando se deseja expressar incerteza a respeito de uma pergunta ou de uma proposição negada, respectivamente. Nestes casos, podem portar

morfemas aspectuais, como =*pai* ‘imperfectivo’ e =*wa* ‘perfectivo’, conforme mostro a seguir:

(320) atsa-tsa **kala** pu=nuka kupati=ku
 INT-REST DUB 2SG=matar peixe=DECL
 ‘Quanto peixes você pescou?’

(321) atsa-tsa **kala=pai** şepi i=pete
 INT-REST DUB=IPFV banco 3=?
 ‘Quanto custa o banco?’

(322) amija **kala=wa**
 PROH DUB=PFV
 ‘não (faça aquilo)’

8.10.4.4. Dubitativo *pijala*

A partícula *pijala* também indica incerteza a respeito de determinada proposição. Parece, no entanto, indicar maior grau de incerteza do que *kala*. Tende a seguir o verbo, como nos exemplos seguintes, podendo receber marcas de tempo (324):

(323) ija **pijala** patuwai kaşaipa i=putaka i=nai
 3.ir DUB ? não.indígena 3=aldeia 3=LOC
 ‘parece que ele ia para a cidade’

(324) nu=kamişu mina **pijala=la** i=tenu
 1SG=namorar DUB DUB=FUT 3=COM
 ‘eu acho que talvez eu namore com ela’

(325) keme-ki-ja-lu mina **pijala** şa tineşu
 casar-NMLZ-?-FEM DUB DUB DEM mulher
 ‘acho que aquela mulher talvez seja casada’

(326) n=eteme=pei uni i=tururuka,
 1SG=escutar=IPFV água 3=trovão

uni **pijala** taka=la matika”
 água DUB cair=FUT depois
 ‘eu estou escutando o trovão, parece que vai chover depois’

- (327) n=eteme une-une i=niwula=tipe,
 1SG=escutar pessoa-REDP 3=grito=PL
- une-une **pijala** i=nupa janumaka
 pessoa-REDP DUB 3=ver onça
 ‘ouvi os gritos de alguém, parece que alguém viu a onça’

Em meu corpus, encontrei um exemplo em que *pijala* ocorre anexado à partícula de negação, conforme abaixo:

- (328) tujakakai aitʃa-ta=la=ku ku aitsa=**piala**
 qualquer.dia 3.comer-CAUS=FUT=DECL ? NEG=DUB
 ‘não sei que dia ele vai dar comida pra ela (lit.: vai fazer ela comer)’
 (Kanupai)

8.10.4.5. Dubitativo *mîna*

A partícula *mîna* tem função inferencial, e por isso exprime também incerteza sobre a proposição enunciada. Poderia ser traduzida como ‘acho’.

- (329) jamukuhi **mîna** elele=pei
 criança DUB chorar=IPFV
 ‘acho que a criança está chorando’
- (330) janumaka **mîna** nu=nupa=wa
 onça DUB 1SG=ver=PFV
 ‘acho que eu vi a onça’
- (331) nu=nupa kitsapa-i-tsipie, akanu **mîna**=pai janumaka
 1SG=ver pé=NPOSS-PL perto DUB=IPFV onça
 ‘vi umas pegadas, acho que tem onça perto’

8.10.4.6. Desiderativo *kuta*

A partícula *kuta* exprime vontade, desejo do falante em realizar alguma ação. Como as demais partículas, tende a preceder o verbo, como nos exemplos seguintes:

- (332) Ahã pi=hipijalu=pai?
 INTERJ 2SG=faminto=IPFV?
 hehe ni=hipijalu=pai=hã!
 INTERJ 1SG=faminto=IPFV=ENF
 natu **kuta** n=aitʃa=pai=hã kupati=hã
 1SG DESID 1SG=comer=IPFV=ENF peixe=ENF
 ‘você está com fome?’
 Sim, eu estou com fome, eu queria comer peixe’ (Itxuna)
- (333) une kene i=nuwa kala=hã atu **kuta**=pai=hã
 pessoa DEM 3=tio DUB=ENF 3.querer DESID=IPFV=ENF
 maka kala=hã yukaka kene amamitsa=pai
 CONJ DUB=ENF CONJ DEM 3.vigiar=IPFV
 ‘parece que o tio dele quer (ela). Por isso que ele está vigiando (ela)’
 (Itxuna)
- (334) natu **kuta** nu=waitʃati=pai natu
 1SG DESID 1SG=ser.sozinho=IPFV 1SG
 ‘eu queria ficar sozinho’
- (335) natu **kuta** waʃi nu=tuma=pai nu=pina
 1SG DESID INTENS 1SG=fazer=IPFV 1SG=casa
 ‘eu queria muito construir minha casa’

8.10.5. Evidencialidade

A evidencialidade é, de maneira geral, a indicação da natureza da evidência para uma determinada declaração. Existem vários tipos de propostas de categorização da evidencialidade na literatura. Em Mehináku, encontrei, até o momento, apenas a evidencialidade indireta do tipo reportativo, embora acredite, dada o variado número de estratégias que tem a língua, que haja também outros tipos de evidencialidade.

8.10.5.1. Indireta *kutsa*

A evidencialidade indireta, mais especificamente a do tipo reportativo, refere-se a proposições proferidas por um locutor a partir de informações que a ele foram reportadas. Não há, neste caso, constatação direta por parte do locutor, já que ele não presenciou a ação que descreve, mas teve acesso a ela por meio da descrição de outrem. O discurso do locutor é, portanto, um discurso reportado, que reporta um acontecimento

que ocorreu, mas que ele não presenciou seja visualmente ou auditivamente de forma direta. Em geral, não parece ter uma posição fixa, já que pode ocorrer antes de nomes (336)-(339), conforme abaixo:

- (336) imiehinaku i=natu-ki-şi=ku=hã
 Mehináku 3=ancestral-NMLZ-MASC=DECL=ENF
- munu iti=pulu=itsa **kutsa** une-une
 morro ?=ao.lado=LOC EVID.IND pessoa-REDP
 ‘diz que o avô do povo Mehináku ficava (morava) ao lado do morro’
 (Kuamutü)
- (337) numa **kutsa** pe=jeu-lu i=piri=ku=hã
 dizer EVID.IND 2SG=cunhada-FEM 3=BEN=DECL=ENF
- makula=tai, makula=tai
 Panela=DIM panela=DIM
- tsitsa-pi-pi=ku
 semelhante-CLF.grande/redondo- CLF.grande/redondo=DECL
- kata=hã
 DEM=ENF
 ‘diz que (ela) falou para a cunhada dela: a panelinha de barro, a panelinha de barro, (igual aquela) aquela bem redonda’ (Alapü)
- (338) işi=pai **kutsa** i=mati-şu i=tu-peku
 DEM=IPFV EVID.IND 3=sogra-FEM 3=vagina-CLF.grande
 ‘agora, diz que a vagina da sogra dele era enorme’ (Alua)
 (é conhecimento reportado, dito entre as pessoas)

- (339) aitsa n=ajulai-tsa=wa n=ihitʃa=hã!
 NEG 1SG=desperdiçar-CAUS=PFV 2SG=cocô=ENF
- numa **kutsa** pe=jeu-lu i=piri
 dizer EVID.IND 2SG=cunhada-FEM 3=BEN
- Ahã numa i=piri i=jeu-lu
 INTERJ dizer 3=BEN 3=cunhada-FEM
- i=jeu-lu apuhitʃa heweku. Eku=wi=ku=hã
 3=cunhada-FEM pegar cinza pronto=REP=DECL=ENF
- i=natsa tuma heweku.
 3=depois fez cinza
- kali=ku=hã heweku, tsitsa kajaka kali=ku=hã
 DEM=DECL=ENF cinza ser.semelhante redondo DEM=DECL=ENF
- ija i=nai=ku! akawi=ku puxu, puxu, puxu, puxu, puxu
 3.ir 3=LOC=DECL defecou=DECL puxu, puxu, puxu, puxu, puxu
 ‘Não vou desperdiçar meu cocô,
 diz-se que ela falou para a cunhada.
 Ok, disse a cunhada.
 A cunhada dela pegou cinza. Pronto.
 Depois ela fez a cinza, aquela cinza, bem redonda.
 Ela foi lá e defecou: puxu, puxu, puxu, puxu, puxu! (Alapü)

Verbos (340):

- (340) une-une **kutsa** ija kupati=taku=ma=hã
 pessoa-REDP EVID.IND ir peixe=LOC=REPET=ENF
- une-une=ku ija kupati=taku=hã
 pessoa-REDP=DECL ir peixe=LOC=ENF
- ija=wi piwu, piwu, piwu, piwu ija kutsa
 ir=PFV piwu, piwu, piwu, piwu ir EVID.IND
- ija=ja kene kali=ku=hã
 ir=ASS DEM DEM=DECL=ENF
- kene kupati=taku=wi=ku=hã, ija=wi
 DEM peixe=CLF.plano=REP=DECL=ENF ir=PFV
 ‘Diz-se que ele foi pescar, foi pescar, foi piwu, piwu, piwu, piwu
 (remando), diz que foi naquele lugar de pesca’ (Alapü)

Demonstrativos (341):

- (341) *i=natsi=ku,* *i=nupa=la* **kutsa** *kene* *kali=ku*
 3=depois=DECL 3=ver=FUT EVID.IND DEM DUB=DECL

ala-pi
 aguapé-clf.grande/redondo

Ala-pi *u=pana* *weke* *hawi*
 Aguapé-CLF.grande/redondo 3=CLF.foliforme ser.grande ?

Eté awitsi-ri
 INTERJ ser.bonito-VBLZ
 ‘Depois, diz-se que ele viu aquele aguapé, a folha grande do aguapé, bem bonita!’ (Alapü)

Ou, ainda, em final de sentenças (342)-(343):

- (342) *Haju, haju* *n=uma* **kutsa,** *i=piri=ku* *kene* *i=nunu*
 Filho, filho 1SG=dizer EVID.IND 3=BEN=DECL DEM 3=homem

Haju, haju *wanaka* *kutsa* *ata-ti=ku*
 Filho, filho abrir EVID.IND árvore-CLF.semente=DECL
 ‘Filho, filho, (vamos)! diz-se que o homem disse ao filho dele. Filho, filho, e abriu a casca da árvore (onde estava o Katutukalu (sapo))’ (Katutukalu)

- (343) *tsi-tsa-ta* *n=iju* *kata=wa=hã?* *numa* **kutse=ku**
 POT-REST-CAUS 1SG=esposa DEM=PFV=ENF dizer EVID.IND=DECL
 ‘Seria bom se esta fosse minha esposa, diz que ele dizia’ (Alapü)

8.11. Nominalização

Há duas estratégias de nominalização em Mehináku: uma morfológica, por meio da afixação do sufixo nominalizador *-ki* ao verbo, e outra suprasegmental, por meio da nasalização da última sílaba do item a ser nominalizado.

A nominalização por intermédio de *-ki* é a mais comum, como mostram os exemplos abaixo, e pode se combinar com outros morfemas, como *weke* ‘grande/dono’ e os morfemas de masculino ou feminino, quando se deseja transformar verbos em nomes de profissões ou atributos, por exemplo. De acordo com os Mehináku, *weke* ‘ser grande’, que tenho tradicionalmente classificado como um verbo, pode ser compreendido também como ‘dono’, a fim de indicar que ‘alguém é dono de x’ (dono do trabalho, dono da reza

e assim por diante). Outros morfemas que se anexam ao nominalizador *-ki* incluem o classificador de idade *-tīpa* (ou seu alomorfe depois de [i] *-tsipa*), para criar nomes de profissões ou ofícios (345), (348) e (349):

- (344) *uma-ki-jete-hi*
trabalhar-NMLZ-grande/dono-MASC
'trabalhador' (lit.: dono do trabalho)
- (345) *uma-ki-tsipā*
trabalhar-NMLZ-CLF.idade
'trabalhador'
- (346) *hulu-ki-jeke-hi*
trocar-NMLZ-grande/dono-MASC
'aquele que é responsável pelo hulu (as trocas)'
- (347) *eṣeke-ki-jeke-hi*
rezar-NMLZ-grande/dono-MASC
'rezador' (lit.: dono da reza)
- (348) *nuka-ki-tsupā*
matar-NMLZ-CLF.idade
'matador' (aquele que é responsável por caçar animais)
- (349) *ekeṣe-te-ki-tsupā*
ensinar-CAUS-NMLZ-CLF.idade
'professor' (lit.: aquele que ensina)
- (350) *p=unu-kija* *u=nuka* *natu* *kani=ku*
2SG=mãe-? 3=matar/brigar 1SG COM=DECL
- aitsa* *awiṣi-ki,* *u=nuka* *nu=kahi*
NEG ser.bom-NMLZ 3=matar 1SG=COM
- jukaki=ku* *n=ije-le-ne=ku=hā*
CONJ=DECL 1SG=ir=FUT=DIR=DECL=ENF
'sua mãe brigou comigo
Não falou bem comigo (lit.: não falou bondade comigo), ela brigou comigo
Por isso eu estou indo embora' (Xepeku)

Quando nomes para profissões e ofícios são construídos a partir de bases que já são nominais, o nominalizador é dispensado, mantendo-se apenas os demais formativos citados acima, que são também usados na construção de nomes desse tipo, conforme mostro nos exemplos seguintes:

- (359) nu=katikã
1SG=gelado/frio
'meu gelado'
- (360) nu=kulata=pai
1SG=estar.quente=IPFV
'eu estou quente' (com febre)
- (361) nu=kulatã
1SG=quente
'minha quentura/calor'
- (362) nu=kulepe=pei
1SG=ser.sujo=IPFV
'eu estou sujo'
- (363) nu=kulepẽ
1SG=sujeira
'minha sujeira'
- (364) n=imira=pai
1SG=estar.calor=IPFV
'eu estou (com calor)'
- (365) n=imirã
1SG=suor
'meu suor'
- (366) nu=tuwawana=wa
1SG=parir=PFV
'eu pari'
- (367) nu=tuwawanã
1SG=parto
'meu parto'

9

Sentenças simples e negação

Neste capítulo, trato das sentenças simples e da negação em Mehináku. Em (§9.1), apresento as relações gramaticais, em termos dos argumentos nucleares e oblíquos da sentença. Em (§9.2), trato da ordem dos constituintes; em (§9.3), apresento a relação entre o predicado verbal e o alinhamento sintático; em (§9.4), descrevo as sentenças não-verbais, incluindo os predicados nominais, locativos e possessivos; em (§9.5), apresento as sentenças interrogativas; em (§9.6), as sentenças imperativas; e, em (§9.7), trato da negação em Mehináku, que inclui: a negação padrão, a indefinida, a existencial, a de predicados não-verbais possessivos, a estrutura morfológica da negação, e, ainda, as formas privativa e proibitiva na língua.

9.1. Sentenças simples

As sentenças simples são aquelas constituídas por apenas um núcleo. Esse núcleo é representado por um verbo (ou predicado) que requer, semanticamente, os papéis semânticos representativos de cada um dos participantes da construção e que, do ponto de vista sintático, podem assumir também funções gramaticais, como sujeito, objeto direto, objeto indireto (GIVÓN, 2001, p. 105). Abaixo, apresento um exemplo de construção simples em Mehináku, na qual todas as funções gramaticais estão preenchidas:

- (1) *nu=muka=la* *ata-pana* *Kauruma=iu*
 1SG=dar=FUT árvore-CLF.foliforme Kauruma=DAT
 ‘eu vou dar o dinheiro para o Kauruma’

Em (1), vemos um exemplo prototípico de sentença simples, uma vez que, sintaticamente, esta sentença apresenta apenas um predicado, representado pelo verbo *muka* ‘dar’, que exhibe três argumentos: um sujeito (argumento externo do verbo), representado pelo proclítico de primeira pessoa *nu=*, e dois objetos (argumentos internos), representados pelo objeto direto *atapana* ‘dinheiro’ e o indireto *Kauruma=iu* ‘para o Kauruma’. Do ponto de vista semântico, essa sentença apresenta um verbo que exhibe três constituintes em função de papéis semânticos, são eles: o agente, representado pela

codifica, e, sintaticamente, estabelece alguns participantes que assumem papéis gramaticais (ou funções gramaticais) na sentença que integram.

É o participante que figura em posição de sujeito em Mehináku, que é obrigatório, bem como a ordem dos constituintes, que auxiliam na delimitação dos componentes que constroem as sentenças na língua, ou seja, que ajudam a determinar/mapeiar quem é o sujeito, o objeto e o argumento oblíquo, uma vez que o sujeito é sempre marcado, sendo o objeto e os argumentos oblíquos opcionais. Do ponto de vista da relação entre argumentos sintáticos e marcação de caso, o Mehináku parece ser uma língua ativo-estativa, sem marcação de caso.

9.1.1. Argumentos nucleares

Os argumentos nucleares em Mehináku são sujeito e objeto. Os sujeitos tendem a aparecer antes do verbo, embora eles possam aparecer em outras posições a depender de questões pragmáticas, enquanto os objetos tendem a seguir o verbo. Os sujeitos são obrigatórios na sentença, enquanto os objetos podem ser suprimidos por influência de questões discursivas (3). Note, no exemplo abaixo, que o objeto não é licenciado.

- (3) (natu) **ni**=kişu-ta=la Atapulu i=u
 1SG 1SG=faca-VBLZ=FUT Atapulu 3=DAT
 ‘eu vou cortar (isso) para o Atapulu’

Quando pronominais, sujeitos, em geral, são marcados por proclíticos pessoais, enquanto objetos são marcados por pronomes livres. Somente a terceira pessoa em posição de objeto é presa. Há correferência entre sujeitos quando ocorre, na mesma sentença, a presença do pronome livre e do proclítico pessoal (4), embora a presença do pronome livre seja opcional e marcada, já que ocorre por questões de ênfase. Há também correferência entre sujeitos lexicais e pronominais de terceira pessoa com alguns tipos de verbos, como em (5), com o verbo *nupa* ‘ver’, que exige um sujeito de terceira pessoa procliticizado, mesmo que haja um sujeito de terceira pessoa lexical:

- (4) (natu) **n**=elele-le, aitsa nu=muka in=uleke=ku,
 1SG 1SG=chorar-REDP NEG 1SG=dar 3=comida=DECL
 ‘eu chorei muito, não dei a comida dele’ (Kanupai)

- (5) tfawaka **Márcia** u=nupa=wi kata tineşu=tai
 ontem Márcia 3=ver=PSD DEM mulher=DIM
 ‘ontem a Márcia viu aquela menina’

Não há correferência, por outro lado, entre as formas de objeto, porque o pronome preso, por exemplo, somente é usado quando não há outro objeto marcado (6)-(8):

- (6) pu=nuka pi=mijati-şu=wi=ku? Aitsa=wa şa aitsa=wa şa!
 2SG=matar 2SG=sogra-FEM=REP=DECL NEG=PFV DEM NEG=PFV DEM

 janumaka i=nuka=wa-**ni** nutsa
 onça 3=matar=PFV-3SG.O de.mim
 ‘Você matou tua sogra? Não, não!
 A onça que tirou (matou) ela de mim (Alua)’
- (7) na=kapitsa-ta=wa-**pi** kajumai i=kahi
 1SG=luta=VBLZ=PFV-3PL.O Kuwarup 3=COM
 ‘Eu lutei com eles todos na festa do Kuwarup’ (A/C)
- (8) hukapi-tsa kamalu-pi=ku
 3.pegar-ITER panela.de.barro-CLF.grande/redondo=DECL

 heputa-**wi** i=tenu=wi=ku=hã
 3.tampar-3O 3=INS=DECL=DECL=ENF
 ‘ela pegou a panela de barro grande e
 tampou (as redes) com ela’ (Xepeku)

9.1.2. Argumentos oblíquos

Os argumentos oblíquos são marcados por posposição em Mehináku e não são obrigatórios. Não parece haver uma posição fixa para a ocorrência de argumentos oblíquos na língua, embora o final de sentença seja a posição mais atestada. Esses argumentos expressam noções de benefactivo (9), comitativo/instrumental (10)-(11), e outras (ver §3.5), conforme abaixo:

- (9) imira=waka=pai i=**piri**=pa
 calor=EXIST=IPFV 3PL=BEN=PL.3PL
 ‘está calor para eles’

- (10) ija hawa kene puitʃe=ku=hã, i=tenu
 3.ir pegar(?) DEM Matrinchã=DECL=ENF 3=COM
- i=puʃu ija=wi=ku=hã
 3=namorado ir=REP=DECL=ENF
 ‘ele foi pegar aquela Matrinchã (*Brycon amazonicus*) junto com ela, o
 namorado foi (com ela)’ (Walamã)
- (11) pi=tʃatumala=la jawalawi i=tenu
 2SG=trabalhar=FUT agulha 3=INS
 ‘você vai trabalhar com a agulha’

9.2. Ordem dos constituintes

A ordem dos constituintes (ou das palavras), como mencionei anteriormente, é um dos parâmetros utilizados para a compreensão das funções sintáticas em Mehináku, e também um parâmetro importante na diferenciação das línguas naturais entre si. Greenberg (1963, pp. 76, 77), usando como parâmetro os três principais constituintes da sentença simples declarativa transitiva, quais sejam: o sujeito, o verbo e o objeto, propõe seis tipos diferentes e potencialmente possíveis de ordens dos constituintes da oração: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS, dos quais, segundo o autor, os três primeiros são ao mais comuns nas línguas do mundo e os três últimos ou não ocorrem ou ocorrem raramente. É a partir dessa proposição que Greenberg (1963, p. 76) estabelece seu primeiro universal linguístico: “Em sentenças declarativas com sujeito e objeto nominal, a ordem dominante é quase sempre aquela em que o sujeito precede o objeto”¹, e a partir da qual classifica os tipos mais comuns VSO, SVO e SOV como tipos I, II e III, respectivamente.

Outra proposta de classificação das orações com base na ordem de seus constituintes é a proposta por Dryer (1997), que estabelece uma tipologia baseada em dois parâmetros binários, são eles: OV versus VO e SV versus VS, que irão determinar quatro tipos tipológicos distintos: VS&VO, SV&VO, SV&OV e VS&OV. Dryer (1997, p. 69) defende que sua tipologia é mais adequada para a explicação das possíveis ordens nas línguas do mundo porque, além de ser possível reunir os seis tipos de ordens propostos por Greenberg em apenas dois, é também possível abarcar as orações intransitivas, que

¹ No original: “*In declarative sentences with nominal subject and object. The dominant order is almost always one in which the subject precedes the object*” (Greenberg, 1996, p. 76).

na proposta de Greenberg não foram contempladas, e que merecem atenção por serem as mais frequente nas línguas naturais.

Para a análise da ordem dos constituintes em Mehináku, sigo Velupillai (2012), que defende que a análise da ordem dos constituintes de uma língua deve levar em consideração argumentos lexicais do verbo, já que pronomes podem cliticizar-se (como ocorre em Mehináku, inclusive) ou mesmo serem representados via morfologia verbal, em algumas línguas.

Levando em consideração esse parâmetro, a ordem padrão em Mehináku é SVO (AVO) em sentenças transitivas e SV, em sentenças intransitivas. Foi possível encontrar nos textos transcritos, entretanto, também a ordem alternativa VA, para transitivas, e VS, para intransitivas, embora esses sejam exemplos bastante raros, que acredito ocorrerem por força de questões discursivas, como ênfase, que movem o verbo à posição inicial da sentença, já que somente as construções intransitivas estativas do tipo 2, como mencionei no capítulo 8, parecem apresentar, como padrão, o verbo antes do sujeito.

Exemplos de sentenças transitivas declarativas com ordem SVO (AVO), a ordem padrão, podem ser vistos abaixo:

- (12) mama tuma=pai makula weke-tipe
mãe fazer=IPFV panela de barro ser.grande-PL
'a mãe está fazendo grandes panelas de barro'
- (13) ahã i=me ija pa=uku-la i=kahi=ku
INTERJ 1SG=marido ir RECP-flecha-POSS 3=COM=DECL
'Sim, meu marido fez a própria flecha' (Itxuna)
- (14) tineşu jata=wa tuwapi i=pawa
mulher comprar=PFV esteira 3=outro
'A mulher comprou outra esteira'
- (15) kukihi ijaluta ulei.
kukihi estragar mandioca
nu=kije-ne pawitsa ulei-tsi
1SG=arrancar-DIR um mandioca-CLF.semente
'o kukühü estragou a mandioca.
Eu só consegui arrancar uma rama de mandioca' (kukühü)
- (16) ati-numa işi-(u)ne aitfa=pai mipiama ui i=tiwi
PRO-dizer DEM-pessoa comer=IPFV dois cobra 3=cabeça
'por que a mulher [pessoa] está transando com a cobra de duas cabeças?
(Ui)

- (17) Pá kene ije kişi-te=ne i=ti=ku=hã
 INTERJ DEM genro facção=VBLZ=PONT 3=vagina=DECL=ENF
 ‘Nossa, o genro cortou a vagina dela’ (Alua)

O mesmo vale para a grande maioria das sentenças intransitivas, como mostro a seguir, em que o sujeito também precede o verbo:

- (18) une-une ija kala eşuhi-ta=wa, eşuhi-ta=ma=wa=hã,
 pessoa-REDP ir DEM anzol-VBLZ=PFV, anzol-VBLZ=REPET=PFV=ENF

ija eşuhi-ta=wa, itsau=taku=wa, eşuhi=ta=la
 ir anzol-VBLZ=PFV riacho.de.buritizal=LOC=IPFV anzol-VBLZ=FUT
 ‘O homem foi pescar, pescar de novo. Foi pescar no riacho de buritizal, vai pescando...’ (Xepeku)

- (19) jitsuiku numa jatami=ku=hã
 depois dizer pajé=DECL=ENF

ija kala tiwa i=maka=nai=itse=ku=hã
 ir DEM vir 3=de.lá=LOC=LOC=DECL=ENF
 ‘Depois, diz que o pajé veio de lá’ (Kukühü)

- (20) şa=hã tineşu hu-maka şa=nai=hã
 DEM=ENF mulher VBLZ=rede DEM=LOC=ENF
 ‘aquela mulher dormiu lá’

- (21) ahã une i=me i=uku-ta=li=ku
 Sim pessoa 3=marido 3=flecha-VBLZ=CONT=DECL

pa i=mapija=wa kupati=tai=ku=hã amunuja=wi=ku=hã
 Nossa 3=pegar=PFV peixe=DIM=DECL=ENF muito=REP=DECL=ENF
 ‘o marido dela ficou fechando. Nossa, ele pegou muitos peixinhos’
 (Itxuna)

Em construções com mais de um verbo, é possível que o objeto, quando presente, apareça entre eles, mantendo um dos verbos em posição final da sentença. Mesmo nesses casos, entretanto, a ordem SV se mantem, conforme a seguir:

- (22) Tá, ukalu ija pa=ijata i=ukale=ne=ku=hã
 Tá, tatu ir RECP=pênis.ereto 3=buscar=DIR=DECL=ENF
 ‘tá, o tatu foi buscar o pênis ereto dele’ (Ukalu)

Os exemplos com ordem AV/SV são abundantes e os excertos que citei aqui são representativos do que ocorre em quase 100% do corpus, razão pela qual defendo que esta é a ordem padrão em Mehináku. Como disse anteriormente, entretanto, algumas construções transitivas e intransitivas que, em geral, deveriam se comportar com ordem A/SV, respectivamente, apresentaram ordem VA/S nos textos transcritos que disponho. Do total de sentenças que disponho, todavia, somente encontrei um caso de transitiva e três casos de intransitivas em que o verbo precede o sujeito, razão pela qual acredito que esta ordem seja determinada por questões discursivas. Em (23), apresento a sentença transitiva e em (24)-(26), as sentenças intransitivas:

(23) atsa pu=mata mami kua, şamalu?
INT 1SG=fazer mãe.POSS COM(?) otário

ati-numa pu=nuka mami kua, şamalu?
PRO-dizer 2SG=matar mãe.POSS COM(?) otário

numa kutsa i=piri kene unu=wi=ku=hã
dizer EVID.IND 3=BEN DEM tio=REP=DECL=ENF

ijaju=nau i=**nuka** kene **pa=janiri**=ku=hã!
cunhada=PL 3=matar DEM 2SG=cunhado=DECL=ENF

Cunhadas, ele matou nossa mãe

‘O que você fez com a minha mãe, otário?’

Por que você matou minha mãe, otário?’

Disse para ele, o tio.

Cunhadas, este cunhado de vocês matou (a mãe)’ (lit.: cunhadas, matou (a mãe), este cunhado de vocês) (Alua)

(24) **akama** **i=mati=şu**=wi=ku=hã,
morrer 3=sogra-FEM=REP=DECL=ENF

natse=ku ije=ne=ku=hã
depois=DECL 3.ir=DIR=DECL=ENF

‘depois que a sogra morreu, ele foi embora’ (lit.: morreu a sogra dele, depois ele foi embora) (Alua)

(25) kalaja-ki=ku=hã **kalaja** **nu=me**=ku
vir-NMLZ=DECL=ENF vir 1SG=marido=DECL
‘aquele que está vindo, vindo, meu marido’ (Atulaisaki)

(26) **hu-maka** kutsa **kene** **alue**=ku=hã
VBLZ-dormir EVID.IND DEM morcego=DECL=ENF
‘diz-se que aquele morcego dormiu’ (lit.: diz-se que dormiu, aquele morcego) (Alua)

Assim, embora haja exceções, como estas apresentadas acima, os exemplos mais recorrentes evidenciam que a ordem mais frequente é aquela em que o sujeito precede o verbo e o objeto o segue, no caso dos verbos transitivos, e somente o sujeito precede o verbo, no caso das construções intransitivas. Portanto, a ordem básica e mais frequente dos constituintes da oração em Mehináku é SVO em orações transitivas e SV em orações intransitivas, conforme a proposta de Greenberg (1963), e SV&VO na tipologia da Dryer (1997).

A ocorrência do verbo antes do sujeito só parece ser padrão em um tipo específico de construção intransitiva em Mehináku: aquelas estativas do tipo 2, e, também, em construções estativas não verbais. Esta cisão tem implicações no próprio alinhamento sintático, como descrevo na seção seguinte. Exemplos de sentenças intransitivas são dados em (27)-(28) e de estativas não verbais em (29)-(30):

- (27) **amaka-na=tuwa** **i=nai** **i=me=ku=hã**
 ser.doente-PONT=REFL 3=LOC 3=marido=DECL=ENF
- ka=kau-ja=pai i=me i=piri=ku=hã
 ATR=doer-?=IPFV 3=marido 3=BEN=DECL=ENF
- ka=kau-ja=pai i=piri=ku=hã
 ATR=doer-?=IPFV 3=BEN=DECL=ENF
 ‘o marido dela ficou triste,
 sentindo a dor por ela o marido
 sentindo a dor por ela’ (Xepeku)
- (28) **kau=pai** **kata ai.** Epehe=pei kana-ti
 doer=IPFV DEM pimenta 3.queimar=IPFV boca-CLF.semente
 ‘Esta pimenta é ardida. Ela queima a boca’ (Alapü)
- (29) **i=naku=itse=ku,** **katutukalu** patã waku=itse=ku
 3=dentro=LOC=DECL sapo somente rio=LOC=DECL
- ija i=tenu ulei-tʃe=ku=hã,
 3.ir 3=COM mandioca-CLF.largo=DECL=ENF
- pataka i=tenu ulei-tʃa=tse=ku
 3.sentar 3=COM mandioca-CLF.largo=LOC=DECL
 ‘o sapo só ficou dentro do rio.
 E ele foi com ele (o sapo) na roça,
 sentou com ele na roça’ (Katutukalu)

- (30) $\text{\textcircled{S}}$ epi $\text{\textcircled{I}}$ penu=itsa=pai **jamuku-hi**
 banco 3=em.cima=LOC=IPFV criança-GEN
 ‘o menino está em cima do banco’

9.3. Predicado verbal e alinhamento sintático

Aikhenvald (1999, 2002, 2012, 2018) argumenta que todas as línguas Arawak são altamente polissintéticas, apresentando poucos prefixos e muitos sufixos. Os prefixos, segundo a autora, podem expressar, além do possuidor de nomes, também os sujeitos dos verbos transitivo e intransitivo ativos e também podem funcionar como argumento pronominal marcado por posição e preposição relacionados com nomes. Os sufixos e enclíticos, por sua vez, podem expressar o objeto direto, o sujeito do verbo intransitivo estativo e ainda o sujeito de uma sentença sem verbo.

A essência da marcação de ergatividade cindida (Split-ergative ou ativo-estativa) nas línguas Arawak, para Aikhenvald (2018, p. 15) é a seguinte: o sujeito de um verbo intransitivo (S) pode ser marcado/expresso diferentemente a depender do significado/sentido do verbo: o sujeito do verbo intransitivo (S) estativo, ou seja, aquele verbo que se refere a estados (ser rico, ser pobre), qualidades (bom, ruim), e ações não controladas (chorar, lembrar, esquecer) é marcado do mesmo modo que o objeto do verbo transitivo (O). Esse sujeito é referido como (So), em que “o” refere-se ao objeto do verbo transitivo.

O sujeito do verbo intransitivo (S) ativo - aquele verbo que indica ações controladas, incluindo movimento (ir; permanecer; chegar) -, por sua vez, é marcado do mesmo modo que o sujeito do verbo transitivo (A). Esse sujeito é referido como (Sa), em que “a” refere-se ao sujeito agente do verbo transitivo. É comum também, nas línguas Arawak, que a marcação de objeto seja feita por meio de sufixos ou enclíticos no verbo, que são responsáveis por assinalar o Objeto de um verbo transitivo.

Embora o Mehináku seja de fato uma língua ativo-estativa, uma vez que o significado do verbo determina o tipo de concordância sintática que se estabelece na língua, existe uma diferença fundamental entre a classe dos verbos intransitivos na língua, como mencionei na seção anterior e mostrei em (§8.2 - §8.4), que faz com que as afirmações de Aikhenvald se apliquem apenas parcialmente para dos dados da língua.

Além disso, a terceira pessoa gramatical parece se comportar de forma distinta das demais pessoas gramaticais na língua, no que se refere às relações sintáticas.

Vou retomar a seguir, antes de tratar do alinhamento sintático propriamente dito, alguns poucos exemplos de verbos transitivos e intransitivos na língua, que são fundamentais para que se possa, mais a frente, compreender as relações sintáticas (para mais exemplos, ver §8.2 - §8.4). Os dados que apresento nesta subseção não incluem exemplos da terceira pessoa na língua, que irei apresentar na subseção seguinte, dado o seu comportamento diferenciado em relação às demais pessoas gramaticais em Mehináku.

Nas construções transitivas diretas, o sujeito, seja ele pronominal (31) ou lexical (32), precede o verbo, que requer como complemento um objeto direto, representado por um sintagma nominal (31) ou por um pronome (32), conforme abaixo:

- (31) ahã pi=hipialu=pai? hehe ni=hipialu=pai=hã
 INTERJ,2SG=estar.faminto=IPFV INTERJ,1SG=estar.faminto=IPFV
- natu kuta n=aitʃa=pai=hã kupati=hã
 1SG DESID 1SG=comer=IPFV=ENF peixe=ENF
 ‘Então, você está com fome? Sim, eu estou faminta. Eu quero comer peixe’
 (Itxuna)
- (32) **Atapulu** i=nupa=pai **pitsu**
 Atapulu 3=ver=IPFV 2SG
 ‘Atapulu está vendo você’

O Sujeito (A) das orações transitivas diretas sempre precede o verbo, enquanto o Objeto (O), seja ele lexical ou pronominal, o segue. No que tange especificamente aos pronomes, é possível perceber que os proclíticos pronominais, que são formas reduzidas dos pronomes plenos da língua, figuram sempre como sujeitos, enquanto os pronomes plenos figuram na posição de Objeto. Os pronomes plenos podem também aparecer como sujeitos enfáticos em construções transitivas, conforme em (33), mas seu uso é opcional. Somente o sujeito pronominal, representado por um dos proclíticos de pessoa no verbo, é obrigatório.

Nas construções transitivas indiretas, por sua vez, o verbo requer como complemento um objeto indireto, que pode ser representado na língua por um sintagma nominal (31) ou por um proclítico pronominal posposicionado (34)-(35):

- (33) (Natu) **ni=kişuta=la** [**Atapulu** **i=u**]
 1SG 1SG=cortar=FUT Atapulu 3=DAT
 ‘eu vou cortar (isso) para o Atapulu’
- (34) **nu=muka=la** **pi=ju**
 1SG=dar=FUT 2SG=DAT
 ‘eu vou dar (isso) para você’
- (35) **nu=waitfa=pai** **ji=tsenu=wi=ku**
 1SG=jogar=IPFV 2PL=COM=REP=DECL
 ‘eu estou jogando com vocês’

Nessas construções, o sujeito do verbo é também representado pelos proclíticos pronominais de pessoa, como nas transitivas diretas, mas o objeto indireto, quando for um pronome, vai ser sempre representado pelas formas presas dos pronomes (proclíticos pronominais), e não pelas formas livres, como vimos para as construções com verbos transitivos. Tanto as formas presas dos pronomes quanto o nome pleno, para figurarem na posição de objeto indireto, precisam estar posicionados.

A sentença bitransitiva (ou transitiva direta e indireta), por sua vez, é aquela que admite dois argumentos internos. Em Mehináku, um desses argumentos é um sintagma nominal em posição de objeto direto (36)-(37) e um sintagma nominal (37) ou pronominal posicionado em posição de objeto indireto (36):

- | | | | | |
|------|------------------------------------|-----------------------|-------------------------|-------------------------|
| | A | V | O _[direto] | O _[indireto] |
| (36) | Wajeru | ekekuwata | [şa şepi] | [ni=piri] |
| | Wajeru | mostrar | DEM | 1SG=BEN |
| | ‘Wayeru me mostrou o banco’ | | | |
| | | | | |
| | A=V | O _[direto] | O _[indireto] | |
| (37) | nu=muka=wa | [tuapi=tsai] | [Paulo i=u] | |
| | 1SG=dar=PFV | esteira=DIM | Paulo 3=DAT | |
| | ‘eu dei a esteirinha para o Paulo’ | | | |

Além disso, a ordem dos objetos em sentenças bitransitivas em Mehináku não é fixa, de modo que é possível alterná-los sem que a sentença se torne agramatical. Ambos os objetos, entretanto, independentemente da ordem em que apareçam, devem vir após o verbo em construções transitivas. Abaixo, é possível ver sentenças em que os objetos aparecem invertidos:

- (38) $t\{awaka$ A=V $O_{[direto]}$ $O_{[indireto]}$
ontem n=umuka **[ata-pana]** **[tinešu** **i=u]**
'ontem eu dei dinheiro para a mulher'
1SG=dar árvore-CLF.foliforme mulher 3=DAT
- (39) $t\{awaka$ A=V $O_{[indireto]}$ $O_{[direto]}$
ontem n=umuka **[tinešu** **i=u]** **[ata-pana]**
'ontem eu dei dinheiro para a mulher'
1SG=dar mulher 3=DAT árvore-CLF.foliforme
- (40) A=V $O_{[direto]}$ $O_{[indireto]}$
 $*t\{awaka$ **[ata-pana]** **[tinešu** **i=u]** n=umuka
ontem árvore-CLF.foliforme mulher 3=DAT 1SG=dar
'ontem eu dei dinheiro para a mulher'

Pelos exemplos apresentados acima é possível observar que em ambos os tipos de construções transitivas o sujeito precede o verbo, tanto em construções em que o sujeito é realizado por meio de um nome pleno (AVO), quanto naquelas em que ele é realizado por meio de um dos proclíticos pronominais da língua (A=VO). O objeto pronominal, por sua vez, embora seja posicionado obrigatoriamente após o verbo, é realizado por meio de um pronome pleno nos verbos transitivos diretos e por um proclítico pronominal nos verbos transitivos indiretos.

As construções com verbos intransitivos, por sua vez, não são uniformes como aquelas com verbos transitivos, porque o argumento requerido pelo verbo pode mudar a depender do tipo de verbo intransitivo. Em Mehináku não há, como ocorre em outras línguas Arawak (a exemplo do Paresi (BRANDÃO, 2014)), mais de um conjunto de proclíticos pronominais que funcionam como sujeitos dos diferentes tipos de verbos intransitivos. O que ocorre é a seleção do mesmo conjunto de proclíticos e pronomes livres, que se diferem em termos da posição em que ocorrem em relação ao verbo, a depender do tipo de verbo intransitivo.

Por esta razão, opto por separar as construções com verbos intransitivos em dois grupos, em obediência ao tipo de comportamento morfossintático destes verbos: (i) o primeiro grupo é formado pelos verbos intransitivos agentivos, não-agentivos e estativos do tipo 1; e (ii) o segundo grupo é formado pelos verbos intransitivos estativos do tipo 2. Esta cisão, como mencionei, é puramente morfossintática, no sentido de que agrupei verbos que portam os mesmos tipos de formativos e ocorrem nas mesmas posições sintáticas. Esta divisão não reflete o comportamento semântico dos verbos, já que, como

se vê, os verbos estativos foram postos em grupos distintos.

Apresento primeiramente as construções com verbos intransitivos agentivos, que são aquelas construções monoargumentais em que o verbo requer um sujeito agente, que assume o controle de uma ação (VELUPILLAI, 2012). Nos exemplos abaixo, apresento construções com sujeito lexical (41) e pronominal (42):

- | | | | |
|------|-------------------|---|--|
| | S | V | |
| (41) | enişa=nau | eşuhi-ta=pai=ku=hã | |
| | homem=PL | anzol-VBLZ=IPFV=DECL=ENF | |
| | S | V | |
| | tineşu=nau | awa-kulata=pai=ku=hã | |
| | mulher=PL | VBLZ-panela de alumínio=IPFV=DECL=ENF | |
| | | ‘os homens estão pescando e as mulheres cozinhando’ | |
| | | S=V | |
| (42) | Aitsu | a =malalaku=wa | |
| | 1PL | 1PL=gritar=PFV | |
| | | ‘nós gritamos’ | |

Os verbos intransitivos não-agentivos, por sua vez, são aqueles que, em geral, tomam como sujeito um participante undergoer (paciente), no sentido de que ele não desempenha controle sobre a ação descrita pelo predicado. Em Mehináku, são exemplos de verbos não-agentivos: *tawína* ‘morar’ (43) e *eteme* ‘escutar’ (44). Note que, assim como nos agentivos, o sujeito lexical (43) ou pronominal (44) antecede o verbo:

- | | | | | |
|------|---------------------|---------------|--------------------|--|
| (43) | jukaka-ne | walamã | tawína =pai | putişata=ku=hã, |
| | por.isso-DIR | sucuri | morar=IPFV | no.fundo.do.rio=DECL=ENF |
| | | | | ‘Por isso a sucuri mora no fundo do rio’ (Walama) |
| (44) | pi=tsinexu=la=nau | ekemeju-ta | natu=wi=ku | |
| | 2SG=mulher=POSS=PL | xingar-CAUS | 1SG=REP=DECL | |
| | n=eteme -tsu | kani=ku=hã | pi=tsineşu=la=nau | |
| | 1SG=escutar-? | DEM=DECL=ENF | 2SG=mulher=POSS=PL | |
| | | | | ‘As mulheres da sua aldeia estavam me xingando. Eu escutei’ (Itxuna) |

Os verbos intransitivos estativos do Tipo 1, assim como os transitivos e os intransitivos apresentados anteriormente, marcam o sujeito por meio de proclíticos ou por nomes que, em geral, ocorrem antes do verbo. Do ponto de vista semântico,

entretanto, estes verbos poderiam ser separados dos verbos intransitivos descritos anteriormente porque, embora seus sujeitos sejam, em geral, também pacientes, eles denotam estados, e não propriamente eventos que afetam estes sujeitos. Os verbos estativos do tipo 1 parecem semanticamente denotar estados transitórios dos sujeitos, tais como: estar doente, estar com medo. Vejamos alguns exemplos:

- (45) S V
tineşu kau-ta=pai
mulher doer=CAUS=IPFV
‘a mulher está doente’
- (46) S=V
ni=mişa=pai pi=ju=tsa
1SG=estar.amedrontado=IPFV 2SG=DAT=LOC
‘eu estou com medo de você’
- (47) ahã pi=**hipialu**=pai? hehe ni=**hipialu**=pai=hã
INTERJ 2SG=estar.faminto=IPFV INTERJ, 1SG=estar.faminto=IPFV=ENF
- natu kuta n=aitʃa=pai=hã kupati=hã
1SG DESID 1SG=comer=IPFV=ENF peixe=ENF
‘Então, você está com fome? Sim, eu estou faminta. Eu quero comer peixe’
(Itxuna)
- (48) a=**kulata**=pai, a=**kau**=tai pijala=pai
1PL=estar.quente=IPFV 1PL=doer=DIM DUB=IPFV
‘nós estamos quentes. Acho que estamos doente’

A classe de verbos intransitivos estativos do Tipo 2, finalmente, se diferencia da classe dos verbos estativos do tipo 1 em termos morfossintáticos. Semanticamente, não é possível afirmar com exatidão a diferença entre esses dois tipos de verbos estativos, embora a análise preliminar dos verbos do tipo 2 pareça apontar para uma distinção em termos de transitoriedade/não-transitoriedade, ou seja, enquanto os verbos estativos do tipo 1 parecem denotar estados transitórios dos referentes (como estar triste, mas não ser triste; estar bonito, mas não ser bonito; estar feio, mas não ser feio), os verbos estativos do tipo 2 parecem abarcar a noção de não-transitoriedade, isto é, de permanência (ser bonito, e não estar bonito; ser feio, e não estar feio).

Morfossintaticamente, os estativos do tipo 2 se comportam de forma diferente dos demais verbos apresentados até aqui, tanto em termos do tipo de sujeito que tomam, quanto em relação à posição que estes sujeitos assumem na sentença: quando pronominal, o sujeito tomando pelo verbo não será um proclítico de pessoa, mas as

formas livres dos pronomes. Ademais, tanto sujeitos lexicais quanto pronominais seguem o verbo, ao invés de precedê-lo, como ocorre com verbos transitivos e os demais intransitivos apresentados.

- (49) V S
 Kulata=pai **kami** ni=piri
 Ser.quente=IPFV sol 1SG=BEN
 ‘o sol é quente para mim’
- (50) **kulata**=pai pitsu, n=itsu-pa-lu!
 ser.quente=IPFV 2SG 1SG=filha-EST-FEM

 n=itsu=pa=lu akama=pai=ku=hã ahã
 1SG=filha-EST-FEM morrer=IPFV=DECL=ENF INTERJ
 ‘você está quente, minha filha!’
 ‘minha filha está morrendo, nossa! (falando para o pajé)’ (Kukühü)
- (51) une=pei=ku p=ija ulei-tʃe=ku
 pessoa=IPFV=DECL 2SG=ir mandioca-CLF.plano=DECL

 amunuja pi=tʃene-ti=ku=hã
 muito 2SG=mandioca-CLF.semente=DECL=ENF

kitepe-mina=pai=ku kukihi=hã
 ser.alegre-INTENS=IPFV=DECL kukihi=ENF
 ‘(se) alguém vai na roça e tem muita mandioca, o kukühü fica muito feliz’
 (Kukühü)
- (52) **kau**=pai kata ai. epehe=pei kanati
 doer=IPFV DEM pimenta 3.queimar=IPFV boca
 ‘Essa pimenta é ardida. Ela queima a boca’ (A/C)
- (53) **kulepe** natu
 ser.sujo 1SG
 ‘eu sou sujo’
- (54) **kulepe**
 3.ser.sujo
 ‘ele é sujo’

Apresentados esses exemplos de construções transitivas e intransitivas, é possível finalmente traçar uma relação em termos de alinhamento sintático entre os argumentos dos verbos. A primeira relação de alinhamento sintático que estabeleço é aquela existente entre o Sujeito dos verbos transitivos (A) e o sujeito dos verbos intransitivos agentivos, não-agentivos e estativos do tipo 1, que são marcados da mesma forma: ambos os sujeitos,

sejam eles pronominais ou lexicais, aparecem sempre antes do verbo, além de todos os sujeitos pronominais serem marcados pelo mesmo conjunto de proclíticos pronominais anexados à esquerda dos verbos, conforme os exemplos a seguir, em que retomo: verbos intransitivos agentivos em (55)-(56), verbos intransitivos não-agentivos em (57)-(58), verbos intransitivos estativos do tipo 1 em (59) e verbos transitivos diretos (60)-(61) e indiretos (62)-(63):

- (55) **ni**=himaitsa=wa
1SG=corer=PFV
'eu estava correndo'
- (56) **enişa**=**nau** eşuhi-ta=pai=ku=hã,
homem=PL anzol-VBLZ=IPFV=DECL=ENF
'os homens estão pescando'
- (57) jukaka-ne **walamã** tawina=pai putişata=ku=hã,
por.isso-DIR sucuri morar=IPFV no.fundo.do.rio=DECL=ENF
'Por isso a sucuri mora no fundo do rio' (Walama)
- (58) pi=tsinexu=la=nau ekemeju-ta natu=wi=ku
2SG=mulher=POSS=PL xingar-CAUS 1SG=REP=DECL

n=eteme-tsu kani=ku=hã pi=tsineşu=la=nau
1SG=escutar-? DEM=DECL=ENF 2SG=mulher=POSS=PL
'As mulheres da sua aldeia estavam me xingando. Eu escutei' (Itxuna)
- (59) n=a-maka-na-tuwa=pai, **papa** kau=pai
1SG=VBLZ-rede-?-REFL=IPFV pai estar.doente=IPFV
'eu estou triste [estou de cama], (meu) pai está doente'
- (60) **mama** tuma=pai [makula weke-tipe]
mãe fazer=IPFV panela.de.barro grande-PL
'a mãe está fazendo grandes panelas de barro'
- (61) **nu**=nupa i=nai [janumaka]
1SG=ver 3=LOC onça
'eu vi a onça lá'
- (62) **amunau** kajajaka=pai pi=piri
cacique falar=IPFV 2SG=BEN
'o cacique está falando com você'
- (63) **na**=waitşa=pai ji=tsenu=wi=ku
1SG=jogar=IPFV 2PL=COM=PFV=DECL
'eu estou jogando com vocês'

Aikhenvald (2018, p. 15) defende que em geral nas línguas Arawak o sujeito do verbo intransitivo (S) ativo - aquele verbo que indica ações controladas, incluindo movimento (ir; permanecer; chegar), é marcado do mesmo modo que o sujeito do verbo transitivo (A). Essa afirmação de fato é verdadeira para os dados do Mehináku, uma vez que, como vimos, os verbos intransitivos ativos (com sujeito agentivo) de fato se comportam da mesma forma que os verbos transitivos, no que se refere aos tipos de sujeitos que tomam (proclíticos pronominais) e à posição desses sujeitos em relação ao verbo (antes do verbo). Esta análise revelou, entretanto, que além dessa classe dos verbos intransitivos, a classe de verbos intransitivos não-agentivos e estativos do Tipo 1 também se relacionam com os verbos transitivos da língua.

O segundo alinhamento sintático que proponho para o Mehináku é aquele que alinha o sujeito do verbo intransitivo estativo do tipo 2, seja ele lexical ou pronominal, e o objeto do verbo transitivo. Neste alinhamento, o sujeito do verbo estativo do tipo 2, pronominal ou lexical, figura sempre depois do verbo e tanto o sujeito pronominal do verbo intransitivo quanto o objeto do verbo transitivo direto são expressos por meio de pronomes livres. Compare os exemplos de verbos intransitivos com sujeitos lexicais e pronominais em (64)-(65) com os de verbos transitivos com sujeito pronominal em (66)-(67):

- (64) *une=pei=ku* *p=ija* *ulei-tʃe=ku*
 pessoa=IPFV=DECL 2SG=ir mandioca-CLF.plano=DECL
- amunuja* *pi=tʃene-ti=ku=hã*
 muito 2SG=mandioca-CLF.semente=DECL=ENF
- kitepe-mina=pai=ku* ***kukîhi=hã***
 ser.alegre-INTENS=IPFV=DECL *kukîhi=ENF*
 ‘(se) alguém vai na roça e tem muita mandioca, o *kukühü* fica muito feliz’
 (*Kukühü*)
- (65) *kulata=pai* ***pitsu***, *n=itsu-pa-lu!*
 ser.quente=IPFV 2SG 1SG=filha-EST-FEM
- n=itsu=pa=lu* *akama=pai=ku=hã* *ahã*
 1SG=filha-EST-FEM morrer=IPFV=DECL=ENF INTERJ
 ‘você está quente, minha filha!’
 ‘minha filha está morrendo, nossa! (falando para o pajé)’ (*Kukühü*)

(66) au=nupa **jitsu**
 1PL=ver 2PL
 ‘nós vimos vocês’

(67) pu=nupa **aitsu**
 2SG=ver 1PL
 ‘você nos viu’

A respeito desse tipo de relação sintática, Aikhenvald (2018, p. 15) menciona também que em geral nas línguas Arawak o sujeito do verbo intransitivo (S) estativo, ou seja, aquele verbo que se refere à estados (ser rico, ser pobre), qualidades (bom, ruim), e ações não controladas (chorar, lembrar, esquecer) é marcado do mesmo modo que o objeto do verbo transitivo (O). Como vimos acima, essa assunção não parece se aplicar inteiramente aos dados do Mehináku, uma vez que nessa língua a generalização não se aplica à toda a classe dos verbos intransitivos estativos, mas somente aos intransitivos estativos do Tipo 2, em que tanto o sujeito lexical quanto o pronominal são representados por pronomes plenos e aparecem após o verbo.

Outra questão envolvendo o alinhamento sintático sobre a qual gostaria de chamar atenção em Mehináku é a relação sintática que praticamente todos os sujeitos pronominais (com exceção, como vimos, apenas do sujeito do verbo intransitivo estativo do tipo 2) estabelecem com o objeto do verbo transitivo indireto. Resumidamente, o sujeito dos verbos intransitivos agentivos, não-agentivos e estativos do tipo, bem como o próprio sujeito do verbo transitivo, estabelecem uma relação de alinhamento com o objeto indireto do verbo transitivo. Nestes casos, tanto os sujeitos quanto o objeto são marcados pelos proclíticos pronominais de pessoa. A única diferença, nesses casos, é que os sujeitos aparecem antes do verbo, enquanto o Objeto aparece depois dele. Note, nos exemplos seguintes, que a série de proclíticos pronominais que funciona como sujeitos de verbos transitivos (68), intransitivos agentivos (69), não-agentivos (70) e estativos do tipo 1 (71), é a mesma que funciona, posposicionada, como objeto indireto do verbo transitivo (72)-(73):

(68) **pu**=nupa aitsu
 2SG=ver 1PL
 ‘você nos viu’

(69) **ni**=himaitsa=wa
 1SG=correr=PFV
 ‘eu estava correndo’

- (70) **n**=utu=ene
1SG=nascer=PONT
'eu nasci'
- (71) **ni**=mişa=pai
1SG=estar.amedrontado=IPFV
'eu estou com medo'
- (72) **nu**=waitʃa=pai **pi**=tsenu=wi=ku
1SG=jogar=IPFV 2PL=COM=PFV=DECL
'eu estou jogando com você'
- (73) tinesu k=a-jajaka **ni**=piri
mulher ATR=VBLZ-fala 1SG=BEN
'a mulher falou comigo'

Nessa seção, mostrei que o alinhamento sintático em Mehináku, embora siga padrões ativo-estativos, como ocorre em várias línguas Arawak, apresenta também diferenças no que se refere sobretudo à classe dos verbos intransitivos, para a qual foi necessário traçar uma cisão entre três subtipos, a fim de dar conta de explicar as relações de alinhamento na língua. Assim, embora concorde com as afirmações de Aikhenvald para o alinhamento sintático em línguas Arawak, é importante pontuar que o Mehináku apresenta outras estratégias morfossintáticas de alinhamento, que não apenas aquelas entendidas como prototípicas de línguas ativo-estativas.

Na subseção seguinte, irei tratar especificamente das relações sintáticas envolvendo a terceira pessoa gramatical em Mehináku, que como mostrarei não parece se enquadrar nos mesmos tipos de alinhamento sintático que propus para as demais pessoas.

9.3.1. Terceira pessoa

Eu mostrei na seção anterior que existe uma cisão entre os verbos intransitivos no que se refere ao alinhamento sintático em Mehináku: enquanto os sujeitos dos verbos intransitivo agentivo, não-agentivo e estativo do Tipo 1 se relacionam com o sujeito do verbo transitivo, o sujeito do verbo intransitivo do Tipo 2 se relaciona com o objeto do verbo transitivo. Esse tipo de alinhamento, entretanto, não funciona para a terceira pessoa em Mehináku, uma vez que não há uma cisão entre a classe dos verbos intransitivos quando este pronome figura como sujeito das construções.

Repare que, em todos os casos apresentados abaixo, os sujeitos de todos os verbos intransitivos não são marcados, exatamente da mesma forma que o sujeito do verbo transitivo. A cisão entre a classe dos verbos intransitivos, que funciona para as demais formas pronominais, se perde, portanto, com a forma pronominal de terceira pessoa. Em (74), apresento exemplos de uso da terceira pessoa com verbos transitivos; em (75), com intransitivos agentivos; em (76), com intransitivos não-agentivos; em (77), com estativos do tipo 1; e, em (78), com intransitivos estativos do tipo 2.

- (74) *şa ekuwa-ta=pai şepi pi=ju*
 DEM 3.mostrar-CAUS=IPFV banco 2SG=DAT
 ‘ele/a mostrou o banco dele/a para você’
- (75) *ija=la kamai i=u=wi=ku=hã*
 3.ir=FUT doente 3=DAT=REP=DECL=ENF
 ‘ele (pajé) foi até o doente’ (Kukühü)
- (76) *muti=waka=wi=ku=ma-ka eteme*
 escurecer=EXIST=REP=DECL=REPET-? 3.escutar
- kutsi=ku=hã Hãi, hãi, hãi, hãi!*
 EVID.IND=DECL=ENF Hãi, hãi, hãi, hãi!
 ‘escureceu e diz-se que ele escutou: Hãi, hãi, hãi, hãi!’ (Itxuna)
- (77) *jumuku=nau taputa=wa, majalene=pei=tika=wi=ku*
 criança=PL nadar=PFV 3.estar.cansado=IPFV=TRANS=REP=ENF
 ‘as crianças nadaram muito, agora elas estão cansadas’
- (78) **kulepe**
 ser.sujo
 ‘ele é sujo’

A questão fica ainda mais complexa, entretanto, devido ao fato da terceira pessoa em Mehináku poder ser não apenas não-marcada, mas também marcada pelo proclítico {i=} em construções com alguns verbos transitivos. Vejamos alguns exemplos:

- (79) *i=nuka=wa araukuma*
 3=matar=PFV galinha
 ‘ela/a matou a galinha’
- (80) *i=panata=pai kamai*
 3=cuidar=IPFV paciente
 ‘ele/a está cuidando do paciente’

- (81) **i**=nupa=pai pitsu
 3=ver=IPFV 2SG
 ‘ele/a está vendo você’

Não foi possível determinar, ainda, o porquê de somente alguns verbos transitivos requererem o proclítico {**i**=} como sujeito, mas o fato deste proclítico figurar como sujeito de verbos transitivos possibilita seu alinhamento junto com as demais formas pronominais que funcionam como sujeitos dos verbo intransitivos agentivos, não-agentivos e estativos do tipo 1, cujos sujeitos também são representados por proclíticos pronominais, como vimos na seção anterior.

Em síntese, o que acontece com a terceira pessoa em Mehináku é que, quando manifestada através de um sujeito não-marcado, alinha sintaticamente todos os sujeitos, tanto dos verbos transitivos quanto intransitivos, enquanto que quando é manifestada por meio do proclítico {**i**=}, alinha os sujeitos do verbo transitivo, intransitivo agentivo, não-agentivo e estativo do tipo 1, mas exclui o sujeito do verbo intransitivo estativo do tipo 2.

9.3.2. Alinhamento com outros elementos da gramática

Em termos de sua relação sintática com demais elementos da gramática da língua, o proclítico pronominal {**i**=} além de assinalar o sujeito de alguns verbos transitivos, é também o responsável por marcar o possuidor de nomes alienáveis e inalienáveis (82)-(83), respectivamente, e o sujeito de posições (84):

- (82) **i**=teme-le
 3=anta-POSS
 ‘anta dele’
- (83) **i**=hija
 3=leite.materno
 ‘o leite materno dela’
- (84) waitxa=pai pola **i**=tenu=wi=ku
 3.jogar=IPFV ball 3=COM=PFV=DECL
 ‘ele/a está jogando bola com eles’

9.4. Sentenças não-verbais

Estou considerando como sentenças não-verbais aquelas que estabelecem uma relação do tipo sujeito-predicado, em que o sujeito é um sintagma nominal seguido por outro sintagma não-verbal. Dryer (2007, p. 224) postula, dentre outros, três tipos distintos de predicados não-verbais: (i) predicados nominais; (ii) predicados locativos e (iii) predicados possessivos. Em Mehináku, esses três tipos de construção são formados apenas por justaposição, sendo o segundo sintagma o predicativo. Descrevo essas sentenças a seguir.

9.4.1. Predicados Nominais

Os predicados nominais podem ser divididos em Mehináku em dois tipos: (i) *proper inclusion*, que são aquelas construções em que uma dada entidade pertence à classe dos itens determinados pelo predicado, como em “isso é x”, em que “x” determina a classe em que “isto” está inserido; e (ii) equativas (ou equivalentes), que são aquelas construções em que uma entidade é idêntica à identidade que ocupa o predicado. Em ambos os casos, os sintagmas são formados apenas por justaposição do predicado e do item modificado por ele.

Exemplos de construções *proper inclusion* podem ser vistos a seguir. Neste tipo de construção, os demonstrativos tendem a ser os itens predicados e o sintagma que os precedem o item predicador. É interessante este tipo de construção porque há uma inversão da ordem prototípica dos demonstrativos, que na maioria dos casos precedem o nome ou sintagma nominal que acompanham. Além disso, a grande maioria dos exemplos de *proper inclusion* são realizados a partir da utilização não dos demonstrativos básicos da língua, mas de formas como *ne*, que acredito serem uma redução de *une* ‘pessoa’, que em geral funciona como uma espécie de pronome indefinido em Mehináku (ver §3.3). No contexto em que aparece, entretanto, funciona como demonstrativo:

- (85) imiehinaku i=naka **ne**
 mehináku 3=festa DEM
 ‘esta é a festa dos Mehináku’

- (86) putaka-nu i=jatama-la-neşu **ne**
 aldeia-? 3=cacique-POSS-FEM DEM
 ‘esta é a pajé mulher da aldeia’
- (87) nu=tai **ne**
 1SG=filho DEM
 ‘este é meu filho’
- (88) keme-ki-ja-lu **ne**
 casar-NMLZ-?-FEM DEM
 ‘esta é a (mulher) casada’

Exemplos de construções *proper inclusion* usando demonstrativos prototípicos podem ser vistos abaixo. Note que o item predicado pode vir acompanhado do morfema enfático =hã.

- (89) aunaki-tsupa **işi=hã**, aunaki-tsupa-lu **işi=hã**
 história-CLF.idade DEM=ENF história-CLF.idade-FEM DEM=ENF
 ‘este é o contador de história (e) está é a contadora de histórias’
- (90) pi=wi=hi **şa=hã**, pi=wi=ti **şa**
 2SG=neto=MASC DEM=ENF 2SG=neto=FEM DEM
 ‘este é teu neto (e) esta é tua neta’

É possível também que as construções com predicados nominais ocorram sem a presença de demonstrativos ou indefinidos. Neste caso, somente aparecem justapostas, como nos exemplos abaixo, e o elemento predicador pode receber marcas de aspecto, como em (92)-(93):

- (91) enişa kapi-jeke-hi
 homem luta-dono-MASC
 ‘o homem é lutador’
- (92) pijuluma kupati=pei kawukapa=pai
 piranha peixe=IPF ser.perigoso=IPFV
 ‘a piranha (é um) peixe perigoso’
- (93) amulu-neşu aripi-tsipa-lu=wi=ku
 cacica-FEM velha-CLF.idade-FEM=PFV=DECL
 ‘a cacica (é) idosa’

Nas construções equativas, também ocorre somente a justaposição dos itens, conforme mostro abaixo:

- (94) i=nupune=ku şepaku
 3=nome=DECL şepaku
 ‘o nome dela (é) Xepeku’ (Xepeku)
- (95) kukihi apapajei
 kukihi bichinho
 ‘kukühü (é um) bichinho’
- (96) i=ni-tsupa-lu i=me=ku=hã kene alua=hã
 3=filha-CLF.idade-FEM 3=marido=DECL=ENF DEM morcego=ENF
 ‘o marido da filha dele é morcego’ (Alua)
- (97) şa=nai i=naputa i=talune=ku
 DEM=LOC 3=encontrar 3=primo=DECL

 kene=ku=hã alue=ku=hã
 DEM=DECL=ENF morcego=DECL=ENF
 ‘lá, ele encontrou o primo dele que é morcego’

9.4.2. Predicados locativos

A indicação de localidade é realizada, em geral, por meio de posposição anexada ao nome ou ao pronome em Mehináku, como mostrei em §3.5. Em construções predicativas sem verbo, entretanto, a estratégia utilizada pela língua para marcar localidade é a simples justaposição do elemento predicado e daquele que funciona como predicador, como nos exemplos a seguir. Note que, neste tipo de construção, deve ocorrer a presença de uma posposição locativa, responsável por determinar a localização. Esta posposição pode receber ou não o imperfectivo =*pai*, que funciona como uma espécie de predicador da posposição locativa (98)-(99):

- (98) Campinas i=**nai=pai** natu
 Campinas 3=LOC=IPFV 1SG
 ‘eu estou em Campinas’
- (99) işi=**nai=pai** natu
 DEM=LOC=IPFV 1SG
 ‘eu estou aqui’

Exemplos de uso da posposição =*nai* indicando localidade, e não sendo seguida por =*pai*, podem ser vistos a seguir. Em ambos os casos, entretanto, os elementos estão

apenas justapostos. Nestes casos, a posposição vem anexada ao demonstrativo, que pode tanto preceder (100) quanto seguir (101) o elemento que modifica.

- (100) kupati=tai halapijuka=wi=ku=hã
 Peixe=DIM pulando=REP=DECL=ENF
- şa=nai kupati=tai şa=nai kupati=tai**
 DEM=LOC peixe=DIM DEM=LOC peixe=DIM
 ‘Os peixinhos ficaram pulando (na água). Aquele peixinho lá, aquele peixinho lá’ (Itxuna)
- (101) işi=nai ai=ku işi=nai=tsai=ku=hã
 DEM=LOC pimenta=DECL DEM=LOC=LOC=DECL=ENF
 ‘aqui está a sopa de pinta’

Outros exemplos de construções locativas não-verbais justapostas, utilizando diferentes posposições, podem ser vistos abaixo. Na maioria dos casos, essas posposições são seguidas por =pai:

- (102) itsa=**naku**=pai aitsu
 barco=dentro=IPFV 1PL
 ‘nós estamos no barco’
- (103) une-une ata i=**tepu**=wa=pai
 pessoa-REDP árvore 3SG=embaixo=PFV=IPFV
 ‘o homem está embaixo da árvore’
- (104) şepi i=**penu**=itsa=pai jamuku-hi
 banco 3=em.cima=LOC=IPFV criança-GEN
 ‘o menino está em cima do banco’
- (105) ata i=**palu**=itsa=pai une-une
 árvore 3=ao.lado=LOC=IPFV pessoa-REDP
 ‘o homem está ao lado da árvore’
- (106) jamuku-hi i=**pajuma**=itsa=pai ina i=u=itsa
 criança-GEN 3=fora=LOC=IPFV água 3=DAT=LOC
 ‘a criança está fora da água’
- (107) işi=pai aitsa=mija=kina=wa jakaku=**ja**=hã
 DEM=IPFV NEG=POT=IMP=PFV mato=LOC=ENF
 ‘hoje ninguém (iria) no mato (caçar)’

9.4.3. Predicados possessivos

As construções possessivas em Mehináku geralmente são construídas apenas pela justaposição do nome ou do proclítico pronominal, que figuram como possuidores, ao nome a ser possuído, conforme mostrei mais detalhadamente em §7.2, quando tratei da posse nominal. A noção expressa por essas construções, entretanto, é atributiva, e, não, predicativa. Retomo alguns outros exemplos abaixo:

(108) Paulo Waxamani i=niši-pa
 Paulo Waxamani 3PL=pai-PL.3
 ‘pai do Paulo e do Waxamani’

(109) n=uku-la
 1SG=flecha-POSS
 ‘minha flecha’

A maioria das construções do tipo predicativa também são construídas a partir de justaposição na língua, e há duas estratégias principais: a primeira, é a simples justaposição, sem qualquer marcação morfológica, enquanto a segunda é a utilização do morfema de atribuição =ka, que como o próprio nome sugere, atribui a propriedade de ter à construção. Exemplos de construções possessivas predicativas não-verbais do primeiro tipo são dados a seguir. Repare que, em todos os casos, ocorre o morfema =pai, o que atesta o caráter predicador desse formativo, já que na maioria das construções não-verbais ele é utilizado. Sua ocorrência é também bastante ampla, já que ocorre com quantificadores (110), posposições (111), numerais (112)-(113), entre outros.

(110) aitsa amunuja=pai papa in=itsu-pa-lu=nau
 NEG muito=PFV pai 3SG=filha-EST-FEM=PL
 ‘meu pai não tem muitas filhas’

(111) amunau i=u=pai ahantai ata-pana
 cacique 3=DAT=IPFV pequeno árvore-CLF.foliforme
 ‘o cacique tem pouco dinheiro’

(112) mipijama=pai ui i=kanati
 dois=IPFV cobra 3=cabeça
 ‘a cobra tem duas bocas’ (Ui)

(113) mipijama=waka=pai papa i=tai, kamajukula in=itsu-pa-lu
 dois=EXIST=IPFV pai 3=filho três 3=filha-EST-FEM
 ‘meu pai tem quatro filhos e três filhas’

Em construções possessivas não-verbais interrogativas, também ocorre apenas a justaposição, conforme abaixo:

- (114) atsa-tsa=kala=pai p=itsu-pa-lu=nau
 INT-REST=DUB=IPFV 2SG=filho-EST-FEM=PL
 ‘Quantas filhas você tem?’

As construções possessivas predicativas formadas a partir da anexação do atributivo *ka=* (ou *k=*, antes de temas iniciados por vogal), por seu turno, podem tanto ser realizadas a partir da simples anexação deste morfema ao nome ou ao verbo, como também feitas por meio de um conjunto de atributivo mais morfema existencial. Nestes casos, o atributivo passa a assinalar, em oposição ao privativo *=ma*, que *x* possui *y*. Nos exemplos seguintes, mostro exemplos com verbos (115) e com nomes (116)-(120):

- (115) pi=tseneşu-la=nau k=ija ekeme-ju-ta=pai natu=kani
 2SG=mulher-POSS=PL ATR=ir ter.nojo-?-CAUS=IPFV 1SG=COM
 ‘Mulherada da sua aldeia tem nojo de mim’ (Alapü)

- (116) nu=**ka**=nu=pai
 1sg=ATR=esposa=IPFV
 ‘eu tenho esposa’

- (117) nu=**ka**=tai=tai=pei
 1SG=ATR=filho=DIM=IPFV
 ‘eu tenho um filhinho’

- (118) eté tsitsa-ta=mija=wa nu=**k**=iju=wa
 INTERJ semelhante-CAUS=POT=PFV 1SG=ATR=esposa=PFV

kata=wa=hã p=uma=pai i=piri=ku
 DEM=PFV=ENF 2SG=dizer=IPFV 3=BEN=DECL

une natu=wi=ku=hã itfuna natu=wi=ku=hã
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF timbó 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘Nossa, eu queria ter uma esposa igualzinha (bonita como o timbó),
 Você disse.
 Sou aquela,
 eu sou o timbó, (disse o timbó transformado em mulher a ele)’ (Itxuna)

- (119) aitsa k=ulege=pei nu=pina=naku=pai
 NEG ATR=comida=IPFV 1SG=casa=dentro=IPFV
 ‘não tem comida em casa’

- (120) *şa jamuku-hi aitsa ka=nupina=pai=hã*
 DEM criança-MASC NEG ATR=nome=IPFV=ENF
 ‘aquele menino não tem nome’ (CORBERA MORI, 2019, p. 1302)

Conforme mencionei anteriormente, também é possível construir uma sentença atributiva a partir do uso do existencial =*waka* após o atributivo. Nestes casos, o atributivo parece sofrer reduplicação, contudo, como mostro abaixo:

- (121) *ui ka=ka=waka=pai tewe*
 cobra ATR=ter=EXIST=IPFV dente
 ‘a cobra tem dente’
- (122) *pipiulu-kuma pai ka=ka=waka=pai mapa*
 abelha-PROT casa ATR=ter=EXIST=IPFV mel
 ‘a caixa (casa) de abelha tem mel’

Finalmente, há ainda em Mehináku alguns tipos de construção possessiva predicativa que, diferentemente das demais apresentadas anteriormente, poderiam ser consideradas verbais, porque parecem ser construídas a partir do uso de uma forma verbal cujo valor equivale a ‘ter’. Esta forma é *kuma*, que em todos os dados que disponho, vem acompanhada do predicador =*pai* e em início de sentenças. Note, em (125), que *kuma* pode ainda receber o formativo impessoal *kina*, que parece atestar seu tratamento verbal, já que em geral são os verbos que recebem o formativo de impessoal e o imperfectivo =*pai* ao mesmo tempo. Como, entretanto, não encontrei exemplos de uso de *kuma* em histórias e relatos, somente em dados elicitados, apresento-o aqui juntamente com as construções possessivas não-verbais. Mais dados são necessários para confirmar seu uso como uma possível construção possessiva, de fato, verbal.

- (123) *kuma=pai mei=tsipie pai=naku=hã*
 ter=IPFV formiga(esp.)=PL casa=dentro=ENF
 ‘em casa está cheio de formiga’

- (124) nu=nuka amunuja apapai=nei mina=hã,
1SG=matar muito bichos=PL DUB=ENF

kuma=pai i=nihiti=ku=hã
ter=IPFV 3=carne=DECL=ENF

teme i=nihiti, araukuma i=nihiti=ma
anta 3=carne galinha 3=carne=REPET
'eu matei vários bichos (e agora) tem várias carnes deles. Carne de anta,
carne de frango' (A/C)

- (125) **kuma=kina=pai** nakai i=kahi=ku=hã
ter=IMP=IPFV festa 3=COM=DECL=ENF
'tem muita gente na festa'

- (126) awajulu-kuma=nau mişa=pai-pa,
raposa=NPROT=PL ter.medo=IPFV=PL.3

kuma=pai awajulu putaka=naku=hã
ter=IPFV raposa aldeia=dentro=ENF
'os cachorros estão com medo porque tem várias raposas aqui na aldeia'

9.5. Sentenças interrogativas

As sentenças interrogativas são aquelas cujo intuito é obter, do interlocutor, alguma informação como resposta. Em geral, podem ser divididas em dois tipos: perguntas polares e perguntas de informação. Trato de cada um desses tipos a seguir.

9.5.1. Interrogativas polares

As perguntas polares, segundo Sadock e Zwicky (1985), permitem a obtenção de um comentário sobre o grau de verdade da proposição indagada. Em Mehináku, essas perguntas obtêm como resposta positiva uma das interjeições responsivas (ver §6.3.2), e, como resposta negativa, a partícula de negação *aitsa*, que pode vir combinada com morfemas aspectuais e modais, a depender de como se nega a proposição. Além disso, não há na língua nenhum recurso morfossintático, a exemplo de partículas ou morfemas, utilizado como introdutor de perguntas, sendo a entonação ascendente a única estratégia empregada nestes casos.

Abaixo, mostro exemplos de sentenças polares positivas, cujas respostas são dadas por meio de *hehẽ* (127), *ehé* (128) e *ahã* (129):

- (127) ahã pi=hipialu=pai?
INTERJ, 2SG=estar.faminto=IPFV

hehẽ ni=hipialu=pai=hã
INTERJ, 1SG=estar.faminto=IPFV

natu kuta n=aitʃa=pai=hã kupati=hã
1SG VOL 1SG=comer=IPFV=ENF peixe=ENF
'Então, você está com fome?
Sim, eu estou faminta.
Eu quero comer peixe' (Itxuna)

- (128) a=iji=ku pai=jaku=wi=ku, a=iji=ku?
1PL=ir=DECL casa=dentro=REP=DECL 1PL=ir=DECL

Ehé
Sim

ije=ne pai=jaku=wi=ku
3.ir=DIR casa=dentro=REP=DECL
'Vamos entrar em casa, vamos?
Sim!
Entraram em casa' (Alapü)

- (129) nu=putaka=ja a=ija=la?
1SG=aldeia=LOC 1PL=ir=FUT

Ahã, a=iji!
Sim, 1PL=ir

ija=wa
3.ir=PFV
'Vamos na minha aldeia?
Sim, vamos!
(e) foram' (Alapü)

As interrogativas polares negativas, como mencionei, obtêm como respostas a partícula de negação *aitsa*, combinada com morfemas aspectuais e modais que determinam a maneira em que o evento é negado (ver §9.7). A seguir, apresento exemplos com a partícula *aitsa* sendo seguida pelo morfema perfectivo =*wa*:

(130) $\text{\textcircled{S}}\text{a}=\text{nai}$ $\text{p}=\text{ija}$ $\text{p}=\text{akene}=\text{he}?$
 DEM=LOC 2SG=ir 2SG=defecar=ENF

aitsa=wa! Numa $\text{i}=\text{piri}=\text{ku}$
 NEG=PFV disse 3=BEN=DECL
 ‘Você vai ir defecar lá?
 Não posso! Disse para ela’ (Alapü)

(131) $\text{\textcircled{S}}\text{a}=\text{nai}$ $\text{p}=\text{ija}$ $\text{p}=\text{ejuke}=\text{ku}=\text{hã}?$
 DEM=LOC 2SG=ir 2SG=urinar=ENF

$\text{\textcircled{S}}\text{a}=\text{nai}$ $\text{p}=\text{ija}$ $\text{p}=\text{ejuke}=\text{ku}=\text{hã}?$
 DEM=LOC 2SG=ir 2SG=urinar=ENF

$\text{\textcircled{S}}\text{a}=\text{nai}$ $\text{p}=\text{ija}$ $\text{p}=\text{ejuke}=\text{ku}=\text{hã}?$
 DEM=LOC 2SG=ir 2SG=urinar=ENF

aitsa=wa! Numa $\text{i}=\text{piri}=\text{ku}$
 NEG=PFV disse 3=BEN=DECL

aitsa=wa!
 NEG=PFV
 ‘Você vai ir urinar lá?
 Você vai ir urinar lá?
 Você vai ir urinar lá?
 Não posso! Disse para ela’
 Não posso!’ (Alapü)

9.5.2. Interrogativas de informação

Segundo Givón (2001, p. 300), as perguntas de informação são aquelas em que o falante pressupõe que ele e o ouvinte compartilham de determinado conhecimento, embora o falante ainda desconheça alguns elementos do evento ou estado em questão. Em Mehináku, essas informações são introduzidas por meio de partículas e proformas interrogativas (algumas das quais, como mostro em §3.4, trato como pronomes interrogativos), que em geral tendem a ocorrer no início da sentença. Essas formas interrogativas introduzem perguntas que exigem respostas mais elaboradas ou completas, em termos informacionais, do que as perguntas polares, cuja indagação pode ser, sem prejuízo ao entendimento, respondida com ‘sim’ ou ‘não’. Obviamente, entretanto, que apesar de serem introduzidas por partículas/proformas, há também nessas perguntas entonação ascendente. As duas formas interrogativas que encontrei em Mehináku são

atsa e *tí*, que se combinam com morfemas da língua para expressar diferentes noções interrogativas.

9.5.2.1. **Partícula *atsa***

A forma mais comum de introduzir perguntas de informação em Mehináku é por meio de *atsa*. Diferentemente de outras línguas Arawak, que apresentam uma variedade de formas distintas para expressar noções como ‘qual’, ‘quem’, ‘que’, ‘como’ e outros, em Mehináku *atsa* parece ser a única forma utilizada, e estas diferentes noções são expressas a partir de sua combinação com outras formas gramaticais. Trato *atsa* como um pronome interrogativo (como mostro em §3.4), porque, em geral, essa forma substitui nomes.

A seguir, apresento exemplos de *atsa* funcionando no sentido de ‘qual’. Note que, nestes casos, não há marcação de plural nesta forma, sendo o plural marcado por meio da morfologia nominal (133). Além disso, não parece haver distinção entre seres animados e inanimados ou humanos e não-humanos em relação ao uso de *atsa*, porque esta forma tende a referir-se a todas essas entidades, conforme se vê abaixo:

- (132) **atsa** numa=pai pi=jupuna
 INT dizer=IPFV 2SG=nome
 ‘Qual é o seu nome?’ (A/C)
- (133) **atsa** pi=tsai=pai tineşu=nau=pei
 INT 2SG=filho=IPFV mulher=PL=IPFV
 ‘Quais (crianças) são suas filhas?’ (A/C)
- (134) **atsa** nai=pai p=ija=la=naku
 INT roupa=IPFV 2SG=ir=FUT=dentro
 ‘Qual roupa você vai usar?’

Exemplos de uso de *atsa* funcionando como pronome interrogativo com sentido de ‘quem’ podem ser vistos abaixo. Embora nos exemplos *atsa* esteja sendo usado em referência a seres humanos, seu uso não se resume a esta categoria, como mostrei acima,

- (135) **atsa** pitsu=pei? Ehé! Kani k=ija natu=wi=ku!
 INT 2SG=IPFV INTERJ! DEM ATR=ir 1SG=REP=DECL
 ‘Quem é você? Sim! Sou aquela!’ (Alapü)

- (136) **atsa** tawana=pai iși pai=naku
 INT morar=IPFV DEM casa=dentro
 ‘Quem mora nesta casa?’
- (137) **atsa** pitsu=pei?
 INT 2SG=IPFV
- Kani natu=wi=ku! kani natu=wi=ku!
 DEM 1SG=REP=DECL DEM 1SG=REP=DECL
- tsitsa-ta n=iju kata=wa=hã?
 POT-CAUS 1SG=esposa DEM=PFV=ENF
 ‘quem é você (perguntou o homem)?
 Sou aquela! Sou aquela! (respondeu o buriti que havia se transformado em
 mulher).
 Está querendo ser minha esposa? (respondeu o homem)’ (Xepeku)

Atsa também pode ser usado no sentido de ‘que/o que’, como nos exemplos seguintes. Note, entretanto, que na segunda sentença do exemplo em (142), passa a determinar o modo como a ação será realizada, funcionando como o pronome ‘como’.

- (138) **atsa** jamuku-hi=pei iși=hã
 INT criança-GEN=IPFV DEM=ENF
 ‘Que menino é esse?’
- (139) mutu=waka=wi=ku, eteme kene=ku
 escuro=EXIST=REP=DECL 3.escutar DEM=DECL
- kupușati=tipe=ku k=a=jajaka=wi=ku
 pássaro=PL=DECL ATR=VBLZ=falar=REP=DECL
- atsa** numa=pai=ku=hã tsala
 INT dizer=IPFV=DECL=ENF ?
 ‘escureceu, ele escutou aqueles pássaros falando
 O que estão dizendo? (indagou ele)’ (Alua)
- (140) Pá! kutsa eteme unu k=a=jajaka=wa
 INTERJ EVID.IND 3.escutar socó ATR=VBLZ=falar=PFV
- atsa** numa=pai=ku=hã tsala
 INT dizer=IPFV=DECL=ENF ?
 ‘Nossa, diz que ele escutou o socó (*tigrisoma lineatum*) falar
 O que está dizendo? (indagou ele)’ (Alua)

- (141) **atsa** p=umata mami=kuwa, şamalu?
INT 2SG=fazer mãe.POSS=ANTICAUS otário

ati=numa pu=nuka?
Pro=por.que 2SG=matar
'o que você fez com a mãe, otário?
Por que você (a) matou? (Alua)

- (142) **atsa** ji=mitsa n=utuluma-la?
INT 2PL=fazer 1SG=rede-POSS

atsa i=naku=wa=la natu
INT 3=dentro=PFV=FUT 1SG
'O quê vocês fizeram com minha rede?
Como vou me deitar?' (Xepeku)

Em sentenças sem verbo, é possível que aitsa venha acompanhado do morfema de imperfectivo =pai:

- (143) **atsa-ta=pai** n=iju? numa=pai=ku
INT-?=IPFV 1SG=esposa dizer=IPFV=DECL

kupati=tai halapijuka=wi=ku=hã
peixes=DIM debater=REP=DECL=ENF

şa=nai kupati=tai, şa=nai kupati=tai
DEM=LOC peixe=DIM DEM=LOC peixe=DIM
'o que é isso, minha esposa? Disse.
Peixinhos se debatendo (por causa do timbó)
Lá, os peixinhos, lá, os peixinhos' (Itxuna)

- (144) mutu=waka=wi=ku maka eteme kutsu=ku=hã
escuro=EXIST=REP=DECL de.lá 3.escutar EVID.IND=DECL=ENF

Hã, hã, hã, hã,
Hã, hã, hã, hã

Ahã, **atsa=pei** pitsu=pei?
INTERJ INT=IPFV 2SG=IPFV

kani=kija natu=wi=ku
DEM=? 1SG=REP=DECL
'escureceu, e diz que ele escutou:
Hã, hã, hã, hã
Quem é você? (ele perguntou)
Sou aquela!' (Itxuna)

Quando se deseja saber o modo como uma determinada ação foi realizada ou a quantidade de algo, *atsa* é geralmente combinado com os morfemas potencial *-tsi* e restritivo *-tsa*, que nos exemplos que disponho podem tanto aparecerem juntos (145)-(146) quanto separadamente (147)-(149). Note que *-tsa* parece restringir o escopo da interrogação, na medida em que especifica o tipo de informação que se deseja obter:

- (145) **atsa-tsi-tsa** p=itsa wawanaha=wi=ku
 INT-POT-REST 2SG=filho parir=REP=DECL
 ‘Como foi que você pariu seu filho?’
- (146) **atsa-tsi-tsa** pitsu=pei
 INT-POT-REST 2SG=IPFV
 ‘como você é?’
- (147) **atsa-tsa** kala pu=nuka kupati=ku
 INT-REST DUB 2SG=matar peixe=DECL
 ‘Quanto peixes você pescou?’
- (148) **atsa-tsa** kala=pai şepi i=pete
 INT-REST DUB=IPFV banco 3=?
 ‘Quanto custa o banco?’
- (149) **atsa-tsa** kala=pai p=itsu-pa-lu=nau
 INT-REST DUB=IPFV 2SG=filho-EST-FEM=PL
 ‘Quantas filhas você tem?’

9.5.2.2. Proforma *tî*

A proforma *tî*, diferentemente da partícula *atsa* apresentada anteriormente, não funciona como pronome, apenas como um introdutor de perguntas do tipo: por que? Onde? O tipo de noção interrogativa que irá exprimir vai depender do tipo de formativo gramatical que irá tomar. Além disso, *tî* apresenta o alomorfe *atî*. Essa proforma geralmente ocorre no início das sentenças.

Nos exemplos seguintes, mostro exemplos de *tî* combinado com *numa*. A hipótese inicial é que *numa* seja o quotativo ‘dizer’, mas nos casos em que aparece anexado à proforma deve ser traduzido como ‘por que’, conforme abaixo:

- (150) **ti-numa?** Eté tsitsata=mija=wa n=iju=wa
 PRO-por.que INTERJ igual=POT=PFV 1SG=esposa=PFV
 kata=wa=hã p=uma=pai i=piri=ku
 DEM=PFV=ENF 2SG=dizer=IPFV 3=BEN=DECL
 une natu=wi=ku=hã itfuna natu=wi=ku=hã
 pessoa 1SG=REP=DECL=ENF timbó 1SG=REP=DECL=ENF
 ‘Por quê? Nossa, queria minha esposa igualzinha (disse o timbó citando a
 fala do homem).
 Sou aquela que você falou.
 Aquela, eu sou o timbó (disse o timbó)’ (Itxuna).
- (151) **ti-numa** p=ije-ne?
 PRO-por.que 2SG=ir-DIR
 ‘por que você foi embora?’
- (152) **ti-numa** jamuku-hi elele=pei?
 PRO-por.que criança-GEN chorar=IPFV
 ‘por que o menino está chorando?’
- (153) **ti-numa** tineşu=tai kau=tai=pai?
 PRO-por.que mulher=DIM doer=DIM=IPFV
 ‘por que a menina está doente?’
- (154) **ti-numa-tsa=ma=la** p=uma=pai?
 PRO-por.que-REST=REPET=FUT 2SG=aceitar=IPFV
 numa nu=piri=ku=hã
 dizer 1SG=BEN=DECL=ENF
 ‘por que você não quer aceitar (ele)?
 disse ele para mim’ (Kanupai)
- (155) **ati-numa** işi-(u)ne. aitşa=pai **mipiama** ui i=tiwi
 PRO-por.que DEM-pessoa comer=IPFV dois cobra 3=cabeça
 ‘por que a mulher está transando com a cobra de duas cabeças? (Ui)

Quando se deseja saber ou perguntar sobre o lugar em que determinada ação ocorreu, a proforma *ti* se combina com o locativo =*nai*, passando a exprimir a noção de ‘onde’, conforme os exemplos seguintes. Note, em (158)-(159), que em sentenças não verbais locativas, =*pai* funciona como um predicativizador:

- (156) **ti=nai** pi=hu-maka=pai
 PRO=LOC 2SG=VBLZ-rede=IPFV
 ‘Onde você dorme?’

- (157) *ti=nai* *alapi=taku=we* *kene ija=wi=ku=hã*
 PRO=LOC aguapé.pessoal foram
 Onde o pessoal foi tirar aguapé
- (158) *Ehé!* ***ati=nai=pai*** *nu=tuluma=li=ku?*
 INTERJ PRO=LOC=IPFV 1SG=rede=CONT=DECL
 ‘Ué, onde está minha rede?’ (Xepeku)
- (159) *Hé* *numa i=piri=ku!*
 INTERJ dizer 3=BEN=DECL
- ti=nai=pai*** *kani=ku* *p=iju=wi=ku?*
 PRO=LOC=IPFV DEM=DECL 2SG=esposa=REP=DECL
- ti=nai=pai*** *kani=ku* *p=iju=wi=ku?*
 PRO=LOC=IPFV DEM=DECL 2SG=esposa=REP=DECL
 ‘Ué, ela (a mãe dele) disse para ele:
 Onde está sua esposa?
 Onde está sua esposa?’ (Alapü)

9.6. Sentenças imperativas

Denominam-se sentenças imperativas aquelas responsáveis por exprimir ordens, pedidos ou conselhos. De acordo com Köning and Siemund (2007), uma característica bastante comum desse tipo de sentença é que a marcação morfológica para o imperativo é menos extensa em comparação com outros modos, como o indicativo e o subjuntivo. Além disso, a formação do imperativo pode ser diferente a depender da polaridade da frase, se positiva ou negativa. Muitas línguas usam uma estratégia em frases positivas, mas recorrem a uma estratégia totalmente diferente em sentenças negativas.

Em Mehináku, tanto sentenças imperativas positivas quanto imperativas negativas comportam-se da mesma forma em relação à caracterização morfológica do verbo, e de fato a marcação morfológica para o imperativo é menos extensa que nos demais modos na língua, uma vez que em ambos os casos (imperativo positivo ou negativo), o verbo não recebe marcação morfológica, seja de tempo ou aspecto, e a ordem dos constituintes não se altera.

Abaixo, mostro exemplos de construções imperativas positivas. Como a ordem é destinada a alguém, esse referente é sempre marcado pelo proclítico de segunda pessoa. Em sentenças imperativas, é comum também o uso do morfema de declarativo após o verbo, assinalando que o *status* de afirmação categórica (163)-(164). A entonação nesses

tipos de sentença é descendente, já que se inicia em geral no verbo que denota a ação imperativa, que tende a ocorrer no início da sentença, e vai decaindo até o final da sentença:

- (160) p=aitʃa ule-pe, nu=tai!
 2SG=comer mandioca-CLF.pastoso 1SG=filho
 ‘coma o beiju, meu filho!’
- (161) p=etuna kuweleke!
 2SG=andar rápido
 ‘ande rápido!’
- (162) p=eteme amunau jajaka!
 2SG=escutar cacique fala
 ‘Escute a fala do cacique!’
- (163) a=iji=ku?
 1PL=ir=DECL
- p=ija=ku pu=nukate=ne natu=wi=ku!
 2SG=IR=DECL 2SG=embora=DIR 1SG=REP=DECL
 ‘vamos?
 me leve embora!’ (Xepeku)
- (164) pu=tuka=ku!
 2SG=pegar=DECL
- numa i=piri=ku i=me=ku ku=hã
 dizer 3=BEN=DECL 3=marido=DECL DECL=ENF
 ‘pega (o sapo)!
 Disse para ela o marido’ (Katutukalu)

Em construções imperativas negativas, também não parece haver marcação morfológica de tempo e aspecto no verbo. Nos dados que disponho, a sentença imperativa negativa foi sempre construída utilizando-se o proibitivo *amija*, que precede o verbo, ocorrendo no início da sentença, conforme abaixo:

- (165) **amija** p=aitʃa ule-pe
 PROIB 2SG=comer mandioca-CLF.pastoso
 ‘não coma o beiju!’
- (166) **amija** p=etuna kuweleke!
 PROIB 2SG=andar rápido
 ‘não ande rápido!’

- (167) **amija** p=eteme amunau jajaka!
 PROIB 2SG=escutar cacique fala
 ‘não escute a fala do cacique!’
- (168) ti-numa kata mija pi=mie aitsa akapa=pai=ku?
 PRO=por.que DEM POT 2SG=marido NEG banhar=IPFV=DECL
- amija**=ja pi=kirapa i=kahi
 PROIB=ASS 2SG=mexer 3=COM
 ‘por que este seu marido não toma banho? (perguntou a amiga da esposa)
 Não mexa com ele! (respondeu a esposa)’ (Wayuku)

Note que a única diferença entre as sentenças imperativas positivas e as imperativas negativas é a presença, no segundo caso, do proibitivo *amija*, que precede o verbo e indica que a oração expressa uma ordem restritiva, ou, em outras palavras, ordena que o acontecimento expresso pelo verbo não se realize.

9.7. Negação

A partir da observação de um conjunto de 240 línguas, Dahl (1979) propôs que a negação pode ser expressa de suas formas: (i) sintaticamente e (ii) morfologicamente. Do ponto de vista sintático, a negação tende a ser marcada por meio de partículas ou auxiliares que acompanham o verbo, enquanto que, do ponto de vista morfológico, os recursos são mais variados, podendo a negação ser expressa, com algumas poucas exceções, por meio de prefixos, sufixos, infixos, modificação da base verbal, reduplicação, modificação prosódica, e, mais comumente, também por um afixo prototipicamente negativo e preso que se anexa ao verbo.

Em Mehináku, é possível encontrar essas duas formas de negação. Sintaticamente, a negação é marcada por meio da partícula *aitsa*, que tende a ocupar a posição pré-verbal e pode receber uma série de formativos de tempo, aspecto e modo, que semanticamente especificam o status da negação. Morfologicamente, por sua vez, a negação é expressa por meio do prefixo privativo *ma=*, que é bastante estável entre as línguas Arawak atuais e cuja forma remonta ao Proto-Arawak (PAYNE, 1991). Nas subseções seguintes, irei apresentar a negação padrão em Mehináku; a negação existencial; a negação indefinida, a negação de predicados não-verbais possessivos e, ainda, a estrutura morfológica da negação, em termos dos formativos que se anexam à partícula *aitsa* para expressar diferentes possibilidades de negação. Ao final, também apresento exemplos de ocorrência

da partícula privativa =*ma*, que caracteriza a negação morfológica, e da partícula proibitiva *amija*.

9.7.1. Negação padrão

A negação padrão é aquela que ocorre na sentença declarativa. Em Mehináku, é realizada por meio da partícula *aitsa*, como mencionei anteriormente. Essa partícula tende a ocupar a posição pré-verbal, como nos exemplos abaixo, em que apresento sentenças positivas com suas respectivas contrapartes negativas:

(169) pa=hapiku=wa

2SG=molhar=PFV

‘você molhou’

(170) akapa=wi=ku, **aitsa** hapiku=wi=ku=hã

3.banhar=REP=DECL NEG 3.molhar=REP=DECL=ENF

aitsa hapi=kuwa=wi=ku=hã

NEG 3.molhar=ANTICAUS=REP=DECL=ENF

‘tomaram banho, (mas) ele não molhou (o cabelo)

‘Não molhou (o cabelo)’ (Wayuku)

(171) awişi=pai

k=a-jajaka=pai

3.ser.bom=IPFV

ATR=VBLZ-fala=IPFV

‘ele fala bem’

(172) p=inu-kija

u=nuka

natu

kani=ku

2SG=mãe-?

3=matar/brigar

1SG

COM=DECL

aitsa

awişi-ki

u=nuka

nu=kahi

NEG

3.ser.bom-NMLZ

3=brigar

1SG=COM

‘sua mãe brigou comigo

‘ela falou grosseiramente comigo (lit.: ela não falou bem comigo)’

(Xepeku)

(173) u=nuka

janumaka

3=matar

janumaka

‘ele matou a onça’

(174) **aitsa** u=nuka junumaka

NEG 3=matar

onça

‘ele não matou a onça’

- (175) nu=me akapa=wi=ku
 1SG=marido banhar=REP=DECL
 ‘meu marido tomou banho’
- (176) ti-numa kata mija pi=mie **aitsa** akapa=pai=ku?
 PRO=por.que DEM POT 2SG=marido NEG 3.banhar=IPFV=DECL
 ‘por que este seu marido não toma banho?’ (Wayuku)

Quando o sujeito da construção é lexical, a partícula *aitsa* também precede o verbo. A diferença, neste caso, é que como o sujeito não está preso ao verbo, como os proclíticos pronominais, a partícula se posiciona entre o sujeito e o verbo, como no par de exemplos seguintes:

- (177) Márcia aitfa=pai ule-pe
 Márcia come=IPFV mandioca-CLF.pastoso
 ‘Márcia está comendo beiju’
- (178) Márcia **aitsa** aitfa=pai ule-pe işi=pai
 Márcia NEG comer=IPFV mandioca-CLF.pastos DEM=IPFV
 ‘Márcia não está comendo beiju agora’

Não parece haver, também, diferença entre os tipos de verbo da língua, com respeito a posição da partícula de negação. Tanto as sentenças com verbos transitivos (174), quanto intransitivos agentivos (176), não-agentivos, estativos do tipo 1 e estativos do tipo 2, parecem, preferencialmente, posicionar a partícula negativa antes do verbo. A seguir, apresento exemplos positivos e negativos de sentenças com verbos não-agentivos (179)-(180), estativos do tipo 1 (181)-(182) e estativos do tipo 2 (183)-(184), a fim de que se observe essa questão:

- (179) ija=wa-pa ulei-tfe=ku kutipa=wa-pa
 3.ir=PFV-PL.3 mandioca-CLF.largo=DECL 3.acordar=PFV-PL.3
 i=piri=ku
 3=BEN=DECL
 ‘Eles acordarem e foram para roça’ (Katutukalu)
- (180) **aitsa** nu=kutipa=wa işi=pai
 NEG 1SG=acordar=PFV DEM=IPFV
 ‘eu não acordei agora’

- (181) ahã pi=hipijalu=pai? hehe ni=hipijalu=pai=hã
 INTERJ 2SG=estar.faminto=IPFV INTERJ, 1SG=estar.faminto=IPFV=ENF
 natu kuta n=aitʃa=pai=hã kupati=hã
 1SG DESID 1SG=comer=IPFV=ENF peixe=ENF
 ‘Então, você está com fome? Sim, eu estou faminta. Eu quero comer
 peixe’ (Itxuna)
- (182) n=aitʃa kupati iʃi=pai, jukaki aitsa ni=hipijalu=pai
 1SG=comer peixe DEM=IPFV por.isso NEG 1SG=estar.faminto=IPFV
 ‘eu comi peixe agora, por isso não estou com fome’
- (183) kulata=pai kami
 ser.quente=IPFV sol
 ‘o sol está quente’
- (184) aitsa kulata=pai kami
 NEG ser.quente=IPFV sol
 ‘o sol não está quente’

O fato de a posição pré-verbal ser preferencial no que se refere à marcação de negação por meio da partícula *aitsa*, não significa, contudo, que essa seja a única posição ocupada por esta partícula nas sentenças negativas. Embora, como mostram os exemplos acima, a posição pré-verbal seja a mais comum em termos de ocorrência da partícula de negação, esta não é uma regra que se aplica categoricamente a todas as sentenças em Mehináku, porque como mostram os exemplos abaixo, é possível que ela ocorra também antes do nome e depois do verbo (185) e antes de pronomes (186):

- (185) i=naitsa aitʃe-ni aitsa ukalu k=ijata
 3=depois 3.comer=3SG.O NEG tatu atr=pênis.ereto
 ‘depois, ele tentou transar com ela (mas) o tatu não ficou com o pênis ereto
 [brochou] (lit.: o tatu não teve pênis ereto)’ (Ukalu)
- (186) aitsa natu kuta tuwa=wa nu=kanu=wi=ku=hã
 NEG 1SG DESID chegar=PFV 1SG=perto=REP=DECL=ENF
 ‘não queria que ele chegasse perto de mim’ (Kanupai)

Em sentenças não verbais ou existenciais, *aitsa* tem um comportamento ainda mais amplo, já que pode ocorrer também antes de nomes (187), demonstrativos (187), quantificadores (188)-(189), e, inclusive, em final de sentenças (187). Note, em (187), que há dupla-marcação negativa, já que a partícula aparece no início e no final da

sentença, recebendo o mesmo formativo gramatical, o que indica que se trata ainda da mesma proposição sendo negada, já que, na proposição seguinte, o formativo é alterado:

- (187) **aitsa**=mija ulei waka=wi=ku **aitsa**=mije=ku=hã,
 NEG=POT mandioca EXIST=REP=DECL NEG=POT=REP=DECL

aitsa=tika işi ulei=ku
 NEG=TRANS DEM mandioca=DECL
 ‘não existiria mandioca.
 Nem esta roça (ainda existiria)’ (Kukühü)

- (188) **aitsa** amunuja=pai enişa=nau nakai i=kahi=hã
 NEG muitos=IPFV homem=PL festa 3=COM=ENF
 ‘não há muitos homens na festa (juntos na festa)’

- (189) **aitsa** amunuja=pai papa in=itsu-pa-lu=nau
 NEG muito=IPFV pai 3=filha-EST-FEM=PL
 ‘meu pai não tem muitas filhas’

Dryer (1998), a partir da análise de 345 línguas, estabeleceu uma correlação entre a posição do marcador de negação na sentença e os vários tipos de ordem dos constituintes, ou, mais especificamente, uma correlação entre a posição da marca de negação em relação ao verbo. Segundo ele, as línguas podem registrar quatro possíveis subtipos de posicionamento da negação. Aqui, detenho-me àqueles atestados para as línguas SVO e SOV:

- (190) Línguas SVO: a) **negSVO**; b) **SnegVO**; c) **SVnegO**; d) **SVOneg**
 (191) Línguas SOV: a) **negSOV**; b) **SnegOV**; c) **SONegV**; d) **SOVneg**

As correlações acima possibilitam perceber que a proposta de Dryer se aplica aos dados do Mehináku já que, sendo esta uma língua predominantemente SVO, a marcação de negação é expressa de duas formas: como em (190a), para o caso das construções cujo verbo recebe como sujeito um dos proclíticos pronominais, e, como em (190b), para as construções negativas com sujeito lexical (178), em que a partícula negativa se posiciona entre S e V. Além disso, a ordem negSV, como em (190a), também é atestada para construções como em (186), em que o marcador de negação se posiciona antes do sujeito.

9.7.2. Negação indefinida

Estou chamando de negação indefinida aquelas construções em cuja partícula *aitsa*, mesmo não combinada com nenhum formativo, passa a desempenhar a função de pronome indefinido. Nestes casos, a partícula *aitsa*, como na negação padrão, pode tanto preceder o verbo, que em geral irá portar o morfema de impessoal =*kina*, que assinala a indefinição do referente, quanto o nome, que neste caso será a forma *une* ‘pessoa’, que pode ser usada em Mehináku como pronome indefinido (ver §3.3). Abaixo, apresento primeiramente exemplos em que *aitsa* precede o verbo:

- (192) **aitsa** i=nupa=**kina**=pai janumaka kapala
 NEG 3=ver=IMP=IPFV onça ser.pintada
 ‘ninguém (pode) olhar a onça pintada’ (Yanumaka yalaki)
- (193) ije=ne=ku=hã, şamalu=wi=ku i=nuka=wa mama-tipa-lu
 ir=DIR=DECL=ENF otário=REP=DECL 3=matar=PFV mãe-CLF.idade-FEM
- aitsa** i=nuka=**kina**=wi=ku=hã. Alene=ku=hã
 NEG 3=matar=IMP=REP=DECL=ENF 3.voar=DECL=ENF
 ‘foi embora o otário que matou a mãe
 Ninguém matou ele, ele voou’ (Alua)

Exemplos com *une* podem ser vistos abaixo. Note que, nestes casos, a partícula de negação pode se posicionar tanto antes dessa forma (194)-(195), quanto antes do verbo da construção (196). Independentemente da posição da partícula negativa, a negação passa a ser indefinida:

- (194) **aitsa** une-une ka=ka=waka=wi=ku=hã
 NEG pessoa-REDP ATR=ter=EXIST=REP=DECL=ENF
- pai=naku=hã
 CASA=dentro=ENF
 ‘não tinha ninguém em casa’
- (195) **aitsa** une-une ka=ka=waka=wi=ku=hã
 NEG pessoa-REDP ATR=ter=EXIST=REP=DECL=ENF
- ati=nai une-une=neu ija=wa?
 PRO=LOC pessoa-REDP=PL ir=PFV
 ‘não tinha ninguém lá.
 Onde o pessoal foi?’ (Alua)

- (196) **aitsa** nu=nupa=pai une-une, une-une=neu
 NEG 1SG=ver=IPFV pessoa-REDP pessoa-REDP=PL
 ‘não vi ninguém, ninguém’

9.7.3. Negação existencial

Predicados existenciais também podem ser negados utilizando-se da partícula *aitsa*. Neste caso, esta partícula precede o complexo formado pela forma *kaka* ATR=ter mais o verbo existencial *waka*, conforme mostram os exemplos abaixo.

- (197) **aitsa** une-une **ka=ka=waka=wi=ku=hã**
 NEG pessoa-REDP ATR=ter=EXIST=REP=DECL=ENF

ati=nai une-une=neu ija=wa?
 PRO=LOC pessoa-REDP=PL ir=PFV
 ‘não tinha ninguém lá.
 Onde o pessoal foi?’ (Alua)

- (198) i=nupa amaka **aitsa** **ka=ka=waka=wi=ku=hã**
 3=ver rede NEG ATR=ter=EXIST=REP=DECL=ENF

ehé! Ati=nai-pa n=utuluma=li=ku
 INTERJ PRO=LOC=POSS 1SG=rede=CONT=DECL
 ‘ela viu que a rede não estava mais lá.
 Nossa, Cadê minha rede?’ (Xepeku)

Nem sempre, todavia, a negação existencial precisará ser feita mediante o uso do morfema existencial. É possível, por exemplo, negar construções existenciais não verbais com quantificadores, como mostra o par abaixo:

- (199) amunuja=pai eniṣa=nau nakai i=kahi=hã
 muitos=IPFV homem=PL festa 3=COM=ENF
 ‘há muitos homens na festa (juntos na festa)’

- (200) **aitsa** amunuja=pai eniṣa=nau nakai i=kahi=hã
 NEG muitos=IPFV homem=PL festa 3=COM=ENF
 ‘não há muitos homens na festa (juntos na festa)’

9.7.4. Negação de predicados não-verbais possessivos

A negação de sentenças não-verbais possessivas se dá, em geral, de suas formas: por meio de *aitsa* antes de alguma forma quantificadora ou por meio desta partícula antes de predicados atributivos, formados a partir do morfema atributivo *ka=*. Exemplos do primeiro tipo, em que *aitsa* aparece antes de quantificadores (201)-(202) ou numerais (203)-(204) podem ser vistos abaixo:

(201) **aitsa** amunuja=pai papa in=itsu-pa-lu=nau
 NEG muito=PFV pai 3SG=filha-EST-FEM=PL
 ‘meu pai não tem muitas filhas’

(202) amunau i=u=pai **aitsa** ahantai ata-pana
 cacique 3=DAT=IPFV NEG pequeno árvore-CLF.foliforme
 ‘o cacique não tem pouco dinheiro’

(203) **aitsa** mipijama=pai ui i=kanati
 NEG dois=IPFV cobra 3=boca
 ‘a cobra não tem duas bocas’

(204) **aitsa** mipijama=waka=pai papa i=tai, kamajukula in=itsu-pa-lu
 NEG dois=EXIST=IPFV pai 3=filho três 3=filha-EST-FEM
 ‘meu pai não tem quatro filhos e três filhas’

Exemplos de negação com *aitsa* precedendo predicados não-verbais atributivos podem ser vistos a seguir:

(205) **aitsa** k=uleke=pei nu=pina=naku=pai
 NEG ATR=comida=IPFV 1SG=casa=dentro=IPFV
 ‘não tem comida em casa’

(206) *şa* jamuku-hi **aitsa** ka=nupina=pai=hã
 DEM criança-MASC NEG ATR=nome=IPFV=ENF
 ‘aquele menino não tem nome’
 (CORBERA MORI; DO CARMO FERREIRA, 2019, p. 1302, *adaptado*)

(207) elele-le=pei, elele=pei
 3.chorar-REDP=IPFV 3.chorar=IPFV

aitsa ka=tiwi-kahi kene=ku=hã
 NEG ATR=cabeça-COM DEM=DECL=ENF
 ‘ele estava chorando muito
 Não tinha mais cabelo’ (Atulaitsaki)

- (208) *iṣi ui aitsa ka=ka=waka=pai tewe*
 DEM cobra NEG ATR=ter=EXIST=IPFV dente
 ‘a cobra não tem dente’ (lit.: não há dentes nessa cobra)
- (209) *papa, aitsa=wa nu=ke=me=wi=ku*
pai NEG=PFV 1SG=ATR=marido=REP=DECL
- p=itsu-pa-lu akata-wi=hã nu=me=he*
 2SG=filha-EST-FEM molhar-3O=ENF 1SG=marido=ENF
 ‘pai, eu não tenho marido
 Tua filha molhou ele (o cabelo) do meu marido (e ele virou carvão)’
 (Wayuku)
- (210) *aitsa ka=tãi, kene tineṣu=wi=ku=hã*
 NEG ATR=filho DEM mulher=REP=DECL=ENF
 ‘não tem filho, aquela mulher’ (Katutukalu)

9.7.5. Estrutura morfológica da negação

A partícula *aitsa*, que constitui o marcador de negação sintática em Mehináku, não só expressa negação a partir de sua forma básica. É possível, na língua, que essa partícula se combine com uma série de formativos de aspecto, modo e modalidade, quando se deseja expressar noções variadas de negação. Na tabela abaixo, resumo os tipos de formativos que se combinam com a partícula *aitsa*. Essas formas são aquelas encontradas em meu corpus até o momento, podendo haver outras que aqui não apresento:

Partícula negativa	Formativo
aitsa	=ja
	=wa
	=wi
	=pai
	=tika
	=tuwa
	mija
	kutsa
pijala	

Tabela 52. Estrutura morfológica da negação com *aitsa*

9.7.5.1. **Negação asseverativa *aitsa=ja***

A partícula *aitsa* se combina com o morfema de aspecto asseverativo *=ja* quando se quer expressar relativa certeza a respeito de uma proposição que está sendo negada. Note que, nos exemplos seguintes, os falantes estão negando determinadas proposições de forma afirmativa, exprimindo certeza, mas não absoluta certeza. A incorporação de *=ja* à partícula negativa exprime justamente essa possibilidade de negar algo a partir da experiência individual, sem que essa proposição negada corresponda absolutamente à verdade.

- (211) Renato, ju=nupa=wi Waxamani Gaúcha=ja?
Renato 2SG=ver=PFV Waxamani Gaúcha=LOC

aitsa=ja nu=nupa uneune
NEG=ASS 1SG=ver gente
‘Renato, você viu o Waxamani em Gaúcha [cidade próxima ao Xingu]?
Eu não vi ninguém’

- (212) **aitsa=ja** jamuku-hi=nau aitja araukuma
NEG=ASS criança-GEN=PL comer frango/galinha
‘nenhum menino comeu frango’

- (213) mujaka=waka=li=ku ija pala waku=wi=ku=hã
ser.claro=exist=CONT=DECL 3.ir lado rio=REP=DECL=ENF

i=nupa=tika **aitsa=mija=ja** nakapa=wa,
3=ver=TRANS NEG=POT=ASS tomar.banho=PFV

numa panu i=piri=ku
dizer 3.esposa 3=BEN=DECL
‘amanheceu, ele foi para o outro lado do rio.
Não pode me olhar tomando banho, ele disse para a esposa’ (Wayuku)

- (214) nupa=tika **aitsa=mija=ja** n=akapa=wa,
3.olhar=TRANS NEG=POT=ASS 1SG=tomar.banho=PFV

numa pa=nu i=piri=ku
dizer 2SG=esposa 3=BEN=DECL

n=akapa=mija matike=ku n=akama=mija
1SG=tomar.banho=POT depois=DECL 1SG=morrer=POT

matike=ku=hã

depois=DECL=ENF

‘ainda não pode me olhar tomando banho,
(ele) disse para a esposa dele.

Se eu tomar banho, depois vou morrer’ (Wayuku)

- (215) jamuku=nau, aitsa ju=nupa nu=peku=jete?
criança=PL NEG 2PL=VER 1SG=amigo=ASS

aitsa=**ja** aw=unupa-wi. Atsa pu=peku=jete=pei?
NEG=ASS 1PL=ver-3O INT 2SG=amigo=ASS=IPFV

‘crianças, vocês não viram meu amigo?’

‘não, não o vimos. Quem é teu amigo?’

(CORBERA MORI; DO CARMO FERREIRA, 2019, p. 1296, *adaptado*)

9.7.5.2. Negação asseverativa *aitsa=wa*

A partícula *aitsa* se combina com o morfema perfectivo *=wa* também para indicar certeza a respeito da proposição negada. Diferentemente de *=ja*, contudo, esta combinação parece expressar absoluta certeza a respeito da negação, e não relativa certeza a respeito do fato negado. Corbera Mori e Do Carmo Ferreira (2019) tratam esta combinação como expressão de polidez, no sentido de que *aitsa=wa* seria uma forma polida de se negar uma proposição. Em minha análise, entretanto, não encontrei evidências que suportassem essa possibilidade. A ocorrência dessa combinação em meu corpus parece, de fato, estar ligada à certeza, conforme mostram os exemplos seguintes:

- (216) aitsa pu=nupa=wa-ni waku-pi=pai=hã
 NEG 2SG=ver=PFV-3SG.O rio=CLF.grande/redondo=IPFV=ENF

aitsa=wa=hã!
 NEG=PFV=ENF

p=akama=la matike=ku=hã
 NEG=PFV=ENF 2SG=morrer=FUT depois=DECL=ENF
 ‘você nunca pode olhar no fundo do rio
 Nunca!
 (senão) você vai morrer depois’ (Yanumaka Yalaki)

- (217) pu=nuka pi=mijati-şu=wi=ku?
 2SG=matar 2SG=sogra-FEM=REP=DECL

Aitsa=wa şa **aitsa=wa** şa!
 NEG=PFV DEM NEG=PFV DEM

janumaka i=nuka=wa-ni nutsa
 onça 3=matar=PFV-3SG.O de mim
 ‘Você matou tua sogra?
 Não, não!
 A onça que tirou (matou) ela de mim (Alua)’

- (218) janumaka aitsa=wa-ni=hã nutsa p=inu=hã
 onça comer=PFV-3SG.O=ENF de.mim 2SG=mãe=ENF

aitsa=wa, pitsu pu=nuka=wa-ni=hã mami=ku=hã
 NEG=PFV 2SG 2SG=matar=PFV=3SG.O=ENF mãe=DECL=ENF
 ‘A onça que comeu elas [de mim], sua mãe!
 ‘Não, você que matou a mãe’ (Alua)

- (219) şa=nai p=ija p=akene=he?
 DEM=LOC 2SG=ir 2SG=defecar=ENF

aitsa=wa! numa i=piri=ku
 NEG=PFV dizer 3=BEN=DECL
 ‘Você vai ir defecar lá?
 Não posso! Disse para ela’ (Alapü)

9.7.5.3. Negação asseverativa *aitsa=wi*

Não está claro, ainda, o que exprime a afixação do perfectivo =*wi* à partícula de negação. Parece, como os demais, exprimir certeza. Há apenas um exemplo em meu corpus em que essa combinação aparece, conforme abaixo. Note, também, que a partícula de negação porta o morfema anticausativo =*kuwa*.

- (220) a=*ija* kali=*ku?*
 1PL=*ir* DEM=*DECL*
- aitsa=wi=kuwa,** mama i=*tenu*
 NEG=*PFV=ANTICAUS* mãe 3=*COM*
- p=*ije=ku*
 2SG=*ir=DECL*
 ‘vamos? (perguntou o marido)
 Não, eu vou com a minha mãe (respondeu a esposa)
 Pode ir (disse ela a ele)’ (Alua)

9.7.5.4. Negação progressiva *aitsa=pai*

A combinação de *aitsa* com o morfema imperfectivo =*pai* exprime que a proposição negada ainda ocorre, que não teve um fim determinado. Os exemplos abaixo ilustram essa possibilidade:

- (221) **aitse=pei** ku=*tiwukaha* i=*tai=ku=hã*
 NEG=*IPFV* ATR=*cabelo* 3=*filho=DECL=ENF*
- i=*patipa* u=*witfate-ni* i=*tai* i=*tiwukaha*
 3=*amante* 3=*queimar-3SG.O* 3=*filho* 3=*cabelo*
 ‘o filho dela não tem mais cabelo
 O amante queimou o cabelo do filho dela’ (Atulaisaki)

- (222) mama kau=tai=pai. nu=nupine=ku Kurimatá
 mãe doer=ATEN=IPFV 1SG=nome=DECL Kurimatá
- i=kahi=pai asma.
 3=COM=IPFV asma
- aitsa aitʃa=wi=ku, aitsa tuka=wi=ku, etuna=wi=ku
 NEG 3.comer=REP=DECL NEG 3.beber=REP=DECL 3.andar=REP=DECL
- aitse=pei** tuka=pai remédio
 NEG=IPFV beber=IPFV remédio
- aitsa i=u ata-pana=ni=ku=hã
 NEG 3=DAT árvore-CLF.foliforme-?=DECL=ENF
- ajata=la i=kahi=wa=pai
 comprar=FUT 3=COM=PFV=IPFV
 amaku=wa=tai=ku=hã
 rede=PFV=ATEN=DECL=ENF
 ‘minha mãe está doente. O nome dela é Kurimatá
 ela tem asma (lit.: está com asma)
 ela não está comendo, não está bebendo, não está andando
 não está tomando remédio (porque) não tem dinheiro para comprar
 ela só fica deitada’ (A/C)

9.7.5.5. Negação transicional *aitsa=tika*

Estou chamando de negação transicional aquela na qual a partícula *aitsa* se combina com o morfema transicional *=tika*. Assim como a construção progressiva, a transicional indica que a situação está ainda em progresso. A diferença entre elas, entretanto, está no fato de *=tika* expressar eventos negados que ainda não acabaram, e não necessariamente que estão em progresso. Os exemplos abaixo ilustram essa noção:

- (223) **aitsa=tika** aku=pai=ku=hã, i=itsuwa=pai=ku
 NEG=TRANS pronto=IPFV=DECL=ENF 3=esquentar=IPFV=DECL
- nu=witʃa-ta=la nu=meje=ku,
 1SG=queimar-CAUS=FUT 1SG=lixo=DECL
- numa i=piri=ku=hã
 dizer 3=BEN=DECL=ENF
 não está pronto ainda. Ele foi esquentando (o lixo).
 Eu vou queimar meu lixo,
 disse ele para ela (a esposa)’ (Atulaitsaki)

- (224) aitsa=mija ulei waka=wi=ku aitsa=mije=ku=hã,
 NEG=POT mandioca EXIST=REP=DECL NEG=POT=REP=DECL

aitsa=tika iși ulei=ku
 NEG=TRANS DEM mandioca=DECL
 ‘não existiria mandioca.
 Nem esta roça (ainda existiria)’ (Kukühü)

- (225) p=inu i=tunuje=ku **aitsa=tike**=ku
 2SG=mãe 3=enxada=DECL NEG=TRANS=DECL
 ‘não posso ainda (pegar) a enxada da sua mãe’

9.7.5.6. Negação reflexiva *aitsa-tuwa*

Há um exemplo em meu corpus em que a partícula de negação *aitsa* aparece seguida pelo morfema reflexivo =*tuwa*, ao mesmo tempo em que também porta o morfema potencial. Este morfema parece estar relacionado ao nome *kukühü*, como mostra o exemplo abaixo:

- (226) ulei=ku aitsa-**tuwa**=mija kukihi ka=ka-waka=wi=ku
 mandioca=DECL NEG-REFL=POT kukihi ATR-ter-EXIST=REP=DECL
 se não existisse o kukühü não existiria roça

aitsa=mija ulei-paitʃe apuka=wi=ku=hã
 NEG=POT mandioca-PROSP começo=REP=DECL=ENF
 ‘se não existisse o kukihi, não existiria a roça. Se (ele) não existisse, não teria mandioca’ (Kukühü)

9.7.5.7. Negação potencial *aitsa=mija*

A negação potencial é aquela que funciona como resposta negativa a uma proposição sobre a qual se tem dúvida sobre a sua realização. Note, na sentença em (229), por exemplo, que os verbos *akapa* ‘tomar banho’ e *akama* ‘morrer’ da sentença positiva portam o mesmo morfema transicional que acompanha *aitsa* e que serve como resposta negativa.

- (227) ulei=ku aitsa-tuwa=**mija** kukihi kaka=waka=wi=ku
 mandioca=LOC NEG-REFL=POT kukihi ter=EXIST=REP=DECL

aitsa=**mija** ulei-paitʃe apuka=wi=ku=hã
 NEG=POT mandioca=RETR lugar=REP=DECL=ENF
 ‘se não existisse o kukühü não existiria roça,
 não teria mandioca’ (Kukühü)

- (228) **aitsa=mija** awiʃi=wa i=piri na=hitʃatawinu
 NEG=POT 3.ser.bom=PFV 3=BEN 1SG=trocar.de.lugar
 ‘acho que ela não vai gostar se eu trocar de lugar’ (Atulaitsaki)

- (229) ju=nupa=tika **aitsa=mija**=ja n=akapa=wa,
 2SG=VER=TRANS NEG=POT=ASS 1SG=banhar=PFV

numa panu i=piri=ku
 dizer esposa 3=BEN=DECL

n=akapa=**mija** matike=ku n=akama=**mija** matike=ku=hã
 1SG=banhar=POT depois=DECL 1SG=morrer=POT depois=DECL=ENF
 ‘você não pode me ver tomar banho ainda
 Disse ele à esposa
 Se eu tomar banho, depois eu vou morrer’ (Wayuku)

- (230) aitsa=**mija** kene u=mati-ʃu u=nuka=wi
 NEG=POT DEM 3=sogra-FEM 3=matar=3O

aitsa=**mija** kutsa a=hukawa=pai
 NEG=POT EVID.IND 1PL=fazer(?)=IPFV

a=tuluma=la iʃi=pai=hã
 1PL=REDE=FUT DEM=IPFV=ENF
 ‘se a sogra dela não tivesse brigado com ela
 diz que nós não íamos fazer nossas redes hoje’ (Xepeku)

9.7.5.8. Negação evidencial *aitsa-kutsa*

Há um exemplo em meu corpus em que *aitsa* vem seguido do morfema evidencial *kutsa*, como no exemplo abaixo. Não está claro, ainda, se, neste caso, trata-se de um tipo de negação ou se a partícula evidencial apenas interpôs a forma negativa e o verbo. Vejamos o exemplo abaixo:

- (231) **Aitsa=kutsa** mişa=jete kene jamaku-tipa pa=patipa
 NEG=EVID.IND medo=ASS DEM criança-CLF.idade RECP=amante
- i=u=ku=hã, mija-ka-ti=ha-tã kamişu=wa
 3=DAT=DECL=ENF POT-?=??=?=? namorar=PFV
 ‘o rapaz não tinha medo do amante dele. (Ele) ficava namorando direto’
 (Walamã)

9.7.5.9. Negação dubitativa *aitsa-pijala*

A negação dubitativa parece indicar dúvida a respeito da proposição negada. Há somente um exemplo em meu corpus em que este tipo de construção aparece, como exemplifico abaixo:

- (232) tujakakai aitja-ta=la=ku ku aitsa=**pijala**
 qualquer.dia 3.comer-CAUS=FUT=DECL DECL NEG=DUB
 ‘não sei que dia ele vai dar comida pra ela (lit.: vai fazer ela comer)’
 (Kanupai)

9.7.6. Privativo *ma-*

Conforme mencionei em §7.7, Matteson e Taylor (1972, p. 165; 1991, p. 377) constataram que, em muitas línguas Arawak, a noção de privação é expressa morfológicamente. Os autores mencionam que, além dos proclíticos pronominais, que estabelecem a diferença fundamental entre línguas *nu=* e *ta=* Arawak, os morfemas de atribuição *ka=* e privação *ma-*, são os mais estáveis entre as línguas dessa família. Em Mehináku, o morfema privativo ocorre anexado a nomes, transformando-os em predicados estativos, conforme o exemplo abaixo:

- (233) papa, aitsa=wa nu=ke=me=wi=ku
 pai NEG=PFV 1SG=ATR=marido=REP=DECL
- p=itsu-pa-lu akata-wi=hã nu=me=he
 2SG=filha-EST-FEM molhar-3O=ENF 1SG=marido=ENF
- elele=pei jukaka **me-me=wi=ku=hã**
 3.chorando=IPFV por.isso PRIV-marido=REP=DECL=ENF
 ‘pai, eu não tenho marido
 Tua filha molhou ele (o cabelo) do meu marido
 Ela ficou chorando porque não tinha mais marido’ (Wayuku)

(234) José aitsa ka=tulu=naku=pai **ma**-tulu=naku=wa=hã
 José NEG ATR=orelha=dentro-IPFV PRIV-orelha=dentro=PFV=ENF
 ‘José não ouve, ele é surdo’
 (CORBERA MORI; DO CARMO FERREIRA, 2019, p. 1302, *adaptado*)

(235) **ma**-nu-wa=tika nu=tanule
 PRIV-esposa-pessoa=TRANS 1SG=primo
 ‘meu primo ainda é solteiro’ (lit.: meu primo ainda não tem esposa)
 (CORBERA MORI; DO CARMO FERREIRA, 2019, p. 1302, *adaptado*)

9.7.7. Proibitivo *amija*

Finalmente, o proibitivo, como mostrei em §9.6, ocorre como resposta negativa e imperativa à determinadas situações. A maioria dos exemplos de uso dessa forma, que disponho, é elicitada, porque, em geral, não tende a ocorrer em frases no dia-a-dia, já que se realiza mais comumente como uma bronca, uma forma de chamar a atenção sobretudo de crianças. É equivalente ao verbo ‘pare’, do português, como em: “pare com isso!”. Poderia ser substituído paradigmaticamente por *aitsa* em uma situação que não requeresse ação imperativa ou enérgica. Tende a ocorrer no início das sentenças, conforme abaixo.

(236) **amija** p=aitʃa ule-pe
 PROIB 2SG=comer mandioca-CLF.pastoso
 ‘não coma o beiju!’

(237) **amija** p=uma-ta-wi, Bela! amija, amija
 PROIB 2SG=fazer-CAUS-3O Bela PROIB PROIB
 ‘não faça isso, Bela! Pare! Pare!’ (A/C)

(238) ti-numa kata mija pi=mie aitsa akapa=pai=ku?
 PRO=por.que DEM POT 2SG=marido NEG banhar=IPFV=DECL

amija=ja pi=kirapa i=kahi
 PROIB=ASS 2SG=mexer 3=COM
 ‘por que este seu marido não toma banho? (perguntou a amiga da esposa)
 Não mexa com ele! (respondeu a esposa)’ (Wayuku)

10

Sentenças complexas

Neste capítulo, descrevo as sentenças complexas em Mehináku. Em (§10.1.1), apresento as sentenças coordenadas, incluindo as conjuntivas (§10.1.1.1), adversativas (§10.1.1.2) e alternativas (§10.1.1.3). Em (§10.1.2), descrevo as sentenças subordinadas, incluindo as completivas (§10.1.2.1), tanto com verbos de manipulação (§10.1.2.1.1), quanto com verbos de modalidade (10.1.2.1.2) e percepção-cognição-experiência (§10.1.2.1.3); as relativas (§10.1.2.2); e as adverbiais (§10.1.2.3), que incluem as causais (§10.1.2.3.1), condicionais (§10.1.2.3.2) e conclusivas (§10.1.2.3.3).

10.1. Sentenças complexas

As sentenças complexas são aquelas formadas a partir da combinação de sentenças simples. Isto quer dizer que, nas sentenças complexas, há mais de um predicado verbal. Lyons (1975, p. 178) defende que quando sentenças simples são incorporadas para a formação de sentenças complexas, devem ser chamadas de oração. O autor (1979, p. 186) divide ainda as sentenças complexas em dois tipos: (i) coordenadas e (ii) subordinadas, ambas das quais tratarei neste capítulo.

10.1.1. Coordenadas

Haspelmath (2007, p. 1) define as construções coordenadas como aquelas em que duas ou mais unidades do mesmo tipo são combinadas em uma unidade maior e, ainda, possuem as mesmas relações semânticas com os outros elementos circundantes. A definição do autor se aproxima muito da de Crystal (1988, p. 69), que entende a coordenação como o processo ou resultado da ligação de unidades linguísticas de status sintático equivalentes. Em Mehináku, as orações coordenadas não são marcadas por nenhuma marca morfológica, e, na maioria dos casos, a estratégia padrão para a construção desse tipo de sentença é a justaposição das duas sentenças independentes. Irei apresentar a seguir três subtipos de orações coordenadas em Mehináku, a saber: conjuntivas, adversativas e alternativas.

10.1.1.1. **Conjuntivas**

As orações conjuntivas são aquelas em que há a ideia de uma ligação entre as duas sentenças coordenadas. Essa ligação, em geral, é estabelecida por meio de uma conjunção aditiva, em várias línguas. Em Mehináku, o modo padrão de se construir orações conjuntivas é por meio de simples justaposição das suas sentenças simples independentes. Não há, portanto, nenhum tipo de marcação formal no verbo que assinale esse processo, conforme mostro nos exemplos a seguir. Note que, em ambos os casos, as sentenças são apenas concatenadas e cada uma delas contém um predicado próprio, que descreve ações comumente diferentes:

- (1) itsu-i akahika=wi=ku=hã
 noiva-NPOSS levantar=REP=DECL=ENF
- epehitsa pe=weju-lu=nau u=tuluma-la
 3.desamarrear 2SG=cunhada=FEM=PL 3=rede-POSS
- pa=janiri=nau u=tuluma-la epehitsa=wi=ku
 2SG=cunhado=PL 3=rede-POSS 3.desamarrear=REP=DECL
- Eku=wi!
 Pronto=PFV! u=muka-ta-wi tsi-tsa=nai=ku=hã
 3=colocar-CAUS-3O POT=REST=LOC=DECL=ENF
- ‘a noiva se levantou
 desamarrou a rede das suas cunhadas,
 desamarrou a rede dos seus cunhados.
 Pronto, colocou ali’ (Kukühü)
- (2) şeke-ne itsei=ku. Eku=wi=ku.
 3.acendeu-PONT fogo=DECL pronto=REP=DECL
- pataka-ta-wi itsei=penu=itse=ku
 3.colocar-CAUS-3O fogo=em.cima=LOC=DECL
- ‘ela acendeu o fogo. Pronto.
 Colocou (a panelinha de barro com urina) em cima do fogo’ (Alapü)

- (3) tuwe-ne iși=nai=tsa=pai kami
 3.vir-DIR DEM=LOC=LOC=IPFV sol
- ija waku
 3.ir rio
- numa i=piri=ku=hã: mujaka=pai mujaka=pai
 3.dizer 3=BEN=DECL=ENF de.manhã=IPFV de.manhã=IPFV
 ‘A tarde ela veio,
 foi no rio (e)
 disse para ele (o marido): de manhã, de manhã’ (Itxuna)
- (4) tšawaka n=ija kupati=taku, nu=nupa i=nai jitsu
 Ontem 1SG=ir peixe=LOC 1SG=ver 3=LOC 2PL
 ‘Ontem eu fui pescar (e) vi vocês lá’

Embora o modo padrão de se construir orações conjuntivas seja por justaposição, há algumas estratégias sintáticas que podem ser usadas na língua para concatenar as sentenças no discurso. Estas estratégias envolvem o uso de advérbios temporais, interjeições e outras formas discursivas. Quatro dessas formas foram encontradas em meus dados: *maluwaitsa*, *naitsa*, *pá* e *tá*. As palavras *maluwaitsa* e *naitsa* são advérbios de tempo que os falantes, em geral, traduzem como ‘depois’.

Nos dados que possuo, *maluwaitsa* não ocorre em uma posição específica da sentença, como os demais advérbios temporais que mostrei em (§5.2.1), podendo ocorrer entre os verbos concatenados (5)-(6), no início das orações (9), ou, ainda, ocorrer mais de uma vez em uma mesma oração (6).

- (5) Renato eșihi-ta=wa, i=nuka kupati
 Renato anzol-CAUS=PFV 3=matar peixe
- maluwaitse**=ku aitfa=wi=ku=hã
 depois=DECL 3.comer=REP=DECL=ENF
 ‘Renato pescou, matou o peixe, depois comeu’
- (6) amulu-nešu i=nuka araukuma, epehe=wi=ku
 cacica-FEM 3=matar galinha depenou=REP=DECL
- maluwaitse** pepehe-ta=wi=ku **maluwaitsa** aitfa=wi=ku
 CONJ assar-CAUS=REP=DECL CONJ 3.comer=REP=DECL
 ‘A cacica matou a galinha, depenou, depois assou (e) depois comeu’

Em alguns exemplos, *maluwaitsa* recebe o proclítico de terceira pessoa, como os demais advérbios temporais, conforme abaixo:

- (11) natu n=uku-ta=la pahi uku i=tenu,
 1SG 1SG=flecha-CAUS=FUT macaco flecha 3=COM

i=**naitsi**=ku akama=ku=wi=ku
 3=depois=DECL 3.morrer=DECL=REP=DECL
 ‘eu flechei o macaco com a flecha, e ele morreu’

A forma *pá*, como mostro em (§3.6), é uma interjeição em Mehináku, mas que pode, em alguns casos, funcionar como uma espécie de conjunção aditiva. Note, nos exemplos abaixo, que *pá* não está expressando surpresa, como quando ocorre em sua forma prototípica de interjeição, mas está estabelecendo uma conexão aditiva entre as sentenças. A diferença entre *pá* funcionando como interjeição e funcionando como conector de orações pode ser mais bem vista em (11), em que o primeiro *pá* da sentença é interjetivo e os demais são aditivos.

- (12) **pá** kali=ku=hã numata=kina nukaja=wi=ku=hã
 INTERJ DEM=DECL=ENF 3.fazer=IMP perereba=REP=DECL=ENF

pá p=iși i=muta=wi=ku=hã, wenekuta
 INTERJ 2SG=pai 3=levar=REP=DECL=ENF centro.da.aldeia

matamujaka=wi=ku=hã
 amanhã=REP=DECL=ENF
 ‘e fizeram perereba,
 e seu pai levou no centro da aldeia no outro dia’ (Kukühü)

- (13) huku-tiwu-kahi-tuwa=wi=ku **Pá** kehepe=wi=ku=hã!
 3.lavar-cabelo-COM-REFL=REP=DECL INTERJ espuma=REP=DECL=ENF

pá hapu-kuwa hapu-kuwa=wi=ku=hã
 INTERJ 3.molhar-ANTICAUS 3.molhar-ANTICAUS=REP=DECL=ENF

pá i=kipe=we kehepe=jete i=nu=ku=hã
 INTERJ 3=estar.cheio=PFV espuma=ASS 3=esposa=DECL=ENF
 ‘ela lavou o cabelo. Nossa, espuma!
 E ela molhou, molhou
 E estava cheio de espuma (do cabelo) da esposa dele’ (Itxuna)

A última forma que encontrei funcionando como uma espécie de conjunção é *tá*, que estou analisando como um empréstimo da forma ‘tá’, marcador discursivo do português. Presenciei o uso dessa forma em alguns discursos na aldeia, mas raramente o

encontrei em textos de histórias tradicionais. O registro abaixo é retirado de um relato pessoal, onde as marcas de oralidade são mais evidentes:

- (14) nu=waitʃati-ta natu=wi=ku,
 1SG=estar.sozinho-CAUS 1SG=REP=DECL
- patuawa=nau **ta** i=kahi=wa
 outras.pessoas=PL tá 3=COM=PFV
- patuawa **ta** i=kahi=wa natu jukaki=ku=hã
 outras.pessoa tá 3=COM=PFV 1SG CONJ=DECL=ENF
 ‘eu fiquei sozinha
 tá, morando com outras pessoas,
 tá, e eu fiquei com outras pessoas’ (Mama itsitxa natuwiku)

10.1.1.2. Adversativas

As orações adversativas são aquelas em que, tradicionalmente, há um contraste entre as orações coordenadas. Esse contraste pode ser formalmente marcado por conjunções. Em Mehináku, no entanto, as construções adversativas não apresentam nenhuma marcação morfológica específica, que estabeleça uma relação de contrariedade entre as orações. Como as conjuntivas, são formadas apenas pela justaposição das sentenças. O contraste, neste caso, é estabelecido pela própria temporalidade/aspectualidade dos eventos, que descrevem ações em diferentes instâncias temporais. Em meus dados, o enclítico de futuro é usado em grande parte das sentenças como forma de contrastar um acontecimento que iria acontecer, com um que não aconteceu, que foi frustrado. Como não encontrei, em meus dados, nenhuma marca exclusiva de frustratividade, estou assumindo que, nestes dados, esse contraste se dá entre um futuro possível, expresso na primeira sentença por meio do morfema de futuro =*la*, e qualquer outra marcação de aspecto verbal que ocorra na segunda sentença, conforme a seguir:

- (15) n=ija=la-tuwa n=iju=pei, akama-ti=ku=hã
 1SG=ir=FUT-REFL 1SG=esposa=IPFV 3.morrer-?=DECL=ENF
 ‘eu ia me casar com ela, mas ela morreu’ (lit.: eu ia fazer dela minha esposa, mas ela morreu)
- (16) n=uku-ta=la-tuwa pahi, kepeşe=we=pei
 1SG=flecha-CAUS=FUT-REFL macaco 3.fugir=PFV=IPFV
 ‘eu ia atirar no macaco, mas ele fugiu’

Outros exemplos, com outras marcações de TAM sendo contrastadas podem ser vistos a seguir. Note que a noção adversativa também se mantém, mesmo não havendo nenhum marcador adversativo específico:

- (17) n=ati kuta-tuwa n=akapa=pai, katika=waka-pe=pei
 1SG=querer DESID=REFL 1SG=banhar=IPFV escuro=EXIST-?=IPFV
 ‘eu queria tomar banho, mas está muito frio’

- (18) ta, ukalu ija pa=ijata i=ukale=ne=ku=hã
 tá tatu ir RECP=pênis.ereto 3=buscar=DIR=DECL=ENF

 kene tineşu=nau iji=ku
 DEM mulher=PL IR=DECL
 ‘tá, o tatu foi buscar o próprio pênis ereto,
 mas aquelas mulheres foram embora’ (Ukalu)

É possível também estabelecer relações adversativas entre sentenças, negando um dos predicados. Neste caso, utiliza-se a partícula negativa *aitsa*, como nos exemplos seguintes. Essa partícula tende a ocorrer antes do verbo da primeira sentença (19)-(21), mas é possível ocorrer também depois (22):

- (19) Kiku **aitsa** k=ajajaka=pai eteme-pe=pei ajajaka
 Kiku NEG ATR=fala=IPFV 3.escutar-?=IPFV fala
 ‘Kiko não fala, mas entende [escuta] a língua’

- (20) Wajeru **aitsa** keme=pei, kamişu-pe=pei
 Wajeru NEG ser.casado=IPFV 3.namorar-?=IPFV
 ‘Wajeru não é casada, mas namora’

- (21) pahî **aitsa** ala=pai, piwuka=wa=pai
 macaco NEG voar=IPFV pular=PFV=IPFV
 ‘O macaco não voa, mas pula’

- (22) i=naitsa aitşe-ni, **aitsa** ukalu k=ijata
 3=depois 3.comer=3SG.O NEG tatu atr=pênis.ereto
 ‘depois, ele tentou transar com ela (mas) o tatu não ficou com o pênis ereto
 [brochou] (lit.: o tatu não teve pênis ereto)’ (Ukalu)

10.1.1.3. Alternativas

As construções alternativas, também conhecidas como disjuntivas, são aquelas que exprimem alternância. Não parece haver nenhuma marcação morfológica que exprima essa noção em Mehináku, mas é possível construir sentenças alternativas posicionando a partícula dubitativa *kala* antes dos verbos, como nos exemplos abaixo. Note que é também possível usar uma partícula em cada uma das sentenças que formam a oração alternativa (25)

- (23) Renato ija=la nu=pina=ku
 Renato ir=FUT 1SG=casa=DECL
- kala** ija=la pu=pina=ku=hã?
 DUB 3.ir=FUT 2SG=casa=DECL=ENF
 ‘Renato vai à minha casa ou ele vai à tua?’
- (24) pahi aitfa=la ule-pe
 macaco 3.comer=FUT mandioca-CLF.pastoso
- kala** aitfa=la banana
 DUB comer=FUT banana
 ‘O macaco vai comer banana ou beiju’
- (25) Etsiri **kala** kamiša=la **kala** ije=le-ne
 Etsiri DUB namorar=FUT DUB ir=FUT=DIR
 ‘Etsiri ou vai namorar ou vai embora’

10.1.2. Subordinadas

Denomina-se subordinação o processo pelo qual uma oração complexa passa a ser constituída por duas ou mais sentenças simples. Dentre essas sentenças, uma é a principal, e as demais são chamadas de subordinadas ou dependentes, em virtude de estarem dependentemente conectadas à sentença principal. Longacre (1985, p. 43) afirma que nesse tipo de dependência entre a sentença subordinada (ou sentenças) e a principal, as construções subordinadas podem funcionar como sintagmas nominais (o que corresponde às sentenças completivas), como modificadores de nomes (o que corresponde às sentenças relativas), ou, ainda, como modificadores de sintagma verbal ou de proposições inteiras (como no caso das sentenças adverbiais, conclusivas, causais e outras).

Nas subseções seguintes, apresentarei sete subtipos de orações subordinadas em Mehináku, são elas: completivas, relativas, adverbiais temporais, causais, condicionais, conclusivas e finais.

10.1.2.1. **Completivas**

As orações completivas, também conhecidas como orações complemento, são aquelas que funcional como argumento de um determinado predicado (GIVÓN, 2001; NOONAN, 2007; DIXON, 2010a). Segundo Dixon (2010a), a complementação pode ser, por conta da distinção proposta anteriormente, distinguida de outros processos que envolvem subordinação, como aqueles que resultam em orações relativas ou adverbiais. Para o autor (*op. cit.* p. 370), as orações completivas têm as seguintes características: (i) a estrutura interna de uma oração, pelo menos em termos dos argumentos nucleares que estão envolvidos; (ii) funcionam como argumento nuclear de outra oração, sendo que das funções disponíveis para a oração complemento deve-se sempre incluir o objeto de uma oração transitiva e (iii) descreve uma proposição, que pode ser um fato, uma atividade, um estado.

Noonan (2007, p. 116) defende que, do ponto de vista da organização sintática, as orações completivas podem realizar-se de duas maneiras: (i) como orações subordinadas, e (ii) como sintagmas verbais em construções paratáticas. As construções paratáticas, segundo o autor, apresentam as seguintes características: (i) não tem nenhuma marca de coordenação ou subordinação; (ii) cada sintagma verbal contém um verbo próprio flexionado; (iii) nenhum verbo especial é usado; e, (iv) o predicado pode concordar com o sujeito, mas não forma com este um constituinte (como ocorre com verbos seriais) (NOONAN, 2007, p. 65).

Além disso, Givón (2001, pp. 39-40) menciona que as orações completivas podem variar em termos de suas estruturas morfossintáticas a depender do tipo semântico do verbo que toma como complemento oracional, já que há restrições quanto aos verbos que admitem (ou não) outra oração como complemento. O autor divide os verbos que admitem complemento em três classes semânticas principais: (i) verbos de manipulação; (ii) verbos de modalidade e (iii) verbos de percepção-cognição-experiência (PCE), que se distinguem entre si a partir de protótipos semânticos e sintáticos.

Nas subseções seguintes, apresento exemplos de orações completivas paratáticas com verbos de manipulação, modalidade e PCE em Mehináku, e, também, exemplos de

construções com verbos de enunciação. Todos esses tipos de construção, todavia, se comportam da mesma forma em Mehináku, em termos da posição em que figura a oração principal e a dependente. Com exceção de *numa*, que quando figura como predicado da oração principal parece fazer com que esta oração tenda a aparecer após a oração dependente, todos os demais verbos apresentam a ordem OP[OC] (oração principal[oração dependente]). Não parece haver, também, morfemas de complementação, de modo que a justaposição das orações é a estratégia mais comum na construção de orações completivas. Nesse sentido, concordo com Aikhenvald (1999, p. 101), quando afirma que a simples justaposição parece ser a estratégia mais usada nas línguas Arawak para marcar complementação.

10.1.2.1.1. Completivas com verbos de manipulação

As orações completivas que envolvem verbos de manipulação são aquelas em que o sujeito da oração principal (OP) pode autorizar, ordenar, impedir, compelir o sujeito da completiva a realizar determinada ação. Por esta razão, incluem-se nessa classe verbos como ‘mandar’, ‘pedir’, ‘ordenar’, ‘falar’, ‘dizer’ entre outros. Givón (2001, p. 41) propôs algumas características semânticas e sintáticas para os verbos de manipulação, que apresento a seguir:

São características semânticas:

- (i) o verbo principal tem um agente que manipula o comportamento de um outro indivíduo (denominado *manipulee*);
- (ii) o *manipulee* é correferente com o agente do verbo da completiva; e
- (iii) a oração completiva codifica o evento a ser realizado pelo *manipulee*.

São características sintáticas:

- (i) o manipulador da oração principal é o sujeito da oração principal;
- (ii) o *manipulee* do verbo principal é seu objeto;
- (iii) o *manipulee* do verbo principal é o sujeito da oração completiva, que é marcado como zero nessa oração;
- (iv) o verbo da oração completiva apresenta uma morfologia menos finita;
- (v) a oração completiva ocupa a posição de objeto do verbo da oração principal e ambas tendem a ter uma entonação unificada.

A língua Mehináku parece obedecer a esses critérios na construção de orações completivas (OC) de manipulação. Vejamos, por exemplo, as construções a seguir, cujo

verbo da oração principal é o manipulativo ‘mandar/ordenar’ e as construções completivas estão entre colchetes.

- (26) eniṣa awanakata=ne [tineṣu=tai hu=make-he=ne]_{oc}
 homem mandar=DIR mulher=DIM VBLZ=rede-?=DIR
 ‘o homem mandou a menina dormir’
- (27) i=natsi=ku, i=piṣu-lu awanakate-pe=ne=li=ku=hã
 3=depois=DECL 3=namorada-FEM mandar-?=DIR=CONT=DECL=ENF
- [utawana=taku pi=tsawina=li=ku=hã]_{oc}
 córrego=CLF.plano 2SG=morar=CONT=DECL=ENF
 ‘depois, a namorada dele mandou:
 ‘Pode morar no córrego!’ (Walamã)
- (28) n=ijumeke=we, n=imi i=piri=ku
 1SG=menstruar=PFV 1SG=dizer 3=BEN=DECL
- Ahã a=ija kali=ku pai=jaku=ne=ku
 INTERJ 1PL=ir DEM=DECL casa=dentro=DIR=DECL
- numa nu=piri=ku=hã
 3.disse 1SG=BEN=DECL=ENF
- Mama awanakate=ne [natu n=ije=ne pai=jaku=ne=ku]_{oc}
 Mãe mandar=DIR 1SG 1SG=ir=DIR casa=dentro=DIR=DECL
 ‘eu menstruei, eu disse para ela (para a mãe)
 Vamos ir para casa
 Disse ela para mim
 Minha mãe mandou eu ir (para) casa’ (Yumekexu)

Note, nos exemplos acima, que as orações completivas de manipulação com verbo *awanakate* ‘mandar’ cumprem semanticamente com a proposta de Givón (2001), na medida em que o verbo da oração principal tem um agente que manipula o comportamento do *manipulee* e, também, porque é correferente com o agente do verbo da completiva. Nesse sentido, a oração completiva codifica o evento a ser realizado pelo *manipulee*. Sintaticamente, o manipulador da oração principal é o sujeito da oração e o *manipulee*, de fato, é seu objeto. Além disso, o *manipulee* do verbo principal é o sujeito da oração completiva, marcado como zero nessa posição, e a oração completiva de fato ocupa a posição de objeto do verbo da oração principal.

A proposta de Givón também menciona que, sintaticamente, o verbo da construção completiva de manipulação exibe uma morfologia menos finita. Este,

entretanto, não parece ser o caso do Mehináku, já que, como mostram os exemplos, parece ser características dessas construções exibir um paralelismo entre os morfemas que portam tanto os verbos da oração principal, quando da completiva. Note, em todos os exemplos acima, que os mesmos morfemas de TAM que estão presentes no verbo da principal, estão também presentes no verbo da completiva.

Não é fácil determinar, entretanto, em que medida as orações acima são completivas ou coordenadas, já que, como é possível ver, não há qualquer marca de subordinação, como ocorre com as coordenadas, de modo que tanto uma leitura coordenada quanto completiva seria possível.

A única evidência que encontrei em meus dados para uma possível leitura completiva de orações com estruturas deste tipo tem a ver a presença da forma *maka* que ocorre em alguns exemplos sempre antes do verbo da completiva. Analisei *maka*, no capítulo 3, como uma posposição direcional que significa ‘de lá/para cá’. Note, nos exemplos abaixo, que essa posposição poderia funcionar como uma espécie de complementizador, mas pesquisas mais aprofundadas precisam ser feitas para se chegar a uma conclusão definitiva sobre as construções com e sem essa forma, especialmente porque somente o verbo *awanakata* ‘mandar’ parece licenciar a ocorrência dessa forma dentro do oração completiva:

(29) tineṣu awanakate=ne [eniṣa **maka** ije-ne=ku]_{oc}
mulher mandar=DIR homem de.lá ir-DIR=DECL
‘A mulher ordenou que o homem fosse embora’

(30) n=awanakata [pitsu maka p=aitṣa kupatī]_{oc}
1SG=mandar 2SG de.lá 2SG=comer peixe
‘eu mandei você comer peixe!’

(31) Assalu awajakate=ne [une-une maka ije=ne=ku]_{oc}
Assalu mandar=DIR pessoa-REDP de.lá ir=DIR=DECL
‘O Assalu mandou o homem embora’

Outra questão interessante a ser observada nesses exemplos tem a ver com o *manipulee*, que nos exemplos em (28) e (30), quando são pronominais, são duplamente marcados tanto pelo pronome pleno, quanto pelo proclítico pronominal. Em (30), esses pronomes são separados pela forma *maka*, mas em (28) há apenas a justaposição dos sujeitos. Parece, como nos demais casos em que o pronome pleno ocorre juntamente com o proclítico pronominal, um caso de focalização do sujeito, uma estratégia para assinar a

quem a ação descrita pelo verbo de manipulação, de fato, recai. Esta possibilidade fica mais evidente quando se observa (27), em que o proclítico pronominal é o único a ocorrer como sujeito da oração completiva, sendo correferencial com o *manipulee*.

No exemplo em (28), mostrei uma oração completiva que segue os parâmetros semânticos e sintáticos propostos por Givón (2011), no que se refere às orações completivas com verbos de manipulação. A continuação deste exemplo, entretanto, apresenta um fenômeno interessante a respeito das orações completivas: o alçamento de constituintes. Note, abaixo, que na primeira oração completiva o *manipulee* ocupa a posição de objeto do verbo da oração principal, sendo correferente com o *manipulee*. Na sentença seguinte, entretanto, este objeto é alçado de sua posição de objeto à posição de sujeito. Levando em consideração a proposta de Noonan (2007 [1985], pp. 81-82), que estabelece uma tipologia de alçamentos em construções como as completivas, poderíamos assumir que, em (32), temos um alçamento do tipo Objeto a Sujeito (AOS):

- (32) n=ijumeke=we, n=imi i=piri=ku
 1SG=menstruar=PFV 1SG=dizer 3=BEN=DECL
- Ahã a=ija kali=ku pai=jaku=ne=ku
 INTERJ 1PL=ir DEM=DECL casa=dentro=DIR=DECL
- numa nu=piri=ku=hã
 3.disse 1SG=BEN=DECL=ENF
- Mama awanakate=ne [natu n=ije=ne pai=jaku=ne=ku]_{oc}
 Mãe mandar=DIR 1SG 1SG=ir=DIR casa=dentro=DIR=DECL
- n=ije=ne pai=jaku=ne=ku!
 1SG=ir=DIR casa=dentro=DIR=DECL
- Mama awanakate=ne=ku wi=ku=hã
 Mãe mandar=DIR=DECL REP=DECL=ENF
 ‘eu menstruei, eu disse para ela (para a mãe)
 Vamos ir para casa
 Disse ela para mim
 Minha mãe mandou eu ir (para) casa’
 Eu ir para casa,
 Minha mãe mandou’ (Yumekexu)

Construções com o verbo manipulativo *ajata* VBLZ-pedido ‘pedir’¹ diferem-se daquelas com o verbo *awanakata* ‘comprar’, em termos do modo como os constituintes

¹ Também usado no sentido de ‘comprar’, atualmente.

da oração completiva são codificados. Observe o par de exemplos abaixo em que comparo construções com os mesmos constituintes argumentais, mas predicados por verbos distintos: em (33), pelo verbo *awanakata* e, em (34), pelo verbo *ajata*:

- (33) jamuku-tipa awanakata [tineʃu ke=me=pei i=kahi]
criança-CLF.idade mandar mulher ATR=marido=IPFV 3=COM
'o rapaz mandou a mulher se casar com ele' (lit.: o rapaz mandou que a mulher fizesse dele seu marido)
- (34) jamuku-tipa a-jata [p=anu=pei tineʃu]oc
criança-CLF.idade VBLZ-pedido 2SG=esposa=IPFV mulher
'o rapaz pediu que a mulher se casasse com ele' (lit.: o rapaz pediu que fosse sua esposa a mulher)

No exemplo acima, é possível notar que, na construção com o verbo *ajata* 'pedir', o constituinte *tineʃu* 'mulher' não ocupa a posição de objeto direto do verbo da oração principal, ou seja, não é o *manipulee* da oração completiva, como ocorre nas construções com o verbo *awanakata*. Com o verbo 'pedir', o *manipulee* da oração completiva é correferente com o argumento da oração principal na função de objeto direto.

Outra diferença em termos desses dois verbos está na movimentação sintática dos constituintes da oração completiva que cada um deles permite. Observemos as construções abaixo, em que o trio em (35)-(37) exhibe exemplos com o verbo *awanakata* e o trio em (38)-(40), com o verbo *ajata*:

- (35) amunau awanakata [Paulo maka a-jata hika]
cacique mandar Paulo CONJ VBLZ-pedido cigarro
'o cacique mandou o Paulo comprar cigarro'
- (36) *amunau awanakata [hiká maka a-jata Paulo]
cacique mandar cigarro CONJ VBLZ-pedido Paulo
'o cacique mandou o Paulo comprar cigarro' (lit.: o cacique mandou cigarro o Paulo comprar)
- (37) *amunau awanakata [hiká maka Paulo a-jata]
cacique mandar cigarro CONJ Paulo VBLZ-pedido
'o cacique mandou o Paulo comprar cigarro' (lit.: o cacique mandou cigarro o Paulo comprar)
- (38) amunau a-jata [Paulo maka ajata hika]
cacique VBLZ-pedido Paulo CONJ VBLZ-pedido cigarro]
'o cacique pediu para o Paulo comprar cigarro'

- (39) amunau a-jata [hika maka Paulo a-jati]
 cacique VBLZ-pedido cigarro CONJ Paulo VBLZ-pedido
 ‘o cacique pediu para o Paulo comprar cigarro’ (lit.: o cacique pediu cigarro para o Paulo comprar)
- (40) amunau a-jata [hika Paulo i=u-tsa maka a-jati]
 cacique VBLZ-pedido cigarro Paulo 3=DAT-? CONJ VBLZ-pedido
 ‘o cacique pediu para o Paulo comprar cigarro’ (lit.: o cacique pediu cigarro o Paulo para comprar)

Fica evidente, pela comparação das sentenças acima, que o verbo *ajata* admite um número maior de movimentações sintáticas entre os constituintes de sua oração dependente do que o verbo *awanakata*. Este último verbo, aliás, só permite, como mostram os dados, que o *manipulee* seja correferente com o sujeito da construção completiva, enquanto nas construções com o verbo *ajata* um número maior de combinações é possível. Note que, em (39)-(40), a posição de objeto direto do verbo de manipulação *ajata* é ocupada pelo constituinte que, em (38), ocupava a posição de objeto do verbo da construção completiva. Houve, neste caso, alçamento do objeto da completiva para a posição de sujeito desta mesma sentença, e a demissão do objeto direto da oração principal *Paulo*, para a posição de objeto indireto, como em (40), sendo inclusive correferido pelo pronome de terceira pessoa \acute{e} , que aparece posposicionado, como em geral são os objetos indiretos em Mehináku.

Embora, todavia, um verbo permita mais movimentações sintáticas que outro, do ponto de vista de suas caracterizações enquanto verbos de manipulação, tanto *awanakata* quanto *ajata* obedecem aos princípios propostos por Givón para verbos dessa natureza. Independentemente da ordem em que apareçam os constituintes da completiva, o *manipulee* do verbo principal continua a ser o seu objeto (direto ou indireto) e o *manipulee* do verbo principal continua, também, a ser o sujeito da completiva.

Outra questão interessante a respeito da noção de manipulação envolve o uso de construções causativas. Embora, em Mehináku, o recurso mais produtivo de causativização seja por intermédio da sufixação de *-ta* ao verbo não causativo, não sendo necessário, portanto, um verbo causativo lexical específico na oração principal para expressar a noção de um evento que foi causado, as orações causativas acrescentam um novo argumento à construção, fazendo com que haja rearranjo dos argumentos. Vejamos os pares de exemplos abaixo:

- (41) Kuiarapi ekepejuwa=wa
 KUIARAPI sorrir=PFV
 ‘Kuiarapi sorriu’
- (42) tineşu awitsi-ri [ekepejuwa-ta KUIARAPI]
 mulher ser.bonita-NMLZ sorrir-CAUS KUIARAPI
 ‘a mulher bonita fez o KUIARAPI sorrir’
- (43) tineşu=tai elele=we
 mulher=DIM chorar=PFV
 ‘a menina chorou’
- (44) Kiko [elele-te tineşu=tai]
 KIKO chorar-CAUS mulher=DIM
 ‘Kiko fez a menina chorar’

Essas construções não são completivas porque não apresentam um verbo lexical causativo na oração principal, a exemplo de ‘fazer’, por exemplo. Observe, todavia, que a construção causativa introduz a noção de manipulação, pois morfologicamente funciona como o verbo de manipulação ‘fazer’, no sentido de que alguém faz com que alguém faça algo. Nos tipos de construção acima, há o acréscimo de um argumento (*causer*), representado por *tineşu* ‘mulher’ (42) e *Kiko* (44), que não ocorre na oração não causativa correspondente. Esse argumento torna-se o sujeito da oração principal e o sujeito da oração não causativa torna-se o *causee* da oração encaixada. Em outras palavras, esses dois argumentos correspondem, na nomenclatura de Givón (2001), ao manipulador e ao *manipulee*.

10.1.2.1.2. Completivas com verbos de modalidade

Segundo Givón (2001, p. 55), as orações principais que têm como núcleo um verbo de modalidade codificam, semanticamente, ação, estado ou virtude aspectual (início, término, continuação, sucesso, fracasso) ou modal (tentativa, intenção, obrigação, habilidade, possibilidade) de seu sujeito com relação ao evento/estado codificado na oração completiva. Nesta seção, irei mostrar brevemente as construções completivas com um tipo de verbo em Mehináku: *muka-ta* dar-CAUS ‘deixar’.

- (45) nu=muka-ta=wa [jamukuhi ahamaitsa=wa]
 1SG=dar-CAUS=PFV criança correr=PFV
 ‘eu deixei o menino correr’

- (46) i=nunu i=muka-ta=wa [tineşu=tai ija waku]
 3=mãe 3=dar=CAUS=PFV mulher=DIM ir rio
 ‘a mãe dela deixou que a menina fosse no rio’
- (47) pu=muka-ta=la [aitsu aw=aitʃa aruwi]?
 2SG=dar-CAUS=FUT 1PL 1PL=comer arroz
 ‘você vai nos deixar comer arroz?’

Os exemplos acima mostram que as orações completivas que funcionam como argumento do verbo *mukata* ‘deixar’ ocorrem por meio de justaposição, e são pospostas ao núcleo do predicado principal. Como ocorre com os verbos de manipulação, o verbo da oração principal tem um agente que manipula o comportamento do *manipulee*, que por sua vez é correferente com o agente do verbo da completiva. Do ponto de vista sintático, o manipulador da oração principal é o sujeito da oração e o *manipulee*, por sua vez, é seu objeto. Também nas construções de modalidade, o *manipulee* do verbo principal é o sujeito da oração completiva.

Em (46)-(47) temos um exemplo, entretanto, que diferentemente do que ocorreu com os verbos de manipulação, parece se enquadrar no critério de finitude propostos por Givón (2011), já que, nestes casos, o verbo da construção completiva de modalidade exhibe morfologia menos finita em relação ao verbo da principal.

10.1.2.1.3. Completivas com verbos de percepção-cognição-experiência

Os verbos de percepção-cognição-experiência, segundo Givón (2001), codificam um estado mental ou um evento relacionado a essas propriedades semânticas. Essa noção de percepção, cognição e experiência, por exemplo, pode ser dada por meio de verbos como ‘ouvir’, ‘ver’, ‘lembrar’, ‘esquecer’, ‘saber’ e alguns outros. Em Mehináku, não encontrei diferença entre as orações completivas com esses tipos de verbos e aquelas de manipulação ou modalidade. Em ambos os casos, ocorre a justaposição da sentença dependente na sentença principal, seguindo dos mesmos princípios propostos por Givón (2011) que serviram para as anteriores. Vejamos os casos abaixo, em que os verbos *eteme* ‘escutar’, *nupa* ‘ver’, *itʃitʃui* ‘lembrar’ e *tata* ‘saber’ desempenham a função de núcleo da oração principal:

- (48) tineşu eteme=pei [pe=me akama=wi=ku]_{oc}
 1SG=ouvir=IPFV 2SG=marido morrer=REP=DECL
 ‘a mulher está ouvindo que o marido morreu’
- (49) pi=tsineşu-la=nai e-kemeju-ta natu=wi=ku
 2SG=mulher-POSS=LOC VBLZ-nojo-CAUS 1SG=REP=DECL
 n=eteme kani=ku=hã [pi=tseneşu-la=nau k=a-jajaka=pai]_{oc}
 1SG=escutar DEM=DECL=ENF 2SG=mulher-POSS=PL ATR=VBLZ-fala=IPFV
 ‘as mulheres da sua aldeia tem nojo de mim
 Eu escutei as mulheres da sua aldeia falando’ (Itxuna)
- (50) Pá kutsa eteme [unu k=a-jajaka=wa]_{oc}
 INTERJ EVID.IND 3.escutar socó ATR=VBLZ-fala=PFV
 eteme kutsa [wau k=a-jajaka=wa]_{oc}
 3.escutar EVID.IND lobo ATR=VBLZ-fala=PFV
 ‘Nossa, diz que ele escutou o socó falar
 Diz que escutou o lobo falar’ (Itxuna)
- (51) tineşu u=nupa [pe=me akama=wi=ku]_{oc}
 mulher 3=ver 2SG=marido morrer=REP=DECL
 ‘a mulher viu que o marido morreu’
- (52) enişa u=nupa=wa [janumaka u=nuka=wa tineşu]_{oc}
 homem 3=ver=PFV onça 3=matar=PFV mulher
 ‘o homem viu que a onça matou a mulher’
- (53) i=nunu in=itʃitʃu [in=itsu-pa-lu kau=tai=pai]
 3=mãe 3=lembrar 3=filha-EST-FEM doer=DIM=IPFV
 ‘a mãe dela lembrou que sua filha está doente’
- (54) aitsa n=itʃitʃui=tse=ne [uku kalaka=wa]
 NEG 1SG=lembrar=ITER-PONT flecha quebrar=PFV
 ‘eu esqueci que a flecha estava quebrada’ (lit.: eu não lembrei que a flecha
 estava quebrada)
- (55) amunau i=tata [janumaka u=nuka tineşu=wi=ku]
 cacique 3=saber onça 3=matar mulher=REP=DECL
 ‘o cacique sabia que a onça matou a mulher’

Note que, em todos os casos, não há diferenças entre as completivas com verbos de PCE e aquelas com verbos de manipulação ou modalidade. Em todos os casos, a ordem em que aparecem os constituintes é a mesma e tanto o sujeito da principal quanto o sujeito da completiva desempenham as mesmas funções em todos os tipos de construção. Em algumas línguas Arawak, a exemplo do Paresi (BRANDÃO, 2014), a complementação

com verbos de percepção como ‘saber’ é feita por meio de zero nominalização e presença de posposição após o verbo da completiva. Em Mehináku, todavia, não parece haver esses processos, de modo que é difícil identificar a diferença, em termos gramaticais, entre orações completivas e orações relativas.

10.1.2.1.4. Completivas com verbos de enunciação

Separei as orações completivas com verbos de enunciação porque o comportamento de um desses verbos tende a diferir do comportamento dos verbos de manipulação, modalidade e PCE, em termos da ordem da oração dependente na sentença. Estou me referindo aos verbos *kajajaka* ‘falar’ e *numa* ‘dizer’. O primeiro comporta-se da mesma forma que os demais verbos, posicionando a oração dependente após a oração principal, como nos exemplos abaixo:

(56) amunau k=a-jajaka=pai [tineşu u=nupa=wa janumaka]_{oc}
 cacique ATR=VBLZ-fala=IPFV mulher 3=ver=PFV onça
 ‘O cacique falou que a mulher viu a onça’

(57) tineşu k=a-jajaka=wa [janumaka u=nuka pe=me]_{oc}
 mulher ATR=VBLZ-fala=PFV onça 3=matar 2SG=marido
 ‘a mulher falou que a onça matou teu marido’

O quotativo *numa*, por sua vez, tende a posicionar a oração principal após a oração complemento, como nos exemplos seguintes (58)-(59). Esta não é, entretanto, uma regra absoluta, já que é possível que a oração encaixada apareça também depois do predicado, como em ().

(58) [nu=me pata au alapi, alapi=taku ija=wi=ku=hã]_{oc}
 1SG=marido puxar 1PL aguapé aguapé=LOC 3.ir=REP=DECL=ENF

Mama numa=pai
 mãe.POSS dizer=IPFV
 ‘minha mãe disse para o meu marido para nós irmos puxar aguapé’ (lit.: meu marido puxar aguapé nós, minha mãe disse) (Atulaitsaki)

(59) [pi=hit[a=tai]_{oc} numa=pai kene=hã
 2SG=mudar=DIM 3.dizer=IPFV DEM=ENF
 ‘muda um pouquinho, ele disse para aquele (pássaro)’ (Alua)

- (60) tineʃu=tai numa=pai=ku [janumaka u=nuka janukuhi]_{oc}
mulher=DIM dizer=IPFV=DECL onça 3=matar menino
‘a menina disse que a onça matou o menino’

O exemplo abaixo mostra o contraste entre a tendência de ocorrência desses dois tipos de construção. Veja que quando o verbo *numa* ‘dizer’ aparece como núcleo da principal, segue a encaixada, enquanto o verbo *kajajaka* ‘falar’ precede a encaixada nesta mesma função.

- (61) [p=uma=pai ʃa=hã]_{oc} numa nu=piri=ku=hã?
2SG=aceitar=IPFV DEM=ENF 3.dizer 1SG=BEN=DECL=ENF
- nu=tukaka k=a-jajaka=wi [n=uma=pai
1SG=irmão ATR=VBLZ-fala=PFV 1SG=aceitar=IPFV
- nu=me-paitʃa=wi=ku]_{oc}
1SG=marido-PROSP=DECL=ENF
‘aceita ele, ele disse para mim
Meu irmão falou para eu aceitar meu futuro marido’ (Kanupai)

10.1.2.2. Relativas

Denomina-se oração relativa (OR) aquela construção formada por um núcleo e uma oração restritiva. De acordo com Givón (2001, p. 176), enquanto a oração completiva se encaixa no verbo, a oração relativa encaixa-se em um nome e por isso pode ser definida como a oração subordinada que expressa um estado ou evento em que um dos participantes é correferente de um núcleo nominal por ela modificado. Em Mehináku, não é fácil determinar a diferença entre orações relativas e completivas, porque em geral elas possuem estruturas parecidas. Embora essa análise seja preliminar, já que poucos são os dados que disponho a respeito desse processo, estou assumindo, inicialmente, que a relativização é marcada em Mehináku por meio do nominalizador *-ri*, conforme mostro nos exemplos seguintes:

- (62) Pa! hitʃa=li=ku=hã uni=ja=tse=ku=hã
 INTERJ 3.aparecer=CONT=DECL=ENF água=LOC=LOC=DECL=ENF
- p=unupa=wi=ku=hã!
 2SG=ver=3PL.O=DECL=ENF
- janumaka=li=ku=hã [jalaki-ri hitʃa=pai=ku=hã]OR
 onça=CONT=DECL=ENF ser.preta-NMLZ aparecer=IPFV=DECL=ENF
- ehé, p=akama=la matike=ku=hã
 INTERJ 2SG=morrer=FUT depois=DECL=ENF
 ‘Nossa, aparece na água!
 Você a vê.
 A onça que é preta aparecendo.
 Nossa, você vai morrer depois’ (Yanumaka Yalaki)
- (63) mama tuma=pai makula [awitsi-ri-tipe]OR
 mãe fazer=IPFV panela.de.barro grande-NMLZ-PL
 ‘a mãe está fazendo panelas de barro que são bonitas’
- (64) ije=ne=ku=hã, şamalu u=nuka=wa mama-tipa-lu=wi
 ir=dir=DECL=ENF otário 3=matar=PFV mãe-CLF.idade-FEM=PFV
- ije=ne [u=nuka-ri=ku=hã kene şamalu!]OR
 IR=DIR 3=matar-NMLZ=DECL=ENF DEM otario
 ‘foi embora o otário que matou a mãe
 foi embora aquele otário que matou’ (Alua)
- (65) ehé weku=nau k=a-jajakai-ri=nau
 INTERJ neto(?)=PL ATR=VBLZ-fala-NMLZ=PL
- j=awitsi-ri-pa-hi-kuwa
 2PL=ser.bonito-NMLZ-POSS-?-ANTICAUS
 ‘os netos, aqueles que falam, que vocês são bonitos’ (Ukalu)

Em alguns dados que disponho, a noção de relativização parece também dar-se por intermédio dos pronomes demonstrativos, como mostram os exemplos seguintes:

- (66) kala=hã n=iju haju akene ahã,
 DEM=ENF 1SG=esposa filho defecar INTERJ
- numa i=piri=ku **kene** i=nu=wi=ku=hã
 3.dizer 3=BEN=DECL DEM 3=esposa=REP=DECL=ENF
- i=nai emeheşe=wi=ku
 3=LOC limpar.a.bunda=REP=DECL
 ‘Minha esposa, o filho fez cocô (acho) ahã!
 disse ele para a ela, aquela que é esposa dele.
 Lá, limpa a bunda (dele, a bunda do sapo)’ (Katutukalu)
- (67) pi=tsineşu=la=nau e-kemeju-ta natu=wi=ku
 2SG=mulheres-POSS=PL VBLZ=nojo-CAUS 1SG=REP=DECL
- n=eteme-tsu **kani**=ku=hã pi=tsineşu=la=nau
 1SG=escutar-? DEM=DECL=ENF 2SG=mulheres-POSS=PL
 ‘as suas mulheres (da sua aldeia) estavam me xingando
 Eu escutei aquelas que são suas mulheres’ (Itxuna)
- (68) şa=nai i=naputa i=taluneku **kene**=ku=hã alue=ku=hã
 DEM=LOC 3=encontrar 3=primo DEM=DECL=ENF morcego=DECL=ENF
 ‘lá, ele encontrou o primo dele que é morcego’ (Alua)

10.1.2.3. Adverbiais

Segundo Thompson *at ali.* (2007), as sentenças adverbiais são subordinadas cuja função é modificar o verbo, um sintagma verbal ou uma outra oração. Nesse sentido, atuam de forma semelhante aos advérbios, uma vez que exercem o papel de modificadores, e conseqüentemente demonstram sua relação de proximidade com os papéis semânticos, em oposição às orações completivas, por exemplo, que como vimos, funcionam ligadas às funções sintáticas de sujeito e objeto. Irei apresentar adiante três tipos de construção adverbiais em Mehináku: (i) causais, (ii) condicionais e (iii) conclusivas. Não irei apresentar orações adverbiais de tempo porque não há, aparentemente, nenhuma marcação, em termos de conjunção ou outro conectivo, que assinale essa noção em Mehináku. A marcação temporal da sentença é geralmente estabelecida pelos morfemas de TAM (ver §8.10) ou pelos advérbios temporais (ver §5.2.1) nesta língua.

10.1.2.3.1. Causais

As subordinadas causais são aquelas construções em que se apresenta a causa do acontecimento da oração principal. Em Mehináku, a relação de causa é geralmente não marcada, sendo assinalada apenas pela justaposição das sentenças, como nos exemplos abaixo, em que à esquerda é possível ver a sentença causada e à direita a sentença causadora:

- (69) [Renato tuka=pai pianalai] kau=tai=pai
 Renato tomar=ipfv remédio doer=DIM=IPFV
 ‘Renato toma remédio porque está doente’
- (70) [n=elele=we] akama n=atsi-tipa-lu
 1SG=chorar=PFV morrer 1SG=avó=CLF.idade-FEM
 ‘eu chorei porque minha avó morreu’
- (71) [Ana elele=wi=ku] u=maka-na-tuwa=pai
 Ana chorar=REP=DECL 3=rede-?=REFL=IPFV
 ‘Ana chorou porque estava triste’

Em alguns dados, foi possível, entretanto, notar a presença do pronome interrogativo *tinuma*, que funciona como introdutor de perguntas do tipo ‘por que x?’ (ver §3.4 e §9.5.2.2), funcionando como um conectivo conclusivo, como abaixo:

- (72) [Márcia kuhute-ne pa=nai] **tinuma** kulepe=pei
 Márcia lavar-PONT RECP=roupa porque ser.sujo=IPFV
 ‘Márcia lavou o vestido porque estava sujo’
- (73) [Marlene aitsa ija=wa escola=naku=wi=ku]
 Marlene NEG ir=PFV escola=dentro=REP=DECL
- tinuma** ka=tai=pai
 CAUS ATR=filho=IPFV
 ‘Marlene parou de ir à escola porque ela ficou grávida’

10.1.2.3.2. Condicionais

As orações condicionais são utilizadas para se especular sobre o que poderia ocorrer, o que pode ter ocorrido e ou que desejaríamos que ocorresse. Em Mehináku, a

(84) Pá kali=ku=hã aitsa i=muka=kina
 INTERJ DEM=DECL=ENF NEG 3=dar=IMP

a=u-le-pe, kupati
 1PL=mandioca=CLF.pastoso peixe

nu=tukaka=nau i=tene=wi=ku=hã
 1SG=irmão=PL 3=COM=RE=DECL=ENF

jukaki=ku patuwanauta i=mapija i=kahi=wa au=aitfu
 por.isso=DECL outras.pessoas 3=peixe(esp.) 3=com=PFV 1PL=comer

jukaki=hã
 por.isso=ENF
 ‘Nossa, não deram nosso beiju, peixe
 Eu fiquei com meus irmãos
 por isso nós só comíamos peixe dos outros’ (Mama itsitxa natuwiku)

11

Resumo da tese e conclusão

Neste capítulo, apresento um panorama geral da descrição da língua Mehináku, a fim de que o leitor interessado possa ter acesso, de forma resumida e mais facilitada, às principais características dessa língua, em termos de sua fonologia e gramática. Também apresento uma breve conclusão ao final. A apresentação deste panorama segue a mesma sequência em que foram apresentados os capítulos, excluindo o primeiro: fonologia (§11.1), pronomes e posposições (§11.2), numerais e quantificadores (§11.3), adjetivos e advérbios (§11.4), clíticos, partículas, interjeição e ideofones (§11.5), nomes (§11.6), verbos (§11.7), sentenças simples e negação (§11.8) e sentenças complexas (§11.9). A conclusão é apresentada ao final deste resumo (§11.10).

11.1. Fonologia

O Mehináku apresenta 13 fonemas consonantais (/p, t, k, ts, tʃ, ʃ, h, m, n, l, r, j, w/); e 5 vocálicos (/i, i, e, a, u/). Os fonemas /p, k, m, n, w/ sofrem processo de palatalização quando ocorrem depois de [i], enquanto /t/ sofre africacão. /ʃ/ se transforma em [z] entre vogais. As vogais sofrem processos de harmonia vocálica, degeminação, ditongação e elisão. Os glides /w, j/ são consoantes na língua quando operam no ataque de sílabas, e funcionam como vogais, quando operam como semivogais de ditongos. O padrão silábico do Mehináku é (C)V. A nasalização fonética é regressiva na língua, ou seja, o traço nasal da consoante nasal se espalha à esquerda atingindo as vogais que precedem esses segmentos. Obstruintes são opacas ao espalhamento regressivo de nasalidade e soantes são transparentes (considerado /h/, como Chomsky (1968), como um segmento não obstruinte). A nasalidade fonológica é explicada diacronicamente através de duas propostas: debucalização de uma nasal em coda (CORBERA MORI, 2009) ou por apagamento de uma nasal em Onset (PAYNE, 1992), que, ao desaparecerem, teriam deixado vestígio nas vogais atuais do Mehináku. Sobre o acento, as palavras dissilábicas não têm acento fixo, enquanto o acento das trissilábicas e polissilábicas recai sobre a penúltima sílaba. Há alguns contextos que parecem favorecer o deslocamento do acento na língua. Esses contextos, em geral, são aqueles de juntura morfológica, em especial na sufixação, em que morfemas são acrescentados à direita dos itens verbais ou nominais.

11.2. Pronomes e posições

Há apenas um conjunto de pronomes pessoais que codificam as categorias de pessoa (1, 2 e 3) e número (singular e plural) em Mehináku. Este conjunto é composto pelos pronomes livres (*natu* 1SG, *pitsu* 2SG, \emptyset 3, *aitsu* 1PL, *jitsu* 2PL) e suas respectivas formas proclitizadas (*nu*= 1SG, *pi*= 2SG, *i*= 3, *a*= 1PL, *ji*= 2SG) que diferem quanto à classe em que se anexam: se as formas proclitizadas se anexam a nomes, funcionam como possuidores (genitivo), e, se a verbos ou posições, funcionam como sujeitos ou argumento de posição, respectivamente. Não há distinção de gênero entre as formas de terceira pessoa, como havia no Proto-Arawak.

Os pronomes demonstrativos tendem a preceder os nomes ou os sintagmas nominais, mas também podem seguir, e são dêiticos, pois são utilizados para determinar, em termos aproximados, a distância do falante em relação a algo ou alguém no espaço. Os demonstrativos adnominais em Mehináku podem ser proximais (*iʒi*, *kata*), mediais (*ʒene*) e distais (*ʒa*, *kene*, *kani*).

Não há, aparentemente, pronome exclusivamente usado para expressar indefinição, mas há certos recursos na língua que permitem expressar essa ideia e que podem ser usados em função pronominal. Em geral, essas formas fazem referência à terceira pessoa do discurso, são elas: o nome *une* ‘pessoa/gente’ e o demonstrativo distal *ʒa*. O pronome interrogativo é *atsa* e suas combinações, e há também uma proforma interrogativa *ti*, que se combina com outras formas da língua para expressar perguntas sobre lugar.

Encontrei 17 formas que considero como posições em Mehináku: dativo =*iu*, dativo =*piri*; comitativo/instrumental =*tenu*; comitativo/relacional =*kahi*; locativo =*nai*; locativo =*itsa*; locativo =*ja*; locativo =*taku*; perlativo =*wa*; dentro =*naku*; embaixo =*tepu*; em cima =*penu*; ao lado =*palu*; perto =*kanu*; fora =*pajuma*; direcional =*maka*; e outro =*pawa*.

11.3. Numerais e quantificadores

Há pelo menos três sistemas de contagem possíveis em Mehináku, sendo dois deles mais extensos (até o número 20), e um terceiro menos extenso e mais genérico (até 10), que refletem o número de dedos dos pés e das mãos dos falantes. Todas as três formas

de contagem são iguais até o número 5, divergindo entre si a partir deste número. Somente os três primeiros números, de 1 a 3, são básicos ou autônomos, ou seja, não derivam de nenhum outro número. Os números básicos são *pawitsa* ‘um’, *mipijama* ‘dois’ e *kamajukula* ‘três’. Os números precedem os nomes que modificam e podem se combinar com morfemas para expressar diferentes noções.

É possível, em Mehináku, estabelecer algumas estratégias de contagem que envolvem operações de adição e multiplicação. A estratégia de adição utiliza as mãos como parâmetro. Os falantes selecionam determinada quantidade de dedos em uma mão, e, na outra, a mesma quantidade, e somam essas duas quantidades chegando ao resultado da adição. A construção dessa operação utiliza demonstrativos e posposições. A estratégia de multiplicação serve para indicar que determinado número se repete mais de uma vez. Utiliza-se o morfema existencial =*waka* anexado ao número.

Os quantificadores encontrados em Mehináku são: *amunuja* ‘muito’; *ahātai* ‘pouco’; *mamala* ‘todo’ e *patã* ‘apenas/somente’.

11.4. Palavras descritivas e advérbios

Defendo que não há, em Mehináku, uma classe prototípica ou aberta de adjetivos que podem ocorrer de forma autônoma em relação a nomes e verbos. Assumo que as formas que teoricamente poderiam ser consideradas adjetivais na língua pertencem à subclasse dos verbos estativos, desempenhando função descritiva. Quando estes verbos funcionam atribuindo características ou propriedades – o que prototipicamente seria característica de adjetivos – e, portanto, modificando o nome que acompanham, precisam ser nominalizados por meio de um dos seguintes morfemas nominalizadores: *-ri* ou *-ti* (e seu alomorfe *-tsi*, que ocorre depois de palavras terminadas em [i]).

Os advérbios em Mehináku são de três tipos: de tempo, de modo e de dúvida. A referência a lugares é geralmente feita na língua por meio de posposições. A noção de intensidade é coberta por quantificadores. Os advérbios de tempo são: *hekuja* ‘antigamente’, *tišawaitsa* ‘passado recente anterior a ontem’, *tfawaka* ‘ontem’, *išipai* ‘hoje/agora’, *matamujaka* ‘amanhã’, *jehitsa* ‘cedo’, *mujaka* ‘de manhã’, *matika* ‘depois’, *naitse* ‘depois’, *išinaitsa...kami* ‘mais tarde’, *kamitapika* ‘a tarde’, *jejawa* ‘a noite’, *kamiwa* ‘de dia’, *mijakatita* ‘sempre’, *mijawaka* ‘pouco tempo depois’, *jakitsa* ‘depois’, *maluwaitsa* ‘depois’ e *kirijumai* ‘primeiramente’.

11.5. Clíticos, partículas, interjeição e ideofones

Os clíticos encontrados em Mehináku podem ser divididos em duas categorias: clíticos pronominais e clíticos clausais. Os clíticos pronominais são os proclíticos pronominais, porque se adjungem à esquerda das bases, enquanto os demais são enclíticos, com exceção do atributivo *ka=*, que se anexam à direita das mesmas. Os enclíticos incluem os morfemas de tempo, modo e aspecto e as posposições.

São partículas, em Mehináku, as formas utilizadas para introduzir perguntas e também as formas de negação, além daqueles que denotam modalidade e evidencialidade na língua. Essas partículas têm acento próprio e podem, inclusive, tomar morfologia verbal e funcionar na língua denotando várias propriedades.

As interjeições não tomam nenhum tipo de morfologia e, na maioria dos casos, são monomorfêmicas e ocorrem no início das sentenças. Divido-as em dois tipos: emotivas e responsivas. Todas interjeições, sobretudo as emotivas, podem ter as vogais alongadas por questão de ênfase. As emotivas são: *hé* ‘surpresa’, *pá* ‘surpresa’, *eté* ‘surpresa’, *aká* ‘dor’ e *hai* ‘saudação’. As responsivas são: *ahã/ehẽ* ‘afirmação’, *hehẽ* ‘afirmação’ e *hina* ‘afirmação’.

Os ideofones que encontrei em Mehináku são provenientes de histórias tradicionais, e imitam determinados sons escatológicos e barulhos feitos por pessoas realizando ações ou por coisas sofrendo ações. São: *tsiririririri* ‘som de uma mulher urinando’, *puxu, puxu, puxu, puxu, puxu* ‘som de alguém defecando’, *tsapu, tsapu* ‘som da comida sendo consumida’, *tututututu* ‘som do fogo queimando’, *pīwu, pīwu, pīwu, pīwu* ‘som de alguém remando’, *tsakī tsakī, tsakī, tsakī* ‘som da flecha sendo atirada’ e *waká, waká, waka* ‘som de alguém gritando’.

11.6. Nomes

Do ponto de vista morfológico, os nomes em Mehináku podem ocorrer sem modificação ou receber uma série de formativos. O número de prefixos anexados a nomes é reduzido, em comparação à quantidade de sufixos. Em geral, à esquerda dos nomes figuram os proclíticos pronominais em construções de posse nominal, além do prefixo de atributivo (*ka=*), do prefixo de grau excessivo (*au-*), de privação (*ma-*), de

correferencialidade (*pa=*), e, ainda, os prefixos verbalizadores (*a-* e *hu-*). Em relação aos sufixos, descrevo o funcionamento de 18 morfemas deste tipo em Mehináku, que portam uma variedade de significados, incluindo: posse (morfema absoluto: *-i*, de concordância de plural: *-pa*, e de posse alienável: *-la*); grau (diminutivo: *=tai*); gênero (masculino: *-hí*, feminino: *-tu*, *-lu* e *-neṣu*); número (plural [+humano]: *=nau*, plural [-humano, +/-animado]: *-tipe*, coletivo [-humano, +animado]: *-píhí*, coletivo [locativo]: *=taku* e repetitivo (plural associativo): *=ma*); estados de existência (retrospectivo *-wei*, prospectivo: *-paitṣe*); assertividade (assertivo: *=jete*), e, ainda, um sufixo verbalizador (*-ta*).

Os nomes podem também portar classificadores. Descrevi 20 classificadores na tese: *-pi* ‘linear’, *-ja* ‘líquido’, *-tí* ‘semente’, *-pe* ‘massa’, *-pí* ‘grande/redondo’, *-ka* ‘largo’, *=taku* ‘plano’, *-tari* ‘redondo’, *-tapa* ‘volumoso’, *-kana* ‘côncavo’, *=penu* ‘por cima’, *-píku* ‘espaço’, *-mepe* ‘amontoadado’, *=naku* ‘interno’, *-napu* ‘cilíndrico’, *-pana* ‘foliforme’, *típa* ‘idade’, *-kuma* ‘prototípico’, *-nai* ‘roupa’ e *-peku* ‘grande’.

11.7. Verbos

Assim como os nomes, os verbos recebem poucos prefixos e mais sufixos em Mehináku. Ocorrem à esquerda dos verbos os proclíticos pronominais, o mesmo conjunto que se anexa a nomes. No caso dos verbos, estes proclíticos desempenham função de sujeito das construções com verbos transitivos e com a maioria dos verbos intransitivos. Outros prefixos/proclíticos incluem: o privativo *ma-*, o atributivo *ka=* e o recíproco *pa=*. É interessante observar, neste caso, que no que tange aos prefixos e proclíticos, nomes e verbos compartilham de grande similaridade.

Os sufixos e enclíticos, por sua vez, são exclusivos de cada uma dessas classes, e são mais numerosos e diversos, em termos das categorias que codificam, que os prefixos e proclíticos. Expressam, em Mehináku: tempo (futuro: *=la*, uma vez que não há distinção marcada entre passado/presente), aspecto (perfectivo *=wa/=wi*, imperfectivo *=pai*, pontual *=ne*, atenuativo *=tai*, asseverativo *=jete*, transicional *=tíka*, iterativo *=tsa* e continuativo *=li*) e modo (repetitivo *=ma*, declarativo *=ku*, direcional *=ne*, e impessoal *=kína*), além de redução (reflexivo *=tuwa*, anticausativo *=kuwa*) e aumento (causativo *-ta*) de valência. São expressos por meio de sufixos também: o plural de terceira pessoa -

pa, que diferencia a terceira pessoa do singular e do plural em posição de sujeito; os objetos de terceira pessoa, que incluem a terceira pessoa do singular *-ni*, do plural *-pi* e a terceira pessoa impessoal *-wi*, e, ainda, os morfemas existencial *=waka* e transformativo *-henei*. A modalidade e a evidencialidade são expressas por meio de partículas: potencial *mija*; dubitativos *kala*, *pijala*, *m̃na* e *kuma*; e desiderativo *kuta*. A evidencialidade indireta é marcada por *kutsa*.

Não há marcação dedicada para cópula e o quotativo é representado por *numa*. Há duas estratégias de nominalização em Mehináku: uma morfológica, por meio da afixação do sufixo nominalizador *-ki* ao verbo, e outra suprasegmental, por meio da nasalização da última sílaba do item a ser nominalizado.

11.8. Sentenças simples e negação

A sentença declarativa simples em Mehináku é aquela declarativa, afirmativa e ativa, que é considerada, tradicionalmente, como a unidade básica e representativa das demais sentenças e das quais sentenças mais complexas são variantes/derivadas. Esse tipo de sentença tem como núcleo um verbo (ou predicado) que semanticamente requer de forma obrigatória alguns papéis semânticos (ou funções semânticas) específicos dos participantes do evento que codifica, e, sintaticamente, estabelece alguns participantes que assumem papéis gramaticais (ou funções gramaticais) na sentença que integram. É o participante que figura em posição de sujeito em Mehináku, que é obrigatório, bem como a ordem dos constituintes, que auxiliam na delimitação dos componentes que constroem as sentenças na língua, ou seja, que ajudam a determinar/mapear quem é o sujeito, o objeto e o argumento oblíquo, uma vez que o sujeito é sempre marcado, sendo o objeto e os argumentos oblíquos opcionais.

Os argumentos nucleares em Mehináku são sujeito e objeto. Os sujeitos tendem a aparecer antes do verbo, embora eles possam aparecer em outras posições a depender de questões pragmáticas, enquanto os objetos tendem a seguir o verbo. Os sujeitos são obrigatórios na sentença, enquanto os objetos podem ser suprimidos por influência de questões discursivas. Quando pronominais, sujeitos, em geral, são marcados por proclíticos pessoais, enquanto objetos são marcados por pronomes livres. Somente a terceira pessoa em posição de objeto é presa. Há correferência entre sujeitos quando ocorre, na mesma sentença, a presença do pronome livre e do proclítico pessoal, embora

a presença do pronome livre seja opcional e marcada, já que ocorre por questões de ênfase. Há também correferência entre sujeitos lexicais e pronominais de terceira pessoa com alguns tipos de verbos, como o verbo *nupa* ‘ver’, que exige um sujeito de terceira pessoa procliticizado *u=nupa 3=ver* ‘ele vê’, mesmo que haja um sujeito de terceira pessoa lexical, como em Paulo *u=nupa Paulo 3=ver* ‘Paulo vê’. Não há correferência, por outro lado, entre as formas de objeto, porque o pronome preso, por exemplo, somente é usado quando não há outro objeto marcado. Os argumentos oblíquos são marcados por posposição em Mehináku e não são obrigatórios.

A ordem padrão básica dos constituintes em Mehináku é SVO (AVO) em sentenças transitivas e SV, em sentenças intransitivas. Foi possível encontrar nos textos transcritos, entretanto, também a ordem alternativa VA, para transitivas, e VS, para intransitivas, embora esses sejam exemplos bastante raros.

Do ponto de vista da relação entre predicados verbais e alinhamento sintático, o Mehináku parece ser uma língua ativo-estativa, sem marcação de caso. Ocorre alinhamento entre os sujeitos do verbo transitivo e de quase todos os verbos intransitivos (todos marcados pelo proclíticos pronominais) e alinhamento entre o sujeito do verbo intransitivo do tipo 2 e o objeto do verbo transitivo (marcados pelos pronomes livres).

Sobre as sentenças não-verbais, as nominais podem ser divididas em Mehináku em dois tipos: (i) *proper inclusion*, e (ii) equativas (ou equivalentes). Em ambos os casos, os sintagmas são formados apenas por justaposição do predicado e do item modificado por ele. A grande maioria dos exemplos de *proper inclusion* são realizados a partir da utilização não dos demonstrativos básicos da língua, mas de formas como *ne*, que acredito serem uma redução de *une* ‘pessoa’, que em geral funciona como uma espécie de pronome indefinido em Mehináku. Em sentenças locativas, a indicação de localidade é realizada, em geral, por meio de posposição anexada ao nome ou ao pronome em Mehináku. Em construções predicativas sem verbo, entretanto, a estratégia utilizada pela língua para marcar localidade é a simples justaposição do elemento predicado e daquele que funciona como predicador.

A maioria das construções do tipo predicativa possessiva não-verbais também é construída a partir de justaposição na língua, e há duas estratégias principais: a primeira, é a simples justaposição, sem qualquer marcação morfológica, enquanto a segunda é a utilização do morfema de atribuição *=ka*, que como o próprio nome sugere, atribui a propriedade de ter à construção.

As interrogativas polares obtêm como resposta positiva uma das interjeições responsivas em Mehináku, e, como resposta negativa, a partícula de negação *aitsa*, que pode vir combinada com morfemas aspectuais e modais, a depender de como se nega a proposição. Além disso, não há na língua nenhum recurso morfossintático, a exemplo de partículas ou morfemas, utilizado como introdutor de perguntas, sendo a entonação ascendente a única estratégia empregada nestes casos.

As perguntas de informação são introduzidas por meio de partículas e proformas interrogativas, que em geral tendem a ocorrer no início da sentença. Essas formas interrogativas introduzem perguntas que exigem respostas mais elaboradas ou completas, em termos informacionais, do que as perguntas polares, cuja indagação pode ser, sem prejuízo ao entendimento, respondida com ‘sim’ ou ‘não’. Obviamente, entretanto, que apesar de serem introduzidas por partículas/proformas, há também nessas perguntas entonação ascendente. As duas formas interrogativas que encontrei em Mehináku são *atsa* e *tĩ*, que se combinam-se com morfemas da língua para expressar diferentes noções interrogativas.

Em Mehináku, tanto sentenças imperativas positivas quanto imperativas negativas comportam-se da mesma forma em relação à caracterização morfológica do verbo, e de fato a marcação morfológica para o imperativo é menos extensa que nos demais modos na língua, uma vez que em ambos os casos (imperativo positivo ou negativo), o verbo não recebe marcação morfológica, seja de tempo ou aspecto, e a ordem dos constituintes não se altera.

A negação pode ser sintática ou morfológica em Mehináku. Sintaticamente, a negação é marcada por meio da partícula *aitsa*, que tende a ocupar a posição pré-verbal e pode receber uma série de formativos de tempo, aspecto e modo, que semanticamente especificam o status da negação. Morfologicamente, por sua vez, a negação é expressa por meio do prefixo privativo *ma-*, que é bastante estável entre as línguas Arawak atuais e cuja forma remonta ao Proto-Arawak. Há, ainda, uma forma proibitiva: *amija*.

11.9. Sentenças complexas

As sentenças complexas são aquelas formadas a partir da combinação de sentenças simples e incluem coordenadas e subordinadas. Em Mehináku, as orações coordenadas não são marcadas por nenhuma marca morfológica, e, na maioria dos casos,

a estratégia padrão para a construção desse tipo de sentença é a justaposição das duas sentenças independentes.

Embora o modo padrão seja a justaposição, as conjuntivas podem ser construídas a partir de algumas estratégias. Estas estratégias envolvem o uso de advérbios temporais, interjeições e outras formas discursivas. Quatro dessas formas foram encontradas em meus dados: *maluwaitsa*, *naitsa*, *pá* e *tá*. As palavras *maluwaitsa* e *naitsa* são advérbios de tempo que os falantes, em geral, traduzem como ‘depois’. A forma *pá* é uma interjeição em Mehináku, mas que pode, em alguns casos, funcionar como uma espécie de conjunção aditiva. A última forma que encontrei funcionando como uma espécie de conjunção é *tá*, que estou analisando como um empréstimo da forma ‘tá’, marcador discursivo do português.

As orações adversativas são aquelas em que, tradicionalmente, há um contraste entre as orações coordenadas. Em Mehináku, as construções adversativas não apresentam nenhuma marcação morfológica específica, que estabeleça uma relação de contrariedade entre as orações. Como as conjuntivas, são formadas apenas pela justaposição das sentenças. O contraste, neste caso, é estabelecido pela própria temporalidade/aspectualidade dos eventos, que descrevem ações em diferentes instâncias temporais. É possível também estabelecer relações adversativas entre sentenças, negando um dos predicados. Neste caso, utiliza-se a partícula negativa *aitsa*.

Nas construções alternativas não parece haver, também, nenhuma marcação morfológica que exprima essa noção, mas é possível construir sentenças alternativas posicionando a partícula dubitativa *kala* antes dos verbos.

As subordinadas podem ser completivas, relativas ou adverbiais. Tanto as completivas paratáticas com verbos de manipulação, quanto aquelas de modalidade e percepção-cognição-experiência, se comportam da mesma forma em Mehináku, em termos da posição em que figura a oração principal e a dependente. Somente a construção completiva de enunciação apresenta verbos que, quando figuram como predicado da oração principal, parecem fazer com que esta oração tenda a aparecer após a oração dependente. Todos os demais verbos apresentam a ordem OP[OC] (oração principal[oração dependente]). Não parece haver, também, morfemas de complementação, de modo que a justaposição das orações é a estratégia mais comum na construção de orações completivas.

Em Mehináku, não é fácil determinar a diferença entre orações relativas e completivas, porque em geral elas possuem estruturas parecidas. Embora essa análise seja

preliminar, já que poucos são os dados que disponho a respeito desse processo, estou assumindo, inicialmente, que a relativização é marcada em Mehináku por meio do nominalizador *-ri*.

As sentenças adverbiais são subordinadas cuja função é modificar o verbo, um sintagma verbal ou uma outra oração. Em Mehináku podem ser causais, condicionais e conclusivas. As orações adverbiais de tempo são construídas apenas por justaposição, sem nenhuma marcação, em termos de conjunção ou outro conectivo, que assinale essa noção em Mehináku. A marcação temporal da sentença é geralmente estabelecida pelos morfemas de TAM (ver §8.10) ou pelos advérbios temporais (ver §5.2.1) nesta língua.

As orações causais são geralmente não marcadas, sendo assinalada apenas pela justaposição das sentenças ou por meio da forma *tinuma*. A expressão de condicionalidade é feita por meio da partícula potencial *mija* e as construções conclusivas são construídas com o auxílio da partícula *jukaka*, que pode ser traduzida de forma aproximada como ‘por isso’, ‘por este motivo’. Essa partícula tende a ser posicionada após a primeira sentença.

11.10. Conclusão

Esta tese teve como objetivo fornecer um apanhado geral das principais características fonológicas e gramaticais da língua Mehináku. Este trabalho é bastante significativo e relevante porque contribui para o conhecimento das línguas Arawak do subgrupo xinguano (segundo a classificação de Aikhenvald (1999)), que do ponto de vista de descrição linguística é pouquíssimo conhecido. Há apenas dois trabalhos de descrição das línguas desse grupo: Mujica (1992), para o Yawalapiti, e Postigo (2014), para o Wauja. O primeiro é bastante preliminar, e o segundo, assim como essa tese, é uma descrição parcial da gramática de uma língua irmã do Mehináku.

Embora não tenha sido possível solucionar algumas questões descritas nesta pesquisa, ou fornecer uma descrição mais ampla dessa língua, porque para isso seria preciso mais tempo do que aquele que o doutorado dispõe, acredito que este trabalho forneça uma visão geral e detalhada de vários tópicos dessa língua, sobretudo a partir de dados naturais de fala, retirados de histórias tradicionais e relatos pessoais dos falantes. Este trabalho é o primeiro a fornecer uma descrição mais ampla da língua Mehináku e, longe de apresentar conclusões definitivas sobre as questões aqui discutidas, abre

caminho para trabalhos futuros, que poderão tanto confirmar, quanto refutar as questões aqui levantadas. Esta é, aliás, uma das funções da ciência: abrir caminhos e estar em constante transformação e evolução.

Este trabalho é também importante do ponto de vista social, porque permitirá, a partir do conhecimento mais amplo da língua, que se produza materiais didáticos para ensino da língua Mehináku nas comunidades Mehináku. O Mehináku é uma língua em estado de vulnerabilidade linguística, e, por isso, esta é uma tarefa sobre a qual também pretendo me debruçar no futuro. Em tempos em que vidas indígenas são constantemente ceifadas e os povos indígenas são deixados à margem da sociedade, negligenciados pelas políticas de estado e acometidos cada vez mais pela perda de suas terras e vidas, trabalhos como este, ainda que muito inicialmente, ajudam a compreender e a conhecer mais sobre a riqueza e a diversidade de nossos povos, expressas a partir de suas culturas e línguas.

Referências

- ABAURRE, Maria Bernadete; SANDALO, Filomena. Representação e subespecificação de vogais no português. *Cadernos de Pesquisas em Linguística*, 4.1: 21-40. Porto Alegre, 2009.
- ADAM, L. Trois familles linguistiques des bassins de l'Amazone et de l'Orénoque. *Annales du Congrès International des Américanistes*, 7, 489-96, 1890.
- AGOSTINHO DA SILVA, P. Testemunhos da ocupação Pré-Xinguana na Bacia dos Formadores do Xingu. In: COELHO, V. P. (Org.). *Karl Von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, pp. 233-287.
- AIKHENVALD, A. Y. Areal diffusion and language contact in the Içana-Vaupés basin, north-west Amazonia. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Eds). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 385-413.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Classe nominal e gênero em línguas Aruák. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 1994c, pp. 137-259.
- AIKHENVALD, Alexandra. 'Me', 'us', and 'others'. Expressing the self in Arawak languages of South America, with a focus on Tariana. In: HUNG, Minyao; JASZCZOLT, Kasia M. (eds). *Expressing the Self*. Oxford University Press, 2018, pp. 14-39.
- AIKHENVALD, Alexandra. A view from the North: Genders and classifiers in Arawak languages of north-west Amazonia. In: AIKHENVALD, Alexandra Y.; MIHAS, I. Elena. *Genders and Classifiers*. Oxford University Press, 2019, pp. 103-143.
- AIKHENVALD, Alexandra. Areal diffusion in Northwest Amazonia: the case of Tariana. *Anthropological Linguistics*, nº 38, 1996, pp. 73-116.
- AIKHENVALD, Alexandra. Areal diffusion, genetic inheritance, and problems of subgrouping: a north Arawak case study. In: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (eds.). *Areal diffusion and genetic inheritance*. Oxford: Oxford University Press, 2001, pp. 167-194.
- AIKHENVALD, Alexandra. *Language Contact in Amazonia*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- AIKHENVALD, Alexandra. The Arawak language family. In: DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, Alexandra (eds.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 65-102.
- AWETI, Makaulaka Mehinako. Uma descrição preliminar das classes de palavras da língua Mehináku, com foco especial na classe dos nomes. *Dissertação de mestrado*, UnB, Brasília, 2014.
- BALL, Christopher G. Out of the Park: Trajectories of Wauja (Xingu Arawak) Language and Culture. *Doctoral dissertation*, University of Chicago, 297pp, 2007.
- BAUER, L. Derivational paradigms. In G. Booij and J. van Marle (eds.). *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1997, pp. 243-256.

- BECQUELIN, P. Arqueologia Xinguana. In: COELHO, V. P. (Org.). *Karl Von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, pp. 223-32.
- BICKEL, B.; NICHOLS, J. Obligatory Possessive Inflection. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011. Disponível em: <http://wals.info/chapter/58>.
- BICKFORD, J. Albert. Tools for analyzing the world's languages: Morphology and syntax. Online book (pdf format) and hard copy. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1998.
- BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. GOLDSMITH, John A. *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- BOOIJ, G. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford University Press, 2005.
- BOSQUE, I. *Las categorías gramaticales*. Madrid: Editorial SINTESIS, 1991.
- BOWERN, C. *Linguistic Fieldwork: a practical guide*. Palgrave Macmillan. Rice University, 2008.
- BRANDÃO, Ana Paula B. A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak). PhD Thesis. University of Texas at Austin, 2014.
- BRINTON, D. G. *The American race*. New York: Hodges Publisher, 1981.
- CÂMARA-CABRAL, Anna Suely *et al.* Classificadores nominais em três línguas indígenas da Amazônia brasileira: ampliando tipologias. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. V.6, n.1, 2014.
- CARVALHO, Fernando Orphão de. Diachronic labial palatalization in Xinguan Arawak. *Liames (UNICAMP)*, v. 16, 2016c, pp. 349-360.
- CARVALHO, Fernando Orphão de. Internal and Comparative Reconstruction in Yawalapiti: Palatalization and Rule Telescoping. *International Journal of American Linguistics*, v. 82, 2016b, pp. 285-316.
- CARVALHO, Fernando Orphão de. Obscure Cognates and Lexical Reconstruction: Notes on the Diachrony of the Xinguan Arawak Languages. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 11, 2016a, pp. 277-294.
- CARVALHO, Fernando Orphão de. On the realization of nominal possession in Mehináku: a diachronic account. *International Journal of American Linguistics*, v. 81, 2015, pp. 119-132.
- CHAGAS DE SOUZA, Paulo. Harmonia Vocálica, Contrastividade e Licenciamento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n.4. 211-219, 2003.
- CHAGAS DE SOUZA, Paulo. O Finlandês e o Húngaro e a Tipologia da Harmonia e da Desarmonia Vocálica. *Revista Letras*. v. 21. 77-96, 2004.
- CHAPPELL, Hilary; MCGREGOR, William. Prolegomena to a theory of inalienability. In: CHAPPELL, Hilary; MCGREGOR, William. *The grammar of inalienability: a typological perspective on body part terms and the part-whole relation*. 1996b.

- CHAPPELL, Hilary; MCGREGOR, William. The grammar of inalienability: a typological perspective on body part terms and the part-whole relation. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1996a.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. The Sound Pattern of English. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Organization of Speech Sounds. In: John Goldsmith (ed.). Handbook of Phonological Theory. Oxford: Basil Blackwell, Oxford, 1995, pp. 245-306.
- CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. CV Phonology. A generative theory of the syllable. Cambridge: MIT Press, 1983.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, pp. 101-129.
- COMRIE, B. Aspect. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology*. 2nd edition. Oxford: Blackwell, 1989.
- COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford: Basil Blackwell, 1989. COMRIE, B.; SMITH, G. Questionnaire. *Lingua Descriptive Studies*, 1977.
- COMRIE, Bernard; SMITH, G. Questionnaire. *Lingua Descriptive Studies*, 1977.
- COMRIE, B. Tense. Cambridge textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CORBERA MORI (s/d). Questionário lexical para coleta de dados de campo. Instituto de Estudos da linguagem. Universidade Estadual de Campinas (não publicado).
- CORBERA MORI, Angel H.; DO CARMO FERREIRA, J. Breve caracterização dos tipos de negação em Mehinaku (Arawák). *Estudos linguísticos* (SÃO PAULO), v. 48, p. 1286-1306, 2019.
- CORBERA MORI, Angel Humberto; DO CARMO FERREIRA, J. Breve caracterização dos tipos de negação em Mehinaku (Arawák). *Estudos linguísticos* (São Paulo), v. 48(3), 2019, pp. 1286-1306.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. A posse nominal em línguas Arawak do sul e Arawak central: uma abordagem descritiva. *Estudos linguísticos*. Campinas-SP, vol. 34, 2005, pp. 263-268.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. Aspectos da estrutura nominal em Mehináku (Arawák). *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 1, 2007, pp. 249-257.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. Aspectos da fonologia segmental do Mehináku. *Estudos linguísticos*, São Paulo, 37 (1), 2008b, pp. 63-72.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. Aspectos da morfofonologia e morfologia nominal da língua Mehináku (Arawak). In: FRANCHETTO, Bruna. *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. Rio de Janeiro: Museu do Índio- Funai, 2011, pp. 193-216.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. Relações entre grafemas e segmentos nos vocabulários Waurá e Mehináku de Steinen (1866[1940]). *Revista de Estudos da Linguagem*. UESB. Bahia, n.3, 2006, pp. 143-157.

- CORBERA MORI, Angel Humberto. Sobre a nasalidade de vogais em Mehináku. *Estudos linguísticos*, São Paulo, 38(1), 2009, pp. 213-222.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. Waurá e Mehináku: um breve estudo comparativo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (1), 2012, pp. 196-205.
- CORBETT, G. G. Gender and noun classes. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description: Grammatical Categories and Lexicon*. Second Edition, v.3. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 241-279.
- CORBETT, G. G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. CORBETT, G. G. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CORBETT, G. G. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- COSTA, Maria Heloísa Fénelon. *O mundo dos Mehináku e suas representações visuais*. Brasília: UNB, 1988. 160p.
- COSTA, Maria Heloísa Fénelon. O sobrenatural, o humano e o vegetal na iconologia Mehináku. In: Ribeiro, Berta G. (ed). *Arte índia*. Petrópolis: Vozes, 1986, pp. 239-64.
- COSTA, Maria Heloísa Fénelon. Representações iconográficas do corpo em duas sociedades indígenas: Mehináku e Karajá. *Revista do museu de arqueológico e etnológico*. São Paulo: n. 7, 1997, pp. 65-69.
- CREVELS, Mily. South America. In: MOSELEY, Christopher (Ed.). *Encyclopedia of the world's endangered languages*. London/New York: Routledge, 2007.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CROFT, William. Parts of speech as language universals and as language-particular categories. In: VOGEL, Petra; COMRIE, Bernard. *Approaches to the typology of word classes*. Berlin: Mouton, 2000.
- CROFT, William. *Syntactic categories and grammatical relations: The cognitive organization of information*. Chicago: UCP, 1991.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- DAHL, Östen. Typology of sentence negation. *Linguistics*, Berlin, v. 17, p. 79-106, 1979.
- DANIELSEN, S.; DUNN, M.; MUYSKEN, P. The role of contact in the spreading of Arawak languages. In: HILL, J.; HORNBERG, A. (eds.). *Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory*. Boulder: University of Colorado Press, 2011, pp. 173-196.
- DE FELIPE, P. H. P. S. Acento, harmonia vocálica e o estatuto das aproximantes em Mehináku (Arawak). In: REGÚNAGA, María Alejandra; SPINELLI, Silvia Andrea; ORDEN, María Emilia (Org.). *IV Encuentro de Lenguas Indígenas Americanas- ELIA: libro de actas*. 1.ed. Santa Rosa- Argentina: Universidad Nacion de La Pampa, v. 1, pp. 203-218, 2018c.
- DE FELIPE, P. H. P. S. Aspectos iniciais da fonologia do Mehináku (Língua Arawak do alto Xingu). *Anais do SETA (UNICAMP)*, v. 1, pp. 113-124, 2018b.

- DE FELIPE, P. H. P. S. Aspectos morfológicos dos verbos na língua Mehináku (Arawak). *Estudos linguísticos*, v. 47, pp. 114-125, 2018a
- DE FELIPE, P. H. P. S. Empréstimos do português na língua Mehináku (Arawak). *Estudos linguísticos*, vol. 49, pp. 417-433, 2020a.
- DE FELIPE, P. H. P. S. Empréstimos do português na língua Mehináku (Arawak). *Estudos linguísticos*, v. 49, 2020a, pp. 417-433.
- DE FELIPE, P. H. P. S. Implicações das relações parentais para a terminologia de parentesco consanguíneo em Mehináku (Arawak). *Estudos Linguísticos (São Paulo)*, 1978), v. 49, n. 2, pp. 689-705, jun. 2020b.
- DE FELIPE, P. H. P. S. Implicações das relações parentais para a terminologia de parentesco consanguíneo em Mehináku (Arawak). *Estudos linguísticos*, 2020b.
- DE FELIPE, P. H. P. S. Numerais na língua Mehináku (Arawak). *Estudos linguísticos*, v. 48, pp. 786-799, 2019.
- DE FELIPE, P. H. P. S. *The Mehináku Collection*. The Archive of Indigenous Languages of Latin America. Benson Latin American Studies and Collections: The University of Texas at Austin, Austin, Texas, Estados Unidos, 2020. Disponível em: <https://ailla.utexas.org/islandora/object/ailla%3A272091>.
- DE FELIPE, P. H. P. S.; CORBERA MORI, A. H.; DO CARMO FERREIRA, J. Introdução às línguas indígenas do Brasil: agrupamentos e famílias maiores, política e educação escolar indígena. Campinas: Mercado de Letras (a ser publicado).
- DIESSEL, Holger. *The use of demonstratives in Oneida narratives*. SUNY Buffalo / Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, Leipzig, 1999.
- DIXON, R. M. W. *Basic linguistic theory*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010a.
- DIXON, R. M. W. *Basic linguistic theory*. Volumes 2, grammatical topics. Oxford University Press, 2009.
- DIXON, R. M. W. *Basic linguistic theory*. Volumes 3, grammatical topics. Oxford University Press, 2012.
- DIXON, R. M. W. Field linguistics: a minor manual. *Language Typology and Universals*, 60 (1), 2007, pp. 12-31.
- DIXON, R. M. W. Where Have All the Adjectives Gone? *Studies in Language* 1, pp. 19-80, 1977.
- DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. (eds) Adjective Classes: A Cross-linguistic Typological Study. Oxford: OUP, 2004.
- DRYER, M. S. Descriptive theories, explanatory theories, and basic linguistic theory. In: AMEKA, Felix; DENCH, Alan; EVANS, Nicholas. *Catching Language: Issues. In Grammar Writing*, pp. 207-234. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- DRYER, M. S. On the Six-way Word Order Typology. *Studies in Language* 21, pp. 69-103, 1997.
- DRYER, M. S. Universals of negative position. In: HAMMOND, M.; MORAVCSIK, E. A.; WIRTH, J. (ed.). *Studies in syntactic typology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. pp. 93-124.

- DRYER, M. S. *What is Basic Linguistic Theory*. Acesso em: <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/blt>, 2001.
- DRYER, M. S. Word order. In: SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description*. Vol. 1: Clause Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 [1985], pp. 61-131.
- DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online (WALS)*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011. Versão online disponível em: <http://wals.info/>.
- EPPS, Patience. *A Grammar of Hup*. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 2008.
- FACUNDES, Sidney. *The Language of the Apurinã People of Brazil (Aruák)*. *PhD Dissertation*: SUNY-Buffalo, 2000.
- FUDJE, E. Syllables. *Journal of Linguistics* 5, 1969, pp. 253-287.
- GALVÃO, E.; SIMÕES, M. F. Notícia sobre os índios Txikão - Alto Xingu. *Boletim do MPEG: Série Antropologia*, Belém: MPEG, n.s., n.24, 23 p., 1965.
- GALVÃO, Eduardo. Apontamentos sôbre os índios Kamaiurá. *Museu Nacional. Pub. Avulsas*. N. 5. Rio de Janeiro, 1949.
- GALVÃO, Eduardo. Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto Xingu. *Boletim do Museu Nacional*, n.s., *Antropologia* 14, Rio de Janeiro, 1953.
- GALVÃO, Eduardo. O uso do propulsor entre as tribos do Alto Xingu. *Revista do Museu Paulista*. Vol. IV, São Paulo, 1950, pp. 353-368.
- GILIJ, Filippo Salvatore. *Saggio di storia americana, o sia, Storia naturale, civile e sacra dei regni, e delle provincie spagnuole di Terra-Ferma nell'America Meridionale descritto dall'abate*. Rome, 1782.
- GIVÓN, T. *Syntax: A Functional Typology Introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1990 [1984].
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional typology introduction*. Vol. I-II. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1990 [1984].
- GIVÓN, T. *Syntax. An Introduction*. Vol. I-II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- GOEJE, C. H. de. *The Arawak language of Guiana*. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen, 1928.
- GOEJE, C. H. de. *The Arawak language of Guiana*. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen, 1928.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- GOLDSMITH, J. A. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- GRANADILLO, Tania. *An Ethnographic Account of Language Documentation among the Kurripako of Venezuela*. *PhD thesis*. Tucson: University of Arizona, 2006.
- GREENBERG, Joseph H. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

GREENBERG, Joseph H. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, Joseph H. (ed.). *Universals of Human Language*. Cambridge, Mass: MIT Press, pp. 73-113, 1963.

GREGOR, Thomas; ROBARCHEK, C. Two paths of peace: Semai and Mehinaku nonviolence. In: GREGOR, Thomas. (ed.). *A natural history of peace*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1994, pp. 159-188.

GREGOR, Thomas. Casamento, aliança e paz intertribal. In: FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (orgs.). *Os povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001, pp. 175-192.

GREGOR, Thomas. Exposure and seclusion: a study in institutionalized isolation among the Mehináku people of Brazil. *Ethnology*, n. 9, 1970, pp. 234-250.

GREGOR, Thomas. Mehinako. *Povos Indígenas no Brasil: Instituto Socioambiental*, 2002.

GREGOR, Thomas. *Mehináku: o drama diário de uma aldeia do Alto Xingu*. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.

GREGOR, Thomas. *Mehináku: the drama of daily life in a Brazilian Indian village*. Chicago: University of Chicago Press, 1977.

GREGOR, Thomas. Pahikyawalu: she who is covered with feces. The dialectics of gender among the Mehináku of Brazil. In: RANDOLPH, R.; SCHNEIDER, D. M.; DIAZ, M. N (Orgs.). *The dialectics of gender: anthropological approaches*. Boulder: Westview Press, 1988, pp. 80-90.

GREGOR, Thomas. Social relationships in a small society: a study of the Mehinacu Indians of central Brazil. *Tese de doutorado*. Columbia University, 1963.

HALLE, M.; VERGNAUD, J. R. *Metrical Structures in Phonology*. Cambridge: MIT, 1978.

HALLE, M.; VERGNAUD, J. R. *Metrical Structures in Phonology*. Cambridge: MIT, 1978.

HASPELMATH, M. *Understanding Morphology*. Arnold Publishers, 2002.

HASPELMATH, Martin; DRYER, M. S.; GIL, D.; COMRIE, Bernard. *The World Atlas of Language Structures*. Oxford; Oxford University Press, 2005.

HASPELMATH, Martin. Pre-established categories don't exist consequences for language description and typology. *Linguistic Typology*, 11.1, 2007, pp. 119-132.

HASPELMATH, Martin. The indeterminacy of word segmentation and the nature of morphology and syntax. *Folia Linguistica*. Volume 45, 2011, pp. 31-80.

HASPELMATH, Martin. Word classes and parts of speech. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2001, pp. 16538-16545.

HAUGEN, E. *Bilingualism in the Americas: a bibliography and research guide*. University of Alabama Press, 1956.

HAYES, B. *A Metrical Theory of Stress Rules*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass.: MIT, 1980.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory (Principles and Case Studies)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

- HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HAYES, B. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Los Angeles, University of California, 1991.
- HECKENBERGER, M. *War and Peace in the shadow of empire: sociopolitical change in the Upper Xingu of Southeastern Amazonia. Ph.D. thesis*, University of Pittsburg, 1996.
- HERNANDORENA, C. L. *Introdução à teoria fonológica*. In Leda Bisol (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1999.
- HOCKETT, C. *A Manual of Phonology*. Chicago: University of Chicago Press, 1955.
- HOOPER, J. B. The syllable in phonological theory. *Language* 48, 1972 (p.525-540).
- HYMAN, L. *Phonology: Theory and Analysis*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.
- HYMAN, Larry M. *Phonology: Theory and Analysis*. New York: Holt, Rinehart & Winston. IDS - Intercontinental Dictionary Series, 1975.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo da população indígena do Brasil. Censo demográfico de 1991/2010*. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em 10/04/2020.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Povos indígenas no Brasil: 2001-2005 (Mehináku)*. São Paulo: Instituto Socioambiental. 879 p., 2006.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Território Indígena do Xingu*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.
- INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION (IPA). *Handbook of the International Phonetic Association*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- JACKSON, E.; RICHARDS, J. *Waurá Tentative Phonemic Statement*. Arquivo Linguístico n.104. Brasília, DF: SIL, 17 p., 1966.
- JESPERSEN, O. *The Philosophy of Grammar*. London: Allen and Unwin, 1924.
- JOLKESKY, Marcelo (2004). *Classificação das línguas Arawak - uma revisão crítica*. Disponível em: https://www.academia.edu/33579587/CLASSIFICA%C3%87%C3%83O_DAS_L%C3%8DNGUAS_ARAWAK_-_UMA_REVIS%C3%83O_CR%C3%8DTICA. Acesso em: 25 de março de 2020.
- KAHN, D. *Syllable based generalizations in English phonology*. Cambridge: Mass: MIT, 1976.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell, 1994.
- KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistics: setting up the problem*. Mouton: The Hague-Paris, 1977.
- KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistics: setting up the problem*. Mouton: The Hague-Paris, 1977.

- KÖNIG, Ekkehard; SIEMUND, Peter. Speech Act Distinctions in Grammar. In: SHOPER, Timothy (ed.) *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- KRASNOUKHOVA, Olga. The Noun Phrase in the Languages of South America. *LOT*, 2012.
- KROEGER, P. R. Three aspects of syntactic structure. In: KROEGER, P. R. *Analyzing syntax: a lexical-functional approach*. Cambridge University Press, 2012.
- LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. Fort Worth, TX, Harcourt Brace College Publishers, 1993.
- LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On Stress and Linguistic Rhythm. *Linguistic Inquiry*, n.8, 1977.
- LONGACRE, R. E. Sentences as combinations of clauses. In: SHOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*. Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 2, 235-247, 1985.
- LOUKOTKA, Č. Classification of South American Indian Languages. *Los Angeles: Latin American Studies Center*. University of California, 1968.
- LYONS, J. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- MADDIESON, Ian. *Patterns of Sounds*. Cambridge University Press, 1984.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Carta do Dr. Carlos F. de Martius contendo observações sobre botânica, vocábulos tupis e origem das tribos americanas. *Revista trimestral do Instituto histórico*, tomo 58, parte 1, vol. 91, 1895[1863], pp. 59-68.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Glossaria linguarum brasiliensium*. Glossários de diversas línguas e dialectos, que fallao os índios no Imperio do Brazil, 1863.
- MASON, J. A. The languages of South America. In: STEWARD J. (ed.). *Handbook of South American Indians*. (Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology Bulletin, 143). Washington: Government Printing Office, 1950, pp. 157-317.
- MATTESON, E. Proto-Arawakan. In: MATTESON, E. *et al. Comparative studies in Amerindian languages*. The Hague: Mouton, 1972, pp. 160-242.
- MEDEIROS, M. do C. I. de. Uma abordagem preliminar da etnografia da comunicação na aldeia Mehinako Alto Xingu. In: SEKI, L. (ed.). *Linguística indígena e educação na América Latina*. Campinas: UNICAMP, 1993, pp. 377-85.
- MIESTAMO, Matti. Negation: An overview of typological research. *Language and Linguistics Compass* 1(5): 552-570, 2007.
- MITHUN, Marianne. Active/Agentive Case-Marking and its Motivations, *Language* 67: 510-546, 1991.
- MOORE, D.; GALUCIO, A. V.; GABAS JR., N. Desafio de documentar e preservar línguas. *Amazônia: destinos*, vol. 3: pp. 36-43, 2008.
- MOSELEY, Christopher. *Atlas of the World's Languages in Danger*, 3rd edn. Paris, UNESCO Publishing. <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>, 2010. Acesso em: 11/22/2019.
- MUJICA, Mitzila I. Ortega. Aspectos fonológicos e gramaticais da língua Yawalapiti (Aruak). *Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual de Campinas, 1992.

- MYAZAKI, N. *The Waura and Mehinaku - Ethnological Study of two Aruak tribes in the Upper Xingu, State Mato Grosso, Brazil*, Tóquio, 1965.
- MYAZAKI, N. *The Waurá and Mehinaku. Tese de doutorado*. Tóquio: Universidade de Tóquio, 1966.
- NICHOLS, J.; BICKEL, B. Locus of Marking in Possessive Noun Phrase. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011.
- NICHOLS, J.; BICKEL, B. Possessive Classification. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011.
- NOBLE, G. K. Proto-Arawakan and its descendants. Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore, and Linguistics, Publication 38. *International Journal of American Linguistics*, 31:3.
- NOBLE, G. Kingsley. Proto-Arawakan and its descendants. *Publications of the Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore, and Linguistics*, nº 38. Bloomington: Indiana University Press, 1965.
- NOONAN, Michael. Complementation. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). *Language typology and syntactic description*, 52–150. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- OLIVER, J. R. The archaeological, linguistic and ethnohistorical evidence for the expansion of Arawakan into Northwestern Venezuela and Northeastern Colombia. *Ph.D. Thesis*. University of Illinois, 1989.
- PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PAYNE, David L. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: DERBYSHIRE, Desmond C. & PULLUM, Geoffrey K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 3. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1991, pp. 355-499.
- PAYNE, T. E. *Describing Morphosyntax: a guide for field Linguistics*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.
- PAYNE, Thomas E. *Describing Morphosyntax. A guide for field Linguistics*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.
- PIKE, K. L. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. The University of Michigan Press, 1947.
- POSTIGO, Adriana Viana. *Língua Wauja (Arawak): uma descrição fonológica e morfossintática. Tese de doutorado*. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.
- RAMIREZ, Henri (s/d). Questionário lexical para trabalho de campo (não publicado).
- RAMIREZ, Henri. *Línguas arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.
- RICHARDS, Joan. A estrutura verbal Waurá. *Série Linguística*, n. 9. vol. 2, 1988, pp. 192-218.
- RICHARDS, Joan. Dificuldades na análise da posseção nominal na língua Waurá. *Série Linguística*, n. 1, 1973, pp. 11-29.

- RICHARDS, Joan. Orações em Waurá. *Série Linguística*, n. 7, 1977, pp. 141-184.
- ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- RODRIGUES, Aryon D. Biodiversidade e diversidade linguística na Amazônia. In: Maria do Socorro Simões (org.) *Cultura e diversidade: entre o rio e a floresta*. Belém: Universidade Federal do Pará, p. 269-278, 2001.
- RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 134p., 1986.
- RODRIGUES, Aryon D. Tarefas da lingüística no Brasil. *Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n. 1, 1966, pp. 4-15.
- ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.
- SADOCK, J. M.; ZWICKY, A. M. Speech act distinctions in syntax. In: Shopen, T. (ed.) *Language typology and syntactic description. Clause structure*. Cambridge: Cambridge University Press, vol 1, pp. 62-154, 1985.
- SAMARIN, W. J. *Field linguistics: a guide to linguistic field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.
- SCHACHTER, P.; SHOPEN, T. Parts-of-Speech systems. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description: Clause Structure*. Second Edition, v.1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SCHACHTER, P.; SHOPEN, T. Parts-of-Speech systems. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description: Clause Structure*. Second Edition, v.1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, 2007.
- SCHADEN, E. *Aculturação Indígena. Ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos*. Pioneira, São Paulo, 1969.
- SCHADEN, E. *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- SEIFART, F.; PAYNE, D. L. Nominal classification in the North West Amazon: issues in areal diffusion and typological characterization. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 73, n. 4, p. 381-387, 2007.
- SEKI, Lucy. Alto Xingu: uma sociedade multilíngue? In: FRANCHETTO, Bruna (Org.). *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2011, pp. 57-86.
- SEKI, Lucy. The Upper Xingu as an incipient linguistic area. In: DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, Alexandra Y. *The Amazonian Languages*. Cambridge University Press, 1999, pp. 417-428.
- SELKIRK, E. O. The role of prosodic categories in English word stress. *LI* 11, 1980.
- SELKIRK, E. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Bloomington: IULC, 1980.
- SELKIRK, E. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Bloomington: IULC, 1980.
- SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, Harry Van der; SMITH, Norval. *The structure of phonological representations*. Foris, Dordrecht, 1982, pp. 337-383.

- SHAFER, R. Algumas equações fonéticas em Arawakan. *Anthropos*, 54:542-62, 1959.
- SHAFER, R. Algumas equações fonéticas em Arawakan. *Anthropos*, 54. 1959, pp. 542-562.
- SHOPEN, T. Language typology and syntactic description. Vol. 1: Clause Structure. Vol. II. Complex constructions. Vol. III. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SILVA, Glauber Romling. Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti. *Tese de doutorado*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- SILVA, Teresa Cristina de Souza. Estudo preliminar da fonologia da língua Mehináku. *Dissertação de mestrado*. UNB, Brasília, 49f., 1990.
- SOUZA, Erick Marcelo de Lima. Estudo fonológico da Língua Baniwa-Kuripako. *Dissertação de Mestrado*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2012.
- STASSEN, Leon. Predicative possession. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011, Chapter 117. Disponível em: <http://wals.info.chapter/117>.
- STEINEN, K. von den. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: departamento de cultura, 1940[1886].
- STEINEN, K. von den. *O Brasil Central*. Trad. C. B. Cannabrava. *Brasiliana*, Série Extra, vol. 3. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1942.
- TAYLOR, D. M. A note on Palikur and Northern Arawak. *IJAL* n° 43, 1977a, pp. 58-60.
- TAYLOR, D. M. Review of R. Shafer “Algumas equações fonéticas em Arawakan”. *Anthropos* 54, 1959”. *IJAL*, n° 27, 1961, pp. 273-278.
- THOMPSON, Sandra A. *et. ali*. Adverbial clauses. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- TOVAR, A. *Las lenguas arahaucas. Hacia una delimitación más precisa de la familia Arahuaca*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1986.
- TRASK, R. L. *A dictionary of phonetics and phonology*. London/New York: Routledge, 1996.
- TRONCARELLI, Maria Cristina. Imiehunaku iyaka: livro para alfabetização na língua Mehináku. São Paulo: ISA, 98p, 2002.
- UNESCO. Atlas of the World's Languages in Danger, 2010. Disponível em: <http://www.unesco.org/languages-atlas/>. Acesso em: 20 de março de 2020.
- VALADARES, Simoni M. B. Aspectos fonológicos da língua kurripako (falas kumandáminani e ayáneni). *Dissertação de mestrado*. Florianópolis: UFSC, 1993.
- VALENTI, D. A reconstruction of the Proto-Arawakan consonantal system. *Ph.D. thesis*, New York University, 1986.
- VAN DER VOORT, Hein. Sistemas de classificação nominal no Sudoeste amazônico. *Revista Moara – Edição 43*, vol. 2 – jul, Estudos Linguísticos, 2015.
- VAUX, B.; COOPER, Justin. Introduction to Linguistic Field Methods. *Lincom Coursebooks in Linguistics*. Lincom Europa, 1999.

- VAUX, Bert; COOPER, Justin. *Introduction to Linguistic Field Methods*. Lincom coursebooks in linguistics. Lincom Europa, 1999.
- VELUPILLAI, Viveka. *Introduction to Linguistic Typology*. John Benjamins Publishing Company, 2012.
- VILLAS-BÔAS, O.; VILLAS-BÔAS, C. *Xingu: os índios, seus mitos*. Porto Alegre: Kuarup, 1990.
- VOELTZ, Erhard Friedrich Karl; HATZ, Killian Christa. *Ideophones*. John Benjamins, 2001.
- WISE, M. R. Morfosintaxis y subagrupaciones de las lenguas arawakas maipurán. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, n° 6, 1991b, pp. 259-282.
- WISE, M. R. Un estudio comparativo de las formas pronominales y sus funciones en las lenguas arawakas norteñas. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, n° 6, 1991a, pp. 83-199.
- WISE, M. R. Valence-changing affixes in Maipuran Arawakan languages. In: PAYNE, D. L. (ed.). *Amazonian linguistics. Studies in Lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, 1990, pp. 89-116.
- ZWICKY, Arnold M.; PULLUM, Geoffrey K. Cliticization vs inflection: English N'T. *Language*, vol. 59, n.3, pp. 502-513, 1983.

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Fonologia e Morfossintaxe da língua Mehináku (Arawak)

Pesquisador: PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 4

CAAE: 95127018.6.0000.8142

Instituição Proponente: Instituto de Estudos da Linguagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.053.225

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do documento PB Informações Básicas da Pesquisa gerado no dia 08/11/2018.

INTRODUÇÃO

Não é novidade para os linguistas, principalmente aos que se dedicam ao estudo de línguas indígenas, que o território brasileiro é linguística e culturalmente heterogêneo. Estima-se, segundo Rodrigues (1986), que à época da colonização do Brasil, havia mais de 6 milhões de índios em todo o território nacional. Com a massiva colonização dos territórios indígenas, cuja duração ultrapassa meio milênio, muitas dessas línguas desapareceram e/ou sofreram processos linguísticos complexos: o número de idiomas que se aproximava de 1200, hoje se reduz a cerca de 1801. Atualmente, o território brasileiro é composto, segundo dados do IBGE (2010), por, aproximadamente, 240 povos indígenas, situados em quase todos os estados da federação, com exceção do Piauí e do Rio Grande do Norte, e cuja população estimada é de 896.917 pessoas. As cerca de 180 línguas faladas estão distribuídas em 41 famílias linguísticas, dois troncos e dez línguas com filiação não definida (isoladas). A língua Mehináku, objeto dessa pesquisa, pertence à família linguística Arawak.

Este trabalho é relevante não apenas do ponto de vista linguístico, como também social, uma vez

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 3.053.225

que os resultados das pesquisas feitas com línguas indígenas justificam-se por estas constituírem um registro das relações entre língua e cultura, bem como por servirem de patrimônio para a história linguística dos povos estudados. Além disso, como estimou Krauss (1992, p. 7-10), cerca de 90% das línguas do mundo estariam em perigo de extinguir-se no século XXI. Se tomarmos o caso das línguas indígenas como exemplo, veremos que esta previsão parece se aplicar ainda mais fortemente, uma vez que o contato dos falantes com línguas majoritárias e a política territorial excludente a que estão submetidos tem contribuído para suplantarem estes idiomas. Cabe-nos lembrar, ainda, que a manutenção dos direitos indígenas é garantida constitucionalmente, tal como consta no artigo 231 da Constituição Federal do Brasil (1988), onde se lê: “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre suas terras que tradicionalmente ocupam, compelindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. Fica claro, neste sentido, que a preservação e o registro das línguas indígenas, para além de seu caráter social e científico, são responsabilidade, também, dos governos nacionais e, sem dúvidas, das próprias universidades.

Se tomarmos o caso específico das línguas da família Arawak, como o Mehináku que aqui estamos tratando, veremos que estes idiomas são, do ponto de vista linguístico, ainda muito pouco conhecidos, em virtude, principalmente, da ausência de trabalhos de descrição gramatical.

Fica evidente, portanto, que os estudos de descrição linguística, tais como o que propomos para o Mehináku, são fundamentais não apenas por constituírem-se registro indelével da identidade linguística de um povo, mas também para a construção de pesquisas sólidas a respeito da filogenia e história de desenvolvimento das línguas que, sob o prisma da linguística, ainda são muito poucos conhecidos. Sendo a língua, então, patrimônio e direito dos povos indígenas, como vimos no artigo 231 da constituição, seu registro constitui uma maneira eficaz e legítima de preservação e respeito a esses povos. Nesse sentido, descrever a língua dos Mehináku é registrar um de seus maiores bens culturais, garantindo, portanto, a perpetuação de sua cultura e história, refletidas e externalizadas pelo idioma falado por este povo. Embora a língua Mehináku não esteja considerada em extremo perigo de extinção, ela é apresentada pela UNESCO (2009) como língua de vitalidade vulnerável.

HIPÓTESE

Nossa hipótese de pesquisa é que a língua Mehináku apresente uma fonologia e uma morfossintaxe rica, o que quer dizer que esta língua apresenta recursos fonológicos, morfológicos e sintáticos diferentes das demais línguas Arawak, mas também outros que se aproximam de

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 3.053.225

línguas como o Waurá, que é da mesma família e cujo povo também habita o Parque do Xingu. Pretendemos mostrar, então, os aspectos da fonologia, como o acento, a estrutura silábica da língua, a nasalidade, o inventário fonológico, os processos fonológicos e, também, apresentar aspectos da morfossintaxe dessa língua, como a ordem dos constituintes, os morfemas que compõem as palavras, o comportamento dos pronomes, dos verbos, dentre outros aspectos. Esperamos verificar, como hipótese, se a língua Mehináku apresenta uma estrutura linguística mais autônoma em relação às demais línguas Arawak ou se ela é parecida com alguma língua em específico da mesma família.

METODOLOGIA

Esta pesquisa será realizada a partir da coleta de dados sistemática da língua Mehináku, feita durante algumas visitas periódicas à aldeia Utawana, no Parque Indígena do Xingu (Brasil). Embora os Mehináku habitem 4 aldeias distintas, como mostraremos na seção seguinte, nossa pesquisa ficará concentrada na aldeia de Utawana, por essa ser a mais próxima da cidade de Gaúcha do Norte (cerca de 50 km de distância). Eventualmente, no entanto, também poderemos convidar, para participar da pesquisa, alguns indígenas Mehináku que morem nas demais aldeias, mas que estejam visitando parentes na aldeia Utawana, onde pretendemos realizar a coleta de dados. É relevante ressaltar que pretendemos coletar dados de cerca de 10 a 15 colaboradores, sobretudo daqueles que sejam bilíngues Português-Mehináku, pois a comunicação com eles é mais dinâmica. Pretendemos também coletar dados com falantes monolíngues, quando necessário. A pesquisa acontecerá por meio de entrevista, gravada em sistema de áudio-digital, seguindo a aplicação de um questionário lexical, o qual está em anexo na Plataforma Brasil. Pretendemos estudar a língua Mehináku, falada por um povo de mesmo nome. Os índios Mehináku do Brasil central são, segundo Gregor (1982), apenas umas das aldeias muito similares que vivem ao longo dos formadores do rio Xingu, um dos seis grandes tributários do Amazonas. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA, 2006), os Mehináku são habitantes da área cultural conhecida como Alto Xingu, e fazem parte de um amplo complexo de povos que, embora compartilhem de muitas semelhanças, em especial em relação à língua e a cultura, são diferentes entre si. Estima-se, atualmente, que a língua Mehináku seja falada por aproximadamente 250 pessoas que habitam a região do rio Kurisevo, no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil. A população distribui-se em quatro aldeias, são elas: (i) Uyaiyuku, que é a mais antiga e é dirigida pelo cacique Yumui Mehináku; (ii) Utawana (onde realizaremos a pesquisa), que desde o início deste ano tem sido dirigida pelo pajé Tukuyari; (iii) Kaupüna, que foi criada por Makaulaka Mehináku, filho de Yahati

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 3.053.225

Mehináku (antigo cacique da aldeia Utawana), após ter retornado da Universidade de Brasília, onde fez seu mestrado em Linguística e Aturua, atualmente dirigida pelo pajé Amunai, irmão do cacique da aldeia Uyaipiyuku.

De acordo com Corbera Mori (2010), à diferença do que ocorre em alguns outros povos indígenas, no caso do Mehináku há uma correlação entre o número da população e o número de falantes. Todos os membros das quatro aldeias Mehináku falam a língua materna. Os homens de mais de 60 anos são monolíngues, falam apenas a língua indígena. Do mesmo modo, as mulheres mais adultas só falam em Mehináku. As mulheres mais jovens entendem o português, mas o falam muito pouco. Os jovens, ao contrário, falam o português com certa fluidez. Contudo, quando saem para vender artesanato em cidades como Campinas, São Paulo, Brasília, entre outras, gostam de falar em sua própria língua.

Para a realização da pesquisa, especificamente para a coleta de dados de fala, utilizaremos de dois métodos, a saber: (i) Coleta do material através de gravações de sistema de áudio digital; (ii) Aplicação de questionário lexical preliminar (disponível na Plataforma Brasil). Todos os entrevistados (participantes da pesquisa) terão livre acesso às gravações (áudio-digital), como qualquer integrante de sua comunidade, e será guardado total sigilo de informações quanto ao participante, nos casos em que manifestarem esse desejo. As gravações serão guardadas em local seguro por no mínimo cinco anos, podendo então ser destruídas, caso seja este o desejo dos pesquisados.

Dada a situação de risco que vivem as línguas indígenas, e o fato de que, em alguns casos, tais gravações podem estar sendo feitas com os últimos falantes, somente serão descartadas as gravações dos participantes que assim o desejarem e manifestarem isso através de seu consentimento (assinatura) no TCLE. Todos os participantes serão consultados sobre isso e, dos participantes que não manifestarem desejo de descarte das gravações após o término da pesquisa, os dados serão mantidos e protegidos pelo pesquisador, com cópia para a comunidade envolvida.

Por outro lado, pode ser um obstáculo à obtenção da colaboração voluntária dos indígenas um pedido de autorização para depositar suas gravações junto ao acervo de algum museu ou arquivo. Desse modo, o TCLE prevê autorização para que as gravações sejam preservadas pelo pesquisador, permanecendo sempre à disposição das suas comunidades para obtenção de cópias, respeitando a manifestação contrária dos participantes (ver TCLE).

As gravações protegidas pelo pesquisador não se prestarão a novas pesquisas acadêmicas, a não ser por membros da própria comunidade indígena, no futuro, se a comunidade, por seus meios tradicionais de decisão, assim o desejar. Para isso, uma cópia das gravações já estará em poder

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 3.053.225

das autoridades indígenas a partir da conclusão dessa pesquisa. As cópias em arquivo do pesquisador destinam-se a proteger conhecimento tradicional, em favor da própria etnia, como já é praxe, há décadas, em nosso país, onde centenas de antropólogos e linguistas conservam, em arquivos particulares, materiais de interesse das comunidades nas quais realizaram pesquisa. As gravações da presente pesquisa não serão depositadas em um arquivo ou banco de dados público, porque isso teria outras implicações, e demandaria um entendimento mais complexo com os participantes voluntários e com as autoridades indígenas.

Metodologia de Análise de Dados:

A análise dos dados seguirá a seguinte metodologia: os sons da fala serão decodificados em unidades menores, como os fones e fonemas, a fim de que seja possível conhecer os sons da língua e entender em que ambientes eles aparecem. Depois, a partir do conhecimento dos sons, partiremos para a análise das palavras maiores, que serão analisadas a partir de suas partes menores (seus morfemas) e, então, como última etapa, partiremos para a análise sintática, ou seja, a análise das frases, que serão compostas pelas palavras encontradas, que por sua vez são formadas a partir dos sons descobertos na nossa primeira etapa. Trata-se de uma metodologia que buscará descrever a línguas desde seus segmentos menores, como os sons, até as unidades maiores da língua, como as frases.

DESFECHO PRIMÁRIO

Esperamos que os resultados obtidos nesta pesquisa contribuam para um maior conhecimento da língua Mehináku, de sua estrutura linguística e, também, que sirva como uma base para a produção de materiais didáticos para o ensino da língua nas escolas indígenas Mehináku. Além disso, acreditamos que a produção de um material como este é fundamental e importantíssimo para a ciência, sobretudo porque configura-se como um recuso material e uma forma de salvaguardar, por meio de registro, a língua desse povo.

CRITÉRIO DE INCLUSÃO

Serão convidados para participar da pesquisa na aldeia acima referida, pessoas com mais de 18 anos, que sejam falantes nativos e fluentes da língua indígena, nascidas na própria comunidade e que tenham vivido sempre nela.

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 3.053.225

CRITÉRIO DE EXCLUSÃO

Serão excluídos desta pesquisa, menores de idade e pessoas que venham apresentar problemas na fala/audição. Também serão excluídos aqueles que não demonstrarem interesse em participar da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO

Nosso objetivo principal nesta pesquisa é descrever a língua Mehináku, a fim de que possamos colaborar com o desenvolvimento da pesquisa científica sobre línguas indígenas brasileiras, no geral, e sobre as línguas Arawak, em particular. Cientes das dificuldades que se experimentam durante o estudo de uma língua estritamente oral, neste projeto propomos, portanto, uma descrição dos componentes fonológico e morfossintático da língua Mehináku, uma vez que estes dois componentes estão intrinsecamente imbricados no funcionamento das línguas naturais. A descrição desses dois componentes poderá ajudar na elaboração futura de materiais didáticos para o ensino da língua Mehináku e, também, auxiliar os professores indígenas a ministrarem suas aulas.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

No componente fonológico, buscaremos: (i) descrever os segmentos (fones, alofones, fonemas consonantais e vocálicos); (ii) descrever a estrutura silábica e o processo de silabificação da língua; (iii) descrever o comportamento do acento e de questões relativas à nasalidade; (iv) descrever os processos morfofonológicos; (v) descrever os processos de mudança fonológica aplicados a empréstimos linguísticos de outras línguas (indígenas ou do português), dentre outros fenômenos linguísticos encontrados no Mehináku. No componente morfossintático, o foco será: (i) identificar as classes de palavras ou partes do discurso, (ii) descrever as categorias gramaticais nominais e verbais, (iii) verificar a ordem dos constituintes em termos de S(ujeito), V(erbo) e O(bjeto), (iv) verificar o tipo de oração (independente/dependente), e (v) descrever os processos morfossintáticos encontrados na língua.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

Os riscos envolvidos durante esta pesquisa são baixos, mas podemos destacar: cansaço do participante na pesquisa em curso, devido as entrevistas/questionário; questões emocionais do

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 3.053.225

participante e outros fatores pessoais que porventura impeçam a continuidade dos trabalhos. Caso esses percalços venham a ocorrer, o pesquisador cuidará para que o participante esteja à vontade para desistir da participação na pesquisa sem qualquer constrangimento ou imposição de nenhuma forma.

BENEFÍCIOS

Não há benefícios diretos aos participantes da pesquisa. Haverá benefícios indiretos para as suas comunidades, tanto durante a pesquisa, uma vez que professores indígenas serão convidados a acompanhar parte das gravações na aldeia, como com o resultado da pesquisa, que produzirá uma espécie de gramática da língua, que poderá ser utilizada posteriormente para o desenvolvimento de materiais didáticos que poderão ser utilizados nas escolas indígenas não só da aldeia Utawana, como nas demais, pelos professores indígenas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este projeto de pesquisa pretende contribuir para um estudo fonológico e morfossintático da língua Mehináku, da família Arawak, falada por aproximadamente 250 pessoas que habitam a região do rio Kurisevo, no Parque Indígena do Xingu (MT - Brasil). Trata-se de um estudo descritivo, realizado a partir da análise de dados (de amostras de fala) que pretendemos coletar com falantes nativos, durante o trabalho de campo. Atualmente, os desafios e tarefas urgentes da linguística descritiva são justamente se empenhar na descrição, no registro e no estudo das línguas indígenas, uma vez que a maior parte delas está em processo de rápida obsolescência, a caminho da extinção. Sendo assim, esta pesquisa visa ampliar a documentação sobre a língua Mehináku, que conta com pouquíssimos trabalhos, sobretudo aqueles desenvolvidos por Silva (1990) e, mais recentemente, por Corbera Mori (2006, 2008, 2009, 2011, 2012), orientador dessa pesquisa. Os dados serão coletados de maneira sistemática a partir de visitas periódicas na aldeia de Utawana, no parque indígena do Xingu. .

Será orientado pelo Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori, aceito e aprovado na seleção de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP, como pré-requisito para obtenção do título de doutor, do aluno Paulo Henrique Pereira Silva de Felipe.

O CEP UNICAMP - Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas - CHS/UNICAMP emitiu parecer nº 2.917.643 de “aprovado” (no dia 26/09/2018), encaminhando o projeto para Conep por enquadrar-se na área temática “Estudos com Populações Indígenas”.

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 3.053.225

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

Recomendações:

Vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise de respostas ao parecer pendente nº 3.002.547 emitido pela Conep em 07/11/2018:

1. Nos documentos do projeto, existem referências exclusivamente à Resolução CNS nº 466/2012. Considerando que é um projeto cuja metodologia utilizada é de Ciências Humanas e Sociais, recomenda-se estar em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e a Resolução CNS nº 304/2000 (Pesquisa com População Indígena), especialmente nas declarações e no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido.

RESPOSTA: As resoluções solicitadas pelo parecerista foram acrescentadas, na página 4 do TCLE.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. Considerando que a língua da terra indígena é "Mehináku", solicita-se esclarecer se haverá necessidade de tradutor/a. Em caso afirmativo, solicita-se a adequação dos documentos, especialmente registro do consentimento e projeto detalhado, incluindo informações sobre o/a tradutor/a, para que o participante seja devidamente informado.

RESPOSTA: Como o pesquisador trabalhará com alguns falantes bilíngues, não será necessário um tradutor da língua para o português, sobretudo porque não há no Brasil nenhum tradutor oficial da língua, sendo o pesquisador e seu orientador os únicos pesquisadores atuais que têm desenvolvido trabalhos dessa natureza. Esta informação foi acrescentada na página 1, do TCLE, na página 2 do Termo de Anuência e na página 5 do Projeto de Pesquisa.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Quanto ao documento “TCLEPauloHdeFelipe.docx”, submetido no dia 28/08/2018, destaca-se:

3.1. Como existe previsão de gravação do som de voz, solicita-se acrescentar no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido opções excludentes (“sim, autorizo a divulgação de minha voz” e “não, não autorizo a divulgação de minha voz”). Além disso, considerando que envolve povos indígenas, deverá contemplar também a PORTARIA nº 177/PRES/2006, Artigo 6º, da FUNAI e

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 3.053.225

demais legislações pertinentes.

RESPOSTA: Conforme solicitado pelo parecerista, foi acrescentada a opção "Não autorizo a divulgação da minha voz" ao rol de opções que o participante tem disponível, de modo que as opções agora disponíveis, que podem ser vistas na página 4 do TCLE.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.2. Solicita-se retirar o item "Consentimento da Autoridade Indígena", considerando que será solicitado, via declaração, a anuência do líder da comunidade, respeitando o disposto na Resolução CNS nº 304/2000, item 2.4.

RESPOSTA: O item "Consentimento da Autoridade Indígena" foi retirado do TCLE.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.3. Solicita-se reescrever o documento de Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, retirando as repetições, como por exemplo, as referências excedentes de que será entregue uma via do documento, que a entrevista será gravada, que os dados serão armazenados por cinco anos, entre outros. Essas repetições dificultam a leitura e tornam a compreensão do documento mais difícil.

RESPOSTA: O TCLE foi reescrito, retirando as redundâncias.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: **Protocolo aprovado.**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1172047.pdf	08/11/2018 15:07:15		Aceito

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 3.053.225

Parecer Anterior	CartarespostapareceristaCONEP.docx	08/11/2018 15:06:40	PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE	Aceito
Outros	TermodeanuenciaPauloHdeFelipe.docx	08/11/2018 15:05:34	PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPauloHdeFelipe.docx	08/11/2018 15:05:14	PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodepesquisaPauloHdeFelipe.docx	08/11/2018 15:05:00	PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE	Aceito
Outros	Questionariolexicalparacoletadedados.doc	28/08/2018 17:33:11	PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE	Aceito
Outros	DeclaracaoentradaemTerraIndigena.pdf	04/07/2018 19:21:39	PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_PauloHPSdeFelipe.pdf	04/07/2018 19:13:44	PAULO HENRIQUE PEREIRA SILVA DE FELIPE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

BRASILIA, 05 de Dezembro de 2018

Assinado por:
Jorge Alves de Almeida Venancio
(Coordenador(a))

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br